ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

1938

PSEUDONIMOS DE ESCRITORES BRASILEIROS

A

ABDALLAH-EL-KRATIF — Antonio Pedro de Figueiredo (serie de artigos no "Diario de Pernambuco", 1848-1859).

AJURICABA — Clementino José Pereira Guimarães, Barão de Manáos.

AMERICANA — D. Revocata dos Passos de Torres Bandeira, nascida no Rio Grande do Sul. Poesias, romances e outros escritos em prosa.

ALBERTINA BERTA — Albertina Berta Lafaiete Stocker. Autora do romance "Exaltação" e outros trabalhos.

ALBA VALDEZ — Maria Rodrigues. Escritora cearense de renome. Autora dos livros "Em Sonho..." e "Dias de Luz".

ARCHILOCUS — Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira (pernambucano). Folhetins no "Diario de Pernambuco", 1863.

B

BARÃO DE S. BIBIANO — João Dunshee de Abranches Moura. No "Jornal do Brasil" em 1896.

BENDAC — Dr. Batista Caetano de Almeida Nogueira. (Trovas, sonetos e cançonetas). "Ecos dalma".

BENTO GONÇALVES — Alberto de Oliveira, nascido no Rio Grande do Sul e falecido no Rio de Janeiro a 21 de agosto de 1882. "Flexas", cronicas de politica e literatura, 1873. "A Rua do Ouvidor". Monografia fluminense, 1873.

BOISGUILEBERT — Dr. Manoel Tomaz Alves Nogueira. "O Governo e o Povo". (Fatos economicos da atualidade), Rio, 1877.

BRAZ PATIFE — Eugenio de Magalhães Carvalho. "Historietas". No "O Tempo", 1894. "Versos de um boemio", Rio, 1894.

C

CABO SIMÃO — Almirante Joaquim José Inácio, Visconde de Inhaúma. "A Guerra do Paraguai". (Serie de cartas publicadas na "Semana Ilustrada", durante a guerra).

CAMBYSES — Dr. Antonio Alves de Sousa Carvalho, Visconde de Sousa Carvalho, nascido em Pernambuco. Artigos publicados no "Diario do Brasil", 1882-1885.

CAMILO DESMOULINS — Dr. Pedro Augusto Tavares Junior. "Os liberais no Capitolio", Rio, 1878.

CLARKSON — Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo (pernambucano), no "Jornal do Comercio", do Rio, 1884.

CONSELHEIRO XX — Humberto de Campos, que firmou varias obras galantes. Membro da Academia Brasileira de Letras. Deixou uma bagagem literaria copiosa.

COSME VELHO — [illegible]ripe Junior. (Da Academia Brasileira de Letras). Critico dos mais reputados.

CHRISTOVAM DE MAURICÉA — Pedro Herbster de Sousa Pinto. Publicou: "Escola e Lar" (educação moral e domestica sob a forma de aforismos e pensamentos). A primeira edição é de 1923; a segunda é de 1925, ambas impressas na Tipografia America, rua do Senado n. 70, Rio de Janeiro. "Antologia Mistica de Poetas Brasileiros". Coletanea como o seu titulo o está indicando, de poesias religiosas. A edição é de F. Briguiet & Cia., rua de S. José n. 80, Rio de Janeiro, 1928. "Dicionario de Expressões e Modismos", trabalho de lexicografia folclórica, abrangendo adagios, anexins, brasileirismos, brocardos, ditados, locuções, lusitanismos, neologismos, frases, proloquios, proverbios, regionalismos, rifões, siglas, termos e verbos, no sentido figurado ou na acepção propria. Publicado em rodapés, em 1936, no jornal "Estado da Baía" (Diarios Associados) será ainda editado em livro este ano. Obra sem congenere em nosso idioma. "Nomes Geograficos Aborigenes", trata-se de um glossario em que Cristovam de Mauricéa elucida a etimologia e significação dos nomes originarios da primitiva lingua da Terra de Santa Cruz incorporados ao patrimonio geografico do país, compreendendo cidades, serras, rios, lagos, praias, vilas, cabos, baías, povoados, enseadas, etc. Publicado em 1937 em uma de nossas melhores revistas pedagogicas o glossario "Nomes Geograficos Aborigenes" será editado em livro brevemente. "Cultura e Inteligencia", apontamentos bio-bibliograficos de brasileiros que dignificaram a patria nas artes, letras, armas, religião, ciencias, etc. Está sendo publicado no jornal "A Rua" e será editado em volume oportunamente.

CARMEN DOLORES — Emilia Moncorvo Bandeira de Melo. Colaborou varios anos no "Correio da Manhã" e no "O País". Essa colaboração foi reunida em volume, dentre os quais se destaca: "Ao esvoaçar da idéia".

D

DALVA XAVIER — Guilherme de Castro Alves. "Raios sem luz", poesias, Baía, 1875.

DELIA — D. Maria Benedita da Camara Bormann, na "Gazeta da Tarde", 1883. "Aurelia", "Lesbia", "Angelina", "Uma vitima", romances.

DIOGENES — Pedro Rodrigues Soares de Meireles. "Cartas ao Imperador", no "Ipiranga" de S. Paulo, 1868.

DORA — Luiz de Castro, na "Gazeta de Noticias", Rio, 1899-1901.

E

EDMUNDO FRANK — Didimo Agapito da Veiga Junior. "Mariposas" (romance brasileiro), Rio, 1875.

ELGUESTO — Manuel Rodrigues Peixoto. "A Monarquia ou a Republica?". Rio, 1885.

ELOI O HEROI — Artur de Azevedo. Cartas enviadas de S. Luiz para o Rio de Janeiro, para "O País".

EPAMINONDAS VILALBA — Raul Vila-Lobos. "A Revolta da Armada de 6 de Setembro de 1893". Rio, 1894.

ERASMO — José Avelino Gurgel do Amaral. "Cronica Politica", artigos no "O País", do Rio, 1890.

F

FANTASIO — Olavo Bilac. "Flanando", artigos na "Gazeta de Noticias", Rio, 1894-1895.

FILINDAL — Filinto de Almeida. Artigos na "A Semana", 1886-1887; no "Diario do Comercio", 1889; e no "Diario de Santos", 1898-1899.

FLAMINIO — Conselheiro Francisco Belisario Soares de Sousa. Artigos no "Jornal do Comercio", Rio, de julho de 1878 em deante, com esse pseudonimo, anteriormente adotado pelo Dr. Domingos Andrade Figueira.

FRANCISCO CISMONTANO — Francisco do Brasil Pinto Bandeira Acioli de Vasconcelos. "Écos da antiguidade: ensaios classicos", "Trovas e Provas", "Tentativas romanticas", "Fabulas originais", Recife, 1877.

FREDERICO DE S. — Eduardo Paulo da Silva Prado. "Fastos da Ditadura Militar", artigos na "Revista de Portugal", Lisbôa, 1889-1890.

G

GARRISON — Dr. Joaquim Aurelio Barreto Nabuco de Araujo. Artigos de propaganda abolicionista, em favor do Ministerio Dantas, Rio, 1880.

GAVARNI — Lucio de Mendonça. "Caricaturas instantaneas", na "Gazeta de Noticias", do Rio.

GIL VIDAL — Pedro Leão Veloso Filho. Artigos diarios de redação no "Correio da Manhã", no Rio, 1901-1905.

GOMES PACHECO — Mario Linhares. Cronicas semanais "Sabatinas", na "A Lanceta", em Recife.

GASTÃO PENALVA — Sebastião de Sousa. Colaboração em varios jornais do Rio, especialmente no "Jornal do Brasil". Autor de varias obras firmadas com esse pseudonimo.

GIL VAZ — Mario Linhares. Varios trabalhos de critica literaria publicados em jornais e revistas do Brasil. São pseudonimos do mesmo escritor: LAURA VITERBO (poesias, publicadas na Baía) e IVONNE PIMENTEL (colaboração em jornais cariocas).

H

HARMODIUS — Dr. Antonio Rangel Torres Bandeira. "Literatura para todos", no "Diario de Pernambuco", em 1863.

I

IGNOTUS — Joaquim Maria Serra Marinho. "Sessenta anos de jornalismo" (A imprensa no Maranhão), Rio, 1883. Com igual pseudonimo escreveu o Dr. Francisco José Viveiros de Castro "Ensaios juridicos". Rio, 1892. "Chiquinha Mascote", 1893.

INSULANO — Dr. Duarte Paranhos Schutel. Além de varias obras, artigos publicados na "Revista Popular" (Garnier), Rio, 1859-1863.

ISA — Dr. Rivadavia da Cunha Correia. "Cronicas dos Estados", na revista "A Universal", Rio, 1901.

ITERVALDO FRADIQUE — Oton Costa. Já em 1926, no periodico de que era diretor, "A União" aparece esse pseudonimo firmando varios trabalhos literarios (1926). Vide tambem semanario "A Voz", na secção "Retalhos" (1929). Idem no semanario "O Triangulo" em "Gente de circo". No "Correio do Brasil" em varios numeros de julho de 1936. Oton Costa usou outros pseudonimos: RUI DIAS, COSTA FILHO e KANTO LIBERO (em "O Liberal", do Rio, 1926 a 1927).

J

JOÃO DO RIO — Paulo Barreto. Fecundo e ilustre escritor brasileiro.

JAIME D'ATAIDE — Olavo Bilac. "Sanatorium", folhetins na "Gazeta de Noticias", Rio, 1894.

JOÃO DO NORTE — Gustavo Barroso (da Academia Brasileira de Letras). Escritor dos mais conhecidos e fecundos de nosso país. Sua bagagem literaria atinge a mais de 70 volumes.

JACK — Henrique Pongetti. Cronicas diarias no "O Globo", Rio. Escritor brilhante, autor de varias obras, como sejam: "Pan sem frauta", "Camera lenta", "Deserto verde", etc.

JOÃO HORACIO — Dr. José Avelino Gurgel do Amaral. Na "Noticia", Rio, 1898; no "Correio Paulistano", 1890-1891.

JOB — Joaquim Maria Machado de Assis. "Cartas Fluminenses", no "Diario do Rio", em 1867. Usou tambem: *Eleazar, M.A., Gil, Malvolio, Manassés*.

K

KAKISTOS — Conselheiro José Maria do Amaral. "O Tratado de 27 de Março de 1867" (escrito contra o Conselheiro Lopes Neto, que negociou esse Tratado com a Bolivia). Rio, 1871.

L

LABIENO — Conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira. "Vindiciae". (Critica a Silvio Romêro em defesa de Machado de Assis, no "Jornal do Comercio" de Janeiro e Fevereiro de 1898).

LAURA VITERBO — Mario Linhares. Vide *Gil Vaz*.

LAVIO — Dr. Luiz Agapito da Veiga. "A polaridade e a lei primordial da creação e suas derivadas", Rio, 1884.

LUCIO PESTANA — João Dunshee de Abranches Moura. "Memoria de um historico", no "Jornal do Brasil", 1897. Vide *Major Lobo Cordeiro, D. de A., Pucha-vistas*.

LUIZ D'ALVA — Luiz Antonio de Alvarenga Silva Peixoto. Poesias na "Semana Ilustrada".

LULU SENIOR — Dr. José Ferreira de Souza Araujo. "Balas de estalo" (artigos humoristicos na "Gazeta de Noticias", 1887).

LEOTA — Leonardo Mota. Aplaudido escritor de costumes sertanejos. Autor de "Cantadores", "Violeiros do Sertão", "Sertão Alegre", "No tempo de Lampeão", etc.

LÉO FABIO — Hermes Fontes (em "Fon-Fon"). Usou no "Tagarela" o pseudonimo de *Perequito*.

LIVIO PERALTA — Luiz Pistarini ("Tagarela").

M

MACEDONIO — Dr. Domiciano Leite Ribeiro, Visconde de Araxá. Folhetins humoristicos no "Municipio" e no "Vassourense".

MARASQUINO — Valentim Magalhães. "Salada de frutas", artigos diarios no "O País" em 1890. Usou tambem: *Vicente Mindelo* e *Vitor Malta*.

MARCOS JOSÉ — Dr. Raimundo Farias Brito. Ilustre filosofo brasileiro. Autor de: "A Finalidade do Mundo", "Mundo Interior", "A Base Fisica do Espirito", etc. Esse pseudonimo apareceu em um unico exemplar de "O Panpleto", em Novembro de 1916, criticando com veemencia homens, jornalistas e politicos de nosso país. E' uma face curiosa do grande escritor.

MENDES FRADIQUE — Dr. Madeira de Freitas. Atualmene é diretor d'"A Ofensiva", orgam da Ação Brasileira Integralista. Autor de varias obras, dentre as quais "A logica do absurdo".

MALBA TAHAM — Melo e Souza. Firma livros de feição orientalista.

MONTALVA — Mucio Teixeira.

MADAME CRISANTÊME — Cecilia Bandeira de Melo. (filha de Carmen Dolores). Colaboração em varios jornais. Autora de diversas obras.

MARCOS SERRANO — Rodolfo Teófilo. Romancista cearense. Autor de "Paroára", "A Fome", "Maria Rita", "Violação", "A Sêca do Ceará" e inumeros outros romances de grande sucesso.

MOACIR JUREMA — Antonio Sales. Poeta e prosador de renome. Autor de "Poesias", "Aves de Arribação" (romance) e "Minha Terra" (poesias). Pertenceu á "Padaria Espiritual", do Ceará.

MARIO D'ARTAGÃO — Antonio da Costa Correia Leite Junior. "Psalterio" (poesias). Rio Grande do Sul, 1894.

MARTIM MORENO — Dr. Tristão de Araripe Junior. "Gazeta Literaria", 1884.

N

NEREU — João Ribeiro. Artigos literarios n'"A Época", "A Semana" e "Revista Sul-Americana".

O

OLIVIO DE BARROS — Afonso Arinos de Melo Franco. "Os Jagunços" (romance sertanejo), 1899.

OPTIMUS CRITICUS — Antonio Gonçalves Dias. "A Independencia do Brasil" (série de folhetins no "Correio da Tarde", Rio, 1848.

OSCAR D'ALVA — Antonio Reis Carvalho. Poeta e prosador. Autor de varios livros.

OSIRIS — Joaquim José da França Junior. Folhetins politicos semanais no "Correio Mercantil", Rio, 1866-1867 e no "Bazar Volante", Rio, que redigiu de 1863 a 1867.

P

PACIFICO — Benjamin Franklin Ramiz Galvão. "Flanando" (artigos na "Gaezta de Noticias"). Rio, 1894.

PEDRO VELHO — Francisco Karam. Artigos e cronicas publicadas na "Gazeta de Noticias" e "União", do Rio, 1925 a 1926 e 1925 a 1929.

PANGLOSS — Alcindo Guanabara. "O Dia". Artigos na "A Tribuna", do Rio, em 1899-1903.

PAULA LUIZA — Erico Marinho da Gama Coelho. "O necroterio da familia" (artigos na "Gazeta de Noticias"), 1896.

PETHION DE VILAR — Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão. Conhecido poeta baiano.

POETA DAS BRENHAS — João Salomé de Queiroga. "Canhenho de poesias brasileiras", Rio, 1870.

POJUCAN — Domingos Olimpio Braga Cavalcanti. Artigos semanais no "O País", Rio, de 1885 a 1897. "Cartas abertas", no "Correio da Manhã", 1903.

R

RHIZOPHORO — Dr. João Ribeiro Fernandes. "Através da Semana" (no "Correio do Povo"), 1890.

ROSALIA SANDOVAL — Rita de Abreu. Apreciada poetisa alagoana.

S

SANDOVAL — Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares. "Retratos a lapis".

SANS-SOUCI — Guilherme Candido Bellegarde. "Correspondencia da Côrte", 1882.

SANTERRE — Manuel Inácio Carvalho de Mendonça. "Carta a S.M. o Sr. D. Pedro II" (opusculo politico), 1879.

SOUVARINE — Pardal Mallet. Artigos de redação n'"A Rua", Rio, 1889.

SPARTACUS — Dr. José Lopes da Silva Trovão. "O novo Ministerio", Rio, 1888.

SAUL DE NAVARRO — Alvaro Moreira. (Não confundir com Alvaro Moreyra, escritor gaúcho).

SUETONIO — Antonio Ferreira Viana Filho. No "O País", Rio, 1896.

SATIRO ALEGRETE — Sabino Batista. Da "Padaria Espiritual", no Ceará.

T

TABAJARA — Conselheiro Tristão de Alen-

car Araripe. "Negocios do Ceará em 1872" (opusculo). Rio. 1872.

TELES DE MEIRELES — Peres Junior. Usou mais os seguintes pseudonimos: *M. Etereo; Nós Todos* (na revista "João Minhoca", do Rio, 1901); *Minhoqueiro*, na "Cidade do Rio"; *Pergá*, no "Correio da Tarde", numa secção em verso intitulada "Beliscões"; no "Fon-Fon" iniciou o pseudonimo que até hoje mantém de *Telles de Meirelles*.

TRISTÃO DE ATAÍDE — Alceo de Amoroso Lima (da Academia Brasileira de Letras).

U

UM CONTEMPORANEO — Garcia Redondo (da Academia Brasileira de Letras). "Perfil biografico de Bernardino de Campos", S. Paulo, 1895.

V

VIRIATO PADILHA — Anibal Mascarenhas. "Os raceiros". Rio, 1899 e "O Livro dos Fantasmas", Rio. 1899.

W

WELP — Dr. Fernandes da Cunha Filho. "Segredos que se sabem". S. Paulo, 1876.

WOLSEY — Cesar Zama. "A Baía sob o regime republicano" (opusculo politico). Baía. 1900.

Z

ZARZUEL — Oscar Nogueira da Gama. "Folhas Soltas", 1900.

Uma realidade incontestavel

"Em seu numero do ano passado, o "ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" publicava um registo da maior autoridade, apregoando o progresso da industria brasileira de livros. Henrique Pongetti, com a sua cintilante e sarcastica observação, reabilitava a inocuidade "de certas tiradas patrioticas dos discursadores genero burro civico", quando apregoam sem maior exame—*a grandeza infalivel do nosso futuro*. Com relação á industria brasileira de livros, a expressão balofa da oratoria facil tem uma significação de consistencia grandiosa, apregoando a imponencia de uma realidade animadora, tão flagrante na contradição esmagadora, de uma insidiosa campanha, que sempre se renova, por entre artificios os mais odiosos, procurando envolver a propria sorte dessa industria, na sua base essencial, que é o apoio na matéria prima nacional.

Acentuava muito bem o cintilante cronista que o que espanta no Brasil de hoje é a revelação espiritual contida nos boletins de produção das casas editoras de livros.

Pois bem, não obstante julgamento tão autorizado, admira que ainda hoje apareça, quem, pelas colunas dos jornais e panfletos de aventura, procure tapar o sol com a peneira rala da inconciencia, no proposito de justificar uma campanha, tão insubsistente como os velhos contos da carochinha. Como, após assim falar Henrique Pongetti, vir-se a dizer, com desembaraço, que a industria brasileira de livros é uma ficção, e desconhecer-lhe o prestigioso desenvolvimento?!

Os antigos exploradores de contrabando do papel, na ansia de restabelecer o meio escuso de vida, sob pretexto falso de defender o livro brasileiro, são os mais odiosos inimigos da prosperidade dessa industria, apregoando-lhe méra rotina, de que ha muito se libertou. E para pescarem sardinha em aguas turvas, fazem desconhecer, assim, a propria prosperidade da industria brasileira de livros, hoje liberta na materia prima do guante da economia estrangeira".

• • •

EVITA:
LASCAS
RACHAS
ESTALOS

PEÇA-NOS UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO

ENDEREÇOS DE ESCRITORES NO RIO

A

Ari de Mesquita	Rua Real Grandeza, 181
Afonso Celso	Rua Machado de Assis, 25
Afonso Costa	Rua Correia Dutra, 13
Alvaro Bomilcar	Rua do Bispo, 232
Arnaldo Damasceno Vieira	Rua Teresina, 27
Andrade Muricí	Casa Mozart (Avenida Rio Branco)
Atilio Milano	Rua Frei Pinto, 51, casa 9
Alvarenga Fonseca	Rua Marquez de Valença, 16
Afonso Arinos Melo Franco	Rua Anita Garibaldi, 19
Alcides Bezerra	Arquivo Nacional
Alcantara Machado	Rua Barão de Flamengo, 17, apt. 61
Agripino Grieco	Rua 7 de Setembro ,162, 1.° andar
Austregesilo de Ataide	Praia do Russel, 52
Antonio Austregesilo	Rua Salvador Correia, 120
Alvaro Moreira	Rua Xavier da Silveira, 99
Americo Palha	Rua Ana Nery, 237 - A
Ana Amelia Queiroz de Mendonça	Rua Marquez de Abrantes, 189
Afranio Peixoto	Rua Palasndiê, 97
Adelmar Tavares	Rua Raimundo Correia, 70
Aloisio de Castro	Rua D. Mariana, 16
Asterio de Campos	*Gazeta de Noticias*
Ana Cesar	Rua Conde de Bonfim, 223
Ataulfo de Paiva	Rua Ibituruna, 108
Angione Costa	Rua Arnaldo Quintela, 106 - A
Americo Facó	Rua Alcindo Guanabara, 17
Alceu Amoroso Lima	Rua Dona Mariana, 149
A. Sabola Lima	Avenida Atlantica, 216
Assis Memoria	Igreja do Parto
Ada Macaggi	Rua Cruz Lima, 21
Alcebiades Delamare	Rua Porto Alegre, 56 — Edificio Itaúna
A. Frederico Schimt	Cia. Metropole — Edificio Rex

B

Bastos Tigre	Rua Almirante Tamandaré, 29
Barbosa Lima Sobrinho	*Jornal do Brasil*
Berilo Neves	Rua Miguel de Lemos, 57
Benjamin Lima	Rua Pompeu Loureiro, 41
Barreto Filho	Rua da Quitanda, 47
Beni Carvalho	Rua Bulhões Carvalho, 153

C

Clovis Bevilaqua	Rua Barão de Mesquita, 506
Candido Jucá (Filho)	Rua Teixeira Junior, 48
Cumplido de Santana	Rua Ministro Viveiros de Castro, 100
Carlos Rubens	Rua João Rodrigues, 77
Carlos D. Fernandes	*A Nota* — Rua Evaristo da Veiga, 16
Castilhos Goycochêa	Rua Voluntarios da Patria, 254
Clovis Monteiro	Rua General Gilverio, 32
Custodio de Viveiros	Rua Julio de Castilhos, 22
Celso Vieira	Rua Almirante Alexandrino, 502
Claudio de Souza	Praia do Flamengo, 392
Leão de Vasconcelos	Rua General Camara, 19, 7.° andar
C. Paula Barros	Rua Alexandre Ferreira, 163
Carlos Maul	Rua Sampaio Viana, 4
Chermont de Brito	Rua Santa Clara, 216
Carlos Cavaco	Ministerio do Trabalho
Catulo da Paixão Cearense	Ministerio da Viação
Costa Neves	Rua Demetrio Ribeiro, 172, casa 7
Costa Rego	*Correio da Manhã*
Cornelio Pena	Ministerio da Justiça

D

D'Almeida Vitor	Rua Candido Mendes, 57 — apt. 28
Durval de Morais	Rua Prudente de Morais, 251
Domingos Barbosa	Rua Voluntarios da Patria, 198
Domingos Magarinos	Estrada Velha (Tijuca), 23

E

Eloi Pontes	Livraria José Olimpio, Rua do Ouvidor, 110
Eustorgio Wanderlei	Rua Barão de Mesquita, 636-A
Elcias Lopes	Redação de *Fon-Fon*

F

Fabio Luz	Rua Alice Figueiredo, 66
Felinto de Almeida	Avenida Atlantica, 466
Fernando Magalhães	Rua Pinheiro Machado, 76
Frota Pessôa	Rua Barata Ribeiro, 23 — apt. 63
Flexa Ribeiro	Escola Amaro Cavalcanti (Edificio da *A Noite*)
Francisco Karam	Rua 2 de Dezembro, 112
Padre Francisco Carneiro	*A União* — Republica do Perú, 35

G

Gastão Pereira da Silva	Rua Grajaú, 255
Gustavo Barroso	Rua Sá Ferreira, 123
Gastão Cruls	Ladeira da Gloria, 35
Gastão Penalva	Rua Urbano Santos, 14
Gilka Machado	RuaS. José, 51, 2.° andar
Gondim da Fonseca	*Correio da Manhã*
Godofredo Viana	Rua Visconde de Caravelas, 119
Graciliano Ramos	Livraria José Olimpio, Rua do Ouvidor, 110

H

Heitor Moniz	Rua Pereira da Silva, 140
Heitor Lima	Praça Duque de Caxias, 21
Hermeto Lima	Rua Barata Ribeiro, 650-A
Honorio Silvestre	Rua Souto Carvalho, 15
Henrique Orciuole	Rua Henrique Valadares, 42
Homero Pires	Rua Prudente de Morais, 482
Henrique Pongetti	Rua Ipiranga, 134
Helio Lobo	Rua Paisandú, 148
Hamilton Nogueira	Rua Coelho Neto, 49
Helder Camara — Padre	Rua S. Clemente, ..
Helio Sodré	Rua Pires de Almeida, 41 — apt. 49

I

Ivêta Ribeiro	*Brasil Feminino* (Edificio do *J. do Comercio*)
Ildefonso Albano	Rua Visconde de Caravelas, 6

J

José Augusto	Avenida Melo Matos, 19
José Lins do Rego	Rua Alfredo Chaves, 56
José Maria Belo	Rua Conde de Irajá, 113
José Americo de Almeida	Rua Getulio das Neves,
José Oiticica	Colegio Pedro II
Jonatas Serrano	Rua Pires de Almeida, 15
João Lira Filho	Rua Paul Redfern, 40
João Neves da Fontoura	Hotel Gloria
João Luso	*Jornal do Comercio*
Joaquim Pimenta	Rua Santa Alexandrina, 142, casa 4
Jacques Raimundo	Rua S. Clemente, 243, casa 8
Jorge de Lima	Rua Umbelina, 14, apart. 8

José Vieira	Rua Correia Dutra, 156
Jorací Camargo	Rua Aurelio Portugal, 140
Julio Salusse	Rua Nascimento Silva, 546
Julia Galeno	Rua Montenegro, 284
Jorge Amado	Livraria José Olimpio, Rua do Ouvidor, 110

L

Lourival Fontes	Avenida Atlantica, 434
Levi Carneiro	Rua do Ouvidor, 54
Luiz Sucupira	*A União*
Luiz Edmundo	*Correio da Manhã*
Leoncio Correia	*Correio da Noite*
Leal de Souza	Redação d'*A Nota*
Luiz Franco	Rua Conde de Baependí, 64
Leonor Posada	Rua General Rosa, 170
Padre Leonel Franca, S.J.	Colegio Santo Inácio — Rua S. Clemente
Lacerda de Almeida	Rua Emancipação, 9 — S. Cristovão
Luiz Morais	Rua 1.° de Março, 80, 1.° adar
Lobivar Matos	Rua Buarque de Macedo, 60

M

Maria Eugenia Celso	Rua Machado de Assis, 35
Mercedes Dantas	Rua Pinheiro Guimarães, 66
Mucio Leão	Avenida Atlantica, 444
Modesto de Abreu	Rua Aristides Caire, 5
Murilo Araujo	Rua Barão de Jaguaribe, 56
Maria Sabina	Rua Bulhões Carvalho, 136
Mozart Monteiro	Rua Nisia Floresta, 92
Miguel Osorio de Almeida	Estrada do Açude, 66 (Alto da Boa Vista)
Mario Linhares	Rua P udente de Morais, 306 (Ipanema)
Martins Capistrano	Rua Prof. Valadares, 135
Manuel Bandeira	Rua Morais e Vale, 57
Malba Tahan (Melo e Souza)	Colegio Pedro II
Mendes Fradique (Madeira de Freitas)	Avenida Rainha Elisabeth, 206
Maria Junqueira Schmidt	Escola Amaro Cavalcanti (Edificio d'*A Noite*)
Marques Rebelo	Praça Gabriel Soares, 7 — apt. 7

O

Olegario Mariano	Rua Pompeu Loureiro, 36
Oton Costa	Rua José Higino, 65
Osorio Dutra	Praia de Botafogo, 290
Osorio Lopes	Redação d'*A União* — Rua da Assembléia, 35
Otavio Faria	Rua Juiz de Fóra, 50, casa 2
Otavio Mangabeira	Avenida Osvaldo Cruz, 131
Onestaldo Penaforte	Rua Ribeiro de Almeida, 23
Oscar Lopes	*Correio da Noite*
Oliveira Viana	Ministerio do Trabalho
Orris Soares	Livraria Briguiet, Rua do Ouvidor
Otavio Tarquinio de Souza	Rua Aurea, 66

P

Plinio Salgado	Rua Voluntarios da Patria.
Povina Cavalcanti	Rua Conde Baependí, 51
Pedro Calmon	Rua Xavier da Silveira, 22
Phócion Serpa	Rua Gurupí, 66
Paulo Filho	*Correio da Manhã*
Paulo Martins	Rua Xavier da Silveira, 42
Perilo Gomes	Rua Professor Gabizo, 92
Peregrino Junior	Rua Barão de Jaguaribe, 35
Padua de Almeida	Repartição Geral dos Telegrafos — Praça 15 Nov.
Pontes de Miranda	Rua Prudente de Morais, 536
Prudente de Morais Neto	Rua da Alfandega, 11
Pereira da Silva	Rua Uruguai, 521

R

Raul Machado .... Rua Custodio Serrão, 36
Rodrigo Otavio .... Rua Palmeiras, 38
Raul Monteiro .... Praça 15 de Novembro, 20, 7.° andar
Roquette Pinto .... Rua Vila Rica, 13
Raul Pederneiras .... Rua Progresso, 9
Rosalia Sandoval .... Rua Maxwell, 169, casa 3
Rodolfo Garcia .... Rua Dias da Rocha, 46
Ramiz Galvão .... Rua Araujo Gondim, 24 (Leme)
Renato de Almeida .... Rua Pinheiro Machado, 48
Raul de Azevedo .... Rua Sorocaba, 66
Renato Travassos .... *Gazeta de Noticias*
Reis Carvalho .... Rua Farani, 40

S

Silvio Julio .... Rua Eduardo Guinle, 6, aparto. 44
Silvia Patricia .... Rua Demetrio Ribeiro, 172, casa 6
Saul de Navarro .... Rua Prudente de Morais, 538

T

Tasso da Silveira .... Rua Licinio Cardoso, 99
Tristão de Ataíde .... Rua D. Mariana, 149
Théo Filho .... Ministerio da Justiça
Teles de Meireles .... Livraria Freitas Bastos
Tristão da Cunha ....
Teodoro Figueira de Almeida .... Rua do Matoso, 223

V

Viriato Correia .... Rua Visconde de Figueiredo, 68
Velho Sobrinho .... Rua Copacabana, 852
Virgilio Correia Filho .... Praça André Rebouças, 17

W

Waldemar de Vasconcelos .... Praia do Flamengo, 314

Xavier de Oliveira .... Rua Barata Ribeiro, 539

Projeção de um livro brasileiro

Ao aproximar-se o Congresso Jubilar do Esperanto, a Liga Esperantista Brasileira recebeu um questionario para ser distribuido entre os "vasos inquebráveis" do movimento. As perguntas habilmente formuladas forçariam os "veteranos" a relatar suas proprias atividades, e a reunião desses depoimentos pessoais formaria uma história muito viva e original do desenvolvimento do esperanto em cada país do mundo.

As respostas deveriam ser remetidas em varias cópias. O tempo era demasiado escasso. Fui escrevendo apressadamente e entregando as folhas ao linotipista para multiplicá-las. Ao chegarmos ao fim, o Pongetti e o Nilo deram forma de livro á materia e... estava publicado O PRIMEIRO LIVRO BRASILEIRO ORIGINALMENTE ESCRITO EM ESPERANTO, a que se referem as opiniões abaixo.

Talvez a espontaneidade viva e natural, a linguagem simples e despretenciosa, dando ao trabalho um cunho muito particular de sinceridade sem artificios literarios, tenham sido a causa do êxito. Com tôda a generosidade paterna não lhe encontro eu valor que justifique o entusiasmo com que foi recebido em tôdos os paises.

I.G.B.

OPINIÕES SOBRE O LIVRO "VETERANO?"

Prof. Dr. Porto Carreiro Neto, Rio: "...responde nessa obra ás perguntas da Comissão Organizadora do Congresso Jubilar do Esperanto sôbre o movimento do idioma auxiliar em nosso país desde os primordios da sua propaganda. E' a primeira obra de original em Esperanto, que temos editada no Brasil, o que é de certo fato a reter e salientar em nossa história... De fluente e agradável estilo, bom conhecedor da lingua auxiliar..."

•

Prof. Harry Petersen, S. Paulo: "...livro na verdade eminente, que li com o maximo prazer. Eis um livro realmente esperantista, não só quanto á lingua, mas tambem pela idéia interna de esperantismo, sem a qual o nosso movimento nunca poderia ter-se tornado o que é hoje... sem favor algum é uma das melhores obras da nossa literatura... eu quisera adquirir todos os exemplares já impressos, mandar imprimir ainda muitos mais, e distribuí-los entre os esperantistas do mundo inteiro..."

Jaddo Couto Maciel, Baía: ..."Veterano?" — glória do Esperanto no Brasil, livro numero um, que abriu alas para evidenciar ao mundo, bem alto, o valor do Brasil — relativamente ao seu amor e interêsse pela lingua internacional — graças á sua extrema dedicação e persistencia..."

•

Aristocles Juvenal de Faria Alvim, Belo Horizonte: "Êle tem a vantagem inicial de ser atraente por causa de primorosa feitura material. A leitura é amena e clara a exposição. O assunto, por sua vez, é dos que mais interessam a quem é aprendiz no esperantismo..."

Herminia Magalhães, Niterói: "...Congratulações pelo aparecimento de "Veterano?". V. é um discipulo perfeito do seu nobre mestre: inteligente, bondoso e modesto."

•

Wilmar Magalhães, Niterói: "...E' muito interessante e há de agradar muitissimo... E' uma rica fonte..."

•

- *Nederlanda Esperantisto*, "...Por ocasião da "Festa dos Veteranos", organizada no quadro do congresso de ouro, em Varsovia, dirigiu-se um questionario a todos os veteranos do movimento esperantista. A essa lista de perguntas o autor responde minuciosamente no livro, entrelaçando nas respostas muitos fatos historicos, observações que fazem pensar e valiosas meditações. — O resto do livro é formado de artigos a proposito da lingua e do movimento. Todos, sem exceção, encerram pensamentos e experiencias instrutivas que precisam absolutamente de ser lidas..."

•

Teo Jung — romancista, poeta, jornalista e critico literario — Holanda: "...fervor inesgotavel, crença inabalavel na vitoria final e experiencia de muitos anos no autor são tão notaveis quanto sua grande modestia e coração juvenil... responde uma a uma todas as questões apresentadas pela Comissão Organizadora do Congresso de Varsovia. Mas o nosso confrade brasileiro faz isso de maneira muito propriamente sua, dando-nos uma especie de história do movimento esperantista brasileiro, com o qual êle — um dos mais ativos pioneiros — está fortemente ligado.

A's respostas adiciona êle uma coleção de artigos seus, quasé todos brilhantes pela originalidade das idéias... A linguagem é ótima; só encontrei dois pecadinhos contra o reflexivo e poucos erros tipograficos.

Papel forte, impressão clara, arranjo atraente. Em suma: uma edição muitissimo simpatica, livro de valor para todo o esperantista, fonte de entusiasmo e firme convicção, que proporcionará prazer a todo o co-idealista veterano ou novo."

•

Helena Esperantisto: "...Eis um livro de 120 páginas, formato 18 x 12, bem impresso e lindamente encadernado. Seu conteúdo, muito docu-

mentado e digno de ser lido, traz o questionario com respostas da "Festa dos Veteranos" organizada no quadro do Congresso de Ouro, de Varsovia. Esta obrazinha, primeiro livro originalmente escrito em esperanto por um brasileiro e impresso no Brasil, não poderá deixar de contentar o publico esperantista leitor de todos os paises.

Agora alguns raros erros de impressão: Página 43, linha 2 de baixo para cima, *"tradita"* em vez de *"trudita"*. Pag. 51, linha 9, *"daganejo"* por *"doganejo"*. Pag. 67, linha 1, *"ĉi-tion"* por *"ĉi tion"*. Pag. 96, linha 3, *"ne estas sama"* por *"ne estas samaj"*. Além disso, a palavra *"finiĝis"* em vez de *"finis"* está muitas vezes empregada."

•

The British Esperantist: "... Este é um volume notavel, pelo menos por ser o primeiro livro em esperanto editado no Brasil. Consiste de duas partes — ambas interessantes. A primeira traz as respostas ao questionario enviado a muitos veteranos pela comissão organizadora do Congresso de Varsovia, para preparação da "Festa dos Veteranos", organizada no Congresso Jubilar.

O autor, um tanto divertidamente, mostra-se indignado pelo fato de o tratarem como veterano. Está apenas começando sua vida esperantista: aprendeu esperanto há somente trinta anos! Depois seguem as vigorosas respostas ao questionario, as quais apresentam uma história do movimento brasileiro. A terceira resposta — á pergunta "O que empreendeu V. mesmo para a propaganda em seu país?" —mostra a admiravel persistencia do autor e de seus colaboradores. Cada resposta é introduzida por uma estrofe muito bem escolhida de um poema de Zamenhof..."

•

G. Saget, França: "...Li com o maximo prazer e compreendo bem os seus sentimentos, porque sou tambem veterano, de 1903... Com um respeito muito especial eu saúdo em seu livro a primeira obra original publicada no Brasil. Esperamos que outras a sigam de perto. O Brasil trabalha modelarmente, como vemos dos selos postais em esperanto..."

•

H. Salokamal, Finlandia: "...Com verdadeiro prazer e goso espiritual li a sua obra "Veterano?". E' tão bom e rico de idéias que de todo o coração eu me congratulo com V. e espero para o seu eminente livro a maxima divulgação."

•

T. E. Collier, Inglaterra: "...Aprendi esperanto em 1909, e seu ótimo livro fez-me reviver memorias de anos que já vão longe..."

•

Elsa Zulema Poledo, Argentina: "...Coloco muito, muito alto o conteúdo do livro, tanto mais por ser de um veterano do movimento esperantista brasileiro, cuja louvável atividade merece congratulações e é exemplo a seguir-se... Coube ao Brasil representar o papel mais notável pela divulgação do esperanto na America... O Brasil é ao mesmo tempo a terra maravilhosa de inexprimiveis belezas e da mais sublime delicadeza..."

•

Prof. João Orteña S. J., Argentina: "...Neste livro encontro redigidos meus próprios pensamentos a propósito da incompreensão dos homens sobre a utilissima lingua Esperanto."

•

Prof. Hugo Ceretti, Argentina: "...palavras simples e sinceras que revelam um grande coração... Pena que em cada país do mundo não haja meia duzia de homens como o autor de "Veterano?".

•

Paul Nilén, Suecia: "...Pelo prazer que me proporcionou essa interessante obra bem e modelarmente redigida, sinto ansiedade de expressar-lhe minhas sinceras congratulações. Tambem eu sou de certo modo contado entre os veteranos — de fato há 45 anos pelejo no exercito da paz, e nem sempre vitoriosamente — e, portanto, reconheço em muito do que V. relata o retrato da minha propria situação. A despeito dos mares imensos que nos separam, as minhas experiencias em essencia ora são semelhantes, ora iguais ás suas. E do mesmo modo que V., tambem eu nunca duvidei por um momento do futuro que aguardava a nossa querida lingua comum, o Esepranto..."

•

Prof. Padre Agostinho Stellacci, Italia: "...li com grande interesse... presta relevante serviço á nossa causa, e desejo-lhe o maximo sucesso."

•

Ludmila Jevsejeva, Letonia: "...Li o livro de um folego com interesse sempre crescente. Não só eu, mas todos os esperantistas lhe manifestarão sincera gratidão por um material tão proveitoso. De cada página me fala a verdade mesma. Todas as minhas experiencias na "arena verde" aí estão expressas... espero que V. nos dê outras coisas assim interessantes."

•

Revistas e jornais culturais do Brasil

Este ANUARIO não estaria completo si deixasse de dedicar algumas colunas de especial referencia aos jornais e revistas que, muitas vezes, através de vicissitudes e impecilhos de toda natureza, trabalham com proficuidade pela disseminação da cultura entre a nossa gente.

Essas publicações, que merecem todo o nosso carinhoso apoio, não são muitas infelizmente, mas as poucas existentes prestam inestimavel serviço. Não queremos referir-nos aos semanarios e mensarios que, com elegancia e honestidade, consignam fatos e novidades, falam de ciencia, publicam contos, cronicas, novelas e poemas. O numero dessa categoria já é bastante grande. Aqui falaremos apenas dos que têm exclusivamente finalidades culturais, divulgando as artes, as ciencias e as letras patrias e estrangeiras.

A mais antiga é *Ilustração Brasileira*. Apareceu ha mais de um quarto de seculo, em junho de 1909, fundada por Luiz Bartolomeu de Sousa e Silva e Antonio Azeredo, então diretores da S. A. *O Malho*, que editava varias publicações, algumas das quais, como o mencionado *O Malho*, prevaleceram e prosperamente subsistem.

Chefiava-lhe a redação Medeiros e Albuquerque, com eximios colaboradores efetivos: Olavo Bilac, Eduardo Salamonde, Paulo Barreto, Euclides da Cunha, Julia Lopes de Almeida, Luiz Delfino, Agenor de Roure, Manuel Bonfim, Coelho Neto e outros. Do estrangeiro vinha-lhe assidua cooperação igualmente brilhante.

Durou esta primeira fase seis anos, parando em 1915.

Voltou a *Ilustração* a circular em 1920, mas, em 1930, viu-se coagida a de novo fechar-se.

Em maio de 1935, reapareceu, animada da confiança de que o publico legente e culto a acolhera com a benevolente simpatia dos periodos anteriores.

Formato imponente, cuidada impressão, papel da melhor qualidade, essa esplendida revista regista de mês em mês o ocorrido em artes, letras, ciencias, economia, politica, etc.

Suas reproduções a côres das melhores télas dos nossos magnos pintores, vivos e mortos, dão-lhe ás páginas destaque invulgar.

Hoje dirige-lhe o destino o sr. Antonio A. de Sousa e Silva auxiliado com raro bom tino por Osvaldo de Sousa e Silva, a cujo espirito incansavel e abnegado muito deve a revista.

Boletim de Ariel merece a segunda citação. Este mensario, tem seis anos de lucilante existencia, dirigida com acerto por Gastão Cruls e Agripino Grieco. Dizer-se qualquer coisa sobre estes dois nomes seria repisar-se assunto por demais batido. Todos conhecem de sobejo Gastão Cruls e Agripino Grieco. Pois muito bem: *Boletim de Ariel* é orientado por estas duas preciosas mentalidades e suas páginas são um estimulo constante ás nossas letras, as nossas artes, ás nossas ciencias. Nela colabóra a fina nata de nossos intelectuais e é, sem duvida, o mais seguro e honesto indicador dos bons livros que por aqui se produzem.

Dedicando-se inteiramente ás artes plasticas, surgiu o jornal *Belas Artes* dirigido por Quirino Campofiorito.

Bem impresso, cheio de oportunas informações sobre as nossas atividades artisticas, consignando exposições de pintura e escultura, julgando, comentando, incentivando toda e qualquer iniciativa de arte, esse pequeno jornal mensal passou a ser um guia indispensavel.

Seu diretor e proprietario, o pintor Campofiorito já teve o premio maximo de nosso Salão: uma viagem á Europa. E ainda em 1937, em conjunto com sua familia, fez uma bonita exposição no Palace Hotel. Tipo raro de homem de trabalho, reune aos seus muitos encargos o de diretor da Escola de Bélas

Artes de Araraquara, no Estado de São Paulo.

Inteligencia é outra revista interessante. Escrupulosamente traduzidos, surgem nas suas páginas artigos interessantissimos dos nomes mais em evidencia no mundo. Não tem um caráter nacionalista esta publicação, que, orgulhosamente, se sub-entitula: *mensario da opinião mundial.*

Dirigem-no Samuel Ribeiro e Celestino Fazzio, dois nomes ilustres e acatados na roda intelectual paulistana.

Dom Casmurro, pode-se dizer que é um acontecimento sério nos nossos meios artisticos e intelectuais. Irrepreensivelmente dirigido por Bricio de Abreu, jornalista veterano e calejado, esse semanario até certo ponto nos faz lembrar o *Marianne* ou o *Gringoire*. Aliás o seu diretor viveu muito tempo em Paris, de forma que é explicavel essa sua tendencia.

Em *Dom Casmurro* há de tudo, desde a critica literaria até os mais sutís artigos politicos. Bricio de Abreu inegavelmente soube com seu primoroso jornal agradar a todos os paladares, por mais requintados ou extravagantes.

E, afinal, uma honrosa referencia á mais nova das nossas publicações de cultura: *Aspectos*, a revista mensal publicada sob a experimentada orientação de Raul Azevedo. Seu programa é amplo e sua apresentação gráfica muito bôa.

Como geralmente as coisas bôas entre nós costumam não ir avante, só nos resta, ao fecharmos estas breves apreciações, fazermos votos para que *Aspectos*, a mais nova das nossas publicações culturais se mantenha para gaudio de nossos espiritos.

Tambem os católicos do Brasil possuem a sua revista de cultura. *A Ordem* gosa de notavel prestigio pela linha irredutivel em que sempre se manteve.

Fundada ha dezeseis anos pelo ilustre jornalista Jackson de Figueiredo, *A Ordem* vem passando sua existencia espalhando o Bem e difundindo o Bélo.

Atualmente é seu diretor o sr. Tristão de Ataide, catolico militante, figura brilhante de filósofo, erudito, professor e jornalista, dirigindo atualmente a Universidade do Districto Federal, e o Centro Católico Dom Vital.

Puericultura, Pedagogia, Eufrenopedia, de Dr. Olavo Salema G. Ribeiro

Livraria Francisco Alves - 1937

"Puericultura, Pedagogia, Eufrenopedia", é um livro precioso que a Livraria Francisco Alves acaba de lançar. Nele o autor ventila um problema de magna importancia no Brasil — o da assistencia á criança.

O livro do prof. Salema Ribeiro é uma cartilha de uteis ensinamentos que interessa aos profissionais e, sobretudo, aos leigos.

As razões cientificas das vantagens proporcionadas á criança pela pratica sistematizada da ginastica, são expostas vigorosamente logo no inicio do livro.

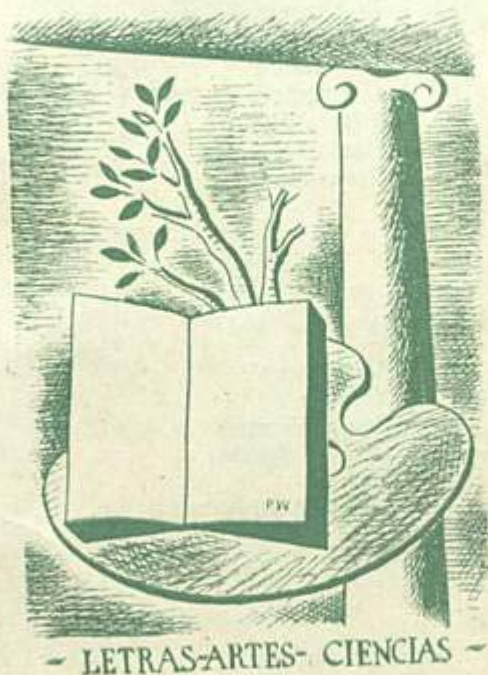
A seguir, ensinando como e quando deve ser praticada a ginastica na infancia, cita uma observação documentada feita com um proprio filho, para concluir que a ginastica é "um fator essencial para o desenvolvimento perfeito do organismo infantil".

Entrelaçando a puericultura, a pedagogia, a eufrenopedia, numa riqueza de comentarios e reflexões, traça um verdadeiro programa de fé cientifica e patriotica.

Interessante, a leitura desse livro por vezes empolga.

"Puericultura, Pedagogia, Eufrenopedia" é um livro de exito.

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

- LETRAS - ARTES - CIENCIAS -

1938

Direção e propriedade de
IRMÃOS PONGETTI, editores

Redação, Administração e Oficinas
Avenida Mem de Sá, 78

RIO DE JANEIRO

Responsavel: Rogerio Pongetti Gerente: Rodolfo Pongetti

Redatores principais:

HENRIQUE PONGETTI
J. L. Costa-Neves
D'Almeida Vitor
Lobivar Matos
Luis Heitor
L. Nogueira de Paula
Silvio Julio
Mario Linhares
Neves-Manta

Desenhos de:

Santa Rosa
Yolanda
Paulo Werneck
Octavio Sgarbi
Jair
Jarbas Andréa

Fotografias:

Nicolas
Paul

Um mapa da inteligencia brasileira

A reunião de espiritos de todas as regiões brasileiras foi realizada com felicidade no ANUARIO do ano passado.

Demonstramos ser possivel, nesta terra de silencios e distancias desanimadores, o levantar-se o mapa da inteligencia nacional, incluindo nêle fascinantes escritores mal conhecidos ou irrevelados.

Dos mais longinquos recantos do Brasil chegaram-nos apoios e estimulos: os carimbos postais, num caso de pura espiritualidade como este, constituem uma afirmação emocionante que não ousariamos explicar nem aos filatelistas nem aos correspondentes mercantis.

O ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA de 1937 provou-nos, de modo definitivo, que o Brasil procurava um espelho capaz de refletir-lhe, panoramicamente, embora, a unitaria extensão espiritual.

As obras escritas nas provincias chegam ao Rio, S. Paulo e Porto Alegre, centros de irradiação gráfica, conquistam as honras dos prélos, mas cobrem irregularmente, contrastadas pelos silencios e distancias, os nucleos alfabetisados do territorio nacional.

Nossos grandes diarios são locais: nenhum dêles consegue vendagem consideravel nas cidades vizinhas: seus escassos assinantes provincianos não completam, muitas vezes, o circuito postal federativo.

Compomos a imagem da inteligencia do Brasil procurando as peças de um jogo de paciencia sempre desfalcado de algumas peças.

E certas localidades do pais, esquecidas pelos livreiros, mas conquistadas para a rêde das revistas populares cariocas, cronistas modestissimos e "conteurs" sem cotação, á falta de concurrencia, adquirem nas conversas bonitas da farmacia a imponencia de expoentes do pensamento nacional.

Suas frases tanto podem merecer a gloria de reforçar a retorica do discursador-mór da zona como a de indicar as diretrizes do hebdomadario, ao lado do cabeçalho.

Autenticos valores literarios em atividade nas provincias só adquirem a certidão de existencia quando embarcam o talento para os centros de irradiação gráfica e recebem o batismo das grandes casas editoras.

Este ANUARIO nasceu com o proposito de reunir os espiritos apreciaveis do Brasil, oferecendo aos proprios intelectuais o que os silencios e as distancias da terra ainda exagerada dificultam: o sentido panoramico da nossa inteligencia.

Valores consagrados e valores em busca justificada de consagração cream nestas paginas o que nos faltava: um mapa das nossas forças espirituais ativas, um espelho em que se reflete a vida artistica do nosso povo durante 365 dias.

Revelar o que existe em nossa terra, mesmo no dominio das coisas materiais, será por muito tempo, ainda, uma função de literatos.

Neste roteiro podem ser apontadas omissões e outras falhas; mas, em linhas gerais, êle revela realidades e nos leva a um Brasil maior do que aquele que diariamente queremos retratar resumindo-o nas grandes cidades em que vivemos.

HENRIQUE PONGETTI

Alvaro Viana e o grupo simbolista de Belo Horizonte

EDUARDO FRIEIRO

Alvaro Viana

Entre 1900 e 1906, alguns moços de Belo Horizonte, estudantes pela maior parte, formaram na nova capital de Minas uma flamante capela literaria, a um tempo mistica e boêmia, que votava culto aos seus grandes orágos Verlaine, Mallarmé e Baudelaire.

Os poetas Edgard da Mata Machado, Horacio Guimarães, Alvaro Viana, Eduardo Cerqueira, Carlos Raposo, Alfredo de Sarandy Raposo, Archangelus de Vimaraens, e poucos outros, compunham o rumoroso nucleo dos *Romeiros do Ideal*, como a si mesmos se intitulavam. Constituiam o Grupo simbolista de Belo Horizonte, que deu certa vibração intelectual á nascente capital mineira.

Jurava-se por Cruz e Souza, o genial negro que Ventura García Calderón julga "comparavel a Baudelaire sem que o mundo o saiba, porque escrevia em português..." E jurava-se por Alfonsus de Guimarães (ou Vimaraens). Em Cruz e Souza, que todos consideravam o maior poeta do Brasil, pranteava-se o Mestre desaparecido. Alfonsus de Guimaraens era o pontifice vivo, longe do grupo da Capital, recolhido ao seu eremiterio de Mariana, mas presente em espirito ás tertulias e realizações dos jovens discipulos, todos inquietos, sonhadores e amantes da esturdia e das boas troças.

Encharcados de misticismo — de proveniencia meramente literaria — escreviam baladas á Virgem e compunham odes a palidas castelãs do País do Sonho e da Quiméra, com abundante consumo de imagens em que entravam cirios, citaras de ouro, a Via-Latea, o Sete-Estrêlo, Lirios, goivos e outras flores roxas. Apelidavam-se a si proprios os Raros, os Magnificos e os Malditos! Justificavam o misticismo da escola com o principio literario de Sar Péladan: "A Arte, como a Religião, constitue-se por seu misterio".

Os inimigos dos simbolistas, que se recrutavam principalmente no grupo parnasiano da cidade, zombavam dos complicados rapazes, apodando-os, em som de môfa: "Nefelibatas!".

Em Edgard da Mata, injustamente esquecido logo após a sua morte prematura, reconheciam os companheiros o melhor e o mais original talento poetico do grupo.

Era, porém, Alvaro Viana a inteligencia mais ativa e realizadora. Sua ação dentro do grupo foi a de um verdadeiro chefe. Das tres ou quatro revistas que os simbolistas

publicaram em Belo Horizonte, a mais caraterística foi a intitulada *Horus*, fundada e dirigida por Alvaro Viana, em 1902. Colaboravam nessa revista Jacques d'Avray (pseudonimo do poeta paulista Freitas Vale), Alfonsus de Vimaraens, Willy Reicherdt, A. Batista Pereira, Guerra Duval, padre Severiano de Rezende, o visconde Antoine de Grandeuil, A. de Viana do Castelo, Edgard da Mata, Archangelus de Vimaraens e Horacio de Vimaraens.

Em 1906 saiu impresso um volumezinho de versos de Alvaro Viana, editado por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores do Poeta, os quais festejavam dessa maneira a sua recente formatura em direito. Chamava-se *Para que?* e trazia no limiar uma frase de desafio aos criticos: *"Este é um livro de estreia: caluniai-o"*. Abria o volumezinho o Epitafio que o grande Alfonsus de Guimaraens escrevera *"para o tumulo de Alvaro Viana, discipulo amado"*:

"Musas! Este que aqui, no ultimo sono, abraça,
Braços postos em cruz, o seu proprio esqueleto,
Sustinha (o Poeta é como alvo cisne que passa)
Uma citára d'oiro a gemer-lhe no peito.

Do céu baixou-lhe um dia a indefectivel Graça;
De cota d'armas sempre e sagrado amuleto,
O cruzado ancestral de uma eleita raça,
Ei-lo á espera do Juizo-Extremo neste leito.

Pletro ascendido além dos astros! lirio e cirio
Clareando e perfumando as ameias augustas
Onde choram de roxo as noivas do martirio:

Junto aos restos mortais que sob a terra informe
Poisam, poisai! que após as sacrosantas justas
Entre os braços do sol o paladino dorme..."

Num soneto, Alvaro Viana debuxava o seu auto-retrato fisico e moral. Assim:

"Eu tenho amor pelo meu tipo feio,
Esguio e magro, muito magro e alto.
A's vezes fico embevecido e creio
Que o meu semblante é de terroso asfalto.

Noite a dentro sonho um lago, e em meio
A's aguas calmas, que em meu sonho exalto,
Vejo entre os astros, a mim proprio alheio,
O meu perfil tristonho de pernalto.

Entre os dois céus iguais em que me perco,
De um grande amor pelo meu ser me cerco,
Abrindo as asas desse ideal que é meu.

E assim perdido na quimera, absorto,
Espera pela paz, depois de morto,
Quem nunca soube para que nasceu".

Na ultima página do volume annunciavam-se tres novas obras do Autor, em preparo (ou *em eclosão*, como então se dizia); duas de prosa: *A Revista maldita* e *Confiteor*,

(*Continúa no fim do ANUARIO*)

A poesia em 1937

MANUEL BANDEIRA

O acontecimento poetico mais notavel do ano passado foi a revelação de mais uma grande voz feminina na pessoa da sra. Adalgisa Nery (*Poemas*, Pongetti). A sua poesia jorrou em ritmos inumeraveis como as aguas generosas de uma barragem esbarrondada. Lendo-a lembrei-me daquele trecho da Vida de Santa Teresa onde a carmelita censura os pregadores que nos seus sermões se atêm mediocremente ao puro entendimento em vez de se deixarem abrasar na chama do amor divino. "*Seamos todos locos!*", exclama a santa de Ávila. Eis um grito dalma que deveria ser o moto de todos os poetas. A sra. Adalgisa Nery quando escreve não mede as suas palavras, que a poesia nela parece agir como um desrecalque insopitavel. Dir-se-ia que, tomada de uma necessidade injustificavel de expiação, arrancasse ela o proprio coração para sair arrastando-o por todas as pedras e cardos do seu caminho. Digo injustificavel, porque se percebe muito bem a quase inocencia da sua quase religiosa sexualidade. No fundo há uma ternura bem feminina nestes poemas em que a cada momento passa e repassa um desejo infinito de consolar e ser consolada: é assim que se devem interpretar versos como estes: "Quero oferecer meu corpo ao que necessita"... "Quero fazer parte no cortejo dos abandonados, na tristeza dos filhos naturais e nas humilhações das prostitutas"... Ha um imenso cansaço em todos esses poemas, onde os desabafos amargos e cinicos são intervalados a quando e quando pelo motivo "Quero descansar...", suspirado como uma queixa de doente à misericordia divina. E' para esta que a sua alma se volta nos transes mais dificeis, como quem sabe que não ha ternura humana capaz de saciar a ternura humana... E é assim que ela fala nos seus De Profundis:

"Senhor! Acode-me na profunda tristeza de minha alma,
No doloroso cansaço de meus sentidos
Que me fazem insensivel à grandiosidade de Tuas criações.
Senhor! Dispersa de meus olhos desiludidos
A sensação de inutilidade dos meus gestos interiores.
Senhor! Afasta da minha boca
O sorriso que é a alegria vencida
Que assim me arrasta, diluindo sem finalidade
Os fragmentos de minha existencia.
Senhor! Infiltra em meu ser a negação de mim mesma
Para que meu coração não conheça o egoismo..
Senhor! Já que me tornaste indiferente
Às glorias, ao nome, às riquezas humanas, às conquistas objetivas,
Extingue em mim o orgulho de minha resistencia.

Para que eu prossiga serena e doce
Pelo caminho que me leva a Ti."

"Prece da Angustia", "Tu me glorificarás", "Escorri como agua entre as mãos de Deus", "Deus me pede emprestada", "Poema apocaliptico", "Concebi no templo" e "Eu anunciarei" são outros exemplos desses mais altos momentos de sabedoria. Ao lado dessa poesia maior, os afetos humanos lhe inspiram acentos de rara doçura em poemas como "Eu em ti", "Renovação", "Meu pedido", "Durante e depois da vida" e "Poema do amor carnal."

Do seu forte sentimento da natureza testemunham os versos admiraveis de "Poesia maritima" e de "Eu estarei em tudo". Estes ultimos não devem ser interpretados como uma pura explosão de narcisismo, senão, em fim de contas, como aquele anseio de eternidade que levará esta Musa inquieta e desencantada ao final repouso na mão de Deus, naquela mão direita de que nos falou num soneto imortal esse outro inquieto e desencantado que foi Antero de Quental.

Os primeiros versos de Olegario Mariano traiam influencias de parnasianos e simbolistas. A sua evolução se fez no sentido de alijar essas influencias. Em seu ultimo livro (*O Enamorado da Vida*, Editora Guanabara) o poeta está quase reduzido a si mesmo, e essa redução nos mostra que a sua genuina poesia está tão longe dos parnasianos como dos simbolistas, e entronca-se legitimamente nos romanticos. O movimento modernista deu-lhe talvez um certo gosto do prosaico e a inquietação do ritmo. Mas o gosto do prosaico já se mostrava nos romanticos: basta lembrar a "Mimosa" de Fagundes Varela, "Idéias Intimas" e "Spleen e Charutos" de Alvares de Azevedo. Quanto ao ritmo, Olegario não chegou ao verso-livre. Estou que andou bem. O verso-livre iria certamente prejudicar o caráter sensivelmente melodico da sua musica. Mas se não chegou ao verso-livre, encontrou uma especie de compromisso entre êle e a versificação regular, solução pessoal que me parece bastante feliz. No poema "A Velha Estrada" ha versos de 16, 12, 14, 10, 11, 15, 17, 19 silabas, misturados; todos, porém, têm como principal elemento ritmico o pentassilabo. A sua técnica é sutil, porque ás vezes o verso póde ser decomposto em varias combinações metricas. Este, por exemplo:

"Das coisas humildes e boas; e levo comigo a cantiga

São dezeseis silabas que se podem distribuir em tres pentasilabos:

"Das coisas humildes
E boas; e levo
Comigo a cantiga"

Ou em dois otossilabos:

"Das coisas humildes e boas;
E levo comigo a cantiga"

O verso fica assim flutuando entre dois ritmos, o que lhe comunica uma estranha musicalidade.

A mãioria dos poemas do "Enamorado da Vida" evocam o nosso Pernambuco: "O Poço da Panela", "Velho lampeão", "Capibaribe", "Tempo que se foi" e outros. Ao lado desses versos, que rememoram com musical enternecimento a infancia passada no torrão natal, há ainda nesse volume alguns *flirts*, e mais a nota da saudade, que não podia faltar em livro de Olegario: "A lampada que se apagou" é talvez o mais feliz que já lhe inspirou o mesmo tema.

Adelmar Tavares tirou segunda edição do seu *Caminho Enluarado*, acrescendo-o de mais algumas poesias (Pongetti). Adelmar, com Olegario Mariano e raro outro, prestou à nossa poesia o serviço de tirar-lhe o espartilho parnasiano em plena moda do espartilho parnasiano. Inspirou-se êle sempre na simplicidade das trovas populares, cuja singela doçura é reconhecivel nestas sextilhas:

"Eu vi a Sorte passando...
E os bons fados repartia.
A quem pedia, não dava,
E dava a quem não pedia...
Que era céguinha... Não via...
....

Vela branca! Vela branca!
Que vais lá longe... no mar...
Quem me dera, vela branca,
Que me quisesses levar,
Para tão longe... tão longe...
Que eu não pudesse voltar...

Mas uma vez, vela branca,
Que me não queres levar,
Para tão longe... tão longe...
Que eu não pudesse voltar...
Leva-me a saudade dela
Para o mais fundo do mar..."

Em "Vicença, meu dia" a inspiração popular vem de fonte mais remota. Remonta à poesia dos cancioneiros.

Esse admiravel rimancete figurará certamente nas futuras antologias em que se recolherão os melhores versos do nosso tempo. Tivesse eu mais espaço e o transcreveria aqui, assim como a balada livre "O milagre de Nossa Senhora Aparecida". Mas desta suprimiria a quintilha final, que acho ruim e lhe quebra, aliás, desastradamente a unidade.

Têm um forte sabor regional os poemas do poeta matogrossense Lobivar Matos (*Sarobá*, Minha Livraria Editora). Sarobá é a denominação do bairro negro de Corumbá. Descreve-o o poeta nos versos com que abre o livro:

"*Bairro de negros*
negros descalços, camisa riscada,
beiçolas caidas,
cabelo carapinhé;
negras carnudas rebolando as curvas,
bebendo cachaça;
negrinhos sugando as mamas murchas das negras,
negrinhos correndo doidos dentro do mato,
chorando de fome.
Bairro de negros,
casinhas de lata,
agua na bica pingando, escorrendo, fazendo lama;
roupa estendida na grama;
esteira suja no chão duro, socado;
lampeão de querosene piscando no escuro;
negra abandonada na esteira tossindo
e batuque chiando no terreiro;
negra tuberculosa escarrando sangue,
afogando a tosse seca no éco de uma voz mole
que se arrasta a custo
pelo ar parado."

Basta essa pequena transcrição para dar idéia da poesia de "Sarobá": técnica — verso livre com recorrencia de certos ritmos regulares batidos; fundo — um sentimento realista que ousa chegar até à obcenidade, como no poema "Sexo" (dos melhores do livro, mas infelizmente impossivel de transcrever), inspiração revolucionaria, revelando-se às vezes de maneira direta, às vezes sob forma alegorica (poema "Derrocada"). Ou na generosa simpatia para com os pobres, os esmulambados:

"*Quando sinto vontade de ser santo*
nunca entro em igreja.
Sento-me num banco de praça
na boquinha da noite,
e fico namorando os desgraçados
encolhidos na escadaria da igreja."

O regionalismo de "Sarobá" nada tem a ver com aquele outro de fancaria feito para divertir as grandes capitais do litoral. E' um regionalismo genuino, bem solidarizado com o grande drama universal do momento que vivemos. O livrinho de Lobivar Matos interessará tambem aos linguistas pelas numerosas dições matogrossenses. O poeta bem que poderia dar-nos para o futuro uma contribuição dialetológica. Creio que sobre os re-

gionalismos de Mato-Grosso só apareceu até hoje o trabalho de Floriano de Lemos "Vocabulario Regional", que é de 1922.

Os poemas de Fernando Mendes de Almeida (*Carrussel Fantasma*, Editora Spes), parecem gerados de uma disponibilidade amarga e abafada.

O poeta sente tão pequeno o que já fez, tão pequeno, que "a dor do suicidio o convida".

E grita o desejo de coisas enormes: a Serra do Mar, o Cabo das Tormentas, a Torre de Babel! Um galo que canta traz-lhe "a tristeza de uma infancia desaproveitada". Desde menino já era "aquele caso perdido que agora o tempo afirmou." Di-lo e invoca o testemunho de mano Joaquim. E diz mais que é diferente, que é nove-fora, que é cinico:

"Meus amigos conto nos dedos
e melhor seria se eu tivesse
só quatro dedos nas mãos."

Ha um grande cansaço em todos estes poemas. "Sinto que é inutil me esfalfar". Em "Trailer n. 1" o poeta repete varias vezes:

"Compor um sonho, para que?"

Ha uma mulher que lhe interessa. Mas essa mulher é a "ausente necessaria". Ele quer que ela o ame "por telepatia."

"Não é mais a vossa carne que ambiciono
E' a vossa sombra!"

Essas anotações que aí deixo já bastam para mostrar o clima do *Carrussel Fantasma*.

Uma nota da Editora Spes previne o leitor, possivelmente incauto, que são "versos surrealistas, de uma originalidade alarmante."

Alarmante, acredito. Fernando Mendes de Almeida se desrecalca sem o minimo cuidado de agradar a ninguem. E o seu Carrussel faz voltas realmente abracadabrantes na franja do sub-conciente. Dai o sabor surrealista de certos poemas. Todavia, não há aqui o caráter essencial do surrealismo, aquilo que o faz um sistema de conhecimento, de investigação das fontes da criação poetica. Breton diria deste poeta, como disse de tantos outros artistas, que ele está apegado a um certo numero de idéias preconcebidas, por não ter ouvido a *voz surrealista;* e E'luard exigiria aquela dessensibilização do mundo que deve marcar o poema.

Isso será bom lá na Europa: aqui um poeta como Fernando Mendes de Almeida já é coisa alarmantissima.

Todo o mundo conhece a deliciosa quadrinha de roda infantil: "O anel que tu me deste..." O sr. Ovidio Chaves fez as suas trovas (*O Anel de Vidro*, Livraria Globo) no espirito da quadra popular.

Elas são quase todas simples, doces, melancolicas. Só tem uma rima, a do segundo verso com o quarto.

Uma vez ou outra o sentimento escapa a essa clara singeleza, como quando o poeta fala no "Chop'n das coisas tristes" e no velho Antonio Nobre". Isso já não é anel de vidro... O anelzinho está nestas:

Cantigas, pobres cantigas
Que eu canto, assim por cantar,
A's vezes quase sorrindo,
Mas quase sempre a chorar...

Lá no céu as tres Marias
Vivem juntas sem brigar.
Eu gosto de tres Marias,
Mas não as posso juntar...

Um poeta — que coisa triste! —
E' um desgraçado feliz
Que sente o que todos sentem,
Dizendo o que ninguem diz...

Ai pobre de quem recorda
E vê, naquilo que é seu,
Que as saudades que lhe restam
São cinzas do que perdeu...

Atirei meu sonho triste
Por cima da vida fria.
— Deu por magoas, por desgostos,
Só não deu no que eu queria...

Esse é o tom geral das trovas do poeta gaúcho.

Desde "Enternecimento", coleção de poemas premiada pela Academia, Henriqueta Lisboa, afirmou-se como uma das vozes mais puramente femininas da nossa poesia. Em "Velario" nota-se a mesma coisa que em

Olegario Mariano: a procura de ritmos mais livres. Nos ultimos poemas do livro, Henriqueta Lisboa adota o verso livre: "Oração do momento feliz" é um belo grito lirico. Em outros, há o compromisso a que me referi atrás. "Monotonia", por exemplo:

"Sempre o relogio marcando o encontro dos meus bocejos!
Preguiça antiga das velhas cordas enferrujadas dos realejos.
Tempo de sobra que a gente esbanja na branca inercia dos logarejos."

Aqui o elemento ritmico é o verso de quatro silabas:

"Sempre o relogio
Marcando o encontro
Dos meus bocejos!"

Prefiro, porém, a poesia de Henriqueta Lisboa condensada nos metros menores regulares:

"Baixou a treva sobre o sonho.
Foi como um passaro agourento
Junto à janela de um enfermo.
Alguma coisa de medonho
Que se passou neste momento
Eternizou-se no meu ermo.
Tudo acabado. Tudo morto.
E' a lua, a ansiar pelo degredo,
Mortalha mórbida que espia.
Pavor do nada. Desconforto.
Dança macabra do arvoredo
Nos estertores da agonia.
A alma se alonga para o fim
Já sem desejos e sem ansia
Como um fantasma em noite aziaga.
E sem poder voltar a mim,
Fica perdida na distancia
Como uma sombra que se apaga..."

Ha uma categoria de poetas intermediaria entre a poesia culta da cidade e a poesia dos improvisadores sertanejos. Mas até agora só o grande Catulo revelara força no genero. Estava sózinho.

Agora surge Zé da Luz (*Brasil Caboclo*), que merece um lugar ao lado do autor de "Terra Caída". Não lhe falta nem imaginação nem sensibilidade e brilho verbal. Aqui e ali, umas notas realisticas censuradas pelo mestre: Zé da Luz não teve medo de falar do suor dos sovacos das moças que tomavam banho na cacimbinha.

O sabor da poesia de Zé da Luz está bem refletido no poema "Boi de carro":

"Boi de carro! Quantas vez
Tu cansa numa subida,
Tu cansa nos atolero,
Tu sente o carro pesado,
Parando p'ra não andá,
Sentindo o ferrão marvado
Daguiada do carrero,
A tua carne furando
Sem tê dó do teu pená!"

Mas o boi de carro tem

"A grande satisfação
De inscutá a cantoria
Do teu carro quando canta
Nas instrada do sertão!"

E que musica maravilhosa essa!

"Praquê musga mais bonita,
Mais triste, mais penarosa,
Do que a musga sodosa
Dum carro de boi cantando
Pula boca dos cocão?..."

Vem depois a comparação: o poeta é como boi de carro:

"Como tu eu tombem canso
Puxando o carro da vida,
Quando encontro um atolero,
Quando encontro uma subida...
....
Mas eu vivo sastifeito:
O meu carro tombem canta!"

De fato: o carro de Zé da Luz tem bons cocões e canta, canta, e o seu canto forte e melancolico já ressoa por todo o Brasil: tanto o Brasil de casaca, como o que veste "carça de brim da polista". O paraibano é bom mesmo.

A essas breves notas sugeridas pelos livros que nos chegaram às mãos, cumpre acrescentar a noticia do retorno à atividade poética de dois grandes nomes — Gilberto Amado e Augusto Frederico Schmidt, os quais publicaram no suplemento dominical de "O Jornal" coleções de belos poemas. Mencionemos ainda a estreia do sr. Mario Quintana, rio-grandense-do-sul, no numero 5 da "Lanterna Verde".

DO MEU JORNAL

JOÃO NEVES
(Da Academia Brasileira de Letras)

O dia estava marcado. Era afinal hoje. Amanheceu um dia claro e fresco. Despertei cêdo. Diria melhor que dormi pouco. O pensamento voava longe, alta madrugada. Como seria? Era a primeira vez que tomava parte numa revolução. Pregar eu a pregára durante um ano sem fadiga. Mas ninguem passa impunemente da idéia á ação sem uma especie de remorso. Fiz durante a noite largo exame de conciencia e absolvi-me a mim mesmo, fosse qual fosse o "landemain" revolucionario. Cachoeira, florida nos seus jardins de primavera, trabalhava como sempre na tranquilidade de quem ignora a explosão para dai a horas. Saí pela manhã, acertando um resto de pequenas coisas a fazer. A's 11 horas entrou no meu gabinete de trabalho o chefe da *gare*, que eu chamára pouco antes. Era um homem maduro, de tez morena, com o seu uniforme azul de botões dourados. Durante anos eu o vira á hora da partida dos trens tocar as mesmas badaladas do velho sino da minha estação. Entrou, sentou-se. Disse-lhe: "Cardoso, hoje ás 1 1|2 da tarde rebenta a revolução." Não teve um movimento. "Que devo eu fazer, doutor?" Respondi-lhe, ocultando a emoção: "Atrazar o trem de Porto Alegre meia hora para que o comandante do 3.º B. E. chegue depois das 5 e meia". Foi como si eu lhe dissesse a coisa mais natural do mundo. Limitou-se a afirmar: "Está bem. O senhor póde contar comigo." Pouco depois entrou o comandante do destacamento da Brigada Militar. Não sabia de nada. Ouviu as instruções, repetiu-as e partiu. Fiquei só entregue aos meus pensamentos agitados. Mais algumas horas e iamos entrar no desconhecido. Toda uma ordem desabaria depois de quase meio seculo de vigencia. De certo ela não fôra senão um artificio nem valia mais do que uma perola falsa, mas como seria a outra, a que iamos inaugurar ao preço de sacrificios e sangue? Eu tinha a mesma fé dos dias do apostolado. Assaltava-me, porém, a melancolia de todos os epilogos. Naquele mesmo momento, em varios pontos do Brasil, homens moviam-se com cautela para realizar o mesmo fim. A conspiração, cheia de marés altas e baixas, terminára. Estavamos ás portas do desenlace. Não importava o que havia de ser, mas cumpria vencer.

As horas começaram a voar. Finalmente o ponteiro marcou as cinco. Saí e aguardei á frente da prefeitura, meu logar combinado, a chegada dos oficiais insurrétos. Não tardaram. Cada qual ocupava seu posto. O trem, em atrazo. Soldados da Brigada Militar fechavam como uma cinta o acesso aos quarteis do exercito. Oficiais contrarios já começavam a ser detidos por turmas de conspiradores. Iam chegando ao palacio municipal, quase todos ignorando por que.

A noção de que algo de grave se passaria estava em todos os espiritos, mas poucos tinham fé no desencadeamento. Era a velha frase "sabemos que morreremos, mas não acreditamos" aplicada aos acontecimentos do Brasil. Todos sabiam, ninguem acreditava.

E aqui neste setor tudo correu como nas magicas. Subitamente a legalidade desapareceu. Os quarteis do exercito em minutos passaram com a tropa para as mãos rebeldes. O povo começou a encher as ruas, curioso, festivo, indagador. Ao escurecer, sentei-me a jantar, na minha casa do bairro Rio Branco, como si o dia tivesse sido um dia igual aos outros. E pela madrugada afóra as fitas telegraficas não pararam um minuto, cheias de informações, enchendo-nos de alegrias e esperança. E adormeci na confiança de um novo Brasil.

A poesia de Adalgisa Nery

JOSÉ LINS DO REGO

Escrevendo pela primeira vez no Brasil sobre Adalgisa Nery eu fazia notar o lado patetico da sua poesia. O seu canto não era o cantar facil de uma creatura feliz. Ela trazia á poesia brasileira um sentido mais denso, mais carregado de substancia. Nunca uma voz de mulher se exprimira entre nós com mais coragem. Havia a tristeza de Auta de Souza, um fio de ternura lirica, um lamento em surdina que comoveu todo o mundo. Havia Cecilia Meireles um temperamento raro, um coração em chamas. Adalgisa Nery apareceu diferente, apareceu com uma insuperavel força poetica. Não tinha nada de ninguem. Os seus primeiros versos, as suas primeiras tentativas tiveram o poder de afirmá-la de uma vez para sempre. Ela vinha como um mestre, dominando segredos, pondo-se acima de certos preconceitos retoricos. *Efforcez-vous à aimer vos questions elles-memes,* dizia o grande Rilke a um jovem. Foi o que Adalgisa Nery fez. Amou muito a si mesma, valorisou o seu interior, as suas questões intimas. E deu a todos um sentido que vai além de sua experiencia pessoal. Ai é que começa a existir o verdadeiro poeta. E' quando nos sentimos, nos vemos no que ele falou de si. O depoimento deixa assim de ser uma particularidade para crescer de volume, assumir uma grandeza universal. A poesia fica uma obra grave como tudo que é grande. Em vez de puro deleite, daquele jogo pueril de que falava Ronald de Carvalho, torna-se sabedoria, caminho aberto aos que vêm atrás. Por isto tanto se confunde a poesia com o misterio. E' um misterio a creação poetica, como a vida é outro. Adalgisa Nery nos dá sempre essa impressão de misterio, não de misterio pequeno, de um sub-misterio que é mais mistificação. Ha nela mais alguma cousa que uma simples faculdade de articular palavras, de arranjar sentido, de compor enfim. O grande poeta não é aquele para quem a composição vale como coisa essencial. E' aí que muitas vezes me sinto longe de Paúl Valery. Poesia é muito mais que semantica, rigorismo ou exatidão verbal. Alain foi quem disse admiravelmente: "o poema é um fruto da natureza". O que é muito diferente do que ser um fruto de cera, produto de paciencia e de habilidade.

E' a poesia um grande misterio, força de um desconhecido que vence até os proprios dados do conhecimento. Claudel falou dela como de um visitante noturno, especie de magico que para ele se confundia com o poder de Deus. Incontestavelmente Deus é que foi o maior poeta porque é o que constrói com as menores e as maiores coisas.

Lendo Adalgisa Nery eu me sinto muito proximo desse misterio da creação. Ela nos comunica forças e correntes de vida que me eram anteriormente estranhas. Amo a sua poesia como se ela fosse um instrumento de minha propria comunicação com o mundo.

Historia do outro mundo

LUIZ MARTINS

Quando este ANUARIO estiver na rua, já talvez o publico não se lembre mais de um *film* que acabo de vêr nestes primeiros dias de dezembro. Um *film* chamado "Dupla do outro mundo" e que é a mais americanizada, a mais irreverente pilheria que se poderia fazer com essa coisa tão séria e tão tragica que é a morte.

Pelo menos, eu tinha a impressão de que a morte era uma coisa fundamentalmente séria. Creio que muita gente tinha essa suspeita tambem. No meio de todas as blagues mais ou menos dolorosas ou pitorescas da vida, era ela a unica profunda realidade dominadora e eterna.

Mas o tal *film* deu á gente uma tal intimidade com a megéra, que depois a gente da vida mesmo da sua realidade tragica. Ela passou a ser da nossa intimidade...

Só um americano poderia realizar tal milagre. A carateristica mais encantadora desse grande povo é a sua ingenuidade, a candura com que se mete pelas coisas sérias da vida — ou da morte — com um sorriso candido de menino louro e pouco gasto ainda pelos vicios do mundo. O francês, preocupado com a obcessão fundamental do problema sexual, é capaz de fazer coisas canalhas e picantes. O americano, não. Até nisso ele é ingenuo e pitoresco.

O alemão, o russo, trazem problemas cerebrais para o cinema. O americano faz de dois fantasmas elementos de riso. Agora, por falar em fantasma, lembro-me de repente que os inglêses já tinham realizado antes "O fantasma camarada". Bem se vê que uns descendem dos outros... Só que o inglês é mais grave, seu "humour" é doloroso, suas almas do outro mundo levam mais a sério o seu destino errante e vagabundo. Os fantasmas americanos, porém, são francamente esportivos.

Eu creio que muita gente havia de se arripiar vendo "A duplá do outro mundo", apesar de sua feição hilariante. Mas não creio que as almas do outro mundo tenham ficado zangadas com a falta de respeito. Afinal, o *film* era tão alegre e tão ingenuo ao mesmo tempo, que elas proprias hão de ter sorrido, perdoando a irreverencia...

O movimento intelectual em Minas

OSCAR MENDES

A lenda do mineiro, cuidoso apenas de lavrar a terra, de garimpar, de explorar solo e subsolo, pensando só em riquezas e nos meios de amealhar cada vez mais dinheiro, custa a desaparecer. Para muita gente, o povo das montanhas não tem tempo para cuidar de coisas do espirito. E os intelectuais de cá, preferem os ócios agradaveis da leitura ás exigências da publicidade.

Nada mais falso. O progresso material corre parelho nestas montanhas com o progresso intelectual. Há movimento literário em Minas, tão intenso quanto o de outros Estados e poderiamos mostrar que, muitos dos nomes que brilham atualmente nas letras da Capital Federal, são de legitimos mineiros. Bastaria citar de momento, Murilo Mendes, Afonso Arinos de Melo Franco, Rodrigo de Melo Franco Andrade, Carlos Drumond de Andrade, Abgar Rénault, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso, Gustavo Capanema, Francisco Campos, Anibal Machado, Eurialo Canabrava, Pedro Nava e cremos que Osório Dutra, Renato Travassos, Onestaldo de Pennaforte, Murilo Araújo, Lúcia Miguel Pereira e Henrique Pongetti.

Estes os emigrados. Mas os que ficaram, não são menos operosos e menos brilhantes. O sr. Eduardo Frieiro, em livro recente sobre *Letras Mineiras*, reuniu seus ensaios de critica literaria a respeito de mais de quarenta autores mineiros, bem vivos e prodativos.

O que acontece, é que o mineiro é avesso a certas propagandas espetaculares. Prefere trabalhar com calma e em silencio, saboreando o prazer intelectual de escrever, em vez de embriagar-se com os vinhos da glória jornalistica do momento. Para mostrar, em rapidas linhas, aos leitores do ANUARIO, a atividade intelectual dos mineiros e dos que aqui se aclimataram e hoje estão completamente integrados na vida do grande estado central, passaremos em revista ligeira alguns nomes dos que, no jornal e no livro, exalçam cada dia mais a glória literaria da provincia mineira.

Neste "catálogo", não obedeceremos a nenhum critério de idade, de mais ou menos valor, de "igrejinhas" literarias, de gloria mumificada, etc. etc. Iremos citando nomes, ao correr da memória, (e pedindo logo perdão para as falhas da mesma) nomes dos que estão escrevendo no jornal e no livro, ou em descanso, após uma obra literaria já formada. O leitor terá uma impressão de quantidade. Mas se quiser ter a de qualidade é só ler os autores que a critica imparcial tem consagrado, para verificar que "Minas do lume e do pão" não é só do pão, mas tambem do lume... intelectual.

Comecemos pelo romance. Godofredo Rangel, cuja obra de ficcionista, já não se discute, porque firmada, liberto de suas funções austeras de juiz, está de certo preparando alguma coisa de definitivo, como o seu famoso *Vida Ociosa*. João Lúcio Brandão silenciou depois de uma série de romances de costumes mineiros. O mesmo se póde dizer de Avelino

Fóscolo, com numerosa obra inédita. O sergipano Alberto Deodato, dizem os cronistas literarios abelhudos, está preparando novos romances, após o exito de seu já longinquo *A doce filha do juiz*. João Alphonsus, que obteve o premio Machado de Assis, do romance, tem outro já no prelo da Livraria José Olimpio, com o titulo de *Rola-Moça*. Guilhermino César, o poeta do grupo Verde, de Cataguazes, guardou a lira e preparou um romance *Ouro*, que ainda, desconfiadamente, não quis entregar a editor algum. José Bezerra Gomes, outro nortista aclimatado, deverá estrear breve com um romance de costumes nordestinos. Eduardo Frieiro, o consagrado romancista e ensaista, prepara entre seus artigos de critica literaria e seus ensaios, novas obras de ficção. Floriano de Paula, jornalista, acena com o alarme de um romance *à clef*. Ciro dos Anjos, o mais recente estreante, já tem o seu *Amanuense Belmiro* aplaudido pela critica e na brecha para um possivel premio literario. Artidoro Arco e Flexa, entre suas atividades de industrial e cronista esportivo, tem lazeres para contar as aventuras dum *Garimpeiro do Indaiá*.

No setor poetico, a lira suave e profunda de Emilio Moura continúa a deliciar os seus leitores, com livros de alto valor espiritual e literario, como o seu *Canto da Hora Amarga*. Otávio Dias Leite e Paulo Saraiva são dois novos que prometem. Dantas Mota, fóra da politica militante, é o autor de *Surupango* e de novos poemas de elevado senso espiritual. J. Etienne Filho e Milton Amado, que são tambem cronistas, não se esquecem de pôr em verso sentimentos e sensações. Célio Goiatá e Melo Cançado, dois valôres novos, já seguros de sua arte. Alphonsus de Guimarães Filho não quer desmerecer a tradição de uma familia de grandes poetas. Heli Menegale abandona as lides professorais para descantar coisas suaves e liricas. Djalma Andrade, boemiamente, vai esperdiçando versos de ocasião, mas escrevendo sonetos admiraveis e satirizando os ridiculos da vida com vergastadas humoristicas. Honorio Armond, o principe dos poetas mineiros, eleito em concurso de seus pares, silencia lá nas montanhas da Mantiqueira. Wanderlei Vilela escreve poemas em prosa. E Mario Matos, o ensaista agudo de *O Ultimo Bandeirante*, guarda cioso seus versos antigos e recentes.

O Parnaso feminino se representa tambem nesta enumeração apressada. A voz lirica de Edelweiss Barcelos não se faz mais ouvir. Mas Henriqueta Lisboa, a poetisa laureada pela Academia Brasileira, Carmen Melo e a mais recente estréa, Irene Melo, cantam seus sonhos e sentimentos, com delicadeza e emoção. Não podemos esquecer a poetisa Carminha Gouthier uma grande voz lirica, cuja modestia exagerada faz com que se conserve afastada dos centros literarios e do prelo.

Cronistas como Jair Silva, Moacir Andrade, Narbal Montalvão, Ari Téo, Franklin Sales e Gualter Contijo Maciel conversam diariamente com os leitores e têm seu publico certo. Milton Amado, sob o pseudônimo de Lucilio Mariano, e Aires de Mata Machado Filho, com bom humor e melhor linguagem, deliciam os leitores de jornais e ouvintes de radio. O ultimo é, além do mais, um amavel filólogo, que com o seu *Escrever certo*, tem ensinado mesmo muita gente a escrever com mais higiene vocabular e mais acerto. Claudio Brandão, grande humanista, J. Lourenço de Oliveira, Mario Casasanta, José Quintela e Otaviano Caldas são outros tantos cultores da arte da linguagem. Arduino Bolivar, outro grande humanista, tem inéditas, em admiráveis versos magnificas traduções de autores francêses e principalmente de Virgilio e Horácio.

No jornalismo se salientam, Luiz de Bessa, Newton Prates, Hermenegildo Chaves, Pedro Aguinaldo, Edgar de Godoi da Mata Machado, Lisboa Silveira, Cid Rebelo Horta, Geraldo Mendes Barros e João Camilo.

No terreno puramente cultural e filosófico, contam-se nomes como os de Lúcio dos Santos, Justino Mendes, Francisco Magalhães Gomes, Artur Veloso, João Franzen de Lima e Armando Más Leite, que é também um fino poeta.

O padre Alvaro Negromonte marcou um nome na oratória sacra e nos estudos de pedagogia. Celestino Leal, Cristiano Martins são ledores ferozes e criticos atilados. Orlando M. de Carvalho e João Dornas Filho são pesquisadores de nossa história e dos aspectos administrativos e sociais de nossa vida provinciana. Anibal Matos, Salomão de Vasconcelos e Feu de Carvalho não deixam em paz os arquivos, ressuscitando homens e coisas do passado para ilustração e exemplo nosso. Mario Campos, Albino Esteves, Martins de Oliveira são academicos que nem por isso abandonam as letras. Genésio Murta, além de pintor, é autor de varios contos re-

(Continúa no fim do ANUARIO).

Acompanhamento de Pinheiro Viegas

JORGE AMADO

Primeiro foi a cegueira. Os olhos, aqueles olhos vivos e penetrantes como o stoque da sua bengala, falharam. E Pinheiro Viegas teve que se recolher a um hospital para uma operação que não lhe restituiu a vista. Sentado no leito do hospital, numa sala comum a varios enfermos porque Pinheiro Viegas era completamente pobre, êle se imaginava Dante e oferecia a personalidade de Milton ao vizinho de leito, um cégo melancolico e quase tão velho quanto Viegas. E para espanto do vizinho recitava nas linguas originais trechos da *Divina Comedia* e do *Paraíso Perdido*. Assim o vi uma vez, mas então a esperança de recuperar a vista não o havia abandonado ainda. E, contente da minha presença, improvisou epigramas, mordentes e brilhantes. Apesar de que êle procurara se mostrar alegre, com as habituais perversidades sobre os grandes homens do Brasil, eu saí triste, porque bem sabia da alegria que ia lá fora, nas ruas da Baía, no coração de muitos homens que odiavam Viegas pelo unico motivo de que êle tinha talento e aborrecia acima de tudo o mediocre.

Continuou cégo e logo depois, já na pequena casa de madeira do filho pobre, amputou uma perna. Agora que a noticia da sua morte cai sobre mim como uma noite sem lua de fazenda, volta-me á memoria a ultima vez que o vi. Creio que estavam comigo Alves Ribeiro (a maior dedicação que o mestre possuiu) e o romancista João Cordeiro. De um quarto êle veiu amparado por muletas e pelo braço de uma neta mocinha. Me conheceu pela voz e quando me abraçou com os braços tremulos e esqueleticos, chorava. Não sei de momento de angustia maior para mim do que aquele em que vi Pinheiro Viegas, o terror de todos os analfabetos escritores da Baía, cégo e mutilado, chorando de um triste fim de vida. E foi com uma voz apressada que me pediu noticias do movimento literario do Rio de Janeiro, dos meus livros, dos amigos que na capital da Republica ainda se lembravam dele, Viegas, o grande boêmio e o grande poeta de 1910. Voltou-lhe um pouco a alegria e ainda teve forças para improvisar epigramas, para fazer frases de espirito, para estraçalhar aquele imenso talento que foi sempre a sua unica riqueza. Saí pelo fim da tarde e pela primeira vez, deante da beleza sem par do crepusculo da cidade negra da Baía, eu não senti o perfeito amor que sinto pela minha cidade. Senti pela primeira vez magua da Baia porque acabara de ver o seu maior filho vivo agonisando numa casa pobre de madeira, num suburbio, sem que em toda aquela cidade que foi um dos amores da sua vida, houvesse um movimento siquer de simpatia pelo grande homem que se acabava.

Não sei porque nessa hora densa de angustia para mim, nesses dias que se seguem á sua morte e nos quais eu ainda me sinto desamparado, não o posso recordar nos seus momentos de grande brilho, quando de monoculo, vestido de preto, a roupa lismpissima, a bengala com stoque na mão, o perfil de aristocrata espanhol, o queixo largo e os olhos brilhantes esbanjava seu talento nos cafés da Baía, cercado daqueles amigos que foram a unica consolação da sua vida. Quando acerca de Jonatas Milhomens, um rapazinho que tinha o defeito de escrever artigos, murmurava num sorriso: — Mil homens, meu Deus, que pena, e todos analfabetos...

Não o posso recordar assim, numa mesa de café, fazendo espirito, improvisando epigramas, enterrando com uma frase um dos "grandes homens" do Brasil. Talvez porque se o recordasse assim recordaria apenas uma faceta, a mais popular sem duvida, de Pinheiro Viegas. Que êle foi o maior epigramista da Baía, não o sucessor de Gregorio de Matos, mas o homem de que Gregorio foi o precursor, não resta nenhuma duvida a ninguem. Mas um Pinheiro Viegas desconhecido, alguem que se escondia sob uma mascara de absoluto ceticismo, sob aquela frase

que êle dizia ser a sua filosofia: "que importa?"

Outro Pinheiro Viegas... Aquele que antes de tudo acreditava na vinda do "dia da inteligencia". Crença que foi a sua unica razão de vida, crença que o fez burilar alguns dos mais belos sonetos que já se escreveram em lingua portuguêsa e que afinal o atirou numa guerra santa contra tudo que era mediocre e todos que eram medalhões. D. Quixote lutando contra algo mais forte que moinhos de vento. Lutando contra asnos com ferraduras de ouro. E contra os coices destes asnos Pinheiro Viegas tinha apenas o estilete de um sorriso, de um epigrama mordaz, de uma frase de puro espirito. Na familia intelectual brasileira (essa familia onde os filhos inteligentes são tão raros, uma familia que se tornou celebre exatamente pela burrice) êle foi o ultimo aristocrata, mas aristocrata no que esta palavra tem de melhor. Não chegou a amar a vida, pela qual tinha a indiferença das grandes raças, mas amou como ninguem no Brasil a inteligencia e a obra que sobre a imbecilidade dos homens a inteligencia tem construido. Nunca o senti brasileiro, porque sempre o senti maior que esta humanidade intelectual do Brasil, pequenina humanidade que até agora tem se contentado não em crear beleza, mas em crear frases com que mendigar moedas.

Neste momento, em que de mistura com a dor que me traz a sua morte procuro evocá-lo neste artigo, si a sua imagem me aparece perfeita os seus momentos se misturam deante de mim e eu sinto-me incapaz de dar qualquer especie de ordem a este artigo.

Agora mesmo o vejo naquela tarde chuvisquenta, quando reuniu no seu quarto (ainda não estava cégo) os seus raros amigos e com êles dividiu a sua estante de livros. Eram 90 livros apenas, encadernações ricas, livros raros, noventa volumes onde estava tudo que mais belo e util a humanidade produziu. Se separava de cada um destes livros como um pai se separa de um filho. Cada um tinha a sua história. Aquele Molière fôra adquirido em logar de um capote necessario para um inverno frio. "Carola Maluca" lembrava-lhe todo um decenio de intimidade com Coelho Cavalcanti, o ironista que se encontra hoje num hospicio. Outro lhe recordava um comentario de Grieco, esse Agripino que foi durante toda a vida uma das mais comovidas ternuras de Pinheiro Viegas.

E quando saimos com os livros Viegas nos olhava da porta e creio que foi naquele dia e não nesta tarde de novembro de 1937 que êle se despediu da vida. Mas ainda assim fiel aos seus principios de amizade (saber ser amigo e saber ser inimigo, eis a maior necessidade do homem, dizia sempre) queria que aqueles livros caissem em boas mãos, nas daqueles poucos amigos que saberiam aprender nêles.

Eramos um grupo de homens que se reuniram em torno de uma mesa de café para ouvir fascinados a palavra de Pinheiro Viegas. Procurei dar idéia disso num dos meus romances da Baía, "O País do Carnaval", mas um romancista não póde retratar, em verdade, Pinheiro Viegas porque êle estava acima da vida de todos os dias e porque a amizade que ligava aqueles homens era uma coisa que no ambiente intelectual do Brasil soaria falso. No meio de intriguinhas e nojeiras havia um grupo de homens que realmente se amavam e que ouviam comovidos um mestre, talvez o ultimo mestre que restasse no Brasil, falar com uma voz pausada e um sorriso de cetico. Muito aprendemos com êle. Hoje esses homens têm conservado com um dom precioso essa amizade que os ligou, e no momento em que escrevo meia duzia de escritores se encontram no Brasil sem o seu amparo intelectual, cheios de amargura porque perderam seu mestre. Eu sou um dêles. Com a morte de Pinheiro Viegas sinto que a vida intelectual do Brasil perdeu muito da sua beleza. Não perdeu apenas o maior panfletario que o país já produziu, não apenas um dos grandes poetas da lingua portuguêsa. Muito mais, perdeu o ultimo homem que, no meio intelectual tinha certa noção das belas atitudes, de honra, de amizade e de inimizade, da diferença que ía da inteligencia para a mediocridade. Desaparecida a sua figura de gigante eu vejo tudo menor no meio intelectual brasileiro. Da sua confiança na vinda do "dia da inteligencia" nos vinha, a todos nós seus amigos, uma certa ternura pela obra intelectual que se realizava no Brasil. Talvez que, com a ajuda mesmo da sua memoria, possamos, depois de refeitos do golpe da sua morte, voltar a acreditar na inteligencia do Brasil.

Baiano, êle era descendente direto de Castro Alves pela inteligencia. Foi, em verdade, o unico parente do poeta genial. Da familia intelectual de Castro Alves, acaba de falecer o unico descendente: Pinheiro Viegas.

JÉAN DE LERY e o Brasil do Seculo XVI

Por ALMIR DE ANDRADE

Na literatura social dos aventureiros do seculo XVI, a obra de Jéan de Lery — *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil* (1578) — ocupa uma posição proeminente. Encontra-se nela a mesma honestidade de narração que nos oferece a Segunda Parte do livro de Hans Staden; mas sobre este leva numerosissimas vantagens, não só pela maior finura dos traços descritivos, como pela propria argucia do observador — que fazem da *Histoire* de Lery um dos documentos mais valiosos da nossa sociografia quinhentista, ao lado de Gabriel Soares, e de Fernão Cardim. Maior do que o proprio Fernão Cardim, porque o viajante francês é um interprete seguro do sentido dos acontecimentos que presencia — qualidade que faltava ao jesuita e que só encontra rival de maior estatura, no seculo XVI, em Gabriel Soares de Sousa.

De vez em quando perpassam, pela linguagem de Lery, certos laivos da sua paixão religiosa e das rivalidades do seu tempo, que lhe perturbam um pouco a serenidade do juizo. Contra Villegaignon é sempre pródigo em censuras carregadas de adjetivos. Com o selvagem mesmo, não esconde, uma vez ou outra, o seu sentimento de superioridade orgulhosa. Não obstante, esse tom é raro nas suas narrações. Não chega a prejudicar o espirito, nem a estrutura da obra. O conjunto conserva o mesmo valor de objetividade. E' um retrato social dos mais felizes, dos mais despidos de preconceitos e de exageros, que conhecemos sobre o Brasil colonial.

A caraterização dos selvagens, no capitulo VIII, é de uma precisão, de uma segurança e de uma fidelidade admiraveis. Não lhe escapam os menores detalhes de interesse: a fisionomia, as linhas do corpo, os enfeites e adereços, os habitos, os instrumentos, as dansas, as vestimentas, os pêlos dos homens e das mulheres, as tintas qué usam, o aspecto e o tratamento das crianças. O retrato é quase completo: a impressão que nos dá é de uma clareza confortadora. E ao lado disso, comentarios, reflexões serenas, imparciais, muitas vezes de aguda penetração psicológica.

No capitulo IX trata das raizes de mandioca, de aipim e de milho e entra em pormenores interessantissimos sobre a culinaria indigena: a fabricação de farinhas e a técnica do seu preparo, os mingáus, o *pão* dos indios, as bebidas, o *cauim;* não esquece de descrever as refeições indigenas e a maneira como se portam durante elas. Tudo com abundancia de informações e com apreensão segura dos mais insignificantes processos da técnica amerindia.

Na descrição da flora e da fauna brasileira (capitulo X a XIII), demora-se nas mesmas minudências, sem perder nenhum detalhe interessante. Todos os animais, todos os peixes e todos os vegetais que póde ver aparecem ali descritos, caraterizados não só pela sua

forma exterior como pelos seus habitos e utilidades. E a proposito de cada um cita o nome indigena por que é conhecido na terra, faz confrontos instrutivos e esclarecimentos oportunos.

Em não poucas passagens, Lery se refere ás obras de Thevet com desprêzo e hostilidade. Refuta-lhe sempre que pode, as mentiras e as afirmações pouco escrupulosas.

Na descrição das guerras, combates e bravura dos indios (capitulo XIV), Lery se revela o mesmo observador fino e lúcido de sempre. Menciona todos os instrumentos de guerra, sua forma, maneira de manejá-los, as vestimentas dos guerreiros, e até a técnica indigena da arte da guerra merece atenção especial.

O mesmo diremos do capitulo XV, onde estuda a condição dos prisioneiros. E' o que de melhor encontramos sôbre o assunto, em toda a literatura social do seculo XVI, apesar de ser um tema tratado por muitos outros. E' uma descrição viva, dinamica, que nos arrasta para o ambiente e nos faz compreender o verdadeiro sentido que os indigenas do Brasil emprestavam ao ato da vitória e da vingança sobre os prisioneiros vencidos.

Sobre a religião dos selvicolas (capitulo XVI), deixou-nos Lery páginas interessantissimas, que se assemelham as melhores de Gabriel Soares. Páginas ilustradas com pequenas exclamações e diálogos colhidos entre os selvagens, que nos dão uma idéia clarissima das raizes psicológicas das suas crenças e superstições.

Os capitulos XVII, XVIII e XIX rematam com a mesma felicidade as observações do viajante francês. Sobre os casamentos e as mulheres dos indios, tece reflexões ponderadas, ás vezes até mais favoraveis aos costumes dos selvícolas do que aos costumes europeus. Mais de una vez realça as qualidades das mulheres indigenas, em confronto com as européias. Tudo se lhe afigura natural; nada o escandaliza, nem lhe tolhe a objetividade dos conceitos. Sobre o tratamento das crianças, faz observações que deveriam ter indignado as belas damas francesas do seu tempo. Sobre a hospitalidade dos indigenas, suas leis e policia, dá-nos um testamento ilustrado com não pequenas observações psicológicas de valor. Finalmente, o capitulo que considera o tratamento dos doentes, a morte e os funerais, além de varios informes de importancia, traz ainda um coloquio entre um francês recem-chegado e um indio Tupinambá, redigido simultaneamente em francês e em lingua tupi, que, a despeito das inumeras incorreções que contêm, é um documento interessantissimo, não apenas sob o ponto de vista linguistico, mas sobretudo sob o ponto de vista da psicologia social.

Em suma, a obra de Jean de Lery é um documentario que nenhum estudioso da sociologia brasileira póde desconhecer, tal a honestidade, a abundancia e a firmeza dos traços com que esboçou o retrato social do Brasil quinhentista. Recomenda-se especialmente pelo espirito superior do aventureiro francês, que é de uma lucidez, de uma objetividade e de uma imparcialidade de conceitos que nem mesmo os seus momentos de exaltação religiosa e politica conseguem obscurecer.

Notas sobre Joaquim Nabuco

JAIME DE BARROS

Em uma dessas noites de chuva, comecei a folhear "Minha Formação", de Joaquim Nabuco, e encontrei, á margem do volume já velho, algumas anotações antigas, feitas por ocasião da primeira leitura, que de novo me interessaram.

Não creio que o retrato verdadeiro, energico e sóbrio, sem enfeites e sem artificios, do grande escritor e diplomata tenha sido até hoje fixado na sûa luz propria. "Minha Formação" oferece ambiente sugestivo para essa recomposição necessaria, que exigiria muito espaço e tempo. Mas é tanta a sedução da figura de Joaquim Nabuco, que ninguem conseguiu ainda aproximar-se dêle sem sucumbir aos seus encantos. Daí os exageros dos retratos retocados, em que a beleza fisica quase domina o esplendor da inteligencia.

Homem realmente superior, pelo fisico, pelo espirito, pela cultura, excedeu-se um pouco, de maneira evidente, na vaidade, no narcisismo com que posou para a imortalidade. A maior prova disso é a constante preocupação com sua pessoa. O preconceito de familia, o orgulho de casta, o fundo aristocratico de sua formação, prejudicam-lhe a completa integração no meio brasileiro, deixando-nos a impressão de um fidalgo de talento que se fez admirar de longe pelo povo.

Nabuco não poderia viver satisfeito sem a moldura da côrte. A quéda da monarquia foi para êle um sofrimento constante, descoberto cada vez que justifica a campanha da abolição e procura mostrar que seria peor a libertação dos escravos simultaneamente com a proclamação da Republica.

Desagradou-lhe o primeiro contacto com a democracia norte-americana, a cujo espirito opôs o liberalismo da monarquia britanica. A respeito dos Estados Unidos, chegou a escrever no seu "Diario": "Não se póde dizer deste país que tenha ideal". Mais tarde, corrigiu o conceito precipitado e injusto, dizendo que era uma nação "cujo ideal se está formando".

Para êle, a monarquia constitucional era o melhor sistema de governo, concluindo pela superioridade do regime imperial inglês sobre a democracia norte-americana. E' muito conhecida a imagem celebre que empregou para justificar essa conclusão: "Comparados os dois governos, o norte-americano ficou-me parecendo um relogio que marca as horas da opinião, o inglês um relogio que marca os segundos".

Apenas conseguiu ver, empolgado sempre pela pompa espetacular dos tronos, a civilização material dos Estados Unidos: "Em certo sentido, pode-se dizer dêle que é uma torre de Babel bem sucedida".

A mulher o interessa por ser, ali, o "ente mais aristocratico do mundo". Descobre nas tendencias das milionarias americanas, descendentes dos Astors, dos Vanderbilts, dos Adams, dos Hamiltons, dos Jays, para se casarem com condes e duques, não uma futilidade excentrica de moças ricas que preferem esses nobres como gostam de cães de raça, mas "a idéia de que só excepcionalmente o americano chegaria a afinar-se com a sociedade inglêsa, francêsa ou romana, como ela, americana, se afina". E acrescenta: "E' principalmente o tipo aristocratico de homem que exerce sobre ela essa fascinação desoladora para os seus compatriotas".

Por fim, esta conclusão desconcertante, ainda sobre os Estados Unidos: "Se êle desaparecesse de repente, não se póde dizer o que a humanidade perderia de essencial, que raio se apagaria do espirito humano: não é ainda como se tivesse desaparecido a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Italia, a Espanha".

Tenho a impressão de que Joaquim Nabuco, até certa época de sua vida, via tudo com olhos de monarquista intransigente. E' verdade que essas opiniões são de 1893 a 1899, embora resultantes de observações fei-

tas em 1876-1877, estando datada de 1900 a primeira edição de "Minha Formação".

Mais tarde, embaixador em Washington, suas impressões dos Estados Unidos foram bem diversas. Tornou-se entusiasta da Nação americana, mas nunca se preocupou em refundir as paginas de "Minha Formação". No discurso pronunciado por ocasião do lançamento da pedra fundamental do edificio da União Pan-Americana, construido com uma doação de Carnegie, dizia: "De fato, parece que um decreto da Providencia fez a costa ocidental do Atlantico surgir no êntardecer da História, como a terra eleita para uma grande renovação da humanidade. Desde os primeiros dias da sua colonização despertou, nos corações de todos os seus filhos, o sentimento de que este é na verdade um Novo Mundo. E este é o sentimento que neste dia auspicioso nos une a todos. Sentimos tambem que todos somos filhos de Washington".

O preconceito monarquico de Nabuco e o ambiente que encontrou nos Estados Unidos de 1876, tão parecido com o do Brasil de há pouco, levaram-no áqueles exageros. No combate politico entre Tilden e Hayes, naquela época os democratas venceram, mas as Juntas apuradoras republicanas manipularam as atas e deram maioria ao eleitorado do seu partido. Estabelecida a luta, ficou-se na iminencia de ter dois presidentes. Nomeada, afinal, uma comissão de membros das duas casas do Congresso e do Supremo Tribunal, venceu Hayes, por um voto, conhecendo-se com antecedencia o voto dos magistrados, que foram rigorosamente partidarios. Verificou-se, então, que de tres em tres anos, a vida do país sofria um ano de interrupção, para eleger o presidente, "como se tudo perigasse e anarquia ou a guerra civil, talvez a separação, pudesse seguir-se a uma eleição duvidosa".

Não era assim o Brasil de ontem?

Hayes ficou devendo sua eleição, por um voto apenas, aos fabricadores de atas falsas e juizes prevaricadores da Côrte Suprema.

Nabuco já consigna, em "Minha Formação", a frase de um orador de "meeting" — "Every man a King" — "Every woman a Queen" — ha muito corrente nos Estados Unidos e que mais tarde o celebre senador Long, há pouco assassinado, adotou como lema politico.

Observação justa, ainda agora, é a de que os presidentes são populares nos Estados Unidos porque "não fazem sombra ao país, não pesam sobre a Nação".

Outro aspecto que não me encanta na personalidade de Joaquim Nabuco, além de sua obcessão pela monarquia, do seu deslumbramento pelas côrtes, da preocupação comsigo proprio, é a vaidade com que se insinúa para o primeiro plano, na campanha da abolição, receando a competição de Patrocinio, na disputa do logar: "Reconheço que a minha inscrição vem na ordem do tempo depois da de Jeronimo Sodré... As outras, porém, vieram depois da minha..."

E isto sempre com reticencias. Ora, a ordem de inscrição não valeu muito na campanha, como êle mesmo reconhece. Nabuco fez muito mais do que Jeronimo Sodré pela libertação dos escravos. Aquele teve apenas a vantagem de ser o primeiro deputado a agitar a questão na Camara. Só isso. Depois, apagou-se. No entanto, Nabuco o coloca sempre á sua frente, para assegurar o segundo logar. Na audiencia que obteve de Leão XIII, insiste em falar na precedencia de Jeronimo Sodré, mas não se lembra de Patrocinio. E' certo que reconhece, por fim, que êle "é o "fatum" "é o irresistivel do movimento" uma "mistura de Spartaco e de Camile Desmoulins", mas só descreve com minucia sua ação pessoal. Convenceu-se de que foi êle que deixou Leão XIII "possuido, dominado, inflamado de fervor anti-escravista", quando chegou a Roma o Cardeal Lavigerie, para ser investido da cruzada africana, o que aliás é possivel. Nabuco receia que tais fatos não sejam notados e os regista ou os insinúa para sua biografia. A vaidade de escritor tambem não era pequena. Assinala, com indissimulada ironia, que chamar Rui Barbosa de artista é o mesmo que considerar Krupp, o famoso fabricante de canhões, digno desse qualificativo.

Temia, como se vê, na vida publica, a sombra dos grandes homens: Patrocinio, Rui. Nunca deveria, entretanto, temê-los na literatura. Foi, sem duvida, um dos maiores escritores da lingua quem escreveu, em "Minha Formação", entre tantas coisas belas e eternas de evocação da infancia, estes periodos: "Os filhos de pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar da areia das praias e ouvirão o ruido da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espêssa camada de canas caidas da moenda e escuto o rangido longinquo dos grandes carros de bois".

Dois romancistas

NELIO REIS

Num estudo sobre Lemaitre, René Dumic dizia que êle, como critico, só falava dos escritores que amava.

E' este o meu caso deante de Jorge Amado e Amando Fontes. Quero me ocupar de "Capitães da Areia" e "Rua do Siriri", não como critico, pois ainda me lembro da sábia advertencia de Duclos a um jovem:

— "Surtout, ne faites pas de critique. Cela est ravalant".

* * *

Antes de principiar a leitura de "Rua do Siriri" confesso que temi na minha admiração por Amando Fontes. Receiei que êle fizesse um romance inferior a "Os Corumbas", tão cheio de realidade e de intensidade. Depois, á medida que percorria as novas páginas, fui sentindo o receio desaparecer para dar lugar a uma confiança absoluta. O romancista é o mesmo. O estilo conserva a mesma força, o mesmo vigor e a mesma harmonia de quem sente o que escreve. E, ainda por cima, aparece-me um Amando Fontes fazendo os seus personagens falarem o tempo todo, transformando o seu livro num grande dialogo da propria vida da "Rua do Siriri" com a gente de outras partes.

"Rua do Siriri" é um romance profundamente humano. E humano neste sentido em que o romance copia a vida, em que o romancista banca o historiador. Amando Fontes foi o retratista fiel daquela página da história de Sergipe, que a mão do tempo apagou. Hoje o antigo lugar escuso apresenta um aspecto bem diferente das velhas casas trepadas no ombro sujo da rua.

Eu tomo aqui a mesma pôse academica que me arvorei, ainda garoto, a fazer critica literaria, para relembrar uma baita citação de Ferdinand Brunetiere a proposito de Balzac. Diz êle que é preciso que no romance se passe "alguma coisa", e que dessa coisa dependa um ou mais destinos. E a arte do romancista está em fazer que o leitor se interesse por essa coisa. E' justamente esse interesse do leitor pela vida dos seus personagens que coloca Amando Fontes entre os romancistas mais lidos do Brasil. Quem não pulsou no "Os Corumbas" pela vida daquela gente, pelo destino daquele povo? Até hoje eu tenho um chamêgo louco por Caçulinha. Torcí para não a ver entrar agora, decaída, em casa da Mariana, na "Rua do Siriri", para cumprir o mesmo destino triste das outras.

O destino dessas mulheres, que Amando Fontes vai tecendo cheio de vibração, empolga os nossos sentidos. Nos dias tristes de chuva, nos periodos da revolução, na carestia amarga dos negocios improdutivos, a gente chega a desejar que a chuva passe logo, que venha a paz, que o algodão suba, para que na Rua do Siriri, Esmeralda, Tita, Mariana, Djanira e as outras não continuem a sofrer.

Eu compreendo bem aquela Tita que vivia sempre com o coração cheio. Que lhe importava que depois lhe dessem o desprezo? Ela sentia necessidade de amar. Amar os estudantes pobres, amar os malandros que lhe batiam. As outras não compreendiam como ela podia gostar daqueles homens que a faziam sofrer, atrapalhavam a sua vida e lhe batiam o corpo. Tita é como que uma tradução brasileira daquela Rosa Cautier que, segundo Saint Beuve narra, quando interrogada se era verdade que dantes apanhava do seu amante, o poeta Florian, respondia orgulhosa:

— "C'est, voyez-vous, mes enfants, que celui lá ne payait pas":

Enfim, posso resumir tudo que sentí na leitura do livro de Amando Fontes, dizendo que "Rua do Siriri" dá a impressão de uma história da vida contada por ela mesma.

* * *

"Capitães da Areia..." romance que deslumbra e empolga. A gente vai lendo e vai sentindo uma vontade imensa de ser tambem menino, de viver em aventuras junto de Pedro Bala, de discutir com Sem Pernas, de vêr os retratos gostosos do Professor.

Capitães de Areia é toda a Baía. Não a Baía convencional, falsa, com arreganhos de poesia barata. Não. E' a Baía nos seus misterios, a que Jorge Amado soube compreender e dar vida através os seus romances de tutano.

E' que Jorge Amado não fez obra de ouvir dizer. Êle foi lá dentro fazer o que chama "recolher material". Em um estudo sobre Balzac, Remy de Gourmont lastima que o grande romancista preferisse imaginar um drama a realmente tê-lo vivido. Jorge não: quase que podemos dizer que êle foi um dos capitães da areia. Nasceu ali, cresceu ali no convivio permanente com o povo, com a alma da gente da Baía. E seus romances são sinceros, sinceros neste sentido grandioso das coisas que vêm do coração para o pensamento.

Remy de Gourmont botou citação de que todo romance deve ser um poema. O romance que não é um poema não existe, no dizer do mestre de França. Se assim é, proclamo Jorge Amado o maior romancista do Brasil no sentido gourmonteano. Porque "Capitães da Areia" é o poema em prosa das crianças da Baía, como "Jubiabá" já fôra o da gente negra e "Mar Morto" o dos mestres de seus saveiros e donos do seu mar.

Jorge Amado desta vez meteu os peitos para frente e nos veiu cantar o *A B C* desses pequenos herois que dormem nos velhos trapiches abandonados, que fazem o amor na areia branca das praias nas noites misteriosas e romanticas da Baía.

A poesia vem vindo, vem vindo até dominar o livro todo com a entrada de Dora, mãe e irmã daqueles meninos de porête, noiva e esposa de Pedro Bala, o mais cutuba de todos, o chefe dos capitães da Areia.

* * *

Jorge Amado conta que lá na sua terra cada vez que morre um valente nasce uma estrela no céu.

Dora foi valente, mais valente que Rosa Palmeirão, tão valente como um verdadeiro capitão da areia. Por isto Pedro Bala, quando ela morreu, julgou ver no céu como que uma estrela de longa cabeleira loira.

Agora, quase sem querer, eu tambem dei para olhar o céu e ficar pensando qual daquelas estrelas será a noiva de Pedro Bala, brilhando lá no céu da Baía.

Roteiro da poesia

MELO NÓBREGA

A literatura caminha à frente da história, como um batedor. A poesia, principalmente, assume, quase sempre, ares profetais. Os grandes acontecimentos humanos são anunciados por estrofes. E a memoria de algumas nações guarda, no hinario patriótico, êsses arroubos de videncia realizada. Victor Hugo e Baudelaire exaltaram essa função divinatoria da poesia. Os proprios vocábulos "poeta" e "vate" acusam étimos em que lateja êsse conceito. Ambos documentam os tempos remotos em que os versos constituiam a linguagem hermética de sacerdotes e pitonisas. Todos os grandes acontecimentos sociais foram adivinhados ou pressentidos pelos poetas. E as supremas verdades estão na Biblia que, com ser o livro dos livros, é tambem o poêma dos poêmas.

Não se trata, por certo, do mesmo dom sobrenatural que erguia ante os profetas o velario dos tempos futuros, permitindo-lhes antevisões e antecipações. O que há, em verdade, não será mais que uma receptividade muito aguda, capaz de registar os alarmes em que se agitam as massas, ainda despercebidas dos rumos em que se precipitam. Espécie de sismógrafo emotivo que estremece ás trepidações humanas. A psicologia da inspiração documenta, nos temperamentos hipersensiveis, essa capacidade de captar, com nitidez, as vibrações coletivas. E se não mora um vidente em cada poeta, como pretendia a mística baudelairiana, em cada poeta existe realmente o privilegio da acuidade perceptiva. Daí o avanço que demonstra sobre a mentalidade geral, confusa e indefinida, no entrechoque dos interesses e preocupações individuais, cujo sincronismo só aparece sob os efeitos de uma grande força orientadora. E essa força, muitas vezes, é a propria voz do poeta. A ação reflexa dispara as energias latentes, passando o inspirado a inspirador. A inconciencia das multidões não póde explicar o fenômeno. Seria impossivel convencer o povo de que a voz de comando partira dêle proprio, através de uma sensibilidade mais apurada. E o poeta será, dentro daquele periodo histórico, o vidente, o heroi, o guia.

A função social da arte, defendida por Guyau à força de argumentos morais, nós a encontramos na propria origem psicológica do fato estético.

Ha sempre identidade entre a produção artistica de uma época e as suas realizações politico-sociais. Nos periodos de transição é a arte que se adeanta. Os primeiros combates, na conquista de idéias novas, são sempre travados a golpes de pena, de pincel e de escópro. Virá depois a batalha cientifica e filosófica. Só muito mais tarde soarão os canhões e relampejarão as baionetas.

A fermentação da megalomania germânica, rebentada no culto do superhomem nietszcheano, é exemplo vivo e recente dessa verdade. E a xenofobia do grupo naturista

viria concretizar-se no racismo alemão de nossos dias.

A parte viva de todas as literaturas é sempre a que fala mais de perto ás lutas sociais. A arte por excelencia é a que alcança maior projeção. O panteismo clássico, povoado de deuses; o ensimesmamento romântico, alheio ás realidades humanas; a impassibilidade parnasiana, a fabricar sonetos sem alma, como "robbots"; o desvario simbolista, introvertido e penumbroso; a inquietação contemporânea, em que os poetas se desorientam á procura da poesia; nenhuma das classificações didáticas, inexpressivas e cômodas, em que se desvela a crítica oficial, considera o sôpro humano que, no decurso de todos êsses movimentos, vem agitando o verso, á vanguarda ou aos flancos das questões sociais. O que merece estudo não é o alvorôço periférico e episódico. A análise não se deve ater a esses aspectos secundarios da arte. Uma penetração mais funda revelará que, sob essa variedade aparente, a poesia assentou sempre em bases comuns, no mesmo terreno de inquietação interior.

Mas a critica é, apenas, a metodização das exterioridades. A arrumação das correntes literarias é feita mais pelos autores que pelas obras. A essencia das artes ficou sempre á margem do esquêma tradicional de classificação. Deixou-se de lado o elemento capaz de dar, através da arte, a mais segura biografia da humanidade, êste anseio que vem agitando as gerações, de encontrar soluções para grandes e eternos problemas. Que a poesia e a religião caminhem lado a lado. Se já não se confundem, como outróra, no louvor da divindade, meramente contemplativas, continuam a procurar o rumo de revelações perdidas. A fé e a emoção são as unicas portas abertas a essa reconquista. O sacerdote préga e o poeta sente. E entre dogmas e sentimentos está a humanidade inteira, á procura de uma conciliação. A ciencia apenas verifica e confirma verdades entrevistas pela crença e pela imaginação...

E' natural que a religião, certa de possuir o conhecimento das verdades iniciais, procure incutí-lo impositivamente, evocando castigos aos incrédulos. A poesia, marchando em sentido contrario, não se investe de autoridade. Procura falar ao sentimento e não ao entendimento. Como conseguí-lo, senão apelando para o que os homens tenham de comum. Tire-se a qualquer feito humano o interesse coletivo. Suponha-se um livro escrito apenas para satisfação e alegria do autor. Isole-se um homem das solicitações de seus semelhantes. Teremos uma obra inutil e um animal desinteressante. A primeira não terá existencia e o segundo passará a ser estudado na zoologia.

Na mais intima das volições temos em mente, embora não o percebamos, o desejo e a necessidade de comungar com outrem. A arte nasceu dessa fatalidade psicológica.

A critica, entretanto, solenemente fútil, continúa a rotular escolas ao sabor de exterioridades, a desarticular os elementos vivos da arte, em homenagem ao mórfos. Vasto laboratorio em que se conservam pedaços de literatura. Não lhe importa que se tenham esvaído, na vivisecção, o sôpro de vida que animava essas formas mutiladas: a harmonia dos corpos, a graça dos movimentos, o equilibrio das funções. A' mentalidade de museu não interessa a vida. Empolga-a o sadismo das dissecções. Encoraja-a o desejo de apresentar, a qualquer academia, maçuda memoria sôbre anatomia comparada. Sua coleção de bófes, colhida em milhares de animais-tipos, já lhe vale diplomas universitarios e grã-cruzes internacionais...

Tenhamos dó dêsses necrófilos que não podem vêr uma linda mulher sem pensar numa prancha de osteologia!

A vida das artes é a fôrça humana que se agita. A vitalidade expressiva das criações humanas só póde ser avaliada pela intensidade social que as tumultúa. E êsse elemento essencial, entretanto, é pôsto á margem das classificações literarias. O que lhes importa são as partes mortas do verso e do romance: rimas, ritmo, trópos, linguagem — toda a química culinaria do estilo. Ou o grau de relação aparente entre autor e obra, não como itinerario de investigação interpretativa, mas apenas para efeitos de rótulo. O alcance humano, a extensão compreensiva do poêma ou da novela, raramente interessa ao fichario. Daí o êrro da historia literaria, que óra se faz resenha bibliográfica, óra galeria de herois, óra mostruario de taxidermista. Está por escrever a biografia da literatura, relato fiel da agitação que origina e regista todos os progressos e todas as ideologias. Os compendios de sociologia andam

(Continúa no fim do ANUARIO)

Meditações Anticartesianas

PONTES DE MIRANDA

A certeza cartesiana do "eu sou" sòmente afirma um têrmo da relação gnoseológica, porque, se concluo que existo, não o concluo em virtude de um conhecimento de mim, pois, se eu-mesmo fôsse objecto do meu pensamento, (e uma vez que Descartes admitiu a falsidade de todo o "pensado"), eu estaria compreendido no rol das coisas falsas. Pronuncia-se Descartes sôbre a relação gnoseológica por um meio que não é o de um pensamento claro e directo: existo, porque penso, se bem que pense coisas falsas. Estaria assim provada a apreensão do que se pensa, e não a existência do *eu*, e de nenhum modo a existência do não-eu. A certeza de que sou nada mais é que um estado de consciência de que penso, um *ver-me pensando*, necessàriamente posterior à relação gnoseológica. A luz em que me banho seria a luz de uma câmara fechada que o solipsismo me construiu.

Rigorosamente, a hipótese de que sejam falsas as coisas que pensei implica a de que possa eu estar em êrro quanto a eu-mesmo estar pensando, ou quanto a tê-las pensado, o que manifesta, — no terreno gnoseológico (inconfundível com o terreno metodológico), — a incindibilidade da dúvida geral, que é, por seu carácter, impartível.

Descartes mesmo sentirá o particularismo da sua filosofia gnoseológica e, na Meditação segunda, procurará completar a afirmação do sujeito com uma afirmação do objecto. Recorre, então, ao exemplo da cera. O pedaço de cera fresca, que viu, ainda com a doçura do mel, com o odor das flôres, adelgaçável, fria, vai ser pôsto ao fogo e perderá o sabor, o cheiro, a côr e a figura que tinha; mas é o *mesmo* pedaço de cera. Aí, o filósofo se dá conta de que já é o entendimento, o espírito, que inspecciona, e a afirmação do objecto está longe de ser uma afirmação de ponto de partida na Teoria do conhecimento, porque a primeira relação cognoscitiva nenhuma afirmação continha de identidade; contém-na a outra, que não é a primeira. Procede-se a uma antropomorfização escusada sempre que se faz só *humano* o conhecer; ainda mais grave é a atitude cartesiana, que o faz um reflexo da certeza sôbre o *ego*. O método vale, mas a Metodologia é um *posterius* em relação à Gnoseologia. O proprio Descartes é obrigado a considerar a primeira relação, susceptível de ser entre a cera e qualquer animal, se não queremos ir mais longe. O mais característico raciocínio do filósofo aparece quando êle de-novo suscita a hipótese da ilusão: "...il se peut faire que ce que je vois ne soit pas en effet de la cire; il se peut faire aussi que je n'aie pas même des yeux pour voir aucune chose; mais il ne se peut faire que, lorsque je vois, moi qui pense, ne sois quelque chose". Daí tira que nada é mais fàcilmente conhecível que o espírito mesmo. Supondo a falsidade do pensado e mantendo imune à dúvida (aliás, por definição, *geral*, o que leva à contradição) o acto mesmo de pensar, o sujeito despe-se de oposição e tem-se como necessàriamente existente. Dir-se-á que se procedeu a uma desprefixação do sujeito e a uma eliminação hipotética

dos objectos. Seria figurável a metafísica cartesiana mediante o seguinte esquema:

(objecto) —
(objecto) — (su)jeito
(objecto) —
.... —

Mas, ¿que teria Descartes logrado com isso, senão apanhar o universal do "sujeito"? Tal universal, conseguido após uma hipótese, pela qual se puseram entre parênteses todos os objectos, não poderia servir de ponto de partida para a Gnoseologia, por isso mesmo que entre o facto de conhecer e a extracção dêle há uma dúvida e uma hipótese.

Fugindo à gnoseologia peripatética, que partia das sensações, e às ideas platônicas, cuja hipóstase ôntica lhe repugnava, (porém da qual, como veremos, não se libertou totalmente), Descartes começa a viagem de dentro de si e volve, a certa distância, para consultar um roteiro, que é platónico, pela hipóstase, e peripatético, pela imediatidade da cognição do extramental, que é Deus na Meditação terceira e em tôda a filosofia primeira do autor das *Regulae* e do *Discours*. Tal volver é um retoque insuficiente, nunca uma correcção ao êrro cartesiano. O homem que ousou despojar-se das opiniões recebidas recorre a uma afirmação dogmática, em que se apoie. Em vez de uma Gnoseologia à altura do gênio científico de Descartes, as *Méditations* foram pouco mais que uma apologética ao gôsto do Século XVI: filosofia em atraso, como é a regra em quási todo o pensamento clássico, por efeito da acção estabilizadora do processo social mais frenante, que é a Religião.

O matemático, que se concentrara na meditação do *intellectus*, tinha de tomar caminho diferente daquele que pediria um método científico em Gnoseologia, isto é, caminho que não seria o da descrição e explicação genética do conhecimento. Descartes adotou, contra a tradição, que errada nos resultados vinha certa nos intuitos, a "ordem das razões", que é aquela com que uma certeza engendra outra certeza, uma proposição se liga a outra, discursivamente. Não se pisa em terra firme; mas viaja-se. A viagem pelos ares passou a ser a única e verdadeira viagem, e êsse sábio da dúvida hiberbólica fica, entre os seus antecessores e os seus sucessores na filosofia clássica, — os aristotélicos e os filósofos empiristas e idealistas dos dois séculos seguintes, — como um espírito desligado e hostil aos sentidos. Por levar demasiado longe o expediente da dúvida, para além do cepticismo, perde-se no oceano mesmo das ideas claras, em que põe a verdade, pois-que as envolve na mesma dúvida, e tem de proceder à xifopagotomia da alma e do corpo e de descer ao fundo de uma intuição de Deus. A noção de infinitude facilita-lhe a aventura. Êle, que tratou os universais das Matemáticas e gozou a translucidez dos raciocínios, desprezou os sentidos e o confuso das "coisas", irregulares e arbitrárias, mas sentiu-se apto a admitir a cognição imediata de Deus, que era infinito e idea simples. Renegou a Platão, e a inatidade das ideas ressuscita-o: as ideas, que seriam *lembranças*, passam apenas a estar no espírito, *presentes*. Renegou a ontologia, e a cognição de Deus abre a porta ao *ontos*: por lá o espírito atinge a fonte dos xifópagos tão subtilmente operados, o espírito e o corpo.

A objecção de Craterus sôbre o infinito, de que se tem idea clara, Descartes responde que o pensamento pode colhêr (saisir) o infinito; mas aí o filósofo afirma sem provar, porque o infinito pode ser um *construído*, um construído inconfundível com o *indefinido*, mas um construído ainda assim.

Nas segundas objecções, colecionadas pelo R. P. Mersenne, diz-se que a rejeição das aparências dos corpos é insuficiente para as conclusões cartesianas, porque nega êle realidade ao movimento e poderia o pensamento ser movimento de algum corpo. A isso o filósofo treplica: se o corpo e o espírito são realmente distintos, nenhum corpo é espírito; portanto, nenhum corpo pode pensar. Só na Meditação sexta demonstra que o corpo não pode pensar, de modo que não é certo que possa haver certeza cartesiana sôbre o sujeito, *antes* de se dar essa prova. Com isso, não faria senão retardar ainda mais o ponto de partida gnósico: se já o "eu penso, logo existo" constituía começar a correr do meio do caminho, a suposição de ser demonstrado que os corpos não pensam desloca o momento cartesiano para terreno já interior ao raciocínio, o que faz a Gnoseologia cartesiana um terceiro andar sem os dois primeiros.

O ideal de um conhecimento absoluto exigiu de Descartes uma limitação ao *solus ipse* e uma hipóstase, vale dizer a hipóstase psíquica, na qual as ideas passam a ser vistas dentro de si, porque as pôs Deus. Como a hipóstase psíquica (as ideas que são percebidas em vez dos objectos), reve-

DESCARTES

lada por uma extirpação geral de todo o recebido, o levaria à filosofia solipsística e só afirmativa da realidade do sujeito, do pensamento e pois do pensante, o filósofo volve a uma ontologia singular, quando em verdade o seu intuito era o de se livrar de tôda ontologia, — à ontologia de Deus, com que pretende dar base à sua metafísica e livrar-se do solipsismo: Deus passa a ser coisa, susceptível de apreensão imediata, e criador da luz do eu, e, pois, de todos os eus. Supõe-se, portanto, uma certeza sôbre o eu alheio, que está longe de ser imediata. A hipóstase cartesiana, (que a muitos não parece ser hipóstase porque é uma exploração interior, no acto intelectual), constituíu um dos erros mais graves do filósofo e do seu tempo, pela repercussão que vai ter, com formas novas devidas aos diversos climas, em Leibniz, em Spinoza e nos filosófos ingleses, sensualistas. Recentemente, em Husserl, que, a-despeito da luta contra as hipóstases platônica e psicológica, cai, também êle, numa hipóstase. Locke e Husserl são dois reflexos de Descartes, — a diferença é da superfície em que a hipóstase cartesiana se reflectiu. Porém a responsabilidade do pensador das *Méditations* vai mais longe: no seu afã de expor a sua teoria atomística, digamos assim, das ideas claras, que se vêem a si-mesmas e não as coisas, e lá se acham no espírito, porque Deus as fêz, na sua bondade e justiça, predeterminando a plenitude intelegível (ideas inatas e independência das ideas), Descartes mostra como objecto do pensamento o próprio pensamento, ostenta uma quiddade espiritual, em vez de buscar a relação gnosoleógica em sua simplicidade normal, apanha um têrmo e força a análise de uma relação que é posterior ao acto de conhecer ou é falsa, e deposita, sem querer e sem perceber, o germe de um nominalismo profundo, filho do método mesmo da dúvida geral, no mais completo dos intelectualismos. A infecção chegará à mais alta feição de virulência em Berkeley, Hume e Mill. Singularíssimo destino da filosofia que pôs os universais como o único e suficiente objecto da inteligência humana, — o de abrir uma porta subreptícia àqueles que, nos séculos seguintes, negaram às essências qualquer realidade. Isso prova, todavia, que há um parentesco íntimo e *incisível* entre a hipóstase espiritual e a negação nominalista: cancele-se Platão, isto é, a hipóstase, em Descartes, e ficam os três Ingleses; finja-se cancelar Platão, e deixe-se a hipóstase, encoberta pela finura operatória do pôr entre parênteses do objecto (cartesianismo husserliano do segundo grau), e tem-se a Fenomenologia. Por onde se vê, quanto Descartes, o revolucionário, é um fio clássico que compromete, profundamente, a solução científica do problema gnoseológico.

A Meditação terceira mostra-nos que Descartes recorre a Deus, ao "Deus existe", para servir de rochedo no mar em que o solipsismo inatista o desamparou: "Je suis

assuré", diz no começo da Meditação terceira, "que je suis une chose qui pense; mais ne sais-je donc pas aussi ce qui est requis pour me rendre certain de quelque chose?" O náufrago do pôr entre parênteses o objecto, ou todos os objectos, o náufrago do anontologismo radical, que só reconhece aos sentidos papel acidental, o náufrago que confiou na *resistência* das águas mesmas, em que é sacodido pelas ondas múltiplas de ideas claras, já feitas mas diversas, o náufrago das braçadas imediatas no fundo substancial do espírito (as braçadas aí são os actos de intelecção cartesiana), ou tinha de perder-se na transluminosidade discursiva, a passar de onda clara a onda clara, levado por elas, ou de buscar o rochedo teológico, que seja o cerne ôntico do seu profundo anontologismo. Deus, diz êle, é a mais clara e mais distinta de tôdas as ideas, é uma idea que se manifesta como a mais ampla possível, o universal mais fino; porém, como Descartes confunde a abrangência dos universais com a riqueza de concreção, o que é confundir o mais com o menos (pois o universal aritmético abrange mais do que o universal físico, porém êsse é mais rico de realidade concreta), Deus, universal fino, passa a ser, como "Dieu souverain, éternel, infini, immuable, tout-connoissant, tout-puissant, et créateur universel de toutes choses qui sont hors de lui", a idea que tem certamente em si mais de realidade objectiva ("celle-là, dis-je, a certainement en soi plus de réalité objective que celles par qui les substances finies me sont représentées"). Êsse recorrer a Deus poderia ser só no plano do espírito, pôsto de-parte todo o extramental; mas Descartes sentiu que a *resistência* das ideas claras e distintas não bastaria para que o náufrago se salvasse: "Partant il ne reste que la seule idée de Dieu, *dans laquelle il faut considérer s'il y a quelque chose qui n'ait pu venir de moi-même*". Quer dizer: é preciso indagar se Deus é coisa ou idea só. Note-se que o náufrago dividiu a segunda alternativa: existir o rochedo *independente dêle*, ou existir o rochedo *dentro dêle*, e só *dentro dêle* (agnosticismo, e caminho aberto ao nominalismo). Mas optou pela solução mais discordante das atitudes iniciais (atomismo das ideas claras, inatismo, independência das ideas), próprias de um intelectualismo radicalmente anontologista: a concepção de Deus é a concepção de uma substância infinita, imutável, independente, tôda conhecimento, tôda-poderosa, da qual provêem tôdas as coisas criadas e produzidas (note-se quanto isso não pode ser imediatamente dado), de modo que a idea de Deus não pode ser tirada de mim-mesmo, como as outras ideas. A infinitude não poderia ser dada pela finitude, salvo se por negação, o que Descartes repele: "Et je ne dois pas imaginer que je ne conçois pas l'infini par une véritable idée, mais seulement par la négation de ce qui est fini, de même que je comprends le repos et les ténèbres par la négation du mouvement et de la lumière: puisqu'au contraire, je vois manifestement qu'il se rencontre plus de réalité dans la substance infinie que dans la substance finie, et partant que j'ai en quelque façon premièrement en moi la notion de l'infini que du fini, c'est-à-dire de Dieu que de moi-même". A idea é, pois, directa, e confere Descartes onticidade a Deus, o que é volver ao ontologismo depois de afastá-lo. O seu gênio traz à-tona um argumento que é formidável, porém que demonstra ou a inutilidade do passeio cartesiano através da dúvida, (se se tinha a idea de Deus, como correspondente a Deus ôntico, daí se poderia chegar, sem sinuosidade, à certeza das ideas criadas por Deus no homem), ou o carácter *só* metodológico das *Méditations*: "car", adverte êle, "comment seroit-il possible que je pusse connoître que je doute et que je désire, c'est-à-dire qu'il me manque quelque chose et que je ne suis pas tout parfait, si je n'avais en moi aucune idée d'un être plus parfait que le mien, par la comparaison duquel je connoîtrois les défauts de ma nature?"

Restaria a hipótese de ser a idea de Deus materialmente falsa: "que je la puis tenir du néant, c'est-à-dire qu'elle peut être en moi pour ce que j'ai du défaut, comme j'ai tantôt dit des idées de la chaleur et du froid et d'autres choses semblables". Sendo mui clara e mui distinta e contendo mais realidade objectiva (expressão de Descartes) do que tôdas as outras, "il n'y en a point qui de soi soit plus vraie, ni qui puisse être moins soupçonnée d'erreur et de fausseté". A dificuldade embaraçou Descartes e êle, que admitira a dúvida geral, que pusera entre parênteses os objectos, volve, por um atalho, a êles, e afirma ser assaz verdadeira (*très-vraie*) a idea de um Ser soberanamente perfeito e infinito, "car encore que peut-être l'on puisse feindre qu'un tel être n'existe point, on ne peut pas feindre néanmoins que son idée ne me

représente rien de réel, comme j'ai tantôt dit de l'idée du froid".

A intuição infalivel que, segundo a Gnoseologia cartesiana, colhe as naturezas simples e os laços entre essas naturezas simples, translùcidamente, tambem colhe a natureza mais ampla, mais simples, portanto mais clara e mais distinta, que é Deus. Não na colhendo, o espírito é ateu, e, pois, segundo o filósofo, *inseguro*, susceptível de bracejar sempre, dada a hipótese cartesiana do gênio maligno que fizesse duvidosas tôdas as premissas e conclusões. Primeiro, é de observar-se que tal hipótese artificial, supérflua, foi introduzida por Descartes mesmo; segundo, que a necessidade de recorrer-se à idea de Deus nasce, como uma das soluçõs possíveis, depois do náufrágio voluntário de Descartes: é uma necessidade interior ao caminho que êle percorreu e percorreu depois de abstrair de um trato de terreno onde o problema gnoseológico havia de ser planteado. O ir de ideas claras a ideas claras, menos por fidelidade ao objecto do que por hábito e exercício (non ex libris, sed ex ipso usu et arte), fêz de Descartes um confiante no raciocínio matemático, no deslizar discursivo; mas êsse passar de uma idea a outra, legitimamente, *sem ter fim*, exigia, — para se ter a certeza de não se ser vítima da luminosidade de um caminho de sonho, que o hipotético gênio maligno criasse, — que a primeira idea, necessàriamente a mais ampla, fôsse certa. Ainda é discursivamente que Descartes procura Deus, de modo que nunca êle tem a oportunidade de intuir ou analisar uma relação gnoseológica pura: os sentidos não lhe interessam: a relação originária, a primeira intuïção, é a de Deus com as suas qualidades definidoras, — uma cognição do absoluto e do infinito, anterior a tôdas as outras cognições, inclusivè a de si-mesmo. Em verdade, a Meditação terceira contém uma renúncia à Gnoseologia do *Cogito*. Sei que "sou porque penso", porque Deus *é*; portanto, restituindo-se a ordem lógica e temporal (genético-psicológica) às cognições: Deus *é*; eu penso, logo sou. A contradição cartesiana ressalta.

Na sua Gnoseologia de matemático Seculo XVII, Descartes não se fixa no conceituar o homem-a-ideas-claras, confiante em Deus, que é e lhe assegura a certeza. Lògicamente, pois-que Deus é e Deus fêz a plenitude intelegível, os homens teem de ser iguais como espírito, todos teem a mesma luz natural: "le bon sens est la chose du monde la mieux partagée", "naturellement en tous les hommes", "tout entière en un chacun", como se lê no começo do *Discours de la méthode*, e só precisam livrar-se dos preconceitos, que são obstáculos à sua natureza (Meditação primeira): "j'ai bien jugé qu'il me falloit enteprendre sérieusement une fois en ma vie de me défaire de toutes les opinions que j'avois reçues auparavant en ma créance"; mas, já no Prefácio, não aconselha a todos que o leiam, "sinon à ceux qui voudront avec moi méditer sérieusement, et qui pourront détacher leur esprit du commerce des sens, et le délivrer entièrement de toutes sortes de préjugés; lesquels je ne sais que trop être en fort petit nombre"). Aliás, a regra de eliminação das opiniões recebidas é só metodológica, e dela nem são todos aptos, nem é mesmo aconselhável que todos a sigam (*Discours de la Méthode*, 2ª parte), por ser perigoso. De modo que a certeza provinda da existência de Deus não serve, nem basta a todos, o que faz do homem, ainda sem a hipótese cartesiana do gênio maligno, um ser mergulhado em trevas: o rochedo só serve aos que são aptos a encontrá-lo e se dispõem, como o Descartes das *Méditations* ("une fois en ma vie", diz êle), a jogar longe o fardo das opiniões recebidas, — o que constitui uma contradição, pois-que a intuïção de Deus é imediata, porque é intuïção, e directa, pela extramentalidade da idea de Deus. A hipóstase das ideas e a afirmação da onticidade de Deus dão à filosofia gnoseológica de Descartes o feitio de um ontologismo de Deus, de uma hipóstase psicologista das outras ideas claras e de um anontologismo em tudo que não seja Deus. O dedo do náufrago aponta, nos séculos vindouros, outros náufragos, — e o problema do conhecimento atravessa vicissitudes trágicas. Com Deus, ou sem Deus, a estrada que o idealismo abre é sem fundo.

E' desconhecida a época precisa em que a gnoseologia de Descartes e a sua metodologia teorética se formaram, pôsto-que seja de supor-se certo paralelismo entre as descobertas científicas, que culminaram na teoria das equações (1637) e nas cartas sôbre o problema das tangentes (1638), e a concepção metafísico-metodológica. Todavia, nesse espírito, — que foi o primeiro grande pensador sistemático dos nossos tempos, — há certa discordância entre o método que prega e o que aplica, entre o sábio e o filósofo, — aquele, fora de qualquer discussão, enormemente maior do que êsse.

Seja como fôr, o método passou em Descartes à-frente do problema gnoseológico e epistemológico e, por ser ligado a êsse, devido à amplitude que lhe deu, envolvendo os mais graves problemas de filosofia primeira, não presidiu à elaboração da Gnoseologia cartesiana. No plano dos universais, dos universais finos das matemáticas, não seria possível, sem sacrifício do extramental (eliminação, em Descartes, hipotética dos objectos e dos *singularia*) e dos próprios universais menos finos, plantear-se a investigação das relações gnoseológicas. Não só a metodologia, mas a metodologia e a Teoria do conhecimento de Descartes são abiológicas, apsicológicas e associológicas. O homem que escrevera as *Regulae ad directionem ingenii* e o *Discours de la Méthode* era o matemático e o que lhe interessava e lhe parecia ser todo o problema gnoseológico e epistemológico estava em mostrar a *fonte* da certeza nos raciocínios em que se exercitava e conseguia *descobrir*. Em vez de se preocupar com o conhecimento da inteligência em sua totalidade, de modo que a solução servisse à descrição e explicação dos singulares e dos universais, e com o método científico em geral, que abrangesse a actividade do matemático e a do biólogo, Descartes só atendeu à cognição das naturezas simples (aliás, das naturezas mais simples, que eram os universais das Matemáticas), e a sua Teoria do conhecimento e o seu método se ressentem disso. Nem a Física nem a Biologia tiveram o seu método ou a sua parte no método. Já Galileu, por culpa da herança de Aristóteles, *descobrira*, sem expor o método a que obedecia e de que não tinha plena consciência. E' do outro lado da Mancha que um espírito mais humano e menos angélico se esforça por uma metodologia das ciências naturais, em luta contra Aristóteles, o "pior dos sofistas", — Francis Bacon. Apenas, nesse, a filosofia era mais certa do que as exposições científicas. Galileu e Descartes não anunciam, como Bacon, a filosofia científica, pôsto-que fôsse êsse o tipo do Homem > Saber; êles são as duas mais altas expressões do tipo novo, o Homem < Saber. A filosofia de Descartes já é imensamente inferior à sua ciência, e Galileu, que fôra capaz de provas experimentais tão retumbantes, ainda se debatia no aranhol aristotélico, com a distinção entre movimento natural e movimento violento, a tendência do astro ao movimento circular e outros resíduos da filosofia clássica.

O abiologismo da Gnoseologia cartesiana extrema-o como o filósofo do mais intransigente intelectualismo, o descobridor do pensamento ao pensamento, o investigador do *intellectus* como tal. A hipótese do gênio maligno, que torna duvidosas tôdas as opiniões recebidas, todo o percepcional, não é mais do que o expediente obreptício para o insulamento do *intellectus*, do problema do espírito. Êsse desvestir o espírito de todo o extramental, até as naturezas mais simples, permite o intelectualismo cartesiano, com a só válvula da intuição de Deus. Nem se atende a que o homem é um ser vivo, nem à sua formação evolucional; menos ainda à sua adaptação e às coisas (no mecanismo universal de Descartes, o homem é um ser imune, donde a contradição profunda entre o sistema cartesiano do mundo e a sua Gnoseologia), nem ao ser psicológico, que êle é. Não há uma biologia humana, nem uma psicologia na ciência cartesiana. Há uma física do mundo e uma metafísica do espírito humano. Como tôda apologética racionalista, a de Descartes esvazia de humano o ser humano. A cissura entre corpo e alma, de baixo a cima, reedifica o espírito como algo de estranho ao vivo, de alojado imiscìvelmente nêle e imune às vicissitudes da evolução animal, do corpo. E' a última conseqüência do dualismo dos Mistérios gregos. Perdeu a linha tomista; perdeu o realismo dualista. Dificilmente levaria à estrada da Lógica contemporânea.

Abiológica, apsicológica, a gnoseologia cartesiana também é associológica. A "ordem das razões", em vez da ordem das matérias, ou da ordem natural, permite-lhe abstrair do histórico. O *intellectus*, que lhe interessa, é o do indivíduo humano, e não o das estirpes humanas, menos ainda o dos grupos humanos. O saber e a certeza, que lhe cabe pesquisar, são o saber abstracto e a certeza abstracta da substância pensante, também *in abstracto*. Ignora o passado, o que é mais do que proscrevê-lo; ignorá-lo-ia mesmo se se não houvesse servido da dúvida hiperbólica. Não compreende que o espírito tenha uma história, acidentada, longa, porfiosa. São dados exteriores, como estalactites e estalagmites importunas, mas inoperantes, por sob as quais ou por entre as quais o espírito, com a sua natureza definitiva e clara, teve de passar. Daí o desprezo cartesiano pelo pensamento do passado e o seu anelo de recomeçar radical-

mente. Duas conseqüências haviam de surgir: indiferença e, mais do que indiferença, elisão de tôda a genética do espírito e do homem mesmo, como indivíduo e como espécie; negação da continuidade *social* do saber, o que faz de tão clássico filósofo um revolucionário impenitente. Revolta de anjo contra a natureza não-angélica do homem, mas revolta que não é vista pelo que se revolta e só o é pelos outros, revolta que é resultado de uma explicação do homem espiritual, *excluído o tempo*, portanto as interacções e os degraus das idades. Não são só as ideas, em tal filosofia, que são inatas e infusas; é o espírito mesmo. Procede-se a uma identificação do pensamento com o pensante e a uma confusão do pensamento com o seu objecto: o objecto da Gnoseologia cartesiana pensa-se a si-mesmo, de modo que o acto de intelecto é por-dentro do espírito, e não de dentro para fora ou de fora para dentro; e o ser pensante é o pensamento mesmo, que êle pensa, de modo que o acto de pensar é *substancial*. O espírito segundo Descartes é atemporal, separado do corpo e inconfundível com êle. Nas *Méditations* corta-se a última linha que os ligava: a cirurgia cartesiana atenua as conseqüências de um paralelismo absoluto dependurando na idea directa de Deus o espírito puro. A homogeneidade dos espíritos, a unidade da ciência, a inexistência de graus de certeza, a matematização total do saber (mas matematização segundo a matemática da univocidade, sem qualquer referência ao cálculo das probabilidades) foram corolários da atitude apologética de Descartes. Não se tratava de uma homogeneidade biológica, a que a ciência chegará, nem da unidade da ciência por abertura dos tanques das proposições científicas, fundindo as leis pelas subsumir noutras mais vastas, nem da matematização *a fazer-se*, com as cautelas dos nossos dias, com o cálculo diferencial e o cálculo das probabilidades; mas de uma matematização que exclui qualquer outra certeza, que não consulta os objectos e está tôda no espírito puro, como expressão da unidade mesma do entendimento e não dos factos. O elemento angustiniano é evidente: a inteligibilidade das coisas está na alma antes de se achar nas próprias coisas. Estamos no período luminoso do *a priori*. Nem sequer podemos falar de múltiplos *a priori*; há um só, ou todo o edifício ruiria. A resistência das ondas das ideas claras permitira a Descartes, — ao espírito, — nadar em tão translúcidas regiões, se infuso não fôsse o próprio espírito, se o pensamento não se confundisse e não se identificasse com o ser pensante, se o acto de intelecto não constituísse o próprio intelecto, por ser, em sua inatidade, substancial, e não acidental.

Uma tal gnoseologia, — abiológica, apsicológica, associológica, — se sente bem no terceiro andar, que é o do raciocínio, onde as ideas claras, já feitas, e os seus laços ocupam o espaço, temporalmente homogêneo ou caracteristicamente atemporal, do espírito. Bem longe se está da Gnoseologia, biológica e psicológica no seu tanto, de Tomás de Aquino, com a afirmação da função *abstractica* do espírito, desde os sentidos. A aventura idealista de Descartes é, como aventura, à altura das suas grandes descobertas científicas (a geometria algébrica ou analítica e a teoria da álgebra); mas, como filosofia, um desvairo clássico, com a interrupção racionalista da tradição filosófica. Bem diferente do destrutivismo de Descartes é a atitude de Fermat e de Newton, — aquele reconhece, a-propósito dos dois livros de Apollonius de Perga, quanto é importante poder-se contemplar, completamente, os progressos ocultos do espírito e o desenvolvimento espontâneo da ciência (artem sese ipsam promoventem), e êsse ainda recorreu a Apollonius quando precisou levar mais ao fundo o estudo das secções cônicas.

O grande papel de Descartes é o de chamar atenção para método que correspondia à superação do gênio grego, esculpidor e geômetra, com a demonstração geométrica, essencialmente clássica, e do gênio oriental, com a álgebra khwarizmiana, — o método analítico, para o qual era mais apto o espírito ocidental, nórdico (Descartes, Leibniz, Newton, porém não só desde Descartes). Essa contingência do seu próprio espírito o filósofo não viu. Não viu a historicidade do seu racionalismo e da sua apologética racionalista. Não viu o fio histórico de geometria analítica, até que êle possa dizer essa coisa simples e formidável "compendiosae figurae, quae modo sufficiant ad cavandum lapsum, quo breviores, eo commodiores existunt", de modo que se devem figurar tôdas as expressões algébricas por uma linha simples (segmento rectilínio), o que lhe deve ter vindo ao espírito depois das *Regulae*, porque então ainda representou um produto por uma superfície, provando a historicidade da invenção no cérebro do matemático.

POMPADOUR

OSVALDO ORICO

Volto a fitar o retrato de Mme. Pompadour através da sentida evocação da pena de Pierre de Nolhac. A favorita dos *petits cabinets* de Luiz XV reaparece aos meus olhos com as feições alternadas pela injustiça com que tem sido evocado o seu perfil romantico, toda vez que se pretende articular com uma imagem do passado a fragil condescendencia da mulher e o eterno utilitarismo feminino. Reincarnando-se no feiticeiro papel que desempenhou na côrte do Bem Amado, ela ressurge no encantamento do seu tipo fisico e da sua fascinação intelectual, estendendo as mãos que aprenderam com Jelyotte a partitura dos cravos, movendo os labios, que estudaram com Lanoue e Crebillon a musica das palavras, como si quisesse estranhar a invocação do seu nome sempre que se deseja doirar com a malicia de um precedente as aventuras sentimentais das cortezãs do poder.

Há, evidentemente, um equivoco em apelar para o exemplo da bela Jeanne-Antoinette, dessa deliciosa rapariga que a habilidade materna preparou com extremos cuidados para ser "amante do Rei". O seu destino historico não póde servir de capa e justificativa a todos os amores ilicitos dos homens poderosos com as mulheres frageis.

O caso de Pompadour foi simplesmente um triunfo leviano da beleza, que não compreendia a posse de uma coisa rara senão por uma coisa alta. Estava enquadrado na moral da época. O rei tinha direito áquela preciosidade que lhe iluminou os olhos nas encruzilhadas da floresta de Senart. E ela, por sua vez, achou tambem que se lhe ajustaria muito mais o titulo de favorita real do que o burguês certificado de matrimonio com um vago e obscuro senhor Le Normant d'Étiolles. Entre a honestidade de espôsa e a celebridade de *reinette* não hesitou. Preferiu a segunda formula, cumprindo, aliás, o vaticinio que lhe fizera Mme. Lebon, a cartomante da moda: "não rainha, mas quase".

Educada para substituir com vantagem e esplendor a Mme. de Chateauroux, que teria de fatigar, um dia, a curiosidade e a volubilidade do Rei de França, a dama do *phaeton* azul celeste está acima do paralelo com todas as outras cortezãs e aventureiras que pretendem, através do tempo, as insignias do concubinato com os poderosos. Pompadour foi uma exceção galante fixando uma época. Os seus salões e ceias, por onde passaram e onde beberam espiritos como Marivaux, Montesquieu, Duclos, Fontenelle, D'Alembert, Diderot, o espertissimo Voltaire, o timido Bousseau, então plebeu e adolescente; seu convivio com os gentishomens, seu encanto pelas artes e letras, sua proteção aos artistas e poetas, seu interesse pela Enciclopedia, tudo isso rehabilita o espirito da *reinette* grangeando para o seu destino uma aureola de simpatia humana.

Embora a sua função junto a Luiz XV não tivesse aquele desprendimento que sagrou a efêmera passagem de Mme. de Mailli pelos aposentos reais; embora daquele "amor sem prazer" e daquele leito frio do Castelo de Bellevue, ela extraisse algumas compensações domesticas — um tio que se tornára diretor de construções e fazia fornecimentos para o Estado, o irmão, que caçava titulos de nobre — a "beleza de Paris" soube disfarçar, com elegancia e correção, o papel de favorita, evitando que o tempo a apontasse como uma aventureira sem escrupulo, segundo o modelo do epigrama de Maurepas.

Efetivamente, pondo seu prestigio na Côrte a serviço de outros cometimentos altruistas, enfeitando a "primavera do seu triunfo" com as flôres mais gentis da inteligencia afim de reter a atenção de um

homem como Luiz XV, muito sensivel á fadiga do habito, Pompadour não permite o cotejo com as heroinas modernas, extremamente praticas e utilitaristas demais para merecerem a graça do confronto.

O pragmatismo do seculo deu á *coqueterie* com o poder um aspecto pouco romantico. As amorosas de hoje não sabem mais enfeitar as suas nupcias clandestinas com aquele instrumental "requisitado á musica de Capela ou á opera de Paris". São atiladas e energicas no jogo das aventuras e na permuta dos obsequios. Não sonham mais com o regalo dos bons musicistas, mas com a solidez dos bons negocios. Não constroem mais o teatrinho dos *petits cabinets*, mas sim reprodutivos predios e "arranha-céus", onde se ostenta o luxo do pecado. Não se contentam mais com a regalia de poder fugitivo; querem sobreviver a êle num emprego publico vitalicio e embalar a velhice com um montepio, que lhes recorde a fé de oficio, virgem de assinatura do ponto.

Tais desenvolturas melhor se levariam á conta de uma creatura como Mme. de Montespan ou como Mme. de Maintenon, do que ao credito dessa irresistivel e galante Marquêsa de Pompadour, de cuja vida Pierre de Nolhac nos deu um perfil tão vivo e sentido, e a respeito da qual caberia a Diderot escrever o mais polido epitáfio, garantindo que dela ficaria, quando nada ficasse, o tratado de Versailhes, eterno como um juramento, o "Amor" de Bouchardon, precioso como um simbolo, e uma bela imagem de mulher sobrevivendo a um punhado de cinzas.

Sociedade Felipe d'Oliveira

Em obediencia aos seus Estatutos, a Sociedade Felipe d'Oliveira reuniu-se para votar o premio anual de literatura.

Compareceram os membros atualmente presentes no Rio, tendo os ausentes enviado seus votos por delegação.

Pela primeira vez foi concedido o premio para conjunto de obra, no valor de cinco contos de réis, recaindo a escolha por deliberação unanime no Sr. Manuel Bandeira.

Essa resolução da Sociedade Felipe d'Oliveira em premiar a obra do autor de *Estrela da Manhã*, incontestavelmente um dos grandes poetas do Brasil, póde ser considerada justissima e vem juntar aos recentes festejos do seu jubileu mais um laurel.

O ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA regista com a maior simpatia esse acontecimento.

Paulo Setubal

Arnon de Melo

Chega-se á ultima página de "Confiteor" de Paulo Setubal com a impressão de uma existencia realmente feliz. Paulo teve, no mundo, tudo quanto desejou. Para dar-lhe melhor a sensação do triunfo, o destino o colocou mesmo no começo da dura prova da vida: fê-lo pobre, órfão aos 3 anos de idade, sem amigos poderosos, sua mãe com uma penca de nove filhos e trabalhando para creá-los. Mas Paulo tinha de ir para a frente. Com a compreensão de que "a fortuna protege os audazes", lançou-se á luta e foi professor, foi jornalista, foi poeta, foi escritor, foi promotor publico da capital e advogado, foi politico e deputado, foi querido dos salões elegantes e das mulheres. Ganhou dinheiro, ganhou fama, ganhou gloria. Não conheceu derrotas. Eleito da vitoria, esteve sempre em seus braços. Êle mesmo o diz: "Eu nasci, não há duvida, sob uma estrela radiosa. A vida foi-me sempre docil e propicia. Sucesso pleno".

E que pitoresco o dessa vida rapida e irriquieta! Paulo vai a um diretor de jornal e se candidata a critico literario. Impossivel. O lugar já estava preenchido mas havia vago o de revisor. O candidato não vacila. E em breve o humilde revisor é chamado a servir na redação pelo exito de seus versos.

Em menino, pede á Nossa Senhora uma graça. Comunga e, se fôr atendido, promete ser padre. Apelava para Nossa Senhora afim de que a "Morena" e a "Manteiga", duas endiabradas vaquinhas de sua estimação, não se perdessem no mato. E chegou a matricular-se no seminario mas lá não apareceu. Esse episodio fixa-se nêle, com uma nova concepção da vida: "o pecado é belo, a violencia é bela, o que afirma a vida é belo".

Sórve, então, tudo quanto o mundo póde dar de goso material. Entrega-se aos prazeres, vára as noites jogando, dansando, bebendo, amando.

Não tarda a vir o sofrimento mas, quando se pensa que a felicidade o abandona, vemo-lo contente, satisfeito de, sofrendo, haver encontrado o seu caminho. "Esta doença que me matou mas que me salvou", acentúa.

E o homem todo vibração, todo amante da

Paulo Setubal

Desenho de "Vamos ler"

vida, todo voltado para as alegrias da terra se transforma, se renova, se espiritualiza. Esse livro póstumo é uma especie de reportagem de sua conversão, pegando as raizes dessa existencia variada e cintilante, que conheceu e experimentou as situações e os climas mais diversos. E' o retrato de uma grande alma, esse livro, espontaneo, sincero, claro, escrito numa linguagem simples e pura de confessionario.

Vida feliz a de Paulo Setubal. Como são sempre ricos de esperança e de confiança os seus minutos! Mesmo no seu ultimo momento, surpreende-se esse permanente estado dalma: "Diga aos meus amigos que morri feliz, porque tenho fé. Não quero viver ou morrer. Seja o que Deus quiser. Deixo o mundo, que nada vale, para ir me encontrar com o Cristo. Não fiquem tristes. Que são 20 ou 30 anos de separação deante da eternidade, onde estaremos todos juntos? Morro feliz, muito feliz, vou, enfim, ver meu Jesus. E, de vez em quando, olhem lá para cima, onde estarei".

Acerca do tempo

A. AUSTREGESILO
(Da Academia Brasileira de Letras)

"O tempo pediu ao tempo que désse mais tempo ao tempo; o tempo respondeu ao tempo, que com tempo tudo tem tempo!".

O tempo constitue o fator mais importante para a solução dos problemas dificeis, especialmente morais, que se deparam ao homem. Toda precipitação é prejudicial, como os impulsos e as violencias redundam em prejuizo para os bons exitos da vida. A tendencia humana é para rapidas resoluções. A's vezes ha acertos felizes; amiúde porém, resoluções não amadurecidas pelas ponderações são prejudiciais. Saber esperar é tudo, com persistencia e confiança.

O tempo é o grande amigo dos bons exitos. Afirma-se que "vitoria tardia é vitoria fria"; porém, é vitoria segura.

O tempo ensina o homem, e aumenta-lhe o cabedal de experiencia, pois todos os tumultos, as trevas, as lutas, as violencias, os terremotos e os vulcões não são duradouros, nem permanentes. *Post tenebras venit lucem.* A paciencia fez-se amiga do tempo, e os dois casam-se muito bem, para a conquista da paz e da harmonia.

As obras primas e a perfeição são escravas do tempo, e este é o maior colaborador da civilização humana.

Fac et espera, diz o rifão popular latino, e podemos afirmar que o trabalho só conta com um amigo leal que é o tempo.

A figura simbolica dos individuos solidamente triunfadores é de Cronos, firme e impassivel, sem lagrimas nem sorrisos, cheio de grandiosa serenidade, senhor absoluto da eternidade.

Cada vez que o homem que pretende lutar e vencer, traçar um programa de consecução dificil mas cheio de esperança deverá fazer as suas primeiras preces rituais a Cronos, insensivel, impiedoso, mas exáto.

Só ha uma propriedade fiel da materia, e por ser negativa torna-se de positividade irritante — a ironia. E' a propriedade que possue a materia de não poder mover-se por si, ou, uma vez animada de movimentos, não poder por si parar. A inercia é a grande propriedade universal, colaboradora efetiva da energia e sua fidelissima fámula.

O tempo e a inercia formam duas grandes bases morais da existencia humana. Quanto triunfo, quanto sucedimento feliz, quanta força surgem do tempo e da inercia, os dois em firme colaboração universal. *Esso perpetuum.* A oportunidade é a fração mais importante do tempo que passa.

Il faut profiter le moment qui passe.

A oportunidade é muito, é quase tudo: *Mejor ahora que luego; antes tarde do que nunca.* Como é indispensavel ao filósofo o contacto com a vida para que se possam conhecer a delicadeza, as filigranas, as oscilações do tempo, as mil e uma finuras para que alguem deva esperar ou aproveitar a oportunidade, que as vezes é transitoria e fugidia. *Tempus it, et tanquam mobilis aura volat.*

O melhor anestésico dos corações é o tempo. As paixões com êle se amainam. *Tempus lenit odium.* O amor vive dêle e com êle morre. *L'amore fa passare il tempo; e il tempo fa passare l'amore...*

O tempo, pois, representa a grande divin-

dade do universo: preside a toda fenomenologia, e contra êle nada se póde fazer; é absoluto, e impassivel na ação; pertencem-lhe o infinito e a eternidade.

Saturno, para a Helade feliz era o representante divino do tempo, e aos seus pés, os homens esperançosos, os corações apaixonados dirigiam as jaculatorias, ungidos de fé e piedade, porque neles o tempo passava a ser força magna de seus sentimentos.

A natureza do tempo deu logar a formação de grande numero de sistemas filosóficos a proposito do tempo e do espaço.

Para Newton e Clarke o tempo é a eternidade divina, é a propria duração infinita de Deus. Segundo Descartes constitue modo inseparavel das coisas, a propria duração dos acontecimentos. Leibnitz recusa a idéia de fazer do tempo propriedade do objeto; redú-lo a uma relação e defini-o "a ordem dos fenomenos sucessivos". Explica que si o tempo parece infinito é que o espirito não tem nenhuma razão aprioristica para limitar o numero de sucessões.

Kant exprime que o tempo não é conceito sinão forma *a priori* da sensibilidade, condição necessaria de toda experiencia fóra da qual nenhum valor possue. Renouvrier vê no tempo categoria do proprio entendimento e não resultante da sensibilidade. Lotze admite a teoria da idealidade do tempo que para êle é a tradução psicológica do futuro.

Gassendi considera o tempo realidade independente dos sêres. A verdade é que se póde encarar o tempo sob dois aspectos, o que passa que é composto de instantes sucessivos, e o que dura, isto é, a permanencia ou a duração. Para que tantas palavras em torno de uma méra concepção? O fato é que o passado, o presente e o futuro que são conceitos subjetivos humanos dependem desse fator imponderavel que regista a fenomenologia universal.

O' Cronos, deus sereno e imutavel, dás a grande lição ao homem, pela eternidade das tuas atitudes! E's o relogio da vida, o mastro de tudo, a força permanente dos corações, a vida da propria vida, o segredo absoluto da morte. Corres como rio; gastas os erros e póles a verdade e caminhas dia e noite para a eternidade, com o mesmo passo, o mesmo ritmo e a mesma indiferença!

A experiencia humana reforça-se com a tua marcha; a inteligencia amadurece como as seáras; os sentimentos abrandam-se; o fogo da vida extingue-se; o universo defronta-se contigo no mesmo sonho ignorado do ser e do não ser!

DESCOBERTAS QUE TRANSFORMAM O MUNDO

ISMAEL GOMES BRAGA

Os inventos e descobertas mais significativos para a humanidade, muitas vezes são de tal simplicidade, que passam despercebidos á maioria dos homens, e só um ou outro raro pensador se dá ao trabalho de meditar sobre suas consequências futuras e esforça-se pela sua utilização pratica, opondo-se ao espirito de rotina da quase totalidade de seus contemporáneos.

Quando se descobriu a roda e se iniciou sua utilização, como processo de aproveitamento da energia, não só a indiferença recebeu o invento; mas o espirito de rotina achou tão absurda a idéia, que a tomou durante muito tempo por absolutamente ridicula. Raciocinavam assim os *sábios* daquele seculo:

"O alvo a alcançar no aproveitamento da energia é diminuir o peso da cangalha, de sorte a aproveitar o máximo util da força cavalar. A roda força o emprego de uma "mesa" infinitamente mais pesada do que a arreata, logo representa grande desperdicio da energia. Demais, é inconcebivel que se façam "ruas" pelos campos, como seria necessario para utilizar a roda entre duas ou mais cidades. Já é tão dificil conservar as sendas nas regiões montanhosas! A roda é simples fantasia de loucos; um homem normal não póde crer nisso! A experiencia milenária prova que o unico meio prático de se transportarem mercadorias é o lombo do cavalo!"

Apesar de todos os argumentos opostos, a roda entrou em uso; venceu as distancias; aproximou e determinou a colaboração dos homens; transportou materiais e construiu cidades; transformou-se em helice e propeliu navios e aviões. Cada fonte nova de energia que se descobre — vapor, eletricidade — utiliza-se com mais proveitos da roda. Modificada em eixos, esferas, carreteis, a roda se tornou rainha nas industrias e dominou o mundo, o mundo que ela mesma havia transformado durante sua atividade milenária. Só agora entendemos toda a significação historica de S. M. A Roda, mas ainda não podemos prever as atividades futuras dessa Soberana.

Semelhante á da roda foi a recepção da Imprensa. "Um novo processo, *muito imperfeito*, de copiar livros! Para que? Faltam leitores e sobram livros bem feitos por toda a parte! Mesmo admitido que essas reproduções venham a melhorar e que um dia *a gente que se preza* possa acolher os livros assim reproduzidos, que significação tem isso, se tão pouca gente é dotada de inteligencia suficiente para aprender a ler, e se a leitura para a plebe, para os escravos, para a grande maioria, nenhuma utilidade teria! Sómente desocupados, doentes mentais, anormais podem defender essa idéia e fantasiar loucuras sobre seu futuro; um homem sensato não perde tempo com isso!"

Assim raciocinavam *muito* logicamente os mais sensatos contemporâneos de Gutenberg; mas a imprensa progrediu, ligou entre si em colaboração através de livros e revistas os estudiosos de cada especialidade; fez surgir "livros" continuos, eternos, em forma de revistas e jornais que aproveitam a experiencia de gerações e mais gerações de escritores e sábios; utilizou a roda, melhorou pela discussão todas as descobertas anteriores, e fez novas; reviveu todos os tesouros do passado literario e projetou-os melhorados pelo futuro em fóra; ligou o passado ao presente e ao porvir, e transformou cada pais e até grupos inteiros de nações em uma unica escola gigantesca... Transformou a Roda de rainha em vassala, e dominou o mundo!

Descobriu-se a lingua neutra internacional, e o mesmo espirito de rotina contestou-lhe o valor, negou-lhe a vitória: "Para que perder tempo com o Esperanto quando já existem tantas linguas no mundo! E' uma utopia sem futuro algum, nunca servirá para expressar os sentimentos elevados da poesia, nem terá a precisão necessaria á ciencia! Ninguem deve perder tempo com isso, porque os esperantistas de varios paises não se entenderão quando um dia se reunirem em um congresso internacional! A linguagem é um organismo vivo que se não póde fabricar! Em vez de resolver o problema da Babel das linguas, o Esperanto viria aumentá-lo, porque seria uma lingua mais a aprender! Mas não vingará nunca, porque ninguem aprenderá uma lingua inteiramente inutil, que não é falada por nenhum povo, não possue literatura, não vale nada! Pura fantasia de utopistas, de inteligencias doentias! As linguas só se conservam uniformes, devido aos modelos classicos consagrados, e uma lingua artificial não tem classicos para modelo! Os órgãos vocais são diferentes nos diversos povos: um chinês nunca ha de pronunciar "r", e um espanhol nunca acertará com o "z"! Deve-se até proibir semelhante insensatez!"

Êsses e outros argumentos semelhantes, ha meio seculo passado, receberam, o Esperanto, e formaram uma mentalidade especialmente prevenida contra a lingua internacional, mentalidade que ainda hoje, — depois que todos aqueles argumentos foram esmagados pelos fatos, — ri amarela e estupidamente deante de um livro em Esperanto, folheia-o idiotamente em procura de algum nome proprio conhecido, e torna a fechá-lo para sempre, sem haver percebido coisa alguma do assunto!

Mas o Esperanto, — do mesmo modo que a Roda ou a Imprensa, — venceu, triunfou, tornou-se ligação entre homens de todos os pontos do planeta, através de livros, jornais, revistas, cartas. A literatura de todos os tempos, que ressurgiu pela força da Imprensa na Renascença, ressurge agora em uma lingua comum da humanidade pensante. A rotina teve de confessar derrota, e a humanidade tem a seu serviço mais uma grande força que lhe descortina perspectivas infinitas: As ligações que a Imprensa só conseguira realizar regionalmente, ocorrem agora em escala planetária; o pensamento que a Roda não póde ligar, liga-se agora no mundo todo; uma nova éra se inicia para a ciencia e, conseguintemente, para a civilização do globo... E' um mundo novo que surge magestosamente da inteligência e da vontade do homem em oposição á caotica Babel do acaso cégo!

O romance do essencial

MARTINS D'ALVAREZ

Sinto um natural constrangimento toda vez que sou forçado a me explicar para me tornar entendido.

Não gósto de prefacios, de apresentações encomendadas e, sobretudo, das tais "Advertencias" e "Explicações Necessarias" que os editores põem como aperitivo na portada dos livros e muitas vezes não passam de duchas de agua fria na sensibilidade dos leitores.

Infelizmente, entre nós, nem sempre podemos ter gosto. Falta-nos maioridade para isto, o direito raro de sermos nós mesmos, de pensarmos livremente, sem recortar as idéas pelos modelos estrangeiros.

Se algum cidadão desabusado entra no mercado literario contra a mão, só para dar uma idéa de independencia e vitalidade ao aprisco, berram de todos os cantos:

— Não póde! Não póde!

E ainda mesmo que seja forte e reaja, verá desolado que Proust, Huxley, Knut Hamsun e outros mestres de além-mar, transformaram a nossa brava terrinha numa vasta colonia espiritual.

Ai do escritor novato que tentar furar a chapa da feitoria! Será, inevitavelmente, linchado pela critica mulata e lançado á vala comum da mediocridade.

* * *

Por uma questão de temperamento, prefiro que me ataquem como vendedor de originalidades, a que me exaltem como excelente maquina de repetição.

Sempre tive a veleidade de fugir á rotina, tentando imprimir a tudo o que faço algo semelhante a mim mesmo, preferindo os meus defeitos agrestes ás perfeições amaveis dos outros.

A recepção que os senhores criticos acabam de fazer ao meu romance "Morro do Moinho" teve o mérito excepcional de deixar-me á vontade para tecer estas considerações.

Recebi, como todos os escritores que se lançam sem padrinhos, os conceitos mais incoerentes deste mundo. Como não me cortaram as asas com a fatidica "consagração unanime", confesso-me plenamente satisfeito.

Se não fôra um reparozinho falso que alguns criticos emitiram contra o meu livro, reparozinho pequenino, insistente e cacête como um argueiro, eu aqui não estaria fazendo de mestre-escola.

A verdade, porém, é que êles, á falta de coisas mais sérias, taxaram o meu romance de "indeciso". Indeciso, sim, porque não o fiz como manda Proust, bem debulhadozinho, esmiuçadinho, pra lá de massudo, com essa vontade infinita de não acabar mais.

Não sabem êles que eu não tenho tempo para isso e que ao escrever o "Morro do Moinho" não o fiz somente para os desocupados, mas, especialmente para a minha visinha, que trabalha oito horas numa loja de brinquedos e ainda tem três namorados.

E' sempre mais interessante escrever livros sintéticos para vender ao condutor de

Autores brasileiros que se distinguem no estrangeiro

Os nomes vitoriosos no ultimo concurso da "Revista Americana" de Buenos Aire

A "Revista Americana de Buenos Aires" distribue todos os anos premios de honra ás melhores obras de autores americanos, que lhe são remetidas.

O escritor assim laureado recebe um diploma artisticamente confeccionado, afóra a projeção que seu nome adquire, pois, como é sabido, a "Revista Americana de Buenos Aires", como órgão de intercambio intelectual entre os paises da America, faz um sábio trabalho de aproximação e divulgação, concorrendo, dessarte, para o maior conhecimento dos legitimos expoentes da mentalidade do Novo Mundo.

Eis a lista completa dos escritores distinguidos no ultimo julgamento referente ao ano de 1936.

Novela — "Agua" de Jorge Hernandez, escritor equatoriano, residente em Quito; "Brejo", de Cordeiro de Andrade, escritor brasileiro, residente no Rio de Janeiro; "Protesta", de Othon Diaz, escritor mexicano, residente no Mexico; "La Terre Vivante", de Harry Bernard, escritor canadense, residente em Montreal.

Poesia—"Martin Cerêrê" de Cassiano Ricardo, poeta brasileiro, residente em São Paulo; "Luz del nuevo paisaje", de Alejandro Carrion, poeta equatoriano, residente em Loja (Equador); "Peço a Palavra", de Afonso Louzada, poeta brasileiro, residente no Rio; "Sed", de Rafael Garcia Barcena, poeta cubano, residente em Havana; "Nuevo itinerario", de Pedro Jorge Vera, poeta equatoriano, residente em Guaiaquil.

Conto — "Las fogatas de San Juan", de Ana Amalia Clulow, escritora uruguaia, residente em Montevidéo.

Ensaio — "Vida de Juan Montalvo", de O. E. Reyes,, escritor equatoriano, residente em Quito; "Historia Critica da Poesia" de Edison Lins, escritor brasileiro, residente no Rio de Janeiro; "Campesino Equatoriano", de Luiz Bossano, escritor equatoriano, residente em Quito; "Doce ensayo" de Juan J. Ramos, escritor cubano, residente em Havana.

Pela lista acima, vemos que foram quatro os brasileiros vitoriosos no interessante certamen, entre eles o sr. Cassiano Ricardo, não faz muito eleito para a Academia Brasileira de Letras, um dos mais finos poetas brasileiros contemporaneos e o sr. Edison Lins, rapaz moço e talentoso, cujo livro de estréia, precisamente o premiado em Buenos Aires, tambem aqui entre nós mereceu as mais honrosas referencias por parte da critica.

---

bondes que só lê uma hora por dia, ao amanuense que os devora no caminho da Repartição, aos leitores inquietos da sala de espera dos dentistas, do que os fabricar, de acôrdo com a receita européa, para agradar a quem mal sabe apreciar um esforço.

Tudo, entretanto, é facilmente explicavel. A propalada "indecisão" não passa de um choque entre o ponto de vista dos senhores criticos e a minha modesta personalidade.

Fiz um romance autonomo, com uma técnica talvez falha, porém minha, perfeitamente logica e racional. Procurei omitir todos os detalhes, o que há de desinteressante e inutil na maioria dos romances atuais. Fiz uma obra de flagrantes, sem quebrar ou violentar a harmonia do enredo. Obriguei o leitor a pensar comigo nas entrelinhas. Fugí a esse realismo frascario, nú e crú, que é a porta-falsa do exito. Tentei, em suma, realizar o romance ativo, dinamico, incisivo e rapido, compativel com a hora de velocidade e menor-esforço que vivemos.

Com isso não hostiliso o "romance do trivial". E' otimo para quem tem paciencia e tempo; e, mui especialmente, para quem o pratica.

Ensaiando o "romance do essencial" quis apenas satisfazer alguns amigos que, por imposições da vida, transferiram o gabinete de leitura para os onibus, os bondes, os trens de suburbios e os aviões.

Como age o nacionalista do Brasil em relação aos povos da America - espanhola -

SILVIO JULIO

No *Anuario Brasileiro de Literatura* para o ano de 1937 escrevi um rapido artiguete, intitulado *Cultura literaria e sua importancia*, onde tratei do aparecimento e divulgação da *Biblioteca Aldeana de Colombia*, cuja publicação é oficial e está a cargo do Ministerio de Educação Nacional da patria de Rufino José Cuervo. Aí mostrei, de vôo, quanto faz o governo desta Republica pelo progresso e prestigio da cultura de seu povo. Citei nomes insignes e provas cabalissimas do valor da intelectualidade a que pertencem, além de Rufino José Cuervo, universalmente famoso por suas investigações linguísticas e filológicas, Miguel Antonio Caro, erúdito e crítico dos melhores de todo o continente, Gómez Restrepo, severo e profundo ensaista, Marco Fidel Suárez, equitativo e correto pensador, José Manuel Marroquín, modelo de mestre classico, Carlos Arturo Torres, sociólogo de folego, Jorge Isaacs, o romancista romantico de insuperavel finura, Rafael Pombo, o bardo complexo, José Asunción Silva, o poeta das nevoas e melancolias, Guillermo Valencia, artista do verso e tribuno perfeito, etc.

Parece-me que ninguem, que os haja lido cuidadosa e desinteressadamente, conteste que qualquer dos sabios e requintados escritores que menciono seja inferior a um Joaquim Nabuco, a um Euclides da Cunha, a um Rui Barbosa, a um Machado de Assis. Nem inferior, nem superior. O certo é que o Brasil não possue o privilegio de, sózinho, dar genios ás terras de Colón. Por que? Seria ridiculo continuarmos no insulamento a que nos condena o idioma de Camões, e tambem mordidos da tarantula do mais desengonçado e fantasioso jingoismo. Não. Necessitamos abandonar aquela fortaleza intransponivel, abrindo-lhe as portas aos pensamentos mundiais, ás doutrinas salvadoras, aos bafejos da ciencia humana, como igualmente compreender os motivos de nossas lutas e as causas de nossas dificuldades, para então anulá-las.

No Brasil é esse costume velhissimo. Com o fito de enaltecer o proprio, faz-se pouco daquilo que não nos é particular. Sem indagação prévia, comparamos o que nos pertence e o alheio, sempre dispostos ao narcisismo e á indelicadeza. Só gostamos do nacional e o estrangeiro nunca nos parece melhor do que aquelas coisas a que estamos habituados. Tenho vergonha de o lembrar, porém não minto, si conto que raro é o filho destes rincões que suporta Verdi ou Wagner, cujas musicas sôam menos interessantes, a ouvidos de patriotas da Favela, do que qualquer sambinha vagabundo. E, quanto á literatura, devo declarar que já exgotei minhas reservas de paciencia, a escutar destravadas baboseiras contra a intelectualidade hispano-americana por sujeitos que não sabem nada a respeito de Rufino José Cuervo, Miguel Antonio Caro, Gómez Restrepo, Marco Fidel Suárez, José Manuel Marroquín, Carlos Arturo Torres, Jorge Isaacs, Rafael Pombo, José Asunción Silva e Guillermo Valencia.

Quem quiser endireitar o Brasil, que ressuscite daqui a trezentos anos, quando tudo esteja modificado e crueis lições hajam dado juizo a seu povo. Por enquanto, a unica palavra do dicionario que convem, deante do presente lamentavel, é *resignação*.

Depois de termos publicado o artiguete a que atrás aludimos, vimos um comentario do academico Mucio Leão ás atividades de Goulart de Andrade, recentemente falecido. A cronica de Mu-

cio Leão acha-se no mesmo *Anuario Brasileiro de Literatura*. De um modo geral obedece ás normas da razão, embora louvaminheira e timida quanto á parte objetiva. E', assim, mais palavra de camarada do que honesto estudo.

Tratando da tradução que realizou Goulart de Andrade da obra-prima de Enrique Larreta, *A gloria de D. Ramiro*, narra Mucio Leão:

"Essa tradução realizou-a Goulart com aquele zelo, aquele escrupulo, que punha em todas as suas obras. A novela fôra traduzida em varias linguas européias; alguns dos tradutores eram nomes ilustres nas suas literaturas. Em francês, por exemplo, o autor da versão fôra nada menos do que Remy de Gourmont.

Em conversa com Enrique Larreta, eu tive ocasião de lhe ouvir algumas reservas ao trabalho de Goulart de Andrade. Não pude bem perceber qual era a razão dessas reservas.

....

Quem nos dirá si *A gloria de D. Ramiro* em português, na versão de Goulart de Andrade, não tem uma beleza maior do que o original de Enrique Larreta?"

Que Mucio Leão confesse não entender as origens das restrições, vá. O que, porém, não passa é seu candido atrevimento do ultimo trecho copiado, em que atribui superioridade da tradução deante do impecavel, forte, definitivo romance que enterniza, o nome de Enrique Larreta. Acredito que uma pessôa que lê apenas por distração, hoje um *suelto*, amanhã uma óde, depois um conto, e folheia depressa Tirso de Molina, enquanto devora um discurso do Sr. Agamenon de Magalhães, não consiga, efetivamente, comparar o trabalho preciso e rigoroso do literato argentino, que é esteta e historiógrafo, com a bem intencionada feição modernista que lhe emprestou o saudoso trovador brasileiro. O de que se queixava Enrique Larreta não é da estupidez ou coisa similhante de Goulart de Andrade, que jamais patenteou reprovavel, irritante cretinismo, mas só e só de mudança de tom, de certa deturpação da atmosfera que envolve as personagens, enfim, da excessiva liberalidade que a si proprio concedeu o intérprete quando enfrentou cenas de velho sabor e situações já desusadas. E isto é um fato, que nós verificamos minuciosamente, apesar de o não ter feito Mucio Leão.

Sustentar que o tradutor melhorou o romance, eis disparate que levaria á bomba qualquer aluno de literatura. Enrique Larreta escreve o castelhano como Camilo e Castilho escreveram o português. Enrique Larreta aprofundou-se na análise do passado, como o imenso e estupendo Alexandre Herculano. Após, cinzelou *A gloria de D. Ramiro*. O livro triunfou no mundo inteiro. E' atualmente colocado entre os melhores de seu genero. Goulart de Andrade achou-o magnifico e, sincero, pôs-se a vertê-lo á nossa lingua. O entusiasmo suplantou o peso de um labor naturalmente dificil, e êle nem sempre manteve o ar cavalheiresco e arcaico da novela. Eis tudo. Duvidamos que Mucio Leão destrua, baseado, esta afirmação veridica e palpavel. Apontar-lhe-íamos, caso o tentasse, varios enganos do brilhante e bonissimo Goulart de Andrade, enganos que, de algum modo, tiram ás vezes o caráter do formidavel livro de Enrique Larreta.

Não se irritasse conosco e não nos acusasse de pessimista o caro conterraneo e feliz colega Mucio Leão, muito á puridade lhe suplicariamos que nos dissesse si confrontou Goulart de Andrade e Enrique Larreta, si tem orelha habituada ao idioma castelhano, si é capaz de analisar esteticamente o estilo dos escritores da literatura de lingua espanhola, si calcula o que há de veridico e profundo no estudo dos tempos de Felipe II executado pelo autor argentino...

Goulart de Andrade

Mucio Leão quís ser amavel á memoria do tradutor e, contra a descarnada, a rija verdade, jogou uma pedra ao marmore que é *A gloria de D. Ramiro*. Sua sorte está em que, lá fóra, o português não se conhece e, cá dentro de casa, o orgulho nacionalista aceita qualquer trombeta de latão como sinfonía de ouro.

Boileau, dirigindo-se ao Condê de Guilleragues, arquitetou um verso, que é antecipação de incontestavel habilidade:

Esprit né pour la cour et maitre en l'art de
[plaire...

Este mal não o padece exclusivamente Mucio Leão. E' doença de muitos dos nossos a megalomania hiperbólica da patrioteirice. Não há arma mais perigosa e comica.

Testemunha-o o Sr. Alvaro de Alencastre, que depositou nos *Anais do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil* um monte de declamações civicas e paradoxais a respeito da primazia dos brasileiros em tudo, da fatal hegemonía dos filhos desta gleba sobre quaisquer raças, nacionalidades ou o que seja. O Sr. Alvaro de Alencastre zanga-se por não reconhecerem todos os povos a decantada supremacía. Ataca, apoplético, os que, sujeitos á ciencia e á verdade dos fatos, não aceitam a denominação *lingua brasileira*, nem pensam que o conjunto de nossa intelectualidade obscureça e sobrepuje o da italiana, o da espanhola, o da inglêsa, o da alemã, o da russa, o da francêsa e o da greco-latina.

Não redigiu o Sr. Alvaro de Alencastre suas tiradas em torno destas idéias? A elas não se

reportou? Gritar-nos-á, verde e amarelo, que não. Acontece, todavia, que sua empolada linguagem não defende coisa diversa. Seu regionalismo baralhado, que afinal ninguém define, arrastará a mentalidade nacional ao campo da vaidade discursadora e do grotesco auto-elogio.

Eis um pedacinho maravilhoso:

"Vivem denegrindo o que é nosso, desvalorizando o que é nosso.

Perguntai-lhes si em toda a America do Sul há um livro como a *Réplica*. Levantai em uma mão a *Réplica* de Rui Barbosa e proclamai a vitória desse monumento em todo o continente americano."

Parece incrivel, porém o Sr. Alvaro de Alencastre afirmou esta desorbitada retumbancia. No Brasil, graças a Deus, não habitam apenas malucos e fanaticos. Os que meditam e sabem paralelizar, os que não estão hidrófobos de superstição, os que julgam imparcialmente nunca negaram que a *Réplica* de Rui Barbosa é uma coleção de artigos e notas gramaticais, que giram ao redor de problemas esparsos de sintaxe da lingua portuguêsa, tudo fundado na leitura dos classicos e a revelar enorme competencia. Passar daqui é asneira de quem não conhece os trabalhos de José Joaquim Nunes, Carolina de Michaelis, Leite de Vasconcelos. A *Réplica* de Rui Barbosa não nos diz nada de filosofia da linguagem, nada de estética da linguagem, nada de psicologia da linguagem. E' obra sem unidade. Embora nos orgulhe, representa menos do que *Os Sertões* de Euclides da Cunha, do que as *Memorias póstumas de Braz Cubas* de Machado de Assis, do que *A organização nacional* de Alberto Torres, do que *Um estadista do Imperio* de Joaquim Nabuco, do que a *História da Literatura Brasileira* de Silvio Roméro, do que *O Atenêu* de Raul Pompeia, do que *O Selvagem* de Couto de Magalhães, do que a *História do Brasil* de Varnhagen, do que as *Populações meridionais do Brasil* de Oliveira Viana, do que as *Poesias* de Bilac e tantos volumes cheios de espirito brasileiro, de carinho, de entusiasmo, de elevação e, principalmente, compactos por suas doutrinas bem travadas. A mania de tornar a *Réplica* de Rui Barbosa especie de tabú é positivamente tola. Nosso país andaria muito atrazado em linguistica (e de fato não póde ostentar nomes de legitimos e grandes técnicos da especialidade) si chamasse á *Réplica* de Rui Barbosa monumento da ciencia de Meyer-Lübke, Vendryes e Trombetti. Não, Não, Não. A *Réplica* de Rui Barbosa é atestado de constante convivio com os autores que aperfeiçoaram nosso idioma, de completa familiarização com os temas de sua gramatica, nunca síntese doutrinária, simultaneamente filosófica, estética, psicológica e histórico-comparativa da lingua portuguêsa. E' uma série de fragmentos, relativos em sua maioria a questões sintaticas. Nem ao menos ventila estas questões sintaticas pelo processo histórico-comparativo, que interessa a varias mentalidades. Restringe-se á regra do que é e do que não é correto de acôrdo com o uso literario. Contestar-nos-á o Sr. Alvaro de Alencastre? Vamos! Não nos venha com ditirambos e frenesís. Raciocine. Confesse que exagerou.

A *Réplica* de Rui Barbosa tem, na America do Sul, pelo menos dois livros de autentica linguistica que a superam. Opinião suspeita não vale. O mundo culto encontrará na *Réplica* de Rui Barbosa indicações aproveitaveis para a organização da sintaxiologia do idioma luso, não reflexões de ordem mais grave e geral, que se refiram ás razões evolutivas do idioma luso em relação ao fenomeno universal da linguagem. Assim, a *Réplica* de Rui Barbosa aproveita pouco ao especialista que abrange os ramos diversos da ciencia de Max Müller, Meillet e D'Ovidio. Será o mesmo a famosa, a norteadora, a densissima *Gramática de la lengua castelhana* de Andrés Bello? Será o mesmo o assustador, o ponderado, o indestrutivel *Diccionario de Construcción y Régimen de la lengua castellana* de Rufino José Cuervo? O Sr. Alvaro de Alencastre não viu ainda nem este nem aquele e ignora inteiramente o que é qualquer dos dois. Procure-os. Consulte-os. Aprenda-lhes os ensinamentos. Distinga, após, uma miscelania de considerações desligadas, mesmo erúditas, do bloco granitico que encerra só um sonho, só um ideal, só uma orientação.

Não saimos, ao responder á parlapatice galata do Sr. Alvaro de Alencastre, do terreno da linguistica. Escolhemos os cumes altaneiros desta ciencia na America e os encostamos ao que é a *Réplica* de Rui Barbosa. Abandonassemos o campo cercado de um unico conhecimento, para olharmos o oceano da literatura continental, e encarecidamente solicitariamos do tremebundo apóstolo do localismo que aprendesse a apreciar *Facundo* de Sarmiento, *Bases y puntos de partida para la organización politica de la República Argentina* de Alberdi, *Ariel*, *Motivos de Proteo* e *El mirador de Próspero* de José Enrique Rodó, *Siete tratados e Capitulos que se le olvidaron á Cervantes* de Juan Montalvo, *Idola Fori* de Carlos Arturo Torres, *Historia Constitucional de Venezuela* de Gil Fortoul, etc. Salteiadamente, esquecendo outros iguais, organizamos esta listinha de livros que têm sido louvados em todo o mundo culto por sábios de incontestavel merito e, a criterio do Sr. Alvaro de Alencastre, quiçá, antipatriotas, maus cidadãos, traidores de suas nações...

Admitamos que um sujeito com a malaria do nazismo (mussolinismo de caserna) negue um Goethe, porque de burros ninguem espera sinão coices. Confrontar Victor Hugo e Byron, perdoa-se. E' ingenuo, porém não infame. Peor, todavia, do que isto e do que aquilo, pratica o Sr. Alvaro de Alencastre, que opina sem conhecer a causa. Como póde êle sustentar que Castro Alves está acima de Olegario Andrade ou que Graça Aranha é melhor do que Blanco Fourbona, si nunca leu Olegario Andrade e Blanco Fourbona?

Apesar disto, escutemo-lo:

"Quanto á vida literaria da America do Sul, a nossa situação é de verdadeiro destaque, quanto á qualidade e quanto á quantidade.

....

Nenhum país da America do Sul apresenta um numero tão grande de escritores notaveis como o Brasil."

O Sr. Alvaro de Alencastre ignora plena, integralmente a história intelectual da America. Essas suas inconsistentes e ôcas têses, que não resistem a um exame imparcial e bem feito, revelam-no afoito declamador, nacionalista destemperado e homem de nenhum tino. Apregoa o que não tem.

Si possuisse dados suficientes, si não se descuidasse de estudar a evolução da cultura dos países da America com espirito humanistico, si não se atrevesse a falar do que não entende, calar-nos-iamos. Cada qual defende seu gôsto. Mas não se trata de questão individual. E' coisa muito diferente. O Sr. Alvaro de Alencastre, que não se informou primeiro da opulencia da literatura de nossos vizinhos, frenetico e arrepiado, grita que a do Brasil a supera em quantidade e em qualidade.

Tais disputas são grosseiras e ingratas. Não tomaremos parte nos jogos de circo. Queremos sómente acentuar que o Sr. Alvaro de Alencastre jamais se enfronhou na literatura de nossos vizinhos, embora a detrate e a considere inferior á brasileira. Que audacia!

Não advogamos em pleitos nulos de direito. Pouco se nos dá que os movam no teatrinho do *chauvinisme*. Acima de tudo a verdade cristalina. E a cristalina verdade é que o Brasil e seus irmãos da America, mais ou menos, conforme o genero, segundo a época e a escola, nos ultimos cem anos alicerçaram similhantes correntes literarias e valores pessoais bastante aproximados. Esbanjar tempo com discussões estapafurdias a respeito de hegemonia intelectual é arriscar-se a um desastre, a uma vaia estrondosa, principalmente quando não se sabe nada de Ricardo Rojas, nada de José Ingenieros, nada de Ameghino, nada de Ramos Mejía, nada de Rafael Maria Baralt, nada de Santos Chocano, nada de Alcides Arguedas, nada de Olmedo, nada de José Joaquín Casas, nada de Javier de Viana, nada de nada.

Um critico honrado não vomitaria a sentença grotesca que vomitou o Sr. Alvaro de Alencastre sem, antes, comprar obras prestigiosas dos escritores da America, sem adquirir as revistas artisticas e literarias que circulam em seus países, sem indagar da atividade universitaria e das associações de cultura que os honram, sem verificar que incentivos e premios concedem aos homens de alento os governos dessas nações e outras coisas indispensaveis. Os reflexos do movimento processado nas regiões novomundistas, onde a lingua castelhana impera, talvez sirva de indicio para a comprovação de sua inocultavel grandeza. Baste-nos lembrar que se multiplicam os tomos de louvor que mestres norte-americanos, francêses, italianos, inglêses, alemães, belgas preparam sobre a vida mental daquelas regiões mundonovistas. Compulsemos as 564 páginas da *História literaria da America Espanhola* de Alfredo Coester, traduzida do inglês pelo hispanico Rômulo Tovar, e as 414 de *A literatura hispano-americana* de Isaac Goldberg, igualmente *yankee*, cuja versão castelhana é trabalho impecavel de Rafael Cansinos-Assens. Para o nosso fim não necessitamos de novos testemunhos, que nos não faltam.

O Sr. Alvaro de Alencastre dispensou tais fundamentos, não mostra curiosidade pelos esforços educativos dos povos americanos, não investigou coisa alguma, porém berrou grosso e implacavel, como si fosse o papa da intelectualidade universal. E' típico.

Estamos a contemplar antigo erro de nossos compatriotas, que não se fatigam em buscas e rebuscas, porém emitem pedantesca e arrogantemente sua opinião.

A respeito de coisas do Novo-Mundo, quem aqui as examinou com segurança, com profundeza e com imparcialidade? Onde o critico brasileiro que, de fato, haja lido, linha por linha, algumas obras de mestres da America Espanhola? Vivemos no meio literario de nosso país e podemos jurar que êle não existe.

Contaremos um fato caraterístico. Um fato que mostra o que é, em relação a seus confrades do Novo Mundo, o intelectual do Brasil.

O Ministerio de Educação Nacional da Colombia remeteu, gratuitos, a muitos escritores do Rio de Janeiro, dezenas e dezenas de livros de Rufino José Cuervo, Miguel Antonio Caro, Gómez Restrepo, Marco Fidel Suárez, José Manuel Marroquín, Carlos Arturo Torres e outros. Estes nomes significam cultura, competencia, talento, bom gôsto, elegancia e senso da beleza. São de homens de letras que elevam a fama de toda a America, quer a de idioma castelhano, quer a em que se falam linguas diversas desta.

Um poeta dos nossos, afortunado membro de prestigiosa sociedade literaria, teve a sorte de ganhar a coleção de tomos daqueles eximios colombianos e ainda de Luís Eduardo Nieto Caballero, José Manuel Restrepo, Rafael Maria Carrasquilla, José Joaquin Casas, Luís Maria Mora, Santiago Pérez Triana, etc. Tomos de contos, ensaios, criticas, novelas, discursos, folclore, sociologia, linguistica, história e varias especialidades. Não os abriu. Deu-os, intactos, virgens, novinhos, a um amigo. Fomos testemunha do acontecimento.

Correram as semanas. Numa roda de literatos, um dos mais ajuizados e menos pretenciosos escritores da literatura oficial lhe indagou, a nossa vista:

— Você teve oportunidade de apreciar essas numerosas obras que o governo da Colombia nos enviou?

O melancolico e exausto vate, em vez de confessar que não lhes cortara as folhas, respondeu:

— Ora! O Brasil sempre acima de tudo isso! Aqui há melhor!

Ficamos estatelados. Não comentamos. Morreram-nos as palavras na garganta.

Então *Del uso en sus relaciones con el lenguaje* de Miguel Antonio Caro não é um livro magnifico, que póde colocar-se ao lado de um dos melhores de Dauzat, Guarnerio ou Stenzel? Então *El castellano en America* de Rufino José Cuervo não é admiravel síntese de idéias sobre importante questão, a qual Grandgent, Bourciez ou Kluge assinaria? Então *Critica literaria* de Gómez Restrepo não encerra certos ensaios perfeitos, que passariam por páginas de Taine, Brunetière ou Faguet? Então *Escritos* de Marco Fidel Suárez não contém alguns capitulos magistrais que pela forma e pelo fundo um Carducci, um Cansinos-Assens ou um Remy de Gourmont quereria para si? Então as *Semblanzas* de José Joaquín Casas não lembram, por sua arrebatadora estrutura estética e moral, perfis de Azorín, Sainte-Beuve ou Zweig? Então os *Discursos* de Guillermo Valencia, eletrizantes e modelares, não equivalem ás vezes a lições éticas de um Emerson, de um Carlyle ou de um Ruskin? Então *La sociedad contemporanea y otros ensayos* de Luís Eduardo López de Mesa não se aproxima, aqui

André Siegfried e o Brasil

André Siegfried foi hospede do Brasil em 1937. O escritor francês não se limitou a transmitir aos seus compatriotas impressões de turista deslumbrado com a magestade dos nossos panoramas. Estudou o Brasil tambem no seu desenvolvimento cultural, perquirindo tendencias e verificando com indisfarçavel prazer o prestigio francês nesse particular. E' interessante apresentar aos nossos leitores um dos artigos publicados no "Le Petit Havre."

PROBLEMAS DE CULTURA INTELECTUAL

O Brasil decende de duas civilizações: a européa e a americana. Português por origem historica, êle é parte integrante do Novo Mundo pela geografia. De que lado pende ou penderá o Brasil, eis justamente o problema de seu destino. A Europa, isso se adivinha, está diretamente interessada na resposta, e a França principalmente — veremos já por que.

A impressão portuguêsa sobre o Brasil parece indelevel. Os portuguêses são, na história, um grande povo colonizador: êles abriram, durante o Renascimento, algumas dessas grandes estradas mundiais que permitiram a irradiação da Europa pelo planeta inteiro; mais que os espanhois tiveram êles o senso da valorização das terras novas; atraídos, pelas raças exoticas, por uma inclinação singular, êles com elas se fundiram, sem lhes oporem esse desdem que é a carateristica dos anglos-saxões.

A influencia portuguêsa, de outro lado, manteve-se com persistencia porque a dinastia do velho país se transportou para o Rio no momento das guerras napoleonicas; a separação que se serviu não teve verdadeiramente o caráter de uma rutura, visto como o Brasil conservava um soberano português; D. Pedro, o ultimo imperador, reinava ainda quando eu era menino. Vi seu palacio, hoje transformado em Museu; as lembranças de sua pessoa, de sua influencia, de sua côrte, estão por toda parte. Em comparação com a Argentina, país novo em toda a força do termo, o Brasil faz figura de país veneravel, com algumas tradições quase vetustas e com uma atmosfera de cultura que rescende ainda á aristocracia. A Virginia, o Sul dão aos Estados Unidos uma impressão análoga, em contraste com a juventude triunfante e um pouco vulgar do Oéste, mas, no Brasil, a presença de uma velha civilização de fonte européa é bem forte, por outro modo.

Não póde deixar de impressionar o nivel elevado da cultura intelectual na elite brasileira. Conhecimento das literaturas européas, gosto pelas leituras *rafinées*, distinção da palestra na sociedade, todos estes são traços evidentes. O povo é ignorante, sem duvida, e a quéda é pesada quando se passa dos quarteirões elegantes aos quarteirões populares, e da cidade ao campo. Entretanto, mesmo nos ambientes médios, as preocupações intele-

---

e ali, das considerações sociais de Delafosse, Klein ou Ferrière? E *Critica* de Fernando de la Vega, não presta? E *El Dr. José Félix de Restrepo y su época* de Mariano Ospina? E *Las ciencias, las letras y las bellas artes en Colombia* de Sergio Arboleda? E *De la novela* de Diego Rafael de Guzmán? E *Idola Fori* de Carlos Arturo Torres? E o romance *La obsesión* de Daniel Samper Ortega? E o romance *Transito* de Luís Segundo de Silvestre? E o romance *Inocencia* de Francisco de Rendón? Naturalmente uns interessam aos colombianos mais do que ao resto dos filhos do Novo-Mundo, mas não se enumeram quiçá seis que se circunscrevam por sua ideologia e pela arte nos exclusivos limites da Republica de onde provêm. Anima-os, geralmente, o espirito humanistico e fraternal dos bons exemplares de nossa especie, mesmo quando o assunto é local. Poucos deixam-se infeccionar do retoricismo odiento e nefasto que a nacionalice supura.

Não há motivo para que se nos julgue maldizentes, desanimados, anti-patriotas por não aplaudirmos as injustiças de brasileiros frívolos contra nossos vizinhos e irmãos da America. Não diminuiriamos jamais nossa patria, porém evitaremos provocações que nem sempre redundarão em vitorias nacionais á luz da história. Convem-nos trabalhar e aguardar o elogio e o reconhecimento da humanidade, não tomar o alcool da auto-sugestão megalomaniaca antes de qualquer iniciativa ou colheita.

ctuais, á maneira francêsa, são frequentes muito mais que nos Estados Unidos. Sei por experiencia propria que se póde falar em francês deante de auditorios de 200 ou 300 brasileiros e ser compreendido exatamente como se o seria em França; póde-se mesmo falar, pormenorizando, de nossa vida politica ou literaria, e todos os detalhes parecem interessar ao publico que conhece e ama a França um pouco como a uma patria.

E' aqui que é preciso colocar uma observação de essencial importancia. A fonte da cultura brasileira estando como está na Europa, é bem preciso que os brasileiros permaneçam espiritualmente ligados ao velho mundo. Normalmente, para Portugal deveriam êles voltar-se. Mas, a despeito de sua vitalidade, a antiga metropole é pequena demais, demais isolada no extremo do antigo Continente. No seculo XIX, foi a França que desempenhou o papel de guia intelectual, tanto mais facilmente quanto tambem pertence á atmosfera latina e que nunca, entre os povos que descendem da latinidade, não fez a França figura de povo estrangeiro. Aí está a razão da influencia que exercemos e que devemos continuar a exercer.

O adjetivo *latino* é vago. Não há raça latina, mas existe, sem duvida, um modo latino de encarar as coisas; nesse ponto, a lingua faz muito, visto como o francês, o espanhol, o português e o italiano vêm todos do latim; há mesmo uma concepção comum do direito, dos gostos comuns, na maneira de viver, que são infinitamente poderosos. Não creio que a America espanhola ou portuguêsa venha a se libertar dessa atração. A ligação Europa-Brasil, está por certo destinada a durar.

Dito isto é preciso voltar á America e lembrar que o Brasil, como os Estados Unidos, faz parte do novo Continente. Há uma especie de mistica americana, que se encontra, por toda a parte a mesma, desde o Canadá até a Argentina; ela se exprime por uma confiança absoluta no destino do Novo Mundo, do qual não se duvida um só instante que não seja o mundo do porvir. As rivalidades entre a America do Norte e a America do Sul empalidecem deante dessa conciencia mais forte da unidade americana. As dissenções da Europa firmaram mais ainda, depois da guerra, essa vontade que têm os americanos de viver sua propria vida renegando a solidariedade das desordens e das crises européas. Desse modo, a influencia dos Estados Unidos será necessariamente cada vez mais forte no dominio material. Quando se tratar da construção de casas, da abertura de rodovias, da organização de serviços de aviação, será instintivamente para o lado dos Estados Unidos que o Brasil está tentado a voltar-se. Rio de Janeiro e São Paulo têm arranha-céus que não os embelezam, mas que tambem, em tais logares, não espantam.

Mesmo nesse terreno da concurrencia economica, creio que podemos lutar. Mas um terreno sobre o qual não devemos, em caso algum, abandonar a partida, é o da influencia intelectual. Nesse ponto, possuimos a tradição, a velocidade adquirida e, posso ajuntar, a simpatia. A obra magnifica realizada de há 30 anos para cá pelo dr. George Dumas no dominio do alto ensino é prova disso; graças a êle, todos os anos em São Paulo, no Rio de Janeiro, e amanhã na Baía, professores francêses ensinam nas Universidades brasileiras enquanto liceus francêses mantêm conhecimento de nossa lingua e, coisa mais importante ainda, a presença de nossa cultura.

Não se trata de propaganda, palavra deploravel que seria necessario banir. Não é cantando louvores á França que poderemos senti-la, mas delegando para lá francêses conhecedores das questões de que falam, ou honram seu país pela competencia. Temos muitos homens desse valor, para mandar. E' preciso saber escolhê-los; será preciso acima de tudo continuar a produzi-los. Creio assim que estamos condenados á superioridade e que a França, simplesmente para se manter deve visar alto.

André Siegfried

Luiz Pistarini e Nazareth Menezes

PERES JUNIOR

Não sei de nada que mais nos conforte o espirito do que relembrar amigos que se foram já da existencia, mas que nos deixaram duradoura saudade.

Luiz Pistarini e Nazareth Menezes, que eram inseparaveis e que foram meus amigos, ambos poetas, e que a morte cruelmente arrebatou em plena mocidade, identificavam-se perfeitamente pela grandeza de coração que possuiam; pela bondade e pelo talento.

Luiz Pistarini, enfraquecido, quando o conheci pela molestia fatal que o atormentava, mas, resignado em extremo, era no entanto espirituoso e alegre, como demonstrava nas suas palestras e nos versos humoristicos que em diversos jornais e revistas publicava, especialmente no *Tagarela* de que era colaborador assiduo.

Nazareth Menezes; — forte, gentil, esbelto, sadio, communicativo; tendo em cada pessôa que dêle se aproximasse um amigo, ao contrario do que sucedia com Pistarini, ninguem o supunha tão perto estar da morte, o que tanto a todos surpreendeu e compungiu.

Pistarini era um poeta lirico de grande sentimento, delicadissimo e inspirado.

Os seus versos claramente indicam o quanto a sua alma era enternecida e sincera. Este soneto é de um admiravel e delicado pensamento:

Não te envergonhes nunca do teu crime!
E por mais que o remorso a ti te vare,
Beija-lhe o fruto, e á luz que te redime
Despreza o modo porque o mundo o encare.

Ser mãe — é um poema que se não exprime,
Formosa, embora um grande sol o aclare...
Não há inverno que se lhe aproxime,
Nem primavera que se lhe compare.

Deixa que sobre ti chovam apodos!
— Da sociedade os preconceitos todos
Bem pouco valem de banais que são!

Mãe! — ninguem póde macular-te o brilho,
— Pecaste... Porém Deus, dando-te um filho,
Deu-te o castigo e deu-te a redenção!

Todas as suas produções poeticas, são assim: espontaneas, simples, de imaginação e de brilhante colorido e correção.

No humorismo era tambem de graciosa inspiração e de espirito:

— Fiz anos. E por isso, um misterioso
Cartão de certa moça recebi:
— Saudações... Parabens... — Muito cheiroso,
Mas, cuja letra não reconheci...

Todo escrito em cursivo primoroso,
Tinha num canto a data em que nasci...
E no envelope, no carimbo, ansioso,
Só — "Sucursal de Botafogo" — li.

— Edazima — o firmava. Adeante, ponto.
Não sei quem seja. Tenho andado tonto.
Céus! quem me tira desta colisão?!

— Laura, Lucia, Beatriz, Olga, Mercedes,
Moças de Botafogo que me lêdes:
— Qual de vós me escreveu esse cartão?

Durante o tempo que aqui esteve no Rio, diariamente o encontrava e ao Nazareth, tendo sempre Pistarini uma nova poesia lirica ou humoristica para nos lêr, sofrendo a critica, principalmente do Nazareth que nessa ocasião era o critico teatral do "Rio-Jornal" e que, portanto, nada lhe deixava passar sem o seu pilherico *visto*.

O Pistarini, ás vezes, não gostava, mas não se aborrecia, procurando tambem criticá-lo.

Em 1903, deixou-nos; partio para Rezende, a sua querida Rezende, de onde era natural e de onde nunca mais voltou.

Depois de grande tempo de silencio, recebi dêle estes *triolets*, que fiz publicar no

Tagarela, saudoso da sua coloboração, e do qual era eu um de seus diretores:

Não penses, Peres amado
Que o *Tagarela* esqueci!
Porque hoje, vivo calado,
Não penses, Peres amado
Que em meu silencio trancado
Já não me lembre de ti...
Não penses, Peres amado
Que o *Tagarela* esqueci.

Si há muito nada lhe mando,
Deus sabe, filho, porque é,
Pois só Deus sabe como ando...
Si há muito nada lhe mando
E' que enfim, se vivo andando,
Não sei como ando de pé...
Si há muito nada lhe mando
Deus sabe, filho, porque é!

Neurastenico, mofino,
Da vida, a peste, a cavar,
Ai! de mim, que tão franzino,
Neurastenico, mofino,
Tão magro, tão pequenino,
Tanto tenho que cuidar!
Neurastenico, mofino,
Da vida, a peste, a cavar.

Depois, a falta do *cobre*
Traz tanta desolação,
Que é uma desgraça ser pobre!
Depois, a falta do *cobre*
Não deixa que se recobre
No pouco da inspiração...
Depois, a falta do *cobre*
Faz tanta desolação!...

Hoje, enfim, que uns *magros trinta*,
Me andam no bolso a tinir,
A musa, em festa, se pinta...
Hoje, enfim que uns *magros trinta*
Lhe dão *cheiro* e uma tinta,
Ei-la, que vai se exibir,
Hoje, que enfim uns *magros trinta*
Me andam no bolso, a tinir!

E ela a valer-se do ensejo,
Vai, hoje, te cumprimentar...
Porque é esse o meu desejo —
E ela, a valer-se do ensejo
Leva-te versos, e um beijo
Que, adeante deves passar!
— Ela a valer-se do ensejo,
Vai, hoje, te cumprimentar.

Luiz Pistarini

Nos seus versos alegres, assinava-se Lirio Peralta. Pistarini apareceu em 1899 com o seu primeiro livro de poesias *Bandolim*, que foi uma auspiciosa estréa. Em 1924, depois de falecido, sua filha Laís Pistarini, fez publicar *Agonias e Ressurreições*, com prefacio de Luiz Murat e que é um belo livro de consagração.

Nazareth Menezes, era a gentileza em pessôa. De pequena estatura mas de elevada bondade. Bacharel, jornalista e poeta de valor. Na campanha civilista fórtemente se bateu no *Diario de Noticias* pela candidatura de Rui Barbosa, tendo publicado um livro a que deu por titulo o glorioso nome désse grande brasileiro. De Nazareth Menezes, com saudade, falando pelo *Jornal do Brasil*, disse em tempo Raul Pederneiras: — "Bemfica Nazareth Menezes apareceu, com um nucleo de rapazes de espirito e de cultura de Rui Barbosa, tendo publicado um culista e aprimorado poeta. Apresentado por Luiz Pistarini e Péres Junior, ficou senhor do terreno por merecimento proprio e cultivando o humorismo em verso sob o nome de Nestor Mendes ou dedicando-se a critica teatral e a outros trabalhos de apreciação artistica, mourejou com prazer e com segurança em varios jornais e revistas. Simples, modesto e bom, a sua obra esparsa desenha nas entrelinhas o seu coração". E é exato. Ninguem como éle sabia conquistar afeições. Nas rodas dos artistas teatrais e na dos literatos, poetas e jornalistas e na de boêmios, porque era éle tambem um tanto boemio, só tinha admiradores.

A fotografia de Pistarini e dêle me foi

oferecida por ambos em 3 de junho de 1903 e com esta amavel dedicatoria

Ao Peres Junior, com muito afêto
estas caretas oferecemos,
como prova do muito que o queremos;
reconhecendo-o um rapagão correto.

Ha 34 anos. Eramos nessa época moços. O que não sei é se era eu um rapagão, como disseram; já tão longe estou desse esplendido tempo!... Esquecido, portanto.

Nazareth Menezes tinha grande entusiasmo pelo teatro, fundando com os escritores teatrais Ataliba Reis (João Claudio) e Januario Osorio o semanario *O Teatro*. Secretariou a *Gazeta de Noticias* e o *Diario de Noticias* e colaborou na *A Noticia* e no *Rio-Jornal*. Deixou publicados os seguintes trabalhos: *Lira Bregeira* (humorismo) com prefacio meu em verso, *Os religiosos estrangeiros; Vigilias* (versos) com prefacio de Silvio Romero, que muito o prezava, *O jornalismo Moderno; Rui Barbosa* e muitos outros de indiscutivel merecimento. Inacabaveis ficaram *Na terra dos diamantes*, notas de viagem a Diamantina de onde era filho; *A evolução teatral no Brasil*, história do teatro brasileiro desde Anchieta até nossa época.

Faleceu nesta capital em 28 de dezembro de 1924. Tinha 42 anos de idade. Luiz Pistarini, morreu com 41 em fevereiro de 1918, na Santa Casa de Rezende, tendo por subscrição publica um modesto tumulo na sua terra natal, que êle tanto amava e a quem pedia:

—Não me negues, por Deus, esta suprema glo-
ria:
Sete palmos de terra, apenas, no teu seio.

Era filho do maestro Luiz Pistarini e sua mãe, faleceu quando era êle muito pequenino. Ha por isso o seu belissimo soneto, muito conhecido *A' minhã Mãe*, e que termina assim:

Não te vi nunca mais! E, da orfandade,
Clamo, agora, nas trevas, com saudade:
—Mãe! porque foi que não morri contigo?...

Em seu leito de doente, recebeu um dia de uma viuvinha a quem fazia a côrte, uma carta pedindo para o visitar. Não a querendo receber devido a sua molestia e á sua

Nazareth Menezes

pobreza, enviou-lhe este primoroso soneto:

Recebi minha flôr, com muito agrado,
O mimo e mais os beijos, que agradeço;
Beijos... de longe! que outros não mereço,
Principalmente neste triste estado!

Ah! nem sabes, talvez, quanto padeço!
Mas, vivo agora tão desalentado,
Que, com o minimo excesso, empalideço,
Desmaio e tombo, exanime e prostado...

Não me visites, pois. Não! Tem paciencia!
Ninguem resiste á tentação que adora,
E o doutor me proibe essa imprudencia...

Perdôa; mas, dispenso-te a visita:
— Para quem sofre, como eu sofro agora,
Faz muito mal uma mulher bonita!

Poeta sempre!
Em meio até de seus sofrimentos!...

Recordando, pois, os nomes destes meus bons amigos de mocidade, aqui deixo á par da minha triste saudade a homenagem ao talento de que eram dotados.

Damasceno Vieira

(BIO-BIBLIOGRAFIA)

João Damasceno Vieira Fernandes, filho de José Vieira Fernandes e D. Belmira Vieira do Nascimento, nasceu em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, a 6 de maio de 1853. Fez seus estudos primarios no colegio sob a direção do provecto educacionista e notavel gramaticógrafo Bibiano de Almeida. Diplomado pela Escola Normal de sua cidade natalicia, preferiu seguir a carreira fazendaria onde subiu os sucessivos cargos, indo a morte surpreendê-lo a 6 de março de 1910, no de Chefe de Secção da Alfandega da Baia.

Como geralmente sucede ás verdadeiras vocações poéticas, desde muito cedo entregou-se Damasceno Vieira ao doce e cativante convivio das musas.

E' assim que, contando 19 anos de idade apenas, extreava êle em sua cidade natal, com uma coletanea de versos, a que modestamente denominou *Ensaios timidos* (1872).

Recebidas com gerais aplausos, apresentam-se estas primicias de seu éstro sob feição lirica e humoristica, sem as pieguices lamurientas dos romanticos de então, recordando a maneira graciosa, um tanto brejeira, levemente ironica de Bruno Seabra, apreciado escritor e brilhante aédo paraense, autor de *Flôres e Frutos*, livro que fez época no mundo literario, quando de seu aparecimento em 1862 nesta Capital.

Representando uma das figuras de maior significação, fez parte Damasceno Vieira do *Parthenon Literario*, notavel instituição fundada na Capital do Estado sulino aos 18 de julho de 1868, constituida por mais de cincoenta intelectuais, muitos dotados de grande merecimento, como Lobo da Costa, Carlos Ferreira Apeles, Aquiles e Apolinario Porto Alegre, Mucio Teixeira, Felix da Cunha e varios outros, — instituição cultural, sob cujo influxo durante largo periodo floresceram as bôas letras, a critica, a tribuna, o jornalismo, o teatro, produzindo um movimento de idéias só comparavel ao da capital do país, e que jamais se reproduziria no Rio Grande do Sul, após o desaparecimento desse admiravel centro de atividade intelectual.

Como poeta, que foi dos mais ilustres e festejados de sua geração, deixou-nos Damasceno Vieira, além dos *Ensaios Timidos*, *Auroras do Sul* (1879), *A Musa Moderna* (1885), *Escrinios* (1892), *Poemetos e Quadros* (1895), *A Flôr de Manacá* — poemeto (1900) e *Albatrozes* (1908).

Romancista imaginoso, senhor de um estilo elegante e fluente, vasado no mais puro vernaculo; critico imparcial e sincero, de altos descortinios; cronista polidamente ironico; delicado e fino *conteur;* polemista, mantendo sempre as mais francas e nobres atitudes, — deu-nos o eminente escritor patricio *História de um amor* — narrativa (1876), *Esboços literarios* — estudos criticos e poesias (1883), *Écos de Paris* — coleção de folhetins (1887), *Noites de verão* — contos (1888) e *Brinde a Olimpio Lima* — congratulação e satira em prosa e verso (1897).

O livro de impressões de viagens *Através do Rio da Prata* (1890) abriu-lhe as portas do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro.

Em dois grossos volumes de mais de 500 páginas cada um, expõe Damasceno Vieira em *Memorias Históricas Brasileiras* (1903) os acontecimentos ocorridos em nosso país de 1500 a 1837, data da Sabinada, guerra civil baiana.

Comediógrafo dos mais aplaudidos publicou Damasceno Vieira *Adelina* — drama em 3 atos (1880), *Arnaldo* — drama igualmente em 3 atos (1886), *Analia* — drama em 4 atos (1889), *A voz de Tiradentes* — cena dramatica em verso (1890) e *Os Gaúchos* — comedia de costumes rio-grandenses em 3 atos (1891).

De todos estes trabalhos cenicos constitue o drama *Arnaldo* o que obteve maior aceitação devido á sua perfeita carpintaria teatral e empolgante ação realista, sendo ainda atualmente levado á cena com sucesso, em varias localidades do país.

Exercendo sua incansavel atividade em multiplos setores literarios, como vimos, acentua-se a individualidade de Damasceno Vieira, sobretudo, pelas suas admiraveis qualidades de Poeta.

Iniciando sua vida nas letras com um livro de versos, encerrou-a com outro livro em que a Poesia se remonta ás paragens do infinito nas asas brancas dos *Albatrozes*:

Ou sobre as ondas do alto mar, flutuando,
Balouçantes, em sonhos, em cismares,
Ou sobre as nuvens revolvendo os ares,
Sem receio ao ciclone formidando,

De penas alvas, misterioso bando
De albatrozes, transpondo os grandes mares,
De encontro aos ventos, suplantando azares,
Vão ignoradas plagas demandando...

Deixai-os voar, em plena liberdade,
Ou rente ao mar ou na suprema altura,
Sumidos na azulina imensidade.

No dilatado vôo indefinito,
Êles aspiram, como ideal ventura,
Ir pousar nas paragens do infinito.

Transcrevemos ainda estas belissimas composições:

A' DOMADORA

Perante a grande multidão curiosa
Que doidamente aplaude e que condena,
Ela exibiu-se, impávida e serena,
Cingido o corpo em clamide pomposa.

Entrou nas jaulas e afagou mimosa
De hircano leão a túrbida melena;
O tigre, o lobo, a carniceira hiena
Curvaram-se ante a força prestigiosa.

Quando a beijaram canibais panteras,
A turba, num transporte delirante,
Fez-lhe ovações estridulas, sinceras.

Porém ela chorava nesse instante:
Chorava não poder, entre as mais feras,
Domar o fero coração do amante.

EM TREM DE FERRO

Eu ia, em trem de ferro, ver aquela
Cidade de La Plata peregrina;

Damasceno Vieira

Sentava-se a meu lado, airosa e bela
De mantilha espanhola, uma argentina.

Com voz musicalmente cristalina,
Travou comigo prática singela:
— Mire usted, caballero, esta divina
Mañana!...
Eu contemplava os olhos dela.

E por todo o decurso da viagem
Mostrava-me as belezas da paisagem
Que corriam defronte da janela...

— Mire usted como es rico este pasêo!
No hay nada mas belo!
"Si, os creo!"
E acreditava, sim, nos olhos dela.

Colaborou assiduamente no *Jornal do Comercio* e *O Mercantil* de Porto Alegre, na *A Tribuna* de Santos, no *Jornal de Notícias* e *Diario da Baía*, bem como em jornais e revistas literarias do Rio de Janeiro, e dos outros Estados.

Seus filhos, Arnaldo Damasceno Veira e Damasceno Vieira Filho, fervorosos cultores da memoria paterna, ocupam igualmente logar de destaque em nossas letras.

Equatoriais

O RIO AMAZONAS

(Excerto)

SALADINO DE GUSMÃO
(Da Academia Carioca de Letras)

O mar interior amazonico, formado pela separação das bacias dos grandes rios Paraguai e Amazonas, em virtude do levantamento do planalto central, não podia deixar de procurar um escoadouro por onde extravasar suas aguas. Impedido em tres direções por imensas barreiras de montanhas, ao norte, ao oeste e ao sul, oferecia-lhe o lado oriental vasta planicie, entremeiada de lagos e golfos, só de longe em longe interrompida por elevações, pequenas demais para constituirem obstaculo á sua marcha.

Insinuadas por entre elas, as aguas tomaram velocidade e romperam caminho, obedecendo á direção facil que a Natureza talhára, á principio e longamente, do ocidente para o oriente e, já quase ao termo de longo percurso, de sul para norte, escancarando enorme embocadura, rasgada entre Macapá e Marajó.

Iniciada a vasão, o nivel baixou; delineou-se a arteria principal, eixo do maior sistema hidrografico do mundo, pela extensão, pelo volume, pela variedade. Rios imensos, afluentes e sub-afluentes de outros tão grandes, dirigiram-se para ela, caudal enorm a cuja capacidade e desenvolvimento deveu a denominação de Rio-Mar, competindo com o Oceano, que invade livre de margens, audaciosa e soberana.

Desde, então, o regime do sistema vem procurando definir-se, em rivalidade com a planicie, que se esforça por consolidar-se; a luta pelo espaço vai cavando a terra e vai afastando a agua. Entretanto, o rio desloca-se para o sul, paralelamente a si mesmo; a terra, em desperdicio diario é carreada para o Oceano, plasma gerador de territorios, em busca de outras latitudes, no dizer feliz de Euclides da Cunha.

Na corrente impetuosa flutuam galhos, palmas, troncos, balsedos, arrastados das margens uns, descidos dos rios outros, todos levados pela voragem. Ao curso vertiginoso da carreira entrelaçam-se ás vezes, como que amparando-se mutuamente, para se deterem no primeiro logar onde o baxio se insinúa, em delineamento dos primeiros contornos de uma ilha, efemera formação aluvial gerada pela terra moça que resistiu á tremenda luta com a agua e não foi arrastada!

Precária vida! A formação, que se operou no fim da vasante, quando enfraquecida a corrente, permanece para entrar em agonia aos primeiros sinais da enchente, quase sempre violentos. Depois, vem a torrente desfazer-lhe a tessitura pacientemente urdida e levar tudo tumultuariamente, na sugidade revolvida!

Não raro, porém, acontece subsistir a ilha que se insinuou; os detritos e as sementes que páram aí, germinam e crescem; dentro em pouco, é mata espêssa, novo obstaculo modificando o regime das aguas...

Assim, os *thalwegs* mudam continuamente, infletindo a corrente, óra numa direção, óra noutra, atacando sempre as margens. Abalada na sua base, a terra despenha-se, *terra caida*, na expressão simples dos nativos, arrastando com uma porção da margem, a canôa, o banheiro flutuante, a palhoça, a plantação, a propriedade e a vida do morador ribeirinho!

Ainda na maior vasante, é sempre a grande caudal, volumosa, violenta, incessante...

"ALEGORIA TROPICAL"

Impresso com tintas Jänecke-Schneemann K. G. de Hannover (Alemanha).

Alma do Sertão

NEWTON BELEZA

Pelo imperioso feitiço da majestade de "Os Sertões", parece haver uma inclinação geral a favor de Euclides da Cunha como expressão mais forte e mais fiel da alma sertaneja em nossa literatura.

Euclides da Cunha colheu genialmente o flagrante épico de um momento excepcional na vida sertaneja. O memoravel feito de Canudos singulariza-se na história, mas não traduz a regra da ação e dos costumes do nosso hinterlandez. Representa, ao contrario, um estado de exaltação belicosa, de anomalia psicológica extrema.

Mesmo a frequencia do cangaço nas regiões do Norteste não generaliza o acontecimento e as predisposições de animo observados em Canudos. Os bandoleiros constituem ainda uma exceção, uma diatése a que o organismo nacional reage continuamente nos proprios logares onde se manifesta.

Da minha incompleta leitura de escritores brasileiros, acho que dois detêm a primazia de evocação do que se póde considerar a alma sertaneja distilando-se na maciota da vida comum, normal, com os acidentes individuais, e nunca no estado de cegueira coletiva. Na poesia e transpirando os costumes e sentimentos mais do Nordeste — Catulo Cearense. Na prosa reveladora do espirito do amago sertanejo situado no altiplano mineiro — Afonso Arinos.

Afonso Arinos, já morto, não pára de viver no culto de seus admiradores, em que se contam rebentos da melhor estirpe literaria. Tristão de Ataide traçou-lhe um perfil magistral, e agora êle se reanima aos nossos olhos através das páginas quentes do "Ultimo bandeirante". Ia quase dizendo — amorosas, e são, realmente, amorosas, contagiantes de seu amôr.

Mario Matos nos faz ficar querendo bem, um bem particular com jeito de pessôa proxima da familia, á figura humana do já tão admirado escritor mineiro, como escritor.

Não é facil esclarecer-se quais são os imponderaveis que determinam a vitalidade de um artista. Afonso Arinos continúa a viver, e viverá sempre, fascinando a todos que o conhecerem. Por que? A sua obra vai sugerindo estudos amplos e tudo indica que comportará muitos outros, pelo tempo afora.

E' dos mais interessantes e carateristicos escritores brasileiros, principalmente por esse aspecto tão atual por êle abrangido de maneira notavel e, pode-se dizer, com absoluta inocencia, — a brasilidade.

Muitas são as restrições que se lhe podem fazer, e as merece. A sua produção, além de escassa, é de natureza fragmentaria e heterogenea quanto ao valor, não apresentando nem no mesmo volume uma constancia de nivel. Há em "Pelo Sertão", por exemplo, trabalhos de fisionomia sertaneja, como a história do "Assombramento", os contos "Joaquim Mironga", "Pedro Barqueiro", "Manuel Lucio", e "Estereira"; outros que são reminiscencias romanticas apenas despertadas em localidades do interior e trechos romanceados de ressurgimento historico, além de impressões de paisagens.

As três primeiras narrativas são obras primas, reveladoras por si sós de um escritor e de um artista que se perpetúa. Tambem elas principalmente definem o valor ciclico de sua obra na literatura brasileira. Não podiam ser mais fiéis os tipos sertanejos aí retratados, valendo por estudos fortes de psicologia feitos indiretamente na mais pura, na mais bela, expressiva e emocionante forma descritiva.

Juntem-se a isso as páginas deliciosas das "Lendas e tradições brasileiras", e teremos delimitado a obra imperecivel deste escritor fascinante.

O tão decantado "Buriti perdido" está longe de se poder comparar com qualquer das três narrativas anteriormente mencionadas. Encerra até uma impropriedade de localização que não compromete o trabalho do artista, capaz de deslocar cenarios e dividir-lhes trechos para recompôr novos, segundo o seu gosto e temperamento. Mas em verdade o buriti vegeta nos logares humidos, nas baixadas pantanosas e sempre reunido a muitos outros, enquanto em regra as estradas aproveitam os altos, os espigões, logares secos e aridos, improprios á sua ambientação.

O cunho romantico há pouco referido e que se encontra acentuadamente no "Buriti perdido" está em perfeito acôrdo com a alma do sertão, onde as tradições perduram como reliquias adoradas e longamente irremoviveis. Na vida rural perde-se a noção do tempo e ganha-se absorvedoramente a do espaço, ao contrario do que acontece nos centros urbanos. Ainda agora é perfeitamente legitima a côr romantica na alma sertaneja.

Tirante José de Alencar e ultimamente Mario de Andrade, ninguem foi mais brasileiro no sentimento que flue de varios de seus contos, na expressão vocabular tambem de alguns dêles, nos cenarios descritos. E tudo corre na grandeza de um estilo fluente, maneiroso, cheio de magnetica vitalidade.

Observa-se que para melhor versar o assunto tão seu predileto, mais teria a lucrar despindo-se de certas louçanias e rebuscamentos de expressões, principalmente do uso de termos arcaicos, chocando-se com a frescura gostosa das palavras nascentes, colhidas no vernaculo brasileiro, de que foi eximio na escolha e no emprego em muitas passagens.

Não só o conhecimento objetivo da natureza e do homem sertanejos transfundiu em seus trabalhos, através de sua emoção e sensibilidade. Êle tinha a alma do sertão borborinhando na sua alma. Ou se terá de admitir, de outro modo, uma memoria prodigiosa para conservar com tanta exatidão o que por acaso ouvisse dos roceiros nos pateos das fazendas.

Uma observação mais atenta parece-nos indicar como menos provavel essa ultima hipotese, porque Afonso Arinos não se escraviza á reprodução do que chegou a ver e a ouvir. Sobre a linguagem e a fisionomia sertanejas exerce as suas faculdades seletivas, como se dá com os verdadeiros artistas, fornecendo-lhe apenas os materiais á sua modelação superior, que tudo sobreleva. Assim, a alma sertaneja nos chega através de Afonso Arinos, nos seus requintes de apuro e caraterização.

A naturalidade não se prejudica pela escolha criteriosa e sagaz, decerto instintiva para quem tudo indica que viveu o sertão, e por causa da imensa afinidade que a êle o prendia. Este excerto de "Joaquim Mironga", um conto que é uma obra prima por qualquer aspecto por que se encare, mesmo do ponto de vista universal, á parte o interesse para a literatura brasileira, dá bem uma medida do que venho afirmando:

"O sol estava querendo sumir, quando encostei a porteira. Pulei da sela e amarrei no moirão o ruço pedrez — um bicho malcriado, reparador, mas de espirito. No lombo desse pagão eu comia doze leguas de uma assentada. Olhei a frente da casa, pus a mira no alpendre e não vi ninguem. — Uai, Joaquim, aí tem coisa! — Entrei bem sutil, reparando duma banda e outra.

"Patrão velho, na hora em que eu estava arreiando o pedrez, tinha chegado perto de mim, dizendo: Olha lá, Mironga, não me vás sair um perrengue!

— Perrengando, perrengando, meu branco, eu entrei lá dentro. Vossemecê há de vêr, com o favor de Deus".

— Olha o café, Joaquim, sem te cortar a conversa — disse um caboclo meão, de chapéu de couro e sugigóla. E estendeu o cuité fumarento, onde parecia ainda borbulhar o liquido.

Na varanda da frente, a gente do retiro estava reunida para ouvir o Joaquim. Era tempo de vaquejada e todo o dia havia um caso novo, uma chifrada de marruaz, uma passagem bem feita com algum garrote bra-

vo. A varanda era comprida, defendendo-a do mau tempo a grande cimalha, apoiada em colunas de madeira lavrada. Presas a estas, duas ou tres rêdes, tecidas de sêda de buriti, embalavam o sono da camaradagem, que ruminava o jantar depois de um dia fadigoso, em que o gado na verdade déra que fazer.

Demais, esse gado de beira rio Preto não era caçoada. E nesse dia no cerrado do Periquito, os vaqueiros toparam uma rês alevantada, que fez o diabo.

Mas o Joaquim não era homem de ficar quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiú ao sol. Era preciso animar a rapaziada na vespera de qualquer trabalho mais dificil.

Para o dia seguinte, o patrão tinha marcado uma campeação no cerrado do Garapa, onde havia um cambaubal de meter medo. E as rêses velhacas sovertiam-se lá dentro, que só mesmo o capeta podia com elas.

Quando ia ficando lusco-fusco, o povo campeiro chegava para a banda de fóra, atiçava o fogo e pegava a contar casos, a passar em revista os sucessos da vida de cada um.

Mironga, vaqueiro meio maduro, era respeitado por sua justa fama e pelo conceito de que gozava junto do patrão.

—"Como ia dizendo, encostei a porteira ao batente e entrei sutil.

"O pateo estava soturno. Nem viva alma. Isso no tempo das guerras bravas da éra de quarenta e dois. Patrão velho andava amoitado. Amoitado é um modo de dizer, porque êle dormia, lá de vez em quando, num rancho de palmito no meio do mato, mas zanzava de uma banda para outra o dia inteiro, sem perder de vista a casa do retiro onde estava a familia. Eu não lhe deixava a costela: vivia rente com êle para o que désse e viésse, porque, Deus louvado, nunca me desprezou, e nós da familia servimos até a morte a gente do patrão, isso desde meus velhos.

"Quando entraram lá na cidade as forças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso. Ele era homem de opinião e não fugia assim com dois arrancos. E demais disso, a patrôa estava chegadinha a ter menino, esse pedaço de moço que vocês vêem aqui hoje — Sô Néco.

"Um dia, nós já tinhamos jantado na fazenda e eu tinha descido para o quarto dos arreios, quando, na estrada que vem da Barra da Egua, olhando pelo caminho afóra, eu enxerguei uns cavaleiros chegando devagar, como quem não conhecia bem o logar e desconfiava de alguma coisa. Subi arriba e mostrei os cavaleiros ao patrão.

"— Aquilo não é senão escolta e é para prender vossemecê.

"Para que falei, meu Deus! foi uma trabusana levada em casa. A patrôa tomou um susto muito grande e desandou a chorar; as mucamas trançaram pelos quartos, correndo.

"Com pouca duvida, acenderam o cirio bento junto da imagem do menino Jesus e a patrôa tirou reza, acompanhada das mucamas e dos negrinhos. Patrão velho não saiu do alpendre. Gritou pelos companheiros e pela negrada.

"Hoje é dia! disse eu cá comigo.

"Tudo quanto era clavinote, trabucos e bacamarte saiu para fóra. Qual gente! nem eu gósto de lembrar desse tempo!

"Sô moço, sô Juca, filho mais velho do patrão ainda não tinha, a bem dizer, nem buço de barba. Era espigadinho e animado. Eu sei quanto me custava ter mão nesse menino nos dias de vaquejada. Não havia garrote que êle não quisesse espetar na ponta da vara, nem cavalo chucro de que não quisesse tirar a nica. Ia já beirando pelos dezesseis annos, mas não mostrava.

"Oh! meu S. Sebatião, advogado dos aflitos! quando me acode á lembrança essa éra amaldiçoada, sinto a modo de um travo na boca".

Resfolegou forte o Mironga e, tirando o cigarro da fita do chapéu, bateu fogo, puxando fumaça". (Pags. de 159 a 163 de "Pelo Sertão", 3.ª).

A afeição e a lealdade de nossa gente, desses camaradas bons que servem os patrões quase a trôco de estima, transparecem desse conto. Não querendo Joaquim Mironga concorrer para a morte crúa de seu patrãozinho nem pela expressão de palavras posteriores, quando relata uma vez essa desgraça que sofreu e ainda o oprime, ao ser interrogado claramente da sorte dêle pelos circunstantes, usa de um belo eufemismo, e é como termina a narração:

"— Lá naquele campo azul, junto aos anjos, pastorando o gado miúdo..."

*
* *

A obra de Afonso Arinos é toda assim de uma grande ternura e amor fraternal pelo nosso roceiro, pela gente simples do campo. Não tem o menor laivo de pessimismo quanto ás suas aptidões, qualidades e sentimentos. Estima-o escondendo piedosamente os seus defeitos. Chega a ponto de se encher de admiração tambem pelos homens do tipo de Pedro Barqueiro, que dá o titulo a outro conto, e é um escravo foragido, malfeitor em sua época, mas valente como as armas e de tocante nobreza na sua ferocidade de boicininga.

No sertão há muitos desses tipos entre sociaveis e bandoleiros que se elevam á categoria de herois mirins pela sua disposição para a luta. Como nos tempos feudais de que a vida sertaneja sob varios aspectos é uma projeção longinqua, o homem vale pela sua capacidade defensiva, e ás vezes simplesmente pelo numero de mortes que conta...

Quem conhece tais paragens muito se admira que se possa olhar para o sertanejo sem amargura, como acontece com Afonso Arinos. A regra é o encanto e o deslumbramento deante da natureza seivosa e bela, e um desconsolo incontido pelo homem que falha, não por culpa propria, mas pela esquivança dominadora do meio.

E' que Afonso Arinos nunca foi um sociólogo embrionario siquér na sua literatura. Pouco se lhe dava o nosso homem como fator social, étnico ou economico. Seduzia-o a sua alma dengosa, feiticeira, displicente e ás vezes terrivel, só deixando para o corpo quando muito o tempo de brincar de trabalhar... Enternecia-se com os seus costumes simples e folgazãos, as suas arrancadas heroicas, os desprendimentos e as doçuras de seu modo de sentir e de ouvir.

Sentiu e espelhou o sertão como ninguem. Amou com meiguice o sertanejo, interpretando os revéses de sua alma.

Esse magico revelador da vida de aspecto mais carateristico da brasilidade, quase desconhecido em sua propria terra, é ignorado do sertão que o idolatraria pelo atrativo que sua obra nos desperta e pela força de reconhecimento espiritual ao seu interprete mais genuino.

Como Murilo que pintava as suas madonas bem carnosas para melhor satisfazer a sua volupia intima de amá-las. Afonso Arinos prefere os tipos amoraveis de sertanejos para as suas novelas, e com a graça e o poder de sua pena até torna assim os que não o são.

Sem a verbosidade de Euclides da Cunha, mais fluente e mais natural, como melhor convém ao tratar das coisas simples e poéticas do sertão, Afonso Arinos era dotado de intenso poder descritivo das paisagens e das ocurrencias em que se punha como expectador. E' completo o dominio que exerce sobre os seus leitores pela vigorosidade e fascinação de seu estilo. Apresenta varias vezes os mesmos indicios do temperamento motor que Sud Mennucci descobriu mui propriamente no autor dos "Sertões".

Muita gente há de rir-se da insistencia na comparação entre os dois, em vista do espantalho da fama de Euclides, que, entretanto, não póde deixar de ser referido sem nenhum desdoiro uma vez considerado o padrão da literatura sertaneja. Pouco importa o riso, por outro lado. Os cachorros vivem rindo sem querer por causa da bôca grande que têm. Cada qual merece o seu logar distinto e, de certo modo, até antagonico, se bem que inspirados ambos em motivos do mesmo ambiente.

O poder descritivo de Afonso Arinos tem a sua nota mais alta no trabalho, "Assombramento", que é o caso de um valente sertanejo desatinado pelas sombrações que as coincidencias várias e traiçoeiras o fizeram supôr e ver e enfrentar com perdida resolução e loucura.

No mesmo diapasão, desenrola-se a emocionante narrativa em que o leitor talqualmente o protagonista se envolve sem querer, em anseio doloroso, nas malhas da ilusão que lhe preparam as sombras da noite, as resteas imprevistas das luzes das estrelas, a impetuosidade do vento estardalhaçante impelindo furiosamente as portas e janelas de um casarão em ruinas...

Como se vê, Afonso Arinos não é só um escritor brasileiro entre os que melhor o sejam, guardando a excelencia de contribuição mineira em prosa para a literatura nacional. O sertanismo corrente e manso, o sertanismo literario teve nêle o seu melhor interprete, como prosador.

Quem quiser sentir a alma do sertão tem de lêr Euclides da Cunha e lêr Afonso Arinos. Completam-se no valor documentario de suas obras. Uma reproduz o instantaneo épico, vertiginoso, em que a cegueira coletiva perturba as apreciações individuais. Só um genio, possuido de determinados dons, poderia realizá-la.

A outra espelha a mansidão da vida natu-

ral, em que se verificam as explosões de dois ou três, mas em que cada pessôa tem a sua alma, embora irmã das almas todas que habitam as mesmas paragens. As vidas se parcelam, se desprendem, e o conjunto se revela nos sentimentos da unidade.

*
* *

Quem leu o "Pelo Sertão" ou as "Lendas e tradições brasileiras" e, — como não póde deixar de ter acontecido — se tornou cativo de muitas de suas paginas emocionantes, precisa de completar os seus conhecimentos de Afonso Arinos com a leitura do "Ultimo bandeirante" para ficar amando tambem o seu criador como homem simples, puro e bom, para ficar sendo quase devoto de *Santo Afonso.*

A "inteligencia naturalmente ática, potencializada por um temperamento silvestre" que todos nós haviamos sentido ao contacto de sua obra, sem poder tão bem definil-a, ao sopro da criação de Mario Matos, corporifica-se deante de nós, situando-se no seu meio, como membro daquela deliciosa familia espiritual de Joaquim Nabuco, Rio Branco, Eduardo Prado, Graça Aranha e Domicio da Gama.

Embora se perceba num livro dessa latitude e num autor de tal folego a falta de definição particularizada, isto é, — a indicação do que é e não é perecivel no conjunto, aí está feita, no sentido geral, a definição da obra encarada de seu nivel mais alto, e a definição do homem dentro de seu meio, por quem o estimou e compreendeu profundamente, e estava na altura de o fazer.

Criador das mais altas atmosferas de simpatia, catequizando para o seu culto, sem disso se aperceber, todos os irmãos de alma que tomam conhecimento de sua existencia, entre os quais se inclue o autor do "Ultimo bandeirante", compreende-se como seria dificil a este tornar-se duro, cruel, para com Arinos, revelando tambem de publico os seus defeitos...

O fato é que em tão amoravel companhia, só os sentimentos bons tomam posse de nós, impregnando-nos do receio de magoar a quem quer que seja. A cada passo se percebe que o comentario de sua pessôa e de sua obra nos sugere o uso de palavras doces, mansas e melodiosas, como: candura, inocencia, compaixão, piedade, ternura, devoção... que a gente fica querendo empregar a todo instante e deixa de o fazer com receio de sacrilegio.

Ao calor das páginas magnificas do "Ultimo bandeirante", ressurgiu do mundo de meus fantasmas prediletos o Afonso Arinos que há muito vivia dentro de mim, fruto de antigos convivios espirituais. E' diferente do Afonso Arinos de Mario Matos, do Afonso Arinos de Tristão de Ataíde, do Afonso Arinos de Agripino Griéco na "Evolução da prosa brasileira", do Afonso Arinos de Eduardo Frieiro nas "Letras Mineiras"... E talvez fosse diferente do meu proprio Afonso Arinos de hoje, se me resolvesse a ír agora ao seu encontro direto, nas páginas de "Pelo Sertão".

Eis como essa figura singular se multiplica aos nossos olhos, ou é vista sob os aspectos diferentes, que oferece, na multiplicidade cambiante de seu valor.

Valentim Magalhães

FRANCISCO PRISCO

Nasceu Antonio Valentim da Costa Magalhães em terras cariocas, a 16 de janeiro de 1859 e faleceu com 44 anos, aos 17 dias de maio de 1903.

E' uma das figuras mais simpaticas da literatura brasileira. Foi um espirito inquieto, que ás letras dedicou quase toda a sua prodigiosa atividade e a elas serviu com verdadeira devoção. Não tinha ainda 10 anos e já compunha versos; não contava ainda 20 e já a lume dera alguns livros...

Franzino de corpo, espingolado, como dêle dizia sarcastico Silvio Roméro, parece que tinha o presentimento da morte prematura, e, durante mais de duas décadas, escreveu febrilmente para uma infinidade de jornais.

Estudante em S. Paulo, companheiro de Afonso Celso, de Lucio de Mendonça, de Augusto de Lima, redigiu com êles varias gazetas: *Labarum, A Comedia, Entre-ato, O Bohemio...*; colaborou na *Provincia de S. Paulo,* no *Correio Paulistano,* na *Tribuna Liberal* e, bacharel em Direito em 1881, já se fizera um nome conhecido nas letras do país.

Jornalista, cronista, comediógrafo, poeta, *conteur,* critico e panfletario, ao assentar definitivamente sua tenda de trabalho no Rio de Janeiro, abriram-se-lhe as portas dos mais conceituados jornais do tempo: *Gazeta de Noticias, Jornal do Comercio, País, Globo, Tribuna, Gazeta da Tarde* e anos depois, em 1896, quando fundada a Academia Brasileira, a que o genio de Machado de Assis emprestava inegualavel fulgor, figurou o nome de Valentim Magalhães entre os fundadores da instituição.

Desde estudante, influenciado de certo por Silva Jardim, com quem êle publicára as *Idéias de Moço* e *General Osorio,* tornou-se adepto da republica e, quando em fato se transformou o sonho que os embalava na ilusão de uma melhoria que ainda não veiu, atirou-se o escritor aos desvairos do encilhamento, fundou companhias de seguros e, em breve, só lhe restava a pena, para continuar a sua afanosa vida de homem de letras.

Quis atraí-lo "a esteril Messalina", de que falava Otaviano: escreveu as *Notas Politicas,* onde apenas no prefacio apareceu as iniciais V. M.; começou o *Album da Republica,* com as biografias de Deodoro, Benjamin e Rui e, de mãos dadas com Lucio de Mendonça, ainda ao tempo do Imperio, iniciou a publicação do *Escandalo.* Era este um panfleto que se propunha a dizer a verdade, "nua e crua, em todos os assuntos, custe o que custar, dôa a quem doer."

"Contra o mal cronico da dissimulação, do eufemismo covarde, da atenuação vivedora, trazemos a coragem de opiniões intensas, o desassombro da independencia absoluta."

Quem assim falava era Lucio, sempre apaixonado, vibrante e capaz das maiores violencias... pelo menos literarias. Mas nem essas seduziam Valentim. Era um homem de coração terno, que muito mais se comprazia em escrever livros, tais quais *Alma,* de páginas intimas, em que recorda a felicidade do esposo e pai amantissimo que foi, a verberar as tramoias da politica ou os erros dos detentores do poder.

Assentiu Valentim em que Lucio de Men-

donça associasse seu nome ao dêle na publicação do *Escandalo*, mas deu em esquivar-se depois. Não se agastou, porém, com a deserção do companheiro, o poeta das *Vergatas*. Compreendeu-lhe a situação e logo a explicou: "Valentim, se, pelo talento, póde ser tudo na imprensa, não póde, pela imensa bondade de sua alma, ser nunca um panfletista revolucionario." E o escritor carioca, depois de polemizar com Carlos de Laert, combatendo, qual se fôra um crime a idéia de restauração, acabou de vez, e ainda desiludido por uma derrota eleitoral, com suas aspirações politicas.

Persistiu e sobrelevou a tudo a fascinação literaria. A mancheias espalhou pela imprensa as suas produções: contos, cronicas, criticas, versos. Em pouco, coligindo essa colaboração abarrisca, editou livros e livros, alguns dos quais melhor fôra permanecessem sepultados nas gazetas em que vieram a lume; *Horas Alegres, Bric-à-brac, Filosofia da Algibeira*...

O teatro atraíu tambem o espirito versatil do escritor. Escreveu algumas peças: *Inácia do Couto, O Conselheiro, Doutores;* traduziu, de parceria com Filinto de Almeida, *O que se não póde dizer* e o *Gran-Galeoto*, de Echegaray, mas tais esforços só servem de demonstrar que o tentaram, mas não lhe sorriam as glorias do palco. Voltou-se então Valentim para o romance. Estreou, em 1897, com a *Flor de Sangue*, livro composto ás pressas, sem estudo, sem plano, em estilo descuidado, servido por linguagem sem relevo e sem graça. Para se avaliar do modo por que o executou o autor, basta saber que o iniciou pelo 5.º capitulo, e o fez, dia a dia, "sempre de uma assentada", porque um editor lhe ofereceu direitos autorais razoaveis e dêles tinha alguma urgencia. E' êle quem o confessa. Do resultado desse trabalho, a todo o pano, pouco se poderia esperar. Ainda uma vez se confirma com a *Flor de Sangue* a exatidão de sabedoria popular: a pressa é inimiga da perfeição.

O livro de Valentim Magalhães é de tal ordem, que uma das personagens, Paulino, á pag. 274, suicida-se com um golpe de bisturi na carotida e á pag. 285 o autor escreve que se Paulino amasse devéras, não teria estourado os miolos... com o bisturi!

Valentim Magalhães

Como romancista, o operoso escritor não nos legou obra digna de apreço. Nem lhe valeu a ternura paternal com que Raimundo Corrêa quis defendê-lo. A critica foi acerba e unanime. A verdade, dura sim, mas justa, quem a proferiu foi José Verissimo: "é o romance de um colegial com pruridos literarios."

Poeta, com os *Cantos e Lutas*, apresentou-se Valentim como pregoeiro da *Idéia Nova*: a Liberdade, porque

Esses tempos de outrora,
Da Liberdade a resplendente aurora
As almas inundado não havia,
O clero, o feudalismo, a monarquia,
Tomados de fatal hidrofobismo,
Como os rijos tufões da ventania,
Plantavam sobre a terra o despotismo.

E eis que mais um soldado aparece em defesa da pobre Liberdade:

Peguei da espada e vim juntar-me aos combatentes.
O sol como um juiz preside á grande luta!
O dogma, o privilegio, o despotismo, a dor,
Vacilam da justiça á voz que além se escuta!

— Pois bem. Lancei-me ao prelio. E' fraco o lutador,
Porém da sua espada a lamina impoluta
A Liberdade a fez nas forjas do valor.

Como se vê, é uma poesia oratoria, de palavras campanudas e vasias. E' transplantação dos lugares comuns mais encontradiços em Junqueiro e Quental. Essa especie de poesia não produziu em nosso clima senão alguns frutos pécos. Era mais propriamente eloquencia do que poesia, que é sentimento. Demais, os temas prediletos ou quase exclusivos dessa escola, tambem chamada socialista, há muito não logravam resonancia no espirito e muito menos no coração do povo. Eram palavras, palavras, bonitas palavras de engôdo:

Cale-se a voz sangrenta da metralha,
Erga-se a voz piedosa do Direito!
Que o coração a palpitar no peito
Se atire á nova liça!...

Eu no Porvir pressinto a F'licidade:
Quando pairar por sobre a Humanidade
A benção sacrosanta da Justiça!

Mas não nos *Cantos e Lutas*, livro de mocidade, senão no *Rimario* é que estão coligidos os melhores versos de Valentim Magalhães. Não são trabalhos perfeitos, como os fazia Alberto ou Raimundo e Bilac, mas encerram composições realmente dignas de apreço. Há dentre êles por vezes notas realmente felizes:

E' um abismo! teus labios murmuravam
Quando nas minhas tuas mãos tremiam,
Quando nas tuas minhas mãos queimavam,
E nossos olhos, humidos, ardiam.

Que importa o abismo a nossos pés aberto,
Se este amor é uma estrela, alta e tamanha,
Que o céu deslumbra, de astros mil coberto,
E toda a terra em claridade banha?

E' a morte que o abismo nos prepara?
Pois seja! A morte não nos cause horror;
E no abismo, que ruge e se escancara,
Vamos, enfim, rolar, mortos... de amor!

Mercê desta pequena amostra, claramente se percebe que o nosso escritor não era de todo em todo destituido das graças de Apolo. Não chegou a ser um grande poeta, nem mesmo talvez um bom poeta, mas não se lhe póde negar a autoria de alguns versos razoaveis.

Dava-se com Valentim Magalhães o que geralmente se observa entre os gramaticos. Sabem como se escreve, como se deve escrever, mas tanto que tomam da pena, ficam ás tontas, aturdidos com a construção das frases, enleiados nas armadilhas dos pronomes. Valentim, até certo ponto, tinha com êles similhança. Conquanto não se detivesse ante obstaculo algum, que a produção sempre lhe saiu de afogadilho, a verdade é que tambem êle sabia muito mais dizer do que fazer.

Há, entretanto, entre os seus livros um ao menos que se salva: *Vinte Contos*. Compõe-no narrativas singelas, escritas com grande naturalidade. Professor de psicologia, toma por vezes o autor a personagem de um dos seus contos e estuda-a e interpreta-a, como si estivéra lhe dissecando a alma, mas sem nenhuma preocupação de revelar ciencia, sem nenhuma sombra de pedanteria. Lêm-se os *Vinte Contos* com grande prazer: encerram trechos descritivos dos melhores do autor. Há colorido, há graça, há encantos, na simplicidade distinta e discreta de suas páginas. Mas o que empresta relevo ao nome de Valentim Magalhães na história literaria do Brasil é, ao lado da sua obra de critico, a de animador de vocações. E' incontestavel a influencia

bemfazeja por êle exercida com as *Notas á Margem*, publicadas na *Gazeta de Noticias*, entre 1887 e 1888. Foi aí que revelou Valentim sua *faculté maitresse*, seus dons de polemista dextro e de critico sagáz, vigoroso no ataque e habil na defesa. Tornou-se temido, mas não tardaram a aparecer as vinditas: o censor tinha de fato um grande telhado de vidros... Suas criticas alcançaram repercussões e lhe grangearam, de permeio aos apodos e injurias inevitaveis, o apreço e o prestigio literarios, que lhe não outorgaram os proprios livros.

Combatido embora, a verdade é que o escritor pontificava. Notou Euclides da Cunha que, sob a ferula do critico, a linguagem dos autores tornou-se mais apurada, como se tornaram menos rebeldes os pronomes.

Si Valentim Magalhães, como escritor de imaginação, era em geral quase mediocre, possuia como polemista qualidades insignes. Seus periodos tinham então movimento, calor, vibração. Dir-se-iam de outra pena. Como que se êle transfigurava. Haja vista o dessassombro com que investiu contra Silvio Roméro.

Houve quem comparasse as suas replicas ás represalias de Camilo, e estou que maior homenagem não se lhe poderia prestar.

Êle foi tambem, e precipuamente, um incentivador. Aqui está o testemunho, aliás insuspeito de Coelho Neto: "Quando todos desanimavam querendo pendurar as liras ou atirar ao valado os buris com que lavraram periodos, êle chamava-os, levantava-lhes o animo, falava-lhes das suas lutas e, rindo, travava-lhes do braço e lá os ia levando para a *Semana* e só os deixava quando lhes arrancava a promessa de novos versos e de novas páginas de prosa."

Foi nas colunas da *Semana*, por êle fundada em 1885, que apareceram muitos escritores que, á sua sombra, conquistaram renome e notoriedade. Acolhia-os Valentim a todos como companheiros. Só exigia talento. Ao mesmo tempo, porém, que era generoso para com os moços detentores de qualidades literarias, mostrava-se inflexivel com a mediocridade pretenciosa e, dando arrhas ao seu temperamento de polemista, ei-lo que provoca e se empenha em infindaveis escaramuças literarias. Ao seu lado estão escritores de valor: Filinto, Raimundo, Bilac, Alberto, Lucio...

Em 1886, aparece a *Vida Moderna*, dirigida por Luiz Murat e Artur Azevedo. Logo no numero de estréia, firmado por Murat, surge uma diátribe contra Raimundo, apontando-o como plagiario; no 3.º numero, a vitima é Alberto de Oliveira...

Estabeleceu-se a luta entre os contendores. De parte a parte trocaram-se doestos. Quando, porém, desapareceu a *Vida Moderna*, tratou Valentim de seduzir para a *Semana*, que continuava, alguns dos seus antagonistas da vespera, entre os quais figurava e esplendia a personalidade empolgante de Coelho Neto.

Era Valentim Magalhães uma alma de eleito, em cujo grande coração nunca encontrou guarida o odio, como nunca o arrastaram sentimentos subalternos. No auge das discussões mais veementes, sabia o polemista manter tal compostura e elevar a tal ponto o debate, que acabava por desnortear e confundir o adversario.

Não eram assuntos pessoais que o faziam vibrar. O que o seduzia era a paixão pelas letras, nele avassaladora e constante, eram as coisas da inteligencia, que elevam e dignificam a criatura, emprestando á vida uma finalidade sobraneeira ás miserias que a povôam e transformam nesse jardim de suplicios, de que nos falava Mirabeau.

Valentim atravessou o atascal sem comprometer a alvura da sua tunica...

O verdadeiro caminho

CLÉA XAVIER

(Da Ação Católica Brasileira)

"Bemaventurados os que choram porque êles serão consolados".

Estas palavras tão doces e tão confortantes fazem surgir nalma as mais vivas emoções!... Foi por meio delas que o nosso Paulo Setubal narrou-nos o seu encontro com Jesus. O Jesus consolador das almas oprimidas pelo sofrimento. O mitigador da sêde, mas de uma sêde espiritual que no mundo terreno não existe. Jesus encontrou-se com Paulo e seus olhos viram grossas lágrimas a brotarem dos dêle e... teve pena dêle. Seu coração bondoso de pai, que há tanto tempo procurava chamar ao seu aprisco aquela ovelhinha desgarrada, encontra-se com ela, agora, no meio de sofrimentos. E sem os poder suportar.

O mundo em que vivera, e tanta coisa aprendera, não lhe ensinara a sofrer; porquê o mundo materialista e sem Deus nunca soube, nem saberá receber a dor e fazer dela uma consolação. Pelo contrário só saberá impelir o coração á revolta e ao desespêro. "Como é desesperadora, amigo, a revolta dum coração materialista. Dum coração que não crê em Deus!" exclama o proprio Paulo, este Paulo que, antes de se encontrar com o Cristo, teve tantos transes amargos a lhe cortarem o caminho.

E êle nos conta isto, a par de tantas outras emoções de sua vida, na sua obra "Confiteor". Não é um livro, mas, como diz êle, é "um caderno das minhas notas intimas, notas vividas, notas humanas". Que caderno tão cheio de belas impressões!... Êle deixa no espirito de quem o lê um não sei quê de tristeza e de alegria, de pena e de admiração. Nem sei porquê de tristeza?!... Màs de alegria, sim! Quem não fica contente ao ver que alguem se ergue de um charco para as amplidões de um campo florido?

E' o que vemos na confissão dêsse grande convertido, dêsse outro Agostinho, dêsse novo Paulo! Sentimos, com todo o júbilo de um coração em Deus, que êle é feliz. Depois de tanto vaguear, pelos caminhos engalanados e traiçoeiros em busca da felicidade, repousa finalmente no proprio autor dessa felicidade. Sim. O nosso Paulo procurara a riqueza e a falsa alegria, porque não conhecia o Cristo. E procurou tudo isso levado pela vaidade. "La vanité est si ancrée dans le cœur de l'homme..." dizia notavel pensador francês.

Ao lado desta vaidade, entretanto, possuiu um grande coração. O seu "Confiteor" o vem provar, pois confissão sincera é propria das almas generosas e magnânimas. E a sua confissão foi sincera. Ela faz com que quem a leia viva as suas emoções, sinta o que êle sentiu. Não possue o fantasiado dos livros que são méros produtos da imaginação. Em sua linguagem simples traduz o mais sincero sentimento, o enrêdo verdadeiramente vivido.

Tem por isso um grande poder de atração para aqueles que sabem compreender o quanto é nobre viver com o Cristo, com o Cristo que tanto amou aos homens. Sim, o Cristo amou aos homens e amou a Paulo. Perdoou dêle todas as ingratidões e ouviu a sua prece de criança! Deu-lhe o cêntuplo... Veio a êle e disse-lhe: "Eu sou o caminho, eu sou a verdade, eu sou a vida". E Paulo, que procurara outros caminhos, encontrou o Caminho; que ansiava pela verdade, achou a Verdade; e não tardou a perder esta vida, mas alcançou a outra Vida...

Prof. Luis Roque Gondra

Visitou-nos, em agosto ultimo, o professor Luis Roque Gondra, catedrático de Economia Politica da Faculdade de Ciencias Economicas da Universidade de Buenos Aires.

Buenos Aires e o de interventor federal na provincia de Tucuman.

O professor Roque Gondra foi ainda o precursor do estudo da economia matematica na

O professor Luis Roque Gondra, catedrático de Economia Politica da Faculdade de Ciencias Economicas da Universidade de Buenos Aires, entre professores da Universidade do Brasil que o homenagearam com um almoço no Jockey Club.

Coincidiu com essa visita o lançamento da versão brasileira de seu ultimo trabalho *Teorias antigas e modernas sobre a moeda, o credito e os ciclos economicos,* traduzida da 2.ª edição castellana pelo professor Nogueira de Paula, catedrático da Universidade do Brasil, e lançado pelos Irmãos Pongetti, na Biblioteca de Economia Politica Racional.

O professor Roque Gondra que é uma das maiores expressões da intelectualidade argentina tem ocupado na politica e no magisterio de sua patria os mais elevados cargos, como sejam o de presidente do Conselho Nacional de Educação, o de reitor do Colegio Nacional de Buenos Aires, o de professor do Colegio Militar, o de Catedrático da Universidade de America do Sul, traduzindo, em 1918, os *Principios de Economia Pura* de Mafeo Pantaleoni e fazendo publicar nos *Anales de la Faculdad de Ciencias Económicas,* relativos ao ano de 1919, interessantissimo trabalho sobre economia pura, no qual revela profundo conhecimento das obras de Pareto, Pantaleoni, Walras, Marshall, Fisher, Osorio, Zawadski, Jevons, Antonelli, Barone e muitos outros tratadistas da economia racional.

Mais tarde, em novo estudo inserido na *Revista de Ciencias Economicas* — numero de setembro de 1921 — divulgou a teoria paretiana do equilibrio economico em forma clara e elementar, prestando, assim, relevantes ser-

viços á difusão dos conceitos relativos aos fundamentos cientificos da Economia Politica.

E', ainda, o professor Luis Roque Gondra autor das seguintes obras: Apuntes de Historia del Comercio, Las ideas económicas de Manuel Belgrano, La Moneda, Estudios de Historia y Economia, Regimen legal del Banco de la Nación Argentina, La circulación monetaria en la República Argentina, Elementos de Economia Politica, Problemas Sociales y economicos del momento, El descubrimento del Nuevo Mundo y la conquista de América Española, Prosperidad economica y demagogia, Teorias antiguas y recientes sobre la moneda, el credito y los ciclos economicos e El Radicalismo y la Politica del momento.

Em sua curta visita ao nosso país o professor Gondra foi alvo das mais significativas manifestações de apreço por parte dos economistas brasileiros que lhe homenagearam com um cordialissimo almoço no Jockey Club, estreitando assim cada vez mais os laços de amizade e intercambio intelectual entre as duas grandes nações sul americanas.

PARA O IDEAL

I

Crepuscúla. Plangentes tangem sinos
A repicar, dobrando a Ave-Maria!...
No silvedo gorgeando, com harmonia,
Os passaros entoam ternos hinos...

Raios de sol há pouco cristalinos,
Se turvam anunciando o fim do dia...
Saudades... Que prazeres, que agonia,
Refletem no Oeste os raios purpurinos!...

Hora de duvida em que no Odio e Amor,
O espirito se abisma inteiramente,
A vacilar entre a Alegria e a Dôr!...

E, meditando nessa transição,
Entre a treva da noite e o dia albente,
Extático, fico entre a idéia e a Ação...

II

Meia-noite. As estrelas vão cambiantes,
Perdendo-se na curva da amplidão...
Os astros todos, somem-se distantes,
Deixando a Terra em plena escuridão...

Os mochos piando tristes, lancinantes,
Cortam o espaço além, na solidão,
Nos prenunciando as dores palpitantes,
Reservadas a um pobre coração!...

Envolvendo-a no manto da tristeza,
Num amplexo em que tudo se confunde,
Pesado luto cobre a Natureza...

E na apoteóse indefinida e vaga
Da escuridão medonha, se transfunde,
Em trevas, a alma nossa e em dôr que a esmaga!...

III

Na vibração vital das alvoradas,
Tudo freme de amor ardentemente,
Exaltando esse anseio onipotente,
Das coisas vivas, das inanimadas...

Voando as aves nas matas orvalhadas,
Entoam madrigais alegremente...
Dirigindo-se ao seu trabalho ingente,
Operarios lá vão pelas estradas...

Nitente como o arauto da Verdade,
No Levante refulge o Sol agora,
Como refulge o Amor na mocidade...

E na apoteóse definida e maga
Do despontar de uma brolhante aurora,
Transfunde-se a alma em luz e Céus divaga!...

IV

Meio-dia. Caem do Zenith a flux.
Os raios siderais; a Terra, beija
A irradiação solar. Tudo reluz!...
Além, a pino, o ardente Sol dardeja!...

Ergue-te Homem na tua atroz peleja:
Na Natureza tudo é claro, é luz...
Seguindo a tua estrela bemfazeja.
Sobe agora onde a Idéia te conduz!

Abraza a tua forte inteligencia:
Avante! Vôa, sobre ás transcendencias,
Batendo as asas qual condor igual.

E lá no imensuravel Infinito,
Despindo do impossivel todo o mito,
Pleiteia o que te falta, o teu Ideal!...

VASCO DE LACERDA GAMA

NOSSAS LUTAS PELA INDEPENDENCIA

O Dois de Julho de 1823 — O exercito nacional libertador — A jovem marinha de guerra — Heroismo, ardis e atrocidades

ARNALDO DAMASCENO VIEIRA

Nos fastos da história de nossa emancipação politica, a efeméride correspondente ao dia 2 de julho de 1823 — entrada triunfal do Exercito Libertador na capital baiana — assume relevante significação por assinalar o desaparecimento definitivo da influencia administrativa e militar exercida pela Metrópole sobre uma das mais ricas e populares Provincias da opressa Colonia.

O grito do Ipiranga marca apenas o prólogo do glorioso drama cujos lances épicos finais deveriam ter por amplo e luminoso cenario os serros e as aguas da gloriosa Baía de Todos os Santos, primitivo berço da Nacionalidade e as regiões do extremo Norte do País.

O profundo antagonismo entre o sentir brasileiro e o sentir lusitano, entre dominadores e dominados, determinou o rapido desenrolar dos acontecimentos militares e dos impetos civicos tendentes a quebrar todos os élos politicos que nos acorrentavam ao velho Reino de Portugal.

Deu motivo a tais acontecimentos na capital baiana a nomeação do general português Inácio Luiz Madeira de Melo para o cargo de governador das armas da Provincia pela carta régia de 9 de dezembro de 1821, trazida de Lisbôa pelo navio correio *Leopoldina* e aportado á Cidade do Salvador a 15 de fevereiro de 22.

Ia o general lusitano — geralmente mal visto pelas tropas nacionais e pela população, investido de poderes que o tornavam "só responsavel perante as côrtes portuguêsas e El-Rei, ficando por isso mesmo senhor absoluto em suas deliberações" — ia Madeira de Melo, ocupar o cargo até então exercido pelo general brasileiro Manoel Pêdro de Freitas Guimarães, cujo trato fidalgo e retidão de caráter lhe haviam grangeado grandes simpatias e já permanecia no governo das armas da Provincia era solicitada ao Senado da camara em representação firmada por mais de 400 assinaturas; representação em que se põem de manifesto "as virtudes militares e civis deste homem extraordinario".

Sob pretexto de faltarem certas formalidades burocraticas no diploma de nomeação, recusou-se o corpo municipal a dar posse ao novo governador das armas. Convoca então Madeira os comandantes dos corpos de 1.ª e 2.ª linha, exigindo-lhes a assinatura de um termo de obediencia ás suas ordens.

Resultou daí dividir-se a tropa e com ela as classes populares em duas facções ou

partidos: um pugnando pela causa nacional, outro pelos lusitanos; um que apoia o general Manoel Pedro a que obedecem as forças brasileiras; outra composta de forças portuguêsas que sustentam o general Madeira.

A 18 de fevereiro (1822) iniciam-se as sangrentas lutas, saindo vencedoras no dia 19 as tropas lusas, cuja soldadesca se entrega aos maiores excessos; massacrando os reduzidos defensores do 1.° regimento de infantaria, após se apoderarem do quartel e do numerario existente no cofre; invadindo casas particulares, depredando, insultando familias. Numeroso grupo assalta o convento de freiras da Lapa, cuja abadessa, a heroica Joana Angelica, é trucidada a golpes de baionetas, quando á entrada do templo buscava impedir tão monstruoso e sacrilego atentado.

A AÇÃO DO EXERCITO LIBERTADOR

Verificada a honrosa capitulação do chefe militar brasileiro, o brigadeiro Manoel Pedro, em obediencia á energica atitude assumida pelo Senado da camara, retiraram-se as forças nacionais revolucionarias e grande parte do elemento civil para o Reconcavo, onde se iam concentrar e organizar as forças que deveriam prosseguir na luta contra o domínio português.

Nas povoações de Belém, São Felix, cidade de Cachoeira á margem do rio Paraguassú, organizam-se numerosos batalhões de voluntarios, o *Mavorte*, o *Belona*, que repelem ataques de navios portuguêses, aprisionando-lhes as guarnições, aí sustentando igualmente porfiadas lutas, contra as forças inimigas de terra.

Ao corpo de infantaria *Voluntarios do Principe*, mais tarde cognominado *Periquitos*, devido a terem os uniformes golas e canhões de pano verde, pertencera á jovem Maria Quiteria de Jesus Medeiros que por sua extraordinaria coragem e denodo em todos os combates em que tomou parte mereceu que por D. Pedro I lhe fosse concedida a patente e o soldo de alferes do Exercito e o uso da insignia de cavaleiro da imperial ordem do Cruzeiro, que o proprio Imperador se dignou colocar-lhe ao peito varonil.

E' concebido nos termos seguintes o decreto concedendo á gloriosa brasileira o soldo de alferes de linha:

"Fazendo constar na minha imperial presença o comandante em chefe do exercito pacificador da Provincia da Baía o decidido valor, denodo e intrepidês com que Maria Quiteria de Jesus, natural daquela Provincia, se alistara nas fileiras do exercito, para debelar os inimigos da Patria e se distinguira em ocasiões as mais arriscadas de combate, em que sempre se portara heroicamente; e por quanto feitos tais merece um logar distinto na minha imperial consideração; hei por bem de conceder á referida Maria Quiteria de Jesus o soldo de alferes de linha, pago na sua respectiva Provincia. Manoel Jacinto Nogueira da Gama, do meu Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos negocios da Fazenda e Presidente do Tesouro Publico, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço em 22 de agosto de 1823, 2.° da Independencia e do Imperio. Com a rúbrica de S.M.I. *João Vieira de Carvalho*."

Pedro Labatut, ilustre general francês a serviço do Brasil, com as divisões de Pirajá e Itapoan, constituindo as alas direita e esquerda do Exercito e com a divisão do centro, conseguira estabelecer o cerco das forças lusitanas do general Madeira de Melo, ocupando com aquelas forças as posições estrategicas de Coqueiro, Cabrito e Pirajá, onde se travou a "pugna imensa" épicamente descrita pelo poeta genial da *Ode ao Dois de Julho*, um dos maiores genios de todos os tempos.

A AÇÃO DE NOSSA MARINHA DE GUERRA

Afim de impedir o abastecimento das tropas lusitanas da capital e resistir ao ataque dos navios do general Madeira, organizou-se uma flotilha regular nas povoações litoraneas, em Itaparica — ilha considerada a chave do Reconcavo.

Compunha-se a improvisada flota das embarcações armadas em guerra com os nomes de *Pedro I*, *D. Leopoldina*, *25 de Julho*, canhoneira *D. Maria da Gloria*, barcos *D. Januaria*, *Vila de São Francisco*, *Dona Paula*, *Preza*, escuna *Cachoeira*, lanchas, baleeiras de abordagem e bombardeiras com uma população de 710 homens, sendo 514 itaparinos e 196 de outros lugares, conforme refere Damasceno Vieira em suas *Memorias históricas brasileiras* de onde tomamos estas breves notas.

Dispondo apenas destes reduzidos elementos conseguiram a coragem e arrojo dos maritimos e pescadores brasileiros derrotar

em todas as pelejas empenhadas fazendo-a retroceder á capital com sensiveis perdas e avarias, a poderosa e bem equipada esquadrilha portuguêsa atacante, composta dos briques *Audaz Prontidão*, da barca *Conceição* (chamada Vovó pelo tamanho), da escuna *Emilia*, de numerosos outros barcos, canhoneiras, lanchões, etc.

Com inexcedivel bravura e arrojada audacia portaram-se as equipagens brasileiras nos memoraveis combates navais de 23 de janeiro e 23 de maio do ano seguinte, salientando-se em todas estas gloriosas ações o 2.º tenente da Armada João Francisco de Oliveira Botas — por autonomásia João das Botas — que embora português defendia ardorosamente a causa dos brasileiros. O entusiasmo, espirito de iniciativa, o arrojo de João Botas, contribuiram de modo decisivo para a vitoria dos revolucionarios sobre as forças navais do general Madeira que, desanimado da posse de Itaparica e com ela de todo o Reconcavo, tenta de novo romper o cerco estabelecido pelas tropas brasileiras, atacando encarniçadamente as posições de Conceição e Itapoan, sendo por toda parte repelido com grandes perdas.

"Em 1.º de maio de 1823 — escreve o autor das *Memorias Históricas Brasileiras* — surgiu nas costas da Baía a esquadra nacional composta de oito navios: nau *Pedro I*, fragatas *Ipiranga* e *Niterói*, corvetas *Liberal*, *Carolina* e *Maria da Gloria* e brigues *Real* e *Guarani*, sob o comando do almirante inglês Lord Cockrane.

"A esquadra portuguêsa era mais poderosa, pois compunha-se de treze navios — uma nau, cinco fragatas, cinco corvetas e dois brigues.

"Não convinha aos brasileiros uma batalha naval."

Com a imprevista chegada da esquadra brasileira, e com o sitio da capital cada vez mais apertado pelas forças revolucionarias de terra, chegou o general português á nitida compreensão da inutilidade de mais qualquer esforço em prol de sua causa execrada pelo unanime sentir nacional, deliberando então, retirar-se para o Reino com suas tropas, a bordo da esquadra lusa e de navios mercantes.

A's 4 horas da madrugada do dia 2 de julho efetuava-se apressadamente, em varios pontos do litoral, o embarque dos portuguêses em 86 embarcações, ficando então a cidade limpa de inimigos.

A entrada, que já estava detalhada de antemão, do Exercito Libertador na capital baiana, teve logar neste mesmo dia 2 de julho sob as "emoções do maior regozijo — diz Inácio Acioli de Cerqueira e Silva em suas *Memorias históricas e politicas da Provincia da Baía* — pelos que se viam restituidos a seus lares, parentes e amigos, sem que entre os transportes de jubilo excessivo fosse posta em prática a menor ação que tendesse a demonstrar qualquer ato de ressentimento.

Ainda hoje, após decorrido mais de um seculo, a formosa Terra de Paraguassú rememora com redobrado fervor patriotico, em transbordantes manifestações festivas, reveladoras de sua alma expansiva e entusiastica — o feito memoravel pelo qual, selada com o generoso sangue nativo, alcançára sua liberdade politica e administrativa, sacudindo para sempre a ignomia estrangeira.

APÓS O TRIUNFO MAGNIFICO

Em sua ativa retirada com armas e bagagens para as costas de Portugal viram-se a flota e navios comboiados do general Madeira, perseguidos de perto por alguns de nossos vasos de guerra: sendo capturados o bergantim *Prontidão*, a galera *Leal Portuguêsa*, a charrua *Conde de Peniche*, um navio russo conduzindo 233 praças do 2.º batalhão lusitano, o navio *Pizarro* apresado pela fragata *Carolina*; algumas sumacas que transportavam familias e outras presas de guerra.

O intrepido capitão inglês, futuro almirante Taylor, comandante da fragata *Niterói*, havendo perseguido a armada reinol até a foz do Tejo, onde apresara alguns pequenos navios, tocou de regresso em uma das ilhas dos Açores, tendo hasteado previamente o pavilhão britanico e fazendo constar que retornava de uma viagem ás Indias. Depois de haver recebido abastecimentos de agua e viveres; de adquirir das autoridades as armas de que necessitava, como prova de reconhecimento, ofereceu a bordo um jantar ao governador da ilha. Ao por-se ao largo, porém, mandou Taylor arriar as insignias de Albion e em seu logar içar o pavilhão brasileiro, firmando-o com uma salva de 21 tiros.

De identico estratagema valeram-se o almirante Lord Cochrane, e seu compatriota e emissario, o implacavel capitão João Pascoe Greenfell, que a 27 de julho e 11 de agosto de 1823, respectivamente, servindo-se

CADA INSTANTE QUE PASSA...

Cada instante que passa — élo gasto e quebrado
Á cadeia fatal de instantes que é o viver...
A vida é um verbo mau, que o tempo amargurado
Vai sempre a conjugar do "ser" para o "não ser".

No mesmo instante em que — É! — proclama o tempo, a gente
Sente dôr ou prazer... Logo tudo acabou!
Olha, até quando nós pensamos no presente
Êle mesmo findou, o presente passou.

Em verdade se deve dizer é tão sómente
— Foi! — e nunca pensar no presente que, assim
Como vês, é o futuro a fugir velozmente
Para o abismo voraz do passado sem fim.

O que ri, certamente, eternizar queria
O presente feliz, que êle nunca fugisse . . .
O que chora no entanto ah! êsse almejaria
Que êle corresse mais ou nem mesmo existisse.

Mas Deus, para servir a todos a contento,
Das horas não mudou o andar na eternidade,
Porém, para o infeliz, criou o esquecimento
E, para o que é feliz, êle fez a saudade!

PAULO GUSTAVO

---

da bandeira portuguêsa, lograram surpreender e capturar os navios de guerra lusitanos surtos nos portos do Maranhão e do Pará, vencendo o dominio português naquelas Provincias do Imperio.

Assim, por meio das tortuosas tramas do ardil ou do leal encontro pelas armas, processaram-se as lutas pela independencia nacional, sendo contudo de justiça, á luz do criterio decorrente das lições da História, profligar da parte dos brasileiros, as atrocidades inominaveis patriocinados por Greenfell no Pará, e por outro lado, salientar os lances de heroismo e extrema abnegação praticados, por vezes, pela facção adversa, que se empenhara, cumprir o seu dever em obediencia ás decisões politicas, embora prepotentes, emanadas das Côrtes de Lisbôa.

O poeta Silva Lobato
e o meio em que se formou

RAUL MONTEIRO
(Da Academia Pernambucana de Letras)

Conferencia realizada na Escola Nacional de Belas Artes, em 5 de janeiro de 1937.

I

Ao falar-vos do grande poeta que atribuladamente aqui viveu os seus ultimos dias, volta-se o meu pensamento á *petite patrie*, á terra comum, querida e distante.

Lá se formou o seu espirito. Lá se feriram as suas primeiras pugnas. Lá, antes que em outra parte, a sua imaginação alçou o grande vôo nas asas possantes dos seus versos.

Lá — que mundo de sugestões! — na incrivel resistencia ao invasor bátavo, se preparou o amálgama de uma raça. Lá, senhores de engenho, rebelando-se contra a intromissão dos mascates no mandonismo politico da Capitania, sonharam uma patria autónoma.

Lá, Bento Teixeira, depois de descobrir a malaguêta, metrificou a *Prosopopéa*, e Luiz Alves Pinto engendrou a primeira comédia que, escrita por brasileiro, foi encenada no Brasil.

E lá, em varias épocas, a nossa vida intelectual se tem revelado das mais intensas e brilhantes.

Já me não quero referir aos recuados tempos em que Olinda, — a oficina lendaria em que se forjaram rijos caractéres magnanimos —, refletia a cultura coimbrã e os requintes do mundanismo reinol. E' porém, resaltante que do antigo curso juridico e do tradicional seminario se originou o gosto pelas coisas da intelligencia e, do ultimo, o espirito de solidariedade, de corporação que, desenvolvendo-se, culminou, mais tarde, num movimento magnifico — a Escola do Recife.

E, como elemento que se tornasse indispensavel ao ambiente de um centro universitario, nem mesmo faltaram á historica cidade as tresnoitadas boêmias dos estudantes e os *trotes* que, constituindo o ceremonial da iniciação academica, ainda se conservam, sem, contudo, aquela maneira insólita que ia, do ridiculo, á agressividade.

Na Academia, inaugurada em 1828, preparam-se para os meneios, senão para argucia e o tato da diplomacia, para os torneios e os embates do parlamento, para a cátedra superior, para as controvérsias da publicistica, os Sergio Teixeira

Silva Lobato

de Macêdo, os Zacarias, os Sinimbú, os Wanderley, os Aprigio Guimarães, os Paula Batista, os Sousa Franco, os Nabuco de Araujo.. E há, com estes, outros nomes igualmente famosos.

No Seminario, instalado em 1800, pela vontade inflexivel de D. José de Azeredo Coutinho, tribunos e escritores se têm emplumado, como D. José Pereira Alves, para os surtos soberbos da Apologética.

Pelas suas vastas salas silenciosas, têm passado, vindo, depois, não só para as afirmações do apostolado, como, ainda, para os imprevistos das campanhas pela independencia patria, tantas figuras que, — á semelhança daquele varão impávido, que foi o Padre João Barbosa Cordeiro,

precursor dos inconfidentes de Minas agigante-ando-se, por curioso fenomeno psicólogico, no passo que as éras transcorrem —, hoje nos parecem lendarias.

E' certo que as revoluções de 17 e 24 foram arquivadas no Areópago de Itambé, na Oficina de Iguarassú, nos centros de doutrinação liberal que se denominavam Academias Secretas. Mas é obvio que o Seminario, por constituir, ao tempo, no norte do país, o unico centro de cultura, foi a sementeira prolifica daquelas insurreições libertarias.

E', pois, evidente que os dois estabelecimentos centenarios se acham vinculados á nossa vida cultural e politica.

Para o Recife transferiu-se, em 1854, a Academia Juridica.

Forma-se, desde então, na cidade mauricia, um clima adequado aos espiritos propensos ás cogitações literarias.

Passam-se os anos, e, em 1864, aparece uma geração entusiasta, vibrante, tocada de idealismo.

E' o tempo em que Tobias se faz o expositor dos *Estudos Alemães*, o apóstolo das reformadoras idéias filosóficas e juridicas, e Castro Alves se torna o prógono de uma nova poesia, social, humana, plasmada em metaforas, rebentando em tropos e hiperboles.

Então, na Academia, para onde afluem os espiritos curiosos e ageis, processa-se constante fermentação de teorias e idéas.

Mas, si abrirmos um parêntesis, e perquirirmos a causa desse vibrante movimento renovador, encontra-la-emos na eclosão romantica.

Na verdade, o Romantismo, *batido de um sol nunca visto e com acidentes de paisagens até jamais admirados* — para repetir a imagem de um grande morto de ontem, como um largo sopro, partido da Alemanha, percorre o mundo. A Poesia revela-se, agora, pessoal, subjetiva, animada de um renascente encanto multifario.

Os poetas emergem do oceano misterioso da sua sensibilidade em gritos de exaltação, em dolorosos soluços.

Esquecem-se os velhos cânones. Libra-se a imaginação. A Arte reflete o individuo.

Na França, aos monótonos versos de Delille, succede a prosa altamente poetica dos *Mártires*.

Não se pautam pelas regras de mestre Boileau os melancólicos ritmos das *Harmonias*, nem os *enjambements* imprevistos e as imagens audaciosas do *Hernani*.

Acordando do pesadêlo angustioso do jugo austriaco, exsurge a Italia, e canta, e vibra, e se comove nas estancias de Leopardi, na éloquencia de Carducci, na efusiva doçura de Manzoni.

Na Inglaterra, invoca Shelley o *Espirito da solidão* e a *Peregrinação de Childe Harold* nos aparece o reflexo da vida de quem a escreveu, atribulada e nômada, que se cobriu de resplendores de Sol, para se extinguir no exilio, no isolamento, no abandono.

Vêm-nos da Espanha, com *El Diablo-Mundo* de Espronceda, o *Drama universal* de Campoamor.

Em Portugal, o estilo vigoroso do *Monasticon* não eclipsa a sutileza, o colorido, a graça das *Viagens na Minha Terra*. E Camilo, brandindo, com pulso de atleta, na *Boemia do Espirito*, o esfusiante chicote da sátira, revive, de três seculos, o genio gilvicentino.

Movimento tulmutuario, encontra na sua indisciplina e na sua heterogeneidade a razão mesma do seu triunfo.

Deste modo, (fechando o parentesis), vemos que o Recife viveu, tambem, o seu aureo periodo romantico.

Nêle, como em toda parte, passaros multisonos se ouviam. Eram os amorosos, os eróticos, os pessimistas, sob a influencia de Heine, e Byron, e Espronceda, e Musset.

Eram os suaves liricos melancólicos á Lamartine. Eram os hugoanos — os cultores da pompa e da enfase.

Os torneios verbais já se não podiam comportar dentro dos angulos do velho edificio da Praça 17. Inflamavam-se nas ruas, crepitando em discursos que eram centelhas civicas. Reboavam no Santa Isabel em bombas condoreiras...

Por muito conhecidos, constitue mortificante logar comum o referir-me aos incisivos duêlos oratorios, mercê dos quais o genio adolescente das *Espumas flutuantes* e o seu famoso êmulo dos *Dias e noites* pagavam as preferencias de duas sedutoras falenas da ribalta.

Esses arrebatadores rasgos de improviso poético inscrevem-se nos fastos do glorioso teatro, onde, além de outras, que mais tarde se ouviram em memoraveis pelejas, se elevou a eletrisante palavra reivindicadora de Nabuco.

Castro Alves e Tobias, se bem que fossem as mais potentes, não eram, todavia, duas unicas vozes solitarias.

A pleiade refulgia, numerosa.

Não intento revê-la num retrospecto rápido, receioso de pecar por omissão.

Basta lembrar-vos que, entre outros, a integravam espiritos da polpa de um Aristides Lobo, que, iniciando-se no *Iris Academico*, veiu a tornar-se um dos orientadores argutos da opinião

brasileira; estros, da exaltação de um Vitorino Palhares; patriotas, da fibra de um Maciel Pinheiro; escritores de ficção, como um Franklin Tavora, que tomavam para cenarios dos seus romances o *habitat* nordestino e urdiam os seus enredos na vida sedentaria dos homens da mata e nas tropelias dos cangaceiros, errantes e mercenarios, que a ingenua tradição indulgentemente desfigura...

Não há duvida que resultou decisiva a influencia dessa geração opulenta na vida intelectual de Pernambuco.

E a que lhe foi imediata possuia tambem representantes da estatura de Martins Junior, de Silvio Romero, de Clovis Bevilaqua, de Artur Orlando, de Carneiro Vilela, de Faelante da Camara, de Pereira da Costa, de Gervasio Fioravanti; uns, arregimentando proselitos na tribuna popular e no jornalismo doutrinario; outros, fazendo critica e abrindo veredas aos estudiosos da nossa história literaria; outros, montando guarda á tradição; cultivando, outros, a jurisprudencia; deixando-se, ainda outros, arrebatar, como um Santo Elias, no carro flamivomo da imaginação. O prógono dessa geração foi, sem duvida, Martins Junior que, discipulo de Tobias, se ombreava com o mestre.

O jurista dos *Fragmentos juridicos-filosoficos*, da *Historia do Direito Nacional* e do *Compendio de Historia Geral do Direito*; o jornalista d'*A Idéa*, d'*O Norte*, d'*A Republica*, e da *Gazeta da Tarde*; foi, igualmente, o alto poeta que nas *Visões de hoje* ergueu o lábaro de um novo crédo que desapareceu com o evangelisador...

O *cientificismo* vale, em todo caso, como um esforço de originalidade.

Além disso, poderemos divergir do poeta, quando proclama que "a Arte de hoje, se quiser ser digna do seu tempo, digna do seculo que deu ao mundo a ultima das seis ciencias fundamentaes da classificação positiva, deve procurar suas fontes de inspiração na ciencia, isto é, na generalização filosofica estabelecida por Augusto Comte, sobre aqueles seis troncos principais de todo conhecimento humano."

Poderemos, de certo, discordar dessa estranha concepção de Arte.

Mas, devassando-lhe a obra poetica, encontraremos na *Tela Policroma*, no *Livro de Elisa*, no *Multicolores*, naquilo em que o seu *cientificismo* ainda não havia tornado árido e dogmatico; sim, encontraremos uma alma sensitiva que, entre queixosa e ironica, murmura:

"Diz-se de mim que vivo, e a Ti, julgam-te morta,
Ingenuo e pobre mundo!"

Na época de Martins (1882), alguns espiritos se manifestam fóra da Academia.

Amplia-se o meio literario.

As livrarias *Francêsa* e *Economica* tornam-se o ponto de reunião dos que se dão ás letras.

Abre-se a fase de transição entre romanticos e naturalistas, ou, melhor, entre subjetivistas e parnasianos.

A's *Vozes interiores*, de Hugo, opõem-se, agora, as *Odes funambulescas*, de Banville, e os *Poemas antigos*, de Lecomte.

Na verdade, a Poesia obedece a uma evolução ciclica: — o Parnasianismo volta-se para o Classicismo, como, antes, o Romantismo revivêra a fase medieva e as correntes *modernas* de hoje são, por seu turno, um retorno á concepção romantica.

A geração que sucedeu á de Martins, já em pleno dominio parnasiano, e de tão perto que, a bem dizer, ambas se confundiram, ao invés de rebentar do fundo da introspecção, inquieta e ansiosa, em confidencias e lagrimas, olha, inquire e prescruta as coisas circundantes.

Ainda se vêem, é certo, um ou outro retardatario, para os quais a disciplina, a lucidez, o equilibrio, enquadrados na impecavel exatidão geometrica de um soneto, são a negação da propria Poesia, que êles preferem livre de peias, espelhando estados de alma, estuosa, transbordante.

Surgem, então, Faria Neves Sobrinho, Manuel Arão, França Pereira, Julio Pires Ferreira, Celso Vieira, Miguel Barros, Paulo de Arruda, Artur Muniz, João Barreto, Teotonio Freire, Alfredo de Castro, Alfredo de Carvalho — um nucleo de poetas, de comentadores, e romancistas.

E' o tempo da *Revista Contemporanea* e do *Jornal do Domingo*. Na primeira, pontificavam Teotonio Freire, França Pereira, Artur Muniz, Alfredo de Castro, Paulo de Arruda. Encastelavam-se no ultimo, Manuel Arão, João Barreto, Ernesto de Paula Santos, Artur Baía, Braulio da Cunha.

Havia, ainda, além de varias publicações de vida efêmera, a *Lanterna Magica*, do Tavora, o eximio caricaturista, da qual fazia Arão, desde as legendas para as *charges*, desde a crônica literaria, ás redondilhas causticantes.

Defrontam-se os dois grupos que se degladiam e asperamente se negam.

Arão faz representar no Teatro Santa Isabel o seu *Drama do Odio*. Preparam-lhe os adversarios uma vaia tumultuosa.

Por que assim se invectivam?

Separa-os, acaso, diversa orientação da Arte? Não.

Simples divergencia de *coteries*...

Em ambos os lados, exaltam-se os novos métodos e decalcam-se os velhos moldes...

*

Aparece, então, em 1901, a Academia Pernambucana de Letras. Organizou-a Carneiro Vilela, o polígrafo: — panfletario, romancista, critico e... cenógrafo; singular temperamento de estéta e de lutador; o oraculo, em torno de quem se reuniram antigos companheiros e representantes da geração que surgia.

A fundação da Academia marcou uma etapa na evolução mental de Pernambuco.

*

A esse tempo, fazendo crônicas, esgrimindo a polemica, ideando poemas, aparecem Gilberto Amado, Mario Rodrigues, Mateus de Albuquerque, Mendes Martins, Laiete Lemos, Manuel Duarte, Da Costa e Silva, Uriel de Holanda, Mario Mélo, Oscar Brandão, Edwiges Sá Pereira e os liricos dos *Descantes*, dos quais alguns emudeceram. Adelmar Tavares, entretanto, conserva, nas suas recentes estrofes, a frescura das suas primicias.

Eis, em resumo, como se nortearam no Recife as correntes literarias, até 1909, data em que estreou o poeta Silva Lobato.

*

Manuel da Silva Lobato, nascido em Recife em setembro de 1886, e falecido nesta Capital em março de 1931, eu o admirava de longe, ainda no seu inicio, quando êle apareceu, adolescente, com as suas primeiras composições, na *A Provincia*, de Baltazar Pereira e de Gonçalves Maia. Transferindo-me para Recife em 1911, ao mesmo tempo em que Mario Linhares chegava de Fortaleza, entre os três se estabelece, de logo, estreita camaradagem que se tornou em amizade fraterna.

E, entregues a mil e um devaneios, empreendiamos, todas as noites, longos passeios a pé, através das ruas escuras e acolhedoras da Bôa-Vista.

E, muitas vezes, perdido o ultimo trem, que deveria conduzir-nos, a mim e a Lobato, ao pitoresco suburbio distante, aceitavamos a hospedagem que o outro, hospitaleiro como um cearense, nos oferecia.

Ou, então, tomavamos, na rua da Aurora, o trem apinhado e sacolejante de Olinda.

Atravessavamos as ruas silenciosas da melancolica Cidade-Museu.

Penetravamos as igrejas centenarias.

Contemplavamos os azulejos artisticos e as trabalhadas alfaias do Convento de São Francisco.

Subiamos o Alto da Sé e nos quedavamos á majestosa visão panoramica: — de um lado o casario irregular, descrevendo quebradas e sinuosas, e á distancia, os morros cobertos da eterna pujança tropical; á esquerda, o coqueiral farfalhante e imovel e o oceano quebrando-se nos cómoros da Praia dos Milagres.

A idéa da creação de *Heliopolis* surgiu em um desses momentos de exaltação lirica.

Ao tempo, com exceção de alguns espiritos moços — Barbosa Lima Sobrinho, Assis Chateaubriand, Eustorgio Wanderley, Oliveira e Silva, José de Sá, Mario Sette, Lucilo Varejão — que, alheiados de retaliantes competições politicas, publicavam crônicas, comentarios e criticas de arte na imprensa diaria, quase todos os outros, punham a pena á mercê de candentes e acirradas polemicas.

A iniciativa obteve, por isso, a adesão e o aplauso de Agripino Silva, Paulino de Andrade, Ulisses Sampaio, Rodovalho Neves, Humberto Carneiro, Eladio Ramos, Araujo Filho, Costa Rêgo Junior, aos quais se vieram juntar os que, como Manuel Arão, Julio Pires, Faria Neves Sobrinho, Alfredo de Carvalho, França Pereira, Otavio de Freitas, Gonçalves Maia e Teotonio Freire, constituiam a velha guarda.

Animava-nos, a todos, o generoso objetivo de congregar, sem prevenções de corrilhos nem preconceitos de escolas, não só os que se estreavam nas létras, mas tambem os consagrados, que se exauriam na tortura e na renuncia para os fazer imortais.

Si produziu frutos a arvore que, altruistas como o heroi manchêgo, plantáramos, cheios de alvoroçado jubilo, dá-nos França Pereira o seu austero testemunho em um dos seus excelentes estudos: — "Heliopolis, refere o ensaista, reviveu a tradição das nossas bôas letras. E não só a reviveu, si não é que se fez o traço de união entre o passado de ontem e o presente, que ainda é um seu prolongamento no tempo."

Deste modo, reuniamo-nos na mesma tenda, discipulos e mestres: — os primeiros, com os assomos irrefletidos, os entusiasmos crepitantes e a esplendida confiança dos iniciados; os ultimos, serenos, experimentados, atentos não só ás belezas, como aos perigos, circunjacentes...

E, resolutos, empreendemos a escalada da encosta ingreme.

Silva Lobato publica, no primeiro numero, o seu *Morte de Orfeu*, que logo o destacou, dentre todos, como o que mais se integrára no ideal parnasiano:

"Foi na Thracia. O deus canta, a Helade em festa pondo,
Sua voz, pelo amor que Euridice lhe inspira,
Faz dominar, ao som de incomparavel lira,
A corça esquiva, o leão feroz e o cerdo hediondo.

Mas, as bachantes vis lançam-lhe esgares de ira;
E, a um confuso tropél, grutas e esvdos transpondo,
Lá vêm... (No ar sossegado E'co propaga o estrondo!
A alma inquieta do bosque, em seus antros, delira).

Lá vêm: ora uma á fronte helenica do Poeta
Vibra um tirso; outra, empós, um cálhau lhe projeta!
Acossam-no; e, por fim, calcam-no, morto e frio...

E a cabeça do deus, lançada á linfa do Hebro,
Começou a cantar, agua abaixo, em tom quebro,
E, agua abaixo, lá foi cantando pelo rio!"

Como vêdes, torturava-o a obcessão da rima invulgar, da adjetivação variegada, do metro flexuoso e sonoro.

Em Arribada, Ode ao Sol, Legionario, Lenda das Amoras enfeixados em *Frauta de Pan*, seu livro de estréa, publicado em 1923, vê-se que o objetivista, o impessoal, se esforça por absorver o emotivo.

E consegue-o, quase sempre.

Aquela evocação á lenda do desgraçado genio remoto que, desde os Pisistrátidas, inspira toda uma literatura poetica é, na verdade, eloquente.

Contudo, resalta desses quatorze versos que o poeta se não contentava em ser espontaneo. Lendo-o, sentimos, que as idéas lhe afloravam rápidas, e as imagens lhe sorriam belas e solicitas.

Mas, — reflexionemos, — essas qualidades intrinsecas serão, acaso, aptas a, por si sós, despertar-nos a estesia?

Penso que sim.

Opinam pela negativa os setarios do éstro que, no *Trofées*, nos fala da antiguidade grega e romana, e evoca o Oriente e a Renascença, em quadros de uma austera e inexcedivel beleza.

Aliás, o realista de *Madame Bovary* não havia sentenciado que *un beau vers qui ne signifie rien est superieur á un vers moins beau qui signific quelque chose!*

Silva Lobato, inscrevendo-se entre os idólatras do Ritmo e da Fórma deixava-se, não obstante, arrebatar por uma imaginação vigorosa que, não raro, alcançava surpreendentes efeitos.

Eis um exemplo em:

POEMA DAS ASAS

"Asas! tive-as um dia, á hora do Ocaso, tive-as
Na extensão pastoril de amplas campinas rasas!
E eu voava, ia pelo ar, passaro de asas niveas,
O ar povoando de sons com a vibração das asas.

Eu via, a pouco e pouco, em seus reflexos aureos,
Ir desaparecendo o Sol. Ao longe, inquietos,
Via, prófugo, o olhar dos repetentes saurios,
Via o fosforo azul dos prófugos insétos!

....

Com o entardecer, deus-Sol, que as saudades aviva,
Como um lenço a' acenar, põe o ultimo reflexo...
E, ao som da Ave-Maria, — alma contemplativa,
O homem curva-se e aos céus ergue o olhar, genuflexo!

....

No alto, as coisas do mundo, a gente acaso vendo-as,
— "Grãos de areia" diria; e as galéras, ao pano,
Vistas do alto, ao meu ver, quase á feição de amendoas,
Eram cascas ao léu dos vagalhões do Oceano!

....

Homem! — que o imortalize o bronze das estatuas!,
Genio! Que és? que serás, materia incomprehendida?
Só a Altura nos dá, sobre essas coisas fátuas,
A ignota concepção transcendental da vida!"

....

"*Poema das asas*", compõe-se, ao todo, de vinte e seis estrofes de alexandrinos elásticos.

Nessa sucessão de imagens, realmente sedutoras, realçadas por um poder verbal, por vezes, surpreendente, a idéa principal como que se esforça por esquivar-se ao nosso entendimento.

O agúdo psicólogo de *Visão Estetica* explica, porém, o fenomeno, colocando o nosso poeta entre os: "intelectuais que, não partindo da observação, não chegam á verdade pelo caminho da lógica, mas, nem por isso, deixam de ser aptos a exprimir as verdades por um processo, passando por cima da observação."

O que, entretanto, se me afigura curioso é que nunca deixamos de atingir o simbolo que, neste formoso poema, se traduz, sem duvida, no Infinito, deante de cuja abstrata grandeza, em face de cuja eternidade mais se torna argila vil, mais se apouca e se dissolve a nossa fragilidade contingente.

Mas, numa das partes de *Frauta de Pan*, naquela que é o seu *Livro Intimo*, já o poeta consegue ferir-nos a sensibilidade, acordando o mundo ignóto que há dentro de nós.

Acompanhemo-lo comovidamente nesta:

MANHÃ DE SOL

"Diz-nos Gœthe: — "Fazei da vossa dór um poema".
Filha, perdi, perdendo-te, de certo,
a parcela melhor da minha vida!

E o poema, esboço-o, assim, no meu deserto,
sob a primeira lagrima sentida.
A saudade é que escreve o elegiaco poema.

....

Cantam, no espaço, as aves erradias...
O Sol apoteotcia o azul siderio...

....

Oh! Marilia, faz hoje trinta dias
que fui levar-te para o cemiterio!"

Há sentimento, há verdade, nestas miniaturas comoventes.

Ao escreve-las, não intentou o poeta sufocar *le cri de sa nature pour écouter celui du maitre.*

E, na versão magistral da *Epopéa dos Tropicos*, datada de 1926, o seu verso adquire uma nova expressão:

"A Ti, a magna,
Divina nas auroras e crepusculos
Epopéa dos Trópicos,
Que és, no verdor, obreira da harmonia,
Maravilhosa e aurifica no poente,

Rútila opala, no amanhecer!
A Ti, a de ontem, de hoje, de amanhã,
Salve!"

O poeta continúa evolvendo para o desartificio, para a simplicidade formal.

E, finalmente, no seu canto de exaltação nacionalista — *Céus do Brasil* — rompe com as antigas fórmulas.

Possue este seu poema um acento épico.

Livre dos rigores da *cesura*, o seu verso torna-se dutil.

E', êle, porém, o mesmo descritivo.

E' a mesma a sua Estetica. A mesma, a sua feição intrinseca.

Houve, é certo, uma revolução nos seus processos.

E, ao invés de ir á Grecia, em busca das fontes da sua inspiração, êle prefére encontrá-las, agora, sob os esplendores dos nossos céus:

> "Vinde cantores-profetas, arautos do Mundo Novo, oh! nuncios do Pensamento, oh! cavaleiros do Sonho, oh! semeadores da Idéa! A Patria quer receber-vos com o mesmo abraço fraterno e um longo beijo de amor... Cingindo — o Sol — vossa fronte, o espaço há de encher de luz, a terra há de abrir em flôres, sob o esplendor imortal dos lindos céus do Brasil!"

Além desse livros, deixou Silva Lobato *Vertigem* e *Seara Alheia*, — inéditos.

No primeiro, há composições, como *Sinfonia das Mãos*, *Agua de Juventa*, *Mocidade*, *A Vida passa*, *Flôr Selvagem*, — repassadas de grande beleza.

No ultimo, reunem-se trezentos trabalhos vertidos do francês e do castelhano, principalmente deste idioma, com que o nosso poeta se veiu a familiarizar. E, ao lado de Silvio Julio, que se fez o João Batista do hispano-americanismo, Silva Lobato clamou, com uma vibração e uma perseverança apostolicas, pela aproximação intelectual dos povos, que, no Continente Americano, modelam o seu pensamento em duas linguas que, provindo do mesmo tronco, são aptas a exprimir todas as *microscopias da idéa*, como diria Fialho.

Silva Lobato realizou o milagre da auto-didatica.

Ao deixar a escola primaria, cursou, durante dois ou tres anos, as aulas de português, francês e desenho no Liceu de Artes e Oficios do Recife. Empregou-se, depois, na *Great Western*; mas, o seu pendor para as letras levou-o posteriormente a colocar-se como guarda-livros da Livraria Francêsa, que era um dos pontos de reunião dos intelectuais do tempo.

Todavia, o poeta não se conciliava — não se poderia conciliar — com as álgidas fórmulas contábeis.

E, muitas vezes, ao organizar uma partida, estacava, de súbito, abstraido, absorto, seduzido á idéa que emergia das obscuras profundezas do subconciente, para se plasmar na harmoniosa fatura de um poema.

Além disso, os homens de negocio — homens praticos e dinamicos — que se atropelam na disputa da riqueza e se complicam e se exaurem, buscando um bem-estar que se não encontra senão em nós mesmos, sorriam, com desconfiança, ao meditativo que se comprazia em viver dentro das maravilhas do seu mundo interior.

Silva Lobato, abandonou, então, o comercio, por incompativel com as inclinações do seu espirito.

E dedicou-se á imprensa.

Entretanto, a sua esquisita organização incapacitava-o para o exito.

Sua modestia raiava pelo orgulho. E a ninguem se queixava, nem aos mais intimos, das atribulações que lhe oprimiam a alma estoica.

Refere Humberto de Campos que Camille Mauclair "assinalava um dos perigos mais lamentaveis de que se ressente a história literaria. O historiador que a faz por inteiro ou o critico que a constrói aos pedaços, toma em consideração, em geral, unicamente a obra visivel ou, quando muito, o autor no momento em que a gloria começa a bafejá-lo. O esforço individual, os recursos de que se utilizou o escritor para construir o seu edificio mental, não entram jamais em conta para avaliação daquilo que êle produziu, mesmo quando o perito se chama por extenso Hippolite Adolphe Taine ou Charles Augustin de Sainte-Beuve."

Pois bem. Ao considerarmos a obra de Silva Lobato, teremos de reconhecer, para ser justos, que ela, como tenacidade, como pertinacia, teve singular significação, pois reflete um espirito longânimo, que, desajudado, no seu obscurismo e na sua pobreza, conseguiu realizar o seu puro e ardente sonho de Arte.

E, assim, viveu uma vida de renuncias e tombou sem um gemido.

Eis aqui o agiologio de um poeta que foi um santo e um mártir.

O futuro proximo das letras e o escritor em face do estado

LOBIVAR MATOS

Escritores de varias nacionalidades, alarmados com a situação atual da Literatura, que é pessima, reuniram-se há pouco, em Paris, e, nas sessões do Congresso Permanente das Letras e das Artes, analisaram, cada qual á sua maneira, o presente das letras sob aspectos multiplos e importantes, com o objetivo calculado de lhes sondarem o futuro proximo e, naturalmente, de lhes traçarem novos rumos e perspectivas novas.

O sr. Miguel Osorio de Almeida, que representou a inteligencia e a cultura brasileiras nas "conversations" da "bela sala do Palais Royal", regressando de Paris, comunicou á Academia Brasileira o que foi o Congresso, o que se resolveu e até onde voou o pensamento angustiado e interrogativo de seus pares sobre o amanhã do tema que os reuniu. E o nosso representante, para alegria de nossa conciencia de povo dito civilizado, foi mais longe ainda. Depois de transcrever os pontos mais culminantes dos problemas discutidos, depois de assinalar o pessimismo com que os intelectuais trataram o presente e o futuro das letras, sugeriu á Academia, com reticências inteligentes e interrogações dolorosas, que "já é tempo de, tambem nós, avaliarmos a extensão do mal em nosso país."

Não sei se os nossos ilustres imortais se impressionaram com a sugestão do sr. Miguel Osorio de Almeida. Não sei mesmo se os senhores academicos tomaram conhecimento do assunto e se dispuseram a examiná-lo, em conjunto. Tudo faz crer entretanto, que esses problemas tão palpitantes não entrarão nas cogitações da Academia Brasileira. E isso é lamentavel sob todos os pontos de vista. Já não digo que se organize um congresso baseado nos moldes do que Paul Valery dirigiu em Paris; já não quero que o nosso seja internacional e da importancia daquele. Mas — que diabo! — por que se não organizar um Congresso nosso, de intelectuais brasileiros e não procurarmos a origem dos nossos males literarios, não tomarmos tambem as precauções necessarias em beneficio das letras e das artes nacionais, ameaçadas por diversos fatores, de decadencia precóce? O que é que falta á Academia para tal iniciativa? Apoio moral? Auxilio oficial? Nada disso. Falta-lhe interesse, disposição, calor, vida e um bocado de boa vontade. Essa desculpa de não ter auxilio oficial não péga mais. Não péga mais porque é sabido que se o governo do sr. Getulio Vargas pouco fez nesse particular, em compensação, nunca negou um real a quem quer que lhe fosse pedir para esse mister.

Conheço um homem de letras que se estivesse á testa de instituição literaria, cuja força corresse paralela á da Academia Brasileira, já teriamos dado passadas largas para a frente. Dinamico, trabalhador e desinteressado da vaidosa imortalidade remunerada e de glorias passageiras, Afonso Costa tem feito prodigios na presidencia da Academia Carioca de Le-

tras. E nunca lhe faltou coisa nenhuma, desde o auxilio pecuniario do governo até o apoio de intelectuais que antes se mostravam indiferentes. Afonso Costa só não consegue o que não quer. Ainda em mêses do ano passado, aqui mesmo no Rio, realizou um Congresso de todas as Academias de Letras do Brasil e seu exito surpreendeu até mesmo á Academia Brasileira, que não esperava por essa e que ficou coradinha de vergonha, com uma baita dor de canela a lhe esticar os nervos.

Se o sr. Miguel Osorio de Almeida fosse membro da Academia Carioca, o que não viria desmerecê-lo em coisa nenhuma e enviado pela mesma á Paris, nas condições em que a Brasileira o enviou, garanto que não sofreria a decepção de ser ouvido debaixo de cochichos e de tossinhas secas como se deu no Petit Trianon. Isso eu sustento que não e sou capaz de afiançar que Afonso Costa não sossegaria o pito antes de ver e com justa satisfação o Congresso funcionando normal e permanentemente. E se nada se resolvesse de concreto sobre o presente e o futuro das nossas letras, pelo menos e só isso bastaria, ficariamos sabendo com quantos paus se faz uma canôa e onde é que a onça bebe agua...

O presente e o futuro das letras e das artes são negros lá por fóra. Foi o ponto de chegada de quase todos os intelectuais que tomaram parte ativa no Congresso de Paris. Entre nós tambem não despertam muita confiança e nos obrigam a encará-los com melancolia. Mas a Academia Brasileira acha que não deve se preocupar com insignificancias. Para que? O Brasil não é um país de "genios" e os genios não alteram a feição de tudo? Logo, tomar medidas inuteis é tolice. Não adeanta. O melhor mesmo é deixar como está, para ver como é que fica. E é o que vai acontecer. Infelizmente.

O sr. Miguel Osorio de Almeida crê que opinar sobre o futuro de qualquer coisa é o mesmo que "provocar implicitamente opiniões sobre o estado atual." Nada mais verdadeiro. Isso mesmo se observou na atmosfera lirica do Congresso. O presente foi estudado minuciosamente. Resumindo: a vida moderna é culpada. Vem aí a "grande penitencia". Os genios andam baratos. Qualquer estudante, póde ser comparado á Shakespeare, desde que faça certa propaganda. A literatura que Paul Valery "ama e pratica" agoniza, tem os dias contados. As formas nobres da "alta literatura" foram substituidas pelas formas rudes das massas distraidas e enleiadas nas dobras da Politica. Enfim, para encurtar a história, todos os senhores congressistas se desabafaram. Contaram suas maguas, soluçaram, reclamaram, melancólicos e tristes. A conclusão foi inevitavel: o estado das letras em nossos dias e em dias futuros é assustador.

Alguns congressistas mais sérios e menos madalenas apertaram o coração e deixaram o talento se expandir. A vida agitadissima de nossa época, o radio, o cinema, o esporte, a politica e mais alguma coisa são fatores desfavoraveis ao bem estar das letras e das artes. E não ficaram aí. Avançaram mais e mais. A causa principal não deve ser essa. Não, não é. E continuaram a correr. Eureca! — gritaram com o X do problema na mão. A decadencia da literatura é causada, em grande parte, pelo bedelho *inxerido* dos governos fortes, das ditaduras armadas e da politica totalitaria dos Estados. Franz Werfel concordou logo. "Nesses paises o espirito se retrái, sofre, murcha, e, impotente, refugia-se na triste resignação." Morgan não deixou escapar o momento oportuno para dizer que "o artista não é nem animal politico, nem animal moral; mas, apenas, um animal e um espirito." E, entusiasmado, continuou: — "somente os artistas sabem o que é a arte e é melhor que os governos e outros graves filistinos não se ocupem disso." Ventilada que foi a questão do auxilio dos governos aos homens de letras, Morgan ergueu-se novamente e protestou: — "Não há deshonra alguma para um artista em ganhar o pão varrendo as ruas, escrevendo para um jornal ou vivendo de suas rendas se teve ele a felicidade de herdar de seus antepassados." E Morgan concluiu que os escritores não precisam do auxilio dos governos. Agradecem muito e tal mas não precisam. E não precisam, por que? Porque, "quando o Estado paga, quer dirigir". E o artista é livre. Não há dinheiro no mundo capaz de lhe comprar a liberdade de pensamento. O artista não é animal politico, fiquem sabendo, politicos de uma figa! Não resta duvida: naquele dia Morgan perdeu o seu bom humor inglês.

A intromissão direta do Estado na vida das letras, aqui vai minha opinião pessoal, é um impecilho e uma teia. Esse fator, que observo com tristeza em qualquer parte onde êle exista, não precisamos ir buscá-lo na Europa ou em outra parte qualquer do mundo. A produção literaria do Brasil, em 1937,

em relação com a dos anos anteriores, que foi de franca prosperidade, é até certo ponto desanimadora. E por que? Pelo simples fato de que o nosso governo, que não é totalitario nem tão forte assim, foi obrigado por circunstancias excepcionais, a controlar a opinião publica e o movimento literario do país. Muitos livros deixaram de vir á luz, outros ficaram trancados na gaveta de seus autores ou de seus editores. Bons ou maus não sairam e em consequencia houve uma especie de paralisia no terreno literario. E por conseguinte, o governo, sem querer, é claro, porque em tempos normais, as letras e as artes são patrimonio da Nação, prejudicou a literatura nacional. Poucos livros de poesias, raros romances bons e estudos sérios foram publicados no decorrer de 37. E' pensando nisso mesmo que a gente compreende e justifica o furor e a ogerisa de Morgan, quando o mesmo se refere ao bedelho do Estado na vida das letras e das artes.

O problema da liberdade de pensamento, que é uma pulga na orelha dos intelectuais honestos, requer uma série de cuidados. Preferia mesmo que não viesse á tona; porém, não pude evitá-lo. E' complicado: primeiro, porque a época é de confusão e não é mais preciso que a noite desça sobre a terra para que gatos sejam tomados por lebres; segundo, porque é o mesmo que implicar com as medidas do governo, que a gente não sabe se estão certas ou erradas. Em todo o caso, o sr. Miguel Osorio de Almeida, que não é nem uma coisa nem outra, ao encarar o problema, face a face, diz que "hoje em dia a liberdade de pensamento afigura-se coisa obsoleta e não tem logar nos quadros de uma sociedade estreitamente organizada, onde tudo é previsto e calculado." O ilustre academico não ignora tambem que os estadistas modernos, edição antiga e melhorada dos Cesares, embora tenham destruido muita coisa, esqueceram-se de embaciar ou mesmo de quebrar o espelho da Historia. Os estadistas modernos não acreditam mais nos genios. E aqui está uma base importante para se apresentar qualquer prognostico sobre o futuro das letras. Os estadistas mussolinicos ou stalinistas podem impedir a marcha do sol, podem impedir que os medíocres discutam ou publiquem suas idéas. Têm forças suficientes para fazer e acontecer no terreno da mediocridade. Mas, quando chega a vez de se pegarem com os genios, a parada é dura de verdade. A nossa propria História registou, numa página esplendida, pequena amostra da luta entre o Estado e o genio. Castro Alves, no tempo em que lutava pela abolição da escravatura, quantas vezes não deixou as praças publicas correndo, coração aos petelécos, ameaçado pelas patas dos cavalos da Monarquia? E quantas vezes o poeta genial não se viu embaraçado para se livrar daquilo que diziam que era e que em absoluto nunca pensára ser? Hoje quem é seu Castro Alves? Não é o genio da raça, o maior poeta do Brasil e não é alvo de manifestações até mesmo dos governos?

Realmente, Morgan perdeu o humor, mas a razão, nunca. O Estado não deve se meter com os artistas, nesse ponto. Do contrario significa perder sempre. Mas, quando é que acontecerá esse milagre? Quando é que os estadistas pensarão com o escritor inglês? Quando? Amanhã? Nunca? Quem sabe lá! Póde ser que os estadistas futuros compreendam isso e que as sociedades de amanhã se organizem de maneira a não fuchicar mais as letras e os artistas. Póde ser.

A Pororóca

Major JOÃO PALMEIRA
(Presidente da Academia Paraense de Letras)

Lá vem o turbilhão despertando os meandros da mataria misteriosa, rebramindo por entre a algidez de uma infinita bandeira de espumas. Repercute na distancia o estridor da furia do mar, com violentas orquestrações de mundos esboroados, correndo no desespero da velocidade, colidindo na loucura da massa liquida que se enfuna... Pororóca! Lá vem o rolo enorme a imprimir nas folhas desse album da natureza virgem o espetaculo emocionante do pesadelo do mar.

Vem longe ainda; mas, sobre a displicencia do lago adormecido no acalento de braços verdes que se entrelaçam na volupia do ermo, lateja uma infinidade de asas espavoridas pelo tronitoar do "stleepe-chase" dos corceis de Anfitrite.

O horizonte desaparece nos plissados da humida cortina que acompanha, pairando sobre êle, o magestoso tumultúo das aguas em disparada. E sobre a terra que o sol aqueceu para a germinação das mais bizarras formas da vida coleam serpentes, calcando, em viscosas contorsões, a almofada de folhas mortas. Plantadas á borda do barranco as arvores, que, há pouco, serviam de pouso ás garças ficaram como algodoeiros depois da colheita. Distantes, roçando a cabeleira do coqueiral, as belas aves, esguias e pálidas como mastros de nuvens do outono vão abrindo e fechando finos flabelos de leite feito pluma.

O exodo é geral; pelos charcos da margem, se arrastam pesados jacarés, com a horrorosa couraça pintalgada de enxurro e as mandibulas mostrando ameaçadoras fileiras de pequeninos punhais de marfim. Riscando com fulgurações de escamas o remanso dos igarapés, correm os peixes, fazendo lembrar pedaços de diamantes lançados num fabuloso ribeiro que corresse na macieza do colchão verde das terras baixas.

Desordenadamente a vida reflue para o centro, amontoando-se no recesso da mata, compondo o quadro vivo de um museu improvisado pelo panico.

Pororóca! Pororóca! Troveja cada vez mais perto a gritaria da avalanche. A terra estremece como se fosse desagregar-se de subito na catadupa que passa refervendo!

O estrondo é tão grande que ensurdece. Na grandiosa barafunda do vagalhão desatinado repontam, levados na furia, grossos troncos, frangalhos de embarcações, galhadas da mataria...

Para trás vai ficando a mantilha de espuma. Nas linhas tumultuarias desse quadro fantastico, no estonteante matrimonio de forças desordenadas, parece vibrar num milagre de exaltação a alma incompreensivel da gleba.

Quanta pujança barbara no enovelar das aguas que espumam na furia epileptica da carreira.

Jatos enormes são projetados á distancia.

Que ruido apavorante! O turbilhão empina-se, rugindo, romoendo; recurva-se de afogadilho e desaba com o estridor de uma sintese de trovões!

Vida de Don Juan Montalvo

De B. CHECA DROUET — Lima, Perú — 1933.

FABIO LUZ

Esse trabalho bio-bibliografico apareceu recomendado pelo Epicedio del doctor Alfredo Baquerizo Moreno, epicedio que lhe serve de prefacio.

Tinhamos em mãos e liamos com a devida atenção o livro de Checa Drouet, quando, surgiu no noticiario dos jornais do Rio, o doloroso caso do suicidio de certa dama, vitima da exploração de um vigario. Os bens da Igreja Romana, o patrimonio da Caixa de S. Pedro, isto é, do Papa, precisam ser aumentados, não só para a grandeza do culto externo de *Deus*, para a nobilitação da *familia*, como para a elevação da *Patria*, como quer o divertido partido Integralista. A caixa de S. Pedro não deve ter *deficit* para poder pagar ao Fascismo os serviços de libertação do Vaticano e o reconhecimento do Papa-Rei e dos Estados Pontificios.

Estamos nas condições politicas do Equador, combatida por Montalvo — *El Cosmopolita, mestre del idioma castelhano*, que, no seu desespero de revoltado, viu consolidar-se o poder eclesiastico ou dos padres, no Equador, através daquilo que os proprios bispos denominaram — *substituição do poder pelos do Papa e das leis da coróa pelas leis canonicas*.

Eis dois artigos do inaudito documento. "A religião catolica, apostolica, romana, é a religião do Estado com exclusão de outros cultos ou sociedades condenadas pela Igreja. Gozará perpetuamente e em sua integridade de todos os seus direitos e prerrogativas conforme a ordem estabelecida por Deus e segundo as prescrições canonicas. Tendo o Soberano Pontifice jurisdição em toda a Igreja, os bispos e fieis poderão livremente comunicar-se com êle sem que as letras ou rescritos pontificios sejam submetidos ao *Exequatur* do poder civil."

Esta *concordata* se fazia em 1862-1863, há 75 anos no Equador. Pouco menos acontece atualmente no Brasil, onde Deus entrou na Constituição de 34, como Pilatos no *Credo*, mas, declaradamente como autor, em cujo nome os constituintes subscreveram os ditames. Como no seculo passado, no Equador, Garcia Moreno procedeu em relação e em beneficio da Igreja Catolica, o Brasil procede hoje. "Toda a obra de Garcia Moreno, no Congresso, foi dirigida em beneficio da Igreja Catolica; queria que o ensino publico fosse entregue aos Jesuitas e ás Congregações; queria encher o país de missionarios, converter a Republica em um convento." (Pag. 38).

Bem se vê quanto fazia, como ditador, D. Gabriel Garcia Moreno, estando já Montalvo no exilio, sendo de notar que anteriormente um outro presidente da Republica, o General José Maria Urvina, *"expulso a los Jesuitas, esa secta tenebrosa que pone-la no comum inteligencia de sus associados al servicio de interesses inferiores."*

Os Jesuitas que, *indirectamente* e através de seus interesses materiais e de proselitismo, reais serviços prestaram ao Brasil-Colonia, sem a intenção de beneficiá-lo, é certo, tomaram importancia *integral* agora, aqui, vestindo casaca e usan-

do outros nomes, como fazem em toda a parte para dominar.

Montalvo, combatendo e sendo constantemente perseguido pela padralhada, pela *clerezia prepotente* (pag. 217), não sendo carola, nem catolico no sentido romano, era um cristão e assim se exprimia: "Una sociedad que tiene por fundador a un nino nacido en un casebre, por sectarios a doce humildes pescadores y que a la vuelta de cortos anos se dilata por todos los ambitos de la terra, por fuerza ha de tener en si mucho de extraordinario y divino. Acaba de nacer y ya tiene la capital del mundo y suas provincias, segun la idéa de Tertuliano; acaba de nacer y ya invade el Foro, las magistraturas y el exercito; acaba de nacer y el mismo Senado, tan amigo e defensor de los dioses, está por ele en su corazon... El Christianismo vive, se extiende, se robustece cada dia más y gana terreno por todo el universo... Nunca será contrario sino de la supersticion, el fanatismo y los abusos de los malos sacerdotes."

A religião de Montalvo era o panteismo dos Estoicos. Êle achava que, *sem o freio da religião*, o homem faz o possivel para perder sua semelhança com o Creador. E esse Creador êle assim concebe: "Não repugna á razão a idéia de que os homens tantos quantos são os milhões que cobrem a face da terra, provenham todos de um só e mesmo pai. Deus é uno; a unidade é o infinito do qual nascem todas as coisas; e, remontando até as origens, sempre vamos parar na *unidade*, germen fecundo que enche o universo com sua infatigavel multiplicação. Um grão de trigo dá uma espiga; uma espiga dá um cento. Mas sua religião eram a liberdade e a moral. "Onde o poderoso levante seu latego infamante; em toda a parte onde a virtude do cidadão seja obscurecida pela impudicicia e pela audacia, onde a bôa-fé e a honra cubram o rosto de vergonha; aí se levantam os manes do Mestre, como figura santa, que afugenta os diabos elementares que povoam o mundo."

O estudo de Drouet é trabalho de analise, estudo magistral, a respeito da obra e da ação politica do autor dos *Sete tratados*. Esse estudo viu a luz da publicidade na comemoração do nascimento daquele que *foi a encarnação* do protesto, a 13 de abril de 1832. Montalvo nasceu em Ambaco, no Equador.

"Filho de sua época, Montalvo havia de mostrar sua sêde de justiça, sua fome de liberdade, ali onde uma e outra tinham coberto sua nudez com os farrapos da maldade humana."

Miguel Unamuno pensava que nada êle teria feito, se tivesse encontrado ambiente onde vivesse sossegadamente.

Don Juan Montalvo

Êle se revoltava contra a indiferença de seus compatriotas, e escreveu: "Ainda quando pudessemos, não teriamos ansias para publicações entre vós outros, injustos e crueis compatriotas: silencio e olvido são corôas sem espinhos."

Drouet assim comenta: "Montalvo, carregado de gloria, ainda mesmo suportando o maior peso dos oprobios, estava conciente do sacrificio imediato de sua vida. Êle mesmo procurou as dôres que o perseguiram sem treguas e, assim, não é erro afirmar-se que foi mais que escritor e polemista, e mais que prosador egregio, foi mistico arrebatado da loucura santa, que põe nas almas o fervor evangelico e nas mãos o latego sagrado para castigar os precitos da liberdade. Sabem os homens da estirpe de Montalvo que sua obra não será vista, nem apreciada por seus contemporaneos; sabem que constróem para o futuro e ali está a grandeza desses sublimes arquitetos que levantam as macissas colunas de seu templo, para que as gerações posteriores recreiem o espirito na contemplação da maravilha utilizavel."

De prodigiosa memoria, livro que lia era livro aprendido, de cujas páginas não se esquecia jamais. Por isso, em virtude dessa especial faculdade de retentiva, é que escrevia sem necessidade de consultar livros.

Um episodio, descrito por Drouet, lembra-nos a prodigiosa memoria do Padre Junqueira, da Baía, o qual tendo ouvido, uma só vez, a leitura de um sermão que devia ser recitado em certa festa, com espanto do autor, reproduziu do pul-

pito, pela manhã, a oração do outro destinada ao *Te Deum*, á noite. Montalvo com assombro de colegas recitou ao orador o discurso que pronunciára, pouco antes, em festa escolar.

Vale a pena ler trechos da carta de Montalvo a Lamartine, convidando-o a vir á America.

"Tenho ali lirios e loureiros para oferecer a meu grande hospede. Nós nos internariamos juntos no bosque de Ficoa, e, caminhando, o hospede sentir-se-ia inspirado repentinamente pelo fogo divino, ao pôr os olhos nos poeticos lagos de Imbabura. Iriamos de vale em vale e êle seria recebido em toda a parte com arcos verdes de ramagens e flores. Os jovens agitariam no ar suas bandeiras brancas; as jovens cantariam suas canções mais queridas; os velhos, de cabelos brancos, sairiam de suas cabanas, perguntando: — Onde está *êle*? Qual deles *é êle*?

Lamartine é mais popular na America do que entre os francêses; nós o queremos mais; em meu país todos o conhecem. Suas mais belas palavras estão na boca de um pastor e eu me comprazia em ouví-lo, quando subia a colina, empós de seu rebanho."

Lamartine respondeu-lhe: — "Li estas linhas e amei a mão estrangeira que as escreveu. Se em minha patria se alimentassem sentimentos semelhantes, eu não me veria obrigado a repartir a sombra de minhas arvores com os credores e para pagar dividas. A França, interrogada, respondeu: — Que morra! Pois bem assim será: morrerei longe dela, afim de que nem meus ossos possúa."

Montalvo não gostava da America do Norte, isto é, dos Estados Unidos da America, e tendo de viajar para Paris, não quís passar por New York, receioso de que lhe acontecesse o mesmo que a um *embaixador do Brasil*, dizia êle, *o qual fué arrojado ignominiosamente del célebre apeadero de San Nicolas, porque el dueño de casa echó de ver que ese hijo del sol ecuatorial, cuya tez semejara a la de un pastor de la Calabria, tenia acaso una gota de sangre africana en las venas.*"

A visita de Montalvo, a convite e em companhia do ministro de Venezuela, em Espanha — Eduardo Calcaño, á *Academia de la lengua*, é um episodio de ridiculo e grosseria digno de registo.

— Y usted con su clerofobia hasta quando nos perseguirá? — perguntou D. Aureliano Guerra y Arbe. E, logo tomando um livro de sua estante, acrescentou:

— Em qualquer parte que se abra este maldito livro se encontra uma passagem eloquentissima. Mas... que diabo! a clerofobia está em tudo derramando seu veneno.

— Repare o Sr. D. Aureliano, respondeu o ministro, voltando-se para Montalvo — que êle não é absoluto e veja melhor o respeito que o autor manifesta pelos sacerdotes de virtude e saber, e como condena as violencias da *Comuna* contra o Clero inocente.

— Onde?

— No fusilamento do arcebispo de Paris.

Dando estas notas ligeiras a respeito do livro de Checa Drouet e das homenagens prestadas á memoria de *Juan Maria Montalvo*, no Equador, na escola *Juan Montalvo*, de Esmeraldas, quisemos apenas vulgarizar a obra do combatente pela Liberdade e pela Justiça.

Separando os recórtes

«LUX JORNAL»

Uma organização modelar da imprensa brasileira.

Tudo o que se escrever sobre o *Lux Jornal*, a prestigiosa empresa de recortes de jornais fundada e dirigida há dez anos pelos nossos confrades Mario Domingues e Vicente Lima, será pouco, em verdade, para exprimir o quanto de valioso tem o seu serviço para todos os homens publicos ou de negocios. Ainda nenhum reporter conseguiu fixar, com exatidão absoluta, a sua intensa e incessante atividade, que é mais do que dinamica, que surpreende, incontestavelmente, a quantos o visitam.

Quando se ouve, pela primeira vez, falar em *Lux Jornal* — empresa de recórtes de jornais — não se póde fazer, de fato, a menor idéia do vulto do seu trabalho, do seu desenvolvimento, de sua utilidade indiscutivel.

Aqueles, no entanto, que visitam o *Lux Jornal*, como fez o ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA, penetrando ás sutilezas da sua organização, observando a sua técnica, absolutamente original e de perfeição inquestionavel, os que assistem, por poucos momentos que seja, ao desenrolar do trabalho dos seus 195 auxiliares, á marcha ritmica a que obedece a execução do seu serviço, ou, então, e principalmente, os que se utilisam das informações que fornecem os seus recórtes de jornais, poderão dizer, convictos e num preito de justiça, que o Brasil possúe, em *Lux Jornal*, uma organização modelar, que sobremaneira enaltece a sua imprensa, e que é, em tudo, sem exagero, superior ás suas congeneres que existem em todo o mundo.

Lux Jornal lê e recorta todos os diarios que circulam no territorio nacional, do septentrião amazonico ás cochilas do Rio Grande, que atingem a uma soma superior a duzentos, como demonstrou com estatistica e graficos elucidativos no seu "stand" na X Feira Internacional de Amostras do Rio de

Janeiro, pesquisando, nesses jornais, para fornecer aos seus milhares de assinantes, em recórtes que levam, cada um, o nome, a data e a localidade de cada jornal, tudo o que neles se publica referente ao nome de cada assinante, a respeito de suas atividades ou sobre os assuntos por ele previamente determinados como de seu interesse.

Assim, por intermedio do serviço de recórtes do *Lux Jornal,* qualquer pessoa, o escritor, o poeta, o politico, o banqueiro, o comerciante, o industrial, o engenheiro, o medico, o advogado, o fazendeiro, o agricultor etc., póde saber, diariamente, com presteza e pontualidade, o que escreve a imprensa de todo o país sobre os mais variados assuntos, como literatura, ensino, finanças, comercio, industrias, impostos, café, algodão, agricultura, politica, direito, medicina, engenharia, etc.

O ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA, percorrendo, demoradamente, os diversos departamentos de trabalho do *Lux Jornal,* póde observar, em todos, o mesmo apuro técnico, a mesma perfeição e o mesmo ritmo, constituindo um conjunto perfeitamente harmonioso e efetivamente modelar.

Lux Jornal, para atender com eficiencia ao seu serviço, possúe, de acordo com as exigencias da sua técnica complexa e originalissima, empregados especialisados em leitura, rapazes inteligentes e de apreciavel cultura, a maioria dos quais estudantes das nossas Faculdades, além de mais de uma centena de moças, adextradas em recortagem, em colagem, em distribuição de assuntos. Somam, ao todo, na Matriz, no Rio, 125 pessoas, afóra 40 na sua Sucursal de São Paulo e os seus 30 correspondentes, dispersos nos Estados.

Póde-se julgar, portanto, por esta breve reportagem, o desenvolvimento do *Lux Jornal,* que, em dez anos de atividades, se impôs definitivamente no conceito publico, como um secretario perfeito, que informa tudo o que os jornais de todo o Brasil publicam sobre qualquer assunto.

O ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA deixou a séde do *Lux Jornal,* installada á rua Bueno-Aires, 176, otimamente impressionado e reconhecendo-o, merecidamente, como uma expressão marcante e indiscutivel do progresso da imprensa brasileira.

A educação na democracia

OTON COSTA

"Si existisse um povo de deuses, governar-se-ia democraticamente. Um governo tão perfeito não convem aos homens." Estas palavras foram publicadas há 174 anos, no famoso livro de Rousseau — *Le Contrat Social*. E quase dois seculos depois, assistimos, com estranha inquietação, o mundo a oscilar, entre a liberdade e a autoridade, ante o espetaculo sombrio das mais tremendas tragedias sociais, sem determinar, com precisão, o rumo tranquilo da democracia. De um lado, suprime-se a propria liberdade em nome da ordem, para se estabelecer, muitas vezes, um falso principio de autoridade. Entretanto, o que, realmente, mais convem aos povos é a democracia, que procura conciliar a liberdade com a necessidade, sem que se busque, fantasiosamente, passar desta para aquela, como idealizam os marxistas. Si a liberdade é a propria essencia da democracia, é necessario que se preserve a ordem social dos excessos que a conduzam á anarquia e ás consequentes reações pela força e pela tirania. A democracia é, em ultima análise, a organização da liberdade, sob o amparo da "coação universal", para usar de uma expressão kanteana. E' o binomio liberdade-autoridade: a primeira que dá a medida de nossa propria dignidade, e a segunda que age como imperativo da ordem social. Montesquieu compreendeu que o regime democratico somente seria possivel apoiado na virtude dos homens. Atualmente, nós só o compreendemos preparado sistematicamente pela educação popular. John Dewey, o grande pensador norte-americano, depõe, no seu livro *Democracia e educação*: "O amor da democracia pela educação é um fato sediço. A explicação superficial é que um governo que se funda no sufragio popular não póde ser eficiente si aqueles que o elegem e lhe obedecem não forem convenientemente educados. Uma vez que a sociedade democratica repudia o principio de autoridade externa, deve dar-lhe como substitutos a aceitação e o interesse voluntarios, e unicamente a educação póde creá-los. Mas há uma explicação mais profunda. Uma democracia é mais do que uma forma de governo; é, principalmente, uma forma de vida associada, de experiencia conjunta e mutuamente comunicada." E' ainda o grande mestre da pedagogia moderna que afirma: "Uma sociedade dividida em castas necessita unicamente preocupar-se com a educação da casta dirigente. Uma sociedade movel, cheia de canais distribuidores de todas as mudanças ocorridas em qualquer parte, deve tratar de fazer com que seus membros sejam educados de modo a possuirem iniciativa individual e adaptalidade. Si não fizer assim, êles serão esmagados pelas mudanças em que se virem envolvidos e cujas associações ou significações não percebem. O resultado seria uma confusão, na qual poucos somente se apropriariam dos resultados da atividade dos demais — atividade céga e exteriormente dirigida pelos primeiros." E Enrique Rodó, no seu já classico *Ariel*, o admiravel "breviario da juventude", escreveu estas palavras que não devem ficar esquecidas: "A educação popular adquire, considerada em relação a tal

obra, como sempre encaramos com o pensamento no futuro, um interesse supremo. E' na escola, no professorado, por cujas mãos passa a dura argila da mocidade, que está a primeira e a mais generosa manifestação de igualdade social, facilitando a todos a acessibilidade ao saber e os meios eficazes de superioridade. E ela deve completar tão nobre cometimento, tornando objeto de uma educação amplamente ministrada, o sentimento de ordem, a idéia e a vontade de justiça e o sentimento, enfim, da legitima capacidade moral." O verdadeiro conceito de igualdade, continúa o sutil filosofo uruguaio, repousa sobre a idéia de que todos os seres racionais estão dotados, por natureza, de faculdades capazes de um pleno desenvolvimento. Logo, o dever do Estado consiste em colocar todos os componentes da sociedade em perfeitas condições de realizar esse aperfeiçoamento. O dever do Estado consiste em presidir os meios proprios para uniformemente, provocar as revelações das capacidades e das superioridades humanas." Sem essa preparação educacional, que o Estado por si só póde atender, tornando-se imperiosa a necessidade de acolher e amparar a iniciativa particular, não é possivel existir democracia, porquanto se conservam quase inteiramente nulos como expressão moral e economica, os elementos incapazes e improdutivos da sociedade.

Essa estranha separação que os privilegios produzem entre as varias classes da sociedade moderna, impedindo, deste modo, uma perfeita endosmose social, acaba tornando estéreis os mais vigorosos impulsos para a formação da cultura e da propria civilização. No regime democratico não se póde deixar de inquirir as tendencias naturais da massa. O proprio Augusto Comte, que assegurava, com profundeza, ter um homem de genio, muitas vezes, razão contra todo o mundo, e que as idéias são falsas ou verdadeiras, independentemente do numero de seus defensores, tambem afirmava, com singular visão psicológica, que as opiniões da massa representam uma força com a qual se deve contar. Sem isto, sem esta "lei das liberdades iguais", que, segundo Spencer, torna possiveis as variadas interferencias dos homens, sem colisões prejudiciais e condenaveis, não existe democracia, porque o povo não tem nenhum direito que lhe assegure a interferencia natural nas coisas publicas, que representam, afinal, o seu proprio destino.

O nosso genial Alberto Torres avançou esta grande verdade: "Um país precisa desenvolver as suas forças intelectuais com a mesma solicitude com que desenvolve as suas forças economicas; daquelas depende a eficiencia de tudo o mais." Pois bem, na impossibilidade, amplamente verificada, de ser o ensino superior, no Brasil, atendido, em extensão e eficiencia, pelo Estado, cabe á iniciativa particular, sob rigorosa fiscalização oficial, preparar as novas gerações brasileiras para que realizem, em nosso país, uma verdadeira democracia, baseada na compreensão de nossas necessidades culturais e sociais, e no respeito salutar das tradições que formam o patrimonio moral de nossa terra.

*

* *

Não é muito facil descobrir-se a razão porque ainda hoje se conserva, entre nós, o tolo preconceito contra o ensino privado. Os nossos grandes institutos de ensino superior, na sua quase totalidade, á semelhança do que tem acontecido no mundo inteiro, foram produtos da iniciativa particular. Já sob o imperio bizantino, existia em Constantinopla uma universidade, cujos professores eram geralmente monges. Aí vinham estudar os que se destinavam a funções publicas. Quando triunfou a civilização arabe, o estudo e o ensinamento do Alcorão deram nascimento a escolas de teologia, de gramatica e de religião. Primeiramente livres, elas se transformaram, no X seculo, em algumas grandes cidades, como Samarcand e Bagdad, em escolas do Estado (M. Vignes, *La Science Sociale*). Com rigorosa fiscalização do Estado, como já acontece com o ensino secundario, parece absurdo que se procure obstar a fundação de tais institutos, cujas vantagens culturais são indiscutivelmente consideraveis. Argumentar com o abuso que dêle se tem feito parece um absurdo maior. Já D'Alembert, no *Discours préliminaire de l'Encyclopédie*, pondera que, em geral, "se abusa das melhores coisas." Mas é justamente para evitar o abuso que o ensino deve ser protegido e fiscalizado pelos poderes publicos. E' a contribuição individual aos interesses da sociedade. "São as Universidades, escreveu Anisio Teixeira, em seu livro *Educação para a democracia*, que fazem, hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitue. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente util." E ainda: "Em país, como o Brasil, extenso como um conti-

nente, a que aportou ha 435 anos a civilização feita pelas Universidades, deveria ter parecido a muitos, uma extravagancia mais uma universidade. Deveria ser uma extravagancia, tantas já deveriamos ter. A pequena Europa possuia, no seculo XIII dezenove dessas instituições. No seculo XIV, quarenta e quatro. Quase cinco seculos depois, possuimos seis universidades, das quais apenas uma tem, além de objetivos praticos e profissionais, objetivos de cultura desinteressada e de preparação para a carreira intelectual." Quanto ao argumento de que devemos cuidar mais do ensino primario do que do ensino universitario, pondera ainda Anisio Teixeira: "Nessa propria America do Norte, as grandes e famosas Universidades datam de muitas dezenas e, por vezes, centenas de anos antes de se pensar em um sistema de educação publica para todos. E' que nenhum país do mundo, até hoje, julgou possivel construir uma cultura de baixo para cima, dos pés para a cabeça. Para haver ensino primario é necessario que exista antes o secundario, e para que o secundario funcione é preciso que existam Universidades."

O nosso seculo não comporta mais esse espirito estreito e anacronico da intolerancia. Já observára Littré que a tolerancia coloca a idade moderna muito acima das idades antigas. Limitar as aspirações humanas é esterilizar muitas vidas. Em todos os tempos, a ciencia e a filosofia conseguiram mais com o abuso da liberdade do que com os velhos preconceitos oficiais que procuram encarcerá-las na rotina.

Fundar escolas é abrir novos caminhos para um destino melhor. As facilidades, que dizem haver e que, realmente sempre tem havido no ensino privado, são menos perniciosas do que a facilidade com que êle é julgado preconcebidamente pelos homens mediocres. O homem superior justifica um erro, porque este é humano; mas o mediocre faz desse erro uma arma infalivel para matar a verdade que se procura.

Essa apregoada facilidade não é peculiar a determinado aspecto do ensino: é um fenomeno geral, um sintoma universal dos dias que passam. E' facilmente perceptivel essa tendencia atual para a facilidade. Em toda parte, acontece mais ou menos o mesmo que na antiguidade chinêsa e na França post-napoleonica: as escolas quase que se limitam a preparar funcionarios publicos. Na China, os letrados, que estavam logo abaixo dos mandarins, constituindo a segunda ordem do Estado,

eram recrutados por meio de exames, e as escolas tinham este objetivo. E, na França, isto chegou a tal ponto que Edmond Demolins, no seu notavel livro *A quoi tient la supériorité des Anglo-saxons,* observa que a influencia atribuida pelos francêses á escola, porque somente ela póde abrir as carreiras mais conhecidas, está em que é por ela que se faz a classificação social. Mas daí deriva o que os francêses chamam de "chauffage", e que é praticado, porfiadamente, pela universidade e pelos colegios livres. O "chauffage" consiste em dar, no menor tempo possivel, um conhecimento superficial, mas, momentaneamente suficiente, de materiais de um exame. Representa principalmente um consideravel esforço de memoria para adquirir o conhecimento de que o candidato vai precisar, *em dado momento.* Obtido o resultado, o resto é dispensavel porquanto a carreira já está assegurada.

Como se vê, essa tendencia para a facilidade, embora até certo ponto condenavel, é um fenomeno universal. Não defende nenhum regime de facilidade. Observo apenas o fato, e observar é raciocinar, como afirma Robinet. E, raciocinando, não compreendo a logica dos que procuram complicar as coisas mais simples.

Nos dias que passam, não há logar para o individualismo. Nem o individualismo religioso da Idade Media, em cujos ultimos tempos "encontrou formulação conciente nas filosofias nominalistas, que consideravam a estrutura do conhecimento como uma coisa formada no interior do individuo por meio de seus atos e de seus estados mentais" (J. Dewey), nem o individualismo economico e politico, surgido depois do seculo XVI, nem o individualismo filosofico que, mais tarde, eclodiu, como desenvolvimento do protestantismo e que foi incrementado pelos doutrinadores da Revolução Francêsa, todas essas modalidades, em suma, dessa atitude espiritual, nascida do egoismo, com a qual se fortaleceu a "opinião de que o conhecimento é totalmente adquirido por meio de experiencias pessoais e particulares".

Mas o fato é que o individuo sempre se desenvolveu em contacto com o meio social. "Pelo intercambio social, tomando parte em atividades que encarnem convicções, êle gradualmente adquire espirito proprio. A concepção de espirito como coisa isolada que o individuo possúe está polarmente oposta á verdade."

Os homens sempre viveram entre as convicções proprias e as tradições. Mas, precisamente, pela necessidade de transmitir as suas convicções e de conservar, como patrimonio geral, as tradições, reclamam sempre a mais estreita união social e, deste modo, se influenciam reciprocamente e associam suas atividades respectivas para os mesmos objetos comuns.

As universidades, além de sua finalidade cultural e profissional, tem esse outro grande objetivo de união social. O Brasil precisa de escolas, de universidades, que finalmente equivalem a hospitais para o espirito. Nenhuma escola, desde que se evite o mercantilismo e se fiscalize o ensino aí ministrado, póde ser considerada inutil e muito menos prejudicial. As escolas estão para a riqueza do espirito como a terra fecunda e generosa para a riqueza economica. E' preciso que se lute contra o preconceito, que tem o vigor da rotina. Disse Talleyrand que um governo tudo póde fazer com baionetas, menos sentar-se sobre elas. Ha sempre alguma coisa que os máus governos não pódem fazer. Com as escolas tudo se póde fazer, menos extingui-las ou negar-se a sua utilidade. Quem ensina enobrece a especie humana e contribue civilizadamente para a maior elevação do edificio social.

Fernando de Azevedo

PEDRO GOUVÊA FILHO

As obras dos homens de pensamento se eternizam, não pela força que lhes empresta o poder publico, mas tão somente pela filosofia que norteia o seu desdobramento, dando uma unidade de estrutura à maneira dos organismos vivos em seu desenvolvimento. Foram os filósofos que fizeram a unidade do estado alemão, emprestando coesão a um pensamento central e reunindo um punhado de estados independentes em nacionalidade. A grandeza desse povo fluira menos da disciplina de seus exercitos, que da ação de suas universidades e de seus poetas, dando expansão a uma filosofia sadia, arejada pela evolução cientifica, que esclarecia e readaptava os pensadores às realidades nacionais.

O fenomeno que reorganizou politicamente a Europa da idade média, foi o aparecimento das universidades. Elas criaram o habito do pensamento cientifico, refundiram os conhecimentos à luz da verificação experimental, e "puseram-se em pé de igualdade com as grandes instituições da humanidade: a familia; a igreja e o estado."

"Com efeito a história de todos os paises que se desenvolveram é a história de sua cultura e a historia de sua cultura é hoje, a história das suas universidades."

Na historia da humanidade o aparecimento da escola primária como instituição publica é uma conquista por demais recente, oriunda de um lado, da complicação da vida moderna e de outro, da influencia que as universidades exerceram no seu refinamento estrutural. A escola primaria, nos paises de civilização amadurecida só ganhou sentido depois da formação de uma elite intelectual, que a enquadrou dentro de um organismo que para viver se iria nutrir da realidade social.

A escola define a sua função como órgão de adaptação e transformação social, deixando de ser criadora formal de atitudes mecanistas, a preparadora de homens a prazo fixo, para o desempenho no futuro de atividades determinadas.

Na história da educação três periodos distintos podem ser isolados. No 1.º só existiam técnicas a serem ensinadas. No 2.º, já se considerava o ser vivo como entidade; a palavra ensino passou a repugnar; o termo aprendizagem consubstanciou a noção de que era o ser que adquiria a atividade, incorporando-a a seus processos habituais de ação. Mas, a industrialização complicou a vida e a escola de hoje considera o homem não um ser vivo somente, mas, tambem social.

Para dar uma noção a aqueles que ainda não tomaram contacto com o problema da educação nacional, fazendo-os sentir como mergulha fundo na estrutura social e politica de nossa patria sua resolução, é que fui levado a fazer este preambulo, para situar, dentro do problema brasileiro a grandeza da reforma da Instrução Publica do Distrito Federal, que completa no dia 23 do corrente mês o seu primeiro decenio de existencia.

Esta reforma que se ateve a resolução do problema objetivo do ensino publico na Capital da Republica, excedeu dos limites geográficos que lhe foram traçados. Ganhou desde logo o ambito nacional. Provocou um grande movimento de idéias que, pela força e pela velocidade com que se difundiu, rompeu os circulos profissionais e criou uma "conciencia educacional" no país.

"O sistema escolar, que a reforma instituiu, procede de uma filosofia, que lhe corresponde, dando-lhe unidade de concepção e de plano e fazendo passar sobre êle, em seu conjunto e em todos os seus detalhes, um largo sopro de renovação pedagógica e social."

....

"Pondo na base as idéias igualitarias de uma sociedade, de forma industrial, em marcha para a democracia e na cuspide da piramide revolucionaria da reforma, os ideais de pesquisa, de experiencia e de ação, quis o Estado preparar as gerações não para a vida, segundo uma representação abstrata, mas para a vida social de seu tempo, sob um regime igualitario e democratico em evolução, transmudando a escola popular não apenas num instrumento de adaptação, mas num aparelho dinamico de transformação social." Essas são as palavras com que o seu autor situou

o problema, revelando familiaridade com a pesquisa sociológica e, por isso mesmo, colocando-se acima dos "dominios imediatos da técnica pedagógica", traçou um largo programa de educação para formação da nacionalidade brasileira. E por não ser a reforma simples substituição de métodos pedagógicos, mas "a reorganização radical de todo o aparelho escolar, em vista de uma nova finalidade pedagógica e social" é que o seu realizador, na luta mantida para tornar claro o seu pensamento conseguia dia a dia incorporar ás suas fileiras elementos, que não mais se dispersaram e que constituem hoje, os soldados da educação, unidos em torno do chefe natural, o criador de uma "conciencia educacional", que inaugurou uma nova politica de educação no Brasil.

No momento em que se comemora o décimo aniversario da memoravel reforma de 1928, o ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA, rende a sua homenagem de apreço e admiração ao seu grande realizador — o professor Fernando de Azevedo.

O Brasil, sem universidades onde se pudesse elaborar um pensamento nacional, assistiu até o ano de 1927 o ensino publico passar por uma série de reformas, que raro visavam novos métodos de ensino, sempre calçadas sobre a criação de serviços e funções novas que não apresentavam uma estrutura, por lhes faltar uma filosofia que norteasse suas diretrizes. Eis a razão porque no fenomeno brasileiro os homens por vezes substituem o papel das Universidades e são origem de um pensamento novo, de que se tornam paladinos em todos os setores das letras nacionais.

Em Fernando de Azevedo, tanto como professor, homem de letras ou critico literario, nota-se a influencia decisiva de sua profunda cultura humanistica, renovada ao contacto de problemas sociais, obrigado a investigar através de inqueritos sucessivos pelas páginas de "O Estado de São Paulo."

A sua carreira de educador, no sentido de traçar direção firme e segura a um sistema de edùcação, começou verdadeiramente em 1926, com o inquerito sobre a Instrução Publica no Estado de São Paulo.

Êle proprio, na sua firmeza de atitudes e de caráter, nô-lo revela no volume 98, da Coleção Brasiliana, Companhia Editora Nacional, com simplicidade e amor à verdade historica, o inicio de sua nova carreira. "O Estado de São Paulo" diz "foi assim, a es-

Fernando de Azevedo

cola em que me preparára para tão alta função publica e somente ao ser provido no cargo é que avaliei em todo o alcance, os serviços inestimaveis a que me forçou a profissão de jornalista, com os fatos e os problemas da educação." E foi só por isto que sua reforma tem como traço dominante a penetração da sociedade na escola.

Daí por deante o autor dos "Ensaios", "No Templo de Petronio," "Jardim de Salustio", "O segredo da Renascença" dedica sua atividade inteira ao problema da educação nacional.

Num setor mais amplo que a função publica, cria na Companhia Editora Nacional a Biblioteca Pedagógica Brasileira, orientada num sentindo de educação nacional abrangendo todos os setores do pensamento: Literatura Infantil, livros didáticos, iniciação cientifica, iniciação profissional, e estudos brasileiros, a Brasiliana, que em sete anos ininterruptos de atividade chegou a sua centésima publicação.

Não há obra de educação que para subexistir não necessite de uma ação editorial.

(Continúa no fim do ANUARIO)

A ilustração no livro brasileiro

Desenho de Santa Rosa
para o livro "SEIVA"
de Osvaldo Orico

Ilustração de Calmon
Barreto para
"MAJUPIRA",
romance de
J. B. Mello e Souza

André Maurois

Historia da Inglaterra

Tradução de
Carlos Domingues

Capa de FRANZ
para a grande edição PONGETTI de 1938

Os suburbios cariocas até o ano de 1763

ALEXANDRE PASSOS

Merece estudo especial a parte que constitui, presentemente, a zona suburbana do atual Distrito Federal.

Este grande territorio não fazia parte integrante da cidade, que, antes de 1763, já havia transposto a muralha condenada por Luiz Vaia Monteiro, embora não estivesse povoada a Cidade Nova, a começar das ruas Visconde de Itaúna e Senador Euzebio, logo depois da Praça da Republica. A demarcação da cidade e seus terrenos, ampliados por Mem de Sá, foram executados por João Prosse, procurador da Camara, no sitio denominado Carioca. (1) Varias razões vinham contribuindo para este estado de coisas.

Documentos da época mostram que os jesuitas sempre crearam embaraços á medição e á demarcação, sendo esta conseguida sómente em 1753.

A atual Praça da Republica, mesmo pantanosa como era, já possuia habitações de certa monta. O Rio antigo, na planicie, contava mais ilhas e morros do que atualmente, arrazados que foram para os aterros das lagôas e pantanos e para ligar as ilhas ao continente. Isso vem acontecendo desde o governo do vice-rei Luiz de Vasconcelos, com o arrazamento do oiteiro das Mangueiras, onde se encontram a rua Maranguape e o inicio da Avenida Mem de Sá. A começar dos ultimos anos do seculo passado, em consequencia dos estudos para as obras do porto e outros melhoramentos, varias ilhas têm sido conquistadas pelo continente, que, por sua vez, se vai prolongando pelo mar a dentro, com o auxilio das terras dos morros, confórme já vimos.

Os penedos Cara de Cão, onde se acha a fortaleza de S. João, Pão de Assucar e Urca, formavam uma ilha nos dias de ressaca, até o seculo XVII, uma vez que o istmo, hoje muito alargado, da Praia Vermelha era invadido pelo mar. De maneira que, grandes fazendas e roças, partiram dai, que, no tempo, era preferido para logar de retiro.

Vaia Monteiro projetou um canal de 700 varas, entre a lagôa da Sentinela e a lagôa do Boqueirão, em substituição do antigo e defeituoso muro da cidade. O atual largo do Estacio e varios logradouros adjacentes, o antigo Barro Vermelho até o morro do Pinto e o de São Diogo, formava um brejal ou gambôa, coberto de mangues, onde desembocava o rio Iguassú, o qual tem tido as denominações de Catumbi, Coqueiros e dos Caboclos.

Após o confisco dos bens dos jesuitas, as roças e chacaras a eles pertencentes, passaram á corôa; e, á proporção que apareciam arrematantes em leilão, iam, naturalmente, se distribuindo por diversos donos. Começa aí, incontestavelmente, a verdadeira história da zona suburbana. A transferencia de propriedade de um só para muitos viria, assim, dar inicio á formação de novos nucleos, cada vez mais populosos e propulsores do progresso do municipio. Não se deve esquecer que algumas fazendas, já no seculo XVII, confinavam com as dos jesuitas, no sertão; e que, no lito-

ral, quase tudo era dos conquistadores portuguêses ou de seus decendentes, haja vista Copacabana, Leme, Vila Velha (Praia Vermelha) e parte de Jacarépaguá (*lago dos jacarés*), Catete (*mato virgem*) e Flamengo.

Este sitio, que, segundo um mapa do seculo XVI, já era habitado, e se chamou Praia da Carioca, Praia de Leripe, Praia da Aguada dos Marinheiros e Praia do Juiz Pedro Martins Namorado, e, até 1698, Praia do Sapateiro, sem duvida por aí residir e possuir terras o sapateiro Sebastião Gonçalves, protegido dos Sá. Nesse mesmo ano desembarcou naquela praia o holandês ou flamengo Oliver van Noord, passando desde então, por iniciativa popular, a se chamar Praia do Flamengo. A primeira casa de pedra do Rio de Janeiro foi construida nas proximidades do morro da Viuva, sendo provavel que os seus alicerces ainda existam bastante soterrados.

A região hoje constituida de grande parte de Catumbi (*agua de mato escuro*), pelo vale do Rio Comprido, parte de São Cristovão, Engenho Velho, Andaraí (*agua de morcego*) Grande e Pequeno, e parte da Tijuca, foi destacada da sesmaria da cidade nos primeiros anos da capitania, afim de que os jesuitas dela pudessem tomar posse.

A familia de Mem de Sá, depois da Companhia, recebeu o melhor quinhão, em 1567. (2) Na atual rua Frei Canéca, começava o antigo caminho do Rio Comprido ou de Mata Porcos para Minas Gerais e S. Paulo. Já no segundo quartel do seculo XIX, o Rio Comprido aparece como arrabalde a que varios titulares e dignatarios da Côrte davam preferencia para residir, sendo todas as casas construidas no interior de sitios, de chacaras e de roças. Mas até o ano de 1763, quando o Rio de Janeiro passou a ser séde do vice-reinado do Brasil, grandes roças tiveram inicio de uma parte da Cidade Nova, a começar das imediações da rua do Matoso e da Praça da Bandeira. Estas propriedades apresentavam os seus engenhos, e algumas, principalmente as que estavam proximas ao mar, possuiam olarias e fábricas de cal, como acontecia com grande extensão da atual zona suburbana servida pela Estrada de Ferro Leopoldina. A ilha do *Maracujá* ou *Paranápuan* (Governador), no seculo XVI, já contava um engenho e uma olaria.

Deve-se a denominação atual ao fato de ter nessa ilha o Governador Salvador de Sá construido o seu primeiro engenho.

Mas a parte mais importante e rica vai justamente começar do atual arrabalde de São Cristovão, considerado a porta do suburbio. Merece muita atenção o fato de os jesuitas, primeiros donos destas terras, quando beneficiavam as suas fazendas, róças e chacaras fazerem açudes, desviarem rios, transformando-os em valados, sem se esquecerem da limpeza das aguas, fato que não foi imitado pelos seus sucessores, os quais procuram imitar peorando.

Por esse meio, eram irrigadas as fazendas do Andaraí Grande e do Pequeno, do Engenho Velho, de São Cristovão, do Engenho Novo, de Inhaúma (*ave preta*) e de outros logares.

O rio do Faria, por exemplo, de bacia acidentada, beneficiava as lavouras do Encantado e do Engenho de Dentro, inclusive as do local em que se erguem o Méier, parte do Engenho Novo, tudo até quase metade do seculo XIX, pertencente ao Engenho Central ou de Dentro, inclusive canaviais e roças com um numero diminuto de casas para escravos libertos, agregados e empregados.

Foram os jesuitas que ligaram, no curso superior os rios Guandú e Itaguaí, quando cultivaram a antiga fazenda de Santa Cruz, de maneira que, sendo aquele o mais importante, e este considerado hoje um afluente do Guandú "cujo nome deve ser conservado até a sua fóz na Baía de Sepetiba só se justificando, pois, o nome de Itaguaí no trecho compreendido entre a serra deste nome e o ponto em que êle conflue com o Guandú." (4)

Até aquela data os mais importantes aglomerados suburbanos, como o Méier, Rocha, Bomsucesso e Ramos, nada representavam sob esse aspecto. O seu progresso data dos ultimos oitenta anos. Santa Cruz progrediu com relativa rapidez, devido a ter sido retiro das familias real e imperial. Bangú, Realengo, Campo Grande e Guaratiba foram-lhe seguindo o surto de progresso. Basta lembrar que, em Santa Cruz, muitos dos seus habitantes, em 1808, quando da chegada do Principe Regente, sabiam ler, escrever e contar, conheciam instrumentos musicais de sopro e de córda, sem esquecer o canto côral. A capela possuia orquestra e cantores proprios. Tudo por influencia do antigo colegio dos jesuitas. Note-se que a população assim instruida era mais de libertos que de escravos. O curáto de Santa Cruz, em 1785, era uma pequena cidade e nela se encontrava "tudo quanto possuia a cidade grande." Antes da extinção da Companhia e cincoenta anos de-

Por causa de um casamento contrariado, a cidade fica em pé de guerra

(Da obra inédita **História da Polícia do Rio de Janeiro** — por Melo Barreto Filho e Hermeto Lima)

No dia 4 de Junho de 1867, a Polícia teve conhecimento de que os irmãos Custódio, Cândido e Henrique José da Costa Figueiredo mantinham em cárcere privado, num quarto do estabelecimento comercial de seu pai, na rua da Alfandega, n.º 83, Amelia Adelaide da Costa Figueiredo, e sua filha Eulália, menor de 7 anos, em virtude de esta senhora querer casar-se com um individuo que não era do agrado dos referidos Figueiredos.

Imediatamente o 1.º delegado tomou providencias, mandando soltar d. Amélia e processar seus algozes, que, em virtude de lei, e mediante fiança, permaneceram soltos.

A imprensa, porém, adulterando os fatos, afirmava que a Polícia não havia prendido os irmãos Figueiredos, aumentando a gravidade do caso com a informação de que êles não mantinham só d. Amélia e sua filha em cárcere privado, mas a faziam passar por torturas de fome e de sêde.

Indignado o povo com as palavras dos jornais, resolveu tirar uma desforra, atacando a casa da rua da Alfândega.

E assim fez. Pessoas de diferentes classes agruparam-se em frente àquela casa e, em altas vozes, exigiram a prisão imediata dos irmãos de d. Amélia.

O grupo, que era mais ou menos de vinte pessoas, dentro de meia hora já atingia a quinhentas.

Ninguem mais podia passar pela rua da Alfândega, que se achava toda convulsionada.

Para poder manter a ordem e explicar ao povo que os indigitados criminosos já haviam sido presos, mas que, em virtude de lei, podiam ser afiançados, saiu de sua secretaria o próprio chefe de Polícia. Chegando em frente à dita casa, saltou de seu "coupé", entrou no prédio, e, para garantir a vida de um dos Figueiredos, pois os outros já se haviam evadido, meteu-o na sua carruagem e mandou tocar para a Secretaria da Polícia, que era então na rua da Relação, esquina da rua do Visconde do Rio Branco.

O povo amotinado achou que aquilo era uma grande honra que a Polícia estava dispensando ao criminoso, e prorrompeu em assuadas, acompanhando o "coupé", debaixo de vaias, gritos e algumas pedradas.

Chegado o chefe de Polícia à Secretaria, continuou o povo em frente ao edifício, aos gritos de — "Morra a Polícia!"... "Abaixo o chefe!..."

E a onda de povo cada vez crescia mais... Agora eram cêrca de dois mil os amotinados... Era preciso dispersar aquela gente, de qualquer modo. Foi incumbida disso meia dúzia de soldados, a pé e a cavalo.

A fúria popular crescia e a desordem tomava grande vulto...

Era com a Polícia que o povo queria ajustar contas.

Não havia lógica, nem razões de direito, que o fizesse compreender a atitude assumida pelo chefe de Polícia.

Entrincheirando-se no perímetro do gradil da praça da Constituição, hoje praça Tiradentes, formou barricadas, invadiu o quartel do 1.º Corpo de Artilharia, que era, então, na rua do Espírito Santo, tirou de lá quási todo o armamento, e ei-lo em guerra aberta com a Polícia.

Crescia cada vez mais o número de combatentes.

O conflito tomava proporções assustadoras.

Famílias já se arrumavam, para se retirar da cidade.

Um padeiro da praça da Constituição, chamado Lima, auxiliado por uma mulher conhecida na cidade por *Chica Polca*, fornecia ao povo achas de lenha, para, das

A Praça da Constituição com a Estatua de D. Pedro I

barricadas, serem atiradas sôbre os soldados.

Reüniu-se o Ministério para tomar providências.

Foi decidido que se mandasse desembarcar uma fôrça de duzentos imperiais marinheiros, devidamente armados, para se bater com os amotinados.

O comandante do 6.º Batalhão da Guarda Nacional, Lázaro Gonçalves, recebeu ordens para formar o seu pessoal e dispersar o povo a bala.

O oficial desobedeceu a essa ordem.

Afinal, saltaram os marinheiros, sob o comando do capitão-tenente Menezes, e se postaram nas ruas da Constituição, do Conde, 7 de Setembro e da Carioca.

Rompeu a primeira carga, às 9 horas da noite; depois a segunda...

O povo não cedia.

O Ministério continuava reunido. Perante êle comparece o chefe de Policia.

Examina-se cuidadosamente a situação...

Foi resolvido dispersar os amotinados a baioneta calada.

Antes de 10 horas da noite, a fôrça escalada entrava em acção.

Acabada a luta e presos 30 indivíduos, lá estavam estendidos no solo dezenas de feridos e um morto. Este era o negociante Manuel Pinto de Azevedo, sócio da Alfaiataria Quanock & Cia., estabelecida na rua do Ouvidor.

E eis aqui como de um simples casamento contrariado, sai um conflito, que deixa em pânico, durante 48 horas, uma cidade inteira.

Faustino Nascimento

CARLOS CHIACCHIO

Eis aqui um poeta que eu não conhecia. *Paisagens Sonoras* é o titulo de seu livro de versos. Interessante o desprendimento que revela, no trato com as musas. Nem um desejo de exito. Nem uma preocupação de primado. Enfrenta o mundo dos deuses com a simplicidade de um crente. Mas a sua oferenda ressalta em bom gosto das idéias e das formas. Prova de intima convivencia espiritual com os ritos de Eleusis. Desse convivio é que lhe vem, de certo, a tendencia para a poesia universal, reflexiva, capaz de todas as gamas do sentimento humano. Quando lhe não acode o estro na fixação verbal das emoções liricas, socorre-se da tradução.

A tradução, em poesia, é um trabalho inglorio. Se o poeta verte para melhor, é sempre o original que fica. Se para peor, o tradutor é sempre traidor. *Traduttore, traditore.* Ora, não é isso, absolutamente, o que se dá com Faustino Nascimento. Não traduz senão por gosto de saborear em seus metros a harmonia das formas afins, o sentido das imagens irmãs, os mesmos impulsos creadores da arte, que solidarizam os temperamentos emotivos. A tradução, portanto, em Faustino Nascimento, — e o seu *Paisagens Sonoras*, está cheio delas — é um indice de eleição intelectual, não de entretenimento técnico de linguas, como, em regra, acontece com os tradutores. A vêr, verbigracia, aquela sua tradução de Maeterlinck das *Quinze Chansons*:

E, se um dia voltar,
Que lhe devo dizer?
— Que, de tanto esperar,
Cheguei a perecer...

E, se me interrogar,
Sem me reconhecer,
Que deverei contar,
Que deverei dizer,
Pela segunda vez?

Faustino Nascimento

— Falai-lhe, em caso tal,
Em tom bem fraternal,
Porque sofre, talvez...

Porém se, sem tardança,
Pergunta onde estais vós,
Que devo, então, fazer?
— Dar-lhe-eis a minha aliança
E abafareis a voz,
Sem nada responder...

E, se quiser saber,
De maneira mais certa,
Porque há-de acontecer
Que a sala está deserta?
— Mostrar-lhe-eis, em seguida,
A lampada extinguida
E aquela porta aberta...

E se me interrogasse
Sobre quanto assisti
Do vosso desenlace?
— Para que não chorasse,
Dir-lhe-ieis... que sorri...

Se algo existe para notar entre as duas produções, é a diferença da brevidade. Maeterlinck é sintético a ponto de hermético. Faz em vinte versos o que Faustino produz em trinta. Porém, com que sutileza de penetração subjetiva, consegue o poeta brasileiro alcançar o sentimento inefavel e, ao mesmo tempo, mistico do poeta dificil de Serres Chaudes! — Afinidades literarias... E, assim, com Maeterlinck, com Shelley, Santos Chocano, Luc Durtain, e Gœthe, que são, sem anacronismo, as fontes prediletas das traduções de Faustino Nascimento. Todas revelando aspectos do misticismo da natureza. Porque, mal deixa as traduções, é sempre aquele misticismo panico que o impressiona, ou fale de *Mucuripe,* ou de *Copacabana,* ou cante uma *Aurora paulista,* ou uma *Lagôa Santa,* ou diga de uma *Serenata indiana,* ou de uma *Primavera tropical,* ou parta de *Guanabara* a *Chanaan...* Por mais distantes ou diversos ou multiplos os seus motivos, há por êles, dominadoramente, o sentido mistico da natureza, que é a nota fundamental da poetica de Faustino Nascimento. Tem lá êle as suas razões, no poema — *Icaro e Prometheu* — que não me deixa mentir:

"Ao ruido da materia, a humanidade em ansias,
Acredita tambem numa força maior"...

Não conhecia o poeta de *Paisagens Sonoras,* que acabo de ler, com satisfação. E' um mistico da natureza, sem exageros de tintas nem entonos de vozes. Simples, natural, sincera, a sua arte de dizer, em ritmos musicais, a vida interior do pensamento e do sentimento não carece de grandes palavras, nem de processos exoticos, para interessar, sugerir, comover. Basta um acórde espontaneo do verbo plastico, e ei-la a correr, como um borbotão fluente de graça e de simpatia, tal aquele filete de agua sonóra, — alma das suas paisagens —, que começa assim:

"Em delicado fio,
De sob a agreste penha,
A fonte surge e vai formando o rio..."

Não é preciso dizer mais sobre o valor de uma poesia que tem, antes de tudo, o cunho fiel da naturalidade formal e substancial. Não conhecia o poeta, repito. Mas gostei de conhecê-lo. E' um grande poeta Faustino Nascimento.

DEOMEDONTE MAGALHÃES

O comercio de livros no Brasil poderia ter atingido melhor grau de expansão, se os homens que o trabalham reunissem todos a inteligencia e o dinamismo de Deomedonte Magalhães.

Representando em S. Paulo várias firmas cariocas, inlcusive as edições Pongetti, Deomedonte vem dando ao seu trabalho uma orientação magnifica. O seu amor aos bons livros faz com que êle se torne um cartaz sonóro, sempre animado pela sua palestra agradavel.

Indiscutivelmente, Deomedonte não é apenas um simples homem de negocios. Êle sabe julgar o valor da mercadoria que distribue porque é culto, ativo e altamente honesto.

MIRAGEM

(Capitulo do romance «Pôço dos Paus», a publicar)

FRAN MARTINS

O governo estava dando passagens para "Pôço dos Paus". Queriam construir um dos maiores açudes do mundo. Corria mais dinheiro que em tempo de inverno bom. Familias inteiras abandonavam o sertão, os trens saiam atopetados de gente. Todos partiam satisfeitos, sorridentes, alegres. Iam ganhar dinheiro como em tempo de inverno bom. Muitos não acreditavam. Iam mas não acreditavam que fosse o que se dizia. Tinham medo de deixar a terrinha, os roçados, as criações. E passavam dias pensando, antes de tomar a resolução. Valeria a pena tentar? Não seria embromação tanta vantagem junta? A miragem os atraía, por isso resolviam experimentar. E quando chegavam nos trens ouviam casos assombrosos. Mais dinheiro que em tempo de inverno bom. Cassaco ganhando nove mil réis por dia. Apontadores de quatrocentos, até de quinhentos mil réis por mês. Uma verdadeira mina. E se tomavam de entusiasmo, alegravam-se, criavam coragem. Tinham esperança de vencer, vontade de vencer. Venceriam. Uma coisa dizia que venceriam. Coração não mente, ouviam seus corações e sabiam que venceriam.

O governo estava dando passagens para "Poço dos Paus". Cassaco só tinha o trabalho de juntar o dinheiro que chovia no açude. Precisavam de quatro mil operarios para construir uma das maiores barragens do mundo. Das maiores do mundo. Agora ia acabar a sêca, ia haver fartura continua no nordeste. Orós e Poço dos Paus estavam sendo construidos para esse fim. E o governo facilitava, dava passagens a quem quisesse trabalhar, ganhar dinheiro.

Climerio ouviu falar naquela riqueza e ficou com as palavras na cabeça. Cassaco ganhando nove mil réis por dia. Apontadores de quatrocentos, até de quinhentos mil réis por mês.

— O' seu Climerio, a cerveja está chóca!

Trocou a garrafa de cerveja e encostou-se de novo no balcão. Cassaco ganhando tanto dinheiro. Parecia um sonho, uma coisa de cinema, cassaco com nove mil réis por dia.

— O' seu Climerio, o sr. não terá um tiragosto de cajú?

Cortou o cajú e levou os pedacinhos enfiados em palitos para o freguês que bebia cachaça. Cassaco enricando no açude e êle ali, servindo de criado. Tinha sessenta mil réis por mês, no "Casino Sul Americano". Era garçon, ouvia abusos de freguêses, lavava os calices em que servia cachaça, ás dez horas limpava o mozaico do bar com uma estôpa molhada.

Um homem contava ao companheiro a historia de uma briga que tivera na vespera. A cara do homem apresentava uma cicatriz e êle dizia que fôra a picada de uma for-

miga. Estava embriagado, falava alto, havia gente em torno ouvindo a narração embrulhada.

— Seu peste, me dê uma cerveja!

Era assim que os embriagados gritavam para Climerio. Havia muito que êle ouvia aquilo mas nunca se lembrara de protestar. Agora, porém, as palavras tinham uma entonação diferente, um sentido estranho. A miragem do açude o atraia, com seus rios de dinheiro correndo para todo o mundo. Não era escravo de ninguem, não estava pronto a ouvir mais abusos de ninguem. Em Pôço dos Paus cassaco ganhava nove mil réis por dia e era tratado com delicadeza. Ninguem era besta de chamar um cassaco de peste, de nomes indecentes. No entanto os embriagados do Casino só o tratavam assim. Sessenta mil réis por mês, com direito a descomposturas. Vida de cachorro, de vencido. Vida de vencido. Por que nunca reagira áquele tratamento indecente? Estava acostumado a ouvir descomposturas sorrindo. Tudo na vida acostuma. Para Climerio não tinha mais significado as palavras humilhantes dos embriagados. Estava ali para servir, para aguentar desafôros com o riso nos labios. Tudo na vida acostuma. Quanto valem sessenta mil réis por mês para um homem sem iniciativa. Outro reagiria, repeliria aqueles insultos. Já se tinha visto mortes na feira por coisas menores que aquelas. Um cabra da Batateira matara um doutor porque lhe chamara de individuo. Trinta anos de cadeia, a honra intacta, a familia orgulhosa com o feito. O promotor berrando no juri, o cabra sorrindo, entreabrindo os labios grossos. Criminoso, nato, assassino perverso. Mas o cabra da Batateira nem se importava com os berros do promotor . Não era individuo, ninguem fosse amesquinhá-lo só porque era doutor e tinha um anel de brilhantes no dêdo. E no entanto os embriagados do Cassino só o tratavam de peste e ele silenciava. Para isso ganhava sessenta mil réis por mês. Os unicos freguêses que davam gorgetas eram os caixeiros viajantes que vinham da capital.

— Seu Climerio, o amigo está esperando. O sr. estará surdo, seu Climerio?

Tirou uma garrafa da tina e foi servir ao freguês que reclamava. O homem embriagado continuava a historia da briga, numa voz pastosa, atrapalhada, que ninguem entendia bem. Queria dizer-se valente mas não encontrava palavras. Mostrava o rosto ferido e dizia que fôra a picada de uma formiga. Coisa de embriagado.

Climerio, nesse dia, ficou mais lerdo que de costume. Quando terminou o cinema, Sigismundo Pereira tomou um trago e comprou um maço de cigarros "fim-do-mundo". Era o cigarro da moda, quatrocentos réis o maço. Sigismundo Pereira sem duvida ia para a pensão de Maria Alice, pagar anizete para Florinda beber.

Quando o bar se fechou Climerio ficou perambulando pelas ruas desertas.. Em Pôço dos Paus cassaco estava de cima. Quem era doido para chamar cassaco de peste no açude? Nove mil réis por dia, duzentos e setenta ao mês.

A rua do Comercio estava ás escuras. Na calçada da Loja dos Bódes um gaiato fizera pi-pi. Ninguem comprava naquela casa de modas. Os padres pediam dos pulpitos que todos se afastassem daqueles amaldiçoados. Era preciso fazer guerra aos forasteiros que não se confessavam. No açougue não se vendia carne a êles. Seu Menezes dizia que eram excomungados. Seu Menezes tinha um filho padre, sabia bem das coisas do céu. E de noite todo o mundo se vingava na loja que êles tinham. Escreviam nomes feios nas paredes e o povo gostava daquilo. Era preciso fazer guerra de morte aos forasteiros que não se confessavam.

Climerio desceu a rua pensando nos cassacos de Pôço dos Paus. Na esquina da Travessa da California não se via mais aquele ajuntamento de gente conversando politica e contando anedotas até alta noite. Cordeiro acabara com o café, fôra tambem ganhar dinheiro no açude. Climerio tinha mais aquele exemplo de que a coisa era séria. Cordeiro ia bem, tinha um café decente e um hotel que vivia cheio. No entanto fechara tudo e fôra buscar dinheiro em Pôço dos Paus. Só podia ser coisa bôa. Manoel Cordeiro era um sujeito direito.

As pernas foram-no levando para a rua do Pedaço. Na pensão de Maria Alice, Zé Alves tocava rabeca. Sigisnando Pereira pagava anizete para Florinda e alisava as suas côxas cabeludas e grossas.

Climerio sentou-se e pediu cachaça. Florinda voltou-lhe as costas e Sigisnando Pereira deu uma gargalhada.

Zé Alves tocou um chóte, depois Climerio levantou-se da banca. Precisava descansar.

(Continúa no fim do ANUARIO)

Artur de Sales

E' o principe dos poetas da Baia e, se a alegoria é o espirito da imagem, podemos compará-lo a um grande astro solitario, descuidado da sua grandeza igual á sua bondade, a brilhar simples num céu limpido. Poeta dos maiores do Brasil, viveu sempre na solidão para amar e cantar. Nos tempos de *A Nova Cruzada*, era, no dizer de Jackson de Figueiredo, — "o admiravel plastico do verso". E não desmereceu nunca dessa sintese a que podemos acrescentar: — o perfeito equilibrio entre o subjetivismo e o objetivismo. Sem se dar todo ao seu mundo interior e sem vêr no exterior, apenas, uma paisagem em fotografia, une a vida das suas sensações espirituais ao sentido da natureza e, casando espirito e materia, transfigura-se nos seus versos que são a sua

"Solidão! Paz, silencio e renuncia e concordia...
Misericordia e luz dos sem misericordia..."

que são a sua *terra bonheur*. Calmo na expressão das suas dores e das suas alegrias, transformou o seu livro, as suas "Poesias" nesta divina terra da felicidade, em que a dor e o amor de mãos dadas caminham em paisagens luminosas, quase alheios ao sofrimento e ao prazer. Dentro de sua alma de artista perfeito e de crente convicto unem-se, no mesmo fulgor, Lia e Raquel — que o mistico Richard de Saint-Victor interpretou como simbolos da vida ativa e da contemplativa. "Lia dont les attributs sont de pleurer, de gemir, de se plaindre, de soupirer, tandis que Rachel médite, contemple, discerne, comprend." (Marcel Lenglart).

Bem sabemos que a longinqua Raquel não é dado a todos encontrar e que muitos se contentam com o amor de Lia. Mas, o verdadeiro poeta é aquele que sem desdenhar o amor terreno de Lia, procura o amor purissimo da purissima Raquel, ainda que "Pour attendre aux embrassements de Rachel, il faut la servir septe années et encore sept années" (Richard de Saint Victor: Benjamin major, trad. de Marcel Lenglart).

Apesar de tão favorecido das graças da poesia, os que privam com o poeta não lhe ouvem alusões. E se fala delas, é assim:

"Eu flori meu deserto. Enchi de agrestes flores
Todo o chão que pisei na longa caminhada.
Aromaram-me o pó, as horas, os errores...
Ei-las. Recolhe-as tu. Pobres flores da estrada."

Flores maravilhosas carregadas de promessas felizes. Flores que não murcharão, açoite-as, embora, a tempestade. Porque o Tempo, que pulveriza o granito impuro, é poder sobre a face limpida de um diamante. E é um diamante sem jaça este

OCASO NO MAR

"O céo a valva azul de uma concha semelha
De que outra valva é o mar, ouriçado de escamas.
No ponto de junção, o sol — molusco em chamas —
Do bisso espalha no ar a incendida centelha.

Listões de intenso anil, raias de côr vermelha,
Grandes manchas de opala, arabescos e lhamas,
Da luz todos os tons, da côr todas as gamas
Vibram na valva azul que a valva verde espalha.

Mas todo este fulgor esmaece e se apaga.
Timido, o olhar do sol boia de vaga em vaga
Porque uma sombra investe a sua concha enorme.

E' a noite. Como um polvo, insidiosa, se eleva.
Desenrola os seus mil tentaculos de treva...
E o sol, vendo-a crescer, fecha as valvas e dorme."

Trecho de romance

GRACILIANO RAMOS

Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradavel dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas.

Fazia mais dum ano que falava nisso ao marido. Fabiano a principio concordara com ela, tentara fazer calculos, tudo errado. Tanto para o couro, tanto para a armação. Bem. Poderiam adquirir o movel necessario economizando na roupa e no querosene. Sinhá Vitoria respondera que isso era impossivel, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candieiros na casa. Tinham discutido, procurado cortar outras despesas. Como não se entendessem, Sinhá Vitoria aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça. Ressentido, Fabiano condenara os sapatos de verniz que ela usava nas festas, caros e inuteis. Calçada naquilo, tropega, mexia-se como um papagaio, era ridiculo. Sinhá Vitoria ofendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria despropositado. Efetivamente os sapatos apertavam-lhe os dedos, faziam-lhe calos. Equilibrava-se mal, tropeçava, manquejava, trepada nos saltos de meio palmo. Devia ser ridicula, mas a opinião de Fabiano entristecera-a muito.

Desfeitas essas nuvens, cortidos os dissabores, a cama de novo lhe aparecera no horizonte acanhado.

Agora pensava nela de mau humor. Julgava-a inatingivel e misturava-a ás obrigações da casa.

Foi á sala, passou por baixo do punho da rêde onde Fabiano roncava, tirou do caritó o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o picar. O chocalho da vaca laranja tilintou para os lados do rio. Fabiano era capaz de se ter esquecido de curar a vaca laranja. Quis acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os chique-chiques e mandacarús que avultavam na campina.

Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade. Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras. Esfarelou a pele de fumo entre as palmas das mãos grossas, encheu o cachimbo de barro, foi concertar a cerca. Voltou, circulou a casa atravessando o cercadinho do oitão, entrou na cozinha.

— E' capaz de Fabiano ter-se esquecido da vaca laranja.

Agachou-se, atiçou o fogo, apanhou uma braza com a colher, acendeu o cachimbo, poz-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi sair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente.

Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se — e não conseguiu o que esperava. Fez varias tentativas, inutilmente. O resultado foi secar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquilo não tinha significação.

Aproximou-se do canto onde o pote se erguia numa forquilha de tres pontas, bebeu um caneco dágua. Agua salobra.

— Iche!

Isto lhe sugeriu duas imagens quase simultaneas, que se confundiram e neutralizaram: panelas e bebedouros. Encostou o fura-bolos á testa, indecisa. Em que estava pensando? Olhou o chão, concentrada, procurando recordar-se, viu os pés chatos, largos, os grandes artelhos muito separados dos outros. De repente as duas idéas voltaram: o bebedouro secava, a panela não tinha sido temperada.

Foi levantar o testo, recebeu na cara vermelha uma baforada de vapor. Não é que ia deixando a comida esturrar? Poz agua nela e remexeu-a com a quenga preta de côco. Em seguida provou o caldo. Ensósso, nem parecia boia de cristão. Chegou-se ao girau onde se guardavam combucos e mantas de carne, abriu a moxila de sal, tirou um punhado, jogou-o na panela.

Agora pensava no bebedouro, onde havia um liquido escuro que bicho enjeitava. Só tinha medo da seca.

Olhou de novo os pés espalmados. Efetivamente não se acostumava a calçar sapatos, mas o remoque de Fabiano molestara-a. Pés de papagaio. Isso mesmo, sem duvida, matuto anda assim. Para que fazer vergonha á gente? Arreliava-se com a comparação.

Pobre do papagaio. Viajara com ela, na gaiola que balançava em cima do baú de folha. Gaguejava: "Meu louro". Era só o que sabia dizer. Fóra isso, aboiava arremedando Fabiano e latia como Baleia. Coitado. Sinhá Vitoria nem queria lembrar-se daquilo. Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara á fazenda. A referencia aos sapatos abrira-lhe uma ferida — e a viagem reaparecera. As alpercatas dela tinham sido gastas pelas pedras. Cansada, meio morta de fome, carregava o filho mais novo, o baú e a gaiola do papagaio. Fabiano era ruim.

— Mal agradecido.

Olhou os pés novamente. Pobre do louro. Na beira do rio matara-o por necessidade, para sustento da familia. Naquele momento ele estava zangado, fitava na cachorrinha as pupilas serias e caminhava aos tombos, como os matutos em dias de festa. Para que Fabiano fôra despertar-lhe aquela recordação?

O GENIO DE *Martins Fontes*

OSORIO DUTRA

Martins Fontes nasceu em Santos, a 23 de junho de 1884, e morreu na mesma cidade há poucos mêses apenas. Conheci-o em 1906, mal havia terminado os meus estudos secundarios. Cursava êle o quinto ano da Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro, quando nela me matriculei. Fui, portanto, seu calouro. Foi mesmo nessa qualidade que o conheci, através da estreita amizade que o ligava a um dos meus primos, seu colega de ano.

Martins Fontes já era o mestre consagrado que todos nós veneravamos. Eu principiava a rabiscar os meus primeiros versos, contando as silabas nos dedos, fatigando as meninges á procura da rima rica e dificil, ao sabor do capricho e das modas do dia. Foi por uma indiscrição de meu primo que o poeta santista veiu a saber da côrte que fazia ás musas. E nunca mais me deixou tranquilo. Onde quer que me encontrasse, na aristocratica rua do Ouvidor, ou no largo da Misericordia (naturalmente junto ao taboleiro de laranjas da baiana Sabina), perguntava-me, sorrindo:

— Então, quando é que veremos essas joias?

Certa vez, depois de tantas interrogações, enchi-me de coragem e tomei a resolução de mostrar-lhe, não as minhas joias, mas os meus horrores. Foi no Café Cascata, de gloriosa memoria. Entramos juntos e procuramos, por prudencia, a mesa mais afastada da rua. Eu tremia como vara verde quando passei ao colega o caderno de capa vermelha, que trazia embrulhado em papel de jornal. Não me lembro quanto tempo teria durado o meu suplicio. Sei, porém, que fiquei devendo a Martins Fontes as primeiras palavras generosas que ouvi da boca de alguem sobre os meus titubeantes ensaios poeticos. Creio bem que, de toda a versalhada, só escapava um soneto humoristico, intitulado *Protozoario*, que o fez rir a valer, e alcançou época, na escola, entre os da minha grei. Seja como fôr, o certo é que, graças á sua bondade e aos seus conselhos, não desanimei.

Ao fim de algum tempo, sabia eu de cór quase todos os sonetos que apareceriam mais tarde no *Verão*. E como não pudesse, por falta de recursos e de idade, frequentar as rodas boemias em que êle andava, contentava-me em acompanhá-lo de longe, ou a dizer-lhe, quando o via, algumas frases banais. Quantas vezes o encontrei, nos cafés ou nas confeitarias, estuante de mocidade, ao lado de Emilio de Menezes, de Bilac e Bastos Tigre! Quantas vezes o apanhei nos grupos literarios que se formavam á tarde na Livraria Garnier, recitando, em voz alta, os versos opulentos e maravilhosos de Goulart de Andrade — *mestre da gaia ciencia e do raro rimar* — ou fazendo a apologia das *Onzimas Barbarescas* de Anibal Teófilo!

Martins Fontes foi, sem duvida, uma das figuras mais destacadas da nossa segunda geração parnasiana — aquela que pontificou logo no começo deste seculo, instalando na Confeitaria Colombo o seu quartel general, "vivendo, rindo, cantando, mas trabalhando pelo Brasil".

Foram todos esses poetas alegres e intemeratos, corajosos e idealistas. Explodiram as suas mocidades "como vulcões que desfolhassem heliantos". Avidos de sucesso, sedentos de alegria, de gloria e de beleza, viveram para a musica e para a poesia, para o sonho e para a mulher.

Chamando-os de "Nós, as abelhas", o poeta-

estudante, que era então o irmão mais moço e mais turbulento do grupo, assim se referiu aos seus feitos: "As abelhas construiram em Delfos o Templo de Apolo... Nós ilustramos a Confeitaria Colombo... Ninguem se escandalisava... O Rio eramos nós. Ajoelhei-me, certa vez, na praia do Flamengo, em adoração á lua. Uma pilheria de Emilio de Menezes corria a urbe de ponta a ponta. Um novo soneto de Olavo Bilac recitava-se entre aclamações, até nas ruas e nos bondes. A amizade era religiosa."

Não deixava Tomaz Lopes a sua casaca extravagante. Templario do ideal, Anibal Teófilo multiplicava as suas excentricidades. Oscar Lopes, possuidor de uma régia coleção de coletes, era o Brummel da roda. Bastos Tigre usava bigodes a espanador e melenas a 1830, que fariam inveja aos louros cabelos de Alfred de Musset... Heitor Lima fazia o elogio dos *flamboyants* de Paquetá e já sonhava com a defesa do divorcio... Emilio contrabalançava as banhas com as abas formidaveis de seu chapéu de feltro e garantia que o professor Hemeterio escrevia a giz na palma da mão... Goulart de Andrade mudava de bengala tres vezes por dia e vivia prometendo sovas nos progenitores burguêses das suas numerosas namoradas. Fontes não sabia o que inventar para trazer o bando em constante efervescencia, provocando, não raro, serios escandalos e terriveis conflitos.

Estava escrito que a vida nos separaria por longo tempo. Martins Fontes doutorou-se em medicina, e, como não tivesse fortuna, foi ganhar o seu pão de cada dia trocando o Rio pelo longinquo territorio do Acre, e este, depois, pela sua cidade natal. Eu desistia de ser medico e me formava em direito, abraçando, desde os bancos academicos, a profissão de jornalista, da qual vivi durante varios anos, até ingressar, em 1918, na carreira consular.

Martins Fontes desaparecera dos meus olhos, mas continuava cada vez mais vivo na minha imaginação e no meu afeto. Não perdi a leitura de um só dos seus livros e continuei, nos meus exilios, a admirá-lo em silencio. Foi no arquipélago niponico, residindo em Kobe, que mandei encadernar um exemplar da primeira edição do *Verão*. Foi em Paso de los Libres que travei conhecimento com as *Cidades Eternas*.

E' curioso assinalar a paciencia com que esse altissimo poeta, não obstante o seu temperamento impulsivo e o seu espirito arrebatado, esperou quasi duas decadas para publicar o seu livro de estréia. Os seus primeiros exercicios poeticos deviam ter coincidido, na alvorada do seculo, com as primeiras experiencias de Santos Dumont, no seu "Demoiselle", para a conquista definitiva dos ares. E, todavia, só em 1917, numa preciosa edição, que guardo até hoje com o maximo cuidado, foi que surgiu nas livrarias o *Verão*.

Sucesso igual, nem mesmo Hermes Fontes havia obtido com as *Apoteóses*, como Cesar, para vencer, podendo tambem gritar: *alea jacta est*, foi que Martins Fontes atravessou o Rubicon da publicidade. Chegara, entre evocações e nostalgias, para dominar, pelo esplendor maravilhoso de sua inteligencia, "esse tedio implacavel de quem pensa", certo de que, contra a voragem do tempo e a incerteza do destino, "a Arte, sómente, intrepida perdura".

Rimando com o misticismo de um crente, exercendo o seu oficio com o mais acrisolado amor, foi êle, como sonhara, duplamente artista e cavalheiro, "mixto de sacerdote e paladino". Eternamente incontentado em face das suas primorosas creações, aprendeu a amar nos mestres do passado "o culto heroico das paixões serenas", colocando a Arte, *simbolo incomparavel da Beleza*, acima do Amor, que considerava a propria vida!

Não lhe bastava ser artista. Por isso, na sua profissão de fé, declarando-se partidario da rima inédita e imprevista, fez o elogio dos ourives, celebrou os perpetuos ensaios da natureza "para alcançar a imagem desejada", glorificou o lavor de Phidias e Cellini, e estabeleceu como principio absoluto em poesia — parnasiano entre os mais parnasianos — o exagero da minucia extrema!

> Realça os contornos, aprimora e lima!
> E a palavra, sem par, da tua estima,
> Engasta em ouro, como um lapidario,
> Wateau do verso, Becerril da rima.
>
> Quero que a estrofe, como um relicario,
> Tenha aquele primor extraordinario
> De Fray Juan de Segovia, rendilhando
> O relevo de prata de um sacrario.
>
> Sôbe pelos caminhos mais aclives,
> — E de tantas agruras não te prives,
> Para que, eternamente insatisfeito,
> Sejas artista, mas artista-ourives!

Transportando-se, nas asas da sua prodigiosa imaginação, das praias rendilhadas de Santos ao tumulo de Minerva ou aos misterios de Eleusis, Martins Fontes cantou, em sonetos irrepreensiveis, dignos dos mais perfeitos de Bilac, a plastica impecavel de Apolo, a perfeição olimpica de Anadyomene, as Mênades amorosas e os Egipans lascivos, que iam escutar na velha Thracia, á margem do Hebro, os hexametros magicos de Orpheu. Pintou Hephaistos, numa choupana de Lemnos, cinzelando os cintos transparentes de Ariana, trabalhando as pulseiras incomparaveis de

Venus e de Vesta. Glorificou Dionysios, "tirado por panteras e cavalos", suspendendo na mão direita, ao som de crotalos e de timpanos, de busios e de sistros, um falos colossal. Concebeu a figura de Pan reproduzindo a creação do Universo, interpretando numa frauta agreste a suprema harmonia das coisas, dominando as paixões humanas pela orquestração das esferas iluminadas:

Syrinx, um dia, numa fragil planta
Se muda. E Pan que, ansioso, a perseguia,
Faz desse calamo uma flauta esguia,
E, ao luar da Arcadia, entre loureiros, canta.

Na pastoral de magica harmonia,
Há tais misterios, a beleza é tanta,
Que o bosque inteiro, em côro, se levanta,
Interpretando a musica sombria.

Pan reproduz a creação dos mundos!
Na sua voz sorriem primaveras
E soluçam os ventos iracundos!

Nela se escuta o carrilhão das eras!
Ouvem-se os órgãos que, nos céus profundos,
Cantam a sinfonia das esferas!

Da Grecia imortal do Parthenon, com as suas vetustas colunas doricas, facil lhe foi voltar os olhos ás nossas coisas, e verificar que a vida, flôr de bruma ou de sonho, de alegria ou de tristeza, é apenas "nevoa, nuvem, sombra e espuma". Si a esperança nos anima para a luta, o perdão nos consola de todas as miserias.

Descrevendo os palacios encantados da *Mãe-dágua*, ou a majestade da floresta de agua negra, com todas as suas fantasmagorias e todos os seus horrores, os seus jatobás e as suas maçarandubas, as suas sobralias e as suas orquídeas, os seus varadouros e os seus igarapés, Martins Fontes dominou por completo o idioma que falamos, mostrando que o Brasil é, nos jardins da America forte e livre, a "flôr chamada — Coração de Sol!" Para gloria da raça, para louvá-la, exaltá-la e bendizê-la, foi que, misturando a evaporação dos jasmins ao queimar da pimenta, unindo o perfume do ananás á "acidez tropical da manga sumarenta", cantou, em tersos alexandrinos, "na lingua de ouro velho, a terra de ouro novo!"

Dotado de uma fertilidade pasmosa, possuidor de uma riqueza que Agripino Grieco classificou de excessiva e até de abusiva, contando, a todas as horas, com uma inspiração generosa e fecunda, que lhe brotava do cerebro com a violencia e a plenitude das cataduras invenciveis, Martins Fontes espalhou como um Creso os tesouros do seu fino gosto e as perolas da sua apurada cultura.

Viveu sempre nas volutas de um sonho alcandourado, entre as cigarras de Anacreonte e as pombas de Veneza, arquitetando odisséas e monumentos. No altar de Aphrodite, em Cythera, foi que rezou os seus versos. "Ao cheiro eclesiastico do incenso preferiu o cheiro da resina e o da salsugem". Poeta algum, em Portugal ou no Brasil, o excedeu na variedade dos vocabulos. De uma agilidade verbal impressionante, precioso pelo desejo de ser precioso, jogou tenis com as rimas, empregando, na realização dos seus poemas, arabescos e mozaicos incomparaveis. Romantico incorrigivel, praticando a arte fidalga da galanteria, deleitou-se com os idilios pastoris ao som de limpidas avenas. Nesse carnaval desconcertante que é a vida, fez questão de nos dar a idéia de um Pierrot de Wilette. Cultivou, á distancia, os basfodelos do Hebron e os narcisos de Galaad. Ergueu catedrais de marmore sobre areias movediças. Foi um fulgurante semeador de imagens e um infatigavel creador de ritmos. Observou no silencio dos bosques encantados, entre arrulhos de corregos e trinados de passaros, "como nascem as rosas e os amores". Inspirou-se, para mostrar que a musica reproduz a sensação aerea de um bem extra-terrestre, ou de um balsamo bendito, na *Marcha nupcial* de Mendelssohn, na *Dansa Macabra* de Saint Saens, nos *Reflexos na agua*, de Debussy. Adorou, nos seus instantes de recolhimento, Mozart e Schubert, Lizt e Reynaldo Hahn. Seus instrumentos prediletos teriam sido a harpa, o violino e a flauta.

Transformou Martins Fontes a disciplina de Sully Prudhomme no artigo primeiro do seu evangelho poetico. Para ler, na gaia ciencia, os versos de Li-ta-i-pê, vestiu-se de mandarim. Seus idolos em poesia foram Theocrito e Pindaro, Camões e Bernadim Ribeiro, Catulle Mendés e Armand Silvestre, Villaespesa e Vargas Villa, Banville e Jean Lahor, Verlaine e Richepin, Castro Alves e Raimundo, Alberto e Vicente, Bilac e Goulart de Andrade. Isso, é claro, sem falar na sua irreprimivel admiração por Victor Hugo, que comparou ao baobab, dando sombra e calor, carregado de ninhos, e ainda ao Himalaia, mergulhando no fervedouro astral as grimpas coroadas de neve.

Seria injusto, entretanto, si não afirmasse que a mulher e o amor foram os temas favoritos desse poeta inconfundivel. Passaram, em rutilo cortejo, pelas páginas dos seus livros, todos os vultos femininos da humanidade: as Francescas e as Julietas, as Beatrizes e as Ofelias. No *Verão*, é Salomé que desponta num incendio de pedrarias e gemas de Sirinagor, tinindo crotalias ressoantes, dansando á moda assiria em torcicolos

de serpente. Em outras obras, surgem Pembê-Harê, a rosa de Chiraz que inspirou Saadi, e Scheherazada, a princeza-flôr-da-Arabia que domou, com as suas histórias e as suas canções, o dragão Scharriar.

Disse Martins Fontes, com muita graça que nasceu para ser pastor na Ilha Porchat, como nasceria em Samos ou em Chio, uma vez que o seu destino fosse identico. Seu maior desejo seria "*morrer em pleno amor para gloria da vida*", bendizendo, nos mais tragicos suplicios, essa dádiva dos deuses. Por isso, talvez, foi que nunca se considerou satisfeito com as mulheres formosas que teve nos braços, desconfiando delas como Othello de Desdemona, vendo sempre nos seus beijos apenas a ilusão de um sonho lindo...

Mostrou Martins Fontes que, para os grandes poetas, não há temas que sejam antigos. Caçador de neologismos e de metáforas, abordou com segurança todos os generos poeticos, tornando-se o critico mais exigente dos seus proprios lavores. Têm sempre as suas canções a frescura bucolica das flôres silvestres. Há sempre nas suas surdinas e nas suas confidencias o perfume e o sabor dos vinhos capitosos.

Fantoche de carne ou títere de argila, si o aniquilava o peso de uma dôr, curvava a cabeça e continuava a escrever. Filosofo amavel e sorridente, observou que havia no capricho da felicidade, dando a quem não merece e o que se pede, qualquer coisa de um satanismo lirico...

— Ninguem faz versos quando os quer fazer, exclamou num dos seus sonetos. Êles é que se fazem em nós, desabrochando como as flôres, inconcientes talvez, mas já perfeitos e rimados.

O culto das comparações raras e extravagantes levou, por vezes, a sua estesia a descobertas surpreendentes. Foi assim que, examinando uma guipura d'Aleçon, verificou ter nas mãos "uma nevoa de seda colorida, pontilhada de perolas de orvalho". Foi assim que, provando o fruto virgem de um seio, achou que êle tinha o gosto "de um uruguaio pessego maduro".

Considero uma obra prima, sem a jaça de um unico defeito, o seu *Sonho de um dia de Primavera*.

Quando eu morrer, quero sómente
Ter uma campa toda em flôr...
De mim ressurja, redolente,
A floração do meu amor.

Porque meu ultimo desejo
E' que esse tumulo risonho,
Tendo o silencio para o beijo
Seja um recanto para o sonho.

Para que um dia uns namorados,
Vendo esse ninho encantador,
Nele, escondidos e abraçados,
Venham falar do seu amor.

Essa é a homenagem mais querida,
Essa é a ventura mais secreta
Que póde ter a alma florida
E apaixonada de um poeta.

Bendita seja a minha sorte
De enamorado sonhador,
Si acaso eu fôr, depois da morte,
A alegre sombra de um amor.

Das recompensas gloriosas,
Essa é a mais intima e sincera:
O amor não vive, como as rosas,
Um dia em cada primavera!

Acaba tudo neste mundo,
A vida é um sonho enganador,
Mas, no infinito de um segundo,
O amor é sempre o eterno amor.

Entre o aparecimento do *Verão* e a publicação de *As Cidades Eternas* verificou-se um intervalo de seis anos. Sei bem do cuidado que este livro mereceu do poeta, absorvendo completamente o seu espirito no mais beneditino dos trabalhos. Produto de longos estudos e de profundas leituras, era de esperar que êle se transformasse, como de fato se transformou, numa perfeita obra de arte.

Poderá haver quem não goste dessa poesia exotica, calcada em côres vivas e fortes. Ninguem, porém, de bôa fé, poderá negar a técnica e a virtuosidade do artista. Nesses versos de estranha magia, burilados por mão de mestre, Babilonia irradia ao sol do Senaar, revelando ao mundo o fulgor dos seus tresentos castelos. Delhi, abençoada por Civa, plantada, com os seus templos de pórfiro e marfim, ás margens santas do Djemma, é "a cidade imortal que em Lahore

sorri". Athenas, ajoelhada aos pés da Cypria Mnezarete, deifica a mulher, "cuja carne reflete, na volupia da forma, a perfeição divina". Roma, num incendio de purpura e de ouro, saúda em Cezar-Imperator, orador e pontifice, marechal e comodoro, o triunfador da Germania e do Egito. Alexandria, entre obeliscos e minaretes, sonha, ao clarão das estrelas, com a mirra, o heliocriso, o laudano e a alfazema que lhe trazem os dromedarios do Derr e os mascates de Cartum. Veneza, noiva eterna do mar, princêsa lirica e languida, fada bizarra e graciosa, escuta a mandolinata que se perde na curva de um canal. Florença, pairando acima de todos os silencios, vela, de asas abertas, "a alma de Dante, como a noite, imensa". Granada, ardorosa, festiva, com as suas torres e os seus zimborios, relembrando califas e sultões, é o jardim do amor e da galanteria de que falava Al-Gazali. Byzancio, vestida de azul turqueza, maravilhosa como o mais belo dos sonhos, aponta aos visitantes, nas aguas-doces-d'Asia, o solar de Bajazet. Lisbôa assinala, com a nave dos Jeronimos e a Torre-de-Belém, na epopéia dos Luziadas ou nos versos de Eugenio de Castro, o ciclo dos grandes descobrimentos. Bruges, cinzenta e gotica, com uma nuvem de bruma envolvendo os solares flamengos, é a Terra Santa da melancolia. Paris no seu luxo de esmeraldas e rubis, volutuosa como Belkiss, avulta como a patria dos Poetas!

Depois de um novo silencio de tres anos, surgiu em 1926, desfazendo-se em luz, o seu *Vulcão*. Temos aí o proprio poeta em erupção, crepitando e reluzindo num fervedouro de flamas de fitas:

Todo livro de versos, na fineza,
Deve lembrar um calix de licor,
Em cristal lapidado de Veneza
E' que se bebe o vinho azul do amor.

Sómente as rosas, com delicadeza,
A's sutis quintessencias dão valor:
Adoremos a graça da beleza
No simbolismo lirico da flôr.

Em surdina, sonhando, de mãos dadas,
E' que as estrofes devem ser provadas,
Pelos que aspiram ao divino dom.

Confundamos a musica e o desejo,
Para, em logar de rima, ouvir o beijo
Ao fim do verso, perfumando o som.

Datou dessa época a maravilhosa eclosão de Martins Fontes. Adorando as coisas transparentes, sugerindo ilusões para melhor sonhar, teve êle a paixão de todas as belezas, "requintadas, bizarras, feminis". Bastava o contacto de uma epiderme cheirosa para que se dissipasse a sua tristeza. Dava-lhe o céu a impressão exata de condensar no coração todo o infinito.

De 1928 a 1933 foram dados á publicidade *Volupia e Rosicler*, *O céu verde* e *A Fada Bombon*, *Escarlate e Schaharazade*, *A flauta encantada e Sombra*, *Silencio e Sonho*. Em 1934 apareceram *Paulistania* e *Nos rosais das estrelas*. Tivemos, em 1936, *Guanabara*, *I Fioretti*, *Nós as abelhas*, *Sol das almas*, e, por fim, em 1937, as *Canções do meu vergel*.

Em abril de 1924, removido da Argentina para a Rumania, estive em Santos algumas horas como passageiro do *Taormina* e o meu primeiro cuidado foi procurar, na Diretoria de Higiene, o poeta querido que tantos anos passára sem ver. Fontes não me reconhecera á primeira

a [illegible], varias vezes estivemos juntos em [illegible] e no Rio. De uma feita, fui ao grande porto do Estado de S. Paulo especialmente para matar as saudades que tinha de sua palavra magica, do seu abraço carinhoso e fraternal. Fontes foi esperar-me na praça dos Andradas e levou-me para almoçar no Hospital do Isolamento, do qual era diretor, e onde, á mingua de doentes, recebia os passaros do Azul, os cachorros abandonados, os pobres, os infelizes e amigos diletos.

Quantas vezes alí se hospedaram — naquele asilo bucolico e *sui generis* — para que pudessem curar os nervos fatigados, Coelho Neto, Goulart de Andrade, João Luso e tantos outros principes do seu coração privilegiado. Nada lhes faltava no sanatorio abençoado. O poeta e o medico se uniam para serví-los. Eram em versos rimados, em baladas ou sonetos, os cardapios e as receitas.

No Rio, foi sempre em casa de Goulart de Andrade, á rua Copacabana, que se realizaram as nossas reuniões. Porque religiosamente, era nesse lar abençoado, sob a proteção de Santa Fernandina (assim chamava êle a espôsa do nosso grande amigo), que Martins Fontes almoçava.

Era ali que nos davamos *rendez-vous* para ouví-lo, aplaudí-lo e cultuá-lo: João Luso, Bastos Tigre, Luiz Edmundo, Antonio Paulino, José Geraldo Vieira, Pedro Calmon, Oscar Lopes, Calixto Cordeiro, eu, e outros mais.

A' noite, todos os seus amigos o disputavam, todos queriam guardá-lo e recebê-lo ao mesmo tempo. Varias vezes encontrei o bonissimo João Luso enclumadissimo por causa de uma certa senhora que "teimava em monopolisar o homem" e não permitja, assim, que pudessem êles conversar a sós. Tenho perfeitamente gravadas na minha lembrança e nos meus olhos as noites que passamos na casa acolhedora de Bastos Tigre, no Flamengo. Todos nós diziamos versos. A verdade, porém, é que Fontes nos eclipsava por completo, monopolisando todas as atenções. Eram para êle — o Grão Senhor da Poesia — todos os sorrisos, todos os louvores e todas as palmas.

Acabava o excelso poeta de publicar *Guanabara* e *Sol das Almas* e já nos anunciava as *Canções do meu vergel*. E' claro que não lhe davamos uma folga. Quanto mais coisas nos contava, mais nós exigiamos os tesouros do seu cerebro. Não dissera êle que vivia a cumprir o seu fadario

Como as abelhas — fabricando a cera,
Como as abelhas — produzindo o mel?

Martins Fontes foi nessa noite um verdadeiro iluminado. Ampliara-se mais do que nunca na sua inteligencia, "a mentira piedosa da alegria". Seu coração resumia todo o amor de que somos humanamente capazes. Fremia nas suas palavras todo o nosso Brasil.

Que esplendoroso, que dinamico espirito! Que alegria a sua, sentindo-se então ao lado dos seus amigos cariocas! Deante dêle como deante de um rei, todos nós nos curvavamos. Não houve desejo nosso que êle não satisfizesse! Recitou todos os poemas que lhe pedimos. Leu quase todas as *Canções do meu vergel*. E acabou declamando os versos barbaros de *Guanabara*, o que lhe valeu de nossa parte, uma estrondosa ovação. Para que o deixassemos sair da casa do Tigre — lá pelas duas da madrugada — foi preciso que o poeta jurasse que não diria mais nada...

Martins Fontes tinha a febre irreprimivel de admirar e de louvar. Castro Alves e Olavo Bilac foram, talvez, entre os poetas brasileiros, os seus idolos supremos. Inflamava-se, apaixonava-se quando falava de um deles, ou de ambos no mesmo tempo. Estavamos em casa de Goulart de Andrade, poucos dias antes da eleição de Pedro Calmon á Academia Brasileira de Letras, quando a conversa girou em torno do poeta das *Espumas Flutuantes*. Falava-se então na fundação da Casa que teria o nome de Castro Alves. Martins Fontes trazia no bolso, justamente, datilografada em tinta encarnada, a carta em verso que acabava de escrever a José Maria, sobre o cantor do *Navio Negreiro*. Leu-a para o encanto de todos nós. Parecia-lhe mesquinha a homenagem que pretendiam prestar ao maior genio da nossa Patria. Na selva liberrima, só dentro dela, ouvindo-lhe as arvores e as cascatas, é que o podia compreender. Deviamos erguer-lhe, por isso, não uma casa, mas um templo! E recitou este soneto:

Nosso! estupendamente brasileiro!
Nosso! maravilhosamente nosso!
E, ao evocá-lo, estrujo e me alvoroço,
Explodindo nas furias do pampeiro!

Sua figura gigantesca esbôço,
Arrebatando em surto condoreiro!
Unico, eterno, maximo, primeiro!
Clangorejo, a exaltá-lo quanto posso!

Tenha seu nome um pincaro no Rio
de Janeiro, e demonstre a gloria estranha
Da Terra-Verde, no esplendor bravio!

Por bioquimica força que se entranha,
Por geotropico e tipico alvedrio,
Chamemos nós — Castro Alves — á Montanha!

Uma tarde nos reunimos para ouví-lo no Centro Paulista, á Praça Tiradentes. Foi uma sessão memoravel. Leu-nos Martins Fontes, nesse dia, uma boa parte do *Sol das Almas*, ainda inedito. Caía a noite, quando ganhamos a rua. Espalhados os assistentes, eramos quatro apenas: êle, uma linda e jovem patricia, o Secretario do Centro e eu. Saimos juntos, de automovel. Ao passarmos pelo Passeio Publico, em caminho do Hotel Regina, onde se hospedara, o poeta fez questão de descer, pois ordenava o seu coração que se ajoelhasse, um minuto que fosse, deante da herma de Bilac. Todos nós o acompanhamos sem que ousassemos arriscar uma palavra. Um guarda passava a certa distancia, observando o movimento habitual. Fontes aproximou-se dêle, e, respeitosamente pediu licença para pisar no gramado e ver de mais perto o seu *deus*. O guarda sorriu e respondeu que sim. E foi de joelhos, de fato, num gesto simbolico de estranha beleza, que o poeta, alheio ao tumulto da cidade, beijou a mão da moça que nos seguia e que era, nos seus olhos, a encarnação da universal e eterna Poesia...

Martins Fontes queria morrer moço, sem que suportasse jamais o horror da doença humilhante, arrebentar ao sol, em pleno meio dia, á feição de uma rosa escarlate. Teve pois, a morte que desejara, me escreve Alberto Goethe de As-

sunção, amigo, contando o que foi em Santos, a apoteóse de seu enterro: "Dizia-me êle, há mêses, que se sentia no ponto exato em que devia morrer, ou antes, na sua propria expressão, desaparecer deste mundo. E acrescentava, procurando mostrar que estava em ponto de bala: "os poetas, no meu entender, quando não escrevem mais obras primas, começam a produzir *primarias*, e assim perdem o que deveriam ganhar".

Que Martins Fontes teve o pressentimento do que lhe ia acontecer, e daí, naturalmente, a prodigiosa produtividade dos seus ultimos tres anos. Certo de que "a Arte é um beijo de amor mais util do que o pão", consagrou-lhe todas as suas energias, e não obstante trabalhasse como um mouro de sol a sol, levando aos seus doentes, de hospital em hospital, a flama da sua ciencia e o consolo de sua imensa ternura. Conheci bem o culto que tinha por tudo quanto o cercava, notadamente pela sua mesa de trabalho, movel querido e familiar, confidente de todos os seus sonhos e de todas as suas tristezas, ao qual consagrou este belo soneto:

A mesa de trabalho! Velha mesa
Em que estudei, rimei anos a fio,
A ressangrar, lutando ao desafio,
Em prol do amor, em busca da Beleza!

Amo-a! Nela há uma lampada francêsa,
De porcelana e cobre luzidio,
Equivalente ao magico amavio
Da inebriante fantasia acêsa.

Sobre este longo tabulão de imbuia,
Na paz sacerdotal, rompo a aleluia,
Dentro da noite mística a rezar.

E oficiante extremoso, em minha igreja,
Penso, por mais humilde que ela seja,
Que tambem — mesa — quer dizer — altar!

Duas coisas no grande poeta paulista sempre me fizeram sorrir: o seu piedoso ateismo e o seu lírico anarquismo. Duvidei sempre do primeiro e não acreditei nunca no segundo. Martins Fontes foi para mim o genio da nossa poesia — um genio sem arestas, sem vicios e sem defeitos, um genio todo bondade e todo doçura. Se padecimentos teve, passou a existencia a bendizê-los, não guardando jamais o minimo rancor. Viveu para o Amor e para o Perdão, semeando versos e colhendo rosas. Foi, em face da natureza, uma eterna criança deslumbrada.

Dizendo que não acreditava em Deus, não se cansou de idealizar o céu, não perdeu nunca a ilusão da esperança. E resava a seu modo; e falava com os anjos, astralisando a sua alma, superhumanisando o seu coração, cobrindo de beijos a multidão dos sofredores:

A alma é só pela voz que nos domina,
Efluvio azul, emanação divina,
Que é como o beijo musica e perfume!

Nos seus recolhimentos profundos, "recostado á janela sobre o vale", o poeta entrava em levitação, e resava, não raro, acompanhando no palco iluminado da noite, a dansa dos pirilampos. E, mesmo sem crenças, murmurava a Ave-Maria, "por atavismo, hereditariamente", como se sua mãe orasse dentro dele.

Trabalhando sem descanso, infatigavelmente, passando os dias a correr, envolvido por um turbilhão de pensamentos e de idéias, Martins Fontes resumiu a sua riqueza, a exemplo de São Francisco de Assis, na pomba que um dia lhe pousaria na mão:

Quando uma pomba me pousar na mão,
Realizarei o meu supremo sonho:
Neste desejo franciscano ponho,
Desde menino, a minha aspiração.

Só de o pensar, encanta-me a impressão
Dessa dadiva, e, timido e risonho,
Fecho os olhos, e iludo-me e suponho
Sentir tocar-me a santificação.

Dar de comer a um passarinho, tê-lo,
Cheio de afeto e tremulo de gozo,
Entre os dedos, em pura adoração!

Isto busquei a vida inteira! E, premio
Do meu viver de trovador boemio,
Hoje uma pomba me pousou na mão.

Martins Fontes previra o seu fim. Sentira que lhe chegara o outono e, com êle, a apoteóse do seu apostolado pela causa dos desgraçados. Não sei de ninguem que sentisse tanta alegria em dar uma esmola. Mão alguma lhe foi estendida que não fosse servida sem hesitação. Era pedir e receber, fosse onde fosse. Deu, pelo menos, a metade do que ganhou. E deu sem fazer conta do que dava, pelo prazer angelico de dar. Se tinha os bolsos cheios, só sossegava quando os sentia vasios. E quando os via vasios, chorava de dôr, não por êle, mas pelos outros, pelos que poderiam implorar debalde o seu auxilio.

Transcrevendo nestas linhas o soneto *Cantico do Outono*, que se encontra logo no começo das *Canções do meu Vergel*, julgo dar uma prova indiscutivel da sua maravilhosa e surpreendente ascensão:

Ouro! Maturação! Lucidez! Despedida!
Hora espetacular, apoteóse do drama
Com que a terra nos mostra, em purpura incendida,
O pranto que resplende e jamais se derrama!

Ao crepusculo anual, a experiencia contida
Lembra o pomo, em sazão, a pender de alta rama,
O estoicismo de quem se desprende da vida,
Mas antes de findar, em sorrisos se inflama.

Cerce, a foice da lua, ou da morte, naquelas
Fulvas seâras do céu, daqui a poucos minutos
Vai ceifar, cégamente, as promessas mais belas.

E, num ultimo adeus, vemos, de olhos enxutos,
A descrença, ao cair das folhas amarelas,
A renuncia a doirar a doçura dos frutos.

Os ultimos seis mêses que lhe sobraram da vida marcaram a sua adesão ao positivismo. Deliberara o poeta estudar a fundo a sedutora doutrina de Augusto Comte, o que lhe valeu deixar dois livros consagrados ao grande fundador da chamada religião da humanidade. O segundo, que recebeu o titulo de *Calendario Positivista*, ficou inacabado. Compõe-se, porém, não obstante esse fato lamentavel, de noventa e seis sonetos em louvor dos cavalheiros do Ideal, dos paladinos do Sonho, dos obreiros da Bondade — todos aqueles, enfim, que através dos seculos, mais contribuiram para fazer melhor o mundo e os homens mais felizes.

Vejamos, ao acaso, duas dessas composições, a primeira celebrando Cadmo, o rei lendario de Thebas que descobriu o alfabeto, e a segunda glorificando o brahmane Pilpai:

CADMO

Tornaste a Grecia a maxima doutora!
A' sombra dos jardins, sob o teu teto,
Rei, inventando a gloria do alfabeto,
A arte criaste, civilizadora!

E a cultivavas, embalsamadora,
Com o mais perfeito e carinhoso afeto,
Como si fosse um lirio alvo e secreto,
Qual si uma rosa por acaso fôra!

Plasmaste as vozes, difundindo-as pelas
Pórtas de Thebas; padeceste fome,
Mas conseguiste em simbolos contê-las!

E a Humanidade, honrando o teu renome,
Em letras de ouro, feitas por estrelas,
Maravilhada, constelou teu nome!

PILPAI

O bom Pilpai, o brahmane lendario,
Conselheiro do Principe Tadjis,
Em sanscrito, escrevendo um fabulario,
Velhas verdades, sempre novas, diz.

Falam os animais. E é extraordinario
O que o elefante, imparcial juiz,
Descreve, demonstrando ao dromedario
Que só longe dos homens se é feliz.

O bom Pilpai foi quem primeiro a idéia
Teve de amar esses irmãos. E a voz
Ergueu, julgando-os em prosopopeia.

Provou que nenhum dêles é feroz;
E até mesmo, com fome, em alcatéa,
Nunca se entredevoram, como nós.

Foi em pleno meio dia, como uma rosa escarlate, estoicamente, que se desprendeu da vida, inflamando-se em sorrisos antes da hora fatal, o grande cantor de *Paulistana* e *Guanabara*. Pertenceu êle a uma geração que adorou os poetas parnasianos e da qual foi, sem duvida alguma, o maior de todos. Liturgicamente unidos, "almas irmãos do Principe Lisuarte", os artistas do seu tempo viveram para a fé e para a amizade que os ligou. Cortando-lhe a vida, Cerce ceifou cégamente um dos genios mais expressivos e mais autenticos da poesia brasileira de todos os tempos.

Releio sempre com os olhos cheios de lagrimas, a ultima carta que dêle recebi, poucos mêses antes de sua morte: "Osorio meu, teu primo Antonio Pereira Dutra foi meu amigo intimo. Era um anjo. Tudo farei por seu filho, pódes ficar certo. Procurei-o hoje, na Sorocabana. Amanhã, ás 9 horas, na Diretoria do Serviço Sanitario, conversaremos. Vai bem. Tranquiliza-te. Continúo a trabalhar fantasticamente. Tenho escrito muito. O livro consagrado ao nosso João Luso, *Canções do meu Vergel* — deverá sair sabado. Entrarão, ainda este mês, para o prelo, o poema *Indaiá*, *A Canção de Ariel* e a *Tataoca*. Estou infinitamente grato, comovidissimamente escravizado ao Saul de Navarro. Seu maravilhoso artigo tem-me feito chorar. Que espirito! Que coração! Nada aceitarei nunca, não sou o que êle diz, mas nunca senti comoção igual!!"

O homem que foi Martins Fontes está todo nessas linhas simples e espontaneas, despidas de qualquer sombra de vaidade. O humanismo que foi, talvez, o seu traço predominante era igual á sua modestia. A humildade de que se orgulhava era equivalente á nobreza dos seus pensamentos e á fidalguia das suas atitudes.

Em seu ultimo adeus, foi bendizendo o Sol que partiu para sempre! "Candentissimamente brasileiro", beijando em chamas a Luz, foi que ofertou á terra o seu coração agradecido. "Livre das impurezas do jazigo", como tanto ambicionou, não será Lazaro, nem Job, mas um eterno clarão!

Como os condores rolam do Azul, assim rolou êle da vida terrena para a gloria da Imortalidade!

O autor destrói os personagens

(Estudo sobre MACHADO DE ASSIS)

MARIO MATOS

Joaquim Maria Machado de Assis teve origem humilde, veiu das camadas infimas da sociedade. Eram os pais pobres, lutaram sempre na pobreza, só conheceram a vida, as dificuldades e os sofrimentos da pobreza. Morreram na pobreza. O nome dêles unicamente sobrevive, devido á gloria do filho, que é, sob numerosos aspectos, o maior escritor do Brasil.

Nasceu em mil oitocentos e trinta e nove, no dia vinte e um de junho, na cidade do Rio de Janeiro, em bairro que os biógrafos não assentaram bem qual seja. Parece que foi no morro do Livramento, que surge, aliás, em sua obra, justamente como recordação de meninice. Nasceu em casa de agregados, dependencia de chácara antiga daquele môrro. Pertencia esta ao cônego Felipe. Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis, seus pais, moravam ali. O pai era pintor e dourador. A mãe trabalhava em casa do senhorio, como lavadeira. Francisco de Assis diz o professor Hemetério dos Santos que era homem inteligente, dotado de algum sentimento artistico, um tanto propenso a leituras fáceis. Mas não via com bons olhos a inclinação literaria do filho, supondo que lhe impediria acêsso na vida. Estava com a razão prática. Não poderia nunca conjecturar que Machado de Assis houvera de ser o que foi. Admoestava, pois, com o bom senso, porque, de certa maneira e em toda parte, quanto mais no Brasil, o artista não tem função econômica no meio social. Espécie de pária, a literatura não é carreira, literatura não é trabalho conversivel em dinheiro. Até hoje, corrido tanto tempo, subsiste ainda aquele temor dos pais, saturados de experiência humana.

Quanto a Maria Leopoldina Machado de Assis, mãe do escritor, não deixou, na memória dos homens, impressão exáta a respeito de sua índole. Havia de ter sido bôa criatura, metida exclusivamente com seus afazeres e cuidados diários de familia, que não era numerosa. Além de Machado, teve mais uma filha, que cêdo faleceu. Foi escrito que o fino prosador de *Braz Cubas* descendia de alcoolatras e sifiliticos. Não sei a dóse de verdade que possa haver na afirmativa. Aí fica, como documento psicológico para a análise do caráter do artista. Um ponto a ser apurado e meditado.

O que é certo é que Machado de Assis gosou a infancia livre dos meninos pobres em bairro humilde. As impressões colhidas nesse ambiente impregnaram-lhe a obra literária. A sensibilidade infantil e mórbida, por efeito de usura orgânica e da enfermidade, que lhe dramatizou a existência sempre sobressaltada, foi instrumento hábil a captar e fixar as emoções pitorescas, apanhadas no môrro do Livramento, na Conceição, na Saúde, Gambôa e S. Cristovão, partes do Rio em que viveu ou ficou conhecendo de modo poético e particular. Não é verdade

sinão em parte, que era refratário á sugestão e encanto da Natureza, que não aparece, como paisagem, em sua obra de prosaista. Quantitativamente, póde ser um fáto. Qualitativamente, não. Essa notação da critica suponho que tomou vulto, devido á época, devido um pouco ao prejuizo do romantismo e, depois, do naturalismo. Naquele tempo, escrever significava descrever. Machado possuia bom-gosto muito dútil para transformar a prosa em pintura. A descrição é sempre sóbria e psicológica em sua pena. Para êle, paisagem foi sempre estado emotivo. Por isso, só se vê nos livros do escritor a paisagem que viveu e sentiu. Particularmente a paisagem familiar á sua infancia.

Naqueles bairros, recantos apartados da gente modesta do Rio, das classes pobres, que vivem do ganha-pão diário, transcorreu-lhe o tempo traquinas de menino, a vadiar e a arruar com os companheiros da mesma idade e de hábitos iguais. Mais tarde, quando se reporta a êles, faz logo ressaltar, viva, lépida, a nota especifica, a pincelada nítida, que vinca os caractéres particulares do ambiente. E' que estavam guardados na subconciencia. O mesmo acontece relativamente á gente que os habitava, ás ruas, aos costumes, ao mar, á fisionomia inteira dos logares. E há, até, leve tom de nostalgia nessas referências, que são rápidas só pela extensão, mas intensas, ricas de substância emocional. Nenhuma descrição espaçosa daqueles trechos poderia transmitir impressão mais forte e evocativa do que essas notações indeleveis, que brincam, por vezes, na pena brincalhôna de Machado. Assim. pode-se inferir que a infancia lhe discorreu sem peias, na plena liberdade, que unicamente os filhos de gente chã usufruem nas cidades grandes. Seu primeiro contacto com a experiencia da vida foram os bairros pitorescos, foram os tristes morros, foram ruas e pontos em que se encarapita o pôvo, em seu viver tão expressivo e humano. Foi esta, para sua sensibilidade retrátil, a primeira e fecunda lição da vida. Não teria, então, conciência dela, porque a felicidade infantil — unica felicidade neste mundo — só possue olhos para sentir o momento risonho, que passa. Alegria animica de ave ou borboléta!

Mas teria sido Machado como as outras crianças, com quem andava ao léu? Não, não foi. Mofino, enfermiço e raquitico, além da condição mesquinha em que vivia, Machado já então começou, de vez em quando, a sentir *umas coisas esquisitas*. Sobre este ponto, informa a escritôra Lúcia Miguel-Pereira, no livro concienciôso, que escreveu a respeito dêle: — "foi um menino franzino, doentio, pois êle se lembrava de ter tido, na infancia, *umas coisas esquisitas*, certamente os primeiros ataques do mal que o atormentou durante toda a vida". Era a epilepsia. Acrescia ainda que era mulatinho, gago, feio. E timido, encolhido tambem, por essas razões psíquicas.

A notavel ensaista, a que acabo de referir-me fornece significativas informações sobre o que pudéra ter sido aquela quadra da existência de Machado. São conjecturas plausiveis, deduções verosimeis, não havendo— isto é que é a verdade — muitos fatos averiguados. A infancia de Machado é parte desconhecida de sua existência. Nunca se pronunciou claramente em relação á origem, sinão pela válvula da arte, de maneira indiréta. Pudor? Póde ser. Póde ser tambem orgulho, pêjo de confessar a pobreza de onde proveiu. Vaidade de mulato. Fatuidade talvez, como si aqui todos não fossemos, como somos, mais ou menos descendentes de pretos, com maior ou menor dinamização. Muito tempo depois, já em pleno fastígio social, êle compunha fisionomia e atitude o seu tanto postiças, no bovarismo de parecer aristocráta. Cada um de nós paga tributo ao ridiculo humano! Até os humoristas...

Como si não bastassem a afligí-lo as circunstancias ingratas em que ia crescendo, perdeu Machado de Assis a mãe, quando era bastante criança. Não é dado a ninguem calcular o alcance desse desamparo. Fato corriqueiro da vida, encerra, nas consequências secrétas, misteriosa significação. Ficou, porém, como os demais daquele tempo, obscuro na psicologia ulterior do homem. A influência de Maria Leopoldina no temperamento e educação do filho é interrogativa. Encobre-se nas dobras do mistério. Ela veiu como sombra e passou como sombra pelo mundo. Na alma do filho, colheram-se unicamente as emoções impressas em vaga poesia, de que Alfredo Pujol dá alguns trechos numa das conferencias que proferiu, falando de Machado, na Sociedade de Cultura Artística, em S. Paulo. Coisa ligeira e suave. Um pouco de melancolia poética:

Si devo ter no peito uma lembrança,

é dela, que os meus sonhos de criança
dourou: é minha mãe.

Si dentro do meu peito macilento,
o fógo da saudade me arde lento,
é dela: minha mãe.

Em todo o longo tempo em que viveu, nunca mais falou dela, nunca mais mostrou saudades dela. Refiro-me ao que se lê em sua obra literaria. Nesta, nenhum sinal se vê a lembrá-la ou a evocá-la. Nem mesmo através das cartas numerosas, que dirigiu a amigos. Aliás — diga-se em abôno dele — em sua vida não entram mulheres, á exceção de Carolina, que lhe encheu e informou a existência de homem feito. Neste sentido, tudo o mais que houve parece ter sido passágeiro. Amores de moço poeta, terminados nos proprios poemas, que inspiraram.

Algum tempo após á viuvez, Francisco de Assis casou-se com a mulata Maria Inês, que foi, genio amoravel e pela dedicação, bôa madrasta para o enteado. A segunda espôsa do pintor parece que possuia algumas letras, poucas letras, em todo caso suficientes, então, para poder guiar ou assistir ao menino em seus estudos ou inclinação. Defendia a este contra a birra do pai. "Ensinava-lhe todas as noites, e ás escondidas, o pouco que sabia, quando o marido ia discretear com o vigário de S. Cristovão, onde moravam, ou ia com os companheiros jogar as cartas em familia e á puridade, conforme o costume daqueles tempos". (1) Foi nessa época que começou tambem a estudar o francês com o forneiro de Madame Gallot, com padaria sita á rua de S. Luiz Gonzaga. O resultado foi surpreendente, graças á inteligencia e aplicação de Machado. Teria sido acaso Maria Inês quem obtivéra do forneiro lhe ministrasse ao enteado as lições de francês. "Eu conheci essa bôa mulata velha — escreve Hemetério dos Santos, referindo-se á madrasta do escritor — comendo de estranhos, com amôr e conforto maximo, chorando, porém, pelo abandono nojôso em que a lançára o enteado de outróra, nunca mais a procurando desde a mudança de S. Cristovão, logarêjo de operarios, para o opulento nicho de glória nas Laranjeiras. Quatorze anos de paz a retiveram na casa de Eduardo Marcelino da Paixão, onde morreu, abençoada de todos, pela grandeza do seu coração e por ter sido o anjo tutelar de Machado de Assis".

Cabe aqui um parêntesis. A meu vêr, tem-se dado deshumana importancia ao fato de haver Machado abandonado Maria Inês. Não se póde defendê-lo dessa má ação. Mas supôr que o caso haja influido decisivamente na arte do prosaista, como quer Lúcia Miguel-Pereira, e julgá-lo com a acrimónia do professor Hemetério é um tanto excessivo. Muitas considerações plausiveis lhe atenuam a atitude. A explicação dada pela escritóra pressupõe remorso ou arrependimento, recalcado na alma de Machado. E' uma hipótese. Não quis qualificar o procedimento do homem, sinão por êle mesmo. Fez bem.

Quanto ao professor Hemetério, vê-se-lhe o exagêro no proprio teor da crítica. O preto teria acaso ciúme ou inveja do mulato, da glória literaria e do prestigio social do mulato. Isto é que é. Não houve abandono *nojôso*, nem tampouco, *opulento* nicho de glória nas Laranjeiras. Machado teria esquecido simplesmente a madrasta. A residencia em Laranjeiras era nicho modesto e singelo, porque viveu sempre modestamente, singelamente. Existência quase de pobre, para seu valor e para sua meticulósa capacidade de trabalho.

Tê-la-ia, porém, abandonado por orgulho, por desprêzo, por vaidade? Como se poderá saber ao certo? A consideração do caso leva-nos a pesar muita coisa sutil.

Vendo o filho sempre a ler, só a ler afincadamente, alheio ao mundo, alheio aos interesses, alheio aos amigos, a mãe de Flaubert observou um dia:

— Meu filho! os livros te estão empedernindo o coração! E' certo. Arte é sacerdócio, exclui toda e qualquer outra preocupação no mundo. Machado foi exemplo disso. Viveu continuamente metido consigo mesmo, com a leitura, com o trabalho, com a sua idéia fixa. Fazia abstração de tudo o mais. Cultivou pouco a amizade. Usurária é a sua vida sentimental. E depois, o trabalho e a luta pela vida o absorveram sempre. E a doença. E a timidez. E a justa ambição de subir pelo proprio esforço, desajudado da sorte e dos homens. Sua falha — uma das poucas encontradas ao longo de toda a vida — sempre tão reta e tão direita, deve, pois, ser julgada do ponto de vista sentimental, mas não como falha de caráter. Póde-se mais uma vez repetir: — para o artista verdadeiro, como foi êle, arte é tudo, tudo o mais é nada. Teria, porém, pelo menos um momento, segundo

"CAMINHO DO PORTO", quadro de G. Azeredo Coutinho

relata suponho que Coelho Neto, volvido a atenção para a madastra esquecida. Encontrando-se, certa ocasião, com aquele homem de letras, convidou-o a acompanhá-lo. Neto foi. Machado entrou em casa pobre, num bairro pobre, em que havia uma pessôa morta. Ali esteve algum tempo, silencióso, meditativo. Sairam, depois. Em caminho, a uma pergunta ou deante da atitude indagadora do companheiro, informou, triste: — "é minha mãe!". Só poderia ser Maria Inês.

E' fóra de dúvida, tambem, que, após a morte do pai, residiu em sua companhia largo tempo. E ninguem sabe quais foram os motivos que determinaram a separação. Além disso, julgam-se os homens como homens. Nas veias de Machado não corria o sangue de Maria Inês. Bôa ou má, e parece que bôa, era madastra. E madastra é sempre madastra. Convem dizer, afinal, que gratidão não é regra humana, por mais que, todo o dia, a sabedoria oratória assegure o contrário. Ninguem terá bastante autoridade para atirar-lhe a primeira pedra.

Aprendido o pouco que se ensinava na escola publica de então, pouco e mal ensinado, como, guardadas as relatividades, até hoje se nota, aprendido o francês com o forneiro de Madame Callot, Machado, daí por deante, será auto-didata, como acontece, mais ou menos, com toda gente. Acabou o melhor professor de si mesmo.

Lutando com a penúria, tinha que prover á subsistencia. Foi, primeiro, moleque vendedor de balas, naquela quadra, a que nos referimos, em que aprendia o francês. Querem alguns que tenha sido, tambem, sacristão na igreja da Lampadosa. Êle proprio escreveu, em uma cronica:—*fui criado entre sinos.* Ficou, porém, apurado que não é exato, (2) sem embargo da perceptivel tendência religiosa, demonstrada em alguns escritos iniciais, e dos traços denunciativos, em muitos de seus livros, de algum conhecimento verídico quanto a coisas e ritos da igreja.

Nesse tempo, ainda residia com a madrasta em São Cristovão. Não havia obtido emprego fixo, vindo á cidade diariamente, com certeza movido pela preocupação contínua de aprender. Percorria, então, as livrarias ou sêbos, sendo provavel haver começado os estudos por aí e, depois, em seguida, no Gabinete Português de Leitura, que passára a frequentar.

O centro literario de sua adolescência era a loja de livros de Francisco de Paula Brito. *A loja era na antiga praça da Constituição (Rocio) lado do teatro S. Pedro, a meio caminho das ruas do Cano e dos Ciganos,* explica o proprio Machado. Paula Brito fundou alguns jornais, dentre êles a *Marmóta,* em cujas colunas apareciam versos escritos pelos poetas da época. Machado orçaria pelos seus dezesseis anos de idade e era rapazêlho bisonho. Parece que foi por esse tempo, e pela mão de Paula Brito, que começou a publicar os primeiros versos românticos. Valeu-lhe muito a amizade, proteção ou simpatia de Paula Brito. Na livraria deste mulato, reuniam-se não só os homens de letras, como certa roda de politicos. Convivendo com êles, apesar de muito jovem, Machado foi grangeando amizades, fezendo-se notar. Uniu-se tambem, pouco depois, ao grupo de Caetano Filgueiras, de que fazia parte Casimiro de Abreu.

Ao prefaciar o primeiro livro de versos de Machado de Assis, Caetano dá algumas notas sobre o feitio do estreante. "Era vivo, era travêsso, era trabalhador, escreve êle, "Aprazia-me lêr-lhe no olhar móvel e ardente a febre da imaginação, na constancia das produções a avidês de saber e combinando no meu espirito estas observações com a naturalidade, o colorido e a luz de conhecimentos literarios que êle derramava em todos os ensaios poeticos, que nos lia, dediquei-me a estudá-lo de perto e convenci-me, em pouco tempo, de que largos destinos lhe prometia a musa da poesia". (3)

Em tal apresentação ao publico, o prefaciador já frizava algumas virtudes precípuas do homem, sustentadas em todo o curso da vida. Essas qualidades são a capacidade de trabalho, a constancia de esforço, a sêde de conhecimentos e a naturalidade de expressão.

Os primeiros versos escritos por aquele tempo não revelam ainda o poeta que veiu a ser mais tarde, si bem que a poesia nunca chegou a ser a expressão natural do temperamento de Machado, que é o de um analista e psicólogo.

Os conhecimentos literarios, que já revelava, como acentúa Filgueiras, sem embargo de ser êle o mais moço daqueles grupos de artistas, demonstram o gosto e hábito da leitura em Machado. Era ledôr impenitente. O episodio, que se segue, contado por vários de seus biógrafos, documenta a mania do escritor. Machado empregára-se, como apren-

diz de tipógrafo, na Imprensa Oficial. Era máu funcionario, produzia pouco e mal, pois vivia, nas horas de trabalho, a lêr pelos cantos. A tal ponto chegou o descuido do jovem, que o chefe de oficinas se sentiu no dever de ir queixar-se ao diretor, que era Manoel Antonio de Almeida, autor do romance de costumes cariocas — "*Memórias de um sargento de milicias*". Compareceu Machado á presença deste, com os bolsos recheiados de livros. Esse incidente teve larga repercussão na existencia do futuro autor de *Braz Cubas:* — travou, então, conhecimento com Manoel de Almeida, que, inquirindo-o, se inteirou de suas propensões artisticas, simpatizou-se com êle e passou, daí em deante, a protegê-lo.

Machado, então, vivia embebido com a leitura de Garret, que, num momento de arroubo, qualificou de divino. Foi Manéco de Almeida, como era tratado pelos amigos, quem o aproximou de Francisco Otaviano e Quintino Bocaiuva, dois grandes companheiros de Machado, que exerceram, sobre ele, perdoavel influência.

Pela mão do segundo, em 1860, entrou para a redação do "Diario do Rio de Janeiro", em companhia de Henrique Cesar Muzzio. Explica-se o fáto na página sobre o *Velho Senado*. De revisor de provas da livraria de Paula Brito passou, assim, a redator do jornal de Quintino. Machado tinha por este estima e admiração. "Bocaiuva era, então, escreve êle, uma gentil figura de rapaz, delgado, tez macia, fino bigode e olhos serenos. Já então tinha os gestos lentos de hoje, e um pouco daquele ar *distant* que Taine achou em Merimée. Disseram cousa análoga de Challemel-Lacour, que alguem ultimamente definia como *trés republicain de conviction et trés aristocrata de temperament*. O nosso Bocaiuva era *só* a segunda parte, mas já então liberal bastante para dar um republicano convicto".

Liga-los-ia, talvez, além de outras razões, a identidade de vida: Quintino, por haver perdido cêdo os pais, teve de abrir por si mesmo, como Machado, caminho na vida, vencendo, com a pertinácia do esforço e do proprio valor, todas as dificuldades. Como era mais velho e já, de certo modo, triunfador, exercia influencia sobre o espirito de Machado. A nota da fascinação sobre este eram os modos aristocratas de Quintino. O prosador de *Quincas Borba* sempre teve propensão para essas coisas.

Machado de Assis começou, no *Diario do Rio*, pelas funções modestas. Assim conta Alfredo Pujol. "Todo noticiario, ficou a seu cargo e ainda o arranjo da algarávia dos anuncios levados ao balcão". Da minúcia que já então punha Machado no gosto de redigir bem, dá testemunho nestes termos: — "meia duzia de linhas de uma local, noticiando uma simples briga de pretos do ganho, era um primor de graça e de finura!".

Já existia nêle, desde jovem, desde esse tempo, o apurado vernaculista, que se revê em toda a sua obra paciente e sutil.

---

(1) Hemetério dos Santos — Almanaque Garnier, pag. 370 — 1910.

(2) Lúcia Miguel-Pereira — Machado de Assis — ob. cit. pags. 42/43.

(3) Alfredo Pujol — Machado de Assis — pag. 16.

Nossa literatura infantil em 1937

A literatura infantil é, sem duvida, uma conquista do seculo XX. Foi tão sómente ao raiar da vigessima centuria que surgiu a santa preocupação de se dedicarem alguns escritores á infancia, fornecendo aos pequeninos cérebros das crianças coisas realmente bonitas e de facil assimilação.

O homem, no seu egoismo imenso, a principio apenas se preocupou com êle mesmo, com seu proprio sexo. A mulher, essa, era sómente uma companheira, uma serviçal, uma escrava. Foi necessario um lento evolver para a mulher mudar de aspecto no conceito de seu companheiro. Começou a figurar nos romances, a entrar para a literatura. E, recentemente, a forte congestão psicológica provocada pela grande guerra, da qual redundaram o enfraquecimento do sexo forte e a depressão de quase todas as suas faculdades morais e fisicas, completou a transformação: a mulher, grimpando, assumiu o papel que de há muito vinha desejando, sem ter, contudo, oportunidade de desempenhá-lo. Assim, portanto, com a queda do homem, iniciou-se a elevação da mulher.

Quanto á criança, pouco mais que um animalzinho de estimação, jamais passou de mero objéto de afagos, caricias, cuidados inúmeros para que não adoêcesse e se debilitasse e para que, quando homem, viesse a ser, tambem, um dominador. Sempre se pensou — e como errôneamente se pensou! — que as faculdades mentais da criança não deviam ser trabalhadas desde cedo e que a inteligencia tinha tempo para se lapidar. Rudimentos de ciencias, a par de leitura e das contas, eis tudo quanto se lhe concedia. Em compensação, muito exercicio fisico, dando-se aos músculos atribuições quase exclusivas. Os processos pedagógicos modernos são tambem uma consequencia da transformação social verificada no mundo. Assim como a mulher, depois a criança fez valer seus direitos. A metamorfose violenta do meio moral foi o estilete que despertou a atenção adormecida do homem para o espirito infantil. Com efeito, o adulto de hoje, gastando-se mais celeremente devido á intensidade da vida hodierna, onde a luta ardua e permanente pela existencia encurta-lhe os anos e cansa-o depressa, começou a perceber o perigo que corre sua obra formidanda de civilização, si lhe faltam ou venham a faltar continuadores. Por outro lado, os meninos de agora, tambem devido a uma evolução natural, acordam mais cedo para as cogitações do espirito (um recemnascido antigamente levava sete dias para abrir os olhos á luz, hoje nasce com êles escancarados num desafio aos raios luminosos do sol, e este fenômeno já vale por um grande esclarecimento) e desde a mais tenra idade tudo querem saber e discutir. Há mais malicia e vivacidade nos meninos contemporaneos.

Nada mais razoavel e logico, pois, que os homens procurassem satisfazer essa sêde de curiosidade com criterio e propriedade, de vez que com preparar a infancia salvaguardariam sua propria obra. Paises adeantados e cultos tomaram a iniciativa. A pedagogia tornou-se ciencia. Reformas radicais. Começou a época dos "tests", dos exames e provas intelectuais, calculando-se e medindo-se e dosando-se em verdadeiros milagres de técnica pedagógica o grau de capacidade perceptiva da criança. Estabeleceram-se escalas de rigor absoluto, onde a meninada figura progressivamente por or-

dem de aproveitamento, com medias estabelecidas com precisão matemática, secundadas pelo numero menor dos precoces e ratardados.

Como consequencia deu-se a alteração total dos velhos metodos de ensino, rotineiros e monotonos, e, completivamente, nasceu a moderna literatura infantil.

Essa literatura tem carateristicos proprios. Dizer quais são, seria repetir coisas por demais sabidas. Simplicidade de estilo, imagens de facil compreensão, idéias assimilaveis sem esforço, são as principais qualidades do livro infantil. Como complemento, naturalmente, a gravura. Como complemento, diriamos mal. Como parte obrigatoria. Gravura de traço simples, sem contudo sacrificar-se a arte, porque a estética entra na educação do menino e talvez muito mais do que ainda se pensa entre nós.

Os paises do Velho Mundo e os Estados Unidos já fizeram vastas conquistas neste terreno. Verdadeiros primores de livros são oferecidos ás crianças na França, Inglaterra, Italia, Alemanha, America do Norte, etc.

Ora, tambem o Brasil, felizmente, começou a preocupar-se com este problema. Em São Paulo, uma casa editora, a que muito deve o país, há meia duzia de anos iniciou sua fase de intensa produção de literatura destinada

aos pequeninos cerebros em formação. A Companhia Editora Nacional, publicando os livros de Monteiro Lobato, prestou esse inestimavel serviço ao Brasil. E como ás atitudes bôas nunca faltam seguidores, logo outras empresas editoras puseram-se igualmente a produzir obras infantis, procurando dar-lhes todas as qualidades indispensaveis, recomendadas pela moderna pedagogia.

O que fez a Editora Nacional, a maior fá-

brica de livros do país, é do conhecimento de todos aqueles que acompanham mais ou menos de perto o assunto. Sóbem já a mais de duas dezenas, os livros publicados em sua série infantil. Ocupar-nos-emos, entretanto, apenas dos tres ultimos livros dados a lume em 1937 pela Editora Nacional, na verdade tres primorosos trabalhos de Monteiro Lobato, talvez mesmo seus melhores trabalhos no genero.

"O Poço do Visconde" é mais uma valvula de escape á grande e nobre obsessão do autor. Numa dosagem esplendida de bom humor e "savoir-faire", êle ministra á petizada todo um curso sobre o petroleo, o magno problema da humanidade e, inegavelmente, o ponto de partida da prosperidade e bem-estar do povo brasileiro. Não contente com pisar e repisar a vital questão junto aos adultos, o valente escritor, num dia de bela inspiração, resolveu dirigir-se á gentinha miúda. Tambem a meninada deve saber que no Brasil há petroleo e desde pequeninos todos os brasileiros precisam perder essa mania de aparentar indiferença por fato tão importante... Quem sabe si a garotada não conseguirá com a sua inocencia o que o autor não conseguiu em muitos e muitos anos de pregação aos surdos!

Esse livro lindamente apresentado, tem mais um fator a aumentar-lhe o merito: belas

ilustrações de Belmonte, a cujo respeito nada mais se tem a dizer.

Em "Serões de Dona Benta," Monteiro Lobato ensina fisica, quimica, botanica e muitas outras coisas uteis, num estilo ameno e

de maneira eficiente. Outra iniciativa a merecer os mais rasgados elogios. Quem conhece os nossos pavorosos livros de lições de coisas, em estilo rançoso e enfeiado por meia duzia de figuras medonhas, decalcadas de livro para livro, não póde deixar de se sentir satisfeito ao ter entre as mãos esse precioso volume de Monteiro Lobato.

Finalmente "Historias de tia Nastacia" é um punhado do que de mais lindo possue a humanidade em materia de historias maravilhosas. Adotando, porém, um sistema curioso, o autor põe os meninos da sua turminha (Pedrinho, Narizinho), e a boneca e o visconde na posição de criticos e, com frequencia, vamos vê-los a rir-se da ingenuidade da negra Nastacia que conta seus "casos" cheia da mais santa convicção. Vemos assim que a meninada já não aceita o misterio e o milagre, mas quer mui simplesmente chegar á raiz do queijo. E' de salientar que, nesta obra, Monteiro Lobato não se esqueceu do nosso "folclore" e muitas são as lendas que pitorescamente tia Nastacia narra, do tempo dos nossos indios. Ilustrou "Historia da tia Nastacia" o artista argentino Rafael de Lamo, a ultima aquisição da Companhia Editora Nacional.

A Livraria do Globo, outrosim, vem empregando os melhores dos seus esforços no sentido de proporcionar ao publico infantil livros realmente bons. Este ano, por exemplo, foi cheio de novidades. Além de uma interessante História de Carlos Magno e dos Seus Doze Pares, a conceituada editora de Porto Alegre deu a lume dois magnificos livros.

"História de João Tajá", de Dante Costa, nome dos mais festejados entre os escritores moços do Brasil, recomenda-se por todos os motivos: trata-se de trabalho escrito em português escorreito, numa linguagem viva e palpitante. Ilustra o texto primoroso, um artista de bom quilate e de quem este ANUARIO já se ocupou, o ano passado, ao estudar a ilustração no livro nacional: João Fahrion.

O segundo dos dois volumes citados é de autoria de Erico Verissimo e chama-se "Aventuras de Tibicuera." Dizer-se que foi obra premiada no concurso de literatura infantil promovido pelo Ministerio da Educação e Saúde Publica em 1937, ainda não é dizer-se tudo. Muito mais do que isso, fala con-

vincentemente do valor desse livrinho a formidavel aceitação e a opinião favoravel unanime de critica. Já conheciamos o bom trabalho de Viriato Correia — a "História do Brasil para as Crianças" e pensavamos que

com êle tudo se tivesse feito sobre a materia. Pois bem, Tibicuera, que nasceu indio antes ainda do descobrimento destas paragens, atravessou todo o tempo de nossa his-

Um dos muitos e expressivos desenhos do livro "Os Grandes Bemfeitores da Humanidade"

tória, contou-nos suas formidaveis aventuras, por ter participado de todas as grandiosas aventuras de nossa patria, e terminou num aprazivel apartamento da praia de Copacabana, vendo com seus olhos deslumbrados o progresso de nossos dias, e pensando no muito ainda que havemos de ser. As figuras são de Ernst Zeuner, alemão de origem, mas preso ao Brasil há muitos anos e um dos bons auxiliares do Globo de Porto Alegre.

Os Irmãos Pongetti, tambem, deram este ano um belo e util livro infantil: "Os Grandes Bemfeitores da Humanidade". Seu autor é Francisco Acquarone. Sabiamo-lo artista, um dos pintores mais apreciados dos dias que correm. Mas que a este predicado juntasse o de escritor, constituiu surpresa. Entretanto é verdade. Acquarone produziu obra das mais elogiaveis. De forma pitoresca contou a vida e enumerou os inventos dos grandes descobridores e inventores. E' longa a lista dos que figuram em seu belo volume. As gravuras são igualmente de Acquarone.

O Movimento Artistico Brasileiro, dirigido por Nicolas Alagemovitz, iniciando seu programa editorial, fez publicar um livro de Costa Neves: "Infancias Prodigiosas." Quase poderiamos dizer que esse trabalho é a obra complementar do volume de Francisco Aquarone. De fato, si nos "Grandes Bemfeitores" são estudados vultos que se notabilizaram pelos seus inventos de utilidade, em "Infancias Prodigiosas," Costa Neves narra a vida de crianças precoces que espantaram pelo seu saber, suas virtudes, suas raras qualidades que os puseram como meninos de exceção, modelos a serem imitados e seguidos. E uma galeria formosa que se estende de Jesús Cristo, "sem duvida a mais extraordinaria das crianças", até Pedro Americo e Santos Dumont. Ilustrações de Alceu Pena, o que equivale a dizer, trabalho feito por um dos mais competentes artistas nossos.

Finalmente, ainda de Costa Neves, quase ao terminar o ano, apareceu outro livro. "Kermesse" fez sucesso de livraria, foi bastante elogiado por grandes e pequenos, os desenhos que o ornam são de apurado bom gosto e de-

Sugestivo desenho de Alceu para o livro "Infancias Prodigiosas"

vem-se ao lapis de Geraldo Castro, e cremos que, com estas indicações, tudo dissemos sobre o ultimo livro infantil publicado em 1937.

Antes de encerrarmos, porém, este estudo

da obra literaria para a infancia, em 1937, cabe-nos fazer uma elogiosa referencia á notavel iniciativa da Companhia Nestlé, oferecendo aos petizes de nossa terra um belissimo alfabêto escripto por Marques Rebelo e ilustrado por Santa Rosa. Desde a monstruosa tiragem (400.000 exemplares!) até á excelente qualidade do papel empregado e ao escrupuloso desempenho daqueles dois artistas por demais conhecidos no nosso meio intelectual, não sabemos o que mais realçar nesse vultoso empreendimento. Obedecendo aos mais modernos e rigorosos ditâmes pedagógicos, Marques Rebelo soube compôr frases curtas e sugestivas, construidas de palavras de facil soletração e nas quais a letra principal da pagina aparece com mais frequencia e geralmente representada por imagem que facilmente lembre a sua conformação grafica. Assim, por exemplo, na letra "O" nada mais logico do que evocá-la por meio da imagem de uma bola. Marques Rebelo, que é um espirito que não dorme, após produzir belos livros para os marmanjos, fez agora este mimo de abecedario. E si muito o apreciámos na sua primitiva forma, agora o admiramos porque nada mais nobre existe do que trabalhar-se pela desalfabetização do nosso povo. Os louros, todavia, que lhe cabem devem ser repartidos com o desenhista Santa Rosa e com a Companhia Nestlé. Esta empresa estrangeira, com seus inumeros produtos de bôa qualidade, contribue de há longos anos para a alimentação da meninada brasileira. Não contente, eis que agora deliberou dar-lhe tambem um pouco dessa outra especie de alimentação. Em bôa hora lhe veiu essa simpática lembrança.

Santa Rosa produziu admiravelmente nas ilustrações do "A B C de João e Maria"

Continuação de Quixote e de Sancho

Texto de
ALEXANDRE DA COSTA
Gravuras de
OTAVIO SGARBI

De como Alonso Quijano volveu para a Mancha as suas vistas, nada mais se sabe senão que assim fez ciente a seu fiel escudeiro das intenções que alimentava:

— Melhor refletindo vejo que a causa primordial de nossos insucessos vem do fato de não estarem os demais possuidos, com identico ardor, do ideal que nos inflama.

— Se todos pensassem como vós, meu amo, não mais razão haveria para andardes pelo mundo corrigindo erros ou punindo culpados.

— Peço-te que não mais me chames Amo, mas sim Mestre, pois me farei valer, doravante, por uma doutrina.

— Que vem a ser isso?

— E' uma especie de catecismo; se nêle eu escrever que Dulcinéa é a Dama dentre todas as que existem no mundo, a mais formosa, todos terão de concordar, pois estará na doutrina a determinação de sua beleza.

— De alto engenho, meu Amo, sois dotado.

— Advirto-te de que sou, doravante, o Mestre, e exijo que me trates por tu.

— De acordo, Mestre; e, como farás para que todos pensem á feição de tua doutrina?

— Fa-los-ei a todos, como eu Cavaleiros. Vestirão identica armadura, igual rossim hão de montar, terão lança, escudo e distingui-los-ei conforme o sitio em que estejam radicados na Mancha, por estandartes, onde inscreveremos o elmo de Mambrino, á guiza de simbolo distintivo.

— Mestre, se me permites que além da intimidade de trato, eu diga o que penso, aqui francamente deixo exposto o meu parecer com uma despretenciosa pergunta: é uma religião que vais fundar ou um exercito cuja organização tens em vista? E indago porque, a mim, o que me impele é o desejo de governança, e a tal arte, nem aquela serve, nem este se presta.

— Por meu estratagema, Sancho, tiraremos de cada coisa o melhor que ela possue. Dando-lhes o aspecto de guerreiros, os de minha Cavalaria não poderão divergir de ordens que porventura eu lhes expeça, pois, como sabes, sobre a disciplina assenta a vida mesma de tais instituições; como religião terão de acreditar sob pena de se tornarem passiveis de excomunhão.

— Idéia, realmente, soberba, Mestre. Queres dizer que, assim, mais facil se tornará lograrmos realizar o meu desejo de chegar á prometida governança?

— Sim, mas começa tu por fazer-te, igualmente, Cavaleiro, com lança e armadura e, ao invés da mula, ginetéia um rossim.

— Oh, por tal, Mestre, não estabeleceremos discordia; o mais depressa que for possivel me verás, tão garboso quanto tu te apresentas. Mas, desde já te asseguro, que bem fraco tenho o animo para que, pelo simples pórte de lança, deixe eu de ser o pacato Sancho; e, por ter á cabeça o elmo, ou conduzi-lo bordado no estandarte, creia ser êle capaz de mudar o meu modo especial de encarar as coisas.

— Não te dê, tal, cuidado, Sancho. O essencial é que te vistas consoante o figurino que te apresentei e me obedeças cégamente. Graças a esta idéia que tive, não mais precisaremos, no mundo, buscar ilhas incertas para que exerças o teu gosto de dirigir os demais. A Mancha é-nos campo propicio e sobejo. Alcaldes e conselheiros perdem-se em falatorios, enquanto jazem ao abandono as mais vulgares precisões das gentes.

— Parece-me que estou compreendendo melhor os teus intuitos; se o que pretendes é governar, e sendo governo resultante de politica, melhor fôra, Mestre, sem mais tardança, tu e eu nos fazermos conselheiros, depois alcaldes e porfim, quém sabe, Governadores civis. Seria um caminho mais curto, Mestre.

— Confesso-te Sancho que, sendo eu dotado de tamanho engenho e capaz de doirar paredes de moinho transformando-as em couraça de gigantes, perco, entretanto, a cabeça quando um réles conselheiro arma intriguilha soez.

— Meu Mestre, então, tem reduzido jeito para governanças.

— Como ousas avançar tal asserto?!

— Pois não confessaste a tua incapacidade para opôr à intriguilha a manha inteligente?

— Mas então, governo, pobre Sancho, é função comadresca!?

— Não tanto ao mar, nem tanto à terra.

— Genial pensamento o teu, Mestre, porém temo que haja recalcitrantes e tenhamos de lutar, e, ou êles dão cabo de nós, ou nós dêles e que, nesta contingencia ultima, e mesmo na primeira, vitoriosos, venha o Governador Civil da Mancha pedir-nos contas, por lhe havermos usurpado os direitos, transformando os manchêgos todos em gente de armas.

Mestre. Há de o que governa ter largueza de vistas altas, mas há de ser, tambem, arguto como um sacristão, que tanto sabe das almas como elas são, como quer o cura que elas sejam, conforme o que nos santos livros se escreve.

— Rastejas como um verme e proibo-te que continues a articular tolices. Assim t'o ordeno e mais, que aplaudas meu plano.

— Onde tu viste punir-se alguem por inocentemente andar como bem lhe apraz, ou pensar de forma que lhe parecer mais acertado?

— Se me asseguras tranquilo ambiente para desenvolver a trama que urdiste, hoje mesmo sairemos a convencer as gentes de que este fáto de metal é a mais bela vestimenta.

— Porém, Sancho, não é tal o que devemos

fazer, e sim convencer a todos de que a prática do bem e da decencia é o que fórma, na realidade, Cavaleiros.

— Ora, Mestre, muito ingenuo és tu pensando que por esse modo os levaremos a nos acompanharem. Nem quererão entender tais razões e preciso será que os faça adeptos pela idéia de vestirem tão belo traje.

— Bem, Sancho; em tuas mãos entrego a tarefa, que é indigna da Cavalaria, de andar com patranhas de tal jaez, de ouvido a ouvido de vulgares individuos.

De como Sancho conseguiu que os almocreves proclamassem ser Dulcinéa a dama mais formosa do mundo

— Por certo lembrai-vos de um fidalgo que por aqui andou e que sem dó moestes a pau, principiou Sancho em meio aos almocreves.

— Sim, um doido que nos aborreceu e que tivemos de conter á força.

— Alto lá! Doida há sido julgada gente que, depois, mostrou mais sensatez que nem dez de vós, juntos, revelarieis. Pois ficai sabendo que a dama que êle pedia para reconhecerdes como a mais formosa não era tal como a poderieis supôr, e sim uma forma de denominar o espirito da terra.

— Ai que tu tambem és doido varrido! E ainda por cima, hereje!

— Já não me chamareis doido quando vos disser que se acoita lá, nas matas, uma tremenda quadrilha de ladrões assaltantes de almocreves e aos quais dão morte como a ratos, se não entregarem á malta tudo quanto possuem, vida, mulheres e filhos!

— Verdade?

— Como não? O fidalgo descobriu-os porque em sua casa bateram; e êle, sózinho, teve de invocar o espirito da terra, ao qual convencionou chamar Dulcinéa. O espirito da terra não é tramoia de heresia mas muito bôa crença.

— Jamais ouvimos o senhor cura falar em tal.

— E' porque sois incapazes de deduzir. E' como quem chama para ajudá-lo no perigo ao pai que era valente, a um avô brigão, ambos mortos.

— Sim, sim, esses todos nós os tivemos, bem trabuzanas e da sua valente herança nos ufanamos;

— Pois foi o que fez o meu Mestre, quando os ladrões bateram em seu solar; e, assim, pô-los, em fuga. Correram, mas ouviu-lhes o fidalgo a jura de que não descansariam, enquanto não houvessem roubado e morto o ultimo almocreve.

— Então, senhor, que devemos fazer para salvar-nos?

— Simplesmente jurardes que acreditais ser Dulcinéa, isto é, o espirito da terra, ultra-formosa, vestirdes couraça e pordes á cabeça um elmo e intitulardes-vos Cavaleiros.

— Se por esse modo libertos ficarmos da desgraça dos ladrões desalmados, proclamaremos logo ser ela de beleza sem par e da maneira por que nos detalhastes havemos de vestir-nos.

Alonso elucida o que é o elmismo e o que fará quando tomar conta da Mancha

— Previno-te, Mestre, de que estes almocreves por mais aparato que apresentem com suas armaduras, por ageis que sejam os seus cavalos e por mais gentilmente que manejem as lanças, não passam de almocreves, que querem ver desaparecido o perigo dos ladrões e que desejam viver em paz com Deus e com o governo.

— Que história é essa de ladrões, Sancho? Não mistures quadrilhas de ratoneiros com meus altos sonhos de pureza. Por que motivo não lhes falastes dizendo que deviam ser Cavaleiros simplesmente pelo gosto espiritual da Cavalaria?

— Achas tu, Mestre, que tenho largo o lombo para receber as sobras das pancadas que te deram? Bem lhes importam as libertações de coisas que não entendem. Disse-lhes que os ladrões os ameaçavam, misturei como me disseste religião e armas e o importante é que aí os vês, já fórmados, muito catitas, com os elmos ao sol.

— Nem calculas, Sancho, a pena que me dás. São homens precavidos e inimigos de grandes e belas aventuras os que trouxeste para o elmismo.

— Não sei se são assim como tu queres que sejam; cada um é como Deus o fez.

— Não emitas opinião que não t'a peço. Dize então a esses Cavaleiros, de minha parte, que o elmismo não quer mais que o alcaides sejam escolhidos por seus amigos rotulados de povo, nem quer que os *ayuntamientos* existam fingindo que fazem á Mancha, bem, quando é a êles proprios que beneficiam.

— Queres ver-nos a todos nós, Mestre, perseguidos por alguazís e postos no carcere?

— Cumpre a minha ordem; os Cavaleiros devem ser, tambem, mártires do seu ideal.

Sancho cumpre a ordem, mas prudentemente procura o Governador Civil

— Digo a Vossa Mercê que os ladrões tal jeito possuem que vêm para o meio das honestas gentes e fingindo acato a Vossa Mercê, enganam alcaides e fazem-se até conselheiros. Ah, não fôra meu Mestre, com todos os seus Cavaleiros até os alcaides teriam sido esquartejados e, tal-

vez, Vossa Mercê mesmo quando menos esperasse estaria morto!

— Bastante me surpreende o que conta este homenzinho, comentou para o governador das armas, o governador civil. Nada me comunicaram os alcaides e soube pelo cura que os conselheiros dos *ayuntamientos* até zombavam dessa idéia de se chamar ladrões hereticos a pobres vadios.

— Por aí vê Vossa Mercê que meu Mestre tem razão quando, por suas idéias entende que alcaides e *ayuntamientos* não servem a bom governo.

— Curioso, muito curioso, disse, com um sorriso, o Governador Civil. Mas teu Mestre quem é e o que quer?

— Ah, Senhor, é um bom fidalgo que quer que tudo ande direito e que se indigna quando vê que os alcaides mandam limpar os regatos pelos que não são de sua simpatia e poupam os amigos em tal cargo: a estes, dispensam de tributos, enquanto carregam naqueles taxas descabidas. Por idéia dêle, não devem ser alcaides nem conselheiros escolhidos pelo modo por que são.

— Então, teu Mestre é contra eleições?

— Sim.

— Pois que venha conversar comigo. Tenho por norma ouvir a todos e colher, de cada opinião, um pouco, para governar a contento geral. Quanto aos ladrões, se assim são, de fato, perigosos, vou eu mesmo desmascará-los e prendê-los.

Os malfeitores são presos, os "ayuntamientos" extintos e o povo espera que Alonso celébre a vitoria

— Mestre, dou-te as boas novas; o Governador Civil foi em pessôa á floresta, deu cabo dos ladrões hereticos e, convicto da forma ruim por que funcionavam alcaldias e *ayuntamientos*, pôs em tudo um fim, tal qual nós queriamos. Creio que deves mandar sair pelas aldeias um arauto elmista celebrando a vitoria. Lá fóra, todos arranjaram pequeninos elmos e proclamam-te triunfador.

— Cala-te! Não vês em que imensa tristeza se envolve o meu coração? Pelo jeito há de o Governador Civil acabar com as alcadias, logo agora que eu queria ser alcalde, graças á vontade de todos os Cavaleiros.

— Mas Mestre, tu não achavas o logar de alcalde imprestavel e que as usanças de serem ouvidos, em cada cidade, os conselheiros, estavam contra o elmismo!?

— Mas êle fez o que eu queria fazer!

— Pois então?, mais uma razão para que te alegres e para ordenares que os elmistas celebrem a vitoria.

— Mas êle não é elmista!

— E onde estão os elmistas que tu queres, Mestre? Já não te disse que desdenhavam das razões que tu expunhas e só se convenceram com as minhas palavras sobre o perigo dos malfeitores hereticos que lhes tirariam os teres e haveres?

— Estulto aio, que o has de ser sempre, indigno dessa armadura que deshonras! Êles ficaram é fascinados pela beleza de Dulcinéa.

— Ah, meu amo — como o volto agora a tratar — nós não nos entendemos, nem nunca nos entenderemos. Dareis bem — volto á forma respeitosa por que vos tratava — para articulardes bonitas palavras e inventardes histórias de elmos que ninguem entende; mas, juro por minha mãe, que tanto entendeis de politica, como eu de fazer o que faz aos domingos o senhor cura. Sabeis enfeitar a vida, podieis ser sacerdote ou soldado, mas por Deus que não conheceis da politica que é a arte das artes, o segredo de a conduzir a jeito. Fique cada um com a sua habilidade e nela se faça eximio e o mundo será a maravilha das maravilhas.

A noite das portas fechadas

— Bem vos disse, meu Amo, que andavamos mal. Fui ao Governador Civil e êle, muito amavel, perguntou: "Então, teu Mestre era contra as alcadías e contra os *ayuntamientos* e queria assim mesmo, êle proprio, fazer-se alcalde e levar nos *ayuntamientos* os seus Cavaleiros?" Fiquei frio e disse: "Vossa Mercê não julgue mal o meu Mestre, que tal conduta teve para que os malfeitores não desconfiassem de que o que êle queria era justamente revigorar o poder de Vossa Mercê." E o Governador, então, bondoso, lembrou: "Pois teu Mestre que venha conversar comigo, visto que há de estar alegre como todas as gentes manchêgas pelo novo meio agora de vivermos em paz".

— Não irei, não!

— Acho que deveis ir, meu Amo. Além disso, mandou o Governador Civil que fechassem as portas todos os que queriam *ayuntamientos* e transformavam, num reino pequeno, cada alcadia.

— Nós não precisamos fechar, porque nunca fomos alcaldistas nem ayuntamientistas. E estes, foram fechados?

— Não.

— Como, não?! A ordem não foi geral?

— Foi. Mas os alcaldistas e os ayuntamientistas eram tão desgraçados que nem portas tinham para ser fechadas. Isso é que nos deve consolar, meu Amo.

— Não, isso é que nos deve amargurar: se nós tivessemos sabido disso antes!... Ah, os moinhos de vento!... Porém, meu Sancho, escreverei, ago-

Gabinete Cearense de Leitura

O "Gabinete Cearense de Leitura", fundado em 2 de dezembro de 1875, em Fortaleza, foi uma utilissima instituição que prestou relevante serviços ás letras, na gloriosa terra de José de Alencar.

São dignos de carinhosa recordação os nomes dos seus fundadores: — Dr. Antonio Domingues da Silva, João da Rocha Moreira, Fausto Domingues da Silva, Vicente Alves Linhares Filho, Joaquim Alvaro Garcia, Francisco Perdigão de Oliveira, Antonio Domingues dos Santos Silva, — aos quais se juntaram depois: — Dr. Guilherme Studart (Barão de Stuart), Julio Cesar da Fonseca Filho, Virgilio Augusto de Moraes, José Pompeu de Albuquerque Cavalcante e outros.

Por muitos anos foi esse "Gabinete" um prestigioso centro de cultura, de formação literaria e cientifica da mocidade e de emulação a todos aqueles que, ávidos de saber, procuravam dessendentar o espirito nas fontes puras dos bons livros, cuja leitura era facilitada ao publico com a maior solicitude, sem nenhuma remuneração.

Sua biblioteca foi sempre mantida pelo esforço particular dos seus associados.

Vem a pêlo consignar aqui as palavras entusiasticas, escritas em oficio de 16 de fevereiro de 1879, que lhe foram dirigidas, pelo então presidente daquela Previdencia, dr. José Julio de Albuquerque Barros:

"O *Gabinête Cearense de Leitura*, pela sua patriotica dedicação ao ensino popular e á difusão das luzes, é uma das instituições mais recomendaveis desta Capital, e um titulo de benemerencia para os seus fundadores. A instrução é a primeira necessidade de um povo que tem deante de si um grande porvir; a todos quantos lhe consagram os seus serviços devem ser saudados como apostolos da civilização.

Para nobilitar esse estabelecimento bastavam-lhe a biblioteca fundada por iniciativa individual, tenaz e perseverante; as escolas que abriu; e as conferencias literarias e cientificas que instituiu. Mas, o patriotismo da digna diretoria do "Gabinete" foi além, e conquistou-lhe jús á gratidão de toda esta Provincia.

Aos primeiros gemidos do povo cearense, flagelado pela mais cruel das calamidades, foi o "Gabinete" um dos primeiros a responder com a voz de socorro.

As subscrições que promoveu, habilitaram-no a enxugar muito pranto, a remir muitas vidas e a consolar muitas aflições. Está na conciencia publica que o mesmo sentimento humanitario prendeu sua coleta e distribuição.

Auxiliando-o no empenho de desenvolver a cultura intelectual, limitei-me a cumprir o meu dever de administrador e a fazer justiça ao merecimento da ilustre diretoria.

Apelando para a sua filantropia afim de que continuasse a auxiliar o governo na ardua mas honrosa tarefa de socorrer as vitimas da seca, constitui-me em divida pela benevolencia com que acedeu ao meu pedido, e pela escrupulosa exatidão com que tem distribuido socorros a três mil familias domicilitarias nesta Capital, sem excitar a minima queixa."

Vê-se, pois, que o "Gabinete Cearense de Leitura" muito fez, pelo Ceará, intelectual e materialmente, numa pugna abnegada de bôa vontade e altruismo que não deve ser esquecida.

Ainda hoje, é êle um exemplo edificante que vive na tradição da vida cearense como um dos maiores fatores do seu desenvolvimento educacional e literario, num periodo aureo em que, — com R. A. da Rocha Lima, Tomaz Pompeu, Capistrano de Abreu, Araripe Junior, João Lopes, Xilderico de Faria, Clovis Bevilaqua, Paula Neri, Antonio Martins Guilherme Studart e outros, — floresceu uma das suas gerações de mais vigoroso brilho mental.

---

ra, sob esta impressão catastrófica o livro maior da minha vida!

— Era disso mesmo do que eu andava desconfiado há muito tempo: querieis era assunto para um livro. O mesmo que os outros, o das jornadas e o das marchas, iguais aos nossos desfiles. Ah, o meu Amo não me pega para outra! Adeus, Governo da Ilha; adeus, Governo da Mancha! Ide escrever o vosso livro, meu Amo, pois esse sempre foi o vosso oficio e deixai os governos áqueles que, com dextreza, neles oficiam, sem cuidado em floridas escrituras, que deixam aos escribas como vós.

Ha 18 annos, com um cachorrinho na capa...

Nesta página, em resposta a um inquerito do ANUARIO, ficam gravadas passagens interessantes de VIDA DOMESTICA — obra de publicismo ilustrado que, iniciada em condições modestas alcançou notavel projeção, que lhe eleva a tiragem a mais de cincoenta mil exemplares mensalmente.

Jesus Gonçalves Fidalgo, fundador e diretor-proprietario de VIDA DOMESTICA

Impossivel fornecer formulas da vitória de empreendimentos da natureza de VIDA DOMESTICA. A gente sabe que êles representam alguma coisa de concreto, mas submetê-los a uma análise, pesquisar os fatores de sua composição, para elaborar uma receita, seria arriscar aquele que a quisesse aproveitar para uma realização semelhante, a um êxito duvidoso.

Por isso é de bom principio encarar as imitações levadas a efeito pela simples emulação da vitória alheia, como caminho pouco aconselhavel.

Tres audacias caraterizaram o seu aparecimento no mês de março de 1920: chamava-se VIDA DOMESTICA, trazia, na capa, uma cabeça de cachorro e não dispunha de capital. Isso, sem aludir ao mais importante: inteiramo-nos do *métier* por via de uma aprendizagem epidermica, na reportagem fotográfica. Não eramos jornalista nem escritor.

Não se concebia á época, uma revista que fugisse aos moldes classicos consagrados primeiramente, em Portugal pela *Ilustração Portuguêsa* e melhorados, no Brasil, por publicações de inconfundivel brilho literario.

O primeiro reporter fotográfico mandado ás praias cariocas regressou com as chapas por bater, alegando que as banhistas haviam implicado com o adjetivo "Domestica" recusando-se á pose solicitada, jogando-lhe punhados de areia e aos gritos de "Sai daí revista de creadas!"

Está claro que essa razão do reporter determinou um alarme na casa e, correndo ao dicionario verificamos que a significação do vocabulo fazia coincidir com a opinião das autoridades mais respeitaveis, os nossos intuitos ao ser batizada a publicação: "domestico", concernente á vida intima, ou de familia, caseiro, etc., e por extensão "que pertence ao interior do país", diferenciação do que é "estrangeiro".

Além disso, o título estava lançado e não seria possivel substituí-lo, como quem muda, numa prova tipográfica, a palavra "saliente", atendendo a que este termo caiu no dominio pejorativo. Constatamos, então, que os vocabulos são mais acreditados quando designam coisas peculiares ao quotidianismo da vida, do que quando se tornam objeto de acurados estudos por parte dos eruditos... O titulo dos anuncios de "precisa-se de cosinheiras" no *Jornal do Brasil* era mais influente do que os ensinamentos de Candido de Figueiredo ou do nosso inolvidavel Professor Carlos de Laet.

A segunda audacia era a do cachorrinho na capa. Não se usava, em absoluto, a emolduração frontal numa revista, de um especime zoologico, que não fosse como elemento de composição caricatural. Principalmente cachorros.

A terceira manifestação de coragem foi a ausencia de grandes recursos financeiros.

Essas tres razões contrárias acarretariam, como era natural, multiplicação de esforços capazes de impôr a revista recem-nascida. Era preciso provar, a cada leitor, que "Domestica" não tinha coisa alguma com a solução do problema angustioso de conseguir boas empregadas para o serviço de casa, e que os cachorros, canarios, bois, galinhas, que enchiam as vinte e quatro páginas (inclusive a capa) do primeiro numero constituiam um dos motivos de encanto e rendi-

mento economico da existencia familiar, rural e suburbana.

Quanto á ausencia de dinheiro, isso sómente podia interessar ao fundador, responsavel unico perante a tipografia e sózinho a fazer, no começo, a revista toda.

Aqui é mistér que nos detenhamos para dizer que foi esse o ponto mais delicado da existencia de VIDA DOMESTICA. Muitas noites foram passadas em claro, pensando-se nos compromissos que deveriam ser saldados ao amanhecer. Não ter credores á porta, não deixar um auxiliar sem paga, esse o grande drama de nossa obra. E essa, queremos crêr, a razão essencial da vitória de VIDA DOMESTICA.

Vitória? Num empreendimento como este, cada pequenino avanço triunfal acarreta novos compromissos: mais maquinario é preciso adquirir, mais elementos humanos devem ser chamados á colaboração, novas noites em claro, na tortura de encontrar o meio de safar o barco das dificuldades. VIDA DOMESTICA é verdade que estava fóra da concurrencia. Os seus caminhos eram diferentes daqueles que os colegas trilhavam. Ela nascera para crear á margem do aficcionamento pelas pequeninas criações caseiras e pelo grande labor rural, uma literatura caraterísticamente prática e objetiva.

Mas breve se verificou que as coisas exclusivamente por elas não dariam o êxito necessario á sustentação da empresa e daí a extensão da publicidade para f a t o s sociais. Observe-se como são longos os caminhos, como se distanciam os cruzamentos e as voltas para se chegar aos objetivos visados.

Se tivessemos tomado por figurino para a elaboração de um órgão periodico de imprensa a magnifica *Revista do Brasil*, ou a cintilante *Revista Nacional* de Elisio de Carvalho, teriamos conseguido este resultado?

Está claro que não se consegue inovar, introduzir uma originalidade sem que se sofra um pouco pela incompreensão de muitos. Nem podemos estar a revelar diuturnamente o que pensamos fazer pondo em prática determinada maneira de proceder. Tivemos maguas profundas, porém não guardamos ressentimentos, porque tais críticas, embora vasadas em tom acre e algumas sarcasticas, foram preciosas como lições aproveitadas no que elas podiam de construtor oferecer.

Um dia se aludiu á VIDA DOMESTICA como uma publicação que cobrava exorbitancias para adjetivar pessoas ilustres e que era resultante de decalques de publicações estrangeiras.

Quanto á primeira referencia, só nos recordamos de que chegáramos, numa época em que ainda não haviam sido creadas em nosso meio, com agencias e empresas, especializações publicitarias, a organizar meio cento de sugestões, com texto, gravuras fotográficas e desenhos, para sugerir uma forma de anuncio moderno. A propaganda, no Brasil, estava em sua primeira infancia. Dessas cinco dezenas de sugestões, ás vezes

nem uma só se aproveitava... Tudo trabalho perdido.

Fotografias do interior chegavam aos massos. De localidades longinquas. Seridó, Joazeiro, Nova Russas, Obidos, Santo Antonio, Rodelas... O Brasil todo. Publicava-se.

Isso era de graça.

Mas vinham dizer-nos que alguem, folheando a revista e apontando-a, página por página, afirmara:

— Tudo isso pago, quanto dinheiro!

E instavam conosco: "E' preciso desmentir".

Não, objetavamos, não se desmintiria. Deixassemos formar a lenda. Acreditariam assim que VIDA DOMESTICA era riquissima e fariam mais fé nesta obra...

Na manhã seguinte chegavamos ao escritorio abatidos: um titulo que devia vencer-se. Maquinas ainda por pagar.

Quanto á segunda alegação dos decalques, desnecessario se torna relembrar as reproduções coloridas de télas de artistas nacionais; a cooperação efetiva relatorial de nomes de relevo nas letras brasileiras. Alguns há quase dois decenios estavam em sua terra natal, não pensavam em vir para o Rio e já apareciam nas páginas de VIDA DOMESTICA.

Que poderemos dizer mais para responder a esta enquête do ANUARIO? "Como conseguiu fazer com que VIDA DOMESTICA atingisse o seu 18.º ano, com uma existencia normalizada e uma tiragem reputada alta, para a sua condição de revista de preço elevado?"

Poucas palavras: em dezoito anos de existencia, não deixamos um só momento de pensar em VIDA DOMESTICA. A ela subordinamos todas as nossas energias. Publicamos em suas páginas desinteressadamente tudo quanto edificasse o caráter, sugerisse idéias de beleza e tabelamos tudo quanto pudesse dar a uma publicação de finalidade elevada o tributo devido pelas realizações materiais á existencia decente das coisas de caráter espiritual. Em soma: "Trabalhamos com fé no nosso oficio", como Miguel Couto aconselhava áqueles que lhe propunham uma definição para patriotismo.

CONSOLAÇÃO

Quanto mais forte a dôr que te tortura,
Tanto mais alto eleva o sentimento;
Porque a vida nem sempre traz ventura,
Mas deixa, a cada passo, um sofrimento.

E o sofrimento é um bem, quando a alma é pura,
E o coração, de qualquer mancha isento,
Sabe encontrar na propria desventura,
Em logar de aflição, — contentamento.

Se possues o segredo da bondade,
Encara alegremente a adversidade,
E vencerás as urzes da existencia.

Na perfeição todo o consolo existe.
E a nossa perfeição moral consiste
Em ter tranquila e límpida a conciencia.

Faustino Nascimento

NOVOS ACADEMICOS

DANSA DOS CONDORES (motivo incaico)

paratada mentira de que a estesia depende diretamente do meio físico, da organização política e de quejandas fontes róla no chão, deante da escultura amerindigenista do italo-argentino Luiz Perlotti, que nada traz de botocudo em si.

Os estudos escultóricos desse acatado mestre obedecem á técnica eterna e fundamental dos antecessores geniais: Canova, Victorio Macho, Rodin... Quem inventará, quem quer que seja, uma novidade aceitavel, dentro da fatal e inamovivel técnica de uma determinada arte? E' tolice pensá-lo, porque a essência dos fenomenos não muda. Não o ignora Luiz Perlotti. Sua atividade, assim, dirige-se a campo transitavel. Explora a mina esquecida da dor dos povos que desaparecem na America. Neste sentido, seu escópo alcança a originalidade oriunda de sua personalidade estética. Sem paradoxo nem trocadilho, sustentemos que a estética amerindigenista de Luiz Perlotti promana de sua estése de homem superior que viu e sentiu o drama das raças vencidas.

Não acreditamos que, para tanto, o escultor necessita ser filho de indio ou nunca haver saido das tabas. Ao contrário. A arte liberta o artista das contingências imediatas.

OFÉLIA DO NASCIMENTO (marmore)

Carmen Bertucci

A linda voz de Carmen Bertucci conquistou um prestigio singular nos circulos musicais do nosso país.

Tendo concluido o curso do Instituto Nacional de Musica, com o premio de medalha de ouro, em 1934, — seu nome tornou-se, como soprano ligeiro, um dos mais queridos e familiares, em todos os movimentos de arte da metropole.

Realmente, os raros dotes de seu romantico temperamento de virtuose, servido por uma simpatia pessoal envolvente, a par de uma inteligencia viva e sedutora, — dão-lhe um tom de surpreendente suavidade, de delicados efeitos expressionais e de graça espiritualizadora.

Sua voz bela e ágil tem o condão de interpretar a obra dos grandes mestres, com aquele brio artistico e aquele requintado senso estético que fazem a distinção de sua graciosa personalidade.

Modestia e talento são os traços peculiares que realçam a sua figura cativante, tão animada na paisagem de uma sensibilidade á margem das mediocridades gritantes.

E' um gosto ouvi-la gorgear, como um pintasilgo amoroso, as páginas mais expressivas dos seus autores prediletos.

A simplicidade é um dom natural que ainda lhe aumenta mais o seu encanto. Assim, sabe conduzir a sua arte, através de todos os motivos, num ambiente de sugestiva delicadeza, dando sempre a melhor nitidez e colorido aos contornos das linhas melódicas.

Vê-se que ela sente intensamente a arte do canto e faz de sua garganta um tesouro de modulações encantes.

Carmen Bertucci é, pois, bem digna dos aplausos que a cercam e a destacam como uma das melhores cantoras da nova geração brasileira.

E' uma espécie de viagem em sonho. Luiz Perlotti imagina e esculpe, tomando o americano do interior e das classes infimas para fundo de suas idealizações estéticas. Si não fôsse o artista que é, fracassaria, tombaria estrondosamente no pó das derrotas. O que lhe permite atravessar seculos e mentalidades é sua vocação, sua inegavel capacidade técnica. Questão de superioridade individual. Questão de dom. Nada de ventos, humidade, vegetação, trigo, vinho, etc. a produzir, necessariamente, tal ou qual concepção. Esta novéla destruiu-se por si, á luz dos fatos simples e constantes. Nunca houve arte sinão pessoal. O artista, diretamente, não está escravizado aos elementos naturais. Domina-os mesmo, graças á expansão das idéias. O homem de carne e ôsso deixa-se agrilhôar ao lugar, não o pensamento do gênio.

Estas considerações não são estemporâneas. Luiz Perlotti torna-se, pelo critério materialista, um monstro incompreensivel. Logo, urge que proclamemos a verdade, que derruba o conceito bio-economico da arte, para erguer o legitimo da existencia das forças espirituais.

JARBAS ANDRÉA

GILBERTO AMADO

CARLITOS

Jarbas Andréa, além do cronista delicado, de estilo simples e atraente, vem se revelando ultimamente um desenhista, cuja personalidade artistica se impõe pelo sentido diferente dos seus traços. Fixando vultos de maneira grotesca, não podemos bem classificar esses desenhos de caricatura. Há alguma coisa além da deformação dos traços: — a interpretação social e até psicológica das figuras.

Desenho surrealista, admiravel.

Gilberto Amado e Carlitos, que publicamos, são bem o exemplo do que afirmamos na arte nova de Jarbas Andréa.

ENTRE as exposições de pintura de 1937, destacou-se a do pintor gaúcho Barros, "O Mulato". Artista novo, porém de grandes possibilidades, sobresai na sua creação o elemento colorativo, pela sobriedade e pela sua expressão tropical. Entre os trabalhos expostos por Barros, "O Mulato", esteve "Zumbi", que reproduzimos.

PREMIO VIAGEM AO BRASIL DE 1937

JOÃO Rescála forma ao lado da corrente de modernos pintores neoclassicos brasileiros. O vigor do seu traço, a expressividade da sua coloração, o seu senso plastico, a sua interpretação psicológica dos seres e das coisas, por fim, dão-lhe um logar de relevo na sua geração. Premiado com menção honrosa no IV Salão Paulista de Belas Artes, em 1936, com uma paisagem goiana, João Rescála obteve em 1937, no Salão Nacional de Belas Artes, o primeiro Premio de Viagem ao Brasil, — recentemente creado pelo presidente Getulio Vargas, — antes de ter obtido "medalha de prata", como era praxe, com o trabalho "Meus Pais", que aqui reproduzimos.

Quadro de Martinho de Haro, 1º premio de viagem de 1937

"O Filho da Dor"

José de Alencar imortalizou, com o seu romance "Iracema", uma das lendas indias mais bonitas do nosso "folclore". Escreveu o mais belo poema em prosa sobre o desventurado amor que nos legou o espirito fantasista dos nossos antepassados.

E. Mendez, em recente exposição de trabalhos de pintura, apresentou, com a sua arte pessoal e admiravel, uma interpretação de um trecho daquela vida, da vida de Iracema, quando a morte lhe arrebatou o seu amado, deixando a sua lembrança em Moacir. Mendez deu ao seu quadro a legenda de "O Filho da Dor" e cedeu a sua reprodução para o ANUARIO.

"Cabocla"

"Cabocla", de Carlos da Cunha, é uma têla admiravel, por reunir todos os requisitos técnicos da pintura, dentro de um senso moderno da forma. O pintor gaúcho é um novo. Auto-didata, sem embargo, êle é um artista de valor, tendo a sua obra, que é numerosa e varia, publicada pelas revistas e jornais do país.

PORTINARI

A obra de Portinari entra neste momento na sua fase definitiva, no periodo de franca fixação da sua capacidade creadora.

Si aceitamos a teoria de Ortega y Gasset, que divide a vida do homem em cinco idades, tais como do nascimento aos 15 anos, fase de formação; dos 15 aos 30 anos, fase de procura; dos 30 aos 45, fase de creação definitiva; dos 45 aos 70 de preamar espiritual, oscilante entre o meio dia e o ocaso da vida; e dos 70 á morte de declinio crepuscular. Portinari está no periodo aureo da sua capacidade artistica. A sua obra, de então será a que marcará no futuro a grandeza do seu espirito.

Já a sua arte, toma proporções admiraveis. O seu sentido psicológico, a sua expressão social, lhe dão o relevo não apenas da atualidade, mas, a firmeza da representação de uma época de transitoriedade. Curioso, porém, é sentir-se que a obra de Portinari, tem menos influencia de tendencias politicas, de compreensões sociais, que, realmente, expansões psicológicas, reminicencias inapagaveis da sua infancia passada nos cafezais, entre colonos imigrados, e no qual êle jamais viu ou sentiu a superfluidade da vida nas cidades, o luxo ou mesmo o conforto dos centros urbanos. Como querer, assim que êle, depois de ter fixado na sua emoção infantil, o sofrimento, o desconforto e até a miseria das zonas rurais, fosse êle formar o seu sentimento, pintando o que não havia visto e não sentia? Como exigir-se dêle mãos delicadas e feições felizes, se passou o periodo de formação da indole, entre pés descalços, mãos calosas e feições torturadas pelo sofrimento? Não fixasse Por-

tinari, as imagens distantes que povoaram a sua infancia, lhe imprimindo na sensibilidade o sentimento de fraternidade piedosa, a sua arte seria artificial, e, consequentemente inexpressiva, nula, sem embargo de toda a técnica que lhe fosse emprestada.

E' o que podemos sentir da sua obra agora em realização no Ministerio da Educação e Saúde Publica. Os paineis que êle está pintando, conservam fieis o seu espirito. Os extraordinarios *afresco* que êle está trabalhando serão, sem duvida a sua grande obra.

Pela primeira vez no Brasil, o governo entregou a um unico artista a decoração de um edificio publico, e sobretudo pela primeira vez estão sendo realizados trabalhos *afresco* em tamanhas proporções, que além do mais, tiveram como sentido, os motivos populares nacionais, como os trabalhos nas plantações de café, cacau, cana de assucar, e garimpos, etc.

Trabalho grandioso, em que se fixará o espirito de Portinari, e que, certo, constituirá a maior obra no genero que já se fez no Brasil.

ENTRE as expressões marcantes da cultura artistica européa, que têm visitado o Brasil, podemos destacar a do escultor em madeira, Boadella. Os seus trabalhos com um cunho personalissimo, vibrantes, nervosos, exoticos na sua estrutura plastica, constituem um apreciavel quociente de Arte espanhola.

O que principalmente torna admiravel a obra de Boadella, é ser ele um puro auto-didata; é o não ter sofrido influencias outras, além da sua propria conformação psicológica. O traço firme, a expressão subjetiva dos motivos, a originalidade da sua plastica, impõem o seu nome como uma das maiores expressões do seu momento artistico.

Nascendo em Bilbau em 1904, Boadella sómente em 1932 dedicou-se á escultura, talhando pedra, em Madrid. A America o atraiu e ele rumou para a Venezuela, onde em Caracas, realizou a sua primeira exposição em 1934. Depois veiu para o Brasil, onde expôs no Rio de Janeiro em 1935 e 1936, sendo que nesse ano, concorreu ao Salão de Belas Artes, obtendo Menção Honrosa com o trabalho "Conflito", e em 1937 conseguiu no mesmo Salão, Medalha de Prata, com a escultura "Goya en Carabanchel", que reproduzimos.

BOADELLA

um casal de artistas

MARIO LINHARES

A pintura brasileira não foi infensa a esse movimento de renovação que se operou em todos os dominios da mentalidade humana.

E' bem certo que, entre nós, houve um grupo de novos que se descomediram e deseram aos mais risiveis destemperos. Mas, tirados os exageros proprios nos primeiros impetos das campanhas calorosas, alguma coisa nos ficou de proveitoso para a libertação do marasmo em que viviamos, aferrados ao ramerrão commum, num parasitismo lastimavel.

Não louvamos a obra patusca de Marinetti que é a superfetação das extravagancias simbolistas.

Não renegamos o passado, porque nêle vivemos insensivelmente. Marchamos para o advento de uma vida nova, num país que, cheio de seiva, adolesce ainda, — aberto ás magnificencias do seu destino.

Dir-se-ia que se vão caldeando as energias vitais da nossa nacionalidade, nessa efervescencia de artes e de letras provocada pela mocidade irrequieta e afoita que aí está.

Dentre essa falange, Manuel Santiago surge-nos como um dos que melhor trabalham, incendido de fé patriotica.

Espirito meditativo que vive no seu mundo interior, iluminado por estranho clarão de Beleza, — parece que tem o pudor de atrair a atenção sobre si mesmo, por meio de tudo quanto vislumbre a arrogancia dos cabotinos profissionais.

E foi assim que fui surpreendê-lo, um destes dias, em seu *atelier*, de pincel em punho a embeber-se na policromia de sua palheta, dando os ultimos retoques ao seu quadro — "Senhor Maytréa", que representa uma máscara de Cristo circundada de superpostas auréolas multicores, conforme o rito teosofista, de que o artista é adepto, e cuja concepção é, ainda melhormente, revelada na "Volta do Mestre". A "Volta do Mestre" exprime o maximo ideal da Teosofia, isto é, a descida do novo Instrutor que vem trazer a palavra de Redenção á Humanidade, desvairada na cegueira dos vicios e dos odios. Jesus, com a sua infinita bondade misericordiosa, baixa da mansão sideral, numa aura envolvente, para vir, entre os espinhos do mundo, guiar e salvar os homens das infimas miserias terrenas.

Parece que houve algo de magia nos debuxos deste quadro, cujo ambiente se esfuma espiritualizado em tons leves e diáfanos.

Os pintores Haidéa e Manuel Santiago

Sente-se, ali, a vertigem de intimas emoções psiquicas que denunciam a impressividade de um talento que sabe pelo seu pincel, — como Paganini pela corda de seu violino, — acordar em nós as suas mesmas vibrações sentimentais.

E' que a sua obra sai do recondito de seu ser, dando-lhe uma expressão original, carateristica, inconfundivel, de alma crente, que se não restringe ao ambito das rudes coisas exteriores, como os artistas a quem falta a fé e, por isso mesmo, não têm a visão real dos destinos humanos.

Para Manuel Santiago há, — além dessa transitoria vida de expiação, — outra vida superior, mais pulcra e mais perfeita.

Compreende êle bem aqueles momentos, de que fala Maeterlink, em que todas as aquisições do espirito devem refluir para a grandeza da alma, sob pena de morrerem miseramente na planicie como um rio que não acha mar.

Daí porque vive êle horas eternas de êxtase na meditação dos seus sonhos de arte, — para tirar dela o filão de seu éstro, sim, de seu éstro de poéta pincelador de telas inspiradas na suavidade de uma poesia mística e sedutora.

Em — "Noturno de Chopin" — sente-se, mais vivamente, esse enlevo capitoso que nos embala e nos faz sair da realidade e errar no intermundio dos sonhos inebriantes. Nesse quadro há uma linda mulher, de magníficas formas, núa, na fascinação de sua beleza, negligentemente reclinada sobre um divan, toda presa aos devaneios que lhe desperta a melodia de um piano executando, a seu lado, um *Noturno* de Chopin.

Numa atitude de cisma, inclina sobre a mão a cabeça com os largos cabelos desmastrados, e cerra as palpebras, em divina embriaguez, para melhor ver as visões interiores despertadas por aquela musica que enche o ar tranquilo de vozes desconhecidas, vindas das mais longinquas regiões da alma como que narrando a melancolia dos sonhos de amor traídos e de utopias nunca realizadas...

"Sésta tropical" — mantém a mesma força de colorido e de expressão: — uma preta traz á mesa uma bandeja de frescas e sápidas frutas para a merenda frugal; ao lado, um interessante grupo de *nús*, — duas formosas mulheres, em ondulantes *poses* plasticas, emprestam ao ambiente um encanto sem par. Uma delas, reclinando-se, com um raminho na mão, procura despertar um menino adormecido sobre o chão.

Onde, porém, Manuel Santiago se requinta em estesía, com o amoroso carinho de um artista que dá, ás suas creações, parcelas de sua propria alma, é em — "Flôr do Igarapé".

Sobre a relva alcatifada de flôres dormita uma graciosa rapariga, núa, ostentando a perfeição das linhas harmoniosas, com toda a frescura matinal de sua adolescencia, como um lírio silvestre entregue aos beijos carinhosos da alvorada. Ao fundo da paisagem, paira a serenidade de um diluculo suavissimo, a retratar-se sobre as aguas mansas do rio que se espreguiça pela floresta a dentro, numa dormencia infinita.

E' o milagre de um pincel que faz a vitória de um legitimo artista.

Convém notar que a nudez das mulheres de Manuel Santiago não tem nenhuma preconcebida idéia de concupiscencia, no molde das figuras lúbricas de Gervex. O seu nú artistico é um elemento de Beleza e de Graça, sem ultrajes á moral.

Veja-se-lhe a delicadeza com que fixa a expressão dos seus tipos femininos, com nobre virtuosidade, sem a secura academica, nem o mais leve tom de insolencia.

"A Carta" — é uma figura de mulher jovem e sonhadora lendo uma missiva, á primeira hora matinal, ainda no leito perfumoso, entre os lençóis de linho de uma alvura puríssima. Tem uma doce expressão de amor em seu rosto como si a alma estivesse a abrolhar á flôr dos labios.

Manuel Santiago

"HORA AZUL" — Museu Nacional de Belas Artes

O desenho é vigoroso; o artista surpreendeu a figura de escôrço, vista do alto, com firme conhecimento de técnica.

Mas, a modalidade precipua de sua arte não é apenas pintar, consoante as suas intimas sensações, alheiando-se ao ambiente que o cerca.

Seu espirito tem se voltado, com desvelo, para as nossas coisas regionais, exalçando as maravilhas da nossa natureza tropical e das suas lendas.

Pode-se mesmo afirmar que aí é que aparece o artista com o seu feitio mais caraterístico, trazendo uma orientação nova á pintura brasileira. Temos vivido sempre postiçamente, na macaqueação do estrangeiro, o que fez Euclides da Cunha dizer que — "vivemos em pleno colonato espiritual quase um seculo após a autonomia politica".

Nunca tivemos um artista verdadeiramente nacional, absorvido nas nossas coisas, na originalidade que há em nós, no caráter que nos é peculiar como alma e natureza brasileira.

Pedro Americo malbaratou o seu grande genio, pintando, de encomenda, os seus admiraveis

quadros historicos, quando poderia ter sido um dos precursores dessa nobilitante obra de emancipação que hoje agita todos os espiritos.

A "Primeira Missa no Brasil", de Vitor Meireles é decalcada em moldes academicos. Sua tela mais brasileira é — "Moema", inspirada no poema de Santa Rita Durão.

Manuel Santiago

"DEZOITO ANOS" — Salão de 1936

Henrique Bernardelli tem, nesse genero, apenas, — "Os Bandeirantes", Rodolfo Amoedo o — "Ultimo Tamoio". Antonio Parreiras, além das suas paisagens nativistas, pintou — "A Sertaneja", mas, isso nos primeiros tempos. Almeida Junior foi, porém, aquele que mais viveu ligado á gleba natal, sem desnacionalizar-se, conservando os mesmos habitos, dando aos seus quadros o cunho autentico da vida do nosso país; aí estão — "Amolação interrompida", "Caipira picando fumo", "O derrubador brasileiro" e outros desse naipe. Não devemos esquecer Teles Junior, falecido há poucos anos em Recife, onde viveu segregado, sem nunca ter feito curso algum, pintando mais por intuição do que pelas lições de mestres que êle não teve: foi um paisagista de virtudes notaveis, refletidas sobre o cenario da terra pernambucana. "Ponte em Tigipió", "Ventania", "O Cabo de Santo Agostinho", "Velho Isqueiro" e outras telas de Olinda firmaram a sua individualidade de artista.

O Brasil é uma terra moça, palpita, cheia de luz, de alvoroço e de ansia para o Infinito. Precisa de libertar-se e voar livremente. Cada filho seu tem de ser o reflexo dessa alvorada que irradia de si. Há muita desordem na inquietação dessa juventude que pugna pela redenção do espirito nacional.

No campo da pintura, Manuel Santiago é dos que melhor antecipam a realização dessa campanha de civismo, entre os rapazes de sua geração. Repudiando as estrambotiquices, isto é, os abominaveis dislates futuristas, trabalha, sem transvios, serena e conciensiosamente, procurando dar, nos lances de seu pincel, a expressão legitima da alma brasileira, já quanto aos encantos da nossa Natureza, já objetivando, em suas creações, a beleza misteriosa das nossas lendas.

Aí está, por exemplo, o seu quadro — "Iára" — lenda do Amazonas que seu pincel reproduziu com rara felicidade. Vejamo-lo. — no fundo corre o rio Amazonas, formando em um dos seus braços uma formidavel cachoeira; o *Caboclo*, ce-

mi-morto, atirado debruços sobre uma poça dagua estagnada a cuja superficie brotam as "vitorias-regias", vê, dentre os caules, surgir a visão de "Iára", a principio, em fórma de confusa espiral que se vai transformando em peixe, e de peixe em mulher que, com a sua fantastica cabeleira de flôres e algas rorejantes, contempla a sua vitima, com indiferença. Há uma curiosa combinação de tintas, refletindo em "Iára" a côr dos rios e das flôres locais.

Além desse excelente trabalho, tem êle mais, nesse genero, "Caipora", "Tapiina" (já expostos no Salão Oficial de Belas Artes) e outros que atestam seu valor.

"O Curupira" — é um dos elementares da floresta amazonica. Tem grande influencia supersticiosa no espirito dos indios que lhe atribuem um invencivel poder no seu destino, já quanto á felicidade ou desventura nas menores coisas da vida.

A's vezes, toma êle forma quase humana. O quadro de Santiago representa um mixto de homem-macaco a balançar uma rêde onde dorme uma *tapiina* que é uma india adolescente — lindo tipo da nossa gente selvagem. A paisagem é funda, baixa, cheia de ilhas que se vão perdendo na perspectiva dos rios. Os raios do sol vêm, através dos galhos frondosos, beijar carinhosamente a india, com admiravel sutileza de tons.

"A Cabocla" — está sentada no chão, numa atitude contemplativa de saudade, como si *evocasse* a visão longinqua de seu amôr. A' margem do remanso do rio boiam as "vitorias regias". Do outro lado, arvores sombrias abrem os grandes braços ramalhudos como passaros fantasticos que pairassem sobre o misticismo da natureza prodigiosa.

O pintor não compreende a floresta brasileira sem esse fundo mistico que dela se evola, como que por efeito de um influxo estranho.

Em — "Cabeça de Tapuia" — há um perfeito estudo anatomico dos nossos aborigenes. Além disso, a fisionomia ingenua dêles, faz a pintura do ambiente onde vivem, desde os objetos de que se servem, como colares pendentes, feitos de frutos e dentes de animais ferozes, até os recantos das matas em que habitam.

*
* *

A seu lado, sobredourando-lhe a existencia, tem Manuel Santiago a companhia adoravel de sua esposa D. Haidéa que, por seu turno, é uma pintora aplaudida por quadros premiados em varios certamens do Salão de Belas Artes.

E' uma fortuna ver-se, assim, duas almas que, integradas pela comunhão dos mesmos sentimentos, se alam para a finalidade de um só destino luminoso, sob o salutar dominio de um afêto feliz.

Manuel Santiago

"Tatuagem" — Exposição Colonial

D. Haidéa Santiago tem produzido tambem telas apreciaveis que a põem ao nivel de seu companheiro; a mesma gracilidade de espirito realça nobremente a sua arte, pondo-a em relevo singular. Apenas, rapidamente, me deterei aqui na apreciação dos seus trabalhos, para não alongar mais este pequeno estudo. Mas, bastaria citar — "Galanteria", "Valsa", "Romantismo", "Mocidade em flôr" e "O Papagaio" para vincar-lhe os meritos.

E' verdade que a pintura de D. Haidéa não sofre nenhuma influencia estranha ás suas tendencias ingenitas; há nela uma simplicidade inata que a livra do arrebique ou de outra forma que não seja a espontaneidade como manifestação de si mesma. E é justamente nisto que ela se afasta muito de Manuel Santiago porque foge dos sentidos ocultos, isto é, das coisas vagas e indefinidas, dos claros-escuros, dos simbolos sutis e, muitas vezes, incompreensiveis, que fazem a creação de certos artistas transcendentes.

Eis o motivo que a faz maior, á visão de alguns, que Manuel Santiago, pela naturalidade e facil compreensão das suas telas que são flagran-

tes da vida real, como, por exemplo, — "O Papagaio", — empinado ao vento, pela petizada vadia, num fundo de quintal, entre roupas estendidas pelas lavadeiras.

Ha limpidez na tonalidade das suas tintas e fidelidade na expressão dos seus lineamentos, quando reveste os seus quadros daquele donaire gentil de "Galanteria" ou daquela efusiva alacridade de "Mocidade em Flôr".

D. Haidéa é uma natureza romantica para quem a vida se resume num enlevo amoroso. Dir-se-ia que ela não vive a vida atual, tumultuaria e materializada pelos impulsos mais grosseiros, inadequaveis com a pureza das almas cismadoras.

Suas télas retratam justamente a quietude dos bosques floridos onde o sonho viceja melhor, sem perturbação, silenciosamente. "Romantismo" é a projeção de seu ser. Em "Entrevista", em "Valsa" e, mesmo, em "Praia do Arpoador", há os toques fugitivos e melancolicos desses devaneios espirituais onde ela propria se espelha.

* * *

Manuel Santiago encontrou, no remanso do lar, o viático das recompensas e das emulações mais puras.

O velho conceito de que o genio é uma vesania, um estado mórbido do espirito, encontra nêle formal desmentido, porque tudo lhe é aveludado e suave, alegria e saúde de alma e de corpo, sem superexcitações doentias, nem desequilibrios morais. Fugindo das camarilhas onde o elogio mutuo improvisa tantas reputações falsas, trabalha êle, em silencio, conscio de que só pela obstinação heroica do trabalho é que vencerá e conseguirá, por fim, a realização de seu ideal.

Assim, no afinco de seu labor, não o perturba o desdem dos invejosos nem a injustiça dos julgamentos equivocos.

E', portanto, um artista merecedor das nossas palmas, pela dignidade com que aparece, nobilitando a propria vida nos influxos beneficos de sua Arte.

* * *

Essas linhas, escritas há tempos, sobre Manuel Santiago, confirmaram-se de forma inconcussa e brilhante.

Logo em seguida, no mesmo ano (1927), o pintor ilustre obteve premio de viagem á Europa, ficando definitivamente consagrado pela propria Escola de Belas Artes e Conselho Nacional, com o seu quadro — "Marajoára", inspirado com grande sentimento de brasilidade. Os elementos que, a principio, lhe foram adversos, por força de inconfessaveis despeitos, vieram espontaneamente conclamar a vitoria de sua arte.

"Marajoára" é uma reminiscencia do que foi

Entrada do atelier

a velha civilização da nossa pitoresca Ilha de Marajó, e dá-nos a impressão fiel de sua linda paisagem em traços felizes onde a combinação dos tons traz-nos aos olhos toda a indizivel poesia daquelas paragens.

Manuel Santiago, na Europa, expoz quadros nos salões mais exigentes.

Seu quadro, tambem brasileiro, — "Tatuagem" (indios do Amazonas) figurou em 1929 em logar de destaque no "Salão Colonial de Paris", em uma tela de quase tres metros de comprimento, o que é raro em virtude da falta de espaço para atender a grande numero de artistas, dos de maior fama mundial.

Apareceu ao lado de nomes gloriosos como Adam Styka, Paul Moureau-Vauthier, Raymond Sudré, Fouqueray e outros.

Santiago expoz tambem trez admiraveis telas no *Salão das Tulherias*: — "Natureza Morta", "Paisagem" (Dampierre) e "Jardim de Luxemburgo". Esse salão é o maior e o mais conceituado da Europa; dêle participam as grandes celebridades modernas. Santiago, apesar de es-

tranho àquele meio e sem nenhuma recomendação de pessoas influentes que o colocasse em situação de receber convite para tomar parte na exposição, — dispoz-se a submeter, alí, um trabalho seu ao respectivo juri, num momento em que estavam sendo julgados milhares de artistas de varias nações. E fê-lo com tanta galhardia e com tanto êxito, que Albert Bernard, figura de pról como mestre de arte, exclamou entusiasmado para os presentes: — *Isto é que é pintura moderna! Tem qualidades raras de materia pictorica!...* E interrogou ao artista quem êle era e donde vinha.

Ao mesmo tempo, um dos diretores do juri, Aman-Jean indagou mais si Santiago não tinha outros trabalhos para expor. E deu a Santiago autorização e convite para apresentar em vez de um, — tres quadros. Esse fato causou admiração aos demais concurrentes que se davam por muito satisfeitos conseguindo figurar ao menos com um só quadro. Expoz, tambem, Manuel Santiago na "cimaise" dos *Artistas Francêses*, para mostrar que sua obra não se circunscrevia aos temas modernos. Nesse *Salão* foi aceito, por unanimidade, com o retrato — "H. S.".

Da mesma forma, ficou tão em relevo nesse salão de 1929, que João Luso, ao visitá-lo em Paris, nessa ocasião, escreveu para o *Jornal do Commercio*: — "Quantos artistas de fama desejariam ter a colocação de destaque de Manuel Santiago no *Salão dos Artistas Francêses!*"

Regressando ao Brasil o pintor patricio foi sempre eleito membro do Conselho Nacional de Belas-Artes e do Juri, todos os anos.

Não deixou de trabalhar. Nunca lhe fiz uma visita que não o visse entregue ao afân porfioso de seu trabalho, enchendo o seu *atelier* de novos quadros e estudos. E com que fé e entusiasmo produz, sem descanso, sempre com planos e realizações sucessivas. E no meio da pleiade dos jovens artistas é êle um guia seguro e cordial. Não possue a empáfia dos medalhões que se presumem acima das circumstantes. Tem alegria de ligar-se á juventude para orientá-la, estimulá-la e tangê-la para a frente, livre de pessimismos estiolantes ou do virus da cabotinice, tão funesta aos moços inexperientes.

Santiago transmite-lhe sempre o mais animoso ótimismo, com uma compreensão sadía de arte que só é dada aos mestres de apurado senso estetico.

Sua arte é hoje um padrão para a mocidade, a qual tem influenciado tão beneficamente no sentido de expungi-la não só do amaneirado dos falsos requintes como do mercantilismo malsão e corrutor.

Santiago pugna sempre pelo engrandecimento das nossas concepções artisticas, fazendo arte pela arte, sem deturpações espurias, com a pureza das linhas classicas, de modo que o artifice seja um instrumento de comunhão entre todos os seres na terra, realizando o pensamento de Guyau, quando diz que, como a moral, a Arte tem como resultado final arrebatar o individuo a si proprio e identificá-lo com todos...

Mas, o requinte técnico não é tudo para êle. Não se adstringe simplesmente aos processos da forma pura, com aquele rigor que fez, — por exemplo, no dominio das correntes poeticas, — dos extremados partidarios de Heredia, méros lapidarios impassiveis, com o culto da perfeição exterior, em detrimento das idéias e das emoções. Aliás, a grande Arte não se confina nos moldes das teorias convencionais. Os mestres da Renascença firmaram a sua hegemonia, com a perfeita conciencia de seu destino, entre os homens. Através das evoluções historicas, Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, Tintoreto, Rafael, Velasquez e Rembrandt são marcos imperecivels.

O Brasil não deixou de sofrer o influxo das más correntes politicas da Europa de após-guerra. Quatro anos de insania destruidora deram um recúo de seculos a velhas e esplendentes civilizações. E tudo foi sacrificado: — inteligencia, logica, moral, cultura, senso comum e senso estetico. Dessa desordem nasceu o futurismo como broto da degradação mental.

Mas, a rajada passou. Todos voltaram a si proprios e readquiriram a compreensão nitida das suas responsabilidades.

Manuel Santiago, felizmente, não se corrompeu com os malefícios desse desvairismo e deunos uma obra que assegura o prestigio de seu nome.

*

* *

D. Haidéa, sua brilhante companheira, não deixou de seguí-lo com galhardia. Nos salões da Europa e do Brasil seu nome esteve, tambem, sempre em relevo.

Aqui, obteve medalha de ouro no Salão Nacional de Belas-Artes. Ainda no ano passado conquistou o 1.º premio de costumes, com seu quadro — "Saída da Missa", no *Salão Carioca*.

Em Paris, expoz, com sucesso, os quadros — "Outono" e "Natureza Morta", respectivamente, no *Salão Nacional* e no *Salão dos Artistas Francêses*.

E' ela, como já disse, uma indole romantica, revelada, sem solução de continuidade, pela discreta delicadeza de seu pincel, em trabalhos multiplos de feição impressionista, mas de um impressionismo sadío e pessoal, sem a superstição das côres e o exagero do "chiquismo".

(Continúa no fim do ANUARIO)

A maravilhosa piscina do Minas Tenis Clube, á luz dos refletores

O Estado de Minas Gerais e sua formosa capital

Belo Horizonte -- um atestado palpitante da operosidade e inteligencia de seus filhos

Dentre os maiores Estados da federação brasileira, toda a gente aprendeu, desde os tempos de criança, que Minas Gerais ocupa um logar importante.

O ferro que possuimos, a variedade enorme de culturas, o melhor gado, aguas famosas no mundo inteiro pelas suas grandes virtudes, adeantadas industrias, tudo isso existe no prospero estado montanhês para fazer dele um estado-padrão dentro dos Estados Unidos do Brasil.

O primeiro grito de independencia — que partiu de peitos patrioticos ao mesmo tempo que o primeiro lampejo da nossa intelectualidade — foi de Minas que veiu. Foi dali que, com os precursores da nossa poesia e de nossa prosa, com os Tomaz Antonio Gonzaga, os Claudios Manoel da Costa, os Alvarenga Peixoto, se espalhou por todo o territorio da patria, onde se iniciava a primeira reação verdadeiramente nacionalista, o bravio grito libertario. Minas Gerais não é só um esteio economico da União — acima desse ponto de vista puramente material embóra valiosissimo, avulta essa outra prerogativa: Minas é um simbolo, um estado-reliquia para todos nós brasileiros!

E é por isso que acompanhamos com simpatia realmente forte tudo quanto diz respeito ás Alterosas. Cada surto novo para o progresso e para seu engrandecimento, ecôa alviçareiramente na alma de cada brasileiro.

Ora, o momento mineiro é, sem duvida, para francas congratulações.

Em periodo nenhum de sua história, o Estado de Minas tanto prosperou como no atual. Tudo ali é um fervilhar, um avançar, um progredir indizivel. E o espelho dessa prosperidade é a formosa capital mineira — Belo Horizonte.

Fundada em 1897, conta, portanto, 39 anos de existencia. Trinta e nove anos faz que uma das maiores expressões da nossa engenharia, o dr. Aarão Reis, traçou num trecho de fechado sertão uma joia de urbanismo. De fato, o traçado de Belo Horizonte é uma maravilha pura e simples. Uma das mais interessantes cidades do mundo, como planta. E a mais moderna do Bra-

sil. Deslumbra, ademais, pelo seu conjunto arquitetonico e artistico. Seus edificios publicos, seus ultra-modernos arranha-céus, suas vivendas nos mais amenos estilos, fazem da metropole mineira um recanto delicioso. E tudo isso é uma resultante do esforço, da capacidade, da inteligencia dos seus filhos.

A' frente dos destinos da formosa *urbs* encontra-se um homem raro e cuja escolha para tal investidura é um elogio que se faz ao governador Benedito Valadares.

O prefeito, sr. Otacilio Negrão de Lima, tem-se evidenciado por uma envergadura de titan. Sob qualquer prisma por que se encare o assunto, sempre resalta a ação sábia e possante do jovem administrador. Sejam os serviços de assistencia, sejam os de saneamento, sejam os de abastecimento dagua ou os de esgoto, foram radicais as reformas.

O matadouro Modelo, iniciado em administrações anteriores mas agora concluido, é qualquer coisa de inteiramente novo no genero. 3.000 contos já custou á Prefeitura e com detalhes a serem ainda executados, parece que seu custo total ascenderá a 7.000. O estabelecimento, obra prima de técnica, não se limitará ao serviço de fornecimento

Um aspeto do Minas Tenis Clube

Edificios da Secretaria de Agricultura e Feira Permanente de Amostras

de carnes á população. Possuirá perfeita secção industrial, para o completo aproveitamento dos residuos animais. Tem capacidade de córte para 600 réses diarias. Como o consumo atual da capital é de 130 réses, vê-se que há uma apreciavel margem para as necessidades futuras.

Empreendimento igualmente notavel do sr. Prefeito é o Minas Tenis Clube, cujas fotografias, á luz do dia e á noite, aqui vêm os leitores.

O dr. Otacilio Negrão de Lima está dirigindo os destinos de Belo Horizonte desde 4 de abril de 1935. Dois anos e meio, por-

Dr. Percy Alvin Martin

Esteve no Rio de Janeiro desde os fins de julho até começos de setembro de 1937 o ilustre catedrático da Stanford University, California, Dr. Percy Alvin Martin, que leciona História da América e tem publicado, sobre esta matéria, diversos tomos eruditos e centenas de magnificos ensaios. O Dr. Percy Alvin Martin colabora, há anos, em *The Hispanic American Historical Review*, repertório de profundos estudos de nossas atividades pretéritas, onde aparecem nomes de incontestavel autoridade intelectual.

A visita do Dr. Percy Alvin Martin ao Rio de Janeiro deve ser salientada por sua significação cultural e por sua finalidade. Amigo, sincéro de nosso país, êle, que já imprimiu varios trabalhos a respeito da evolução do povo brasileiro, está ultimando sua longa, interessante e documentada *História do Brasil*, que talvez surja á luz ainda em 1938. Não se trata de improviso, nem de galanteio. Trata-se de tenaz e alentada investigação e de critica serena, não só mediante documentos de arquivos, como dos clássicos livros de Frei Vicente do Salvador, Rocha Pita, Southey, Varnhagen, Capistrano, Rocha Pombo, Oliveira Lima, Alberto Rangél, Tobias Monteiro, etc.

O Dr. Percy Alvin Martin fala o português correntemente e leu a literatura brasileira com amôr e independência de critério: não lhe são ignotos os mestres da historiografia nacional, nem os do romance, da poesia e de outros gêneros. Encanta e orgulha vê-lo exgotar, com perícia invejavel, a tematologia de nossa cultura, quer sociológica, quer estética. Mesmo agora, em seu recente passeio no Rio de Janeiro, não perdeu tempo com medalhões oficiais, com frívolos cavalheiros da moda, com vaidades sociais sem importancia alguma, porque, todos os dias, buscava as bibliotecas, os arquivos, as livrarias, para adquirir informações relativas ao Brasil verdadeiro, ao Brasil que trabalha e pensa, ao Brasil representativo. Sua futura *História do Brasil*, portanto, encerrará novidades louvaveis e juizos imparciais, que constituirão nobre e desinteressada propaganda dos esforços de nossos antepassados pelo engrandecimento desta nação.

Sente o Dr. Percy Alvin Martin que a ciencia e a arte dos Estados Unidos e do Brasil não se tenham, até hoje, interpenetrado. A necessidade de um intercâmbio intenso e sistemático, a seu entender, é visivel. Em palestra que manteve na residência de seu amigo, o escritor Silvio Julio, manifestou o insigne publicista norte-americano suas observações concernentes á divulgação da lingua inglêsa entre as repúblicas da América Latina e, simultaneamente, graças a instituições especializadas e licêus mantidos por grandes centros artisticos e cientificos dos Estados Unidos, á das obras de ciência e arte que a terra de Washington, Edison e Poe tanto produz. Parece que não falta razão ao eminente professor. A paz do Novo Mundo fundar-se-á, mais e mais, no mútuo-conhecimento do valor moral dos povos democráticos que a êle pertencem e, consequentemente, da intelectualidade dos mesmos.

Na Universidade de Stanford, California, a presença do Dr. Percy Alvin Martin indica que a causa da aproximação das nações americanas marcha a passo seguro e que o Brasil alí conta com um leal, um digno defensor de suas tradições e ideais. Sua estada no Rio de Janeiro inspira-nos tamanha confiança.

---

tanto. Muito pouco tempo, em verdade, para obra tão gigantesca.

Agora, falemos de outra figura impressionante de administrador. Digamos algo sobre o dr. Israel Pinheiro, Secretario da Agricultura do Estado. Incansavel, sempre preocupado com o desenvolvimento de Minas Gerais, o que esse titular vem produzindo nada fica a dever ao dr. Negrão de Lima. Duas grandes iniciativas saltam aos olhos de todo homem, por mais indiferente que seja. São as obras de amplificação da Feira Permanente de Amostras e a Radio Inconfidencia Mineira. Um grandioso estadio para 3.500 espectadores; lindo aquario para exposição das especies de peixe uteis ao homem e existentes nos rios e lagôas do Estado; monumental estufa para orquidéas e plantas raras; modelar secção de turismo — eis as principais carateristicas das obras da Feira. Quanto á Radio Inconfidencia, tudo o que se disser de novo no genero, enquadra-se nessa nova estação difusora.

OS DOIS POLOS da PAIZAGEM BRASILEIRA

F. ACQUARONE

No decorrer deste ligeiro ensaio, frequentes são as citações de Gonzaga Duque, o historiador incomparavel da arte brasileira.

Isto se explica, pelo fato desse autor haver produzido dois estudos-criticos, dos melhores que conhecemos, a respeito de Antonio Parreiras e J. Batista da Costa.

Tais cronicas, não poucas vezes, serviram-nos de base para a afirmação de conceitos justos, cuja clareza só a elas são devidas.

O Brasil é um país essencialmente agricola. Isso não o impede, contudo, de ser tambem essencialmente paisagistico. Com um tamanhão destes, tão grande que chega a ser quase incomensuravel, a diversidade de aspectos, assume nele, formas alucinantes.

De fato; desde o emaranhado espêsso da Amazonia até a desnudez calva dos desertos de pedra e areia; desde a maciez verde das savanas até o descampado das *stépes*, é paisagem que não acaba mais...

Todas as regiões naturais (todas é força de expressão), estão representadas no dorso do gigante eternamente adormecido em berço esplendido...

Para apascentar os olhos daqueles que querem *ver* alguma coisa na natureza, o campo é largo; infelizmente o que não é lá muito largo é o numero dos que querem *ver*...

Questões de raça, ainda amórfa; questões de incultura *braba*; ou, talvez, o antagonismo de povos que ainda não se fundiram neste vasto cadinho racial; por isto ou por aquilo, em suma, — razões que escapam à esta cronica, — a turma dos panteistas no Brasil é, ainda, muito pequena. Dada a variedade de aspectos, gerados pela multiplicidade de climas, nada mais consentaneo do que esperar uma pleiade numerosa de apaixonados pela paisagem brasileira.

Tal não acontece, porém. Nosso meio artistico desenvolve-se tão lentamente, que há vinte anos, era o mesmo que por aí existe, hoje em dia; ainda com a vantagem de que, naquela época, não havia os exotismos e as bizarrias extravagantes da arte de após-guerra...

Mesmo assim, apesar do desamparo e da indiferença absoluta que os tem cercado, os artistas-paisagistas, no Brasil, vêm se sucedendo, como figura mais ou menos marcantes dos ambientes que êles proprios perlustram.

E se a manifestação desse movimento ainda não teve um caráter mais acentuado é que os artistas sinceros, entre nós, são muito poucos.

Tudo no Brasil é arrivismo, e do bom, especialmente no terreno das artes. Si um Foujita expõe aqui, na avenida, logo os aimorés embasbacados, dansam entusiasticamente e, daí por deante é aquilo que se vê: Foujita, Foujita, só dá Foujita!...

Com os olhos postos no que se faz no estrangeiro, o artista nacional não olha para o seu país.

Até mesmo Pedro Americo, (será êle o maior pintor que o Brasil produziu?) fazia

arte européa, como o julgaram abalisados criticos coetaneos.

Hoje em dia, porém, com certa bôa vontade, já se póde vislumbrar um movimento bem acentuado, de pura brasilidade.

Na literatura, na musica, nas artes, em suma, já se faz notar o trabalho daqueles que se orientam no sentido de rebuscar fontes nativistas.

Daí, seguramente surgirão as futuras caraterísticas da arte nacional. Já o estéta sente a sedução da natureza do seu país; já êle a estuda, inquire, pesquiza, investiga, analisa. Sente-se comovido com as suas grandezas e insignificancias, quer sejam tropos de estradas, amplidão de panoramas, ourelas praianas, planaltos ou penedias, frondes ou ramusculos.

Nada mais escapa ao olhar atilado do artista, pois que um "artista — na afirmação de J. Ruskin, — jamais passará indiferente defante de uma folha iluminada pelo sol; vendo-a, êle parará e há de amá-la por sua viveza ou o seu desfalecimento, por seus toques de luz e por seu destaque nos massiços..."

E' assim que se constitúe, de fato, esse estranho culto pagão, do qual vive a imaginação do artista e que lhe crêa o ardor que o enleva e, por vezes, o sublima.

O Brasil deve ser, certamente, uma forja imensa de paisagistas, cujas tendencias serão temperadas nos variadissimos aspectos de suas paisagens.

Mas isto só acontecerá, quando a arte, bem amparada, formar o apanagio de nossa cultura.

Por enquanto, pululam, aqui e ali, interpretes, mais ou menos dextros, eclosões esporadicas de talentos, apaixonados pelo esplendor que a natureza lhes oferece.

Ora, a paisagem do Brasil se distende em vasta escala desde o cenario pujante da Amazonia, até a blandicia bucolica das pradrarias sulinas. Entre esses dois polos póde o artista percorrer a gama atraente de notas as mais curiosas.

Sob a influencia do meio ambiente, a maneira de ver e de sentir a paisagem no Brasil, deve variar, em longa escala de transições, revelando, destarte, temperamentos os mais diversos. Um pintor estrangeiro que aqui esteve certa vez, — Luiz Graner, se me não falha a memoria, — afirmou deslumbrado, que era uma heresia, pintar-se figura de atelier, no Brasil.

— Com esta gama tão grande de notas de paisagem, quem poderá pensar em "creações" de estudio?... no entanto, ainda podemos soltar pelas quebradas da serra, o grito angustioso de Antonio Nobre:

Que é dos pintores deste país estranho?
Onde estão êles que não vêm pintar?...

Ha uma teoria antiga que pretende determinar o tipo dos artistas, através dos seus caratéres fisicos ou fisiognomonicos. Ao que parece, hoje tal doutrina é rejeitada, firmada que está a insuficiencia de suas provas.

Em todo o caso, para quem atenta nessas questões, causa espanto, às vezes, os casos frequentes de coincidencias, em que as inclinações estéticas do artista se estereotipam em seus traços exteriores. "O estilo é o homem". Tal sentença — que de tão repetida, tornou-se axiomatica, — não raras vezes, encontra aplicação.

Impressiona de fato, ao estudioso, a similitude que se apresenta, muitas vezes, entre as linhas estruturais do semblante e as tendencias do artista.

O produtor e a produção... Gonzaga Duque chegou a afirmar que nos paisagistas, singularmente, essa caraterização é apreciavel. "Constata-se — dizia êle — de modo tão frequente que chega a ser digno de nota. Não sei se isso resulta da espontaneidade da paisagem que, agindo sobre a faculdade emotiva mais amiudadamente que os assuntos de figura e sendo mais trabalho de sentir e externar que o idealizar e exprimir, dá ao artista um tipo caraterístico, ou se provêm do meio em que êle exerce a sua arte. O que é, porém, verdade é que essa identificação existe ou, pelo commum da coincidencia, parece existir."

Reportemo-nos, para exemplificar, aos casos que temos em mão: Parreiras e Batista da Costa.

O aspecto do primeiro revela uma grande convulsão interior, ao passo que o do segundo é o cartaz de uma infinita serenidade de sentimentos.

Parreiras possuia mascara firme, coroada por uma cabeleira revolta, eternamente desgrenhada, cujas méchas em aranhadas lembravam algum negro cipoal da Amazonia.

Em Parreiras tudo era palpitação, desde o arfar nervoso das narinas largas, ou o brilho intensamente irrequieto dos olhinhos pis-

Ultima fotografia de Antonio Parreiras, no seu "atelier"

cos e miúdos, até o vozear rouco, entrecortado, saltando-lhe por entre os dentes fortes e a bigodeira espêssa, aos borbotões como um escachoar de agua, rolando com fragor, em leito de pedrouços...

Junte-se a isso, uma compleição quase atletica de ombros, corporatura rigida e gestos impulsivos, bruscos.

"Notando-se-lhe os laivos lústreos da epi-

derme, compreender-se-ia a dominancia nervo-biliosa do seu temperamento."

* *

Batista da Costa realizava o tipo perfeitamente oposto. Tudo nele se filtrava através de uma doçura nostalgica, quase nazarena, que lhe dava aquela serenidade esplendida ao semblante como que a envolver seres e coisas no mesmo afago... Custava a falar; e sempre falava baixo. Revelava uma timidez de um camponio que pusesse colarinho para Só lhe faltava pedir licença para poder fazer um gesto...

Os cabelos parcos, muito bem penteados em topete curto, bigode sempre aparado trazia-lhe "al viso" a indicativa de um rustico, de um camponio que puzesse colarinho para viver na cidade.

Parreiras falava alto como um napolitano, gesticulando com largueza, lançando termos e gotas de saliva sobre o interlocutor.

Batista articulava mal os vocabulos, obrigando o parceiro a esticar o ouvido, no esforço de pescar-lhe os sons...

Os braços para trás não exerciam mimica expressiva. Parreiras enfiava os dedos nervosos pelas grenhas que lhe gorravam o craneo, e os cigarros molhados de saliva, sucediam-lhe nos labios, como um derivativo necessario á sua inquietação intima.

Batista nunca fumava, nem desmanchava o topete com as mãos.

Seus dedos nodosos, cruzavam-se-lhe nas costas, num entrecrusamento indestrutivel.

* *

Cada um dêles creou uma arte diferente; e, em virtude do imperativo de seus temperamentos tão diversos, tanto se distanciaram, tanto se afastaram em campos opostos que chegaram aos dois polos da paisagem brasileira.

Parreiras é a floresta espêssa e emaranhada; Batista é a campina perfumada e amena, ou a encosta blandiciosa e branda.

A paisagem de Parreiras perturba a visão, deslumbra e aturde o espectador; a paisagem de Batista é um descanso para os olhos; encanta e enternece pelo bucolismo dos seus córtes.

Numa, é a natureza dominando o homem, tornado pequeno e miseravel deante de sua pujança ciclópica; noutra, é o homem quem

Esta paisagem bravia indica bem a expressão artistica de Parreiras

domina, rasgando estradas barrentas e guiando os rebanhos á hora cinzenta do crepusculo.

A imaginação de Parreiras só trabalhava ardente, escaldante, deante da selva espêssa, dos interiores quase impenetraveis, onde a brutalidade da floresta contorcia troncos e espalhava frondes, confundindo-os angustiosamente... Seus dedos, aptos ao labor vigoroso e afouto, venciam obstaculos, sem cansaço e sem enervamentos.

"Era então a pressa que o conduzia, como vontade insofrida de fazer o quanto sonhára nos longos mêses de aprendisagem. A mão corria-lhe febril, empastava a téla, acusava unicamente a forma fruste das coisas. Essa maneira, que o caraterizou, só nos ultimos tempos foi atenuada e melhorada pela longa pratica do trabalho. Ao principio era um impulso. Todos os seus quadros, ainda os menores, se ressentiam desse vigor alucinado, dessa largueza á força de pulso, que facilitava os ardores da sua fecundidade."

Batista da Costa, justamente ao contrario, fugia dos tormentos da natureza e procurava — entonando as cordas do temperamento, — os motivos de suas telas, nos momentos de repouso dos séres e das coisas.

Parreiras sobraçava a caixa de tintas e se embrenhava pela selva; plantava o cavalete no recesso da mata e, sem planos afastados, debuxava com largueza a luta vegetal que se travava deante de seus olhos, pela conquista de um logar ao sol...

Era o aturdimento, que se mostrava ao artista.

Uma paisagem calma e definida ref... o temperamento de Batista da Co...

→

O vermelho berrando desesperadamente, com a pujança estrugidora da sua quentura de carne. O amarelo, esplendendo com os brilhos do sol e a eterna cintilação de ouro. O verde quente, de mil matizes diferentes, sem transições e sem meias-tintas, chegando quase ao preto, no intrincado tenebroso da selva. E era deante desse inferno alucinante de côres, que Parreiras começava a trabalhar com o seu estilo largo, bravio, a pincelada audaciosa, cheia de lambadas e desvarios rebeldes.

Batista, não; armava o seu tripé à sombra de uma arvore amiga e bem copada; cogumelava-se sob um largo chapéu de palha trançado e fitava longamente o "modelo"...

Deante dêle estendia-se o campo; a estrada — à beira da qual êle se achava postado, — vinha morrer-lhe aos pés; arvores mansas punham notas de verde mais austero sobre o verde-gaio da relva; e, ao longe, de quebrada em quebrada, o solo terminava quase sempre em corcóvas azuladas de montanhas. Planometria que não acabava mais!...

Mestre Batista deixava-se então ficar pacientemente a pincelar com emotividade calma, observando a natureza, cujos detalhes vasculhava obstinado e sem desvarios. "E pouco a pouco seus pinceis iam dizendo nas telas o que os campos, os montes, as rochas lhe transmitiam à estesia." Os verdes da sua palheta, — ah! os verdes de Batista da Costa! — estendem-se em todas as suas nuanças, desdobrando-se em uma gama infinita. Nos céus que êle pintava sentia-se a humidade do ar, orvalhando a folhagem.

"Sua obra impõe-se aos que têm o necessario cultivo de arte, aos dotados de instintos estéticos, e aos delicados de gosto. Ela é verdadeira e sã, não se orna de pretensões, nem procura iludir por artificios. Tem como a natureza do seu autor, a sinceridade da singeleza, a força de si propria, o comedimento dos seus processos de expressão, que se deriva da timidez, da modestia de quem a produziu. Por isso representa o que deve representar, sem espalhafatos de colorido, sem *épatantes* golpes de espátula; nem espéta nervos com borrões de empastelamentos."

* *

Parreiras foi, certa vez, à famosa região das tres divisas, e surpreendeu em momentos de excursão, varios aspectos dos saltos do Iguassú.

As cataratas lá estão, cachoando na tela, com o estrepito natural que elas devem ter.

Aquilo encantou-o ao extremo. No entanto, aquelas aguas turbilhonantes, estamos certos, não encantariam mestre Batista.

E' que êle preferia as aguas quietas, paradas, ou, quando muito, o remanso brando, sussurroso do Piabanha.

Petropolis! Como Batista soube dizer em suas telas o que o Alto da Serra lhe transmitia às cordas da estesia!...

Nas arvores de Batista reconhece-se a mangueira, o cajueiro, a sapucaieira, o pau-d'alho, a quaresma, etc.

Nas arvores de Parreiras a especie vegetal é quase irreconhecivel porque as ramarias se interpenetram, se confundem, em um conúbio estranho de verdes e amarelos. Só se vêem troncos retorcidos, descarnados ou cobertos de limo...

* *

Parreiras e Batista são sem duvida, os dois polos da paisagem brasileira. Entre êles, pululam muitos paisagistas, velhos ou moços, esperanças, afirmações ou fracassos...

Uns palmilham a rota de Parreiras, outros a de Batista. Nenhum, até hoje, alcançou contudo um dos dois extremos.

E' que ambos ficaram como personalidades marcantes dos limites paisagistas no Brasil.

Suas telas mostram-nos mais alguma coisa do que a reprodução aproximada da natureza, em tal ou tal momento; exprimem sim, uma emoção estranha, versada de uma maneira que é particularmente de seu autor, e, apenas dêle.

Esta emoção é o poder invencivel que só consegue exercer a arte honesta e sincera, unica que se póde sobrelevar no alucinante meio de "pinturas" que por aí andam, como estampas ilustrativas para monografias psiquiatras...

E quanto mais o tempo correr, mais a arte de Batista e de Parreiras se afirmará, porque é uma arte que permanece imutavel e serena, integra e perfeita, dentro da vacilação das correntes estéticas, que estonteiam os nossos artistas, desviando-os dos bons propositos de fazer arte pela arte...

O ANO *Musical*

LUIZ HEITOR

O ano de 1937 foi, sem duvida, para a vida musical da capital brasileira, o ano da ópera, o ano de rehabilitação nacional desse gênero de espetáculos que vinha enlanguecendo em nossa cronica musical e parecia destinado a sumir-se definitivamente destas plagas, pelo menos com o caráter de manifestação autóctone. Quando se pensava que a época dos belos espetáculos de ópera havia desaparecido para sempre e que o problema da naturalização desse genero, em terras brasileiras, nunca mais seria objeto de cogitações, eis que rompe a temporada musical de 1937 um elenco lírico nacional, dois outros encerram-na, a lirica oficial regorgita de elementos brasileiros (quase metade do pessoal de cena); e são exumadas óperas brasileiras; e canta-se em português! O fato surpreende um pouco, mas não deixa de estar nos moldes da velha tradição da cidade, que há mais de cem anos delira com a voz das grandes *divas*, forma partidos, fomenta discussões e provoca descomposturas, como Paris no tempo dos bufões ou do *match* Gluck-Piccini... O mais triste é que esse primado evidente do teatro lirico não se exerceu sem o prejuizo de outras manifestações musicais, principalmente aquelas, como os concertos sinfônicos, que dependem mais diretamente do poder publico, cujas atenções estiveram todas voltadas, em 1937, para a questão da ópera. Aliás é em grande parte devido ao interesse do Estado pela nacionalização do teatro lirico que a iniciativa particular decidiu aventurar-se em tal orientação. A Prefeitura do Distrito Federal impôs à empresa concessionaria do Teatro Municipal a realização de uma temporada nacional; O Ministério da Educação, por sua vez, preconiza ostensivamente a adoção da lingua mater, para os espetáculos de ópera, mostra-se disposto a patrocinar as tentativas que forem feitas nesse sentido e encomenda a poetas e musicos brasileiros, libretos, traduções de libretos e novas partituras. Nesse particular há a assinalar o convite endereçado aos dois mais notáveis compositores de nossa atualidade, em fins do ano passado, para a confecção de óperas destinadas a enriquecer o repertório nacional; Lorenzo Fernandez fixou suas atenções sobre uma *Marilia de Dirceu* cujo *cenario*, de sua autoria, mantem-se num plano exclusivamente lirico e poetico, sem descer ao comentário politico ou elevar-se à alegoria heroica; Vila Lobos imaginou um vasto festival popular, com o concurso de diversas artes: música, declamação dramática, bailados, cinema, efeitos cenográficos diversos, etc.; Oduvaldo Viana foi encarregado de congregar todos esses elementos dispares em uma ação coorde-

Francisco Mignone

nada e teatral, cuja inspiração e diretrizes ainda não foram divulgadas. Estamos ultrapassando, porém, os limites desta resenha do movimento musical de 1937 e investigando o futuro, cuja vez soará. Regressemos, pois, ao nosso assunto.

TEATROS LÍRICOS

Nada menos de quatro elencos líricos diversos operaram nos teatros cariocas, em 1937.

Carmen Gomes

Ainda em plena Semana Santa inaugurava-se os espetáculos da companhia organizada pela Empresa Artistica e Teatral Ltda., concessionária do nosso primeiro teatro. *A Vida de Jesus*, especie de opera-pastoral de Assis Republicano, sobre versos do Conde de Afonso Celso, constituíra o espetáculo de inauguração. Não nos estenderemos, porém, sobre essa ópera, nem sobre as outras novidades brasileiras apresentadas na mesma temporada — *Jupira*, de Francisco Braga, e *Iracema*, de J. Otaviano — porque delas se trata, especialmente, em outro ponto deste ANUARIO. O resto do repertório não apresentava novidades. Os espetáculos foram quase dirigidos discretamente e seguramente por Santiago Guerra. A Empresa, a titulo de economia, restringia os ensaios, pondo em cena, por pessoal que era licito considerar inexperiente, apenas com um unico ensaio completo, diversas óperas do repertorio. Assim mesmo, para os que até então não tinham tido ocasião de cogitar da possibilidade de semelhantes realizações, com os recursos de casa, a impressão foi de deslumbramento. Da noite para o dia levantara-se um teatro de ópera brasileira, com corpos estáveis proprios, regentes brasileiros e cantores brasileiros! E na suntuosidade de montagens absolutamente identicas ás das temporadas oficiais, entre os mesmos coros, o mesmo corpo de baile e a mesma orquestra, a inferioridade do espetáculo nacional, deante de outros cujas localidades são pagas a peso de ouro, não se fazia quase notar. Tudo marchava bem e o esforço era surpreendente. Mais tarde a companhia organizada pela senhora Besanzoni Lage, trabalhando com muito mais seriedade e objetivos muito amplos, veiu mostrar que essa nossa surpresa nada mais era do que o desconhecimento em que estavamos dos recursos nacionais, em materia de teatro lirico. Já podemos, perfeitamente, formar um bom elenco, exclusivamente constituido por cantores brasileiros. O expressivo sucesso de alguns espetáculos dessa primeira temporada lirica nacional veiu demonstrá-lo sobejamente. Os nomes de Reis e Silva, tenor potentissimo, e Carmen Gomes, uma das mais belas vozes que têm brilhado em nossos palcos, já tinham a consagração de nomes feitos. Outros mais novos encontraram oportunidade para revelar-se, como esse tenor de voz excepcionalmente doce e atraente que é Antonio Salvarezza. A conversão de Margarida Max à arte lirica, com o seu explendido dominio de cena, uma linda voz, segura e afinada, e a graça desenvolta de sua figura, registou, tambem, um sucesso digno de continuação. Tivemos, enfim, a *primeira* do *Guarani* em português, na excelente versão do poeta Paula Barros e sem o corte habitual da primeira cena do segundo ato, na qual Reis e Silva pôs á prova a resistencia e poderio do seu órgão vocal.

Na Lírica Oficial, durante os mêses de agosto e setembro, brilharam os nomes de regentes como Tulio Serafin e Angelo Questa, as sopranos Maria Caniglia e Bidú Sayão o tenor Lauri Volpi, os baixos Salvatore Baccaloni e Giacomo Vaghi, etc. O repertorio incluiu duas novidades: *Lucrezia*, de Respighi e *La Morte di Frine*, de Rocca, além de algumas reposições do mais alto interesse, como a *Francesca da Rimini*, de Zandonai, o

Falstaff, de Verdi, o *Boris Goudonoff*, de Mussorgsky, etc. *Lucrezia* é uma obra prima de dramaticidade e de latinidade. A fluencia de suas páginas tem aquela espontaneidade

Reis e Silva

cristalina, caraterística dos melhores seculos da musica italiana; e a sua vibração dramatica, sóbria, altiva contida, communica a toda a peça o calor de uma ação vivida e superiormente sentida. A *Morte di Frine* é uma obra toda banhada nesse vago sensualismo poetico proprio da adolescencia e que bem revela a extrema mocidade do autor de *Dybuk* ao tempo em que se empenhava na composição dessa obra. Vale a declamação explendidamente plastica e vocal e aquele cuidado na harmonização e no ajuste orquestral a que nos tinham desacostumado os italianos do seculo passado. O *Falstaff* foi a mais bela realização da temporada, pela excelência das vozes, apuro do conjunto e, principalmente, pelo relevo dado a esse imenso personagem da comédia shakespeariana pelo baixo Salvador Baccaloni, que esteve magnifico sob qualquer aspecto: vocal ou cenico. *Boris* e *Francesca da Rinimi* estiveram mais abaixo, como espetaculo, faltando àquele a colaboração perfeitamente adextrada dos córos, que, como já se disse, são o verdadeiro protagonista da ópera; e a esta, mais acurado estudo, de modo a tornar possivel a opulenta movimentação cenica sempre beirando o ridiculo quando, em episodios como o da batalha, no 2.º ato, uma supervisão inteligente, *cinematográfica*, não lhe determina todo o jogo, ou não consegue fazê-lo executar.

Convem notar o grande numero de elementos brasileiros inscritos no elenco dessa temporada lirica oficial, o que, além de superiormente comodo para o orçamento do empresário, satisfaz as exigencias do nosso nacionalismo. Independente de uma outra consideração, porém, e mesmo do desagrado de alguns assinantes, sempre gulosos, exclusivamente, da grandeza vocal de uns poucos astros do firmamento lirico, cada vez mais escassos e preciosos, o que se depreende dessa participação de tantos elementos nossos na temporada oficial de 1937 é a capacidade que já temos de conquistar a nossa independencia artistica num terreno, como o da ópera lirica, em que ignoravamos, totalmente, a extensão de nossas aptidões. Para 31 cantores, que integravam o elenco organizado pela Empresa concessionaria do Teatro Municipal, 14 eram brasileiros; fiquem aqui consignados os seus nomes: sopranos Bidú Sayão, Carmen

Gabriela Besanzoni

Gomes, Théa Vitulli, Ruth Valadares, Germana de Lucena, Gilda Farnese e Helena Gille; contraltos Ana Maria Fiuza e Ligia

Gomes Pereira; tenores Reis e Silva, Antonio Salvarezza e Alessio de Paolis; baritono Silvio Vieira; e baixo José Gerotta.

Nova revelação trouxe-nos, já no ultimo

Angelo Ferrari

trimestre do ano, a companhia organizada pela senhora Besanzoni Lage, a nova concessionaria do primeiro teatro brasileiro. Iniciando suas atividades com uma profissão de fé na capacidade artistica do pais que a acolheu em suas mais altas esferas, a senhora Besanzoni Lage organizou uma *troupe* de estreantes, preparados cuidadosamente e durante mais de um ano, sob as suas vistas, numa severa disciplina e afincado esforço, digno dos mais belos resultados. Os espetaculos que ela nos apresentou, pelo apuro do conjunto, nada ficaram a dever aos da temporada oficial; ao contrario do que fizeram o sr. Piergile e a sua Empresa, no começo do ano, aqui não se contavam ensaios. O lema era realizar com seriedade. E os resultados foram os que tinham de ser graças a esses metodos de trabalho, mau grado a inexperiencia dos cantores estreantes. Violeta Coelho Neto de Freitas, logo na primeira noite de espetaculo, conseguiu colocar-se entre as principais figuras da cena lirica brasileira. Moça, graciosissima, dotada de uma voz generosa, de timbração cálida e opulenta, é imprevisivel o que lhe reserva o futuro, se a sua carreira artistica tiver continuidade. Outros elementos interessantes, e perfeitamente educados, que nos revelou a senhora Besanzoni, foram as sopranos Maria Nazareth Aurelino Leal, Alma da Cunha Miranda e Adjaldina Fontenelle. O repertorio não ia além do trivial; apenas duas partituras menos executadas figuravam entre as *Madama Butterfly* e *Traviata* de sempre: *L'Amico Fritz*, de Mascagni, e essa incrivel *Fedora*, de Giordano, onde o verismo desce a regiões abjétas, de um realismo sem nenhum gosto, de uma violencia inutil e de uma expressão dramatica completamente falseada e privada de qualquer significação.

OS CONCERTOS SINFÔNICOS

Os concertos sinfônicos, como já observamos, foram este ano sacrificados pela folia lirica que se apoderou dos empresarios, com a complacencia ou estimulo das autoridades publicas competentes. Nem mesmo a habitual série de concertos com que a Orquestra Municipal tem inaugurado suas atividades, em ou-

Marian Anderson

tros anos; nem mesmo os concertos dirigidos por Villa Lobos, para finalizar a temporada, tiveram equivalentes, este ano.

A verdade é que os concertos sinfônicos morreram, no Rio de Janeiro, desde que W. Burle Marx — o unico regente brasileiro que até hoje interessou o nosso publico — emigrou

Arnaldo Rebelo

para os Estados Unidos. Não quero dizer com isso que não existam outros regentes no Brasil; basta citar Francisco Mignone, que considero um dos mais finos diretores que temos ouvido; Nicolino Milano, com o seu entusiasmo popularesco e as cores primarias de suas interpretações; ou Lorenzo Fernandez, sob cuja direção já ouvimos tão bons concertos. Mas o fato é que — talvez por se terem empenhado com menos energia do que Burle Marx, nesse setor de atividades artisticas — jamais esses regentes representaram para o nosso publico o que foi o autor daquelas maravilhosas temporadas da *Orquestra Filarmonica do Rio de Janeiro*, quando as lotações do Teatro Municipal se esgotavam para a audição dos grandes monumentos da musica sinfônica, interpretados por uma orquestra particular, obrigada a vencer os maiores tropeços. Ouvimos, assim, uma boa parte do repertorio classico, varias obras corais, os melhores solistas em transito pelo Rio de Janeiro e, até mesmo, o principe dos regentes alemães, neste seculo, o grande Felix Weingartner, especialmente contratado para dirigir alguns de seus concertos.

A situação de hoje é humilhante; a Orquestra Municipal, mantida pelos cofres publicos, como orquestra oficial do nosso primeiro teatro, tem á sua frente, como regentes, dois musicos estrangeiros. O peor é que esse atestado de incompetencia passado em nossos regentes, pela administração municipal, não tem a minima justificativa, porque nenhum desses dois regentes — o italiano Angelo Ferrari ou o alemão Werner Singer — conseguiu, até hoje — com as facilidades de que dispõe — realizar nem a sombra do que fez Burle Marx, em meio a todos os seus embaraços. Depois é preciso convir que, embora excelente diretor para espetaculo de opera, o sr. Angelo Ferrari é bem menos interessante do que Francisco Mignone, por exemplo, á frente de um concerto sinfônico. A situação atual é estranha e equivoca; num pais onde floresce

Lorenzo Fernandez

o mais belo surto musical do Continente, o poder publico, cuja função normal, no terreno da arte, é o amparo e valorização do nacional, despreza os excelentes elementos que

possuimos e dá-se ao cuidado de fazer vir do estrangeiro dois regentes de orquestra. Se se tratasse de um Ansermet ou de um Fritz Busch (já não falamos nem de um Tosca-

Arnaldo Estrela

nini, nem de um Bruno Walter), esse escrupulo seria compreensivel: no caso dos srs. Ferrari e Singer, porém, cuja notoriedade não autorizava semelhante medida de exceção — é um capricho pernicioso, anti-nacional, artisticamente inutil e, até mesmo, retrógrado. Os que têm sobre os hombros as responsabilidades da administração do Teatro Municipal, deviam lançar os olhos para o que vem realizando Mario de Andrade, em S. Paulo, com recursos *muito menores*. Êle improvisou regentes locais, dando oportunidade a que surgissem na estante diretorial os Souza Lima, os Camargo Guarnieri, ou os Casabona; convida os que residem em outros estados para irem dirigir em S. Paulo, e assim, hoje em dia, prescindindo de auxilios estranhos, conseguiu dotar a paulicéa com uma série regular de concertos sinfónicos, preparados com esmero e devoção, e que constituem, como de direito, a parte mais importante da vida musical local.

Para o Rio de Janeiro, contentemo-nos em consignar os tres unicos concertos que constituiram a temporada oficial patrocinada pela Diretoria de Educação de Adultos e Difusão Cultural; e os da Escola Nacional de Musica ou Sociedades particulares, de que trataremos mais adeante.

O concerto sinfónico sem solista, e solista de nomeada, capaz de atrair publico, é outro erro que é preciso evitar, principalmente num meio, como o nosso, onde ainda não há o gosto desinteressado pela pura musica sinfónica. Nesse erro incorreram os citados concertos da temporada oficial do Teatro Municipal, em que apenas figurou, no terceiro, a pianista Yolanda França Moreaux, executando o *Concerto em sol menor*, de Mendelssohn.

RECITAIS

O Rio foi visitado, em 1937, por uma extraordinaria série de grandes concertistas, culminando em Andres Segovia, o violonista sem igual, Marian Anderson, a sensacional revelação *colored* dos Estados Unidos, e Pablo Casals, grande entre os grandes, obrigado a re-

Guilherme Fontainha

tomar a vida de concertista ambulante em virtude da desgraça que aflige a sua patria. Tanto êle, porém, como Segovia, só foram ouvidos em concertos privados da Cultura Ar-

tistica, a que oportunamente faremos referencia. Aqui passaremos em revista, apenas, os concertos publicos.

Em primeira linha citemos essa excepcional

Luiza Lacerda Coutinho

interprete que é Marion Matthaeus Singer, esposa do já referido regente da Orquestra Municipal, Werner Singer. O seu programa, com arias de Papini, Haendel e Verdi, e *lieder* de Schubert, Brahms Wolf, Strauss e Singer, constituiu uma das noites mais brilhantes do nosso primeiro teatro. Roman Totenberg abriu a série dos violinistas, com a sua arte discreta concienciosa e amável; foi excedido, logo depois, pelo nosso já conhecido Nathan Milstein, que se acha deslumbrante, prodigioso como técnica, como bravura e, muitas vezes, como profundeza e penetração. Para o publico, Marian Anderson, a cantora negra, foi a maior atração. Os seus concertos sucederam-se com as lotações esgotadas; a cidade ficou empolgada pela sua voz. Entre os pianistas tivemos o nosso velho amigo Rubinstein, sempre genial, Orloff, impecavel, mas um pouco maneiroso, e Kempf, num concerto privado da Cultura Artistica. O *duo* Ethel Bertlett e Rae Robertson (dois pianos), tambem fez sua aparição, em 1937, obtendo entusiasticos sufragios. O pianista Nino Rossi, em missão cultural italiana, proporcionou-nos deliciosos concertos, em cujos programas brilharam os cravistas ou compositores modernos italianos, de Frescobaldi, Pasquini e Dom. Scarlatti a Martucci e Pick-Mangiagalli. A pianista hungara Erzy Gero realizou um recital na Escola Nacional de Musica. A cantora Edith Flescher fez-se ouvir numa sociedade cultural alemã.

Outros concertos foram realizados no correr do ano, os quais deixo de citar para não alongar esta relação. Convem, todavia, não esquecer a curiosa audição que nos proporcionou, na Escola Nacional de Musica, *o soprano ligeiro* chileno sr. Andre del Negri, que em pleno seculo XX e sem artificios (ao que parece...), vem renovar as façanhas dos celebres *evirati* do seculo XVIII...

Dos nossos artistas que se fizeram ouvir em recitais, destacaremos os pianistas Helena

Camargo Guarnieri

Zolinger, Nise Poggi Obino e Arnaldo Rebelo; a cantora Branca Caldeira de Barros e o violoncelista Eurico Costa. Além dos que tiveram os recitais patrocinados pelas diver-

sas sociedades, conservatorios ou Escola Nacional de Musica.

SOCIEDADES MUSICAIS

A dissolução da Associação Brasileira de

Souza Lima

Musica, incorporada à Associação dos Artistas Brasileiros, foi o evento de capital importancia que assinalou o inicio do ano musical, na esfera da vida associativa. Fundada em 1930 por Luciano Gallet, vinha a A. B. M., desde então, desenvolvendo intenso programa de cultura popular, objetivando em seus recitais, concertos comemorativos, conferencias, e na publicação de uma revista. Iniciativas de incalculavel valor, como a realização dos Festivais Henrique Oswald, em 1931, do Concurso Carlos Gomes, em 1936, e outras, solidificaram o seu conceito no meio artistico brasileiro. Agregando-se à Associação dos Artistas Brasileiros, fundada, essa quase um ano antes, pelo pintor Navarro da Costa, muito ganhou, em prestigio e vitalidade, a associação musical, agora articulada a um vasto sistema de manifestações artisticas, abrangendo pintura, escultura, arte decorativa, arquitetura, letras, teatro, cinema, fotografia, etc. A série de concertos resultante da fusão das duas sociedades foi excelente, destacando-se o recital do pianista Arnaldo Estrela, muito conhecido dos radio-ouvintes, porém excessivamente avaro de exibir sua figura em publico. E' um dos maiores pianistas que o Brasil possue; servido por uma técnica vigorosa e docil, incapaz de comprometer o nivel constantemente elevado de suas interpretações com a menor falha de gosto, sonoridade opulenta, bravura substancial e cintilante, Arnaldo Estrela colocou-se, com esse concerto, entre os pianistas de alta linhagem, dignos de serem ouvidos pelos publicos mais exigentes. Citemos, ainda, os recitais de Nair Duarte Nunes, cantora bem conhecida, legitima gloria da arte vocal brasileira; Oscar Borgerth, o nosso primeiro violonista; Iberé Gomes Grosso, violoncelista capaz de ombrear com os mais ilustres; e Roberto Tavares, pianista de infinita consciencia e trabalhados detalhes, excelente não só nas paginas scarlatianas, em que constituiu uma especialização, mas no repertorio de virtuosidade, a que empresta o brilho de sua técnica muito

Pablo Casals

cultivada e um magnifico entusiasmo; e Isa Bevilacqua, pianista de temperamento rico e sonoridade masculina. Maria Silvia Pinto, uma jovem artista que ainda tem muito que progredir, apresentou um programa com *"a modinha brasileira através dos tempos"*, a

cuja organização presidiu a mais louvavel curiosidade historica. Outro concerto muito interessante que a A. A. B. ofereceu ao seu publico, foi o de composição de Nadile Lacaz de Barros, jovem musicista dotada com as mais finas disposições e rigorosamente orientada, em sua vida artistica, desde os primeiros passos, por esse mestre excepcional que é O. Lorenzo Fernandez. O seu *Canto Nostalgico*, para violino, a *Toada e Dansa*, para violoncelo, e o Trio conferiram à artista direito de ingressar em nosso Olimpo musical, tomando assento ao lado daqueles que têm orientação propria, cultura, preparo técnico e ouvidos para ouvir e sentir as melodias da terra natal. E' um nome que merece fixar nossa atenção. Outra modalidade simpatica e de grande valor cultural, das atividades da Associação dos Artistas Brasileiros, foi constituido pelas conferencias que realizaram, por sua iniciativa, e com valiosas ilustrações musicais, os srs. Rodolfo Josetti, Rodrigo Otavio Filho, Garcia de Miranda Neto, e Aires de Andrade, estudando, respectivamente, *Beethoven, Liszt e seus amores, J. S. Bach* e *O lirismo na canção popular brasileira.*

A Cultura Artistica, a mais rica e poderosa de nossas sociedades, apresentou uma temporada verdadeiramente notavel. Abriu-a um magnifico concerto sinfônico, confiado à direção de O. Lorenzo Fernandez. Entre varias obras de Bach (transcrições de Zandonai e Respighi), Fauré, Respighi e do proprio Lorenzo Fernandez, destacava-se a primeira audição do seu *Concerto*, para piano e orquestra (Arnaldo Estrela, solista). Obra sinfônica fortemente colorida, marcadamente romantica, representa uma nova concepção da forma do Concerto, mais aparentada aos antigos *concerti grossi*, em que se opunham dois grupos de instrumentos, do que à tirania do instrumento solista no grande concerto virtuosistico do seculo XIX. Essa audição, e a do perfeitissimo *Coral Paulistano*, sob a direção de Camargo Guarnieri (com Nair Duarte Nunes solista, na parte intermediaria) foram as duas unicas concessões feitas à arte brasileira, por essa opulenta sociedade, cuja reserva, nesse assunto, mesmo como snobismo, é um pouco inatual. Os restantes concertos foram constituidos por artistas estrangeiros, grandes e pequenos, de passagem pela nossa cidade; alguns, os maiores, Segovia e Casals, foram dados com exclusividade. Aos outros já nos referimos no local competente.

Uma nova sociedade fundou-se este ano, no Rio: a *Sociedade Propagadora da Musica Sinfônica e de Camara*. Não é propriamente, uma sociedade de concertos; o seu fim é congregar amadores e proporcionar-lhes o prazer da execução musical, enquadrados entre profissionais experimentados. Realizou, entretanto, alguns concertos, de musica de camara e de musica sinfônica (com a sua grande orquestra de amadores dirigida por Arnaldo Estrela, A. Lazzoli e Nelson Cintra, sob a inspeção geral do mestre Francisco Braga). Não há que louvar, aí, a excelencia dos concertos, mas, e muito calorosamente o proprio ideal associativo que presidiu a constituição da nova sociedade.

O velho Centro Artistico Musical e a incansavel Academia Brasileira de Musica, prosseguiram, em 1937, as suas atividades normais, segundo os rumos há muito tempo traçados. Proporcionaram-nos concertos regulares, dando oportunidade ao aparecimento de artistas jovens e a outros já consagrados pelos aplausos de muitos concertos.

ESCOLA NACIONAL DE MUSICA

O tradicional Instituto Nacional de Musica, que antes da Republica já se chamara *Imperial Conservatorio de Musica*, teve mais uma vez modificada a sua denominação, com a criação da Universidade do Brasil. E' agora, Escola Nacional de Musica.

A Escola Nacional de Musica, pois, indubitavelmente a mais importante instituição de ensino musical, em toda a America do Sul, realizou, como todos os anos, uma série de concertos culturais, compreendendo (até o momento em que escrevemos), um otimo concerto de sua Orquestra, sob a direção de Nico-

lino Milano, um recital do excelente pianista Frutuoso Vianna, e a apresentação do *Coral Paulistano*, esse magnifico e disciplinadissimo conjunto, que nada fica a dever ás mais celebres organizações do genero, em todo o mundo.

Na vida interna do estabelecimento há a notar, em primeira plana, a recondução do diretor, Guilherme Fontainha, ao qual estão confiados os destinos do estabelecimento desde 1931. E o inicio da realização de uma longa série de concursos para provimento de cadeiras vagas, até quando redigimos estas notas, haviam conquistado o elevado posto os ilustres professores J. Siqueira, Assuero Garritano e Joaquina de Araujo Campos.

Uma novidade lançada pela Escola Nacional de Musica foi a *Coleção de Musica Brasileira*, importantissima edição, através da qual serão divulgados os monumentos de nossa arte musical contemporanea, cuja edição, pelos meios comuns, seria impossivel, devido ao elevadissimo custo e pequena extração (trata-se de música para varios conjuntos instrumentais, orquestra, etc.) Os primeiros autores contemplados foram A. França, Lorenzo Fernandez, F. Mignone, F. Braga e Henrique Oswald.

CONSERVATORIO BRASILEIRO DE MUSICA

Esse importante e juvenissimo estabelecimento de instrução musical, fundado apenas ha mais de uma ano, e que já desempenha função primordial em nossa vida artistica, realizou, no correr da temporada, numerosos concertos e audições de alunos. Por seu intermedio ouvimos alguns de nossos artistas já consagrados, como Yolanda França Moreaux ou Luiza Lacerda Coutinho. E' uma instituição vitoriosa que, sob a direção de O. Lorenzo Fernandez, contagiada pelo seu intenso dinamismo, avança para gloriosos destinos.

MUSICA RELIGIOSA

Felizmente já se vão constatando alguns sinais de vida nova, em nosso ambiente musical eclesiástico. O marasmo de muitos anos, aquela inércia que dera como coisa estabelecida não ser a musica de igreja uma arte com as exigencias e prerogativas ordinarias, tende a desaparecer. Em *S. Francisco de Paula*, por exemplo, um jovem organista e compositor do valor de Antonio Silva, fruto exclusivo da nossa Escola Nacional de Musica, vem lutando por dignificar e purificar a parte musical das cerimonias do culto; sob os seus dedos ageis e experimentados, envoltos numa registração colorida e bem calculada, ouvimos os grandes monumentos da arte organistica através dos seculos. E até mesmo alguns concertos vespertinos de musica sacra tem nos proporcionado esse jovem musico, cuja *Missa São Francisco de Paula*, com grande orquestra, foi muito bem recebida, este ano, na Festa do Orago.

Tambem na igreja do Convento de Santo Antonio, dos padres Franciscanos, pudemos ouvir bons concertos sacros, como o realizado a 7 de agosto, sob a regencia do rev. frei Pedro Sinzig O. F. M., tendo ao orgão a senhora Kitty Terzer, no qual foram executados varios trechos da *Criação*, de Hadyn.

PRIMEIRO CONGRESSO DA LINGUA NACIONAL CANTADA

Não podemos encerrar esta cronica do ano musical sem uma referencia a essa assembléia, reunida em S. Paulo, e que foi, indubitavelmente, o mais importante evento do ano musical brasileiro. Planejado por Mario de Andrade que, á frente do Departamento Municipal de Cultura da capital bandeirante, se tem revelado um excepcional realizador, de rara capacidade de trabalho e atiladissima visão de todos os complexos problemas submetidos á sua gestão. Assim é que, para estabelecer as normas de uma lingua padrão, para o canto, em todo o territorio nacional, convocou musicólogos, compositores, professores de canto e filólogos, que em oito dias de acurado debate, aprovaram, com as necessarias modificações, o texto previamente redigido pelo Departamento de Cultura.

O Congresso teve todo o prestigio das autoridades municipais e estaduais de S. Paulo; foi inaugurado pelos srs. Cantidio de Moura Campos, secretario da Educação do Estado e Fabio Prado, prefeito da Capital; presidiu-o o sr. Julio de Mesquita Filho, diretor *d'O Estado de S. Paulo*. A conclusão a que chegaram os congressistas foi, como se sabe, a adoção do falar *carioca*, para lingua padrão, com algumas restrições (*SS* sibilados; *DD* e *TT* sem palatalização, etc.) As instruções para a boa pronuncia de lingua padrão acham-se publicadas num folheto de 48 páginas, que o Departamento de Cultura está distribuindo profusamente.

Entremeiadas com as sessões de estudo do Congresso realizaram-se varias manifestações musicais do mais elevado alcance, como dois concertos sinfônicos e um vocal, interpretado, todo em lingua portuguêsa, pelos alunos do curso oficial de aperfeiçoamento da sra. Vera Janacópulos. No primeiro dos concertos sinfônicos ouvimos o *Coral Paulistano*, em numeros *a capela* e, com orquestra, no *Actus Tragicus*, de J. S. Bach; encerrava o programa uma primeira audição de vulto: o *Concerto* para piano e orquestra de M. Camargo Guarnieri. Compositor cuja personalidade se vem afirmando entre as mais fortes da arte brasileira contemporanea, Camargo Guarnieri deu-nos uma obra notavel, de uma invenção pujante e imprevista, um dos mais belos exemplares de *concerto* pianistico em nossos dias. A parte do solista, de complexa dificuldade, foi defendida magistralmente por Souza Lima. Como compositor e regente ouvimos esse ilustre *virtuose*, no segundo concerto sinfônico, dirigir o seu *Rei Mameluco*, poema sinfônico tecido sobre a odissea de Amador Bueno e que conquistou o primeiro premio no concurso instituido, em 1936, pelo Departamento de Cultura. E' uma obra sólida, honesta, suculentamente orquestrada. No mesmo concerto, pela primeira vez, ouvimos o explendido *Maracatú de Chico Rei*, de F. Mignone, com adjunção dos coros. O efeito é grandioso, pitoresco e marcadamente caraterístico. Assim, pois, o *Primeiro Congresso da Lingua Nacional Cantada* desdobrou-se num excelente Festival de musica nacional, a que não faltou a contribuição cheia de graça e frescura da petizada dos Parques Infantis, interpretando, numa deliciosa figuração, o tradicional bailado da *Nau Catarineta*.

Carlos Domingues

A coleção *Espelho das Grandes Vidas*, firmou-se como tentativa honesta logo aos primeiros volumes publicados. O criterio da escolha e a belesa das traduções foram objéto de comentarios elogiosos da critica, focalisando a figura de Carlos Domingues como uma revelação de capacidade intelectual na direção do empreendimento.

Versando com facilidade idiomas vários e possuindo uma solida e invejavel cultura, inteligencia viva e penetrante, não poderia ser mais acertada a escolha dos editores Irmãos Pongetti para obra de tal vulto.

Iniciando a série com *Patrocinio*, de Osvaldo Orico, a coleção registrou seu primeiro sucesso, embora se tratasse de uma reedição. O livro esgotou-se rapidamente. A seguir, Carlos Domingues encarrega-se de verter *Danton*, de Herman Wendel, diretamente do original alemão.

Seu trabalho teve uma consagração unanime da critica, que se deteve em minucioso exame de valores. Póde-se dizer que com *Danton* surgiu uma nova fase da tradução brasileira e a experiencia provou o quanto uma boa versão póde influir na vendagem de uma boa obra.

Nessa altura, o diretor se apaixona pelo empreendimento que já se esboça vitorioso e pujante. Apesar dos seus multiplos afazeres, Carlos Domingues trabalha com entusiasmo, movido apenas pelo seu amor aos grandes livros e o desejo sincero de dar aos brasileiros uma coletanea de obras primas da literatura universal.

Escolhe *Talleyrand* de Franz Blei, apresentando mais uma bela tradução que constitui retumbante sucesso de livraria. O publico aceita os autores que *Espelho das Grandes Vidas* lhe apresenta, não obstante serem novos e pouco conhecidos no Brasil. Entretanto, são nomes e obras consagradas pela critica européa, dignos de uma apresentação corréta em português.

Com a saida de *Historia da Inglaterra*, formidavel estudo de André Maurois, que marcava em dezembro de 1937 sua 244ª edição francesa, a coleção que Carlos Domingues dirige com tanto brilho, firma-se como acontecimento de grande significação cultural. Obra, autor e tradutor se harmonisam com rara felicidade, proporcionando ao mais exigente leitor gratas emoções literarias.

Mas, não parou aí o trabalho do diretor de *Espelho das Grandes Vidas*. Já iniciou êle a versão de *Henrique VIII*, de Francis Hackett julgada em todo o mundo, biografia das mais interessantes, contando-se por centenas de milhares os volumes vendidos. Encarregando Costa Neves de traduzir *Santa Helena*, de Octave Aubry já cogita de preparar *Historia de França* de Jacques Bainvile.

Como se vê, a capacidade de trabalho desse intelectual patricio é simplesmente extraordinaria e merece a admiração dos que prezam a boa literatura. Traduzindo e orientando sem qualquer preocupação de mercantilismo, sacrificando suas horas de repouso pela sedução de uma tarefa que lhe é fascinante, é justo que se consigne neste ANUARIO o valor incontestavel do homem e de sua obra.

FINALIDADES DA EDUCAÇÃO

Ministro Gustavo Capanema

Do discurso que o ministro Gustavo Capanema pronunciou, por ocasião do centenario do Colégio Pedro II, verdadeiro "Panorama da Educação Nacional", transcrevemos dois tópicos fundamentais:

CONCEITOS INATUAIS DA EDUCAÇÃO

"Antes do mais, é necessário falar do conceito da educação. Por mais fatigado que esteja êste tema, não me é licito deixá-lo de lado, pois nem na doutrina geral dos nossos educadores, nem na prática até agora seguida pelos nossos poderes oficiais, o conceito da educação está assentado em termos completos e definitivos.

Por um longo periodo de nossa história, a educação foi tida e havida como uma atividade destinada à transmissão das noções e conhecimentos adquiridos por uma geração, à geração subseqüente. Foi com esta finalidade que as escolas, em via de regra, se fundaram em nosso país. A eficiência de um professor se media pela quantidade de coisas que era capaz de transmitir. O aluno se considerava tanto melhor quanto mais volumosa era a ciência que aprendia.

Contra êste conceito frio e estéril da educação, reagiram, entre nós, alguns anos atrás, os pioneiros da escola nova. A doutrina que pregaram, haurida no movimento de renovação pedagógica tão em voga no principio dêste século, exerceu desde logo grande fascinação, e a ela aderiram professores e escritores.

A educação passou, então, a ser considerada como uma função social de excepcional relêvo, e a sua finalidade já não era simplesmente ministrar noções e conhecimentos assentados, mas essencialmente preparar a criança e o adolescente para viver em sociedade, para enfrentar e vencer os obstáculos, os riscos e os fracassos que a vida social oferece a cada um. Educar seria rigorosamente socializar o ser humano. Despertar no individuo o máximo de eficiência, e atirá-lo no largo fórum das competições humanas, eis aí a finalidade visada pela nova pedagogia.

Os poderes publicos perfilharam o dogma, e reformas de grande tômo se fizeram em todo o país.

Somas copiosas foram movimentadas para esta revolução. Escolas e institutos numerosos entraram a ser construidos. Livros e revistas, portadores da doutrina vitoriosa, circularam por tôda parte. O entusiasmo se espalhou entre mestres e discipulos.

A educação brasileira entrou, assim, numa fase nova, nesta fase de intenso trabalho, em que ora nos encontramos.

Força é reconhecer as vantagens que nos trouxe essa renovação pedagógica. E' certo que tal renovação ainda não passou, inteiramente, do plano da teoria para o plano da prática. Grande número de nossas escolas, de todos os ramos e graus do ensino, permanecem atadas à velha pedagogia da repetição. Mas o progresso até aqui realizado é consideravel e precioso. Vamo-nos libertando de uma concepção pedagógica impiedosa e improdutiva, destinada em regra a servir simplesmente à ilusão e à vaidade do espirito. A educação tomou a si o papel de preparar o homem para a vida. O ser humano, e não as suas abstrações, passou a constituir o terreno de tôda a atuação pedagógica. O artificio cedeu lugar à realidade."

A EDUCAÇÃO NO MUNDO MODERNO

"Cumpre-nos, entretanto, apontar a deficiência e o êrro da nova concepção de pedagogia, que se tornou vitoriosa.

A educação, segundo esta doutrina, deve tratar o ser humano como uma entidade social destinada à ação. Tôda a finalidade pedagógica se detém neste limite: preparar cada homem para viver, com o máximo de eficiência, entre os outros homens. A influência educativa a ser exercida sôbre êle consiste em fazer desenvolver ao máximo as suas virtualidades e pendores, em

despertar a sua capacidade de iniciativa, em dotá-lo de amor à atividade, ao esfôrço, à aventura e ao risco.

Mas, a ação para a qual o homem deve ser preparado, esta não é prevista nem definida. A aptidão lhe é dada simplesmente para agir, para atuar, para trabalhar, pouco importando a situação, o problema ou a crise em que êle se venha a encontrar.

Ora, tal espécie de educação poderá ser proveitosa nas épocas tranquilas e felizes, nas épocas de leis duráveis, de ordem consolidada, idéias e conceitos assentados, de vida econômica e espiritual organizada, definida, orientada. Numa época assim, basta a capacidade de agir, para que a ação seja certa e segura, porque as verdades, incontestes e pacificas, são um patrimônio comum, e debaixo de seu império os negócios humanos se resolvem segundo a linha da coerência, da facilidade e do êxito.

O nosso tempo, porém, é bem diverso. Nossa época é dura e trágica. Vivemos numa fase de transição, em que as instituições mais firmes foram contestadas, abaladas ou destruidas, em que tôdas as verdades foram postas em dúvida, em que a negação se formulou contra o espirito e tôdas as regalias espirituais.

Em tal época, a educação não pode adotar uma atitude de neutralidade em face das ocorrências humanas. A educação pode limitar-se, de um modo cético ou indeciso, simplesmente a preparar o homem para a ação, porque êste homem vai agir num mundo de mudança, de contradição e de tragédia, em que está em risco não sòmente a sua pessoa, mas todos os bens materiais e espirituais da coletividade a que êle pertence.

A educação não pode ser neutra no mundo moderno.

E diremos agora que ela não pode ser neutra no nosso país, porque as tempestades do tempo presente já carregam os nossos céus com o estampido e a ameaça.

A educação, no Brasil, tem que colocar-se agora decisivamente ao serviço da Nação.

Sabemos que o Estado tem por função fazer com que a Nação viva, progrida, aumente as suas energias e dilate os limites de seu poder e de sua glória.

E' esta a decisão com que, no Brasil, o Estado agora se estrutura e mobiliza os seus instrumentos.

Ora, sendo a educação um dos instrumentos do Estado, seu papel será ficar ao serviço da Nação.

Acrescentemos ainda que a Nação não deve ser compreendida como uma entidade de substancia insegura e imprecisa. A Nação tem um conteúdo especifico. E' uma realidade moral, política e econômica.

Assim, quando dizemos que a educação ficará ao serviço da Nação, queremos significar que ela, longe de ser neutra, deve tomar partido, ou melhor, deve adotar uma filosofia e seguir uma tábua de valores, deve reger-se pelo sistema das diretrizes morais, politicas e econômicas, que formam a base ideológica da Nação, e que, por isto, estão sob a guarda, o contrôle ou a defesa do Estado.

A educação atuará, pois, não no sentido de preparar o homem para uma ação qualquer na sociedade, mas precisamente no sentido de prepará-lo para uma ação necessária e definida, de modo que êle entre a constituir uma unidade moral, politica e econômica, que integra e engrandeça a Nação.

O individuo assim preparado não entrará na praça das lidas humanas, numa atitude de disponibilidade, apto para qualquer aventura, esfôrço ou sacrificio. Êle virá para uma ação certa. Virá para construir a Nação, nos seus elementos materiais e espirituais, conforme as linhas de uma ideologia precisa e assentada, e ainda para tomar a posição de defesa contra as agressões de qualquer gênero que tentam corromper essa ideologia ou abalar os fundamentos da estrutura e da vida nacional."

O MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E O LIVRO

Cresce, dia a dia, o interesse do Ministerio da Educação por dotar o país de publicações de ordem cientifica, historica, literaria e artistica. Em primeiro logar, são numerosas as publicações periodicas do Ministerio, como os "Anais da Assistencia a Psicopatas," "Boletim Hebdomadario e Mensal de Estatistica Demografo-sanitaria da cidade do Rio de Janeiro," "Arquivos de Higiene", "Arquivos do Manicomio Judiciario do Rio de Janeiro", "Memorias do Instituto Oswaldo Cruz", "Arquivos do Museu Nacional", "Boletim do Museu Nacional," "Anuario do Observatorio Nacional do Rio de Janeiro", "Taboas das Marés para o ano de..." (Observatorio Nacional), "Arquivos de Universidade do Brasil", "Anais da Escola de Minas de Ouro Preto", "Revista Brasileira de Musica" (da Escola Nacional de Musica), revistas e publicações de outras faculdades nacionais da Universidade do Brasil, "Anuario do Colegio Pedro II" e muitas outras que estão sendo preparadas, através do Serviço de Publicidade, do Serviço do Patrimonio His-

torico e Artistico Nacional e de outros serviços ministeriais.

OBRAS HISTORICAS

Das obras de interesse historico, além dos "Anais da Biblioteca Nacional" e dos "Documentos Historicos", dois preciosos repositorios de documentos e estudos brasileiros, a Biblioteca Nacional prossegue na publicação dos "Autos de Devassa da Inconfidencia Mineira", obra que já vai pelo setimo volume. Tambem, em adeantado estado de impressão, se encontra a edição da notavel obra de Barlaeus sobre o periodo nassoviano, vertida do latim, pela primeira vez para o português, vindo a constituir um interessante documento de estudo sobre a dominação holandêsa no Brasil.

A Biblioteca Nacional possue obras rarissimas. Uma Biblia editada em 1642.

Todas as conferencias da serie "Os nossos Grandes Mortos", em que foram revividas as existencias dos maiores vultos do Brasil, nas letras, nas artes, nas ciencias, na politica e na administração, através de estudos dos mais autorizados escritores e criticos da atualidade, estão sendo igualmente editadas, para grande divulgação popular, como um dos meios mais eficientes de promover a educação civica entre nós. Ainda no dominio da história, está sendo impresso o primeiro tomo — Documentos dos Holandêses no Norte do Brasil (1623 a 1634) — dos "Documentos para história do Brasil", coligidos por Joaquim Caetano da Silva e traduzidos pelo sr. Abgar Renault.

O Serviço do Patrimonio Histórico e Artistico Nacional, além de uma revista semestral, está publicando uma série de fasciculos, dos quais o primeiro — "Os Mucambos do Nordeste" — se constituiu de um estudo de Gilberto Freyre e ilustrações de Ismailovitch e Manuel Bandeira.

POESIAS

O Ministério iniciou uma série de "Anthologias", visando reunir as produções mais carateristicas das diferentes fases literarias, do país.

A primeira foi organizada pelo poeta Manuel Bandeira e compreende os poetas brasileiros da fase romantica. Os demais volumes dessa coleção estão sendo preparados. O da fase colonial está a cargo do sr. Sergio Buarque de Holanda, o da fase parnasiana e simbolista aos cuidados do sr. Manuel Bandeira, o da fase moderna a cargo dos srs. Prudente de Morais Neto e Sergio Buarque de Holanda. Precedida de um prefacio do sr. Sergio Buarque de Holanda e com notas do professor Sousa da Silveira, está sendo reeditada pelo Ministério da Educação a primeira obra do romantismo brasileiro, impressa na Europa em 1836: "Suspiros poeticos e saudades", de Domingos José de Magalhães, Visconde de Araguaia.

OBRAS COMPLETAS DE RUI BARBOSA

O Ministério promove ainda a edição de todas as obras de Rui Barbosa, numa coleção que terá cincoenta volumes, alguns em mais de um tomo. Cada volume corresponderá à atividade do grande homem publico brasileiro em cada um dos anos de sua fecunda vida. O primeiro volume a aparecer será o relativo ao longo parecer dado por Rui Barbosa sobre o ensino. Entre os trabalhos que serão publicados, ha alguns inéditos. Será a primeira publicação completa das obras de Rui Barbosa.

COLEÇÃO BRASILEIRA DE TEATRO

Está sendo organizada a Coleção Brasileira de Teatro, com as seguintes séries: *a*) peças dramaticas escritas em lingua portuguêsa; *b*) peças dramaticas do teatro universal em traduções; *c*) obras de teatro lirico, musicado e coreografico (musicas e textos); *d*) estudos sobre teatro (história, critica, arquitetura, cenografia, etc.) Está em preparo uma bibliografia completa das obras dramaticas escritas em português. Foi realizado e apurado um inquerito sobre quais as obras do teatro universal que deverão ser traduzidas. Já se encontra traduzida, no prelo, uma dessas obras "Romeu e Julieta", de Shakespeare, vertida para o português por Onestaldo Pennafort. Está em preparo o inventario de todas as operas nacionais. Foi traduzido e publicado o libreto do Guarani pelo sr. Paula Barros. Varios estudos sobre teatros foram realizados, estando alguns já impressos como os dos srs. Sá Pereira e Jorací Camargo, e outros no prelo como o inquerito sobre o teatro universal, a conferencia do professor Garric e a história

do teatro no Brasil, premiada no respectivo concurso, e de autoria do sr. Lafaiete Silva.

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

Estudando o problema do livro, o sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, apresentou á consideração do sr. presidente da Republica a seguinte exposição:

"O livro é, sem duvida, a mais poderosa criação do engenho humano. A influencia que êle exerce, sob todos os pontos de vista, não tem contraste.

O livro não é só o companheiro amigo, que instrue, que diverte, que consola. E' ainda e sobretudo o grande semeador, que, pelos seculos afóra, vem transformando a face da terra. Encontraremos sempre um livro no fundo de todas as revoluções.

E', portanto, dever do Estado proteger o livro, não só promovendo e facilitando a sua produção e divulgação, mas ainda vigilando no sentido de que êle seja, não o instrumento do mal, mas sempre o inspirador dos grandes sentimentos e das nobres causas humanas.

Para tais objetivos, seria conveniente a criação do Instituto Nacional do Livro. Submeto á elevada consideração de v. ex. um projéto de decreto-lei, dispondo sobre a materia.

Reitero-lhe os meus protestos de respeitosa estima."

O sr. Getulio Vargas, usando das atribuições que lhe confere o artigo 180 da Constituição, assinou o seguinte decreto:

Art. 1.° — O Instituto Cairú fica transformado em Instituto Nacional do Livro.

Paragráfo único — O Instituto Nacional do Livro terá a séde de seus trabalhos no edificio da Biblioteca Nacional.

Art. 2.° — Competirá ao Instituto Nacional do Livro:

a) Organizar e publicar a Enciclopedia Brasileira e Dicionário da Lingua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições.

b) Editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional.

c) Promover as medidas necessarias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país, bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros.

d) Incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas publicas em todo o territorio nacional.

Art. 3.° — O Instituto Nacional do Livro será superintendido por um diretor nomeado em comissão, com os vencimentos equivalentes ao padrão N.

Art. 4.° — O Instituto Nacional do Livro terá, além dos serviços gerais de administração, tres secções técnicas e um Conselho de Orientação.

Art. 5.° — As tres secções técnicas se denominarão: Secção da Enciclopedia e do Dicionário, Secção das Publicações e Secção das Bibliotécas, cabendo á primeira as funções da letra *a*, á segunda as funções das letras *b* e *c* e á terceira as funções da letra *d*, do artigo 2.° deste decreto-lei.

§ 1.° — Cada secção será dirigida por um chefe.

§ 2.° — Os chefes de secção, bem como todo o demais pessoal do Instituto Nacional do Livro serão admitidos na fórma do decreto n. 871, de 1 de junho de 1936.

Art. 6.° — Ao Conselho de Orientação caberá elaborar o plano de organização da Enciclopedia Brasileira e do Dicionário da Lingua Nacional, bem como dar parecer sobre as medidas que devam ser tomadas para que os objetivos do Instituto Nacional do Livro sejam conseguidos.

§ 1.° — O Conselho de Orientação será composto de cinco membros, nomeados pelo presidente da Republica.

§ 2.° — A função de membro do Conselho de Orientação será gratuita e constituirá serviço publico relevante.

§ 3.° — O Conselho de Orientação funcionará na séde do Instituto Nacional do Livro.

§ 4.° — Tomará parte nas discussões do Conselho de Orientação o diretor do Instituto Nacional do Livro, e funcionará como seu secretario, podendo igualmente discutir as materias, o chefe da Secção da Enciclopedia e do Dicionario.

§ 5.° — Nenhuma reunião do Conselho de Orientação se realizaráá sem que para a mesma sejam convocados o diretor do Instituto Nacional do Livro e o chefe da Secção de Enciclopedia e do Dicionario.

Art. 6.° — As publicações do Instituto Nacional do Livro não serão distribuidas gratuitamente senão ás bibliotecas publicas a êle filiadas, mas se colocarão a venda em todo o país por preços que apenas bastem a compensar total ou parcialmente o seu custo.

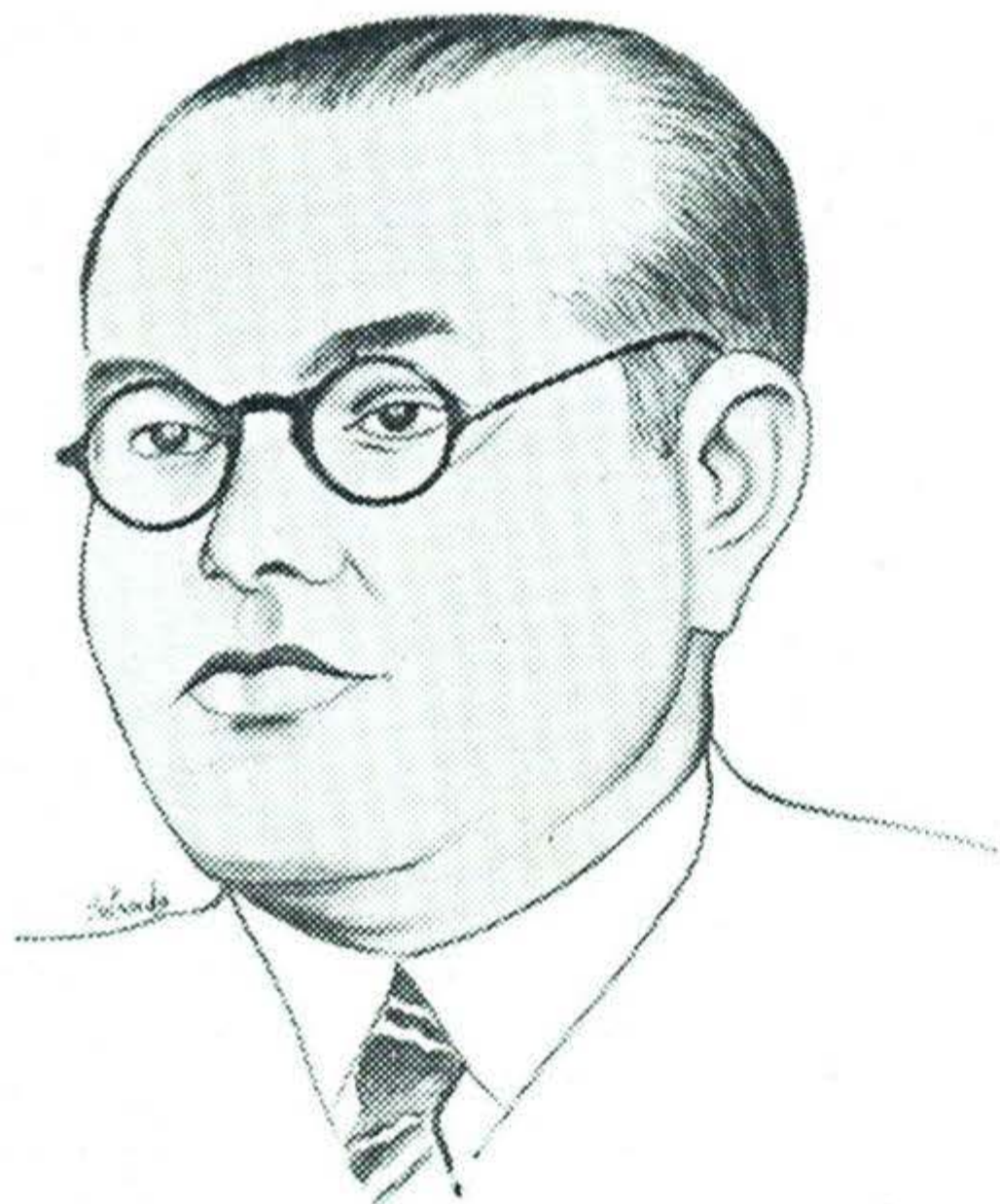
Art. 7.° — O Poder Executivo baixará o regulamento do Instituto Nacional do Livro.

Art. 8.° — Este decreto-lei entrará em vigor no dia 1 de janeiro de 1938, ficando revogadas as disposições em contrario".

Esse decreto-lei tomou o n. 93 e é datado de 21 de dezembro de 1937.

O LIVRO E O RADIO

(As resenhas bibliograficas de P. R. A-2, do Ministerio da Educação)

ROBERTO SEIDL

No dia 3 de novembro de 1936, terça-feira, iniciei, através do microfone da P.R.A. 2, do Ministerio da Educação, uma serie de pequenas palestras de um quarto de hora, com o objetivo de informar o ouvinte do aparecimento das novidades bibliograficas, impressas ou editadas, pelas nossas casas editoras ou impressoras. Desejava, apenas, nestes quinze minutos semanais, dar, ao radio ouvinte, uma idéia, embora ligeira e rapida, do movimento do nosso mercado de livros.

Ao inaugurar estas despretenciosas conversas radiofonicas sobre livros, autores e editores, proferi as palavras que aqui vão transcritas integralmente: "Iniciando hoje, uma seria de transmissões, que serão realizadas todas as terças-feiras, ás 20 horas e 30 minutos e submetida ao titulo e sub-titulo de — "Através dos livros", resenha bibliografica, — convem dizer, antes de mais nada, o que pretende este novo quarto de hora da P.R.A. 2, do Ministerio da Educação.

Não penso fazer critica literaria. Para isto, além de me faltar competencia, seriam exiguos os quinze minutos semanalmente disponiveis.

A preocupação unica destas irradiações é informar. E' dizer, aos que ouvem radio, o que vai surgindo pelo Brasil, em letra de fôrma e em forma de livro, folheto ou revista. E' noticiar o aparecimento de obras, tanto de assuntos literarios e artisticos como cientificos, que possam interessar aos que estudam, pensam e escrevem em nosso país. E' comunicar, enfim, tudo que apresentam as nossas casas editoras, pondo o ouvinte de radio ciente do movimento bibliografico do Brasil, e tambem, se fôr possivel, do estrangeiro.

Tendo o livro em mãos e debaixo dos olhos, estarei em condições de esclarecer o publico ledor bordando alguns rapidos comentarios sobre as obras publicadas e sobre os autores que as subscreveram e as casas editoras que as imprimiram. Sem a preocupação do elogio obrigatorio ou a mania doentia do ataque sistematico, aqui será dito o nome do autor, o titulo da obra, onde foi esta impressa ou editada, e qual o assunto versado e como o autor o tratou. Assim, poderá ter o ouvinte uma idéia da obra apreciada.

Não me circunscreverei a falar, tão somente, de obras recentes, ainda com a tinta fresca do prelo, tratarei, tambem, de livros velhos, de trabalhos antigos, de escritores há muito desaparecidos, que possam interessar aos que, em nosso país, preocupam-se com as letras, as artes e as ciencias.

Sem a minima cogitação de impôr minhas idéias e opiniões darei, simplesmente, minhas impressões de leitura, nada mais.

Leitor, como outro qualquer, emitirei os juizos que fôr fazendo sobre as obras que ocuparem minha atenção, devendo assim serem estes juizos muito subjetivos e passiveis de erro, pelo que, peço, desde já, desculpas aos meus provaveis ouvintes".

Decorrido um ano, após esta irradiação-programa, tenho o prazer de declarar que pude realizar quase todas as promessas feitas, então.

Sendo sempre elevado o numero de obras recebidas não me foi possivel tratar de "livros velhos, de trabalhos antigos, de escritores há muito desaparecidos". Não houve espaço nem tempo para isto. Pude, apenas, quando muito, fazer rapidas referencias a alguns homens de letras falecidos nos ultimos dias de 1936 e durante o ano de 1937: Artur Mota, Estevão Cruz, Belmiro Braga, Paulo Setubal, Goulart de Andrade, Alberto de Oliveira, Almaquio Diniz, Laudelino Freire, Martins Fontes, Vitor Viana e Teodoro Sampaio.

Prometí, tambem, tratar do movimento bibliografico estrangeiro. Tive, no entanto, de me restringir a Portugal de onde, através da livraria H. Antunes, do Rio de Janeiro, recebi impressos de mais de seis casas editoras portuguêsas.

Salvo estas duas restrições consegui executar o que prometêra na palestra inaugural de 3 de novembro de 1936.

Afim de divulgar os meus propositos e interessar os editores, mandei tirar copias datilografadas da palestra inicial, enviando-as ás nossas principais empresas editoras. Estas, com duas ou tres exceções, compreenderam o alcance da iniciativa, remetendo-me logo os trabalhos saídos de seus prélos. Os responsaveis por estas casas editoras sabendo como se desestima em nossa terra o livro e a leitura, apressaram-se em vir de encontro, de quem, com sinceridade, entusiasmo e desinteresse, desejava, apenas, divulgar livros e recomendar leituras.

Assim, todas as terças-feiras, conforme promessa feita na palestra inaugural, pude comparecer ao estudio de P.R.A.-2, na hora exata, para falar de livros, de autores e de editores.

De 3 de novembro de 1936 a 23 de novembro de 1937 realizei 51 palestras. Faltei, apenas, um dia, e por motivo de molestia. Durante toda este tempo só duas irradiações deixaram de ser feitas, uma, a 9 de fevereiro, terça-feira de Carnaval e a outra, a 21 de setembro, dia consagrado ao radio e que, por este motivo, não houve radio...

Penso que a assiduidade e a pontualidade na execução do programa traçado em novembro de 1936 poderá convencer a muita gente que descria dos meus esforços no sentido de propagar o livro através do radio...

Neste afan, desinteressado e sincero, de contribuir para a cultura alheia, tive sempre um exemplo a seguir e a imitar: o do professor Roquete Pinto, cuja vida modelar toda consagrada ao trabalho silencioso, honesto, construtivo e perseverante é para os que ao lado dêle têm a honra de mourejar, como eu, animação e incentivo. Do professor Roquete Pinto, que autorizou estas irradiações, nunca me faltaram palavras de louvor e de incitamento. Foram, sem duvida, estas palavras que me animaram a prosseguir, sem esmorecimentos, na tarefa iniciada há um ano.

Justo será aqui relembrar a contribuição de ouvintes benevolos e generosos que, em frequentes manifestações de aplauso e de apoio, muito me tem animado.

Convidado para escrever no "ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA", editado pelos irmãos Pongetti, achei que a melhor colaboração seria a de mostrar, numa estatistica cuidadosamente feita, o que já realizei, durante um ano, através do microfone da P.R.A.-2, nas suas irradiações hebdomadarias sobre livros, autores e editores.

Nas 51 palestras realizadas tive oportunidade de fazer comentarios rapidos ou apreciações ligeiras a 194 livros assim classificados por assuntos: Romances e novelas — 32; Livros sobre o Brasil — 16; Livros didaticos — 15; Medicina — 13; Livros para crianças — 13; Biografias — 11; História da Civilização — 11; Publicações da Academia Brasileira — 11; Revista, anais, anuarios e outras publicações periodicas — 9; Cronicas — 8; Aventuras e enredos policiais — 7; Educação e ensino — 7; Geografia Geral — 6; Contos — 6; Sociologia e direito — 6; Sexuologia — 5; Religião — 4; Publicações da Biblioteca Nacional — 3; Música — 2; Receitas culinarias — 1; Critica literaria — 1; Peça de teatro — 1; Técnica policial — 1; Poesia — 1; Dicionario — 1; Desporto — 1; Engenharia — 1; Astronomia — 1. Total — 194 livros.

Destes livros 26 foram traduzidos: 11 do inglês, 8 do francês, 5 do alemão e 2 do espanhol.

Estes 194 livros podem ser assim distribuidos segundo as casas editoras ou tipografias impressoras: Livraria do Globo (Porto Alegre) — 22; Livraria José Olimpio (Rio) — 19; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada) (São Paulo — Caieiras — Rio de Janeiro) — 18; Sem indicação de editor ou de casa impressora — 18; Schmidt-editor (Rio) — 14; Livraria Francisco Alves (Rio de Janeiro — S. Paulo — Belo Horizonte) — 12; Livraria F. Briguiet (Rio) — 11; Livraria Lelo & Irmãos (Porto) — 9; Livraria Freitas Bastos (Rio) 8; Imprensa Nacional — 8; Empresa Editora A.B.C. Limitada (Rio) — 7; Livraria Classica Editora (A.M. Teixeira & Co.) (Lisbôa) — 7; Irmãos Pongetti (Rio) — 5; Livraria Jacinto (Rio) — 4; Editora Minerva (Rio) — 4; Companhia Editora Nacional (S. Paulo) — 3; Livraria Editora Guimarães & Co. (Lisbôa) — 3; Tipografia do Jornal do Comercio (Rio) — 3; Livraria H. Antunes (Rio) — 3; Livraria Bertrand Limitada (Lisbôa) — 3; Civilização Brasileira S.A. (Rio) — 3; Livraria Sá da Costa (Lisbôa) — 3; Oficinas Graficas do Arquivo Nacional — 1; J. R. de Oliveira (Rio) — 1; Flores e Mano (Rio) — Est. Graf. "Apolo" (Rio) 1; Escola Tipografica Salesiana (Baía) — 1; Editora Educação Nacional (Porto) — 1; Empresa Literaria Fluminense (Lisbôa) — 1. Total — 194 livros.

A expressão singela destes pequenos algarismos diz muito mais de que palavras e frases recheadas de adjetivos brilhantes e pomposos. Nada mais precisarei acrescentar para evidenciar a contribuição, apesar de diminuta, que as irradiações semanais da P.R.A.-2, do Ministerio da Educação, tem feito para a divulgação do livro e da leitura, tão necessarios, ambos, ao nosso país, onde, infelizmente, tem o analfabetismo encontrado terreno propicio para a sua germinação e desenvolvimento.

O Teatro e o Ministerio da Educação

Por portaria do Ministro da Educação, após autorização do Presidente da Republica, foi creada, a 14 de setembro de 1936, a Comissão de Teatro Nacional, logo depois confirmada pela lei n. 378, de 13 de janeiro de 1937, com o objetivo de estudar as medidas essenciais ao desenvolvimento do teatro brasileiro e promover as realizações possiveis nesse campo de cultura.

A' Comissão se deve a temporada oficial de 1937, que consistiu em representações diarias, a preços populares, durante oito mêses, de tres companhias de arte dramatica, dirigidas por Jaime Costa, Alvaro Moreyra e Alvaro Pires, em

"ASIA", de H. R. Lenormand — 3º quadro, 1º ato — Companhia Alvaro Moreyra.

excursão por todos os Estados do país, estacionando, por igual, na capital da Republica; em 22 representações de grupos de amadores, em diferentes cidades do Brasil; em grandes espetaculos, promovidos diretamente pela Comissão, no Teatro Municipal. A atividade da Comissão se exerceu, ainda, no plano dos estudos, havendo cuidado do teatro em todos os seus generos, até o escolar e o infantil, promovido concursos (de história do teatro no Brasil e de libretos de opera), realizado conferencias (as do professor Garric, do professor Sá Pereira e do sr. Jorací Camargo), encomendado operas com motivos brasileiros e a tradução de libretos estrangeiros, publicado estudos sobre teatro, efetuado inqueritos e exercido outras atividades.

Tal foi o movimento decorrente do programa traçado para 1937 que o sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, resolveu propor ao presidente da Republica a instituição de um orgão permanente para cuidar dos negocios do teatro, aceitando uma sugestão que, nesse sentido, havia sido feita pela propria Comissão de Teatro Nacional.

Em consequencia, o sr. Getulio Vargas, presidente da Republica, confirmando, mais uma vez, o seu grande interesse pelo teatro, assinou o decreto-lei que institue, no Ministerio da Educação, o Serviço Nacional de Teatro.

A esse orgão cabe:

a) Promover ou estimular a construção de teatros em todo o país.

b) Organizar ou amparar companhias de teatro declamatorio, lirico, musicado e coreografico.

c) Orientar e auxiliar, nos estabelecimentos de ensino, nas fabricas e outros centros de trabalho, nos clubs e outras associações, ou ainda isoladamente, a organização de grupos de amadores de todos os generos.

d) Incentivar o teatro para creanças e adolescentes, nas escolas e fóra delas.

e) Promover a seleção dos espiritos dotados de real vocação para o teatro, facilitando-lhes a educação profissional no país ou no estrangeiro.

f) Estimular, no país, por todos os meios, a produção de obras de teatro de todos os generos.

g) Fazer o inventario da produção brasileira e portuguêsa em materia de teatro, publicando as melhores obras existentes.

h) Providenciar a tradução e a publicação das grandes obras de teatro escritas em idioma estrangeiro.

Ao justificar a creação desse Serviço, o sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, fez as seguintes considerações ao presidente da Republica:

"A obra de desenvolvimento e aprimoramento do teatro nacional exige esforço continuado. Incentivos intermitentes e auxilios temporarios não resolverão o assunto.

No corrente ano, mau grado as dificuldades evidentes de nosso meio, já se realizou trabalho de vulto, tendo sido empreendidas numerosas iniciativas, quer no terreno dos estudos sobre a materia, quer no terreno das representações teatrais.

Foi instituida, para tratar do problema do teatro, a Comissão de Teatro Nacional, que vem trabalhando, ha mais de um ano, com frequencia e esmero.

Parece-me, porém, que a obra, a ser executada, está exigindo um orgão mais atuante, de funcionamento permanente, que possa superintender as realizações de toda natureza em materia de teatro.

Submeto, para isto, á elevada consideração de v. ex. um projeto de decreto-lei, instituindo, em logar da Comissão de Teatro Nacional, o Serviço Nacional de Teatro, que passará a ser o orgão executivo adequado á solução do problema. O Serviço Nacional de Teatro, atuando continuamente, e dispondo de recursos satisfatorios, poderá levar por deante a obra encetada, com a segurança de colher resultados cada vez mais compensadores."

MUSEU DE BELAS ARTES

O Patrimonio Historico e Artistico Nacional

Por proposta do sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, o sr. Getulio Vargas, presidente da Republica, creou, em abril de 1936, o Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional. Em janeiro de 1937, a lei n. 378, que deu nova estrutura ao Ministerio da Educação, nele incluindo serviços então creados, definiu, como finalidade daquele Serviço, "promover, em todo o país e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimonio historico e artistico nacional."

Dentro dessa finalidade, vem trabalhando assiduamente, sob a esclarecida direção do sr. Rodrigo M. F. de Andrade, sendo de assinalar-se o que está realizando no Distrito Federal, em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Baía, além de outros pontos do país.

UMA EXPOSIÇÃO DO MINISTRO

O sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, apresentou á consideração do presidente da Republica um importante decreto-lei, que organiza a proteção do patrimonio historico e artistico nacional. Na exposição de motivos que o acompanhou, encontra-se uma explanação exata sobre a materia: "A proteção do patrimonio historico e artistico nacional é assunto que, de longa data, vem preocupando os homens de cultura de nosso país.

Nada, pelo menos nada de organico e sistematico se havia feito, porém, até 1936, quando foi por Vossa Excelencia creado o Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional.

Trabalhava-se, aqui e ali, com pequenos recursos, para evitar um ou outro desastre irreparavel.

O grande acervo de preciosidades de valor historico ou artistico ia-se perdendo, dispersando, arruinando, alterando. Proprietarios sem escrupulos ou ignorantes deixavam que bens os mais preciosos acabassem ou evadissem, ante o descaso ou a inercia dos poderes publicos. As vozes de um ou outro patriota ou o esforço deste ou daquele homem publico não traziam o remedio necessario e adequado.

A creação do Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional, em abril de 1936, foi o passo decisivo. Montou-se o aparelho de alcance nacional, destinado a exercer ação energica e permanente, de modo direto ou indireto, para conservar e enriquecer o nosso patrimonio historico e artistico, e ainda para torna-lo conhecido e estimado.

(*Continúa no fim do ANUARIO*)

O significado de um documento

O Dr. BENEDITO VALADARES preside aos destinos de Minas Gerais com a clarividencia dos homens talhados para as grandes tarefas administrativas.

Numa fase em que a rotina politica desapareceu do cenario nacional, os verdadeiros homens de Estado se revelam com desembaraço.

O Governador Benedito Valadares é uma das mais brilhantes afirmações de capacidade administrativa no momento. Suas atenções se concentram corajosamente no restabelecimento economico do Estado, através da sua modelar Secretaria de Finanças.

Nesse importante departamento da vida economica estadual avulta a figura impressionante do Dr. Ovidio de Abreu, realizador seguro de todos os planos recentes e que tão grande influencia exercem na vitalidade economica estadual.

Esse colaborador precioso realizou modificações profundas na administração financeira, consignadas na brilhante Mensagem do Dr. Benedito Valadares e da qual damos a seguir os mais importantes trechos.

GESTÃO FINANCEIRA

A orientação administrativa do meu Governo, no que concerne á gestão financeira, tem visado sempre a redução das despesas e o aumento da receita. A redução das despesas, apesar de diversas providencias para ela tomadas desde o inicio, tais como o empenho das despesas referentes á execução de obras e aquisição de material, não tem sido possivel em face das novas necessidades da administração. Essas providencias vão sendo, porém, beneficas, porquanto estabelecem ordem, impedindo que se façam gastos fóra das dotações orçamentarias, e possibilitam um conhecimento perfeito da situação, de fórma que se saibam os recursos com que podemos contar para a realização de qualquer empreendimento administrativo.

Estão em plena execução os dispositivos legais referentes áquelas medidas. E, concentrados nas mãos do Governador, em virtude de dispositivo constitucional, os atos relativos á nomeação do pessoal, nada há mais a fazer, quanto á regularização das despesas, senão obedecer fielmente ás normas estabelecidas.

O PROBLEMA DAS RENDAS

Cumpre-nos expôr o que se tem feito em relação á obtenção de recursos para as necessidades publicas. Se estas crescem incoercivelmente, acompanhando a marcha do progresso, é indispensavel que, para provê-las, se cuide com especial atenção das rendas. Não indaguemos por que não se procurou, em anos anteriores, reforçar as rendas na proporção do aumento das necessidades publicas e das dividas do Estado. E' ardua tarefa, que exige condições especiais para ser desempenhada. Meu governo tem feito o que é possivel nesse sentido, e em curto espaço de tempo já conseguiu resultados bem animadores.

Se mais não conseguiu, foi porque encontrou uma desorganização generalizada em todo o aparelho fiscal. Não se exercendo devidamente a fiscalização de rendas e concedendo-se com frequencia indultos fiscais, ocasionou isso certa resistencia da parte dos contribuintes. A deficiencia de aparelhamento das coletorias, a falta de normas seguras para que os exatores desempenhassem satisfatoriamente seu mistér não permitiam que a receita do Estado fosse reforçada de acordo com as necessidades. Influiu, tambem, para isso a depressão economica de então, em parte resultante da ausencia de estímulo ao desenvolvimento da produção.

DISCRIMINAÇÃO DE RENDAS

Meu Governo não se descurou da questão das rendas: mas só em 1935, ao ensejo da nova discriminação instituida pela Constituição, pôde cuidar das providencias de ordem legal.

Com a observação dos fenomenos que se produzem no campo das rendas, temos verificado que

a discriminação antiga não satisfazia de modo cabal as condições da União, dos Estados e dos Municipios. Quanto á atual divisão, feita de modo uniforme e rigoroso, ainda se nota que lhe falta o sentido da realidade brasileira, não só no tocante á natureza de certos impostos, como nas diferenciações decorrentes da posição geografica, economica e financeira de alguns Estados. A propria Constituição Federal considerou-a provisoria.

CODIGO TRIBUTARIO

De qualquer forma, porém, tinhamos que moldar nossa legislação pelos dispositivos da Constituição Federal. Em vez de nos limitarmos a decretar os novos impostos de acôrdo com a discriminação constitucional, julgámos oportuno mandar fazer uma consolidação de todas as leis fiscais existentes, excluindo os preceitos já revogados ou obsoletos e introduzindo normas e principios de natureza fiscal que facilitassem a arrecadação das rendas. Ficou, assim, elaborado o Codigo Tributario do Estado, que então não existia. Este Codigo entrou em vigor em 1.º de janeiro de 1936.

Decorrido o primeiro ano da execução da reforma tributaria, pudemos verificar que êle, conforme aliás previramos na mensagem anterior, não trouxe beneficios sensiveis ao orçamento do Estado. Do balanço entre os impostos creados e os suprimidos vê-se que os resultados quase se equivalem.

Compreendendo que, dentro da atual discriminação das rendas, se tornava dificil compôr um regime fiscal para o Estado — que promovesse o equilibrio orçamentario, sem aumento de impostos — procuramos resolver o problema por meio de medidas que impedissem a evasão das rendas, de forma que a imposição fiscal atingisse de modo equitativo toda a massa dos contribuintes.

REFORMA DE SERVIÇOS

Para tal finalidade, urgia reformar o nosso aparelho fiscal, a começar pela Secretaria das Finanças, colocada em posição central de orientar, estimular e prover, em todo o vasto territorio do Estado, aos varios postos de coleta, fiscalização e arrecadação das rendas. Só assim poderia ela desempenhar sua missão, que diz respeito tambem ao pagamento das despesas e ao registo, em forma contabil, não só dessas operações, como de todos os fatos referentes á vida economica e financeira do Estado.

A antiga organização da Secretaría, além de não deixar a cargo do Secretario o exame de assuntos relevantes, colocando-os na alçada do diretor geral do Tesouro, distribuia todos os serviços por tres diretorias apenas. Disso resultava, para estas, impossibilidade material de execução de todos os seus encargos, bem como inconveniente aglutinação de assuntos varios e desconexos. Seguindo metodo racional, decretou-se reforma pela lei n. 104, de 23 de outubro de 1936, de maneira a se obterem serviços de resultados praticos e imediatos, realizaveis e proveitosos, tomando-se por base o criterio do agrupamento de trabalhos semelhantes e a delimitação do ambito de função dos seus dirigentes. Estudada convenientemente a natureza dos diversos negocios que correm por

Dr. Ovidio de Abreu, Secretario das Finanças, espirito culto e empreendedor, que conseguiu em poucos anos de labor titanico e produtivo elevar o nivel economico-financeiro do Estado de Minas Gerais, tornando sua situação, de grave que era, francamente ascensional.
A mensagem do inclito Governador, Dr. Benedito Valadares, mostra á saciedade o quanto sabe construir esse jovem Secretario de Finanças, em tão bôa hora chamado para cooperar com o Governo mineiro.
Honra lhe seja dada e que Minas ainda conte com seus prestimos inteligentes por mais alguns anos, para a completa libertação financeira do possante Estado montanhês.

aquela Secretaría, verificou-se que eles só poderiam ser bem cuidados se distribuidos pelos seguintes departamentos:

Departamento de Estudos Economicos e Legislação Fiscal; Departamento de Impostos; Departamento de Fiscalização; Departamento de Tomada de Contas; Departamento da Despesa Fixa; Departamento da Despesa Variavel; Departamento da Fazenda de Minas Gerais, no Rio de Janeiro; Departamento do Serviço do Café, no Rio de Janeiro e Departamento da Fazenda de Minas Gerais, em S. Paulo.

A finalidade precípua da Secretaría é obter rendas; a creação destas, porém, deve ser precedida do estudo de suas possibilidades e conveniencias, no campo economico e financeiro, — o que só se consegue, com fundamento compulsando estatisticas rigorosas da produção, exportação, importação, consumo e circulação das riquezas e examinando as condições gerais do Estado. Este trabalho incumbe ao Departamento de Estudos Economicos e Legislação Fiscal. A este departamento compete, tambem, acompanhar o desenvolvimento do sistema fiscal em vigor, afim de que

seja cada vez mais aperfeiçoado e sempre escoimado de lacunas possivelmente existentes. Vem êle alcançando suas finalidades, fazendo proveitosas pesquisas no campo economico e financeiro, e examinando a legislação em vigor, para o fim de aperfeiçoá-la.

Lançadas as leis fiscais, cumpre orientar sua aplicação, instruindo os agentes arrecadadores, solucionando duvidas e possibilitando a mais perfeita coleta de contribuintes. Essa função foi atribuida ao Departamento de Impostos, a cujo cargo ficou, tambem, orientar o serviço de liquidação da divida ativa. O Departamento de Impostos vem tendo atuação marcante no desenvolvimento do serviço, respondendo rapidamente a consultas formuladas pelos agentes arrecadadores, orientando-os com sua assistencia técnica, em todas as questões e duvidas suscitadas, e providenciando quanto á liquidação da divida ativa. Ainda recentemente, por ocasião dos dificeis trabalhos de lançamento de impostos, no primeiro ano da execução do Codigo Tributario, este Departamento representou papel de grande importancia, assegurando a perfeita execução das novas leis tributarias.

Para que as leis de natureza economica ou financeira possam colimar seus objetivos, não basta que sejam sancionadas; é mistér exercer-se fiscalização atenta e ininterrupta, que impeça seu desvirtuamento e oriente os exatores. Eis aí a função do Departamento de Fiscalização.

Entrando em ação este Departamento, verificou-se que o organismo da fiscalização, apesar de servido por um grupo de devotados funcionarios, se ressentia de providencias de natureza varias — desde o aumento do numero de fiscais até ás minucias da execução do trabalho a seu cargo. Nem era possivel que o nosso vasto territorio, pelo qual se disseminam 230 coletorias, 65 postos fiscais e 300 sub-postos, cerca de mil distritos e outros tantos povoados, e através do qual se espalham contribuintes em numero superior a um milhão e 500 mil, fosse fiscalizado por 37 funcionarios apenas. Todos quanto se dedicam á causa publica, no nosso meio fiscal, sentiam a premente necessidade de ampliar-se esse quadro, sem o que seria inutil qualquer esforço para repressão das mil maneiras de se fraudarem as leis fiscais.

Tendo em vista a dificuldade das funções do fiscal de rendas, as quais exigem conhecimentos da materia, dedicação e identificação com as importantes finalidades da fiscalização, deliberou a administração comissionar, em tais cargos, antigos funcionarios da Fazenda, principalmente coletores e escrivães. Assim procedendo, seguimos, aliás, a orientação já traçada no decreto n. 161, de 1935, que foi o primeiro passo dado dentro das novas diretrizes fixadas para esse serviço.

Pudemos verificar, por estudos feitos no Departamento de Fiscalização, que as despesas decorrentes do aumento desse quadro foram cobertas com sobra, exclusivamente pela arrecadação efetuada de modo direto pelos fiscais, arrecadação que na ausencia deles, se teria perdido.

Arrecadados os impostos e taxas, cumpria examinar se sua cobrança obedecera aos principios contidos nas leis e se toda a renda revertera aos cofres do Estado. Ao Departamento de Tomadas de Contas foi atribuido este mistér e mais o de examinar e classificar os gastos a cargo das exatorias corrigindo os enganos possivelmente encontrados. Desincumbindo-se dessa função, o Departamento possibilita á administração estar permanentemente a par das responsabilidades de todos aqueles que lidam com dinheiro publico, obtendo que sejam recolhidos com presteza os saldos verificados, em poder dos exatores.

Organizada, assim, a Secretaría na parte que diz respeito á arrecadação, tratou-se de organizar os serviços referentes á despesa. Seguindo a classificação de despesas instituida pela Constituição Estadual, que as dividiu em despesa fixa e variavel; creou-se o Departamento da Despesa Fixa, ao qual se atribuiu o pagamento do funcionalismo civil, militar e inativo, e o Departamento da Despesa variavel, ao qual estão afetos os gastos de natureza aleatoria, e mais o serviço de juros de apolices, e o empenho prévio de material e obras. Tais Departamentos têm apresentado resultados plenamente satisfatorios; o pagamento ao funcionalismo é feito com a maior rapidez, quer com relação aos funcionarios que recebem na capital, quer com referencia áqueles que recebem nas coletorias; as despesas de material e outros gastos de natureza transitoria vem sendo rigorosamente controladas, observadas as dotações orçamentarias. Ressalta, ainda, o serviço da divida fundada, que, pelos moldes por que vem sendo feito, permite que se conheça prontamente a situação do passivo do Estado.

Os resultados das operações efetuadas pelos departamentos já mencionados ou por quaisquer outras dependencias do poder publico, convergem para o Departamento da Contabilidade, onde se procede ao registo da arrecadação das rendas e o pagamento das despesas, bem como a de todos os demais fatos relativos á administração economica e financeira do Estado. Foi nesse Departamento que se operou profunda modificação na estrutura dos serviços de contabilidade. Neste sentido, o que havia, antes, era um registo anacronico, inexpressivo e sem base. Já hoje a vida financeira e economica do Estado é inteiramente escriturada em forma contabil, de maneira a atender ao mais exigente pesquisador. Essa organização racional, sob todo ponto de vista, exerce influencia decisiva nas atividades da Secretaría, quer sumariando o movimento de todos os departamentos, quer impulsionando a marcha, cada dia mais ativa, de cada um deles.

A intima ligação destes departamentos, visando não sómente ao incremento da arrecadação e ao pronto registo das despesas, mas tambem ao rapido andamento dos processos e mais papeis sujeitos á estudo, exige que o controle dos serviços internos tambem sofra a influencia dessas diretrizes renovadoras. Creou-se, assim, o Departamento Administrativo, cujas atribuições dizem respeito ao expediente em geral da Secretaría. Nele têm sido colhidos os resultados mais lisonjeiros. A uniformização e simplificação do movimento de papeis, com distribuição rapida, tem permitido que, debaixo de absoluto controle, os assuntos cheguem ao conhecimento das autoridades superiores com a presteza desejavel, refletindo sua atuação de modo benefico sobre os serviços a cargo dos demais departamentos.

A organização que acabámos de expôr demonstrou ser necessaria a generalização dos principios

O sorteio das Consolidadas Mineiras desperta sempre um grande interesse, dada a excelencia dos seus planos.

adotados na Secretaría, estendendo-se os mesmos aos demais departamentos fazendarios, para que se integrassem plenamente na maquina administrativa da Fazenda Publica. Assim, cuidou-se, tambem, da uniformização das dependencias consideradas externas e que são as situadas no Rio e S. Paulo.

A Inspetoria Fiscal de Minas, na Capital Federal, padecia não sómente dos defeitos oriundos de um regulamento antigo, mas tambem da multiplicidade de serviços e da complexidade de assuntos a seu cargo. Creou-se, por isto, o Departamento da Fazenda de Minas Gerais no Rio de Janeiro, que ficou com os encargos do controle da exportação mineira pela Capital Federal, estabelecendo ponto de contacto com as estradas de ferro exatoras, e tambem com o volumoso serviço de apolices da divida interna e a função de pagar as despesas do Estado na Capital da Republica. Este Departamento, que, além dos serviços referidos, se desincumbe de inumeros outros de interesse do Estado na Capital Federal, vem desempenhando cabalmente as funções que lhe foram atribuidas. Durante o ano de 1936 foram arrecadadas por seu intermedio, rendas no total de 105.183:722$500.

A cargo do mesmo Departamento estão, na sua maior parte, os serviços de averbação, transferencia, calculo e pagamentos dos juros das apolices da divida interna do Estado, nominativas, e das dos emprestimos de apolices ao portador, de 5 % e 7 %, e das obrigações do Tesouro de 9 %. Durante o exercicio de 1936 as despesas deste serviço, feitas por intermedio do Departamento da Fazenda de Minas Gerais, montaram a ..... 26.000:047$900.

A Secção do Café, que se encarregara dos serviços do extinto Instituto Mineiro do Café, foi transformada em Departamento do Serviço do Café no Rio de Janeiro, integrando-se, assim, na organização da Secretaría das Finanças. Ficou a seu cargo controlar o escoamento do café mineiro, a direção dos armazens reguladores, a estatistica cafeeira e a manutenção das relações constantes com as organizações particulares e publicas que cuidam do assunto.

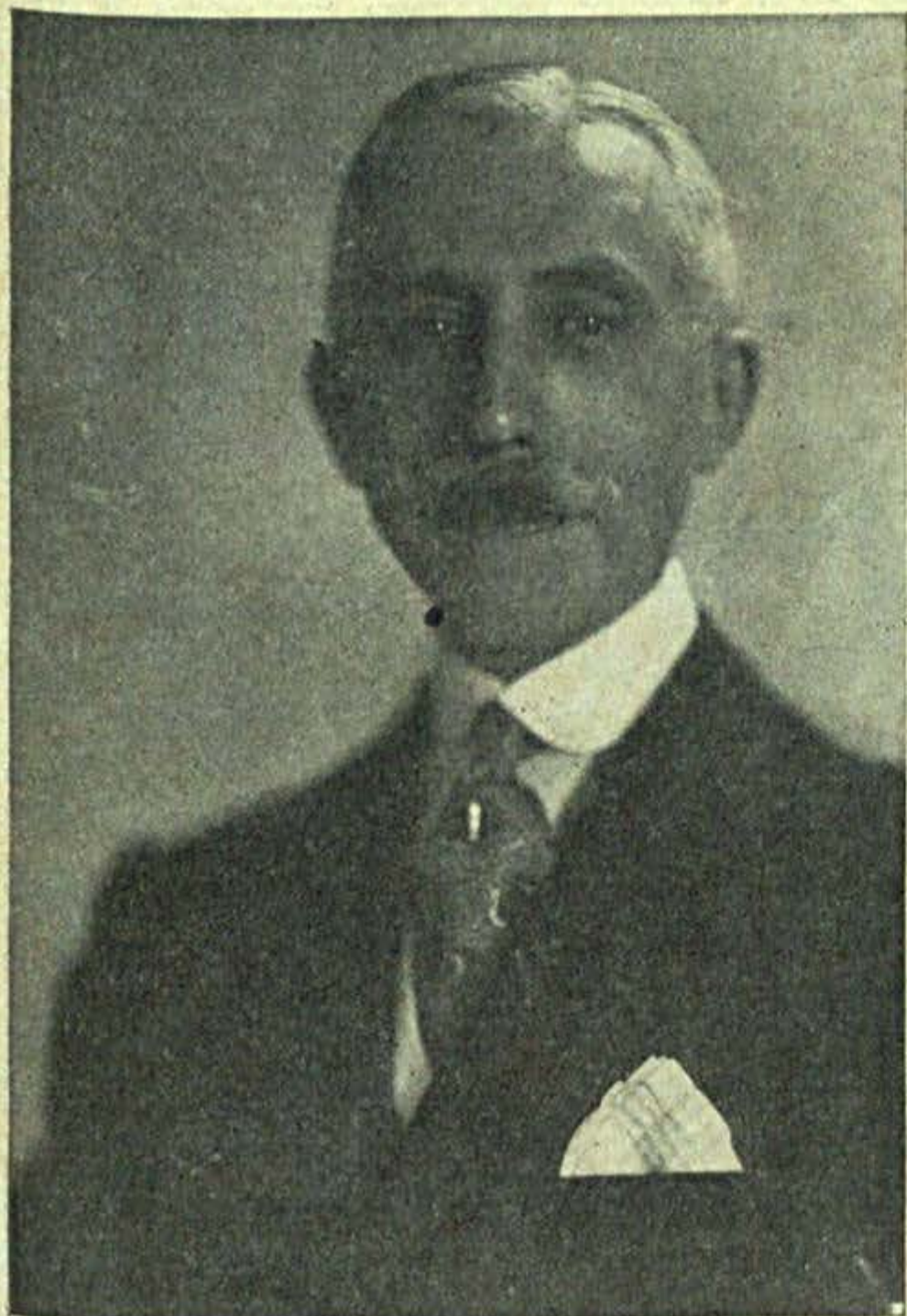
Assinalaremos, aqui, que a despesa orçamentaria fixada para o mesmo em 1936 foi de .... 3.167:086$000, e, para 1937, de 2.535:398$000, tendo sido gastos apenas 1.935:017$000 em 1936. Este serviço, que não era feito pelo extinto Instituto Mineiro do Café com a mesma eficiencia, chegou a custar áquele Instituto, no exercicio de 1932-33, 9.652:241$089, importancia em que foi fixada a despesa para o aludido exercicio.

Em S. Paulo, nossa representação no dominio fazendario fazia-se sem unidade de direção: alguns serviços eram efetuados pelo inspetor de rendas localizado naquela Capital, outros por uma Secção do Café, que não tinha atribuições perfeitamente definidas. Procurou-se corrigir o inconveniente, unificando-se os serviços no Departamento da Fazenda de Minas Gerais em S. Paulo, ao qual ficou competindo, em linhas gerais, o controle de nossa exportação pelo porto de Santos e do escoamento das quotas cafeeiras destinadas ao Estado de Minas Gerais. Incumbe-lhe, além disso, a representação dos interesses deste Estado junto ao de S. Paulo e a inspecção da arrecadação efetuada pelas Estradas de Ferro que têm contratos fiscais com a administração mineira.

Organizados, assim, o orgão central do mecanismo financeiro do Estado e suas dependencias no Rio e em S. Paulo — com o desdobramento de serviços essenciais por departamentos que atendem á tecnica e á especialização de cada ramo — a Secretaría das Finanças converteu-se em um nucleo de atividade fiscal, atento, seguro e realizador.

A·TEMPORADA·DE·OPERA·NACIONAL

«Vida de Jesus», de Assis Republicano — «Iracema», de J. Otaviano — «Jupira», de Francisco Braga.

JOÃO ITIBERÊ DA CUNHA

VIDA DE JESUS

Teve inicio em março deste ano, com a representação de um *Misterio,* a tão almejada experiencia do teatro lírico nacional, com artistas nacionais e obras de compositores tambem nossos. E' um velho sonho que se realiza e torna-se necessario não crear o desanimo nas ostes ainda pouca aguerridas dos nossos cantores de palco. Tudo tem um começo. E este, na verdade, foi dos mais auspiciosos. Muito se esforçaram para esse resultado os maestros Piergili e Ruberti, concessionarios do Municipal.

A primeira obra a ser montada foi a *Vida de Jesus,* de Assis Republicano, ou melhor a *Natividade de Jesus.*

Não é uma ópera, mas um espetaculo religioso, como aqueles que se representam na Idade Média nos porticos das Igrejas e nas praças publicas, com o nome de *misterios,* e que tinham um sabor de admiravel candura.

O poema do Conde de Afonso Celso que lhe serviu de libreto possue a suficiente ingenuidade e a inquebrantavel fé cristã que o genero exige.

Já assim não sucede com a musica do maestro Assis Republicano. E não é uma censura que lhe fazemos. Vamos explicar.

Dominado pelo espirito da sua época, inquieto e cheio de complicações, o maestro patricio não quís externar-se com a simplicidade dos pastores, nem a ingenua devoção dos povos primitivos. A sua musica dissora sabedoria: ela é bem feita de mais, muito polifônica e atormentada para a representação de uma coisa tão simples como um *Misterio.* Falta-lhe tambem o caráter religioso e místico para ambiente assim impregnado de fervor e devoção como esse de Belém, na Judêa, por ocasião do nascimento de Cristo.

Cada um dos quadros (menos o terceiro) é enriquecido com um *Preludio* que oferece as proporções de uma *Sinfonía.* Isso retarda a ação, já de si monotona e quase sempre estatica do misterio.

Ninguem com mais habilidade maneja os recursos da orquestra ou dos córos, ás vezes lembrando mesmo a grandiosidade impressionante de Wagner e a magestade severa de Bach nos seus corais.

Sentimos logo o musicista seguro do *métier.*

Não existem *arias,* nem propriamente *melodias* na obra de Assis Republicano. Um recitativo continuo, mas devéras expressivo, preenche os efeitos dessas velhas modalidades da arte musical. Não esperem, pois, que a Virgem Maria embale o seu Divino Filho com uma daquelas encantadoras *Berceuses* que fizeram as delicias do nosso dormir infantil.

Em compensação há em todo o *Misterio*

uma grande unidade de concepção, um belo trabalho contrapontistico e harmonico de excelente modernidade, uma orquestração rica e variada, que colocam o maestro Assis Republicano entre os melhores compositores nacionais.

Certo trecho da *Vida de Jesus*, como o *solo* de violoncelo do terceiro quadro (excelentemente executado por Iberê Gomes Grosso) recorda, pela insistencia e duração demasiada, a cantilena interminavel do Pastor, no começo do terceiro ato de *Tristão e Isolda*.

Felizmente, não deixa de haver na composição de Assis Republicano uma atmosfera pastoral que o redime, ás vezes, das composições polifônicas em que é tão habil.

Os córos, em geral, são bem tratados. Aquele que começa pelas palavras *O bom Jesus saudemos*, em belissimo estilo *fugato*, é de efeito impressionante.

Aliás, a *fuga* é um genero preferido pelo compositor, e existem algumas na sua obra, de magnifica fatura e interesse orquestral evidente. Republicano cultiva a polifonia á á moda dos velhos mestres flamengos.

Dissemos que não havia espirito religioso na obra de Assis Republicano e este surge, no entanto, de modo quase inesperado, já no *Epilogo*, quando Jesus aparece pregado na cruz, entre os dois ladrões, e que ouvimos o legitimo cantico do Salmo: *Eis crucificado o Senhor*, canto puramente liturgico e da Igreja catolica... alheio, portanto, á inspiração do autor.

Vida de Jesus foi um grande sucesso.

Iracema

A lenda simbolica, e por assim dizer *fluida* (em se tratando de uma Iára, criatura deslumbrante e magica de agua) que inspirou o poema de Tapajós Gomes e, por sua vez, a musica apaixonada e sentimental de J. Otaviano, só podia ter esse caráter lírico e arrebatado que lhe deu o compositor patricio.

O pequeno *Preludio*, ao cair da tarde, é uma página de singela inspiração, com algo de bucolico e entusiastico que exprime o amor, no seu sentimento forte de eternidade e constantemente perturbado pela duvida.

Logo a seguir o côro entôa uma bela estrofe: *O sol já cai descambando*. E as vozes se espalham pela cena, convidando depois para as orações: *Corramos e a Deus clemente e piedoso oremos!*

E' toda uma passagem de religiosidade, um pouco superficial e de pura convenção, mas cuja musica exprime, contudo, a fé ingenua, a quase crendice das gentes primitivas. Os sons do órgão e os sinos, misturando-se, completam o quadro.

Quando Iracema surge em cena, cheia de ansiedade, e corre ao rio, á espreita para ver se a Iára lhe aparece, apresenta-se a primeira fase dramatica no recitativo: *Eu vivia feliz, delirando no sonho...*

Muito bem movimentada toda a cena entre Moacír e Iracema, entremeada de sentimentos contraditorios — amor, duvidas, ciúmes — até á interrupção do dialogo pelo Côro religioso que canta:

Oh! Deus, recebe a minha prece... ao que responde Moacír com o convite feito a Iracema: *A' reza. Vamos...* E temos aqui um final concertante de seguro efeito, como nas velhas óperas de antanho.

A cena seguinte mostra-nos Madalena á procura de Iracema, interrogando os camponios; finalmente, dá-se o encontro das duas mulheres e o coloquio desesperado e torturante entre mãe e filha, a proposito da Iára.

No final desta parte coloca-se o *Intermezzo*, com côro interno, relembrando a oração precedente, perdendo depois, a pouco e pouco, o caráter religioso para entrar em plena fantasia com o *Bailado das Ondinas*.

No epilogo estamos em plena tragedia, ou antes magica, com o aparecimento da Iára e de Iracema, que lhe cái nos braços, some-se no rio, para depois reaparecer no céu como uma estrela brilhante...

E o povo ajoelhado canta:

E' a alma de Iracema, transformada em estrelas, no céu!

Foi aplaudida com intenso entusiasmo a obra de Otaviano.

Jupira

A novidade mais importante da Temporada Lírica Nacional foi, sem duvida alguma, a *Jupira*, de Francisco Braga, representada a 1.º de maio, no dia comemorativo do Trabalho, no Teatro Municipal.

Embora não se tratasse de uma estréia, e sim de uma simples *reprise* desse belo trabalho da mocidade do autor de *Anita Gari-*

baldi, o espetaculo não deixou de ser sensacional.

Jupira, ópera em um ato, libreto de Escragnolle Doria, traduzido para versos italianos por Menotti Buja, foi levada á cena pela primeira vez a 17 de outubro, de 1900, no defunto Teatro Lírico, de tão gloriosas tradições e que a diretoria da Caixa Economica entendeu de demolir para ali instalar uma garage ao ar livre... Modernismo *à outrance!*

Os interpretes, nessa ocasião, foram os sopranos Adelina Tromben e Livia Berlendi, respectivamente Jupira e Rosalia; tenor Rambaldi, Carlito; e barítono Arcangeli, Quirino.

A ação resume-se no seguinte:

"Ao abrir o velarium, o espectador tem deante de si o esplendor da floresta virgem, o encanto empolgante da natureza brasileira. O *Preludio* da ópera executado com a cena aberta, exprime a tranquilidade, a frescura, o encanto pitoresco de uma paisagem grandiosa e sem fim, onde, entretanto, se vai desenrolar uma ação dramatica intensa em que vão tumultuar as mais violentas paixões.

Findo o *Preludio,* aparece Jupira, em cujas veias corre o sangue indigena. Manso e manso, melancolicamente, ela contempla a lua nascente. Apenas o canto tristissimo dos passaros ocultos na floresta, acompanha a espaços os pensamentos dolorosos de Jupira.

Dentro em breve, Quirino, amante desprezado por Jupira, chega possuido de entusiasmo e amor. Segue-se uma cena em que Quirino, com a maior exaltação, descreve á Jupira os seus sentimentos de amoroso desespero.

Jupira responde a Quirino que ela lhe não póde corresponder, pois ama Carlito e é por êle adorada. Quirino, no auge da exaltação, busca arrastar Jupira para a floresta; esta se debate, foge e corre buscando um auxilio qualquer.

Carlito apresenta-se inesperadamente em cena e atira-se enraivecido contra Quirino. Jupira procura refugio nos braços de Carlito, e Quirino foge.

Jupyra e Carlito ficam sós, Carlito quiséra falar, mostrar-se inquieto, dar valor ao incidente, mas apenas consegue fitar com insistencia a janela da casa de Rosalia. Jupira, depois de uma longa cena de caricias e exprobrações, fingé despedir-se de Carlito e vai ocultar-se atrás de um tronco de arvore. Apenas Carlito a julga distante, corre com incrivel ansia á casa de Rosalia e atira um pequeno seixo de encontro a uma das janelas da casa.

A janela abre-se com cautela, e surge uma graciosa moça, que se debruça ansiosamente. E' Rosalia. Jupira, no esconderijo, sente-se prêsa de um fremito de acerbo ciúme; quiséra aparecer a Rosalia e Carlito, mas contem-se, e espera.

Rosalia e Carlito trocam protestos e amplexos de amor, enquanto Jupira, sempre oculta, acompanha o coloquio dos dois amantes com palavras de desalento, magua, ciúme e horror. De subito, ouve-se um côro longinquo, cujas vozes dizem: *varia o amor como a lua varia; o amor é inconstante como inconstantes são os ventos.*

Rosalia se entristece com as palavras do côro (aliás a síntese da ópera inteira) e pede a Carlito que lhe confesse os seus amores. Carlito, com desprêzo e com fria barbaridade dos que não amam mais, fala de Jupira, jurando a Rosalia desprezar a indigena e amor tão vil. Carlito despede-se de Rosalia, atirando-se nela onde se achava no inicio da cena.

Jupira, em prantos, invoca as alturas, clamando por vingança.

Chega de novo Quirino, Jupira comunica-lhe que está atraiçoada: Carlito ama Rosalia. Quirino assegura a Jupira que só o amor dêle Quirino poderá dar a Jupira paz, embriaguês, conforto; pede-lhe que esqueça os amores de Carlito. Jupira, entregando a Quirino uma faca, pede que a vingue. E' a ultima prova que Jupira exige do amor de Quirino: mostre-lhe Quirino o sangue de Carlito, e Jupira será de Quirino.

Quirino aceita, ouve-se a voz de Carlito que parte para uma caçada. Jupira e Quirino ocultam-se. Carlito encontra-se com Rosalia, que lhe pede para não partir, pois sinistros pressentimentos a salteiam. Carlito a tranquiliza, e afasta-se. Jupira acha-se frente a frente com Rosalia, e as duas rivais se dão a conhecer. Jupira revela a Rosalia a trama que deve pôr termo aos dias de Carlito. Rosalia repele Jupira e dirige-lhe palavras de horrorizada exprobação. Estas palavras calam no animo de Jupira. Ela, cheia de remorsos, e ainda de amor, corre para o lado da floresta; mas encontra-se com Quirino que volta, pálido, exaltado, brandindo a faca tinta de sangue.

Quirino atira a faca aos pés de Jupira, dizendo-lhe que ela está vingada, e Jupira dá um grito e cobre o rosto com as mãos.

Rosalia invectiva Jupira e Quirino. Quirino arrasta Jupira por uma das mãos até á ponte. Rosalia quiséra segui-la, mas balda de forças, cái sentada sobre uma pedra, soluçando. Quirino mostra a Jupira um corpo que ao longe flutua sobre as aguas. Jupira repele Quirino. Erguendo os braços, exclama no paroxismo da dor e do desespero: *Eis-me, Carlito, sigo-te* — e precipita-se nas aguas, Quirino cái de joelhos, com as mãos estendidas.

Rosalia ergue-se, amaldiçoa Quirino, e corre como louca para a pequena casa, arrancando-se os cabelos, em altos soluços.

A cena fica vazia, como no principio da ópera. A orquestra executa de novo o *Preludio,* em cujo têma musical se entrelaçam as frases melodicas que exprimem a dôr, os desgostos o desespero de Jupira.

Por fim, domina a natureza, só a natureza, grande, indiferente deante da miseria e das paixões humanas, quadro eterno, esmagador para quem é destinado a ser aniquilado pela fatalidade."

Este o entrecho dramatico e violento em que se baseou Francisco Braga para escrever o seu primeiro trabalho operistico, uma obra da mocidade, cheia de lances apaixonados, que muito aproximam a *Jupira* da escola verista italiana, menos quanto ao estílo musical, mais cuidado e sempre de boa inspiração.

Jupira foi á cena sabado, 1.º de maio, á noite, no Teatro Municipal, com os seguintes interpretes: sopranos Gilda Farnese e Germana de Lucena; tenor Machado Del Negri e barítono Asdrubal Lima. A regencia esteve confiada ao maestro Henrique Spedini.

Assim, pois, a data de primeiro de maio, cognominada simbolicamente *Festa do Trabalho* e, por isso mesmo, comemorada sempre *sem trabalho,* com folga e folganças populares, ficou este ano assinalada nos fatos da nossa história musical com a vitoria de duas realizações artisticas: mais uma tentativa bem sucedida do nosso teatro lírico nacional e a representação, em terceira audição no Brasil, da ópera do maestro Francisco Braga.

A noite foi de triunfo para o nosso incipiente teatro de ópera — quer dizer para os artistas que tomaram parte nesse espetaculo — e para o velho (no sentido de mais antigo) e glorioso compositor nacional, o autor da *Jupira,* que teve ocasião de reviver um episodio da sua mocidade, de uma mocidade que se prolonga pelos anos afóra, apenas mais coberta de louros... e de experiencia da vida!

A obra do maestro Braga teve acolhimento delirante por parte do publico, dos artistas e dos proprios professores da orquestra.

"*Jupira* possue todas as qualidades brilhantes e solidas que exornam o talento de Francisco Braga. Nela se reconhecem logo a beleza vibrante da inspiração e a ciencia absoluta do *métier.* E' um trabalho nobre e sincero, de idéias ultra romanticas e apaixonadas, com formas ritímicas e melodicas sempre interessantes e efeitos pitorescos de orquestração que já indicam, desde esse primeiro ensaio lírico, a personalidade do compositor patricio.

A declamação lírica revela-se desde logo moderna (sem ser *modernista*), o acento dramatico sempre justo e a unidade que apresentam os personagens não deixa de ser uma excelente qualidade, o que prova a sincera evocação e a boa psicologia artistica que todos êles tiveram na alma poetica de Francisco Braga.

Deveria talvez haver, ás vezes, no palco, mais movimento e vida. Mas esse pequeno senão, que não chega a ser um defeito, não pertence ao compositor e sim ao libreto, porque na parte orquestral nunca falta a partitural — fantasia, entusiasmo, bravura e paixão.

Os interpretes têm que ser particularmente dextros e bons atores, além de cantores, e possuir algumas qualidades de tragediantes, com especialidade para a cena final que é extraordinariamente violenta.

Jupira começa por um côro interno, a seco, para cinco vozes mixtas, não muito facil de justa entonação, (interrompido apenas por uma curta frase de violoncelo) e que foi dado com excelente segurança. Segue-se logo o *Preludio* orquestral, página da mais significativa importancia por conter uma frase caraterística de toda a ópera, frase simbolica, sem intenção de crear *leit-motiv,* mas que se torna de uma eloquencia flagrante no decorrer da ópera. Essa bela frase, vibrante e apaixonada, apresentada de inicio no tom de *rê maior,* vai subindo aos poucos, como para uma apoteose gloriosa, sempre de *meio tom* e, por fim, nas duas ultimas vezes, de uma *terça,* parecendo indicar um esforço supremo para atingir mais depressa o ideal, o enlevo supremo de um grande amor. Todo o trabalho é magnificamente contrapontado, e enfei-

ta-se de *grupetos* que relembram um pouco a maneira de Wagner, sem contudo procurar imitá-lo ou seguir-lhe as pégadas no mecanismo puramente formalistico do mestre de Bayreuth. E' um enfeite de boa aparencia auditiva e que participa ainda um pouco do genero *cravo*.

As cenas que se seguem (logo a 1.ª caraterizada por uma frase larga, de bela inspiração) apresentam-nos, ora Jupira, num inquieto e doloroso monologo; ora Jupira e Quirino dialogando; ora Jupira e Carlito; Carlito, Jupira e Rosalia; mais uma vez Jupira sózinha; Jupira e Quirino; os quatro unicos personagens juntos, sendo que Rosalia e Quirino escondidos; a penultima cena assignala o tragico encontro entre as duas mulheres; Jupira e Rosalia; e, por fim, alcançamos o desfecho do episodio passional com a presença das duas heroinas e ainda de Quirino, num surto dos mais dramaticos e violentos. Termina a ópera a mesma frase do *Preludio*, desta vez mais ampla e tragica no acompanhamento simplificado, como para significar o aniquilamento dos personagens, na derrocada de todas as paixões humanas.

Impossivel enumerar neste trabalho todas as belezas da partitura da *Jupira*, apesar de ser esta em um ato — mas que dariam francamente para dois bons atos, separados por um *Intermezzo* com motivos tirados da propria ópera.

Convem, entretanto, assinalar o expressivo e sentimental *adagio* de Jupira: "L'umile ancella indigena", que se ornamenta com um acompanhamento tão poetico e tenue como se fôra uma visão eterea; o *côro* da introdução, desta feita com acompanhemento orquestral; toda a cena entre Jupira e Rosalia; o impressionante *andante* desta ultima: "Come dell'ombra sua", e tantas e tantas outras passagens que fazem da *Jupira* primoroso lavor musical.

Os interpretes foram conciencioscs e mereceram os aplausos com que o publico os galardoou.

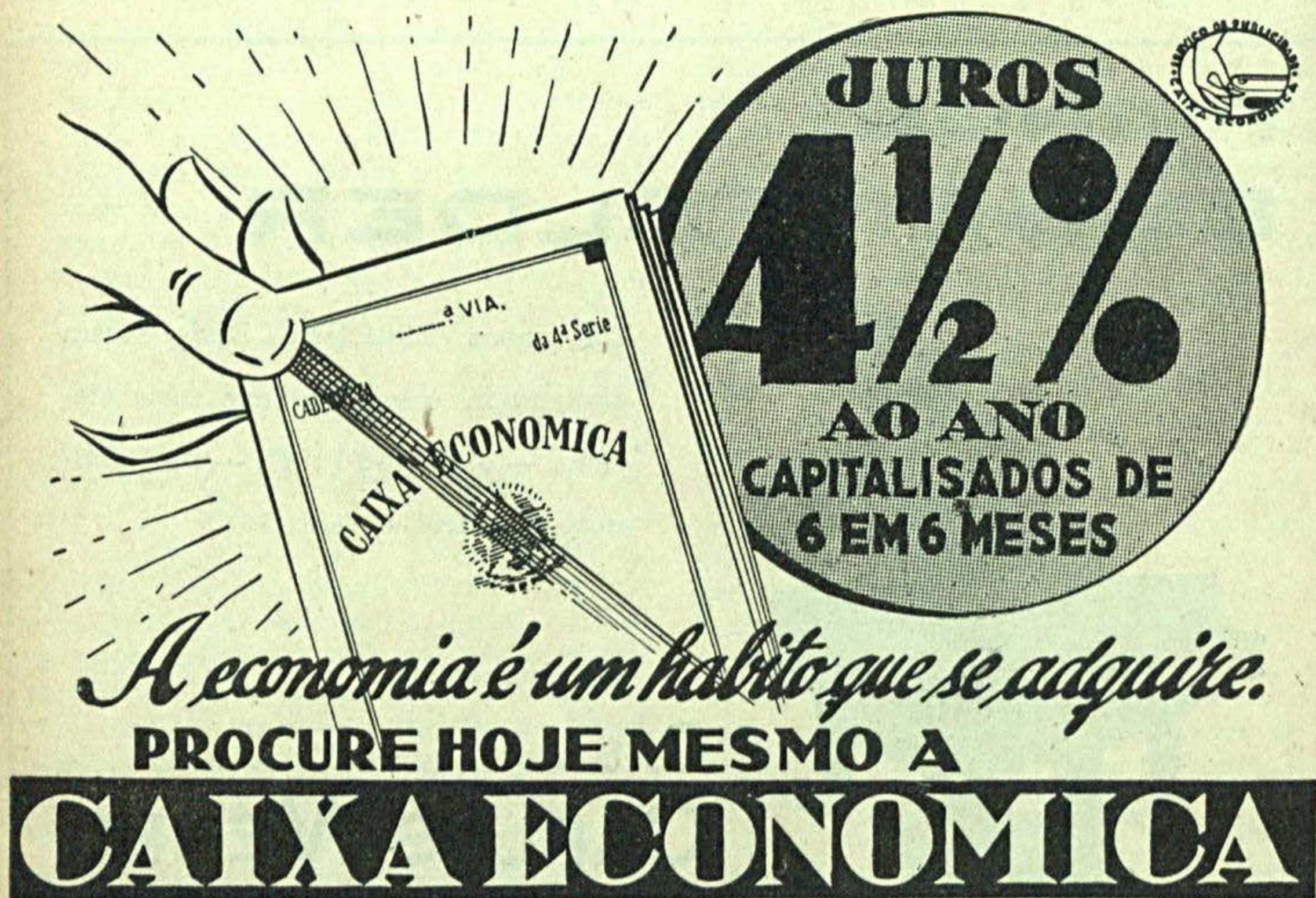
Gilda Farnese, na Jupira, revelou voz muito agradavel, de bom timbre, suficientemente educada e que se presta aos lances dramaticos. Germana de Lucena, com a sua carateristica expressividade, fez uma Rosalia ingenua e sentimental, valorizando-lhe o

papel. Machado Del Negri, no Carlito (já reposto da gripe insidiosa que o atacou) e Asdrubal Lima, sempre excelente artista, no Quirino, deram vida e intensidade dramatica aos seus papeis.

A orquestra, sob a direção habil e segura do maestro Henrique Spedini, contribuiu com toda a eficiencia para dar relevo, colorido e paixão á bela partitura de Francisco Braga, num trabalho atento de todos os instantes, pois numa primeira representação é preciso estar alerta ás minucias da musica e da situação dramatica, não perder de vista nenhum dos musicos da orquestra e nenhum dos cantores no palco. Spedini venceu galhardamente todos esses obstaculos.

Os cenarios belissimos e de efeito poetico. A movimentação muitissimo natural, tudo a indicar a orientação artistica dos maestros Ruberti e Piergili.

Todos os artistas e o valoroso regente foram entusiasticamente aplaudidos e chamados varias vezes ao procenio.

O eminente maestro Francisco Braga fez jús, na verdade, á grande ovação que teve, como legitimo heroi da noite, com uma obra escrita há mais de quarenta anos e que poderia ser datada de ontem, tal a modernidade de *bon aloi* que ainda possue a *Jupira*."

E teve assim o Teatro Nacional a sua esplendida estréia com tres obras carateristicas, cada uma no seu genero, dando uma indicação eloquente das nossas possibilidades em materia de arte lírica.

Proposições nacionalistas

(Estudo sociológico)

ALVARO BOMILCAR

As nacionalidades não se constituiram, não poderão jamais constituir-se, por meras formulas de fraternidade, devotamento e sentimentalismo para com os troncos de que procedem, mas por atos virís de patriotismo, coragem e firmeza, individualizantes de seu povo, de sua terra, de sua história e do novo ambiente politico.

*

"Não póde haver erro mais grave, disse Washington, em sua "Alocução de despedida", do que esperar favores de nação para nação."

Uma Patria, dizemos nós, não póde ser uma sociedade comercial em comandita.

*

Intercambio comercial e intelectual, entre dois povos, presupõe equivalencia de interesses. Quando um póde dar tudo e outro nada póde dar, não ha sentimentalismo que justifique um pacto deshonesto.

*

O hospede mais pesado é o que se supõe com direito aos melhores aposentos, invocando um parentesco remoto, ou antigas bemfeitorias de que o dono da fazenda não encontrou em suas terras nenhum vestigio.

*

O Brasil é uma grande retorta de raças. Nenhum povo europeu ainda o que mais tenha influido na formação nacional, pela posse formal da terra e pela transmissão do idioma, póde falar mais alto do que os brasileiros em sua terra. Si aos avós coubesse um direito, o de antiguidade, esse pertenceria ao fator primordial da nacionalidade, o espoliado aborigene das nossas selvas.

*

Devemos orgulhar-nos de nossas origens americanas e de ser um conglomerado de todas as raças.

Não houve inventos, creações de utilidade, reformas e cometimentos politicos no Brasil, que não fossem iniciativas de brasileiros,— mestiços de todos os povos — entre os quais, só no continente europeu, se contam mais de oito origens diferentes.

*

No Brasil não se fala o português. Fala-se o brasileiro, com síntaxe, prosodia, estílo e vocabulario brasileiros.

Os filólogos oficiais e oficiosos, que querem a nossa lingua fixa e imutavel, supondo reter no tempo as formas gramaticais adotadas em Portugal, e os apologistas das no-

vidades ortográficas sistematizadas por G. Viana, hão de ser vencidos, porque a evolução da glotica é um fenomeno natural, e o povo é o supremo arbitro, a que se rendem os gramaticos. O nosso uso é que fará a *suprema lex.*

*

A maioria dos Brasileiros, mesmo a dos intelectuais, não conhece o seu país. Os politicos estudam as creações estrangeiras e fazem-nas adotar sem restrições. Os cidadãos do litoral, por vaidade, copiam dos estrangeiros as exterioridades, vicios e defeitos.

A nossa cultura é artificial e exotica. O nosso grande mal — a indiferença.

*

O Brasileiro é um povo inteligente, desviado do seu destino historico pela força dos preconceitos.

Falta-lhe a união que faz a força, e o orgulho nacional — , expressão maxima dessa força.

*

"Brasileiro não dá para nada", — é uma frase inventada contra nós pelos interessados no nosso aniquilamento. Alguns governos vão-n'a aceitando sem verificar a sua exatidão, e nem siquer observar-lhe a procedencia suspeita...

Entretanto, não só nas ciencias, nas letras, nas artes e nos inventos, mas até nos desportos, brilha a capacidade dos brasileiros.

A verdade é positivamente esta: — Brasileiro dá para tudo!

*

"Isto é um grande país, o que lhe falta são homens"! E' outra frase que corre mundo, e, muitas vezes repetida, converteu-se em aforismo.

Os homens que aliam o talento ao caráter são numerosos entre nós. Não aparecem, não figuram, porque receiam perder a linha, quiçá a bôa reputação, pondo-se em contato com a politica, cujo ambiente malsão poderia asfixiá-los.

Preferem a obscuridade.

Pois bem: na obscuridade conta o Brasil muitos homens capazes de bem serví-lo.

*

A expressão "classes conservadoras" dispensa por toda parte qualquer explicação.

No Brasil, torna-se, porém, necessaria. Aqui chamam-se "classes conservadoras" os capitalistas estrangeiros que, livres de impostos sobre a renda, conservam para si a faculdade de exportar, para as patrias de origem, todo o ouro ganho nas transações comerciais e industriais, licitas ou ilicitas.

E' uma inversão audaciosa que reflete a nossa escravidão economica.

Com mais 30 anos de favores ás classes conservadoras, o Brasil, completamente exgotado e empobrecido... *requiescat in pace!*

*

No Brasil tomam rumos diferentes os imigrantes conforme os países de que procedem. Uns vão para o interior, intensificar a lavoura. Vinculam-se á terra, e ajudam-nos a crear, crescer, produzir.

Outros instalam-se nas cidades maritimas, montando industrias parasitarias, que são o melhor atestado da nossa incuria e boa fé. Tornam-se grandes capitalistas, adquirem jornais e predios, fazem politica contra nós, e dão-nos, em suma, o regalo da carestia da vida! Si os engeita a fortuna, largam o trabalho, promovem "greves" maximalistas, e dão que fazer ás autoridades.

São estes os que pleiteam formas de governo para o Brasil, valendo-se da nossa evidente desorganização politica.

*

Cada povo tem o direito de escrever o nome de sua Patria como entender melhor.

A grafia da palavra Brasil, com z ou com s, tem dado ensanchas a discussões entre os filólogos.

Os maiores escritores brasileiros de todos os tempos optaram pelo z. Silva Lisboa, José Bonifacio, Feijó, Joaquim Caetano, Varnhagem, Batista Caetano, Taunay, Candido Lago, Castro Lopes, Olavo Bilac, Afonso Celso, Domingos de Castro Lopes, etc., grandes cultores do idioma, notaveis na politica, na ciencia e nas letras, preferiram concientemente o z. Brasil com z encontra-se nas Constituições do Imperio e da Republica. E' pois, como provou Candido Lago e sustenta Domingos de Castro Lopes, "uma conquista nossa" que cumpre zelar e manter.

(*Continúa no fim do ANUARIO*)

rimbos com texto em Esperanto devem-se aos Srs. dr. Junqueira Aires, então Diretor Geral do Departamento dos Correios e Telégrafos, Emilio Tavares de Macedo e Raul de Azevedo, respectivamente, ex-diretor e diretor da Diretoria Regional do Distrito Federal.

A procura dos mencionados sêlos é enorme e cada vez maior: dos três primeiros a Liga Esperantista Brasileira enviou cêrca de 5.000 exemplares para o interior do país e mais outros 48 países, p. ex.: 548 para a Holanda, 308 para a Polônia, 273 para os Estados-Unidos, 252 para a Suécia, 248 para a Austria, 214 para a França, 202 para a Alemanha, 143 para a Inglaterra, etc., bem como para os lugares mais distantes, como Argélia, Coréia, Egito, Iran, Islândia, Japão, Java, Mandchúria, Rodésia, Tasmânia etc. Do sêlo jubilar, saído em agosto do ano passado, a referida Liga tinha já remetido em meiados de novembro mais de 5.000 exemplares. O então ministro da Viação, dr. Marques dos Reis, e o Prof. Licínio de Almeida, secretário-geral daquele ministério, receberam, em Esperanto, várias cartas de congratulações pelo incomparável apôio à causa do idioma auxiliar, as quais foram por êles respondidas em Esperanto.

O entusiasmo despertado pela emissão no Brasil, do sêlo em honra ao Jubileu de Ouro do Esperanto foi tão grande, que o periódico "Heroldo de Esperanto", órgão oficial da "Internacia Esperanto-Ligo", inseriu num dos seus numeros longo artigo, do qual destacamos o seguinte trecho que traduzimos:

"Os nossos sucessos oficiais se acumulam de ano para ano, e justamente nos ultimos tempos podemos registar tôda uma série dêsses acontecimentos oficiais. O que, porém, nos alvoroça de modo particular é o novo reconhecimento do govêrno brasileiro com a emissão dum sêlo postal especial para comemorar o Jubileu de Ouro do Esperanto. Tem a significação duma vitória, oficial, da qual podemos com direito orgulhar-nos. Ao govêrno brasileiro, e principalmente ao seu progressista ministro da Viação e Obras Públicas, dr. Marques dos Reis, agradecemos de tôda a alma pela atenção novamente dirigida à nossa causa. Eis, pois, *o sr. ministro não fez apenas dizer palavras gentís,* como as que frequentemente ouvimos de outros ministros e homens eminentes, *mas criou um fato!* Fato, que fala uma língua convincente, mesmo àqueles que não querem crer na vitória da nossa causa. Porque, se a êsses céticos se póde provar que governos de países importantes não hesitam em considerar a língua internacional como valioso fator de cultura e o jubileu dessa língua como acontecimento de significação histórica, e se ainda, êsses governos não têm dúvidas em confessar isso publicamente por uma expressão tão evidente, qual um sêlo oficial, então igualmente os céticos, os descrentes ficarão pensativos".

Principalmente para nós, brasileiros, é motivo de orgulho a simpatia dos nossos governos à bela causa de Zamenhof, cujo escopo nada mais é do que o congraçamento dos povos. Apoiar e dedicar-se a esta causa demonstram elevação de espírito: e que maior elevação do que a de procurar todos os caminhos possíveis à conquista da Paz entre os homens?

Aspectos da ignorancia

General MOREIRA GUIMARÃES

Ao que se diz, tem sua filosofia cada creatura. Tem. Deve ter... Porque ninguem resiste ao desêjo — antes ao desêjo que a vontade, coisa mais rara — de haver todo um prisma, integral, para o fim de contemplar o mundo e todos os mundos, prisma feito de outros prismas parciais através do qual se logra importante vista geral, bem acabada concepção do que se acha em nós e fóra de nós. O certo é que, desta sorte, pelo gesto e pela palavra, cada qual, queira ou não queira, julga transparente a superioridade, não apenas de um sistema filosófico, mas da propria filosofia, sob cuja penetração — como artista — lá está creando beleza o homem ou individuo, na musica, na poesia, na pintura, na escultura, na arquitetura; como cientista, descobrindo verdades nessa e naquela ordem de fenomenos; como força na industria e na politica, executando, realizando, agindo não só sobre a terra senão sobre o organismo social, produzindo beneficios, melhorando a existencia.

Vai, assim, sem o saber esse individuo ou esse homem, construindo a religião em que se alenta, religião com o seu culto, com o seu dogma, com o seu regime. A obra se executa sem plano predeterminado. Faz-se pelos impetos naturais da creatura, sob as energias do coração, da inteligencia, do carater.

E no primeiro momento, religião e filosofia, tudo é filosofia...

Não obstante, com a presunção de tudo saber, a ilusão é que possue, esse homem ou esse individuo, todas as claridades da filosofia. E contudo não logra certamente mais do que o brilho fugaz de qualquer sistema filosófico.

Mas, naquele primeiro momento, chama-se imperfeição o que salta aos olhos. Que importa? Logo tudo se acomoda aos passos hesitantes, incertos, desordenados. Em outras palavras: como saber, sem a ciencia? E esta veiu tarde.

Nas trevas, todavia, começou erguendo-se a creatura. E da filosofia, que ainda não era com efeito a filosofia, surgiram as ciencias. A um tempo investigando e coordenando, eis o que andou a fazer o espirito humano, lá muito longe, na India, na China, no Egíto, na Grecia, para voar pela Europa em fóra... E nesse labor, filosofando, tudo interrogando, descendo ou subindo á realidade que se oculta sob os fenomenos, não se fatigou, nem se fatiga. Trabalha, continuamente. E pensa todavia cada creatura que aí tem, ela mesma, sua filosofia.

Pobre creatura, visceralmente ignorante!

Não ha inumeras filosofias, nem inumeras religiões. A filosofia é uma só. E uma só a religião.

A verdade é que impressionam os aspectos da ignorancia.

Notai. Na politica está, como providencia milagrosa, o Estado. Na industria, pela desordem na economia, como que os esforços não convergem. Na poesia, como em toda a estética, dá-se de mão ao bem publico, antolhando-se fóra da moda o moralista. Na ciencia, eis o que se prega — o saber pelo saber, tal qual o que se vem praticando, no romance como em qualquer setor em que se impõe a

imaginação — a arte pura, como a ciencia pura, a arte pela arte.

E, de par com isso, não raro tentam amesquinhar, quer a filosofia, quer a religião, ali misturando esta com as superstições de todos os tamanhos, acolá fazendo aquela uma simples auxiliar, ou serva, da teologia, méro processo de filosofar.

Ignoram, os que desse modo reflexionam, a estrutura e a mesma finalidade, aqui da religião, ainda aqui da filosofia. E acreditam que onde se acha a intolerancia, aí está a religião. E mais: perseveram no pensamento de que a filosofia nada mais vale do que esse ou aquele sistema filosófico, circulos de ferro frageis, porém, circulos prendendo o espirito, ameaçando-lhe os vôos, quebrando-lhe as asas. Não se convencem de que subir é a lei do espirito, sua tendencia, espirito que não quer senão luz, mais luz.

E no entanto vem de molde a perguntar: — serão extintas, com tanta claridade, todas as sombras?...

Respondei: — se tem relevo a beleza, fóra de umas poucas de sombras... Pobre creatura ignorante. E a beleza, o bem, a verdade. E' que toda a verdade, como todo o bem e toda a beleza, excede ás dimensões de cada um de nós.

E que fazer? Parar, desolado?!... Não; caminhar para a frente, muito embora em tudo se tornem inevitaveis os aspectos da ignorancia. Porque é mistér saber, correndo a jogar por terra o que se desconhece, correndo ao encalço do que vai fugindo ao olhar penetrante, correndo que não cruzando os braços ou imobilizando-se, correndo, agindo, trabalhando.

Biografia do CAFÉ

Trechos primorosos de um livro magistral sobre a nossa maior riqueza agricola, escrito por HEINRICH EDUARD JACOB.

O CAFE' NO SECULO XIX

A felicidade de inumeros europeus, sua vida, riqueza e saúde, dependiam da colheita do café nos países produtôres.

No entretanto, as flutuações do preço dessa mercadoria, de importancia mundial, não provinham sómente das audazes especulações da Bolsa, que houvesse oscilações, dependia da propria natureza da planta do café, não menos que da natureza humana. Da relação entre essas duas naturezas, do modo como uma sobre a outra influia alternadamente, derivava a sucessão de colheitas pobres ou pingues. Assim estavam as coisas:

A venda de uma colheita produz moeda sonante. Para os cultivadores, naturalmente, é grande o desejo de empregar o lucro em novas plantações. O material util da colheita produz, quase, o mesmo efeito do lucro do jogo, que se torna, sempre, apontar como aposta. Mas assim fazendo os cultivadores não contam com o comércio, que deve sempre prover de acôrdo com a lei férrea da procura e da oferta.

Agindo dessa maneira, os proprietarios das plantações provocaram, irrefletidamente, uma crise de superprodução. Confiando poder continuar a sacar os elevados preços anteriores, crearam a super-colheita, e desesperaram-se quando, pouco depois, notaram — que cada novo milhão de sacos, além de não multiplicar o lucro do vendedor, ainda o dividia.

Pouco depois? Não, infelizmente não foi assim. Os plantadores tinham o tempo de remediar seus erros. Si tivessem podido convencer-se, depois de um ano, mesmo forçados, da sua especulação erronea, a crise sucessiva não teria assumido as enormes proporções que teve.

Mas a natureza da planta do café faz com que ela só produza frutos depois de *quatro anos vasios*. Nesses quatro anos, em que não há produção, os cultivadores não notam o desastre material provocado pelas novas plantações, e continuam a plantar. No fim dos quatro primeiros anos começa a superprodução. Pois agora é que começaram a frutificar, e portanto a aparecer no mercado as plantas dos primeiros anos. Os preços cáem, com saltos sempre maiores. No setimo ano, ao mais tardar, eis as consequencias psicológicas: explode o panico entre os cultivadores, as novas culturas são abandonadas, os operarios dispensados, maldiz-se *o café que não rende mais,* invoca-se o milho, o algodão e até a criação de gado. Mas é nesse momento que o café readquire seu valor. A oferta diminuida avizinha-se da procura. Apenas o limite da oferta é superado para baixo e sobe a curva da procura, que tambem aumentam os preços. Cheio de maravilha, o colono percebe que o seu *café desvalorizado* torna a valer tanto ouro. Que encorajamento para recultivá-lo! E o circulo vicioso recomeça...

Este ciclo fatal se repete cada sete anos, na vida dos plantadores. Sete anos são um longo período de tempo: o homem esquece as proprias experiencias e volta, cíclicamente, aos velhos erros. Durante todo o seculo 19 se póde seguir, exatamente, essa anarquia da sub-produção e da super-produção do café. A alegria de um ano de altos preços, traduz-se num excesso de cultivação que, quatro anos depois, conduz aos preços minimos. Depois, explode o panico geral. No setimo ano, o pendulo volta a oscilar do lado do mais.

Cerca de 1790 iniciou-se, com a perda de São Domingos, uma produção deficitaria de café. Os preços subiram: de acôrdo com a regra, em 1799 deveria dar-se a super-produção. Si tal não aconteceu, deve-se procurar a causa nas guerras napoleônicas. Não obstante os altos preços, os cultivadores perderam a coragem de cultivar um genero exposto a ser, frequentemente, capturado nos mares. Assim continuaram as coisas até 1813. Pouco após a libertação dos mares a deficiencia de produção se fez sentir nos preços elevados e em

1820 a America voltou, por si, á super-produção. Prescindindo das perturbações devidas ás guerras (a mais sensivel foi a da guerra de secessão dos Estados Unidos da America), quase cada decênio repetiu-se o jogo regular de sub-produção e super-produção, com breves anos intermediarios de equilibrio entre essas duas formas.

Observando a anarquia do seculo 19, o Congresso Geral dos Países produtores de café, reunido em Nova York em 1903, comprovou o seguinte: "E' estranho como desde alguns decênios — ao menos desde a guerra de secessão, mas tambem antes — se alternem regularmente as crises de super e sub-produção: periodos de enormes lucros, e periodos de extrema miseria para os produtores. Em ambos os casos é o exagero que produz a anarquia: o entusiasmo que impele a plantar muito, e, depois, a depressão moral que foge, abandonando tudo. E' caraterizada a vida dos cultivadores de café por essas crises decenais periodicas. Por que? Êles não se conhecem entre si, e não se aconselham. Não sentam á mesma mesa. Não procuram estudar o mercado..."

A responsabilidade do fato que no seculo 19 não foi organizada a produção, é atribuida á infinita solidão, em que viviam os homens dos trópicos — onde muitas vezes, um branco estava a dias de viagem de outro branco, com o qual teria podido trocar uma idéia. Abandonado completamente a si mesmo, o plantador, que só estava unido ao resto do mundo pelo conhecimento do preço do café, agia sem uma lógica, reparando, unicamente, na oportunidade do momento.

Agia ilógicamente, contra seu proprio interesse. Mas — e este é o lado trágico da coisa — de acôrdo com as leis economicas, êle agia logicamente...

A economia clássica descobriu a *lei da gravitação dos preços*. Essa lei vige, efetivamente na relação entre o plantador de café e o seu produto.

Ela reza: *O preço do mercado de um produto gravita, sempre, para o preço natural.*

Que significa? Primeiramente, que o preço natural é o preço determinado pelo custo da produção. Quanto ao preço do mercado, este é o que se forma, vez por vez, do jogo das forças dos compradores e vendedores que confluem ao mercado. Si a escassez da oferta impele para o alto os preços, nos mercados, os preços altos atráem, como um iman, o capital e o trabalho. E' uma lei natural; e deshumano seria pretender dos plantadores que, vendo as coisas mais profundamente, se subtraissem a esta lei de gravidade. Mas agora sucede o que deve suceder: a união do capital com o trabalho aumenta a produção, e, com ela, a oferta, de modo que o preço deve acabar caindo. E cái tanto, que não basta mais aos dois fatores, capital e trabalho, os quais, vendo-se ameaçados, abandonam precipitadamente a produção.

Nos países europeus, uma especie de lei de inércia impede o alternar-se muito rápido da abertura e do fechamento de fazendas, de contrato e dispensa de forças trabalhadoras. Mas nos países tropicais (onde, além do mais, era desconhecida de todo a legislação social) os dois pratos da balança, em que pousava a fortuna dos cultivadores, subiam e desciam com rapidez louca. O café foi, sempre, um produto arriscado. Por êle, não só os especuladores da Bolsa nas cidades europeas, como tambem os Estados produtores, precipitaram muitas vezes nos declivios perigosos.

Tanto é liso e escorregadío o café.

*

"*As colheitas d'além-mar e a especulação*" — escreve o economista Hans Roth — "agem sobre o movimento do mercado mundial como o vento nas ondas do mar: sucedem-se com ritmo sempre igual uma elevação e uma depressão. Só quando o vento sopra em direção contraria á corrente, os grandes movimentos das marés se resolvem em pequenas oscilações. Si pelo contrario o vento sopra na direção da corrente, as ondas fazem-se mais altas. Tornando furacão, impele a agua até a altura das casas, até que as ondas se lancem umas sobre as outras, se precipitem, se destruam mutuamente." E' uma visão das grandes batalhas da Bolsa. O *mar baixo*, depois do furacão, são os falimentos e as dificuldades de pagamento que se seguem, debaixo dagua, ás batalhas da Bolsa.

Mas como é que o consumidor lá no fundo, de nada sabe? No fundo do mar, onde, para ficarmos na metáfora, habitam os consumidores, reina, e deve reinar, a calma, pois de outro modo cessaria o consumo do café.

Já o atacadista, no interior do país, sente de forma muito atenuada as flutuações do preço no mercado mundial. De fato, esse não é o unico fator que determina o preço no in-

ás desordens do espirito." (Os grifos são desta transcrição).

Ainda sobre os Estados Unidos diz o dr. L. M. Walton, no *Jamaica Publish Wealth*, que, enquanto a população duplicou até hoje, o numero de enfermos mentais sextuplicou. Acrescenta que na Inglaterra existem atualmente 125.000 loucos, além de 150.000 pessoas afetadas de idiotia, inclusive 48.000 crianças, acarretando uma despesa anual de quatro milhões esterlinos, ou sejam, 438.000:000$ em nossa moeda, calculada a libra em 87$000.

O mesmo podemos dizer da França.

Não tendo em mãos uma estatistica mais rerente, apontaremos a do dr. Lunier, que ali estudou a progressão dos alienados, de 1835 até 1882. Si, em 1835 havia em França 16.500 alienados para uma população de 33.356.500 habitantes, em 1882 a proporção era de 83.000 para ...... 36.839.000. O numero de doentes do cerebro quintuplicára, enquanto que a população nem ao menos duplicára (1).

Em todas as outras nações o mesmo fenomeno se observa, conforme asseveram todos os que se têm ocupado do assunto.

Quando, em 1842 fundou-se, entre nós, o então Hospicio Pedro II, hoje Hospital Psiquiatrico, o grande edificio só teve inicialmente de abrigar 140 doentes, em sua maioria escravos; e a obra de José Clemente Pereira foi acusada de suntuaria. E assim o parecia até a proclamação da Republica, em 1889. Em 1891, o primeiro diretor da *Assistencia medico-legal aos alienados*, o professor Teixeira Brandão dizia, em oficio ao ministro da Justiça, existirem hospitalisados no Hospicio Nacional de Alienados 300 doentes. Quando, porém, Juliano Moreira assumiu a direção de tais serviços, em 1903, existiam internados cerca de 800 doentes, no Hospicio e na Colonia da Ilha do Governador. Hoje, orçam por perto de 4.000. Tudo, sem contar os doentes dos estabelecimentos particulares e os não hospitalisados, cujo aumento é, certamente, proporcional ao dos hospitalisados. E não se diga que uma tal situação derivou do aumento da população, pois que, si a população da nossa Capital no maximo triplicou, desde o advento da Republica até hoje, o numero dos doentes internados, no minimo, decuplicou. E devemos notar que ainda no ano de 1900 o Hospicio Nacional de Alienados recebia, além dos enfermos do Distrito Federal, os de alguns Estados limitrofes e tambem do Paraná, fato hoje reduzido ao minimo, pela assistencia já dada aos loucos nestes Estados. E, para termos ainda uma idéia da importancia dos movimentos sociais na explosão da loucura, diremos mais que "em 1889 o numero de admissões no Hospicio fôra de 77 doentes, para subir no ano seguinte a 498 e ir progressivamente aumentando, com pequenas altas e baixas até o ano de 1901, em que o numero se elevou a 645, embora a êle não tivessem mais concurrido, durante este ultimo ano, os alienados do Estado do Rio." (3)

CIVILIZAÇÃO?

Este fenomeno alarmante do incessante aumento dos sintomas cerebrais e nervosos da molestia será devido aos progressos da civilização como ainda se diz, ou porque o espirito não é tão solido quanto o corpo, como o afirma Carrel, aliás, aprioristicamente? Quanto á primeira proposição, penso que as considerações já feitas no começo deste escrito são suficientes para respondê-la. Tive mesmo a ventura de combater tal asserção em minha tése inaugural — "*Da influencia dos fatores sociais sobre a degeneresencia da especie humana*," quando aí dei preponderancia por inspiração propria, contrariando a opinião sustentada por todos os cientistas, aos fatores sociais sobre os biologicos; sustentei que a civilização, em si mesma, não poderia ser responsavel pelos progressos da decadencia humana, pois seria um contrasenso fazer derivar o mal do bem; e que um motivo oculto, que ainda não se me apresentava bem definido, deveria ser o grande causador do fenomeno; mas que, qualquer que êle fosse, sendo a degenerecencia humana provinda de causas essencialmente sociais, só poderia ser corrigida por uma medicina social, que seria necessariamente, a medicina do futuro. Passados 35 anos, nada tenho que juntar a estas afirmações que espontaneamente me surgiram, sinão o conhecimento mais real dos fatores sociais anormais determinantes das molestias, que se reduzem, em ultima analise, aos mesmos fatores normais, apenas exaltados ou deprimidos. Carrel atribuiu o fenomeno a *um defeito grave da civilização moderna* e ao *nosso modo de vida*, sem nos dizer qual seja este grave defeito, e, portanto,

(1) — V. L'Homme, cet Inconu, pag. 183.
(2) — V. Anais Medico-psicologicos de 1883.

(3) — V. *Jefferson de Lemos — "Da influencia dos Fatores sociais sobre a degenerecencia da especie humana" — Tése inaugural de* 1901.

meiros anos do novo seculo. Deram-se contraprovas, foi citado o exemplo de Fontenelle, feroz bebedor de café, e que viveu quase cem anos. Respondeu-se que Fontenelle constituiu uma exceção. Um caso não faz lei; e, não obstante, nunca o café foi bebido, como excitante da produção, por tanta gente como em nossos tempos. A nossa civilização moderna, fundada num altissimo rendimento, já se acha francamente no campo de um abuso, em sentido medico. Como outras épocas cairam, por fim, vitimas da cerveja, do vinho, do ópio ou do tabaco, o seculo 20, na sua grande produtividade, já traz os estigmas da insônia nervosa, da palpitação de coração, da inquietação, numa palavra, os sintomas pandêmicos do envenenamento pela cafeína.

Acrescentou-se a isso o postulado dos puritanos, que diziam que *tudo quanto é humano vem do homem, sómente do homem* e não toleravam que as qualidades da alma fossem influenciadas e reguladas por plantas e drogas. E, como o verdadeiro puritano — que de tempos em tempos surge nos sistemas filisóficos de todas as nações — que a embriaguês *sem vinho,* assim, em 1900, pretendeu-se a *vigilia sem cafeína.*

A industria dos sub-produtos de café, nascida durante a guerra dos sete anos, atingiu o apogeu na Alemanha, no inicio do novo seculo. Quem achava o café muito caro, comprava e bebia ao menos o nome; a palavra *café,* unida a um *de*: grão, chicória, bolota, figos. Em geral o café nada tinha a ver, todas essas bebidas tanto tinham a ver com o café, quanto o conceito de *genuino* com o de *apócrifo.*

Uma coisa, entretanto, impressiona o psicólogo da economia. Si é possivel vender, a milhões de pessoas, o café que antes de tudo não é café, e em segundo logar, nem mesmo produz a ação excitante da trimetil-ossipurina, vê-se nisso uma intima renuncia á ação principal, excitante, do café. Aproveitou-se deste fato um grande negociante de Bremen, Ludovico Roselius. Achava-se êle em situação equívoca defronte ao café. Devia desagradar ao seu senso de honestidade comercial a idéia do subrogado sub-produto. Doutro lado, não era amigo da cafeína; atribuia a morte prematura de seu pai ao hábito, adquirido no emprego, de saborear diversas vezes por dia as varias qualidades de café, logo que chegavam. Os que provam cafés e chás, não são obrigados a engulir o que bebem: mas é possivel que sua saliva se impregne de cafeína ao ponto de tornar ineficaz toda precaução. A circunstancia de que seu pai tinha morrido por abuso de cafeina, induziu Roselius a pesquisar os danos que ela causa a individuos de determinadas constituições. Achou que o café é perigoso para uma certa categoria de doentes do coração, de gôta, e de arteriosclerose. Os medicos já o tinham proibido havia muito, aos diabéticos e doentes do figado. Está fóra de duvida que a humanidade, em que estes doentes constituem um notavel contingente, certamente não melhorou de saúde desde a metade do seculo XIX, (isto é, do grande aumento do consumo mundial do café).

A DITADURA DO BRASIL

Até 1850 o historiador do café só se ocupa da civilização dos consumidores; mas pela metade do seculo XIX, o territorio, em que se produz o café, torna-se tão vasto, tão grandes os problemas aos paises que o cultivam, que a narração passa, automaticamente, a tratar dos produtores.

Por volta de 1850 as ferrovias tornaram quase completamente uniforme o velho mundo. Continuam a existir as diferenças entre o modo de tomar o café em París e em Estocolmo, mas já não têm importancia. O fato decisivo é que, pela metade do seculo, o cultivo do café determina os destinos de um continente.

Na história do café, o seculo XX, ou ao menos seus primeiros trinta anos, significa a ditadura do Brasil. O Brasil, nucleo de um continente, país cuja extensão atinge oito milhões e meio de quilometros quadrados, só é superado, como massa compacta pela Russia, pelo Canadá e pela China. Sua participação á produção mundial do café, em 1906, foi 97 %. Por conseguinte, o Brasil dita leis ao mundo; mas quem dita leis ao Brasil é o café. Êle é o verdadeiro padrão do país. Não é sómente uma bênção; tem os caprichos de um vulcão, de um ciclone, de um terremoto: e precisa obedecer-lhe incondicionadamente.

Quem fala de café no Brasil, nos ultimos cincoenta anos, recorre inconcientemente ás palavras e ás imagens que usualmente se empregam falando das forças elementares.

Em 1926 o Governo brasileiro organizou festejos para o bicentenario do *caféeiro.* Não foi fixada sem arbitrio, assim, a data de 1726, para a introdução do arbusto do café no Brasil.

E' provavel que todo o café da America do Sul derive daquela famosa planta que o tenente Desclieux levou da França á Martinica. Como se sabe, isto aconteceu em 1723; portanto os inicios da cultura do café no Brasil não devem ir além de 1735.

Os holandêses tambem cultivaram o café, naquele tempo, na America, e precisamente na parte da Guiania que possuiam: o Surinam. Nasceram tantas invejas entre francêses e holandêses, vizinhos de colónia — porque desde então os francêses possuiram um pedaço da Guiania — que os governadores proibiram, sob pena de morte de vender no país vizinho sementes fecundas de café. Proibição que não surtiu efeito, pois o *novo arbusto milagroso* já era cultivado em toda a Guiania.

A proibição, contudo, assumia valor com relação a terceiros. Além dos francêses e holandêses, ninguem podia plantar café. Isto originou um caso estranho: por uma briga de limites, francêses e holandêses recorreram ao auxilio de um brasileiro: um funcionario do Pará, de nome Palheta. Este conseguiu corromper, com o auxilio duma musica de galeotos, a mulher do governador francês. Durante uma festa, deante do marido que de nada suspeitava, a mulher ofereceu ao Palheta um grande ramalhete de flores odorosas, dentro do qual estava escondido um punhado de bagos maduros de café. Assim o Palheta, iludindo a proibição de exportação, abriu, ás pressas, as velas rumo a foz do Rio Amazonas, onde o café foi plantado e prosperou magnificamente.

Assim quer a lenda brasileira. O presente do café, feito por mãos femininas ao povo brasileiro, e o perigo cavaleiresco que acompanhou o transporte, aumentaram-lhe, naturalmente, o valor. De certo, nesta lenda, só há o fato que o café desceu, realmente, do Pará para o sul.

No passado, os holandêses tinham desapossado os portugueses dos extremos confins do mundo em Java e na Indonésia. Ora a prevensão histórica quer que tenha sido um português — o Brasil era, então, colonia portuguêsa — que levou para casa a raiz da riqueza holandêsa, o café. Desde esse momento o café começou a *falar português.*

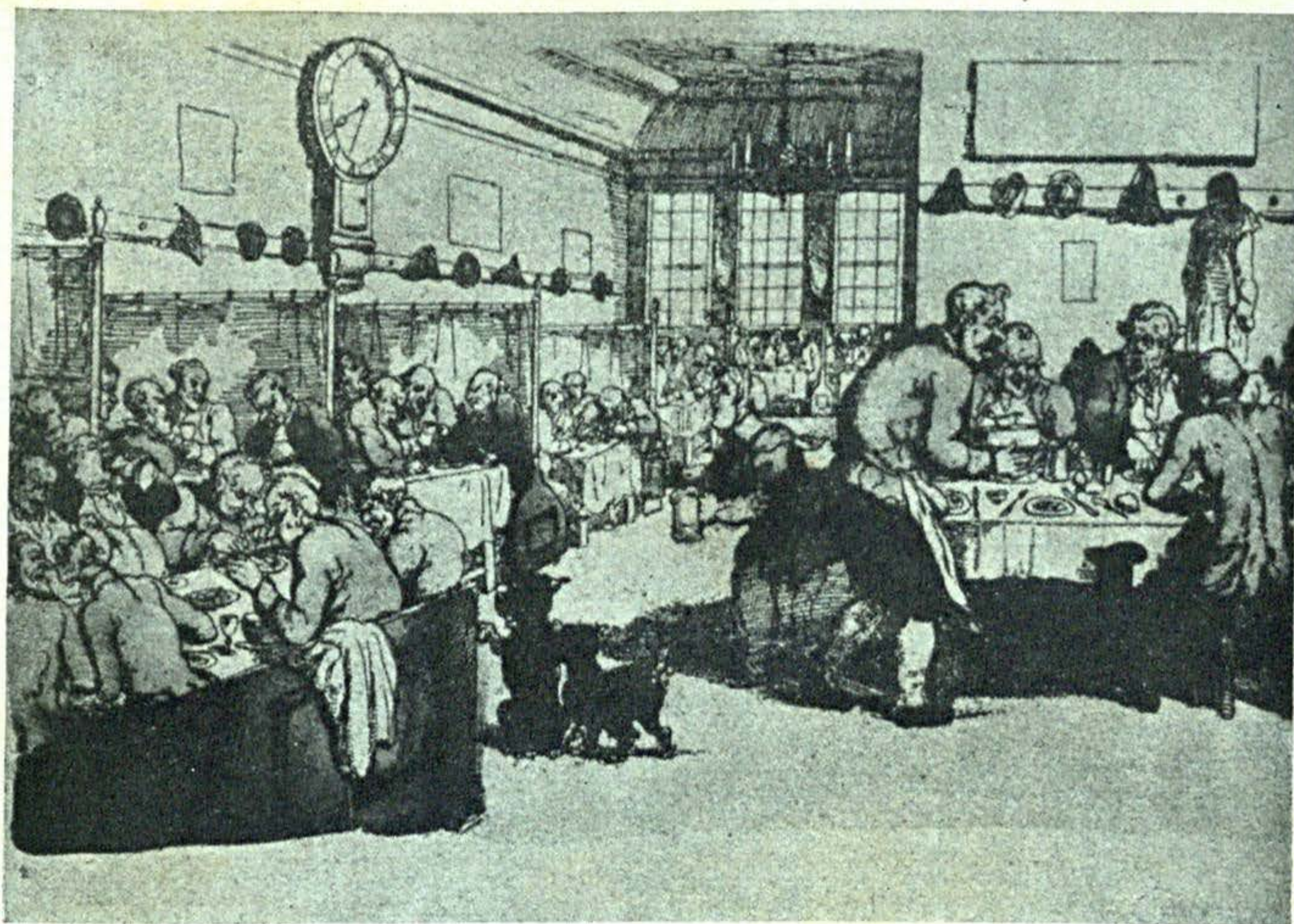
Durou mais de cincoenta anos o caminho do Pará para o sul, para o que, agora, é o seu mais importante territorio, o planalto de São Paulo. Periodo incrivelmente longo, mesmo tendo-se em conta a vastidão do Brasil. Em verdade, os brasileiros não tinham pressa em dedicar-se á cultura do café. O Brasil cultivava a cana de assucar em quantidades tão grandes que gozavam o absoluto predominio no mundo. No seculo XVIII era a cana de assucar que *falava português.*

Mas eis que um cometa pulveriza o mercado mundial do assucar. Aquele cometa era Napoleão, cuja luta contra o comercio inglês tornava necessaria a anarquia da Europa na produção do assucar. Sorriu-lhe a fortuna: a politica continental de Napoleão fez da invenção prussiana do assucar de beterraba a unica fonte de provisão. O assucar de cana estava destronado: e o Brasil que, até aquele momento o tinha fornecido ao mundo inteiro, teve de mudar de produção. Então, compreendendo-se que a *aliança de Napoleão com a chicória* tinha falido (nem a chicória nem os outros sub-produtos sintéticos continham nenhuma traça de cafeína), aproveitando-se a lição que doravante só se devia cultivar café. Como a maior parte dos fatos concretos do seculo XIX, a monocultura do café no Brasil remonta á politica de Napoleão: é uma resposta indireta á sua politica economica.

A exportação de café do Brasil antes do bloco continental era tão modesta, que o nome do Brasil só aparece pela primeira vez, nas estatísticas de 1818. O país, então, completamente desorganizado, lançou no mercado 75.000 fardos. Naquele ano afluiram á Europa mais de cinco milhões e meio de quilos de café, e sómente os esperneios dos especuladores impediram uma derrocada dos preços. Só em 1823 a colheita braisleira pôde firmar-se nas Bolsas européas de café: as quais tinham recorrido naquele instante ao espantalho da guerra franco-espanhola — com previsões de escassez de mercadoria e de altos preços, — para especular a elevação.

Ora, bem se sabia na Europa, o Brasil ditava a lei.

Tres elementos contribuiram á corrida triunfal que levou o Brasil a tornar-se o primeiro dos países de produção: o sólo, a forma de governo, a questão operaria.

O terreno, no qual foi plantado o café, era, na maior parte, terreno novo, solo de floresta virgem, poupado durante seculos do sol ardente dos Tropicos, rico de humus, gordo e poroso. Os colonos e seus escravos penetraram na floresta, abateram a foice ou a machado as gigantescas arvores e os cipós grossos como braços, que uniam a vida á morte num abraço de amor. O bosque indignado ur-

1798 — Bolsa do Café no Lloyd de Londres

Um café londrino no seculo XVIII

rava, numa extensão imensa sob os golpes insensatos dos invasores, até que no terreno escolhido não ficasse mais um só tronco eréto. Então, a vegetação de sob a floresta, com metros de altura, na qual esplendidas flores, de côres vivazes, e orquídeas manchadas de ferrugem lançavam reflexos metalicos, ficava durante semanas a apodrecer e evaporar sob o sol ardente. A massa diminuia e secava sempre mais. Nem mesmo havia mais cobras: sentiam o cheiro da *roça* e fugiam deante do perigo.

Quando a madeira abatida se tinha embebido suficientemente do ardor do sol, começava a roça, o grande incendio das florestas. Lançavam-se materias inflamadas nos locais expostos aos ventos, e o fogo devorava todo o madeirame cortado, todos os troncos e os cêpos, com exceção de uma arvore que os indios chamavam *páu-ferro,* e cuja madeira, dum negro azulado, não queria arder. Mas todo o resto desaparecia, cobrindo a nova terra duma camada de cinza argéntea. Aqueles campos de cinza, medrosos, ainda estão circundados dos quatro lados da floresta virgem imortal. As chamas nada podiam contra aqueles gigantes, altos como casas, que transpiravam humidade.

A cinza era tirada e o café plantado no melhor terreno imaginavel, vibrante ainda pelos fecundos estímulos de sua origem vulcanica. E crescia, crescia, e bem cedo caía a floresta vizinha, e após, aquela mais além. A roça tudo devorou, de norte a sul, por uma extensão de mais de vinte graus de latitude. Mediante incendios organizados, obtiveram-se campos bem organizados de café.

Durante esta campanha pelo café e contra a floresta virgem, durada decenios, os colonos aprenderam, bem depressa, a valorizar as diferenças do terreno. As arvores, das quais se deduzia que o terreno era feito para a cultura do café, eram em primeiro lugar, o cedro branco, o figo selvagem, a palmeira branca e o heliocarpo. A terra mais rica era a do planalto de São Paulo. Foi chamada *terra roxa,* conquanto tenha uma côr quase de chocolate: parece, muitas vezes, que se caminha milhas e milhas sobre um terreno argiloso, mole como cacau moído de fresco. Ao pôr do sol toma uma tinta arroxeada, que emana da propria terra.

Em São Paulo, a cultura do café tornou-se, em breve, uma ciencia. Semeam-se unicamente, sementes escolhidas, de plantas já experimentadas em outros terrenos. Além disso, plantaram-se viveiros em que se criam plantinhas até a altura de dois palmos, para depois serem definitivamente plantadas no campo. São dispostas á distancia de quatro metros, uma da outra para que, crescidas, não se tirem a luz reciprocamente. O adubo e a sácha são objétos de um cuidado especial.

A terra roxa, rica de humus, contendo muito azoto, acido fosfórico, cálcio e potássio, provem de pedras vulcanicas de recente erupção, e dá as melhores colheitas. Todas as energias químicas que lhe vem tiradas no crescimento da planta, lhe são restituidas pelos bagaços que cáem das plantas e se transformam em adubo. E' inesaurivel.

Não só o terreno; tambem o clima contribue para fazer do Brasil o primeiro país produtor do café. As condições climaticas são tão favoraveis, que a planta poderia prosperar, aí mesmo sem cuidados. Nem mesmo são necessarias as arvores copadas, que se plantam em outras regiões para defesa das plantinhas tenras. Uma especial formação de nuvens mitiga a evaporação produzida pelo sol. E as chuvas são tão bem distribuidas, que as arvores têm agua suficiente durante todo o ano.

Considerações Gerais sobre a Assistencia Social aos Enfermos e especialmente aos Enfermos do Cerebro

JEFFERSON DE LEMOS
(Diretor da Assistencia a Psicopatas do Distrito Federal)

Um fenomeno que parece paradoxal, apreciado em grosso, é o do aumento cada vez maior dos doentes e das doenças, sob os mais variados matizes nos tempos modernos, á medida que a civilização avança, conquistando em maior profundidade e extensão os recursos cientificos, industriais, economicos e sociais de toda a sorte.

Os médicos dispõem de um maior cabedal cientifico e terapeutico para o tratamento dos doentes; laboratórios de pesquisas biológicas surgem por toda a parte; a assistencia pública desenvolve-se como um dos mais precípuos deveres dos governos modernos; grandes somas são gastas pelo erário público nesta ação humanitária; obras públicas e particulares se levantam para a proteção aos desamparados, e ninguem poderá dizer que hoje se morre menos prematuramente que outrora. A média de duração da vida parece ter aumentado, como se afirma, a longevidade diminuiu, o que demonstra a baixa geral da resistencia vital (1).

Passando em revista as conquistas realizadas no terreno do combate ás molestias, só uma se nos apresenta como verdadeiramente real — a maior eficiencia na extinção de algumas epidemias e o cerceamento de várias endemias, seja por um melhor saneamento do solo, seja pelo melhor conhecimento da origem de certas molestias, cujo modo de propagação ficou positivamente constatado, ou cuja profilaxia tornou-se eficiente, tais como se verifica para a febre amarela, a peste, a malária, a variola e as várias verminóses. E, si é certo ainda que o empirismo médico realizou progressos em outros setores da medicina, tambem é certo que as curas realizadas são, na maioria das vezes, precárias. Si desaparecem os sintomas agudos, ficam muitas vezes os crônicos; desaparecem hoje os sintomas sob um certo aspecto, mas depois reaparecem os mesmos, ou outros, sob uma forma mais grave. Não é essa uma afirmação de simples pessimismo, mas a pura realidade, que póde ser facilmente confirmada por todos os médicos.

Qual a razão de tudo isso? E' que a medicina é a mais dificil das artes, aplicada ao ser, de todos, o mais complexo. O organismo humano é um todo indiviso, constituido por um conjunto de orgãos todos solidarios, que não podem ser isolados uns dos outros senão por abstração. Nele se reunem, para um mesmo resultado geral os tres graus da existencia vital — o *vegetativo* (a nutrição e a reprodução); o de *relação*, (sensibilidade e movimento, para cuja ligação interior basta um rudimento de cerebro); e o social ou *moral*, pelo desenvolvimento do sentimento, da inteligencia e do caráter, atributos que têm por séde a cortiça cerebral.

O primeiro modo de existencia póde ser observado isoladamente dos outros, nos vegetais; o segundo, nos animais, já complicado com o primeiro; mas o último só se apresenta verdadeiramente desenvolvido no ser mais sociavel, o homem, que tem assim o maior grau de complicação entre os seres vivos. A solidariedade dos orgãos respectivos a cada um destes tres graus da existencia é tal que não podem eles ser estudados isoladamente no homem senão como uma preparação para a compreensão do organismo total, único que deve ser finalmente apreciado, na saúde como na molestia.

CAUSAS

A vida resulta de condições intrinsecas (a organização), e de condições extrinsecas (os estímulos mesológicos fisico-quimicos, aos quais se juntam, no homem; os estímulos do meio social). Quando esse duplo concurso se realiza dentro dos limites normais o estado de saúde se mantém. Quando estes limites são ultrapassados para mais

(1) — V. *Alexis Carrel* — LHOMME, CET INCONNU, cap. sobre a *Longevidade*.

ou para menos, surge a molestia, por excesso ou deficiencia das funções do organismo, que devem, normalmente, estar em harmonia. Estas influencias intrinsecas e extrinsecas capazes de romper o equilibrio organico é o que tem a denominação comum de *causas*. Qual dessas causas terá a primazia na origem das molestias? Incontestavelmente as extrinsecas, pois que, de modo contrário, teriamos de admitir que o organismo traz originàriamente disposições interiores á destruição, o que é incompativel com a realidade da conservação e persistencia da existencia vital.

Quanto ás duas ordens de causas exteriores, devemos notar que, si os fenomenos vegetativos e mesmo os animais estão sujeitos apenas ás influencias cosmológicas, o homem ainda recebe, além destas, as influencias sociais que nele atúam através do cerebro. Ora, a realidade humana não é o individuo e sim a coletividade, pois que o homem só vive e só póde viver em conjunto. Este conjunto contitui a Humanidade, o verdadeiro Ser superior ao qual êle se acha subordinado. Por outro lado, a influencia continua da Humanidade através das gerações sucessivas, já modificou profundamente o planeta, de modo que a influencia deste foi se tornando cada vez mais limitada. De tudo resulta que as influencias sociais predominam decisivamente, e cada vez mais, no homem. Em resumo: êle está sujeito a duas influencias, a do mundo, que atúa através do corpo, e a da Humanidade, que atúa diretamente sobre o cerebro. Quer uma quer outra destas influencias vão nêle repercutir na região afetiva — a do meio físico, mediante os nervos da vida vegetativa que vão ter á região egoista do encefalo; a da Humanidade, mediante os fenomenos intelectuais que intimamente se ligam á sua região altruista.

MOLESTIA

Individualmente considerada a questão, é, pois, por uma alteração da região afetiva que a molestia se declara, rompendo o equilibrio moral, por exaltação ou depressão das funções afetivas, devendo-se notar que os orgãos egoistas geralmente se afetam por excesso enquanto que os altruistas por falta.

A molestia é, assim, salvo influencias acidentais, sempre de origem afetiva, quando consideradas as condições interiores, e principalmente de origem social, quando consideradas as influencias exteriores.

A molestia é, pois, no fundo, uma só, e consiste em não nos sentirmos bem. As várias molestias descritas nos tratados de medicina não correspondem á realidade — são entidades abstratas corporificadas, e não passam de uma catalogação mais ou menos arbitrária de sintomas. A realidade é o doente. Neste é necessário separar sempre a *origem* dos *sintomas*. A origem é sempre afetiva; os sintomas podem afetar as funções vegetativas, as da vida de relação e as do cerebro. Uma molestia vegetativa, por exemplo, não constitui mais que sintomas vegetativos da molestia cerebral de tal ou qual origem afetiva. Só esse modo de conceber a molestia, que nos foi revelado pelo genio enciclopedico de Augusto Comte, coaduna-se com a unidade real do nosso organismo. A molestia consiste, pois, no rompimento desta unidade, por excesso ou falta de uma das funções organicas, sempre, individualmente, de origem afetiva, embora as influencias determinantes ou causas possam ser as mais várias, partidas principalmente do meio social.

PROBLEMA MEDICO

Sem estas considerações preliminares, não seria possivel compreender o problema médico em toda a sua extensão e complexidade. Êle exige o conhecimento total do mundo e do homem. Não podemos mais considerar o homem como exclusivamente sujeito aos fenomenos biológicos. Os sociais e morais é que principalmente constituem a chave do problema humano, e o médico tem necessidade de elevar-se até êles, principalmente em se tratando da assistencia pública aos enfermos.

O homem estando, assim submetido a duas contingencias, a de ser animal e a de ser homem, isto é, a de ser sociavel, a unidade organica só póde ser mantida pelo predominio da sociabilidade sobre a personalidade, o que equivale a dizer ao predominio do altruismo sobre o egoismo. Daí a dificuldade do problema, pois que os instintos egoistas são mais numerosos (sete) e mais energicos que os altruistas que são apenas tres. Por outro lado, fica certo tambem que o equilibrio moral geral e completo exige o equilibrio social, pois que é do meio social, como dissemos, que partem as reações que mais diretamente afetam em bem ou em mal os nossos sentimentos. Si são os sentimentos que determinam a nossa unidade interior, é, pois, ainda necessária a unidade exterior ou social. Esta só póde ser realizada mediante a uniformidade das convicções, derivada de uma doutrina unanimemente aceita pela massa dos homens. O *amor* e a *fé* são assim as duas condições da unidade individual e coletiva. A sua combinação é que

Reprodução de quadro célebre, feita por um psicopata, no Hospital Psiquiatrico, em via de restabelecimento. Observa-se o instante historico em que Pinel mandava desamarrar ou soltar enfermos do espirito.

constitui a religião. Antigamente, os homens aceitavam unanimemente as convicções teologicas; hoje, exigem crenças mais reais. A solução só poderá ser assim hoje encontrada em uma doutrina cientifica capaz de abraçar todos os problemas humanas; só tal doutrina, por ser demonstravel, será sucetivel de estender-se a toda a Terra. Mas é para isso necessário que ela não se restrinja aos fenomenos inferiores (do mundo), e sim que se estenda tambem aos superiores, os sociais e morais que são os propriamente humanos.

Ora, a passagem total do estado teologico dos pensamentos humanos para o estado cientifico ou positivo, é o que se tem realizado gradativamente, desde os fins do XIV século até hoje. Durante todo esse longo tempo a sociedade, sem mais governo espiritual convergente, vem cada vez mais se desagregando. A's doutrinas teologicas do passado juntam-se as metafísicas e as cientificas incompletas, deixando a grande maioria dos homens entregue ás suas próprias inspirações e sugestões do egoismo, sob todas as suas formas e graus. Como, portanto, dentro desta grande babel, impedir que surjam e se estendam todas as formas de molestia, do corpo e da alma?

Si a molestia é, fundamentalmente, moral e si as verdadeiras causas residem na desordem social, toda a ação dos médicos que se dirigir exclusivamente sobre os fenomenos biológicos será ou deficiente, ou paliativa, ou provisória. Si conseguem curar umas tantas enfermidades e, mais que antigamente, evitar o surto de epidemias mortiferas, o certo é que a vitalidade geral torna-se cada vez mais precária. Tiremos de Alexis Carrel uma página: "Esta impotencia da higiene e da medicina é um fato estranho. Nem os progressos realizados no aquecimento, o arejamento e a iluminação das casas, nem a higiene alimentar, nem as salas de banho, nem os esportes nem os exames medicos periódicos, nem a multiplicação dos especialistas puderam juntar um dia á duração máxima da existencia humana. Devemos supôr que os higienistas e os químicos fisiologistas se tenham enganado na organização da vida da nação? Pode ser, contudo, que o conforto moderno e o gênero de vida adotado pelos habitantes da Cidade nova violem certas leis naturais. Entretanto, uma mudança notavel produziu-se no aspecto dos homens e das mulheres. Graças á higiene, ao habito dos esportes a certas restrições alimentares, aos salões de beleza, á atividade superficial engendrada pelo teléfone e o automovel, cada qual guarde um aspecto mais alerta e mais vivo. Aos cincoentas anos, as mu-

lheres são ainda jovens. Mas o progresso moderno nos deu ao lado do ouro muita moeda falsa. Quando as faces concertadas e esticadas pelo cirurgião se apagam, quando as massagens não bastam mais para impedir a invasão da gordura, aquelas que guardavam tanto tempo a aparencia da juventude, tornam-se peioros do que o eram, na mesma idade, suas avós. Os pseudo-moços que jogam tenis e dansam como aos vinte anos, que se desembaraçam de sua mulher para desposar uma jovem, ficam expostos ao amolecimento cerebral, ás molestias do coração e dos rins. Por vezes tambem, morrem bruscamente em seu leito, em sua mesa de trabalho, no campo de golf, em idade em que seus antepassados conduziam ainda uma charrua, ou dirigiam com mão firme seus negocios. *Não conhecemos a causa desta falencia da vida moderna.* Sem dúvida, os higienistas e os médicos aí não têm senão uma fraca parte de responsabilidade. São, provavelmente, os excessos de todo o gênero, a falta de segurança economica, a multiplicidade das ocupações, *a ausencia de disciplina moral*, os desassocegos, que determinam a uzura antecipada dos individuos." (1)

O problema, pois, que muitos médicos ainda acalentam, de fazer desaparecerem por expedientes biológicos, químicos e físicos, as molestias da face da Terra, não é nem própriamente uma utopia, senão uma ilusão. Esta ilusão tomou vulto, principalmente, depois da descoberta dos microorganismos denominados patogenicos, que fez supôr, a principio, que o problema estivesse resolvido, julgando-se que toda a molestia deveria provir de um micróbio qualquer. O certo é que, si algumas molestias são de origem incontestavelmente microbiana (causas acidentais), é tambem certo que a maioria dos microorganismos encontrados nas pessoas doentes só puderam aí se desenvolver depois que o organismo atingiu um certo grau de enfraquecimento (predisposição), ou mesmo já se encontrava doente. E' necessário enfrentar a questão com grande relativismo. Toda apreciação unilateral é irracional e falha. No entanto, o conhcimento da ação dos microorganismos e o das condições mesológicas do seu desenvolvimento, trouxeram um grande esclarecimento ao problema da profilaxia geral, principalmente no que diz respeito ao surto das epidemias, para as quais, contudo, nunca se deve desprezar a consideração da predisposição coletiva, o que nos faz recairmos na apreciação dos fatores sociais.

A função do médico está, assim, contingente a questões muitas vezes insuperaveis. A sua função não é a de extinguir as molestias da superfície da terra, problema irrealizavel enquanto durar a anarquia social e moral. Ele só póde minorar e atenuar uma tal situação, evitando aos seus doentes os sintomas mortais, e aconselhá-los nas regras higienicas capazes de impedir um maior desenvolvimento da molestia, dentro de certos limites. Por outro lado, aos poderes públicos cumpre assistir e amparar, sob a inspiração dos médicos, aqueles que, deserdados de recursos materiais, apelarem para o seu auxílio na hora do infortúnio.

(1) — V. *L'homme, cet inconnu*, pag. 211 a 213.

ASSISTENCIA PUBLICA

Esta assistencia tem-se tornado cada vez mais necessária nos tempos modernos, justamente porque a massa dos doentes a assistir tem se tornado cada vez maior e as molestias mais variadas nas suas formas. Mas há, nesta assistencia, um duplo aspecto, derivado, não só da natureza como das condições necessarias a atendê-la: a assistencia aos doentes das molestias comuns ou vegetativas e a assistencia aos doentes que perderão a razão, os doentes do cerebro. Nenhum sobreleva hoje, em importancia, em complexidade e em dificuldade ao que diz respeito á assistencia aos alienados. Relegado por toda a parte a um segundo plano, até o fim do decimo oitavo seculo, êle começou a ser tomado em consideração cada vez maior desde a reforma de Pinel em França, pelo ano de 1794.

Hoje, em todas as nações civilizadas, êle tende a sobrepôr-se a todos os outros aspectos de assistencia, por motivos faceis de ser reconhecidos: o crescente aumento das molestias do cerebro e da inervação nos centros populosos, principalmente nas Capitais, as reações anti-sociais que tais doentes apresentam e a relação dos seus problemas com as questões sociais de toda a sorte — domesticas, civicas, juridicas, policiais, etc... Nas molestias vegetativas comuns e mesmo nas nervosas (da vida de relação) os proprios doentes são os auxiliares dos médicos, no seu tratamento; nos doentes mentais, a propria natureza do mal constitui-se como um obice permanente, muitas vezes dificil de ser transposto, pois que tais doentes são sempre uns rebelados contra tudo e contra todos. Si os primeiros aceitam de boamente as intervenções clinicas, bastando um corpo reduzido de enfermeiros para um grande numero de doentes numa enfermaria, muito diferente é o caso tratando-se de alienados, para um conveniente tratamento e vigilancia, e é esta a primeira dificuldade a ser atendida.

Tudo concorre assim para tornar em extre-

mo complexa e de dificil solução os problemas da assistencia aos alienados, quer sob o aspecto geral, quer sob o particular: a necessidade de hospitalisar doentes em onda progressivamente crescente; a assistencia aos fronteiriços da loucura (profilaxia); a assistencia aos *egressos*, geralmente meiopragicos e que devem continuar a ser assistidos, não só para evitar as recaídas faceis como para prevenir as reações anti-sociais que comumente sobrevêm, a maior dificuldade no transporte de doentes geralmente agitados e que, de qualquer modo resistem á internação; a vigilancia continua que exigem, especialmente os agitados que têm tendencias agressivas ou que procuram o suicidio; a passividade de muitos a tudo, o que os obriga a tratá-los como crianças recem-nascidas — vesti-los, lavá-los, levar os alimentos á bôca, proceder em muitos casos á alimentação artificial; cuidar dos imundos que se comprazem, muitas vezes, em esfregar as fezes por todo o corpo, etc. etc.

Quem nunca entrou num manicomio não póde ter a minima ideia de qual seja a soma de paciencia, de sofrimento, de resignação, qual o desperdicio de energias físicas e morais exigidas dos medicos e enfermeiros no trato dos loucos e idiotas de toda a sorte; qual a dificuldade de se ter em boa ordem e asseio os diferentes serviços que lhes incumbem. Percorrei uma enfermaria de doentes comuns e encontra-los-eis em seus leitos atentos ás recomendações dos medicos e doceis ás aplicações ministradas pelos enfermeiros. Entrai numa sala de doentes mentais agitados, e tereis bem uma ideia do que deveria ser um inferno. Mas não dão trabalho só os agitados. Por toda a parte são reclamações, descontentamentos, as bizarrias as mais desconcertantes de delirios os mais variados; e deveis estar sempre atentos a uma reação violenta e inesperada de alguns dêles, mesmo dos que parecem mais bisonhos. Ao lado disso há o pitoresco dos reis e generais, dos transformadores do mundo, dos grandes escritores, das duquesas e princesas, das rainhas e grandes damas da Côrte. Num tal pandemonio, não é raro o contagio mental aos enfermeiros e enfermeiras; o abatimento físico e cerebral que conduz ás nevroses, ás vago e simpaticotomias e á tuberculose, sempre entre êles muito comuns.

A solução dos problemas relativos á assistencia aos alienados torna-se, não há duvida, para ser eficiente, muito dispendiosa, por exigir um aparelhamento complexo e um pessoal numeroso.

Um dos maiores embaraços está justamente na onda crescente das internações. E' o grito alarmante que surge por toda a parte. Citemos, mais uma vez, Carrel: "O espirito não é tão solido quanto o corpo. E' de notar que as molestias mentais, por si sós, são mais numerosas que todas as outras molestias reunidas. E os hospitais destinados aos loucos, cheios a transbordar, não podem receber todos os que têm necessidade de ser internados. Nos Estados de New-York, uma pessoa sobre vinte e duas, num momento qualquer de sua vida, deve entrar, segundo E. W. Beers, em um hospicio de alienados. No conjunto dos Estados Unidos, há perto de oito vezes mais enfermos por fraqueza de espirito ou por loucura que de tuberculosos cuidados nos hospitais. Cada ano, perto de 68.000 novos casos são admitidos nas instituições onde se tratam os loucos. Si as admissões continuam com esta velocidade, perto de um mlihão de crianças e de jovens que se acham hoje nas escolas e nos colegios serão, em um momento dado, colocados em um hospital de molestias mentais. Em 1932, os hospitais dependentes dos Estados continha 340.000 loucos. Contavam-se igualmente 81.298 idiotas e epilepticos hospitalisados e 10.951 em liberdade. Esta estatistica não compreende os loucos tratados nos hospitais particulares. No conjunto do país há 500.000 fracos de espirito. Além disso, as inspeções feitas pelo *Comité Nacional de Higiene Mental* demonstrarão que, pelo menos,.... 400.000 crianças educadas nas escolas publicas, são muito pouco inteligentes para seguirem utilmente as classes. Na realidade, o numero de pessoas que apresentam disturbios mentais ultrapassa muito esta cifra. Avalia-se que varias centenas de milhar de pessoas não hospitalisadas estão atingidas de psiconevrose. Estas cifras mostram quão grande é a fragilidade da conciencia dos homens civilizados e qual a importancia que possui para a sociedade moderna o problema desta fragilidade crescente."

"As molestias do espirito tornam-se ameaçadoras. São mais perigosas que a tuberculose, o cancer, as afeções do coração e dos rins, e ainda que o tifo, a peste e a colera. Seu perigo não provem somente do fato de aumentarem o numero dos criminosos. Mas, sobretudo, por deteriorarem cada vez mais, as raças brancas. Não existem muito mais fracos de espirito e loucos entre os criminosos que no restante da Nação. Vêm-se, é verdade, nas prisões, um grande numero de anormais. Mas, como já o dissemos, só uma fraca proporção de criminosos estão aprisionados. E aqueles que se deixam prender pela policia e condenar pelos tribunais são, precisamente, os deficientes. *A frequencia das molestias mentais indica um defeito grave da civilização moderna. Não é duvidoso que nosso modo de vida conduz*

às desordens do espirito." (Os grifos são desta transcrição).

Ainda sobre os Estados Unidos diz o dr. L. M. Walton, no *Jamaica Publish Wealth*, que, enquanto a população duplicou até hoje, o numero de enfermos mentais sextuplicou. Acrescenta que na Inglaterra existem atualmente 125.000 loucos, além de 150.000 pessoas afetadas de idiotia, inclusive 48.000 crianças, acarretando uma despesa anual de quatro milhões esterlinos, ou sejam, 438.000:000$ em nossa moeda, calculada a libra em 87$000.

O mesmo podemos dizer da França.

Não tendo em mãos uma estatistica mais rerente, apontaremos a do dr. Lunier, que ali estudou a progressão dos alienados, de 1835 até 1882. Si, em 1835 havia em França 16.500 alienados para uma população de 33.356.500 habitantes, em 1882 a proporção era de 83.000 para ...... 36.839.000. O numero de doentes do cerebro quintuplicára, enquanto que a população nem ao menos duplicára (1).

Em todas as outras nações o mesmo fenomeno se observa, conforme asseveram todos os que se têm ocupado do assunto.

Quando, em 1842 fundou-se, entre nós, o então Hospicio Pedro II, hoje Hospital Psiquiatrico, o grande edificio só teve inicialmente de abrigar 140 doentes, em sua maioria escravos; e a obra de José Clemente Pereira foi acusada de suntuaria. E assim o parecia até a proclamação da Republica, em 1889. Em 1891, o primeiro diretor da *Assistencia medico-legal aos alienados*, o professor Teixeira Brandão dizia, em oficio ao ministro da Justiça, existirem hospitalisados no Hospicio Nacional de Alienados 300 doentes. Quando, porém, Juliano Moreira assumiu a direção de tais serviços, em 1903, existiam internados cerca de 800 doentes, no Hospicio e na Colonia da Ilha do Governador. Hoje, orçam por perto de 4.000. Tudo, sem contar os doentes dos estabelecimentos particulares e os não hospitalisados, cujo aumento é, certamente, proporcional ao dos hospitalisados. E não se diga que uma tal situação derivou do aumento da população, pois que, si a população da nossa Capital no maximo triplicou, desde o advento da Republica até hoje, o numero dos doentes internados, no minimo, decuplicou. E devemos notar que ainda no ano de 1900 o Hospicio Nacional de Alienados recebia, além dos enfermos do Distrito Federal, os de alguns Estados limitrofes e tambem do Paraná, fato hoje reduzido ao minimo, pela assistencia já dada aos loucos nestes Estados. E, para termos ainda uma idéia da importancia dos movimentos sociais na explosão da loucura, diremos mais que "em 1889 o numero de admissões no Hospicio fôra de 77 doentes, para subir no ano seguinte a 498 e ir progressivamente aumentando, com pequenas altas e baixas até o ano de 1901, em que o numero se elevou a 645, embora a êle não tivessem mais concurrido, durante este ultimo ano, os alienados do Estado do Rio." (3)

CIVILIZAÇÃO?

Este fenomeno alarmante do incessante aumento dos sintomas cerebrais e nervosos da molestia será devido aos progressos da civilização como ainda se diz, ou porque o espirito não é tão solido quanto o corpo, como o afirma Carrel, aliás, aprioristicamente? Quanto á primeira proposição, penso que as considerações já feitas no começo deste escrito são suficientes para respondê-la. Tive mesmo a ventura de combater tal asserção em minha tése inaugural — "*Da influencia dos fatores sociais sobre a degeneresencia da especie humana*," quando aí dei preponderancia por inspiração propria, contrariando a opinião sustentada por todos os cientistas, aos fatores sociais sobre os biologicos; sustentei que a civilização, em si mesma, não poderia ser responsavel pelos progressos da decadencia humana, pois seria um contrasenso fazer derivar o mal do bem; e que um motivo oculto, que ainda não se me apresentava bem definido, deveria ser o grande causador do fenomeno; mas que, qualquer que êle fosse, sendo a degenerecencia humana provinda de causas essencialmente sociais, só poderia ser corrigida por uma medicina social, que seria necessariamente, a medicina do futuro. Passados 35 anos, nada tenho que juntar a estas afirmações que espontaneamente me surgiram, sinão o conhecimento mais real dos fatores sociais anormais determinantes das molestias, que se reduzem, em ultima analise, aos mesmos fatores normais, apenas exaltados ou deprimidos. Carrel atribuiu o fenomeno a *um defeito grave da civilização moderna* e ao *nosso modo de vida*, sem nos dizer qual seja este grave defeito, e, portanto,

(1) — V. L'HOMME, CET INCONU, pag. 183.
(2) — V. ANAIS MEDICO-PSICOLOGICOS de 1883.

(3) — V. *Jefferson de Lemos* — "*Da influencia dos Fatores sociais sobre a degenerecencia da especie humana*" — *Tése inaugural de* 1901.

sem nos descobrir a verdadeira natureza do mal (1).

Quanto á outra proposição, o ser o incremento da loucura devido á maior fragilidade do cerebro em relação ao corpo, não corresponde á realidade. Tanto a observação da marcha dos sintomas morbidos, nos casos individuais, como a observação da marcha das manifestações coletivas, provam o contrario. Vemos, assim, muitos velhos, já alquebrados do fisico, diminuidos nas suas resistencias organicas vegetativas, ainda capazes de amar e pensar com bastante eficiencia, só não sendo sucetiveis de agir do mesmo modo. Lembraremos, como exemplo, Fontenelle produzindo mentalmente até os cem anos e Cornaro, escrevendo comedias depois dos oitenta anos. Inumeros outros casos poderiamos apontar de octogenarios no pleno dominio de suas forças mentais e morais. Como o diz Augusto Comte, o cerebro seria capaz de gastar dois corpos e talvez tres, de modo que o verdadeiro problema da longevindade seria "fazer com que o corpo dure tanto quanto o cerebro"; geralmente, é o corpo que arrasta o cerebro ao tumulo.

MARCHA DOS SINTOMAS

Observando a marcha dos sintomas nas molestias agudas, podemos sempre constatar ainda que êles se fazem sentir primeiro nos orgãos vegetativos (as alterações das secreções, a febre, as palpitações, os fluxos sanguineos, as alterações da nutrição, etc.), passando depois aos aparelhos da vida de relação (as dôres locais ou gerais, a prostatação muscular, as caimbras, convulsões, etc.) e por fim ao aparelho cerebral (agitação e delirios). Estes ultimos anunciam sempre uma maior gravidade da molestia. Si tais sintomas se apresentam, de inicio, nas molestias agudas, são sempre de prognostico sombrio para o doente. Nas molestias crônicas a marcha é a mesma: as afecções cerebrais são geralmente precedidas, ás vezes longo tempo, por disturbios vegetativos que não foram suficientemente observados e corrigidos em tempo util.

Apreciada coletivamente, na sucessão dos diferentes fases da evolução, humana, esta marcha ainda se apresenta mais nitida. Assim, no estado fetiquista inicial a loucura é rara. Viajantes que penetraram no âmago do imperio chinês, onde não havia hospicios, só encontraram ahi poucos loucos. E as populações interiores da China são ainda feticocratas. O mesmo foi sempre observado entre os selvagens americanos. Tambem a loucura não era comum nas teocracias que deram o melhor tipo de organização social até hoje. Daí para deante, no entanto, a evolução social passou a fazer-se mais ou menos revolucionariamente, rompendo-se a unidade afetiva pelo predominio da inteligencia (civilização grega) e da atividade (civilização romana) sobre o sentimento, principalmente no periodo da decadencia das duas civilizações precursoras da civilização ocidental. Duas epidemias nevroticas podem ser apontadas nos reinados de Tiberia e de Nero: o *messionismo* e o *profecismo judaico*, dentre varias outras (2).

O Catolicismo medieval reconstituiu, no ocidente, do III ao XIII seculos as forças sociais e morais sob ascendente do sentimento. E si o temor do Inferno, exaltando o instinto conservador, fez aí os possuidos do demonio, e si as esperanças no Céu fez alguns misticos exaltados, a mediação de um sacerdocio inteligente e moralizado, capaz de inspirar confiança, facilmente corrigia tais disturbios por uma intervenção medica toda espiritual. Podemos, no entanto, no X seculo, constatar aí uma epidemia psiconevrotica de possessos demoniacos e o *missionismo heroico* dos XI e XII seculos, estimulado pelo misticismo das guerras santas, cujos exercitos eram, muitas vezes constituidos por crianças. Desde, porém, que o regime catolico-feudal começou a decompôr-se no XIV seculo, e que a influencia sacerdotal entrou a enfraquecer-se, inumeras epidemias surgiram, não só de molestias vegetativas, mas tambem de psico-nevroses histericas, epilepticas e coréicas, que, por vezes, atingiam populações inteiras. "A coréomania aparece em França no XIV seculo, recrudecendo nas festas de S. Guido. Do XV ao XVI seculos, por dezenas se contam as epidemias psico-nevroticas que se desenvolvem em todos os pontos da Italia, da França, da Espanha e da Hungria. O zoomorfismo, o zoantropismo, o vampirismo, as coreomanias, a histeria, são as suas formas mais comuns. Em todos os orfelinatos, conventos, recolhimentos, aparece o demonismo zoomorfico. Ainda no XVIII surge o demonismo em Loudun, que dura sete anos e uma epidemia de sintomas convulsivos entre os jansenitas" (3). Como se póde observar, as

---

(1) — Devo acrescentar que a medicina social, cuja necessidade então sentimos, cuja natureza ainda desconhecia, foi-me pouco depois revelada pela construção social de Augusto Comte.

(2) — V. *De Gheef* — LE TRANSFORMISME SOCIAL.

(3) — V. Dr. *Jefferson de Lemos* — Tése inaugural.

formas eram mais psico-nevroticas, com delirios de fundo teologico-feitiquista, e de aspecto epidemico. Dahi por diante, as manifestações passaram a ser mais acentuadamente cerebrais e de formas e sintomas os mais variados, tomando uma extensão maior, como uma verdadeira *pandemia progressiva*. Esta transformação, póde dizer-se, data da Revolução Franceza, o grande marco social entre o passado e o futuro, embora revolucionáriamente posto. O delírio das guerras napoleonicas apresenta-se mesmo como um último vestigio dos delírios messianicos que se procura reviver hoje, mas sem grande assentimento dos povos, salvo na Alemanha, socialmente a mais atrazada das nações europeas (1).

Esta instabilidade coletiva como que se acentuou ainda mais, depois da guerra mundial de 1914. E a molestia cerebral tomou as formas espúrias das esquisofrenias e oligofrenias, que são as que hoje enchem os asilos de loucos, com exarcebações coletivas espantosas, como se observa na Russia e na Espanha. Mas há ainda a considerar o aspecto moral da questão, com a onda dos crimes de toda a espécie que surgem por toda a parte.

Ora, a marcha dos surtos epidemicos demonstra que êles começaram pelas formas vegetativas, sobrevindo sucessivamente, ao lado delas, as formas nevróticas, e, por fim, as formas cerebrais. Muito antes das manifestações nevróticas coletivas já algumas formas epidemicas comuns devastavam as populações humanas. As epidemias de que há noticia mais antiga foram as do cólera e da peste, descritas nos manuscritos mais velhos da India, da Persia e do Egito. Delas é que principalmente se ocupam os livros de Hippocrates, de Paulo de Egina, de Celso, de Pretino, de Alexandre de Tralles e de Coelius Aurelianus, como os de todos os médicos de outrora (2).

Durante toda a primeira metade do desenvolvimento social do Ocidente, até o fim da idade-média, foram tambem, quase que estas somente, as incursões epidemicas que devastaram a Europa. A varíola e o sarampo só surgiram mais tarde, por ocasião da luta entre o islamismo e o cristianismo. E' para notar que as formas de febre catarral epidemica, hoje denominadas *gripe*, só apareceram e se desenvolveram, cada vez mais, em extensão e em intensidade, do 14º seculo para cá. E não seria dificil encontrar uma relação entre os sintomas de uma tal afecção e a excitabilidade nervosa dos tempos modernos. Na realidade, além da coincidencia entre tais epidemias e as epidemias nevróticas acima referidas, notemos a relação existente entre o revestimento cutaneo, séde principal da sensibilidade geral e o revestimento mucoso, de modo que toda a irritabilidade nervosa repercute sempre sobre um e outro, tornando a sua sucetibilidade maior e determinando os sintomas correspondentes. Na realidade, é sabido que um dos sintomas da gripe, além das inflamações catarrais das mucosas, é a grande exaltação da sensibilidade cutanea ás variações da temperatura, e a qualquer contacto, mesmo das roupas, uma lassidão dos músculos (sensibilidade muscular), e a facil propagação destes sintomas aos centros cerebrais, com os delírios, mortes súbitas (comprometimento do bulbo raquidiano), e, muitas vezes, a loucura como consequencia.

O dr. Fuster, que, depois de Hippocrates, foi talvez quem melhor estudou as epidemias, detem-se especialmente sobre as epidemias destas formas catarrais, que eram desconhecidas dos antigos, e só apareceram no ano de 1323, podendo ser estas epidemias consideradas como a forma epidemica essencialmente ocidental. De 1323 a 1837, Fuster conta cincoenta grandes epidemias de febre catarral, que tomou o nome de gripe em 1742. A de 1510 foi a primeira bem descrita por Mazerai. De então em deante, foram se tornando, cada vez mais extensas e mais mortíferas, até chegarmos á grande pandemia de 1918, cuja devastação mundial nos é bem conhecida.

Os medicos microbistas ligam os surtos epidemicos apenas á penetração e desenvolvimento de germens mortiferos em nosso organismo, e ao contágio consecutivo. O estudo profundo feito pelo dr. Fuster constatou, no entanto, a correlação existente entre o surto das epidemias quaisquer e os abalos sociais e morais. Datando o seu precioso estudo de 1840, êle não conhecia ainda o aspecto microbiano da questão, mas dotado de espirito penetrante e relativo, tentando explicar as causas das epidemias, diz: 'mas si é necessário absolutamente pronunciar-nos, procurariamos voluntariamente o segredo das epidemias em uma combinação extraordinária de causas cosmicas e de influencia morais e políticas" (3). A realidade é justamente essa. Como dissemos acima, toda a molestia, epidemica ou não, depende sempre de condições exteriores e interiores e jamais poderiamos dispensar, na apreciação, nem uma nem outra. Entre as influencias exteriores é necessário contar tambem com os micro-organismos, mas

(1) — A Russia, segundo o Fundador da Sociologia, é um país mais asiático que europeu.

(2) — V. *Dr. Fuster* — Maladies de la France.

(3) — *Ibidem*, pag. 261.

o certo, (salvo excessões) é que as condições interiores, (nas quais sobresaem as disposições morais), e as influencias exteriores sociais são as predominantes, sendo todas as outras acessórias. A instabilidade social vulgar é responsavel assim pelas molestias esporádicas comuns e pequenas epidemias; são, porém, os abalos sociais intensos que determinam o surto das grandes epidemias e pandemias do que tivemos um recente exémplo em 1918. Tal é a chave da questão (1).

Assim, pois, não é porque o cerebro seja mais fraco que o corpo, como diz Carrel, que se opera o incremento hoje dos sintomas cerebrais, e sim porque a sucetibilidade coletiva já ganhou o cerebro, o que mostra a gravidade da situação moderna, e esta situação estendeu-se hoje tambem ao Oriente, E, si quisermos admitir que todos aqueles que raciocinam fóra da lógica são doentes mentais, chegaremos ao conceito de não haver hoje quase ninguem mentalmente são. Esta consideração nos conduz a um prognostico sombrio em relação aos dias que nos esperam, pois que ficamos no dificil circulo vicioso: a anarquia social desorganizando cada vez mais os cerebros e a reconstrução social exigindo a intervenção de cerebros sãos. A verdadeira molestia, a grande molestia geral é, mesmo a do organismo social. Resultante, inicialmente, da revolta do espirito contra o coração (2), ganhou o corpo social inteiro, pela insurreição dos vivos contra os mortos, rompendo a continuidade humana com o passado e ainda com o futuro, o que, deixando cada qual apenas sujeito ás proprias inspirações, onde o egoismo ganha sempre terreno, acabou por alterar toda a unidade humana.

Com estes dados, ficamos em condições de apreciar melhor os problemas da *assistencia publica aos doentes*, sob um aspecto mais amplo e mais racional. Em qualquer caso, dois são os modos principais que se apresentam:

1.° — Amparar os doentes agúdos e cronicos, hospitalizando-os em estabelecimentos adequados ao seu tratamento, segundo as variadas formas da molestia;

2.° — evitar, tanto quanto possivel, por todos os meios cientificos já conhecidos, a explosão e desenvolvimento destas molestias, esporádicas, endemicas ou epidemicas.

Tais são a *hospitalização* e a *profilaxia*.

Como ficou evidenciado acima, na apreciação histórica que fizemos, é certo que a principio, a atenção foi chamada para o surto das molestias comuns, e a hospitalização foi o primeiro modo que se impôs, por isso que, não se conhecendo quase nada em relação ao surto das epidemias senão contágio, recaia-se sempre na hospitalização, com o isolamento em lazaretos, etc.; a profilaxia quase que se reduzia a um saneamento do solo empiricamente aplicado.

A descoberta dos microorganismos, a do seu modo de disseminação, de inoculação, etc., veiu dar, desde então, um grande desenvolvimento a este modo de assistencia, que, pode-se dizer, só ganhou verdadeiramente eficácia do começo deste seculo para cá. A proflaxia das molestias comuns chegou então a tomar um maior ascendente e prestigio, a ponto de nunca hesitarem os governos em gastar grandes somas do erário público para evitar o surto e a propagação das epidemias e endemias das molestias comuns. E' o que se póde observar entre nós. Os problemas da saúde pública, durante um certo periodo, quasi que se tornaram exclusivamente de pura profilaxia microbiana, afim de extinguir a febre amarela, a peste, a varíola e ainda os tifos, a sifilis, ou as endemias de malaria e das verminoses, tão comuns no nosso interland. Os problemas da hospitalização ficaram em segundo plano, quase entregues ás iniciativas particulares, e só nesta última decada, principalmente com a segunda república, tem sido abordado com mais atenção, quer para as doenças cronicas, como a tuberculose e a lepra, quer para as doenças agudas.

---

(1) — E' ainda do dr. Fuster a seguinte observação — (Maladies de la France, pag. 263): "Durante a idade média (o mundo ocidental até o XIV seculo) não se constatou nenhuma afecção que se possa comparar com as precedentes pelo triplice aspecto que assinala uma épidemia, a saber: a particularidade dos caractéres, a generalização universal e a excessiva gravidade. Todas as molestias populares deste periodo, e, em particular, o *mal dos ardentes* espécie de ergotismo gangrenoso, engendrado pela alteração dos grãos (cereais), tiveram causas vulgares, uma força de propagação circunscrita e fenomenos comuns. Ora, devemos lembrar-nos de que, nesta época isto é, antes das aventurosas expedições dos cruzados, a maioria das nações, pelo menos as que partilhavam das duas grandes alavancas de toda a ação poderosa, a força e o genio, repousavam-se de seus abalos no seio do cristianismo, e que, durante os quatro ou cinco seculos que este periodo encerra, as guerras, as mais ruidosas manifestações das perturbações sociais, foram, ao mesmo tempo, menos numerosas e menos mortiferas que nunca". (Os parentesis são desta citação).

(2) — A necessidade da base cientifica e, portanto, da instituição de toda a série enciclopedica iniciada na civilização grega e terminada com a construção da sociologia e da moral cientifica, deu em resultado a preponderancia da inteligencia e as devastações do orgulho teórico. Hoje só se liga importancia aos talentos, principalmente os de expressão, deixando-se relegado em segundo plano o sentimento, a que se dá a denominação pejorativa de *sentimentalismo*, e o caráter é tido, muitas vezes, como prova de estupidez. Mais considerados são hoje os espertos com suas espertezas.

ASSISTENCIA AOS PSICOPATAS

Enquanto, porém, estes aspectos da assistencia pública entre nós se foram rapidamente desenvolvendo, quase que se deixavam esquecidos os da assistencia aos alienados. Na realidade, este, a principio, não se apresentava tão premente quanto o é hoje. Lembraremos que o nosso Hospicio Pedro II, fundado por decreto imperial de 1841, foi mesmo de iniciativa particular, com recursos tambem particulares, sendo o Imperador um dos primeiros a dar do seu bolso. Como que o governo não se achava no dever de tomar sobre si uma questão que era então de pouca monta. Já dissemos que Clemente Pereira, o autor da iniciativa, atendendo aos clamores de médicos de nomeada tais como José M. da C. Jobim, Antonio Luiz da S. Peixoto, Sigaud e De Simoni, fôra acusado de fazer obra suntuosa — um tão grande hospital para apenas 140 doentes, ao que êle respondeu com proféticas palavras — dentro de pouco tempo será pequeno o Hospicio para conter os loucos da Côrte. Hoje, na realidade, este hospital construido para abrigar 400 doentes, já contem mais de 2000 orçando-se por 4000 os hospitalizados nêle e nos asilos-colonias, e isto, sem contar os que se acham recolhidos aos hospitais particulares.

Foi só com o advento da República em 1889 que o Governo chamou a si a ingente tarefa. Já existia então a cadeira de clínica psiquiátrica na Faculdade de Medicina, criada por decreto de março de 1881, inicialmente regida pelo professor Nuno de Andrade, e, logo depois, em 1883, pelo professor Teixeira Brandão, em virtude de concurso, sendo ainda este nomeado diretor do Hospicio em 1886.

O decreto do Governo Provisorio da República, de janeiro de 1890, desanexou o Hospicio Pedro II da Santa Casa de Misericordia, passando o estabelecimento a denominar-se Hospicio Nacional de Alienados, ficando ligado ao Ministerio da Justiça, sendo mantido na direção o professor Teixeira Brandão. No mesmo ano foram ampliadas as atribuições do diretor do Hospicio, criando-se a Assistencia médico-legal aos alienados, com o Hospicio e dois núcleos coloniais para os doentes cronicos, na Ilha do Governador.

Esta organização perdurou até 1903, quando foi nomeado o professor Juliano Moreira com plenos poderes para reorganizar a *Assistencia a Alienados do Distrito Federal*. O professor Moreira, com o concurso inestimavel de Afranio Peixoto, procurou então adaptar á Assistencia aos alienados as mais modernas aquisições cientificas até então conhecidas no tratamento dos loucos, creando-se serviços novos, como pavilhões para epiléticos, para as molestias intercorrentes, um serviço amplo de cirurgia, a escola de crianças anormais, a supressão de uns tantos meios coercitivos ainda usados e, mais tarde, a colonia para mulheres do Engenho de Dentro, cuja organização foi entregue ao dr. Braule Pinto, o seu primeiro diretor, e, em 1919 foi creado o Manicomio Judiciario entregue á direção do dr. Heitor Carrilho.

Infelizmente, duas dificuldades em pouco tempo se apresentaram, que impediram a Juliano Moreira manter sempre no mesmo nivel a Assistencia aos Psicopatas, tal como fôra então instituida — o progressivo aumento das internações e a falta de recursos financeiros para novas transformações urgentes e inadiaveis. Quanto á primeira, basta lembrar, como dissemos, que, estando apenas internados uns 300 doentes, no começo da Republica, este número orçava em perto de 800, em 1903, e já ascende hoje a perto de 4000. Quanto á segunda, lembraremos que debalde Juliano Moreira esforçou-se para que fossem criados novos núcleos colonias. Contudo, o Ministro Rivadavia Corrêa deu-nos a Colonia do Engenho de Dentro, hoje Gustavo Riedel, e depois adquiriu a grande séde de Jacarepaguá, hoje Colonia Juliano Moreira, para onde foram transferidos os doentes da Ilha do Governador, sendo então seu diretor o dr. Rodrigues Caldas, e a cujo desenvolvimento o Governo do dr. Getulio Vargas, com o seu operoso ministro Gustavo Capanema, tem dado o melhor dos seus esforços, com a construção de mais dois grandes núcleos e um grande edificio (monobloco) cada um deles com a capacidade de 640 leitos, além do nucleo inaugurado em fins de 1936 (nucleo Franco da Rocha), com capacidade para 600 leitos.

Até hoje, a preocupação tem convergido, principalmente, para a hospitalização. Os problemas da Assistencia aos Psicopatas exigem, no entanto, uma maior amplitude. Em 1907 surgiu nos Estados Unidos, aos esforços de Clifford Beers, o problema da profilaxia das molestias cerebrais, com o nome de Higiene Mental. Um tal problema tem empolgado a atenção dos psiquiatras tanto quanto a descoberta dos microorganismos empolgou a dos biologistas. A' primeira vista, parecia sugerir que bastaria para fazer desaparecerem todos os loucos da face da Terra. Não vamos aqui discutir o quanto estas esperanças seriam ilusórias, pelos claros motivos já acima expostos. Nenhum problema médico será cabalmente resolvido enquanto durar a anarquia social e moral dos nossos dias. Mas, si, com a

atenção voltada para os problemas da higiene mental e com os estudos que têm sido já realizados sob esse aspecto, não devemos pretender haver mais uma vez encontrado o elixir da longa vida, um resultado prático póde dêle decorrer para a assistencia aos fronteiriços da loucura. Até hoje tais doentes têm sempre procurado ocultar da sua entourage e dos médicos os primeiros sintomas dos seus disturbios mentais, com medo da internação nos hospicios e asilos, e assim se mantêm, até a explosão da molestia que então exige a internação forçada.

A instituição de um amplo serviço de profilaxia mental, com ambulatorios nos bairros mais populosos atenderia áqueles que manifestassem os primeiros sintomas de disturbios cerebrais e nervosos, recebendo aí os conselhos higienicos e o tratamento adequado. Só uma tal profilaxia poderia deter, até certo ponto, esta onda crescente das internações que sóbe em uma proporção quase geométrica.

E' este modo de assistencia que falta ainda quase inteiramente entre nós. O regulamento da Assistencia a Psicopatas de 1927 abriu-lhe o caminho, dando autorização para que se a levasse a efeito em tempo oportuno; mas só em 1932 criou-se um núcleo inicial no Hospital Psiquiátrico, com a denominação de Higiene Mental, entregue á chefia do dr. Plinio Olinto, e que, apesar dos serviços prestados, até hoje aguarda o nécessário desenvolvimento. Mas a assistencia aos alienados não pára aí, tal a complexidade maior dos seus aspectos, como é obvio. E' necessário ainda cuidar dos *egressos*. Os doentes que obtem alta raramente deixam de continuar meioprágicos do cérebro e da inervação. Os óbices que se levantavam, dificultando a sua readaptação social são inúmeros, quer resultantes da propria natureza da molestia, quer pela suspeição em que ficam tais doentes. Si a existencia é hoje dura para os individuos sãos, que se poderá dizer para os que já atingiram o limite mais grave da molestia e que ficam sempre sujeitos a uma recaida, uma vez expostas aos mesmos fatores que já uma vez o fizeram sucumbir? Estes egressos precisam tambem de ser amparados e de continuar assistidos. Esta assistencia póde ser feita ou nos ambulatórios, ou nos lares, ou mesmo na vida pública, quer se lhes aconselhando os trabalhos em que possam ainda ser uteis, quer em patronatos que lhes possam dar trabalho industrial (de pequena industria) ou de agricultura.

E' a assistencia *social aos egressos*, tambem criada em germen no regulamento de 1927, e para a qual foi nomeado o dr. Homem de Carvalho e que tambem teve um inicio de desenvolvimento em 1932. Compreende-se ainda como uma tal assistencia, evitando as recaidas, ainda póde concorrer para a diminuição das internações hospitalares.

Mas ainda ligadas á assistencia aos alienados existem outros aspectos particulares do magno problema, que necessitam de ser atendidos. Assim, o caso dos *loucos que se tornam criminosos* ou dos criminosos que ficam loucos e o dos *menores retardados*. Os primeiros só podem ser recolhidos em um estabelecimento especial, como o é o *Manicomio Judiciario*, que melhor deveria ser denominado — *Manicomio criminal*; os segundos, que hoje são tratados numa repartição do Hospital Psiquiátrico, o *Pavilhão Bourneville*, sob a designação de *escola de retardados*, devem, com mais propriedade, ser tratados num asilo-colonia, mais amplo e mais eficiente ao tratamento.

Pensamos que deve ser mantida a sua anexação á assistencia aos psicopatas como o está hoje, e não anexar-se tal serviço ao Departamento da Educação. E a razão é clara: si a loucura verdadeira é rara nas crianças, até a época da puberdade, todos os retardados não deixam de ser doentes do cerebro e da inervação. E' pois, mais justo que devem ser tratados pelos psiquiátras e neuriatras.

Na realidade, si é imprecindivel a todo psiquiatra o conhecimento do que se denomina *psicologia*, nem todo psicologista é obrigado a conhecer a psiquiatria e as molestias nervosas, de modo que, incontestavelmente, a assistencia aos menores retardados deve caber aos psiquiatras.

Que é, porém, a *psicologia?* Deve um tal estudo constituir uma ciencia á parte das outras? Na realidade, a psicologia é o estudo das funções do cerebro, e, como tal, constitui um problema biologico ligado á fisiologia geral, posto que o mais complexo. Como tal, não há razão para constituir uma ciencia diferente. Si, porém, quisermos dar-lhe a significação de *Moral*, ou o estudo da natureza humana total, individualmente considerada, assim como a sociologia estuda o homem na coletividade, então, sim, ela constitui, na realidade, uma outra ciencia, com leis proprias, mas uma tal ciencia, a mais transcendente de todas, exige que se seja enciclopedista, isto é, que se conheçam todas as outras. Preenche algum psicologista, em nossos dias uma tal preparação? Não pretendendo entrar em maiores desenvolvimento sobre tal as-

sunto, o que nos levaria longe, apenas deixamos aqui a pergunta. De qualquer modo, é possivel conhecerem-se os fenomenos cerebrais normais, sem se ter o tirocinio necessário ao tratamento destes fenomenos, quando se tornam anormais, o que exige que se seja tambem médico. Tendo-se, portanto, como preliminar, que tanto o médico como o pedagôgo devam conhecer os fenomenos cerebrais normais, é aos médicos que compete assistí-los. E, si só a dispersão cientifica instituiu a classe especialisada dos psiquiatras, pois normalmente, nenhum médico deveria desconhecer a psiquiatria, é certo que sob o aspecto prático, os problemas relativos á assistencia aos insanos mentais exige um tirocinio longo, que, só, póde prepará-los a este mister. A complexidade de tais problemas está a demonstrar que a assistencia aos alienados exige um aparelhamento, uma organização e uma especialisação pratica bem diferentes do exigido para as molestias comuns, seja no que respeita a hospitalização, seja no que respeita a profilaxia. E são necessários, não só médicos com longo tirocinio como ainda um corpo de enfermeiros especialisados. Aos médicos, é necessário conhecer todas as questões sociais que a êles se ligam; a todos (médicos e enfermeiros) cumpre conhecer todos os detalhes no modo de tratar tais doentes.

Um dos modos da assistencia pública não poderia assim absorver o outro. Colocar a Assistencia aos Psicopatas subordinada ao Departamento de Saúde Pública que atende ás molestias comuns, seria o mesmo que colocar o Departamento de Saúde Pública subordinado á Assistencia aos Psicopatas. Si tivesse de haver, aliás, a subordinação de uma á outra, compreende-se bem que os serviços relativos ás molestias negativas é que deveriam ficar subordinados aos relativos ás molestias cerebrais, por serem mais simples, mais materiais e melhor conhecidas por todos os médicos, psiquiatras ou não, enquanto que o conhecimento das molestias cerebrais e do seu modo de tratá-las exige um tirocinio bem diferente e mais complexo, como dissemos. A não ser que um Diretor geral fosse apenas um órgão coordenador de todas as dependencias da Saude Pública, deixando aos respectivos chefes, a maior independencia nas iniciativas. Mas, incontestavelmente, é esta a função dos Ministros, o que daria em resultado uma superfetação de atribuições. (1)

Nestas condições, pensamos só haver dois modos de resolver uma tal situação: ou conservar-se o Ministério da Educação e Saúde Pública com tres departamentos: o da *Educação*, o da *Saúde Mental* e o da *Saúde Fisica;* ou dois Ministérios, o da *Educação* e o da *Saúde*. Cada um destes se dividiria então em dois departamentos: os da *Educação Fisica* os da Saúde Fisica e da *Educação Mental* e da *Saúde Mental*. No primeiro caso, caberia melhor ao triplice Ministério a denominação de *Ministério da Assistencia Social* como o idealizou o ministro Washington Pires em 1934, pois que, em qualquer dos casos, trata-se da assistencia dada pelo Estado aos sãos ou aos doentes. Pensamos que qualquer dos modos se ajustaria melhor ás noções cientificas hoje adquiridas em relação aos problemas médico-sociais.

O departamento da *Saúde Mental* comportaria, como o da Saúde Física, duas grandes subdivisões: a de *profilaxia* e a de *hospitalização*. Esta ainda teria dois outros aspectos: a hospitalização dos doentes agudos e a dos crônicos; e a profilaxia, dois outros: a preventiva e a protetiva — a assistencia aos fronteiriços e aos agressos.

Já mostramos a importancia da assistencia profilática em ambulatórios. Sem ela, não poderiamos impedir que, dentro de 10 anos a população dos hospitalizados tenha dobrado, como dobrou nesta última decada. Tais ambulatórios serviriam ainda de triagem para a hospitalização dos doentes nervosos e mentais, uma vez reconhecida a necessidade de tal medida, aceita então pelos doentes, sem resistencia, uma vez que já se tenham familiarizado com seus médicos.

Um ambulatório central, anexo ao Hospital Psiquiátrico para agudos, podendo mesmo ser no corpo do estabelecimento, chefiaria um tal serviço, coordenando ainda todos os dados bio-estatisticos a êle relativos e colhidos nos diversos ambulatórios. Em relação com estes serviços funcionaria o de egressos.

Teriamos assim um diretor geral em cada Departamento, ligado diretamente ao ministro com a maxima eficacia no resultado. E, uma vez que fosse creado o *Ministerio da Saúde*, cujo ministro deveria ser sempre um médico, este cuidaria das medidas gerais de todos os serviços de Saúde da União, ficando aos diretores dos departamento exclusivamente as relativas ao Distrito Federal. Todas as outras subdivisões dos diferentes serviços seriam entregues a outros tantos diretores e chefes de serviço, como os seus auxiliares.

(1) — Esta situação seria evitada si fosse creado o Ministerio da Saúde Publica.

Julgamos que assim ficariam todas as questões relativas á assistencia pública ou social aos enfermos com uma unidade completa, sem que as atribuições respectivas se pudessem nunca confundir.

Dir-se-á, porém, que uma tal organização seria muito dispendiosa. Diremos, no entanto, que bastaria que se gastasse com a assistencia aos loucos o mesmo que sempre se gastou com os outros aspectos da assistencia pública, especialmente com os serviços de profilaxia. Não temos, no momento, dados para comparar o que gastamos com o que gastam outros países civilizados. Mas já nos referimos ao artigo do dr. L. M. Warton publicado no "Jamaica Pulish Health", relativamente ao que gasta a Inglaterra com os seus 275.000 alienados, orçando este dispendio em 438.000:000$000. Calculando que em todo o Brasil hajam hospitalizados 15.000 loucos, deveriamos gastar 34.000:000$000. Só os serviços de profilaxia e a proteção aos egressos teriam que pesar mais em nossas verbas, o que seria, no entanto, compensado pela diminuição da hospitalização, por um maior desenvolvimento do trabalho agricola dado aos alienados crônicos, a título mesmo de tratamento — a *praxiterapia*, e por um maior rendimento do *pensionato*.

Como até aqui não falamos ainda deste, lembrariamos a necessidade de dar uma maior atenção a este aspecto da assistencia. Existe uma classe social intermediária aos ricos e aos indigentes que não tem recursos para subvencionar o tratamento dos seus doentes em estabelecimentos particulares, sempre muito dispendiosos. O que mais choca no caso é a promiscuidade entre pessoas que tenham recebido educação domestica e civica e outros que não têm educação nenhuma, muitas vezes até com habitos depravados. O pensionato, com uma remuneração módica como já existe hoje, apenas tornada mais ampla e eficaz, resolveria um tal problema.

Resta-nos falar da assistencia aos *nervosos*, que constituem uma classe intermediária aos doentes de molestias vegetativas e aos de molestias cerebrais. Mais ligadas as molestias nervosas ás mentais, de que são, muitas vezes, as precursoras, praticamente a sua assistencia deve ficar separada, quando tratar-se de pessoas mentalmente sãs. Mas os ambulatórios de tratamento e triagem podem ser comuns. O mesmo podemos dizer em relação á *neuro-sifilis* e á *sifilis cerebral*.

Com uma tal organização da Assistencia Pública aos enfermos, em um Ministerio com dois departamentos, pensamos que estariamos aparelhados para enfrentar todos os seus problemas com o máximo de eficiencia, colocando-nos ao nivel das nações que melhor se têm ocupado com sua solução. Em um momento em que a nossa Capital foi escolhida para séde do *Terceiro Congresso Mundial de Higiene Mental*, a realizar-se em 1940, e quando nos propomos a reformas radicais em todos os serviços públicos, não poderiamos, sem uma grande falha, deixar em meio um dos que mais solicitam hoje a atenção dos governos fortes, esclarecidos e humanistas como o é o nosso atual Governo. (1)

COMPLEMENTO SISTEMATICO

Adepto da Religião da Humanidade, não devo ocultar minha convicção de que toda a ingerencia do Estado sobre o ensino é provisória, e só subsistirá enquanto durar a transição organica que nos deverá conduzir á *Sociocracia* final. A educação e a instrução caberão então exclusivamente á Mulher, no lar, e ao Sacerdocio Positivista nos Templos da Humanidade.

Estamos, assim, convencidos de que, á medida que a ditadura temporal se for consolidando e se fôr tornando mais sistemática, as escolas especiais de ensino denominadas secundárias e superiores, serão aos poucos suprimidas, mesmo pelo descrédito espontaneo em que irão caindo, até se transformarem, na segunda fase desta transição, nas escolas positivas que prepararão o advento do sacerdócio futuro. No entanto, nestas duas primeiras fases, a ditadura temporal deverá desenvolver e aperfeiçoar, em maior extensão, a instrução primária, enquanto este oficio materno não puder ser convenientemente dado nos lares proletários.

A liberdade espiritual, porém, que a ditadura republicana deverá manter, necessária a impedir toda a opressão e garantir o advento da doutrina que fôr capaz de apresentar-se como verdadeiramente organica, impõe-lhe o dever de deixar inteiramente livres todas as iniciativas privadas de ensino, sobre as quais não deverá exercer mais que uma vigilancia moral, confiada á policia. Assim ficará preparado o desenvolvimento ulterior das escolas positivas, precursoras, como o serão, do secardócio sociocrático.

Como um esclarecimento final, transcrevemos aqui os pontos capitais deste belo programa, no

(1) — E' necessario não confundir governo forte com *governo de força*.

qual se verá como uma influencia social mais decisiva deverá caber aos médicos, hoje muito desviados da sua função espiritual por uma demasiada preocupação material:

"Destinada a todos os oficios, a escola positiva desenvolverá sobretudo a sua aptidão organica para com os serviços públicos que podem mais secundar a transição ocidental, sistematizando a *justiça*, a *diplomacia* e a *administração*.

....

No entretanto, a principal eficiencia, geral e especial, de uma tal instituição deve dizer respeito aos *médicos*, que, desde a rutura do jugo teocrático, tornaram-se, cada vez mais, os precursores naturais do sacerdócio sociocrático. A degeneração academica da ciencia moderna choca ao mesmo tempo suas aspirações sociais e suas tendencias sintéticas, transferindo aos cosmololistas, e, sobretudo aos geométras, a presidencia cientifica, normalmente transferida aos biologistas, desde a idade-média. Mais emancipada e mais progressista que nenhuma outra, só esta classe provisória soube utilizar dignamente a justa censura de Moliére, que a impeliu a desprender-se dos entraves metafísicos e literários para tornar-se o melhor apoio do positivismo nascente. Embora não tenha jamais poupado seu materialismo e sua venalidade, aí achei sempre preciosas simpatias para com a doutrina que faz sobressaír sua importancia social e sua independencia teórica, incorporando seu oficio ao sacerdócio da Humanidade. Esta apreciação histórica não convém sómente, e mesmo principalmente, aos puros biologistas, muito alterados já pela anarquia academica para associarem-se profundamente á reorganização mental e moral. Tenho mais confiança nos dignos práticos que não parecem desdenhar as teorias médicas senão porque sentem instintivamente a inanidade das sinteses parciais. Êles são, no fundo, os mais bem dispostos a secundar a regeneração de um oficio onde as melhores almas devem sempre lutar contra uma iminente degradação.

Fui assim conduzido, ao conceber a instituição transitória das escolas positivas, a destiná-las sobretudo aos médicos propriamente ditos. Elas podem diretamente regenerar aqueles que o governo investiu de um caráter legal, confiando-lhes um oficio sanitário que o autoriza a impôr-lhes condições intelectuais e morais. Estas garantias devem resultar da iniciação enciclopedica, cujo tipo é fornecido pela escola positiva e de uma renuncia solene a todo exercicio privado, para se consagrarem dignamente ao serviço público, desde então convenientemente retribuido (1). Tres graus sucessivos, respectivamente emanados, como alhures, do concurso, da antiguidade e da escolha (merecimento), receberão anuidades de tres, seis e doze mil francos, segundo a progressão sacerdotal (2). Afim de melhor desenvolver os costumes hierarquicos em uma classe espontaneamente hostil a toda disciplina, cada funcionário fiscalizará o serviço, individual e coletivo, dos dois médicos menos graduados que lhes forem especialmente adjuntos. A instituição dos hospitais, que não conveiu senão na idade média, deve radicalmente extinguir-se, á medida que o surto simultaneo das facilidades materiais e da dignidade plebeia permitir substituir uma degradante assistencia pela solicitude domestica. Mas importa secundar esta transformação gradual, desenvolvendo, durante todo o curso da transição organica, o oficio mal esboçado dos médicos públicos encarregados de dirigirem gratuitamente, no seio das familias, os tratamentos privados.

....

E' necessário completar a regeneração da classe médica, desprendendo-a de um vicioso monopolio e de uma assistencia heterogenea. O privilegio legalmente resultante do doutorado não aproveita realmente senão ao charlatanismo, parecendo embora preservar dêle um público ao qual nada poderia garantir contra as consequencias praticas da anarquia teórica, agravada pela ignorancia e mela credulidade. Esta legislação fornece o principal apoio de um vão ensino que estaria já desacreditado si não tivesse a faculdade de conferir o monopolio dos conselhos sanitários. Tão contrária á dignidade sacerdotal quanto á liberdade espiritual, uma tal regra entrava ao mesmo tempo a solicitude feminina e a generosidade patricia. Mas, extinguindo esta opressão em sua principal séde, é necessário não na respeitar em seus auxiliares subalternos (enfermeiros), onde seus vicios acham-se muitas vezes agravedos pela superstição e pela hipocrisia. Envolvidas na supressão geral do orçamento eclesiastico, as corporações, sobretudo femininas, que a retrogradação investiu do monopolio dos cuidados médicos, perderão irrevogavelmente um privilegio cujos inconvenientes publicos e priva-

(1) — Esta situação corresponde ao — tempo integral — que deveria estender-se assim a todos os funcionãrios médicos.

(2) — Necessáriamente estas quotas não poderiam mais prevalecer hoje.

dos todos os médicos conhecem. Todos os que desejam livremente se consagrar ao serviço, temporário ou continuo, dos doentes, devem sempre poder a êles entregar-se livremente, sem se agregar ou se subordinar a confrarias quaisquer, onde o orgulho e a vaidade se desenvolvem sob um devotamento mais aparente que real." (1)

....

"A abolição do tríplice orçamento teórico (teologico, metafísico e cientifico especialista) fará por toda a parte sentir a necessidade e a possibilidade de regenerar a instrução pública. Não se poderá mais desconhecer o quanto a situação ocidental repele os estudos teológicos e metafísicos e desenvolve as tendencias positivas. Ao mesmo tempo, o *surto das utopias subversivas* esclarecerá a verdadeira natureza da molestia moderna, hoje dissimulada pelos diversos paliativos materiais. (Augusto Comte escrevia isto em 1854). *Lutas decisivas* disporão todos os conservadores esclarecidos e sinceros a reconhecerem que só a Religião da Humanidade póde disciplinar as almas atuais. Seus serviços serão breve bem apreciados para inspirarem aos homens de Estado, não só o respeito habitual aos seus conselhos, mas uma ativa solicitude em favor do seu advento social" (2) — (os grifos e parentesis são desta transcrição).

---

(1) — *Systême de Politique Positive*, T. IV — pags. 426 q 429.

(2) — *Ibidem*, pag. 424.

Quando nasceu a cidade

MAX FLEUISS

O Sr. Dr. Henrique de Toledo Dodsworth, prefeito do Distrito Federal, é um cavalheiro de incontestavel brilho intelectual. Elevado a posição eminente não tem tido *vertigens*, mantendo a mesma linha de gentileza, o que reflete seus atributos morais.

Dedico a S. Ex. todas as simpatias. Fui amigo de seu digno pai, durante algum tempo meu medico, conheci seus avós paternos e a êle proprio encontrei quando, sendo eu secretario da Faculdade de Ciencias Juridicas, cursava o futuro prefeito o 5.º ano, colando grau a 24 de dezembro de 1915.

Certa vez tive mesmo a honra de uma visita sua á nossa casa, cabendo-me a fortuna de conseguir o que êle desejava, aliás coisa muito simples, para um parente seu. Todas essas credenciais eu as apresento para merecer publicamente de S. Exa. o favor de mandar que em todas as escolas municipais seja ensinada a verdadeira data da fundação da cidade do Rio de Janeiro, onde ambos nascemos.

A Cidade foi fundada, segundo o testemunho do padre José de Anchieta na carta ao padre Diogo Mirão, da Baía, datada de 9 de julho de 1565, a 1.º DE MARÇO DE 1565. Convém, para clareza, transcrever o seguinte topico:

"Logo ao seguinte dia, que foi o ultimo de fevereiro, ou o primeiro de março, começaram a roçar em terra com grande fervor e cortar madeira para a cerca, sem querer saber dos Tamoios nem dos Francêses, mas como quem entrava em sua terra, se foi logo o capitão-mór a dormir em terra etc.".

Frei Vicente do Salvador diz precisamente 1.º DE MARÇO. Não póde, pois, haver duvida.

Além disso, foi tambem a 1.º de março de 1567 que Mem de Sá transferiu a cidade do morro *Cara de Cão*, na proximidade da fortaleza de São João, para o morro do *Descanso*, depois de *São Januario* e, por ultimo — do *Castelo*. 20 de janeiro (de 1567) foi a vitoria decisiva de Mem de Sá contra os Tamoios e Francêses.

Simão de Vasconcelos diz que os Portuguêses se fortificaram com trincheiras e fossos no logar onde depois chamaram *Vila Velha*, junto "um penedo altissimo que pela forma se diz Pão de Assucar e outra penedia que por outro lado cercava, com que ficavam em parte defendidos".

Assim, quanto á data e ao local da primitiva cidade do Rio de Janeiro não póde haver controversia.

Mas, qual a significação do 20 DE JANEIRO? Recordando muito justamente a batalha de *Biraoçú-mirim*, na qual foi ferido o fundador Estacio de Sá e pereceram varios dos que o acompanhavam, o Prefeito Municipal baixou, a 10 de março de 1896, um decreto estabelecendo o feriado de 20 DE JANEIRO, em comemoração dos fundadores da cidade, escolhendo-se o dia do padroeiro da cidade.

Nada mais acertado.

Desse decreto, porém, veiu a confusão, dizendo-se constantemente ter sido a cidade creada a 20 de janeiro.

E', pois, indispensavel a ação do Sr. Prefeito atual no sentido de ficar determinada a data exatissima.

E' o que me faz dirigir este pedido.

Da influencia das linguas itálicas no latim vulgar

SERAFIM SILVA

1.° — Esboçando aquele extraordinario Carlos Fradique Mendes, o fino pensador Eça de Queiróz colocou-lhe, acima de todas as virtudes, a extrema independencia intelectual.

Não conheci jamais (diz o estilista excelso) espirito tão impermeavel á tirania ou á insinuação das *idéias feitas*: e decerto nunca um homem traduziu o seu pensar originai e próprio com mais calma e soberbo desassombro.

Verei se posso aplicar essa norma ao estudo do importante assunto que encima este artigo, tema a cujo respeito alguns filólogos são pródigos e outros-extremamente avaros.

Não é a primeira vez que trato da causa étnica na evolução do latim vulgar, pois esforcei-me por estudá-la em quatro artigos publicados na *Voz de Portugal*, (31 de maio, 7, 14, e 21 de junho de 1936).

Esse trabalhinho deveria até servir de introdução ao que agora dou á estampa: não o faço, porém, para não alongar-me demais.

Procurei, nas páginas que seguirão, enumerar os fenomenos que os filólogos catalogam como influenciados pelas linguas itálicas, forcejando por opinar com acerto e achar a verdade na meada entrançada, emaranhada e confusa das explicações e das discusssões.

2.° — E' ponto de importancia capital para o nosso estudo inquirir se havia dialetos no latim vulgar.

Da lição dos Mestres póde inferir-se resposta afirmativa. (1)

Entretanto é de notar-se que essa dialetização era quase imperceptivel, valendo mais como diferença de acento e de vocabulario.

Não era de força tal que impedisse a mutua compreensão na Romania — pelo menos até fins do seculo V.

Naturalmente havia um sabor especial, uma fisionomia propria para o latim falado em cada provincia.

A mesma relação talvez que hoje impera entre o espanhol europeu e americano e entre o português peninsular e brasileiro.

E' bem verdade que o latim levado para as provincias, na época das conquistas, era fortemente impregnado de correntes dialetais itálicas, mesclando-se lá com as falas indigenas. Todavia não se deve esquecer o grande esforço para a purificação desse linguajar.

Se ás linguas indigenas a essa fala rustica juntavam barbarisimos e solecismos, ao revés a administração romana, os oficiais do Exército (da melhor nobreza de Roma), estabeleciam o equilibrio, mantendo o padrão da lingua culta. E há mais ainda: as escolas que por toda a Romania se difundiram — espargindo as graças e louçainhas do idioma do povo-Rei.

Com efeito, havia institutos para o ensino do latim em Osca (hoje Huesca), Sevilha, Córduba, Lugdunum (Lyon), Bordeaux, Besancon,

---

(1) — Cp. Ettmayer, Vulgaerlatein, 250 e ss; Savi-Lopez, Origenes Neolatinos, 1935, pg. 112 e ss.; Windisch, in Grundriss, pg. 306; Stolz, Geschichte der lateinischen Sprache, 1922, pgs. 116 e 118; Grandgent, Latino Volgare, pg. 3; etc.

Poitiers, Reims, Africa, e até na Panônia. (1) Os jovens bárbaros que orgulhosamente frequentavam esses templos do Saber exerciam, nos seus lares e no seu circulo de relações, influencia depuradora e niveladora. Daí o concluir-se que, se a principio o latim provincial era inçado de solecismos e êrros, fortemente diferenciado portanto — mais tarde esses traços dialetais, esses barbarismos foram purificados, depurados pela influencia refreadora da fala dos cultos.

Houve como que uma reeducação, uma reculturação, se assim me posso exprimir. (2)

Ademais, tinha razão o notabilissimo Schuchardt quando dizia que o latim da Hispania era dialetologicamente menos diferenciado que o da Italia, visto que os representantes desses dialetos se mesclaram durante a época da colonização, não podendo impor ou fixar na Peninsula determinadas tendencias. Ter-se-ia produzido uma estagnação da lingua. (3)

Em suma: para as provincias levaram soldados e colonos um latim itálico, mestiçado com dialetos osco-umbricos; lá, entretanto, houve uma refundição desse falar rude, moldando-o á feição culta.

Isso, porém, não impediu que cada provincia falasse uma lingua com aspecto peculiar que se manifestava principalmente no sotaque e no léxico.

Essas variantes do latim são mencionadas por gramaticos e escritores: Cicero, Quintiliano, Aulo Gélio, S. Jeronimo, Sidonio, Irineu, Isidoro, Consencio, Varrão, Sérvio e Santo Agostinho. (4)

Não obstante, algumas particularidades das linguas indigenas conseguiram imiscuir-se no latim vulgar — já por serem muito enraizadas, já por pertencerem a regiões muito afastadas dos centros cultos.

3.° — *Influencia Itálica*: Sempre foram muito intimas as relações do povo romano com os demais da Peninsula Itálica. (5)

Não é de estranhar-se, portanto, que Juret houvesse escrito: "Le domaine de la vie ordinaire n'est guére entamé que chez les sujets bilingues ou qui sont en rapports familiers avec des individus parlant un dialecte peu différent:, á l'intérieur du Latium les divers dialectes ruraux ont pu agir sur le parler de la capitale en des points que les langues étrangéres ne pouvaient atteindre." (Manuel de phonétique latine, 1921, pg. 358).

E logo veremos que Savi-Lopez tinha carros de razão ao exarar:

"A maior parte dos fenomenos caracteristicos do latim vulgar têm evidente analogia com os antigos dialetos itálicos (osco, umbro, falisco, volsco, etc.)" (Origenes Neolatinos, 1935, pg. 150).

4.° — Enumeremos portanto os fatos. Na Fonética devo, logo de inicio, citar a opinião de Hanssen, o qual via, na pronuncia *intégru*, *cathédra* (que era tambem a de *Névio*), (6), a marca de algum falar itálico. (7)

E antes de passar a influencia dos dialetos osco-umbricos no vocalismo do latim é mister apontar-lhe a evolução normal:

A longo e *A* breve deram o som unico *a*.
E breve mudou-se em *é* aberto.
I breve e *E* longo combinaram-se em *ê* fechado.
I longo perdurou como *i*.
O breve trocou-se em *ó* aberto.
U breve e *O* longo pronunciaram-se *ô* fechado.
U longo persistiu como *u*. (8)

Estudemos as discrepancias que se podem justificar com os idiomas afins do falar de Cícero:

5.° — *E* (longo) em vez de *i* (longo).

Legou-nos Varrão, (9), estas duas preciosas

---

(1) — Vj. Meyer — Luebke, Geschichte des lateinischen Volkssprache, in Grundriss, pg. 354 e 379; Bréal in Journal des Savants, 1900, pg. 73 e ss.

(2) — Vj. Bréal, loco citado, 73 e ss. Precisamente o mesmo foi o que se verificou com o espanhol da America: cf. a brilhante obra de Amado Alonso, El problema de la lengua en America, 1935. E caso identico ter-se-ia operado no Brasil, como penso.

(3) — Cf. Schichardt, Brevier, 1928, 179 e Harri Meier, Beitraege zur sprachliendung, 1930, 91-2; Gamillscheg, Die Sprachgeographie, 1928, pg. II.

(4) — Vj. Schuchardt, Vok. des Vgl. I. 83, 84, 94 III. 39, 40, 41, 56, 57, Bourciez, Eléments de linguistique romane, 1923, 31; Savi-Lopez, Origenes Neolatinos, 1935, pg. 149.

(5) — Vj. os meus artigos na *Voz de Portugal* de 17-5-36 e 8-11-36.

(6) — Vj. Grandgent, Latino Volgare, 1914, pg. 80; e Savi-Lopez, pg. 147.

(7) — Vj. a Gramatica histórica de la lengua castellana, Halle, pg. 16.

(8) — Os gramaticos romanos já atestavam a pronuncia vulgar do *é* breve e do *é* longo (vj. as transcrições em Schuchardt, Vok des Vgl., I 461 e III, 151) e do *o* breve e longo (Schuch, id., II, 146, III, 212). Para o testemunho, pelas inscrições, não só da pronuncia dessas vogais que tambem de *I* e *u* breves vj. obr. cit., II, I e ss.

(9) — Apud Schuchardt, obr. cit., I, pg. 55. tambem Roensch, Itala und Vulgata, pg. 463 e

informações: "*Spica* autem, quam rustici, ut acceperunt antiquitus, vocant *specam*, a spe videtur nominata."

"A quo rustici etiam nunc quoque viam veam appelant propter vecturas; et vellam, nom villam, quo vehunt et unde vehunt."

Glosando esses exemplos escreve Meyer-Lubke: "Ahora bien: observando que indo-europeu ei ha dado en latin i longo, y en cambio e longo em los dialectos umbrosabélicos, la denominacion de rustica, puede sustituir-se por la mas exata de umbrosabélica." (Cf. a Introducion a la linguistica romanica pg. 226).

Efetivamente, ao lat. *cibo, mihi, tibi* corresponde o úmbrico *kebu, mehi, tefe.* (1)

Há, em romanico, algumas abonações a esse cambio:

a) — it. *stegola*, milanês *streva*, esp. *esteva*, fr. antigo *esteive*, port. *esteva* (rabiça do arado), todos do latim vulgar *steva* (por stiva) que ocorre no Córpus Glossariorum, IV, 177. (2)

b) — A voz esp. e port. *pêga* postula uma forma rustica *peçam* (por picam), como já supunha Schuchardt ao relacionar aquelas palavras com o úmbrico *peica*. Garcia de Diego patrocina, modernamente, essa explicação. (3)

c) — Italiano *sega* (serra), *ségola*, veem de formas populares *seca*, *secula*, ao envés de *sica* (faca), sicula. De fáto, há *secula* numa inscrição da Campânia (Grundriss, 508); e Varrão ministra-nos esta magnifica noticia: *hae (falces) in Campania seculae a secando*, (apud Ernout, 227).

Sugere-nos interessantes considerações o vocabulo port. *sêga*, que Candido de Figueiredo assim define: *Ferro, que se põe adeante da relha do arado, para facilitar a lavra e cortar as raizes.*

Adolfo Coelho, precisando o sentido desse objeto escreve: *Uma especie de faca que desce ao nivel da ponta da relha, a qual se chama sêga.* (4)

Não tenho nenhum escrupulo em dizer que a palavra portuguesa promana da variante dialetal *seca* e creio mesmo que um estudo da coisa ao lado da palavra viria tornar indiscutivel essa afirmação.

d) — It. *else*, prov. *euse*, sardo *elige* e algumas outras formas derivam-se do representante umbrosabélico *elex* (por ilex), usado por Gregorio Turonense. (Grandgent, 110; Savi-Lopez, 256; Meyer-Luebke, Introduccion, 226).

O esp. *enc-ina*, o catalão *als-ina*, e o port. *enz-inha*, *az-inha* melhormente se explicarão por *elicinus*, como já Ernout insinua, do que pelo *ilicinus* preconizado por Cornu, numero 124 e Nunes, Gram. pg. 60.

e) — port. *lesma* de *limax*. Talvez se possa pensar numa variante rústica *lemax*.

f) — port. *leira* de *lira*, étimo já indicado por Cornu, e recentemente retomado por Garcia de Diego. (5) Outros étimos se têm proposto; todavia, a significação do vocabulo latino — a margem, a terra que se levanta entre dois regos distantes, o sulco e o taboleiro nas hortas — cabe á maravilha ao português: sulco na terra, para se deitar a semente; jeira; alfobre; belga; elevação de terra entre sulcos.

No tocante á fonética, talvez se possa pensar num derivado *leria* ou *lerea*, tirado da forma rustica *lera*. De feito, Car. Micaelis admitiu *liria* e o velho Diez apontava, no seu Dic. etimológico, o derivado *lirea*.

Pressupor-se a variante *lera* não é nenhum absurdo, pois delerus (por delirus) ocorre no App. Probi, daí tendo saído o velho fr. *deloir*, mês de dezembro, (vj. Thomas in Philologie française de Nyrop, pg. 156 e ss).

Tanto *lira* como *lera* baseam-se num primitivo *leisa*. (Ernout, 57 e 151-2).

g) — Port. *vezinho*, fr. *voisin*, esp. *vecino*, romeno *vecin*, do lat. *vecinus*, (por vicinus).

Essa forma popular é geralmente explicada por dissimilação; entretanto Ernout tira-a de um primitivo dialetal *vecus* atestado pelas inscrições. Solidarios com esse modo de ver estão Mohl e Thomas, (vj. obr. cit. pg. 242).

h) — *Vêrga*, do lat. *virga*. Em esp. e it. há *verga*; em francês ocorre *vergue*.

Certas formas de dialetos do sul da Italia exigem variantes como *vepera* (por vipera), *glere* (por glire), *lemes* (por limes), etc. (cf. Rohlfs, obr. cit., 24).

6.º — *I* (longo) em vez de *E* (longo). Do-

Sommer, Handbuch der lat. Laut-und Formenlehre, 1914, pg. 63.

(1) — Cf. Rohlfs, Die Quellen des unteritalienischen Wortschatzes, pg. 24 Consêncio fala da pronuncia de e por i longo no latim da Galia (vj. Kohlstedt, Das Romanische in den Artes des Consentius, 1917, pg. 48 e ss.) Sommer, 63, cita *oreginem* no Corpus, III, 781 (sec. III. d. C.), *peregrenos*, V, 1676, etc. No celta havia pronuncia igual.

(2) — Cf. Grandgent, 110; Meyer-Luebke, loco cit.; Savi-Lopez, 255; Guarnerio, Fon. Rom., 204.

(3) — Vj. Vok des Vgl., 2, pg. 78 e Nascentes, Dicionario, s. v.

(4) — Gonçalves Viana (Apostilas, 2, 411) limita-se a achar dificil o cambio de *i* em *e* sem aludir ás falas itálicas; Meyer-Luebke na 3.ª ed. do R. E. W. tira do hipotético *seca* o ptg., o it. e outras fórmas.

(5) — Vj., Nasc., Dic. it., s. v.

cumentam-se, como fórmas oscas, cinsum (censum), stircus (stercus), Mircurios (Mercurios). Vj. Sommer, 58 e 509; Grandgent, 134, e Juret, 359 e Lindsay, The latim linguage, 1894, pag. 20.

Na Romania encontra-se essa tendencia fonética em dialétos do sul da Italia: na Calábria, Apulia meridional e na Sicilia. (Vj. Stoppato, Fonologia italiana, pg. 95).

Numerosos exemplos havemos dessa pronuncia no sermo rústicus:

Camillum (Vok., I, 338), donde o siciliano *camiddu*.

Stilla (id., 339) donde o siciliano *stidda*.

Videre (em inscrições do séc. VI d. c.: Vok., I, 343). Três séculos depois, num documento latino-bárbaro de região de Entre-Douro e Minho, depara-se-nos a fórma *vindere* (cf. Leite de Vasc., Textos Arc., 3.ª ed., pg. 9).

Efetivamente, em dialetos portuguêses (1), (certos lugares de Trás os Montes; uma parte da Beira e do Alto Alentejo, na Extremadura) o *em* reduz-se a *im*. Por isso as palavras *vingar* (vindicare), *pingar* (pendicare), e *singelo* (singellu) são de origem dialetal. (2)

Sinsus (por sensus) documentado por Schuchardt, I, 351. Poder-se-á tirar daí o vocábulo português *siso?*

Essa fórma é antiga, ocorrendo a par de *seso* no Cancioneiro da Ajuda. (3)

Apontemos agora alguns exemplos da nossa lingua:

a) — *Timão*, da lat. *temone* — A fórma com *i* deve datar do sermo plebeius, pois a voz é pan — romanica: esp. *timon*, albanês *timoni*, ladino *timun*, fr. *timon*, it. e logudorês *timone* (R. E. W.; Vokalismus, I, 327).

Já o discreto Meyer-Luebke viu, no caso, cruzamento com algum vocábulo itálico. (Introduccion, 272).

b) — *Isca*, do latim *esca* —. Nenhuma justificação dá Nascentes, Dic., s. v. O siciliano tambem tem *isca* (4). Por que se teria o *e* cambiado em *i-?*

Diz Sepulcri, (5), que o *e* antes de *s* mais consoante póde passar a *i*. Essa explicação, dada para numerosos exemplos do latim popular, (6) serve para o ptg. e sic *isca*.

Realmente o *i* e o *s* têm certa relação, podendo até a sibilante diluir-se na vogal: *as'nu* deu *ayno* em provençal, e *cras*, *das*, *vos*, passaram a *crai*, *dai*, *voi* na lingua de Dante. (7)

c) — *Dinheiro*, do lat. *denariu*. A mesma evolução vocálica sofreram o esp. *dinero*, o velho fr. *diner*, o sardo *dinari*, o galego *diñeiro*, o sic. e o corso *dinaru* e o armoricano *diner*. (Vok., I, 291).

Na 1.º ed. da sua Gramática histórica, 57, explicava Nunes o vocábulo português pela vizinhança da palatal *nhê*. Na ed. seguinte suprimiu, com razão, esse exemplo.

De fato, êle não serve, pois em latim vulgar houve dinariu, que Leite de Vasc. dá como hipotético, (Opúsculos, I, 552) mas que está documentado por Schuchardt (Vok., I, 291) e até ocorre na Africa, na Vetus Itala. (8)

Não me parece seguro pressupôr influencia do osco: o mais provavel foi, certamente, a confusão de *de* com *di* — como bem diz o autor das Lições de Filologia.

Na verdade, ocorrem na Itala: *dimolire*, *diffinire*, *diridere*, *dicertatio*, *discendere*, *discolorare*, *divastare*, etc. (9) *Demidius* (por dimidius) está no App. Probi.

d) — *Richa*, de *bestia*, *bistia*, ou *bistula* (por bestula)? O étimo desse vocábulo deixa-nos perplexos. O it. tem *biscio*, *a*, *serpente;* o esp. *bicho*, *a*, além dessa significação nomeia tambem o verme; e o port. *bicho*, *a*, quer dizer animal, verme, inséto.

Sobre a etimologia dessas palavras Diez, Etymologisches Woerterbuch, 5.ª ed., nada assenta de positivo.

Caix, nos seus Studi di etimologia italiana e romanza, 1878, pg. II, propôs *bombiciu* para o it. e *byclo* (de bombyculus) para o port. Escusado será mostrar a inverosimilhança desses étimos.

Cornu, no n. II do seu trabalhinho *A lingua portuguêsa*, propõe *bestiu*, *a*, para a voz lusa. Origem foi essa admitida por Nunes, Gram. Hist., 1930, 148, Houber, Altportugiesisches Elementarbuch, 1933, pg. 98 e outros.

Eruech, na Miscellania dedicada a Schu-

(1) — Vj. Leite de Vasc., Esquisse d'une dialectólogie port., pg. 100.

(2) — Vj. Nunes, obra cit., 1931, pg. 64.

(3) — Vj. Nunes, id., pg. 49. Se a fórma com *i* remontar ao latim ficam prejudicadas as demais explicações, (vj. Nascentes Dic., s. v. e Huber, 52-3, 128).

(4) — Citado em Vokalismus, I, pg. 364.

(5) — Apud. Grandgent, Latino Volgare, pg. 109.

(6) — Vj. Vokalismus, I, pg. 359 e ss.

(7) — Exemplos dados em aula, na Universidade do D. Federal, pelo prof. Millardet.

(8) — Cf. Muller — Taylor, Chrestomathy of vulgar latin, pg. 34.

(9) — Cf. Roensch, Itala und Vulgata, 463-4.

chardt, 1922, pg. 51, apontou *bestula*, que se teria modificado em *bistula* por influxo dialetal.

A 3.ª ed. do R. E. W. de Meyer-Luebke, ultima palavra em etimologia romanica, dá bestula como fonte do vocábulo port., sem, todavia, explicar a mudança da vogal.

Não será, porém, mais prudente admitir, com Gonçalves Viana, que *béstia* é o avito do it. *biscia* (cobra), do fr. *biche* (corça), do inglês *bitch* (cadéla) e do ptg. *bicha*? (Revista Lusitana, XIV, pg. 39).

Essa palavra requer uma revisão.

e) — *Vido*, o mesmo que *vidoeiro*, do lat. *betulu* —. Se é materia pacifica a admissão dessa base, o mesmo não se póde dizer respeito á explicação do cambio das vogais.

Cornu — seguido por Nunes, Gram., 47 — viu influencia de *vide*. Foi além o dr. Leite de Vasc., ao supôr cruzamento daquele étimo com uma fórma germanica a que corresponde o ant. alto al. *bircha*, al. moderno *Birke*. inglês *birch*, dando um latim vulgar *bitulu*. (1)

Realmente, em face do it. *bidolo*, galego *bido*, *biduo*, *bidro*, faz-se mistér a aceitação de uma fórma com *i* desde o sermo *plebeius*. Admite-a tambem Schuchardt, justificando-a com a influencia de *bitumen* que em Plinio ocorre com o significado de alcatrão de bétula. (2) Não será melhor ver, nesse vocábulo de cunho agrario e popular, influencia itálica?

f) — *Irmão* de *germanu* —. O prof. Nascentes em seu utilissimo Dicionario etimológico não consignou nenhuma explicação para a troca do *e* pelo *i*.

Se não for hipótese muito arrojada, creio que poderá ver-se, na fórma port. e na asturiana hirmanu, o resultado da ação da palatal jê: *germanus*, *girmanus*.

Exemplos não escasseiam: *giniperus* (juniperus) ocorre em glosas do lat. vulgar, (3); o ptg. *mijar* provem de *meiare*, e *tijela* de *tegella* (por tegula).

Em ptg. popular abundam as abonações: *jijum*, *jimento*, *jinela*, *gimer*, *sogigar* (tambem arc.) etc. (4)

7.º — *O* longo em vez de *u* longo. São apontadas como fórmas itálicas: *robigo* (rubigo), *robus*, *fonus*, *Losna* (em Preneste), por luna: (Juret, 359).

O ptg. *pómez*, fr. *ponce*, it. *pomice*, esp. *pómez* promanam da fórma divergente *pomex* (por pumex). Meyer-Luebke cita essa variante no córpus Glossariorum Lat. e em Gregório Turonense. (5)

O genitivo *domos* (por domus) empregado por Augusto e documentado na Itala, é forma dialetal de um primitivo *domous* (Ernout, pg. 45 e Roensch, 520).

Obscura é a voz portuguêsa *salobro* cujo étimo, diz-se, é o lat. *salubris*. (6) Acerca do ptg. *lagôa* e do lionês *lona*, vj. Guarnério, Fon, Romanza pg. 278 e Nascentes, Dic., s. v.

8.º — *U* longo em vez de *o* longo. Na Sicilia, Calábria e na Apúlia meridional operou-se esse cambio de conformidade com uma norma do osco. (Grandgent, 112 e Meyer-Luebke, Geschichte des lateinischen Volkssprache, n. 15).

Há, em português, alguns casos que passo a enumerar:

a) — *outubro*, correspondente ao latim *october*. Efetivamente, a variante *octuber* depara-se-nos em inscrições, não só da Hispania que tambem de outras partes do mundo latino. (7)

Desnecessario, portanto, é o lat. *octobriu*, já mencionado em Cornu, n. 24, e repetido por Meyer-Luebke, R. E. W., s. v., João da Silva Corrêa, Bol. de Fil., 1934, pg. 356, e Huber, obr. cit., pg. 116.

De fato, a forma dialetal expandiu-se muito, pois vige e viça no catalão *uytubre*, no esp. *octubre*, no napolitano *attufro*, (8), e até no berbér *ktuber* (9).

Escreve Carnoy: *La forme dialecto-archaique octuber parait survivre dans le portugais outubro* (Le latin d'Espagne d'après les inscriptions, in Museón, 1906, 340).

Acham indiscutivel essa tése Nunes, Gram. 122; Pidal, Gram. hist., 2.ª ed., 5-6; Americo de Castro, nota á Introduccion, pg. 347.

b) — *Tudo*, do lat. totu —. As explicações até agora propostas referem-se á evolução aden-

(1) — Vj. Nascentes, Dic. s. v.

(2) — Vj. Baskisches und Romanisches, 1906, 60, e Ernout, pg. 122.

(3) — Cf. Heraeus, Die Appendix Probi, 1935, pg. 28. E cf. Vok., I, 185-7 e 193-4.

(4) — Vj. Cornu, Die portugiesische Sprache, n. 96.

(5) — Vj. Introduccion, 227 e Grandgent, 114.

(6) — Vj. Nascentes, Dic. s. v. e Car. Michaelis, Studien zur romanischen Wortschoepfung, pg. 237.

(7) — Cf. Schuch., Vok. I, III e 3º, 200; Juret, pg. 17, Ernout, 67.

(8) — Cf. Rohlfs, pg. 22, Baseia-se numa forma octufer (vj. Ernout, 76).

(9) — Vj. Schuchardt, Die rom. Lehnwoerter im Berberischen, 1918, 66.

tro da lingua: com efeito, tanto Nunes como Leite de Vasconcelos ensinam que a forma *tudo* só ocorre no seculo XVI.

Entretanto o dr. Huber encontrou essa palavra no anno de 1262, (obr. cit., 56). E, ainda que sejam muito engenhosas as explicações de Nunes, d. Car. Micaelis e de outros, (1) julgo que essa voz não está ainda bem esclarecida.

De feito, o it. *tutti* está a pedir base mais geral uma variante com *u* em vez do *o*. Se *tudo* remontar aos primórdios da lingua, deverá ver-se nele a evolução da forma *tutus* — fartamente documentada no lat. vulgar. (2)

Tal variante poderia fixar-se pela influencia de *tutus* (seguro) e *cuncti* (3)

Efetivamente, Ernout admite o dialetal *tutus*. (pg. 48).

Respeito ao it., que exige um étimo com tt dobrado, há *tutti* nas glosas de Cássel. (4)

c) — *Púcaro* de *poculum*. A evolução dessa palavra foi: *puculum* (at. em Vok. 2,112), *puclo*, *pucro*, *púcaro* com vogal suarabática, tal como em *nêspera* de *nespla* por *mespila*. Terá havido influencia dialetal?

Em latim vulgar há farta documentação. Eis dois exemplozinhos:

Ustium, (5) por ostium, donde o velho esp. *uzo*, o it. *uscio* e o v. fr. *huis*. Do der. *ustiaria* saíu o dialetal port. *ucheira*, que significa passagem estreita. vj. Leite de Vasc., Opúsculos, pg. 572).

Nudus (6) (por nodus) donde o cat. *nu* e o esp. *nudo*. Em sua Gram. hist., pg. 5, sustenta Pidal que esse cambio se operou em virtude da influencia itálica.

Acerca do ptg. *tufo* (espécie de pedra porosa) e de outras formas romanicas, póde lerse o que diz Ernout á pg. 237.

O ptg. *furão*, pequeno mamifero vermiforme, (esp. *huron*, cat. *furo*, velho *fr. furon*, sardo e it. *furone*), promana de uma variante dialetal latina *furonem* der. de *fur*, *furis*, em vez de for, foris que seria palavra genuinamente latina, (7)

(1) — Cf. Nascentes, Dic., c. v.

(2) — Vj. Vok. des Vgl., 2, pg. 114 e 3, pg. 202.

(3) — Cf. Bourciez Elements, 238 e Grandgent, pg. 112.

(4) — Vj. a pg. 111 da ed. de Diez. Posteriormente verifiquei que Schuchardt, loco cit., de tutus o ptg., o it., o normando tut e o ladino tutt.

(5) — Atestado em Vok., 2, 127.

(6) — Atestado em Vok., 2, 110.

(7) — Vj. Ernout, obr. cit., pgs. 173-4.

Há, tambem, alguns casos de mudança do *o* breve em *u*. Ei-los:

a) — *Buraco*, de *foraccu*. No mesmo caso estão o ant. esp. *huraco*, o ast. *furaco*, e o leonês *juriaco*, (vj. Pidal, Leonês, 25). Andará aí a marca dialetal? Cp. *furão*.

b) — *Furar*, do lat. *forare*. Terá havido influxo dialetal? Cp. *furão*.

c) — *Lugar* (cast. e port.) de *locale*, der. de *locus*. Esse, o étimo proposto por Diez, Etymôlogisches. Woerterbuch, 5 ed., pg. 464 e mantido, sem comentario, pelo autor do R. E. W.

Pidal em sua Gramatica histórica, acha inexplicado o cambio do *o* em *u*. (8) Gonçalves Viana, em razão dêsse vocábulo aparecer escrito com *u* desde os primórdios da lingua, mostra-se cético a proposito de *locale*. (Ortografia Nacional. 93) Aceitam essa etimologia Cornu, n. 61 e Huber, pg. 13.

Creio que tudo se póde harmonizar da seguinte maneira: ha, atestado no sermo plebeius, (9) a forma *lucas* por *locus*. Daí o derivado *lucalis*, donde, por dissimilação conhecida, sairiam as formas ibéricas. Bourciez vê influencia asturiana, citando a forma *lugar*, o que, aliás, não prejudica a minha exegése.

No Appendix Probi — do qual fiz uma ediçãozinha comentada que breve darei a lume — algumas abonações ocorrem: *butro* (por botruus), *formunsus* (formosus), *furmica*, *suber* (por sober de sobrius).

9.º) — *U* breve em vez de *o* breve. Essa permuta fazia-se antes da consonancia *n*, pois o gramatico Prisciano assevera-nos: "...funtes pro fontes, frundes pro frondes... quae tamen a junioribus repudiata sunt quasi rustico more dicta."

De fato, o it *fonte*, e leonês *fonte*, *ponte* pressupõem formas com u, pois, a não ser assim, o *o* breve ter-se-ia ditongado. (10)

10) — *O* em vez do ditongo *au*. Havia, no latim vulgar, tendencia dialetal, originaria da Umbria, para reduzir o ditongo *au* a *o*.

A proposito escreve Meyer-Luebke: "A história do ditongo *au* mostra, de modo mui instrutivo, que as correntes dialetais que se mani-

(8) — 1904, pg. 40.

(9) — Vj. Grandgent, 113; Roensch, 465; Vok., 2, 132. Posteriormente vi que Schuchardt, loco cit., tira o esp. lugar da base lucus.

(10) — Vj. Grandgent, 113 e Pidal, El dialecto leonês, 17. Exemplos em Slotty, Vulgaerlateinisches Uebungsbuch, pg. 5.

festavam em Roma no principio da nossa éra não foram absorvidas pela lingua geral." (Introduccion, 199).

Farta messe de abonações encontrar-se-á em Schuchardt, Vok., 2, 302 e ss.; Roensch, 464 e Sommer, Handbuch, 78, 80. (1)

Algumas palavras portuguêsas exigem étimos como no latim vulgar pois, a não ser assim, teriam tido outra evolução. Ei-las:

a) — pobre de popere (por paupere).

b) — foz de foce (por fauce).

c) — afogar de affocare (por affaucare, de faux, a garganta). (2)

d) — Croyo (arc.) de Clodius (por Claudius).

e) — lorbaga de loribaca (por lauribaca).

f) — Lordelo de Loritellu (por Lauritellu).

g) — chostra de clostra (por claustra).

h) — coa de coda (por cauda).

i) — Orelhão de Orelianu (por Aurelianu). Vj. L. de Vasc., Op., 3, pg. 233.

k) — couve de cole (por caule).

l) — goir (arc.) de godere (por gaudere).

m) — loar (arc.) de lodare (por laudare).

n) — oir (arc.) de odire (por audire).

o) — orelha de oricula (at. no App. Probi), não de auricula (de auris) senão derivado popular de oris. (Ernout, pg. 210).

Mas, se alguns casos havia de redução, a regra geral foi a permanencia desse ditongo no latim vulgar.

E' bem verdade que há em fr. chose (causa) e joue (gautam); essas simplificações, porém, não datam do sermo rustico, pois, se assim fora, o kê e guê não se teriam palatizado.

11°) — Evolução do ditongo *ae*. Havia esse grupo vocálico sofrido redução em *e* breve desde os tempos da Republica.

Os testemunhos abundam: o gramático Consêncio, verbigrácia, reprovava a forma *perlum* por *praelum*. (Kohlstedt, obr. cit., pg. 46).

O port. *cégo*, esp. *ciego*, veem de *cécus* por *caecus*.

Alguns exemplos havemos, porém, em que aquele ditongo corresponde o *ê* fechado:

a) — port. prêa, preia; fr. proie de preda (e longo) por praedam.

b) — port. e esp. sêda, fr. soie, it. seta de setam (e longo) por saetam.

(1) — Para o testemunho dos gramaticos vj. o meu artigo na *Voz de Portugal* de 11-10-36.

(2) — Daí tambem o it. affogare e o esp. ahogar, (vj. Ernout, 162).

c) — esp. — *heno*, fr. *foin*, sardu fenu de fenu (e longo) por faenum. (3)

d) — esp. seto remonta a septum (com e longo) por saeptum.

e) — esp. sepe e ant. fr. soif veem de sepe (e longo) por saepem, ao passo que o it. siepe e o port. sêbe são evoluções normais. (4)

Essas anomalias foram causadas por dialetos itálicos — volsco e falisco. (5)

Consonantismo:

12°) — Apócope do — r. Ensinam-nos tratadistas que havia, no latim popular, certas formas dialetais com apócope do — r: mate, uxo, são variantes do falisco.

Essa mutação operou-se na Italia e na Dácia: soror deu o it. suora e o romeno soaru. (Sommer, Handbuch, 365; Bourciez, 50; Grandgent, 162; Stoltz, Geschichte der lat. Sprache, pg. 47).

As vozes portuguêsas *mãe* e *pai* (de matrem e patrem) foram explicadas pelo dr. Leite de Vasconcelos como sendo devidas á influencia infantil: *padre* reduzir-se-ia a *pade* e depois a *pai*; *matre* passaria por *made* antes de chegar a *mãe*. Será inegável?

Otoniel Mota responde que não, lembrando que as criações infantis se caraterizam pelo redôbro: Lili, Mimi, etc. (O meu idioma, pg. 24).

Jacques Raimundo manifestou-se a favor de formas dialetais como *pate* e *mate*, cujos acusativos seriam *patem* e *matem*. (6)

Se assim foi, devo observar que a sonorização do tê ascende a época remota, pois o dê secundario geralmente perdura no português, e aquelas formas já ocorrem em Camões. Teriam tais variantes emigrado para a Lusitania?

13° — *R em vez de d*. Os latinistas atribuem essa permuta á influencia itálica.

Citam-nos as seguintes abonações: merilas (medulas), peres (pedes), experet (expediet), maredus (madidus), atestadas pela epigrafia e pelos gramáticos. (7)

(3) — Vj. Ernout, pg. 164.

(4) — Equivoca-se o autor precitado ao dizer que o português sêbe promana de um étimo com e longo, (pg. 59).

(5) — Vj. Grandgent, 115 e Bourciez, Elements, pg. 43 e Revue Critique, n. de julho de 1910, pg. 113. Outra explicação para o fato dá o ilustre filólogo Jorge Millardet; vj. o seu notável artigo dado a lume na Revista de Cultura, n. 127, pg. 44 e ss.

(6) — Vj. O Negro brasileiro e outros escritos, pg. 75.

(7) — Vj. Sommer, 177; Juret, 361; Goidanich, Dittongazione Romanza, 148 e Ernout, pg. 199.

Em português não há nenhum exemplo seguro:

a) — *Mentira* de *mentida* (arc.) por *mentita*. Aí houve, porém, influxo do infinitivo mentir. Em it. há mentita, em provençal e cat. ocorre mentida e em cast. depara-se-nos mentira.

b — Acerca de *lamparina*, que se supõe derivado de lampada, vj. Nascentes, Dic., s. v., onde cita o espanhol extremenho *lamparina*.

c) — *Beringela* (port.) e esp. *berengena*, do árabe *badindjan*. (1)

Os outros casos, tanto portuguêses como espanhois, são ainda menos esclarecidos. (2)

Até mesmo os exemplos que do sermo pedestris se apontam são esporádicos e têm, quase todos, causas especiais.

Assim, verbigrácia, vejamos como se explica o peres mencionado por Consêncio.

A sra. Kohlstedt, (3) na magnifica tése que a respeito dêle escreveu, ensina-nos que o d, tornando-se fricativo, evolucionou em zê (4) e daí, pelo rotacismo comum em latim (floris de flosis) passou para r.

Quanto a maredus, é produto de dissimilação: d-d, r-d. (Cf. Schopf, Konsonantische Fernwirkungen, 100).

Entretanto, em dialetos do Sul da Italia manifestou-se esse fenomeno. (Rohlsfs, pg. 20).

14º — *LL, em vez de LD*: Essa assimilação é tida, por alguns autores, como de origem itálica. Com efeito, ao latim, *pendlo* correspondia o osco-umbro *apelust*. (5)

Manifestou-se esse cambio em certas regiões da Italia, pois escreve Bourciez: "Très notable est aussi le changement de ld en ll, phénomène qui est repandu dans les Abruzzes, dans une partie de l'Italie centrale (a Rome deja sollati pour soldati dans des textes du XIV siecle), et se retrouve en Sardaigne et en Corse (a. log, sollu, soldum cors. kallu pour it. caldo)" Eléments, 464.

Na lingua de Cervantes alguns exemplos existem, como Armillo, de Hermenegildus, citado por Menendez Pidal em Origenes del Español, 1926, pg. ...

Em português não sei de nenhum caso.

15º — *Sonorização de consonância precedida de outra*. Como se sabe, é elementar que o abrandamento, só se opera quando as consonâncias estão entre vogais; entretanto, por influxo itálico, algumas abonações havemos, no latim vulgar, da troca do fonema surdo, protegido, pelo seu homorganico.

São formas úmbricas invenga (lat. iuvenca) e tursiandu (lat. terreantur). (6)

Eis exemplos:

a) — Opordet (Corpus, IV, 4430).
b) — Congordia (Corpus, IX, 2249).
c) — Imbeia (Corpus, X, 719).

Operou-se tal fenômeno em dialetos do sul da Italia, pois que nos diz Bourciez: "... tout le Sud on conserve nd sorti plus recémment de nt (nap. viende de ventum), de même que les autres sourdes ont derrière nasale passé a la sonore nk a ng et mp. a mb." (Elements, pg. 464).

O prudente Meyer-Luebke acha mui provavel a conexão entre o fenômeno úmbrio e o moderno. (7)

Em espanhol deparam-se-nos exemplos: cf. o antigo *parde*, oriundo de *parte*, e o aragonês *huande*, proveniente de *fonte*. (8)

A nossa lingua só nos ministra uma abonação — se é certo o étimo *simplicem* para a palavra *cimbre*. Essa explicação foi recentemente patrocinada por Manuel Múrias. (Vj. Nascentes, Dicionario etimológico, s. v.).

Em francês posso apontar *timbre* de *tymbanu* por *tympanu*.

16º — *Formas como figel e mascel*. Já na minha ediçãozinha do Appendix Probi tive ocasião de estudar essas formas.

Ao que lá disse junto esta cita de Carnoy: "Il n'y aurait rien d'étonnant à ce qu'un italisme aussi repandu que celui-ci se rencontrat dans

(1) — Vj. Car. Micaelis, obr. cit. pg. 236. Essa voz explica-se por dissimilação.

(2) — Mais exs. no autor precipitado pg. 187 e 235-6.

(3) — Vj. pg. 67.

(4) — Em port. alguns exemplos havemos dessa mutação: marisma de maridema (por maritima): masmorra do árabe matmura; arismetica por aritmética. Quanto a lápis (de lapidem), vj. Leite de Vasconcelos, Estudos de filologia mirandesa, pg. 320 do 1º vol.

(5) — Vj. H. F. Muller, Chronology of vulgar latin, 1929, pg. 117.

(6) — Cf. Rohlfs, pg. 20.

(7) — Vj. loco cit. O grande filólogo Amado Alonso provou (Problemas de dialetologia hispano-americana) que a causa desses cambios foi a assimilação parcial regressiva. Essa explicação não prejudica (como êle proprio reconheceu) o italismo do fenômeno.

(8) — Cf. Origens del Español, 1929, 582-4, onde há mais exemplos.

une colonie comme Italica. La forme mascel n'est autre chose qu'un oscime figé dans un nom propre romain. En effet des formes analogues avaient penétré dans le latin vulgaire d'Italie puisque l'Appendix Probi condamne figel et mascel," (in Museon, 1904, pg. 359).

A questão foi exaustivamente estudada, por Ernout, no seu livro, tantas vezes citado nestes humildes apontamentos, — Eléments dialectaux du vocabulaire latin —, pgs. 158-9, onde põe fora de dúvida o osquismo de famel, figel, mascel e quejandos. Vj. ainda Skok na Miscellanea Schuchardt, 1422, pg. 129.

Infelizmente tais variantes não proliferaram em romanico.

17º — *B em vez de v.* Alguns tratadistas lembram que ás formas latinas venerint e vivi correspondiam o osco bivus e o úmbrio benurent. (Juret, pg. 359).

Realmente, há numerosos exemplos, em latim vulgar, dessa permuta:

a) — bixit (Corpus, VI, 17508).
b) — bixi (Corpus, VI, 25707).
c) — bisit (Corpus, XII, 971).
d) — Bictorina (apud Aigrain, Epigraphie Chrétienne, pg. 27).
e) — boluerit, (idem, pg. 27).

No Appendix Probi ocorre: vaplo non baplo.

Isidoro de Sevilha atestava: "Birtus, boluntas, bita vel his similia quae Afri scribendo vitiant omnino reiicienda sunt et non per b sed per v scribenda." (1)

Em português exemplos sem conta se nos patenteiam: bainha (de vagina), bexiga (de vessica), bodo (de votu), baixel (de vescellu), etc.

Muito provavel é, porém, que o fenômeno hispânico haja outra causa.

18º — *L em lugar de d.* Os autores são quase unânimes em responsabilizar o sabino por alguns exemplos que desse cambio ocorrem no latim: alipes, lacrima, lepesta, impelimenta, capitolium e alguns outros, (cf. Juret, 361: Corssen, Vokalismus und Betonung der lat. Sprache, I, pg. 81; Sommer, 176-177; Ernout obr. cit. pg. 80).

Para o testemunho das inscrições e dos gramáticos póde ver-se o artigo que em 8 de novembro de 36 estampei na *Voz de Portugal.*

(1) — Apud. H. F. Muller, Chronology of vulgar latin, 1929, pg. 3.

Perquiramos agora casos semelhantes na nossa lingua.

a) — *Cigarra,* do latim *cicada.* A voz é pan-romanica: esp. cigarra, fr. cigale, it. cicala, prov. cigala, moçárabe chikala, logudorês kigula e albanês ginkale. (Vj. Gustavo Meyer in Grundriss, pg. 814).

Durante longo tempo andaram às aranhas filólogos de polpa. O descobrimento, porém, da forma cicala no Corpus Glossariorum Latinorum, 3, 319, 54, veiu esclarecer a questão. (2)

Quanto ás vozes portuguêsa e castelhana, assim como a variante chicharra encontradiça no idioma de D. Quixote, creio que nelas houve ação onomatópica do ziziar do inseto — como, aliás, já observava Cornu. (n. 202).

Cp. garrulus (por garulus) no Appendix Probi e zoar (por soar, de sonare).

b) — Julgar de judicare.

c) — Nalga de natica, nadega. Para Pidal o esp. nalga veiu do leonês. (Gr).

d) — Malga de madiga por magida.

e) — Melga de medica. Segundo Pidal, o esp. mielga veiu do leonês (Gram. 85).

f) — broslar do germânico bruzdan.

Em livro recente julga Harri Meier que essas palavras são leonesismos, com o que está Huber de pleno acôrdo. (3)

Nem todos esses vocábulos são da mesma época. Por isso a explicação dêles não é a mesma, parecendo que a alguns se deve atribuir, ao envés de influencia do sabino, a *equivalência acústica,* fator magistralmente estudado por Amado Alonso. (4)

Menos seguros são os exemplos dados por Cornu, n. 129 e 200 e por d. Car. Micaelis, obr. cit. pg. 236, pois cada um tem explicação especial. (5)

Finalizando este paragrafo, lembro que as consonâncias l e d são parecidas: de fato, assim o põe Goidánich de manifesto: "...si puó porre a fondamento dell'alterazione una spirante vibrata: il suo sostituto invece d'essere una vibrante apicale é una vibrante laterale." (Dittongazione Romanza, pg. 149).

(2) — Vj. o R. E. W.,...., 3.ª ed. n. 1897 e Bartoli, Introduzione alla Neolinguistica, 1925, pg. 88.

(3) — Vj. as Beitraege zur sprachlichen Gliederung der Pyrenaenhalbinsel und ihrer historischen Begruendung, pg. 72 e o Altptg. El., pg. 100.

(4) — Vj. os Problemas de dialetologia hispano-americana. Giese, na recensão que fez a essa obra, prefere dizer *afinidade acústica.* (Leia-se a Zeitschrift fuer romanische Philologie, 1933, pg. 406.

(5) — Vj. por exemplo Schopf, Konsonantische Fernwirkungen, 1919. pg. 101.

19º — *F* em vez de b. São variantes dialetais: tafanus étimo do it. tafano, e talvez do port. tavão: farfa, exigido pelo it. farfecchia; scarafaio, fonte do it. scarafaggio e, com sufixo diferente, do nap. scarrafone: taflare, origem do it. taffiare; sifilare, donde o fr. siffler, it. zufolare, esp. chiflar e mais algumas vozes. (1)

Como bem diz Ernout: "L'extension de la forme sifilare est due a la valeur imitative que lui donnait la presence de deux spirantes consecutives s et f, valuer que sibilare n'avait pas" (pg. 28).

Ao lado de tuber havia tufer, que podia ter dado a nossa palavra, trufa: tufera, tufra, trufa por metátese. Isso, se não se tratar de empréstimo do francês.

20º — *Asimilação nos grupos nd e mb.* E' tal fenômeno comum no osco e no umbro; na primeira dessas linguas existia upsannam correspondente ao lat. operandam, e na outra ampenes a par do lat. impendes. (Vj. Bourciez, 171-2; Juret, 361; Sommer 238-9; Grandgent, 155; Rohlfs, 19).

Documentação existe á farta:

a) — distennite (em Plauto, que era úmbrio).

b) — verecunnus (Corpus, IV, 1768).

c) — grunnio (no App. Prohi). De grunnire saíram o port. grunhir, o esp. gruñir, o it. grugnire e outros.

d) — commurere (Corpus, XIV, 850).

e) — comurat (Corpus, VI, 27593).

f) — innulgentia (Corpus, X, 1211).

Da Italia central e meridional propagou-se esse cambio pelos falares ibericos: esp. lomo, cat. llom, antigo gascão lom de lumbus. (Bourciez, 171).

Na nossa lingua achamos traços dessa redução: prumo (de plumbus), funil (de infundile), canho (de candidus) vergonha (de verecundia, verecunnia). (2)

O sincretismo de vergonha e vergonça (arc.) deve explicar-se pela diferença de regiões onde essas formas evolucionaram. Já o sr. Otoniel Mota reconheceu: "Creio mesmo que o fator lugar, em certos casos, será mais decisivo do que o fator tempo na explicação de como o mesmo étimo latino gerasse vários vocábulos portuguêses, como macula, que deu malha, magoa, mancha e mangra;..." (Horas Filológicas, pg. 257).

No tocante á expansão geográfica da assimilação daqueles grupos disserta Meyer-Luebke: "Aun mejor coincide la analogia osco-umbria de nd nn con nn lat. nd en el Sur y Centro de Itália, aqui si podemos estar segurado uma verdadeira conexion." (Introducion, pg. 347).

21º — *Redução dos grupos — ct — e — cs —.* Em latim vulgar tais grupos reduziram-se a t e a s.

Provam-nos os dito gramáticos e inscrições. Dos primeiros ouçamos o App. Probi que nos informa serem pronuncias populares autor e autoritas.

Das segundas citemos:

a) — notturna (apud Slotty, Vgl. Uebungsbuch, 23).

b) — ottobres (Corpus, XI, 2537).

c) — fata (apud Grandgent, 148).

d) — otogentos (idem, ibidem).

A propósito de cs apelemos ainda para o App. Probi, onde se encontra milex, poplex, locuplex, ariex, provas indiretas do fenômeno; e para a epigrafia que nos apontará: sesto, destera, dester felis, etc. (apud Grandgent, pg. 142).

Em português realizaram-se esses cambios: cp. disse (dixi), misto (mixtu), esmerar (exmerare), sessenta (sexaginta), outorgar (de auctoricare), dito (de dictu).

22º — Apócope do — s. Na Magnifica recensão que fez ao célebre livro de Mohl escreve Breal: "On s'est souvent demandé d'où venait nôtre pluriel feminin en s comme les dames, les villes. En effet, les nominatifs latins dominae, villae faisaient attendre tout autre chose. Le même en espagnol: las dueñas.

La réponse ordinairement donnée c'est que l'accusatif s'est substitué au nominatif. M. Mohl écarte cette explication et reconnait ici une forme venant des anciens dialectes italiques. En ombrien, en osque, les nom feminines en — a ont leur nominatif pluriel en — as: ecas, scriptas. Ce même nominatif grâce au parler composite dont il faisait partie, fut porté d'Italie

---

(1) — Vj. Ernout, Elements dialectaux du vocabulaire latin, 1928, pg. 73 e ss.

(2) — Amado Alonso (obr. cit.) e Sá Nogueira (Boletim de Filologia, 1935, tomo III, pg. 94 e 95) estudaram fisiologicamente o fenômeno.

Em português pop. tanto em Portugal como no Brasil, há *tamén* (também). No dialeto extremenho deparam-se-nos formas como *imora* (embora) e *Imurósio* (Ambrósio), catalogadas pelo dr. Leite de Vasconcelos. Dialetos Extremenhos, I, 1885, pg. 32.

en et en Gaule. La chose a nôtre avis, n'a rien d'invraisemblable.

Elle devient encore plus plausible si l'on considere que ces nominatifs en-as n'etaient pas soulement ombriens et osques, mais qu'ils etaient en outre, latins. Il y a eu une longue période, que dura jusq'au II siècle avant l'ère chretienne, ou l'on pouvait dire indifferentement en latin illas ou illae, dominas ou dominae, les deux formes étant également regulières. Le poète L. Pomponius, qui ecrivait vers le commencement du II siècle,a pu dire: Laetitias insperatas modo mi inrepsere in sinum." (Vj. o Journal des Savants, 1900, pg. 70).

Mais tarde essa concurrencia foi desfeita pela vitória de ae, triunfo certamente favorecido pelo grego, onde tais nominativos eram comuns.

As legiões e os camponios longe levaram, porém, a outra forma — expandindo-a até a Dalmácia e a Africa onde o nominativo em — as nos é atestado pelas inscrições.

A fixação desse plural na Gália e na Hispânia podia ter sido facilitada pelo céltico.

Esposa essa opinião, entre outros, o grande linguista D'Arbois de Jubainville: "C'est par le gaulois que je crois devoir expliquer le nominatif pluriel en — as de la première declinaison dans les monuments latins de la Gaule a l'epoque merovingienne." (La declinaison latine en Gaule a l'epoque merovingienne, 1872, pgs. 22-3).

E mais abaixo: "Il est donc infiniment probable que le nominatif pluriel des themes feminins en — a se terminait en — as dans la langue des Gaulois nos aieux. La tres-proche parente du gaulois avec le latin est la facilité avec laquelle les Gaulois apprirent le latin. Mais la ressemblance générale des deux grammaires n'empêchait pas qu'il n'y eut un certain nombre de differences; et ces differences s'exprimérent par des solecismes dans le latin vulgaire de la Gaule. Les nominatifs pluriel en — as de la première declinaison, dans les documents merovingiens, sont un de ces solecismes." (pg. 23; cf. mais a pg. 33).

Envio os leitores interessados ás seguintes obras: Bourciez, Elements, pg. 50 e 221-2; Diez, Anciens Glossaires romans, pg. 80.

23º — Apócope do — t. O povo romano deixou de pronunciar o t final. Esse fenomeno, que se irradiou de Pompeia, deve ser de origem itálica.

As inscrições ministram-nos: ama, peria, relinque, valia, vixi, etc. (Vj. Bourciez, 50; Grandgent, 157; Bartoli, 46).

Nas linguas romanicas, com exceção do sardo, não se encontram vestigios do — t final.

*
* *

Não são só esses os casos em que os ótimos filólogos veem ação das falas itálicas, isto é, do falisco, do sabino, do osco, do umbro, do mársico, do volsco, do pelínico, etc.

Creio, porém, haver sinalado os mais importantes para o latim vulgar e para o romanico.

Os demais, ou são menos seguros, ou interessam propriamente á história do latim.

Aliás, ao encetar este humílimo estudo, era meu propósito investigar, de modo geral, a influencia das linguas não latinas no idioma de Vergilio.

A premencia do tempo e a angustia do espaço cercearam-me, porém, o projeto, por forma que tive de ater-me a estudar os destroços que dos linguajares itálicos se infiltraram no latim popular.

Preferi, a copiar Schuchardt, Roensch, Ernout, Grandgent, Ettmayer, pesquisar a história de certas palavras de nossa lingua, discernindo aquelas, cuja explicação é dialetal das que têm outras justificações e outras causas.

E' a etimologia ciencia dificil, complexa e melindrosa. Escreveu, com muita razão, um dos seus mais ilustres cultores: "L'etimologia é ricerca spesso ingrata i cui resultati non sono sempre adeguato compenso alle fatiche e al tempo che costa, e che non se puó in ogni modo, anche nelle parti meno difficili tentare con profitto se non quando il terreno sia stato preparato da altri studi." (Caix, Studi di etimologia italiana e romanza, 1878, pg. VIII).

Não pareça que ás vezes exagero o valor da causa étnica. Ela foi de importancia capital na evolução do sermo rusticus, principalmente na Ibéria, como pus de manifesto em o meu artigo de 8 de dezembro de 36 na *Voz de Portugal.*

Ainda há pouco, escrevendo notavel livro àcerca da romanização da Hispânia, reconhecia Harri Meier: "In Katalonien und Aragon, dem von den Roemern am fruehesten unterworfenen Gebiet, setzte die Romanisierung damit ein, dass Tausende von italischen Baurn oskischer Herkunft hier eine neue Heimat suchten und mit dem roemischen Pflug auch die roemische Sprache ins Innere bis an die Westgrenze der Privincia Citerior; wo diesse mit der Galicia zusammenstiess, nach Westen trugen. Osca, das heu-

tige Huesca, legt von dieser oskischen Einwanderung noch Zeugnis ab; als Bildungszentrum der Tarraconensis hat es grossen Einfluss auf die Pyrenaenhalbinsel gehabt." (1)

Outrossim, como já Meillet observou, é imprescindível, para que se proponha uma explicação etimológica, o dicionario histórico da lingua, ou seja o conhecimento das épocas em que tais e tais vocábulos se incorporaram ao seu patrimonio.

Infelizmente ainda não o possuimos, o que torna duvidosas as justificações por mim oferecidas para as palavras *irmão, siso, lugar, tudo.*

Devo, por derradeiro, confessar que este artigo é insignificante e desvalioso.

Se algum mérito tiver, será o de chamar a atenção dos Mestres para este importantissimo tema.

Mais tarde, se Deus quiser, tornarei a êle, já ampliando, já corrigindo o que escrevi.

Por ora peço desculpas aos entendedores por esta modestissima tentativa; e por não ter podido engalanar e florear com primores de estílo um assunto tão seco e árido.

Certo, na ansia de servir á minha lingua, na afoiteza de trabalhar desatendi aquele mandamento de Antonio Ferreira:

"E' necessario ser um tempo mudo;
ouvir, e ler sòmente; que aproveita
sem armas, com fervor cometer tudo?"

INDICE DE PALAVRAS PORTUGUÊSAS

(Os números referem-se aos parágrafos)

Afogar, 10.
Arismética, 13.
Azinha, 5.
Bainha, 17.
Baixel, 17.
Beringela, 13.
Bexiga, 17.
Bicha, 6.
Bodo, 17.
Broslar, 20.
Canho, 20.
Cégo, 11.
Choir (arc.), 10.
Chostra, 10.
Cigarra, 18.
Cimbre, 15.
Coa, 10.
Couve, 10.
Croyo (arc.), 10.
Dinheiro, 6.
Disse, 21.
Enzinha, 5.
Esmerar, 21.
Esteva, 5.
Foz, 10.
Funil, 20.
Furão, 8.
Furar, 8.
Goir (arc.), 10.
Irmão, 6.
Imurósio (dial.), 20.
Isca, 6.
Julgár, 18.
Lagôa, 7.
Lamparina, 13.
Lápis, 13.
Leira, 5.
Lesma, 5.
Lili, 12.
Loar (arc.), 10.
Lorbaga, 10.
Lorde 20, 10.
Lugar, 8.
Mãe, 12.
Malga, 18.
Marisma, 13.
Masmorra, 13.
Melga, 18.
Mentira, 13.
Mimi, 12.
Misto, 21.
Nalga, 18.
Oir (arc.), 10.
Orelha, 10.
Orelhão, 10.
Outorgar, 21.
Outubro, 8.
Pai, 12.
Pêga, 5.
Pingar, 6.
Pobre, 10.
Pómez, 7.
Prêa, preia, 7.
Prumo, 20.
Púcaro, 8.
Salôbro, 7.
Sebe, 11.
Seda, 11.
Sêga, 5.
Sessenta, 21.
Singelo, 6.
Siso, 6.
Tamem (pop.), 20.
Tavão, 19.
Timão, 6.
Trufa, 19.
Tudo, 8.
Tufo, 8.
Ucheira (dialetal), 8.
Vêrga, 5.
Vergonça (arc.), 20.
Vergonha, 20.
Vezinho, 5.
Vido, 6.
Vingar, 6.

(1) — Vj. obr cit. pg. 92.

ADIÇÕES

Ao n. 5, d. O dr. Schuchardt explica a inicial do cat. *alsiña* e do port. *azinho* (lat. ilicinus), pela influencia do gotico alisa, azinheiro que, de fato, deu o castelhano *aliso,* (vj. Baskisches und Romanisches, pg. 36 e Kluge no Grundriss, 1888, pg. 390).

Fico, todavia, com a minha explicação.

f) A respeito de *leira* não acho necessario supôr derivado nenhum: de *lera,* forma aliás, documentada (cf. Baehrens, Sprachlicher Kommentar zur App. Probi) teria saido *leira,* quer por falsa percepção, por equivalencia acústica quer por analogia de outras palavras: *leira, jeira, eira, beira,* (cp. *não ter eira nem beira*), etc.

Já Garcia de Diego reconheceu isso, pois escreve: "La frecuencia de los diptongos *ou, ei, oi* en nuestra lengua explica su presencia en muchos casos no etimologicos, y la confusion, corriente en algunas regiones, entre el primero y el ultimo." (Gram. galega, pg. 76).

Citava, entre outros: *teima* (thema), *taleiga, albeigar, faneiga, leira,* etc.

O velho Candido Lusitano assevera-nos que era popular, no seu tempo, a curiosa forma *almeirante,* certamente de *almerante* por almirante. (Vj. as Reflexões, II, 1863, pg. 39).

Vide mais, a esse proposito: Schuchardt in Zeitschrift, 23, pg. 1861; Goidánich, Dittongazione romanza, 1907, pg. 12; Spitzer, Lexikalisches aus dem katalanischen und den nebrigen iberoromanischen Sprachen, 1921, pgs. 87-8, 89 e 162; Cornu, obr. cit., n. 18.

Há, ainda, a forma convergente *leira,* certa porção de terra, á qual deve atribuir-se outro étimo, *glarea,* que já ocorre em documentos como *gleria, glerias.* (Vokalismus, II, pg. 77).

A palavra significaria primeiro terreno arenoso (cp. o esp. arc. *glera,* campo arenoso: vj. Gorra), Lingua e letteratura spagnuola, 1898, 396) e depois teria amplificado o sentido.

Eis abonações dessa *leira* n. 2: "... sobre alguma perteença del ou sobre alguma *leyra"* (Port. Monumenta Hist., ap. Rohlfs, Ager, Area, Atrium, Eine Studie zur romanischen Wortgeschichte, 1920, pg. 35).

"Escolheu o mais robusto para o ajudar na lavoura, e a filha para a casar com um dote de duzentos mil réis, quando aparecesse um rapaz videiro, que tivesse de seu algumas *leiras."* (Camilo, Retrato de Ricardina, 1.ª ed., pg. 31).

A esse parágrafo podemos juntar as vozes *bêco* e *leirão.*

O primeiro (ácêrca de cuja base não chegaram á concórdia os etimólogos) deve provir da forma dialetal *vecos,* amplamente documentada no latim (Ernout, pg. 242-3 e Shuchardt, Vok., II, 79).

A duplicação do *c* não nos faz mossa, pois é

R u i n a

Antes não mais a visse, antes na mente
A conservasse sempre como outrora;
Quando, ditoso, a vi na feliz hora
Dum bem que como raro é que se sente.

Mas, como a vejo, Santo Deus, agora!?
Como os anos crueis, na minha frente
A puseram assim tão diferente!
— O lindo porte seu, foi-se-lhe embora! . . .

Sei que o Tempo feroz, por toda a parte
Tudo destrói, trucida, desvairado:
— Obras da Natureza ou obras d'Arte! —

. . . E dizer, afinal, que ela foi minha
E que lhe fiz sonetos, inspirado
Pela beleza magistral que tinha!!

T E L E S D E M E I R E L E S

---

fenômeno comum: cp. *dracco* no Appendix Probi, e *succus, muccus, succubus*, citados por Sommer, pg. 203-204.

O segundo que significa rato silvestre, arganaz, deriva-se da forma dialetal *glerone* —, de *glere*, doc. no Corpus Glossariorum, 5,537,35, (vj. o R. E. W., n. 3787 da 3.ª ed.).

A proposito do *i* vj. a *leira* n. 1.

Ao n. 6, b. Tambem creem que o *s* influa no *e* tornando-o *i* os seguintes filólogos: Garcia de Diego, Gram. galega, pg. 66; Espinosa, Estudios sobre el español de Nuevo Méjico, Buenos Aires, 1930, pg. 93; Cuervo, Apuntaciones, criticas, 1907, n. 777.

Diego, entre outros, cita *siso* de *sensum* e *isca* de *escam*.

Essa ultima parece, pois, resolvida.

Interessante é a forma *biscoço* pescoço) que se me deparou no Livro de Marco Paulo, a qual se deve, tambem, ao influxo do *s*.

A esse paragrafo posso adicionar as vozes célticas *beccus* (Suetônio, Vitélio, 18; Gloss. de Reichenau, 176) e *carpentarius*.

A primeira deu-nos *bico* e a segunda *carpinteiro*.

Naquela houve, segundo Meyer-Luebke no R. E. W., influencia da raiz *pikk* de *picar*.

Ao n. 8, b. Encontrei a forma *tudo* duas vezes em Garcia de Guilhade: versos 711 e 812 (ed. de Nobiling, 1907).

Meillet (Histoire de la langue latine, 1928, pg. 167) reconhece que a base do fr. *tout* e do italiano *tutto* é a forma *tuttus*.

Elisa Richter admite a influencia de *tutos*, seguro, no fr. antigo *tuit*, no romeno *tuturor*, esp. *tudo*, etc. (Revue de Dialectologie romane, II, pg. 500).

Junte-se mais a esse paragrafo a voz *fuzil*, peça de aço com que se fere lume, de *focilem*, der. de *focus*.

Ao n. 10. Cumpre lembrar que o cambio, em português, de *au* em *ou*, se verificou do séc. X ao XI (Leite de Vasconcelos, Esquisse d'une dialectologie portugaise, 1901, pg. 12).

Ao n. 15. Spitzer crê que os vocábulos portugueses *podengo* e *mostrengo* sejam secundarios em relação aos espanhois *podenco* e *mostrenco*.

Cita mais o port. *olga*, belga, coireba, pedaço de terra inculta, do lat. *olca*, de origem céltica, e o salmantino *atrongado*, der. de *troncus*, (cf. Lexikalisches, pgs. 114 e 161).

Em galego ocorre *torgás*, oriundo de *torquatiu* segundo Diego, (obr. cit., 49).

Virá o vocábulo *surdir* de *sortire* como pensava Adolfo Coelho?

Sentimento religioso dos povos americanos

FERNANDO SEGISMUNDO

O sr. Jorge Bahlis, consul do Mexico no Rio Grande do Sul, deu á publicidade um volume intitulado *Religiões Amerindias,* onde enfeichou uma série de artigos divulgados na *Ciencia Popular,* revista cientifica de Buenos-Aires, e em alguns jornais brasileiros. Trata-se de um livro de quase 200 páginas, redigido em estilo agradavel e acessivel aos pouco entendidos ou, completamente, leigos na materia.

Pela relação das obras do mesmo autor — *A Terra e as raças, Civilização egipcia, Civilizações mesopotamicas, Civilizações prehistoricas* e *Civilizações americanas* — póde-se avaliar o gosto de seus estudos e o trabalho que terá dispendido na feitura dessas obras.

Neste livro de agora, *Religiões Amerindias,* cogita o professor Jorge Bahlis da origem das religiões desaparecidas, do totemismo, do hermafroditismo, dos cultos falico e dos antepassados, do destino além-tumulo, dos funerais, do antropomorfismo, dos ritos sangrentos, da astrolatria e das concepções cosmogonicas dos indigenas da America.

Alguns desses assuntos têm merecido longos estudos de famosos cientistas americanos e europeus; outros, porém, são, por assim dizer, abordados em primeira mão, — entre êles o falismo, a concepção do além-tumulo e a transmigrassão dos espiritos.

Quer-nos parecer que o sr. Bahlis é mais profundo e, possivelmente, original, nas religiões amerindias do que na Religião, em geral; ou, então, não concedeu ás origens do sentimento religioso a importancia merecida, pois é estabelecendo-as e comparando-as que melhor se póde compreendê-las e concluir pelo seu parentesco ou dessimilhança.

Procurando determinar o aparecimento da Religião, onde poderia fixar conceitos proximos da exatidão, o professor Bahlis como que titubeia, escrevendo: *"Há quem diga* que a religião foi o fruto da astucia atuando sobre a ignorancia que, impotente para raciocinar logicamente, deixou-se dominar pela superstição. *Alguns afirmam* que a religiosidade foi o resultado positivo do medo, oriundo de fenomenos inexplicaveis. *Para outros,* porém, ela está latente em todo o sêr pensante, e o proprio instinto conduz o individuo á crença num Deus." Documentam este pequeno trecho pensamentos de Max Nordau, Lamnais e Victor Hugo que não são autoridades na materia.

Hoje, ninguem mais crê na Revelação, ou seja o conhecimento dos deuses por intermédio das proprias divindades: — um Jeová a Moisés para ditar-lhe a religião dos hebreus. Do mesmo modo, sabe-se que a Religião é anterior aos legisladores, sacerdotes, padres, feiticeiros, que sempre obtiveram dela os maiores beneficios, mantendo-a, impondo-a e aprimorando-a á custa do sacrificio das massas debeis.

Evidentemente, não há um só juizo, uma só teoria, uma afirmativa absoluta que precise

a origem dos deuses. Max Muller, Tylor, Reinach, Durkheim, Freud, William Schmidt e tantos outros têm sustentado opiniões varias. A verdade não estará longe, todavia, admitindo-se o principio religioso entre os fenomenos fisicos e celeste, atuando sobre a mentalidade elementar dos primeiros homens, e a escatologia, oriunda nos efeitos dos sonhos.

Desenvolvendo-se, aperfeiçoando-se ao sabor da fantasia e da ingenuidade primitivas, o centro da sobrenaturalidade ramificou-se, distendeu-se, não se satisfez com a contemplação dos astros ou com as reminiscencias ilusorias dos sonhos. Os homens viram em tudo uma influencia benefica ou prejudicial, um atributo util ou inutil, uma força bôa ou má, e os animais, vegetais e minerais principiaram a ter vontades, intenções, almas. O gemido do vento, a floresta farfalhante, a luz do relampago, o estrondo do trovão eram espiritos que os espreitavam, alegres ou zangados.

E' a fase da magia, do animismo, do feiticismo; seus vestigios foram encontrados, entre outras regiões e povos, na Germania, onde se adorou o cavalo; na India, a vaca; no Egito, o boi (Apis); em Atenas, o mocho; na Galia, o galo; e, entre os israelitas, durante a travessia do deserto, ao venerarem a serpente de bronze e o bezerro de ouro. Ao animal protetor denominavam *totem* (*odem, otem, otam,* insignia), do qual presumiam descender e de cuja força ou astucia se julgavam possuidores. O totem era *tabu,* proíbido, não podendo ser morto ou servir de alimento, salvo em circunstancias especiais.

Menos aterrorizados com a ação dos elementos que os rodeavam e sob cuja dependencia viviam, os primévos melhoraram a concepção das divindades e principiaram a criálas á sua analogia. Os deuses tinham fórmas humanas, comiam, bebiam, amavam, encolerizavam-se, atendiam a rogos, aceitavam sacrificios. E' o periodo politeísta, antropomórfico, dos idolos, do culto dos mortos, comum ao inicio de todas as civilizações e culturas.

Finalmente, surge a filosofia, — a duvida, a inquietação, o senso analitico e especulativo. A chuva, o rochedo, a luz, os rios, as arvores não são espiritos, não são deuses, mas simples efeitos, méras dependencias de um creador e conservador supremo. Não existem divindades, antes um Deus unico (Platão, Aristoteles).

Era isto que o sr. Jorge Bahlis devia esclarecer, com maiores detalhes — dado o caráter de vulgarização das *Religiões* —, em vez de iniciar o volume com a insegurança apontada; entretanto, nas paginas seguintes, embora apressadamente, dá-nos êle noticia dos varios caminhos porque passou a Religião.

O merito principal das *Religiões Amerindias* reside no fervor com que o sr. Bahlis toma a defesa dos indigenas, acusados durante seculos, de traidores, vingativos e crueis, demonstrando que esses defeitos cabem, de preferencia, aos invasores, que os atacavam de surpresa, após juras de paz, trucidando-os para roubar-lhes os tesouros. Estuda, demoradamente, escudado em boa documentação, os tempos da Conquista, e acompanha os aventureiros e os missionarios pela terra virgem, concluindo que, *acima da preocupação religiosa, imperava, á rédea solta, a sêde de riqueza.*

As matanças, a falta de sentimentos humanos, os saques motivavam forçosamente, as hostilidades dos aborigenas. "O Deus civilizado vinha impôr o seu dominio de forma violenta, em prejuizo das divindades americanas, tão liberais em materia de culto." "Os indigenas votavam implacavel inimizade a seus desalmados algozes que, enquanto queriam catequizá-los, os condenavam á morte, roubavam-lhes as mulheres e reduziam homens livres á escravidão."

A proposito do culto fálico, o autor, renova a fé de muitos cientistas na Atlantida, escrevendo que "as mais antigas tribus mexicanas afirmam terem os seus ascendentes vindo do país de Aztlán que, segundo todas as aparencias, é uma corruptela da palavra *Atlante.*" Corrobora essa suposição o fato de ter sido descoberta, no Estado de Oaxaca, uma escultura representando "uma divindade hermafrodita sentada á oriental", deduzindo o prof. Bahlis que, não havendo provas da introdução desse culto na America pelos hindús, o mesmo é devido ao centro de irradiação colonizadora da lendaria Atlantida. Como o ambiente não fosse favoravel á cultura atlante, os povos indigenas não a desenvolveram e, antes, mergulharam no barbarismo, "guardando, apenas, em suas tradições e lendas, leve lembrança de seu passado." O autor inclue entre esses povos os tupí-guaranís que, segundo os seus contos, encontraram, ao chegar á America, selvagens com que tiveram de lutar e lhes tiraram o "tempo necessario para se adaptarem convenientemente ao novo *habitat* e levantar uma cultura. Muitos seculos se teriam passado assim, redundando isto na perda dos conhecimentos."

São, como se vê, duas hipóteses audaciosas que só dificilmente se poderão comprovar: a realidade da Atlantida e a superioridade dos tupí-guaranís, vitimas do meio ambiente.

A Atlantida é referida, pela primeira vez, no *Timeo* de Platão. Na época do filosofo, não foram poucos os que duvidaram da sua existencia, aceitando-a, apenas, como uma das tantas alegorias com que êle ministrava as suas idéias; mas, em sua maioria, o povo grego acreditou que essa ilha ou continente existira, havia 9000 anos, tendo desaparecido nas aguas, depois de seus habitantes haverem sofrido grandes derrotas frente aos guerreiros da Hellada. Outros importantes vultos da humanidade, historiadores e geografos, sustentaram o florescimento dessa recuada civilização, — entre êles Plutarco, Strabão, Plinio e Pomponio Mela. Em nosso tempo, Schuré e R. Steiner, teosofistas, mantêm a primitiva fé dos gregos, datando a origem da Atlantida de um milhão de anos. A dar-se crédito a um parecer destes, seria realmente espantoso e mesmo inconcebivel o aparecimento de uma civilização em época tão afastada, quando se não ignora que os chinêses e os egipicios, tidos, êles-proprios, como os mais velhos povos civilizados, concedem ás suas tradições, apenas, 20.000 e 6.000 anos, respectivamente.

De qualquer forma, míto ou verdade, a Atlantida continua a desafiar, ainda hoje, os estudiosos, depois de ter sido acreditada pelos celtas, gaulezes, scandinavos e, sobretudo, na Idade-Média.

A origem dos povos americanos permanece ocultada. Israelitas, indús, cartaginêses, polinesios foram invocados, em varias ocasiões, para sustentarem possiveis semelhanças com êles. Humboldt, Muller, Obermaier, Deniker e Trajano de Moura recorreram á somatologia, ás migrações, aos caractéres linguisticos, á etnografia comparada sem concluirem nada de positivo. Brasseur de Boubourg concebeu, até, que a Europa devia a sua civilização á America. E Ameghino sustentou, muito habilmente, que o Homem surgiu, em primeiro logar, no Novo-Continente, daqui saindo para as outras partes do Mundo.

O problema, em que pesem os trabalhos dos mono e poligenistas, não será, talvez, nunca resolvido. Parece-nos, contudo, que entre tan-

tos fatores decisivos na disputa apaixonada, a Religião será um dos de maior importancia: ou o nucleo da religiosidade é o mesmo para todos os grupos étnicos e, então, a igualdade dos cultos americanos e asiaticos nada tem de extraordinario, ou difere e, neste caso, houve migrações que nunca mais poderemos restabelecer. Daí a lembrança do prof. Bahlis em recorrer á Atlantida para demonstrar a conexão dos cultos exoticos e americanos.

O professor Bahlis é de opinião que o totemismo foi a mais rudimentar manifestação concreta da religiosidade. Não é outro o parecer Durkheim, que considera as religiões totemicas as mais antigas e simples, em contraste com outros autores que fazem do animismo o ponto de partida de todas as superstições. Tylor, por exemplo, vê no animismo a religião natural, aquela que os povos criaram, primeiramente, ao emprestarem aos animais ou ás pedras almas dotadas das mesmas qualidades desse sêres.

Antes de Durkheim, o totemismo pouca importancia tinha no estudo da origem do sentimento religioso: a sua autoridade decorria do fato de se ter visto nele o primeiro elemento organizador da sociedade. Mas, ao observador sagaz não escapa a universalidade de sua ação: o totem, classe de objetos aos quais os membros da tribu ou do clan professavam um respeito supersticioso e se julgavam presos por um laço místico (Deniker), de preferencia um animal ou uma planta, é o resultado da influencia que o meio ambiente exerce sobre a mentalidade dos primeiros homens. Presumivel antepassado dos componentes das sociedades iniciais, protetor das mesmas, êle não póde, salvo em casos especiais, ser morto e servir de repasto. E quando isto sucede, faz-se mistér uma especie de comunhão, da qual a catolica é uma reminiscencia. A nós, quer-nos parecer que esta proibição, tabu, só se estabeleceu com a abundancia do alimento, que torna desnecessaria a morte do totem. O animal ou planta que serviu ao clan é, naturalmente, um seu protetor: sem êle teria perecido, em ocasiões de alimentação escassa; uma vez, porém, que não precisa mais dêle vota-lhe respeito, teme-o.

Entretanto, permanecem duvidas a proposito da primazia religiosa do totemismo. Para grande numero de estudiosos, êle é uma simples variante do animismo que, a seu turno, é confundido com o naturalismo. Indaga-se, a miúde, qual teria sido o primeiro a constituir objeto de preocupação dos primitivos: o naturalismo, que se relaciona, diretamente, com a natureza (plantas, animais, etc.), ou o animismo, que diz respeito ás almas, aos espiritos — dispondo de um poder superior ao do homem? O proprio Durkheim, no resumo que do seu livro *Les fórmes élémentaires de la vie religieuse — Le systéme totémique en Australie* fez Maurice Halbwachs, deixa sem solução a pergunta, concluindo que ambos se confundem, não havendo, propriamente, com que delimitar-lhes a essencia.

Após aquela preliminar, o professor Jorge Bahlis escreve que "todos os americanos, sem exceção alguma, tinham como dogma... a sobrevivencia do espirito." Ainda de acôrdo com Tylor e Durkheim está certa a afirmativa. No volume de Halbwachs há uma explicação, simples e razoavel, desta crença: O selvagem sonha, por exemplo, que visitou um logar desconhecido; ao acordar está convencido de que, embora dormisse e se não tivesse afastado do local costumeiro, viajou realmente. Nesse caso, foi o seu *duplo* quem se deslocou. (Eis aí como surge a alma). Depois, assiste á morte — um sono longo, no seu pensar — de um semelhante que lhe aparece em sonho, ensinando-lhe regiões onde aflúe o alimento, ou disputando-lhe a caça. Essa alma, portanto, é bôa ou má e é preciso reverenciá-la, temê-la, ofertar-lhe o indispensavel para continuar a existir.

Todavia, á pag. 92, indaga como teriam os indigenas aprendido a sobrevivencia do espirito, para, algumas linhas depois, justificar essa crença com presumidas migrações atlantes. Neste ponto achamos que o professor Bahlis cometeu grave lapso. Se na fase animista-naturalista todos os selvagens acreditam na existencia do espirito e na sua sobrevivencia é claro que os indigenas americanos não necessitavam de aprendizagem a respeito, já que, á época do descobrimento, atravessavam, exatamente, esse estadio. As religiões, como as linguas, nascem e florescem espontaneamente, variando com os povos, o tempo, o ambiente (Oliveira Martins). Invocar-se, neste particular, a intervenção de indús, egipcios ou atlantes é abandonar a origem clara, simples e convincente para fundar outra, confusa e falsa.

Um outro descuido que muito prejudica a compreensão da obra: a ausencia da área geografica onde se fixaram os povos americanos. O professor Bahlis não sitúa, não particulariza quase; assim, quando diz que "para algumas tribus, os bons iam para uma região

ideal, em cujas gigantescas florestas abundava a caça e o clima era saluberrimo..." fica-se sem saber a que tribus se refere: se a mexicanas, bolivianas, brasilienses, etc. O mesmo acontece ao afirmar que até na morte havia castas, generalizando uma convicção estranha, pelo menos, aos nossos indigenas. Que no Mexico e no Perú vigorasse a idéia de um paraiso onde os individuos *desfrutavam de gozos compativeis com a sua esfera social*, admite-se. No Brasil, porém, os selvagens não chegaram a dividir a sociedade em classes, excetuando-se a preponderancia dos morubixabas e dos piagas, de resto observada em todos os povos. Tambem, só algumas tribus tupís acreditavam num paraiso situado nas montanhas, possivelmente os Andes. (Trajano de Moura).

A proposito dos funerais, tema que lhe mereceu explicações minuciosas, o professor Bahlis diz que, sendo os objetos *propriedade privada* do individuo, era vedado aos vivos o seu uso, devendo ser enterrados com o morto. Mais uma vez, aqui, se evidencia o perigo das generalizações: os indigenas brasilianos não conheceram a propriedade privada, — para uns de origem totemica, e para outros oriunda da escravidão. Ademais, se fôrmos dar credito ao *Estado Socialista do Pacifico*, do sr. Afonso Varzea, que o autor das *Religiões* cita, a tése está perdida.

Ao tratar da transmigração assevera que "admitia-se a possibilidade de haver comunicação entre vivos e mortos e, para isso, havia um corpo sacerdotal constituido de mediuns". E mais adeante: "Admitindo-se como um fato insofismavel essas comunicações entre os dois mundos — e não há motivo para delas duvidar, visto como grandes homens a confirmam por experiencia propria — forçosamente os espiritos com os quais se comunicavam deviam falar-lhes a respeito do assunto."

Além de não esclarecer quais os povos que concordavam com as transmissões, o que se nos afigura indispensavel, crê, êle proprio, nelas, coisa que se não estranha sabendo-se que é adepto de doutrinas indús — da teosofia, parece-nos.

A nós, repugna-nos aceitar tal afirmativa. Somos de opinião que as classes sacerdotais americanas, como de resto, as de todas as partes do Mundo, impunham essas e outras crenças ás multidões ignaras para a fruição de proveitos de toda a ordem, — dominio esse que não chegou a ocorrer entre os indigenas do Brasil.

Aliás, relativamente ao sacerdocio, o prof. Bahlis pouco se detém na analise de seu poderio e da submissão a que reduziu os povos do nosso Continente — maximé aqueles que chegaram a atingir elevado grau cultural, — talvez por pretender ocupar-se do assunto no seu proximo livro *Sociologia Amerindia*. Trajano de Moura escreveu, no volume *Do homem americano*, que as festividades civis realizavam-se, diariamente: umas, destinadas aos nobres e ricos; outras, reservadas aos pobres, — todas, porém, reguladas pelos sacerdotes. Os templos (*teocallis*) davam ao Mexico o aspecto de *uma floresta de edificios sagrados*, avaliando-se o numero em 80.000. Tais festividades, sempre de caráter religioso, encerravam-se com sacrificios humanos, e a "antropofagia então posta em pratica era um verdadeiro ato de consubstanciação, pois que a vitima, antes de morrer, identificava-se com a divindade em cuja honra ia ser imolada e como ela recebia as mesmas homenagens e veneração."

Neste tema — sacrificios — o professor Bahlis, como o fizera antes ao defender os indigenas da pecha de traídores e vingativos, assevera que os historiadores da Conquista mentem e ampliam quando escrevem que, no Mexico, as religiões eram particularmente sanguinarias. A seu ver, só os aztecas levaram ao exagero os ritos dessa especie: — *As demais nações quase não ofereciam aos seus deuses vidas humanas.*

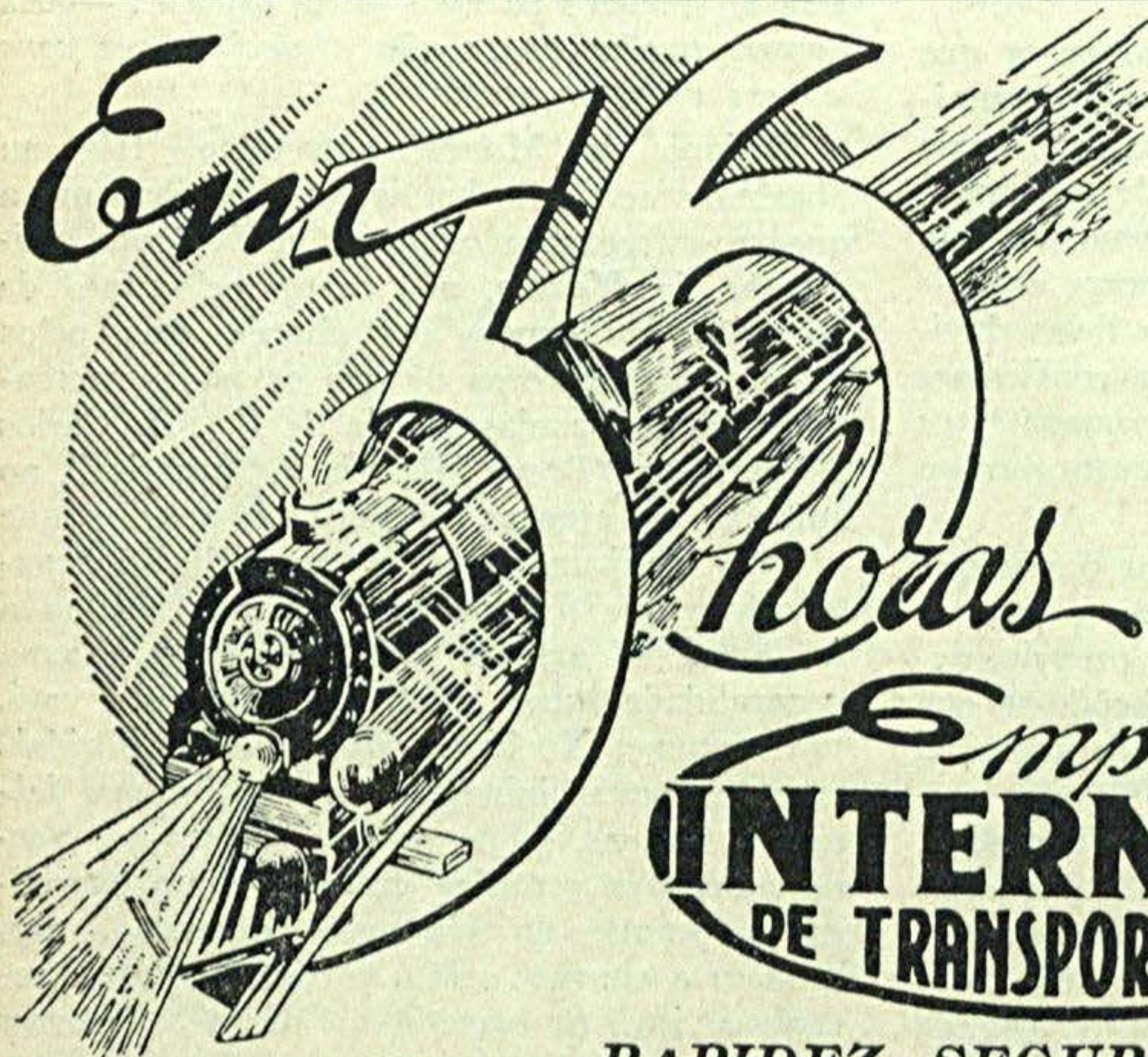
Trajano de Moura, entretanto, fala em "barbaras cenas de homicidio e canibalismo a que se entregavam *os povos já bastante civilizados do Mexico*, não tanto pelo fato da imolação de homens nos altares, mas pelos requintados horrores de que os *padres* cercavam tais cerimonias (grifo de F. S.). Carlos Pereyra, na "Breve Historia de America", ao apreciar as crenças americanas, conclúe que o povo mexicano possuiu uma religião *repugnante* e que o sacrificio humano "chegou a ter entre os aztecas uma frequencia e uma generalidade que abismam." Criou-se, até, um costume, Xochiyoayóatl, "guerra florida", entre os povos inimigos para que nunca faltassem vitimas, — no caso os prisioneiros permutados. As proprias crianças eram sacrificadas porque, ao chorarem durante o ato, atraiam a chuva... E o professor Bahlis reconhece isto, ás pags. 142: "Com o decorrer do tempo, acreditou-se que quanto maior fosse o numero de vitimas sacrificadas no altar de Huitzilopóchtli tanto mais satisfeito esse Deus

ficaria. Disso resultou que as guerras se sucediam com intervalos curtos, pois mistér se tornava capturar prisioneiros para o sacrifício obrigatorio."

O sr. Bahlis procura amenizar a caraterística sanguinaria dessas religiões — cujas causas ainda não foram suficientemente apuraras — destacando a atuação dos conquistadores, — *emissarios de um Deus de bondade* que, "enquanto se mostravam humanos deante dos sacrificios que os mexicanos ofereciam a suas divindades, massacravam com a mesma indiferença a seus prisioneiros."

Estamos de acôrdo com a revolta do prof. Bahlis ante o assassinio coletivo de nações, motivado pela cobiça, sob o disfarce de doutrinação cristã; mas a realidade desses massacres, friamente premeditados, não invalída o distintivo das crenças amirindias, nas quais se encontram laivos da primitiva antropofagia dos povos americanos. O coração arrancado ao prisioneiro e oferecido á divindade ainda palpitante; as vitimas arremessadas aos braseiros donde, agonizantes, eram levadas para a pedra dos sacrificios: são as provas desse habito.

No capitulo *astrolatria e concepções cosmogonicas,* o professor Jorge Bahlis, querendo evidenciar os elevados principios filosóficos a que chegaram alguns povos, defende a idéia de terem os mexicanos concebido uma divindade impessoal, hipótese contestada por Afonso Toro, na *Historia do Mexico,* e aceita por outro apreciado historiador, Luiz Pérez Verdia, nestes termos: "Acreditavam na existencia de um sêr supremo, chamado Teotl, ao qual, por julgá-lo incompreensivel, não o representavam de nenhum modo..." O sr. Bahlis vai além: "Mesmo as tribus mais, atrasadas... falavam de um Deus desconhecido, creador de tudo quanto existe". Aceitamos a sua defesa quanto á crença na divindade impessoal, mas achamos exagerada essa ultima afirmação. Está averiguado que foi o soberano Netzalhúalcoyotl quem instituiu o "culto pacifico de um Deus unico, infinito e invisivel", confórme se póde lêr em Trajano de Moura, que se baseou em Michel Chevalier. Ora, esse rei, morto em 1472, não podia ter ensinado, antes de sua existencia, coisa alguma a respeito dos deuses ás tribus atrasadas...

Terminamos, assim, a nossa cronica a proposito das *Religiões Amerindias.* Os poucos reparos que lhe fizemos em nada poderão alterar o seu valor. Trata-se de um livro honesto, claro, que representa o esforço de uma inteligencia serena e nobre, devotada ao esclarecimento e á reconstrução do passado.

BRASILIANA — Relação das obras publicadas:

1 — Batista Pereira: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.
2 — Pandiá Calógeras — **O Marquês de Barbacena** — 2.ª edição.
3 — Alcides Gentil: **As Idéias de Alberto Torres** (síntese com índice remissivo).
4 — Oliveira Viana: **Raça e Assimilação** — 3.ª edição (aumentada).
5 — Augusto de Saint-Hilaire: **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822)** — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay.
6 — Batista Pereira: **Vultos e episodios do Brasil.**
7 — Batista Pereira: **Diretrizes de Rui Barbosa** — segundo textos escolhidos).
8 — Oliveira Viana: **Populações Meridionais do Brasil** — 4.ª edição.
9 — Nina Rodrigues: **Os Africanos no Brasil** — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
10 — Oliveira Viana: **Evolução do Povo Brasileiro** — 2.ª edição (ilustrada).
11 — Luiz da Camara Cascudo: **O Conde d'Eu** — Volume ilustrado.
12 — Wanderley Pinho: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Vol. ilustrado.
13 — Vicente Licinio Cardoso: **A' margem da História do Brasil.**
14 — Pedro Calmon: **História da Civilização Brasileira** — 3.ª edição.
15 — Pandiá Calógeras : **Da Regência á quéda de Rosas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
16 — Alberto Torres: **A Organização Nacional.**
17 — Alberto Torres: **O Problema Nacional Brasileiro.**
18 — Visconde de Taunay: **Pedro II.**
19 — Afonso de E. Taunay: **Visitantes do Brasil Colonial** — (Séc. XVI-XVIII).
20 — Alberto de Fária: **Mauá** (com três ilustrações fóra do texto).
21 — Batista Pereira: **Pelo Brasil Maior.**
22 — E. Roquette-Pinto: **Ensaios de Antropologia Brasiliana.**
23 — Evaristo de Morais: **A escravidão africana no Brasil.**
24 — Pandiá Calógeras: **Problemas de Administração.**
25 — Mário Marroquim: **A lingua do Nordeste.**
26 — Alberto Rangel: **Rumos e Perspectivas.**
28 — General Couto de Magalhães: **Viagem ao Araguaia** — 3.ª edição.
29 — Josué de Castro: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefácio do prof. Pedro Escudero.
30 — Cap. Frederico A. Rondon: **Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada.
31 — Azevedo Amaral: **O Brasil na crise atual.**
32 — C. de Melo-Leitão: **Visitantes do Primeiro Imperio** — Ed. ilustrada (com 19 figuras).
33 — J. de Sampaio Ferraz: **Meteorologia Brasileira.**
34 — Angione Costa: **Introdução á Arqueologia Brasileira** — Ed. ilustrada.
35 — A. J. Sampaio: **Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada.
36 — Alfredo Ellis Junior: **O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano** — 2.ª edição.
37 — J. F. de Almeida Prado: **Primeiros Povoadores do Brasil** — (Ed. ilustrada).
38 — Rui Barbosa: **Mocidade e Exilio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
39 — E. Roquette-Pinto: **Rondônia** — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
40 — Pedro Calmon: **Historia social do Brasil** — Espirito da Sociedade Colonial — 1.º tomo — 2.ª edição.
41 — José-Maria Belo: **A inteligencia do Brasil.**
42 — Pandiá Calógeras: **Formação Histórica do Brasil** — 2.ª edição (com 3 mapas fóra do texto).
43 — A. Saboya Lima: **Alberto Torres e sua obra.**
44 — Estevão Pinto: **Os indigenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.
45 — Basilio de Magalhães: **Expansão Geografica do Brasil Colonial.**
46 — Renato Mendonça: **A influência africana no português do Brasil** — Ed. ilustrada.
47 — Manuel Bomfim: **O Brasil** — (com uma nota explicativa de Carlos Maul).
48 — Urbino Viana: **Bandeiras e sertanistas baianos.**
49 — Gustavo Barroso: **História Militar do Brasil** — Ed. ilustrada (com 50 gravuras e mapas).
50 — Mário Travassos: **Projeção Continental do Brasil** — Prefácio de Pandiá Calógeras — 2.ª edição ampliada.
51 — Otavio de Freitas: **Doenças africanas no Brasil.**
52 — General Couto de Magalhães: **O selvagem** — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.
53 — A. J. de Sampaio: **Biogeografia dinamica.**
54 — Antonio Gontijo de Carvalho: **Calógeras.**
55 — Hildebrando Accioly: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.**
56 — Charles Expilly: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.
57 — Flausino Rodrigues Valle: **Elementos do Folclore musical Brasileiro.**
58 — Augusto de Saint-Hileire: **Viagem á Provincia de Santa Catarina (1820)** — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
59 — Alfredo Ellis Junior: **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.**
60 — Emilio Rivasseau: **A vida dos Indios Guaicurús** — Edição ilustrada.
61 — Conde d'Eu: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (Prefácio e 19 cartas do Principe d'Orleans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
62 — Agenor Augusto de Miranda: **O Rio São Francisco** — Edição ilustrada.
63 — Raymundo Morais: **Na Planicie Amazônica** — 4.ª edição.
64 — Gilberto Freyre: **Sobrados e Mucambos** — Decadência patriarcal rural no Brasil — Edição ilustrada.
65 — João Dornas Filho: **Silva Jardim.**
66 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Imperio** (Subsidios para a história da educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.º volume.
67 — Pandiá Calógeras: **Problemas de Govêrno** — 2.ª edição.
68 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz** — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
69 — Prado Maia: **Através da História Naval Brasileira.**
70 — Afonso Arinos de Melo Fraco: **Conceito de Civilização Brasileira.**
71 — F. C. Hoehne — **Botanica e Agricultura no Brasil no Século XVI** — (Pesquisas e contribuições).
72 — Augusto de Saint-Hilaire: **Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espirito Santo"** — Trad. de Carlos Medeira.
73 — Lúcia Miguel - Pereira: **Machado de Assis** — (Estudo Critico Biografico) — Edição ilustrada.
74 — Pandiá Calógeras: **Estudos Históricos e Politicos** — (Res Nostra...) — 2.ª edição.
75 — Afonso A. de Freitas: **Vocabulário Nheengatú** (vernaculizado pelo português falado em S. Paulo) Lingua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fóra do texto).
76 — Gustavo Barroso: **História secreta do Brasil** — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicação de Pedro I" — Edição ilustrada.
77 — C. de Melo-Leitão: **Zoologia do Brasil** — Edição ilustrada.

78 — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem ás nascentes do Rio S. Francisco e pela provincia de Goiaz** — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
79 — Craveiro Costa: **O Visconde de Sinimbú** — Sua vida e sua atuação na politica nacional. — 1840-1889.
80 — Osvaldo R. Cabral: **Santa Catarina** — Edição ilustrada.
81 — Lemos Brito: **A Gloriosa Sotaina do Primeiro Imperio — Frei Caneca** — Ed. ilustrada.
82 — C. de Melo-Leitão: **O Brasil Visto Pelos Inglêses.**
83 — Pedro Calmon: **História Social do Brasil** — 2.º tomo — **Espirito da Sociedade Imperial.**
84 — Orlando M. Carvalho: **Problemas Fundamentais do Municipio** — Edição ilustrada.
85 — Wanderley Pinho: **Cotegipe e seu Tempo** — Ed. ilustrada.
86 — Aurélio Pinheiro: **A' Margem do Amazonas** — Ed. ilustrada.
87 — Primitivo Moacir — **A Instrução e o Império** — (Subsidios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.
88 — Hélio Lobo: **Um Varão da República: Fernando Lobo.**
89 — Coronel A. Lourival de Moura: **As Fôrças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.**
90 — Alfredo Ellis Junior: **A Evolução Paulista e suas Causas** — Edição ilustrada.
91 — Orlando M. Carvalho: **O Rio da Unidade Nacional: O S. Francisco.**
92 — Almirante António Alves Camara: **Ensaios sôbre as Construções Navais Indigenas do Brasil** — 2.ª edição ilustrada.
93 — Serafim Leite: **Páginas de História do Brasil.**
94 — Salomão de Vasconcelos: **O Fico — Minas e os Mineiros da Independencia** — Edição ilustrada.
95 — Luiz Agassiz e Elisabeth Cary Agassiz: **Viagem ao Brasil** — 1865-1866 — Trad. de Edgar Sussekind de Mendonça.
96 — Osório da Rocha Diniz: **A Politica que convém ao Brasil.**
97 — Lima Figueiredo: **Oéste Paranaense** — Edição ilustrada.
98 — Fernando de Azevedo: **A Educação Pública em São Paulo** — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo", em 1926).
99 — C. de Melo-Leitão: **A Biologia no Brasil.**
100 — Roberto Simonsen: **História Econômica do Brasil** — Ed. ilustrada.
101 — Herbert Baldus: **Ensaios de Etnologia Brasileira** — Edição ilustrada.
102 — S. Froes Abreu: **A riqueza mineral do Brasil** — Ed. ilustrada.
103 — Sousa Carneiro: **Mitos Africanos no Brasil** — Edição ilustrada.
104 — Araujo Lima: **Amazônia — A Terra e o Homem** — 2.ª edição.
105 — A. C. Tavares Bastos: **A Provincia** — 2.ª edição.
106 — A. C. Tavares Bastos: **O Vale do Amazonas** — 2.ª edição.
107 — Luis da Camara Cascudo: **O Marquês de Olinda e seu tempo** — (1793-1870).

BRASILIANA — Proximas publicações:

WASHINGTON LUIS: **Capitania de São Paulo** — 2.ª edição.
SEBASTIÃO PAGANO: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817.**
ESTEVÃO PINTO: **Os Indigenas do Nordéste** — 2.º volume.
AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **Estudos Piauienses.**
VON SPIX E VON MARTIUS: **Através da Baía** — Trad. de Pirajá da Silva e Paulo Wolf — 3.ª edição.
PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** — 3.º volume.
OSORIO DA ROCHA DINIS: **O Brasil em face dos Imperialismos Modernos.**
PADRE ANTÓNIO VIEIRA: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.
CARLOS FR. PHILL VON MARTIUS: **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Indios Brasileiros** — 1844 — Trad., prefácio e notas de Pirajá da Silva.
CARLOS SUSSEKIND DE MENDONÇA: **Silvio Roméro.**
HERMAN WATJEN: **O domínio colonial holandês no Brasil** — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
GEORGES RAEDERS: **D. Pedro e o Conde de Gobineau** — Correspondencia inédita.
ALBERTO TORRES: **Fontes da vida no Brasil e outros ensaios.**
NINA RODRIGUES: **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — 2.ª edição, e **o Alienado no Direito Civil Brasileiro** — 2.ª edição.
OTÁVIO TARQUINIO DE SOUSA: **Homens da Regencia.**
LEMOS BRITO: **Pontos de partida para a História Econômica do Brasil.**
FERNANDO SABOIA DE MEDEIROS: **A Liberdade de Navegação do Amazonas** — (Relações entre o Império e os Estados Unidos da América).
GASTÃO CRULS: **A Amazônia que eu vi** — 2.ª edição.
J. MATOSO MAIA FORTE: **História de Niteroi** — (Subsidios) — 2.ª edição.
VARNHAGEM - RODOLFO GARCIA: **Pequena História do Brasil.**
EUGENIO DE CASTRO: **Geografia Histórica do Brasil.**
PRINCIPE MAXIMILIANO WIED-NEU-WIED: **Expedição ao Brasil** — Erad. de Edgar Sussekind de Mendonça.
HERBERT BALDUS: **Tapirapé.**
PRADO MAIA: **História da Marinha Brasileira.**
RICHARD F. BURTON: **Viagens aos planaltos do Brasil (1868)** — Trad. de Américo Jacobina Lacombe.
HENRY WALTER BATES: **Um naturalista no rio Amazonas.**
GEORGE GARDNER: **Viagens ao Interior do Brasil (1836-1841)** — Trad. de Origenes Lessa.
HENRY KOSTER: **Viagem no Nordéste Brasileiro** — Trad. de Luis da Camara Cascudo.
CHARLES FREDERICK HARTT: **Geologia e Geografia Fisica do Brasil** — Trad. de Edgar Sussekind de Mendonça.
RODOLFO GARCIA: **Dominio Holandês no Brasil.**
A. C. TAVARES BASTOS: **Cartas do Solitario.**
JOÃO DORNAS FILHO: **O Padroado e a Igreja Brasileira.**
ALMIRANTE CUSTODIO JOSÉ DE MELO: **O Governo Provisorio e a Revolução de 1893.**
ERNESTO ENNES: **A Guerra dos Palmares.**
BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: **O Visconde de Abaeté.**
PEDRO CALMON: **O Rei Filosofo** — Vida de D. Pedro II.
AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagens pelas Provincias do Rio de Janeiro e Minas Gerais** — em 2 tomos — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
PADRE FERNÃO CARDIM: **Tratados da terra e gente do Brasil** — Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia.
GABRIEL SOARES: **Tratado descritivo do Brasil.**
COMANDANTE EUGENIO DE CASTRO: **Geografia Historica do Brasil.**

A Coleção "Brasiliana" comemorando o seu 100.º volume!

O QUE É A "BRASILIANA"

Fundada em 1931 e dirigida pelo prof. Fernando de Azevedo, essa coleção representa uma das maiores iniciativas culturais da Companhia Editora Nacional. A "Brasiliana", que constitúe a 5.ª série da B. P. B., é a mais vasta e a mais completa coleção e sistematização que se tentou até hoje de estudos brasileiros. Compõe-se essa coleção admirável de ensaios sôbre a formação histórica e social do Brasil; de estudos de figuras e de problemas nacionais (geográficos, etnologicos, politicos, econômicos, militares, etc.), de reedições de obras raras de notório interêsse e de traduções de obras estrangeiras sobre assuntos brasileiros. E', na frase feliz de Monteiro Lobato, "o retrato poliédrico do Brasil", ou "a imagem viva do Brasil", segundo as palavras do sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação. A Brasiliana? "uma revista do Brasil do passado, e do Brasil do presente, para o Brasil do futuro", acrescenta por sua vez Gustavo Barroso. "'Uma verdadeira enciclopédia nacional", na opinião de Afranio Peixoto.

O QUE JÁ FEZ E O QUE PRETENDE FAZER

Todos os que se dedicam a estudos sôbre o nosso país eram unanimes em reconhecer as imensas dificuldades criadas, para as suas investigações, pela raridade de obras de informações e de consulta, muitas já esgotadas, outras por traduzir, quasi tôdas dispersas. A Companhia Editora Nacional propôs-se a coligir essas obras, reeditá-las ou traduzi-las e a promover e estimular a produção dêste gênero reunindo em uma série, não só os livros clássicos e os novos trabalhos sôbre o Brasil e seus problemas, como todo o material de valor documentário. Mas executou a Companhia Editora êsse vastissimo projeto que a todos se afigurava um sonho quasi impossivel de realizar? Mal decorriam 6 anos desde a sua fundação, e a "Brasiliana" já podia comemorar a primeira centúria de volumes! A notável obra em 2 tomos de Roberto Simonsen, "História Econômica do Brasil", é o número 100 dessa formidavel coleção, que já atingiu 108 volumes, e tem anunciados para breve mais de 30 volumes, entre obras contratadas e no prélo. Um sucesso sem precedentes na história editorial do Brasil. Em menos de um decênio terá atingido a soma de 200 volumes! Carlyle dizia que "uma biblioteca vale uma univer sidade". A nenhuma outra biblioteca se aplicaria melhor do que á Brasiliana êsse conceito, afirma Roquette Pinto, diretor do Museu Nacional. E' o que a Brasiliana pretende ser: a maior e a mais completa biblioteca de estudos nacionais.

A MAIOR OBRA DE CULTURA NACIONALISTA NO BRASIL

Descobrir o Brasil aos brasileiros, torná-lo cada vez mais conhecido para fazer cada vez mais amado — eis o objetivo que tiveram e estão realizando os fundadores de "Brasiliana". Essa coleção notável de obras sôbre assuntos nacionais está, de fato, "descobrindo o Brasil áqueles que mais o julgavam conhecer", e pondo ao alcance de todos tantas obras que até há pouco, pela sua extrema raridade, eram apenas acessiveis a alguns privilegiados. Mas não é sómente sob êste aspecto que se deve examinar e admirar o sentido profundamente nacionalista dessa maravilhosa coleção. E' com essa iniciativa que se póde estimular, atrair e congregar, para uma obra comum, tão grande número de colaboradores ilustres de todos os pontos do territorio nacional, dominados por um só pensamento: estudar o Brasil sob os seus aspectos e em todos os seus problemas. Professores, geógrafos, historiadores e sociólogos de profissão, investigadores de campo, militares do Exército e da Armada, trazem a sua contribuição inestimável e essa iniciativa que tomamos de revelar o Brasil aos brasileiros. Gilberto Freyre tem razão: a Brasiliana — "uma vitória para a cultura brasileira".

Opiniões sobre a "Brasiliana":

"A "Brasiliana" é uma enciclopedia nacional, que ensina, pela terra e pela gente, a conhecer e amar o Brasil".

AFRANIO PEIXOTO.

"A "Brasiliana" constitúe hoje um documentário precioso acêrca da formação social, econômica, politica e cultural de nossa terra".

OTAVIO TARQUINIO DE SOUZA.

"Presta a "Brasiliana" assinalados serviços, por vezes até relevantissimos, pondo á disposição dos que querem conhecer o nosso país e o nosso passado, ótimas edições de livros outróra de dificil senão muitas vezes dificilima obtenção. Paralelamente vem oferecendo ao nosso público contribuições originais de alta valia, ventiladoras de muitas questões brasileiras, num país como o nosso em que são ainda raras as monografias especializadas".

AFONSO E. TAUNAY.

"Acima de qualquer encômio, constitúe, sem a menor dúvida, um serviço benemérito á cultura do país."

MAX FLEIUSS.

"Obra de cultura nacional, de patriotismo, de benemerência."

RODOLFO GARCIA.

"Uma vitória para a cultura brasileira."

GILBERTO FREYRE.

"Para Carlyle uma biblioteca vale uma universidade. "Brasiliana" é bôa prova daquele conceito."

ROQUETTE PINTO.

"E' apenas registrar um fato lembrar que essa iniciativa não tem paralelo nas atividades da indústria do livro entre nós."

AZEVEDO AMARAL.

"A Brasiliana" tornou-se o grande repositório, ao mesmo tempo que um incentivador dos estudos brasileiros, capaz de marcar época em nossa formação intelectual."

RENATO MENDONÇA.

"A iniciativa de sistematizar os estudos sôbre o Brasil, as suas grandes figuras e os seus grandes problemas cabe incontestávelmente á Brasiliana."

LUCIA MIGUEL-PEREIRA.

"Opulenta série de estudos brasileiros. Relevante serviço á cultura nacional."

A. J. DE SAMPAIO.

"Uma viva e palpitante imagem do Brasil ressalta dêsses cem livros, de orientação diversa, mas caracterizados igualmente pela preocupação de estudar a formação nacional em todos os seus aspectos.'"

GUSTAVO CAPANEMA.

"A "Brasiliana" vem descobrindo o Brasil áqueles próprios que mais o julgam conhecer."

ANISIO TEIXEIRA.

"Um magnifico repositório cientifico-literario de toda a civilização nesta parte do continente sul-americano."

ALFREDO ELLIS JUNIOR.

"Uma biblioteca racional e moderna de assuntos brasileiros."
LUÍS CAMARA CASCUDO.

"Nunca se havia tentado, entre nós, empreendimento de tamanho vulto, no que concerne á edição de obras nacionais."
ALCIDES GENTIL.

"Obra do melhor, do mais sadio, do mais realizador patriotismo. E' uma construção que precisa ser prestigiada por todas as classes, e á qual o govêrno, pelos seus órgãos coordenadores da cultura, não póde ficar indiferente."
ANGIONE COSTA.

"Na certeza de que, publicados os cem volumes preciosos e dignos do nosso melhor apoio, outros cem virão para orgulho de S. Paulo e lustro da cultura brasileira."
PLINIO AYROSA.

"Nenhum homem de estudo, que presuma ou pretenda conhecer o seu país, nenhum brasileiro digno dêste nome, poderá deixar de ter nas suas estantes os volumes desta coleção admiravel."
OLIVEIRA VIANA.

"E', pois, um empreendimento que o nosso govêrno deveria, até, considerar de utilidade pública."
PRADO MAIA.

"Fazer melhor conhecer o Brasil para que mais e melhor o amemos; ajudar ao culto das tradições; alentar e estimular o zêlo, o interêsse pelos assuntos brasileiros — eis o que representa a publicação dêsses cem volumes — uma verdadeira enciclopedia."
WANDERLEY PINHO.

"E' uma das mais extraordinarias obras de brasilidade, porque, justamente aperta, por cima de fronteiras estaduais e arroubos regionais, os laços da espiritualidade nacional."
RAUL GOMES.

"Coleção indispensavel ao estudo da história econômica, social e politica do Brasil."
HERMES LIMA.

"A maior no gênero até hoje aparecida no Brasil."
CLADO RIBEIRO DE LESSA.

"Brasiliana" representa um dos acontecimentos mais notáveis da vida mental do país. Esse esforço único, que constitúe uma realização integral de programa bem delineado, marca uma época nos estudos das coisas nacionais."
NELSON WERNECK SODRÉ.

E' ela o repositório mais completo e melhor de trabalhos sôbre o Brasil."
C. DE MELO-LEITÃO.

"A "Brasiliana" deve ser considerada como o mais poderoso instrumento, o mais rico manancial de informações brasileiras, com que podem contar os homens dos quais dependem os destinos do país."
AFONSO ARINOS DE MELO-FRANCO.

"Cada volume é um autêntico retalho da pátria e vale por uma jóia colhida a esmo, pelo milagre da pena, do inestancável tesouro do nosso presente e do nosso passado."
MANOEL VITOR AZEVEDO.

"Se alguém desejar conhecer o Brasil sob todos os seus aspectos, históricos, fisicos, mentais, politicos, artisticos e folcloricos, só tem um recurso: recorrer á "Brasiliana". Podemos, pois, definir essa coleção como o retrato poliédrico do Brasil."
MONTEIRO LOBATO.

"A Brasiliana" é a mais útil e bela coleção de obras sôbre o nosso país que nêle se tem organizado e publicado. E' uma revista do Brasil do Passado e do Brasil do Presente feita para o Brasil do Futuro."
GUSTAVO BARROSO.

"A Companhia Editora Nacional está de parabens. "A Brasiliana", coleção de estudos publicados sob a direção de Fernando de Azevedo, constitúe, de fato, uma das mais completas fontes de informações a respeito dos problemas que nos interessam mais de perto (históricos, politicos, econômicos, artisticos, etc.)".
ESTEVÃO PINTO.

"Resultado da ação conjunta da vontade de dois homens, a coleção "Brasiliana" da Biblioteca Pedagógica Brasileira, ora em seu céntesimo volume, é um teste de esperança nas possibilidades da inteligência e da capacidade brasileira."
FRANCISCO VENANCIO FILHO.

"A Companhia Editora Nacional, pela "Brasiliana", prosegue na sua corajosa iniciativa "de servir á Nação", servindo á organização e orientação do público brasileiro."
PRIMITIVO MOACIR.

"Em contraste com os demais países sul-americanos, a intelectualidade brasileira se dedica ao estudo de sua própria história e seus próprios problemas. Nenhum estudióso das coisas do Brasil póde deixar de ser grato á coleção "Brasiliana", acessivel ao grande público que acompanha êste movimento intelectual."
FRANK TANNENBAUM.
Prof. de História da América Latina, na Columbia University.

"O empreendimento da Companhia Editora Nacional tem o duplo merecimento de ativar o estudo e a divulgação de fatos e problemas brasileiros (convidando á publicidade inúmeros escritores novos que não teriam oportunidade de aparecer) e de estimular nas elites do país, e entre os autodidatas, a curiosidade e o interêsse pelo que é nosso, o que é a melhor maneira de trabalhar pelo Brasil."
FROTA PESSOA.

tado, feita em 1911, pelo prof. Giovanni Massa. Não foi possível conseguir a tradução alemã.

A grande dificuldade consistiu, todavia, nisto: valia a pena fazer uma tradução quanto possível próxima do original, para que êle não perdesse o vivo pitoresco da exposição; mas, por outro lado, havia o risco de que a obra, com as inversões desusadas e violentas da frase, ficasse a final pouco inteligível para algum leitor menos habituado aos textos arcaicos. Aquí a velha metáfora de Cila e Caribdes teve inteiro cabimento.

O *Tractatus* é curioso para o estudo comparativo das normas de então com as normas atuais da partida dobrada: vê-se que em essência os princípios permanecem os mesmos.

A exposição reveste-se de uma forma didática verdadeiramente interessante e que, salvo o estilo, talvez pudesse vigorar ainda hoje.

Se Paciolo nada mais fêz do que extrair as suas lições dos cadernos que então circulavam em Veneza para o estudo das contas e da escrituração, executou a sua compilação com extraordinária habilidade, ajudado certamente pelo conhecimento direto que adquirira do assunto.

E nem falta o frade na sua obra, visto que de quando em quando ela encerra conselhos religiosos — exortando o comerciante a que nunca deixe de ouvir missa de manhã, ou recomendando que marque os seus primeiros livros com o sinal da cruz para afugentar a infernal caterva.

Luca Paciolo escreveu outras obras, e a Biblioteca Nacional do Rio-de-Janeiro, que não possue a *Summa de Arithmetica, Geometria, Proportione et Proportionalità*, tem a *Divina Proportione*, livro composto em 1494 e publicado em Veneza em 1509, no qual o autor quís deduzir de certa proporção os princípios da arquitetura, as proporções da figura humana e até as letras do alfabeto.

A *Divina Proportione*, que valeu a Paciolo a acusação de plagiário, teve a colaboração preciosa de Leonardo, que desenhou em perspectiva as figuras dos poliedros.

O Instituto Brasileiro de Contabilidade apresentará proximamente a tradução portuguesa do *Tratado das Contas e da Escrituração*, com uma introdução de Morais Junior, ilustre profissional e mestre, cujo trabalho analisará especialmente para os técnicos o conteúdo dos 36 capítulos de Paciolo.

A PRÔA SLAVA

LEMOS BRITO

(Da Academia Carioca de Letras)

Nós, os desta geração, não conhecemos a Tchecoslovaquia na época de nossos estudos geográficos e historicos. Somente a recordação de um reino da Boemia, com o seu passado de legenda e as suas lutas religiosas, chegava até nós, pela boca dos mestres, nas doutas preleções dos liceus.

Era na poeira dos povos slavos, dirigidos pelos alemães e os magiaras, — slovenos ou slovacos, croatas, servios, rutenos, tcheques e poloneses — que se deviam buscar, na frase de Daniel Essertier, os sobreviventes daquele reino famoso, em cuja capital — a misteriosa Praga, havia por bem dizer dealbado a Renascença, com as galas e a opulencia do espirito tcheque.

O desconhecimento da geografia e da historia dessa nebuloso país que alguem chamou de *prôa slava* penetrando nos dominios da Europa central e ocidental, veiu até nós, veiu até a grande guerra. As novas gerações de intelectuais e de politicos viram com estupefação surgir, das recomposições raciais e estatais que tiveram em Versalhes o seu laboratorio, a nação tcheco-slovaca, e na sua ignorancia do passado, compreendendo a unidade polonêsa, não compreendiam, fóra da propria Europa ainda cheirando ao rescaldo dos grandes incendios, o advento da Republica que surgia, como por milagre, aos clarões da catastrofe universal.

Numa noite em que, a caminho de Paris, depois de atravessar a Rhenania e a Belgica, passavamos por Soisson, um cidadão alemão, que era nosso companheiro de mesa no espresso internacional, sabedor de onde vinhamos, disse com ironia: — E' a filha dileta da França!

Durante os meus oito dias de Praga, com a minha curiosidade americana, havia procurado devassar algo do seu longinquo passado, e, conhecendo o que haviam sido as nações Slovaca e Tcheque, esta, sobretudo, procurei esclarecer o meu interlocutor.

Não, o advento da Tcheco-slovaquia não se havia verificado por um passe de magica, por um artificio politico, obra discrecionaria de um grupo de estadistas sacudidos pela psicose de transformar o mapa da Europa, creando e desfazendo estados soberanos. A nação tcheco-slovaquia desarticulada pela força das armas ou por força de erros, fraquezas, crises de desunião e fatalidades historicas, conseguira, apesar de tantos seculos de renuncia e sofrimento, conservar a energia mascula da raça, assim como certos vulcões guardam as suas lavas efervescentes sob as camadas dos gelos ondinos ou apeninos para as subitas apoteoses das erupções.

Na história da diplomacia os tratados enchem volumes e volumes. Muitos deles registam apenas as imposições da força ou da astucia. Si, porém, entre os grandes tratados internacionais de todos os tempos alguma disposição já realizou obra de verdadeira justiça, essa foi a do artigo do tratado de Versalhes que restituiu a vida, a independencia, a unidade, a soberania, á Tchecoslovaquia, porque se "ela viveu quase sempre dependente, jamais se acomodou á escravidão", e seu sangue de nação mártir corre quente e estuante através da história na luta pela unidade politica e espiritual. Sua historia, entretanto, é quase impenetravel nos tempos primitivos.

Sente-se, na que foi escrita por Simáh, traduzida do tcheque por Carlos Podval, que procura encadeiar os acontecimentos desde as remotas origens até ao reinado de Leopoldo II, em 1789, alguma coisa de impenetravel, de compacto, de macisso, mau grado o esforço titanico do pesquisador em iluminalos. Já não se dá o mesmo com o periodo em que se representa o drama da Reforma, e que vem de João Huss, o desgraçado, mas glorioso rebelado, pregador da Capela de Bethlem, que foi queimado vivo como heretico, por decisão do Concilio de Constança, e é hoje, ali, um dos herois nacionais, com o seu empolgante monumento numa das Praças de maior relevo de Praga,.

Instituto Brasileiro de Letras

Por iniciativa dos escritores Oton Costa, Fabio Luz, Alfredo de Assunção, Renato Travassos, José Ramalho, Hermeto Lima, Francisco Prisco, Mario Linhares e outros foi fundado, nesta capital, o Instituto Brasileiro de Letras, com o fim de estimular o desenvolvimento de nossa literatura, amparar e prestigiar a situação do escritor brasileiro e intensificar o intercambio literario com os outros paises.

A idéia, que foi desde logo vitoriosa, conseguiu empolgar a todos os meios literarios nacionais, conquistando facilmente a adesão espontanea de grande parte dos homens de letras de nossa terra.

A ata de fundação do Instituto Brasileiro de Letras, datada de 5 de setembro de 1937, está assinada pelos seguintes escritores: Renato Travassos, Oton Costa, Fabio Luz, Alfredo de Assunção, Mario Linhares, Hermeto Lima, José Ramalho, Francisco Prisco, Eduardo Frieiro, M. Paulo Filho, Agripino Grieco, Catulo da Paixão Cearense, Gustavo Barroso, Olegario Mariano, Péres Junior, Silvio Julio, Adelmar Tavares, Jaime de Barros, Carlos Maul, Horacio Mendes, Pedro Calmon, Garcia Junior, A. Magalhães Correia, Prado Kelly, Lindolfo Gomes, A. J. Pereira da Silva, Pizarro Loureiro, Povina Cavalcanti, Godofredo Viana, Andrade Muricí, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Leal de Sousa, Noraldino Lima, Gil Pereira, Alvaro Moreyra, José Lins do Rego, Roberto Lira, Eloi Pontes, Raimundo Magalhães, Homero Pires, Amando Fontes, Bastos Tigre, Osorio Dutra, Osvaldo Orico, Augusto Frederico Schmidt, Abguar Renauld, Carlos Drumond de Andrade, A. Porto da Silveira, Renato Almeida, Julio Barata, José Oiticica, Luiz Edmundo, Peregrino Junior, Odilo Costa Filho, Raul de Azevedo, Flavio Guimarães, Gastão Penalva, José Geraldo Vieira, Frota Pessôa, Adolfo Bergamini, Leoncio Correia, Oduvaldo Viana, L. C. de Castro Afilhado, Onestaldo de Penafort, Cristovão de Camargo, Téo Filho, Virgilio Cines Filho, Sousa Deca, Lafaiete Silva, João de Lourenço, Ernani Fornari, João Lira Filho, Jorací Camargo, Murilo de Araujo, Francisco Karam, Modesto de Abreu, Renato Mendonça, Afonso Costa, Mario de Lima Barbosa, Celso Kelly, Gastão de Carvalho, Horacio Cartier, Humberto Carneiro, Carlos Pontes, Ricardo Pinto, Domingos Magarinos, A. Cumplido de Sant'Ana, Joaquim Ribeiro, N. Tabajara, Pasqual Carlos Magno, Arnaldo Damasceno Vieira, Elcias Lopes, Monsenhor Mac Dowell, Pedro Timoteo, Brasil Gerson, Martins Capistrano, Antonio Figueira de Almeida, Osvaldo Paixão, Asterio Campos, Laurindo Brito, Miguel Costa Filho, Paulo Gustavo, N. de Araujo Lima, Hermes da Fonseca Filho, José Pereira da Silva, Artur Torres, Mario Poppe, Elí Gomes Filho, Artur Sales, José Magarinos, Reis Perdigão, Raul Monteiro, Americo Palha, João Guimarães, Rodolfo Mota Lima, Agripino Nazareth, Barros Vidal, Arí Pavão, Joaquim Ribeiro, Alfredo Mariano de Oliveira, Lopes da Silva, Henrique Orciuoly, Celestino Silveira, Angione Costa, Terra de Sena, Aldo Delfino, De Martins de Oliveira, Rui Castro, João Barbosa de Faria, C. Martins de Sousa, Galba de Paiva, Prado Ribeiro, Ventureli Sobrinho, Luiz de Paula Freitas, Teodorico de Almeida, Joaquim Tomaz, Neves Manta, Rafael Barbosa, Mario Hora, Vitor de Sá, Roberto Gil, Raquel Prado, Chermont de Brito, Cicero Santos, Djalma Maciel, Junquilho Lourival, Mauro de Almeida, Americo Jacobina Lacombe, M. Nogueira da Silva, Heitor Beltrão, Aporeli, Inacio Rapozo, Fabio Luz Filho, Epaminondas Martins, Arlete Correia Neto, Osorio Lopes, Tasso da Silveira e Saul de Navarro.

Terá logar, brevemente, na Associação Brasileira de Imprensa, séde provisoria do Instituto Brasileiro de Letras, uma assembléia afim de se discutirem e aprovarem os estatutos, cujo projéto está sendo redigido pelo poeta Renato Travassos, a quem se devem dirigir aqueles que tenham sugestões a apresentar, bem como os que desejem fazer parte do Instituto que é, como consta da sua ata de fundação, uma entidade na qual há logar para todos os homens de letras do Brasil, sem distinção ou restrição de especie alguma.

"A geografia desempenhou um papel capital na historia da nação tcheco-slovaquia, escreveu Joseph Simáh. Situada pouco mais ou menos a igual distancia do Norte e do Sul, do Este e do Oeste, esta nação tem assegurado a ligação entre os diversos países do Ocidente germano-romano, mas constituía ao mesmo tempo a guarda avançada do genio slavo, que ela defendia contra a Europa, pronta a defender a propria Europa e sua civilização contra os barbaros da Asia. Nessa grande tarefa ela tem trabalhado, lutado, derramado seu sangue. Mas se consagrando a essa tarefa ela tomou conciencia de suas forças: fechou-se e conservou-se."

Aqui está feita em síntese magistral a historia toda da nação tcheque: heroismo secular, abnegação, exaltação religiosa, expansão por muito longe das suas fronteiras naturais, fragmentação, submissão, sofrimento; forja de reis que foram grandes figuras do Imperio Germanico e terra acorrentada ao cetro de reis estranhos; e depois, como se o braseiro em que se carbonisavam os corpos de João Huss e de Jeronímo de Praga devesse consumir a propria nação, a derrocada da Montanha Branca, o demorado eclípse que durou até 1914...

(De um caderno de notas sobre a Tcheco-Slovaquia).

O autografo

LUIS GURGEL DO AMARAL

Basilio Castanheira não se considerou nunca um marido feliz... Entretanto, só depois do falecimento da mulher foi que êle se deu exata conta da grande perda sofrida, do enorme vácuo aberto na sua existência ordeira e pacifica. A par disso, uma curiosa e aberrante sensação de liberdade infiltrando-se nalma, como a experimentada por qualquer mortal ao desfazer um nó cégo, depois de longa porfia.

Como sempre acontece após as catastrofes morais, lá veiu para o viuvo (senão desolado ao menos dignamente compungido), o recapitular dos dias idos, volta incessante dos quatro lustres de vida em união com a plácida companheira que, com lagrimas sentidas e discretas, levou ao túmulo numa tórrida tarde do ultimo janeiro.

Revia agora, nas noites solitarias e nos mesmos ambientes costumeiros, iguais em tudo, — apenas, vazia, uma cadeira de balanço em frente á sua no pequeno escritorio de casa — os primeiros anos de casamento, a sequencia de outros, tão uniformes, por fim, que se dividiam, quase, como as horas do dia, em claridade e sombra! E, portanto, para toda a gente, seu lar perfeito, modelar, era apontado como exemplo a ser imitado. "Felizes como os Castanheiros, diziam aos amigos!...". A defunta, essa sim, jamais deixou de proclamar sua completa, irrestrita felicidade. Não perdia vaza para elogiar abertamente o marido. Só lamentava, com discrição aliás, a esterilidade do seu matrimonio, atribuindo isso mesmo a Deus. No resto, uma mulher passiva em tudo, consolando-se dessa e doutras penas deste mundo vário, com a paz alcançada no comercio conjugal.

Basilio Castanheira, em conciencia, de nada tambem poderia queixar-se da companheira que, voluntaria e muito a seu gosto, escolhera para si, já homem feito e arrumado na vida, tudo um pouco no ar, em desacordo, aliás, com o seu temperamento sereno e prático.

Conhecera-a num cinema do bairro, onde se achára sentado ao seu lado, em noite de enchente e de programa sentimental. Ela era, então, uma rapariga pálida, comprido e magro rosto de traços afilàdos, olhos garços, cabelos negros, nédios e longos. Os seios ponteagudos, despropositados pelo volume e rigeza, eram como que a nota predominante de todo o resto do corpo, franzino e retilíneo. Durante o desenrolar da película, nos momentos de maior claridade na tela, os olhos dêle procuraram sempre, com volúpia nova e força estranha, seguir o arfar rítmico do busto tentador e espetaculoso da vizinha. Na penumbra envolvente, aquele movimento parecia ter apêlos dos mais amorosos e imediatos.

Quando Basilio Castanheira se deu conta, estava casado com a vizinha do cinema! Uma fita de consequências durodoiras... Apesar disso, sua eleição fôra acertada. Excelênte moça como verificára logo, equilibrada e saudável, filha de honesta gente. (O pai dela, comandante de longo curso da marinha mercante, impressionara-o muito pela côr de sua faces, amarelas e ressequidas como velhos pergaminhos!). Chamava-se Clara. Normalista recém-formada, continuava a viver para os livros, ótima estudante que fôra, sem outras preocupações mais intensas, pela tranquilidade do seu organismo em formação normal.

Tambem ela gostou do pretendente. Gostou ainda mais ao vislumbrar seus reais dotes de espirito, atilado e culto. Castanheira, por aquele tempo, era um rapaz bem apresentável, algo avelhantado para os seus verdes anos. Calvo, ligeiramente curvado, andar lento, fisionomia severa. Uma mocidade compenetrada e repleta de saber. Formado em direito e empregado público. Duas qualidades altamente apreciaveis no nosso país. Um grande partido!... Noivaram falando de coisas sérias, das belezas eternas dos clássicos, dos filósofos construtores das

inumeras teorias ideais e especulativas, dos divinos mestres da forma, da côr e das sonoridades. Castanheira, por estas alturas, em pleno gozo intelectual, já não percebia mais o movimento compassado dos lindos seios de Clara. Apegara-se de todo á cerebração curiosa e precisa da noiva, desprezando os outros componentes essenciais á felicidade conjugal. O amor, nas suas manifestações sempre iguais e eternas, não surgira nunca como devera naquele prelúdio fundamental para os dias vindouros.

Uniram-se por fim, sómente pelo espírito!... Daí terem vivido depois mais de dia do que de noite. Os clássicos cansam, os filósofos perturbam os raciocinios corriqueiros da existencia diaria e os tesouros de arte, quando não vistos de perto ou executados, vão se tornando nebulosos e sem valor... A vida só é humana e suportável, se a sua rotina monotona e vicissitudes costumeiras são compensadas pelo afeto creador, que dá alimento ao corpo, vida á mocidade e prepara uma velhice resignada e risonha. Com o passar dos anos, numa conjunção donde o amor se esquivara cedo, Castanheira percebeu afinal não ser feliz, e essa descoberta abalou-o muito!

E começou a procurar com afinco a razão principal do seu desgraçado estado dalma. Que faltava ao casal para a felicidade completa?! Nada!... Genios combinando-se bem! Conforto material, perfeito! Sua mulher vivendo contente, proclamando-o um marido exemplar!... Apenas, a principio, uma nuvem ligeira, pesada depois, pairando sobre seus pensamentos em dúvida. Finalmente, a certeza dolorosa! A sua Clara não o apreciava bastante... Êle era um intelectual, isso era fóra de dúvida! Senão brilhante, acatado pelo menos... Conhecidos, citados, seus trabalhos sobre estatistica. Um dos pioneiros dessa ciencia no Brasil. Seus artigos, nos jornais e revistas, tinham sempre acolhida segura e leitores, se bem que especializados, certos. Questões de tarifas, intercambio comercial, rendas públicas, assuntos de palpitante interêsse nacional. Nome feito na literatura positiva do país. A ambição justificada de entrar na Academia de Letras... E a propria mulher a gabar-lhe os méritos de escritor, num entusiasmo comovente! Era mesmo a sua maior propagandista. Trabalho estampado na imprensa, lá estava ela no telefone, falando para as amigas: — Diga ao seu marido que não deixe de ler o *Jornal do Comercio,* de hoje, onde aparece um substancioso artigo do Basilio...

Mas... e êsse *mas* era aflitivo! Porque Clara nunca lhe pedira sua assinatura para o livro de autógrafos que ela possuia desde mocinha e que conservava com cuidados extremos!?... Esse livro, de há muito, vinha constituindo o seu principal tormento! Pouco depois de casados, ela fê-lo ver um dia. Já estava bem cheio. Muitos nomes, alguns dos nossos homens de letras mais em voga; outros, de quási todos os professores da Escola Normal; pensamentos vários, quadrinhas ingenuas e afirmações elogiosas e sentimentais de antigas colegas. Na maioria, uma complicação de palavras ôcas, rebuscadas e semelhantes ás de todos os albuns do mesmo gênero.

Tal livro tornou-se, a seguir, para o Castanheira, além do mais, uma verdadeira calamidade! Não passava pelo Rio uma personagem ilustre, quer política, literaria ou mesmo aventureira, que não andasse êle atrás dela ou por intercessão de qualquer amigo, á cata de almejada assinatura para o famigerado album! A' principio, o Castanheira ainda fazia isso com certo afan.

Ao entrar em casa com a rubrica colhida, tinha sempre a esperança que Clara, sensibilizada e grata, lhe pedisse, finalmente, a sua! Nem um gesto da parte dela, que recebia o livro, olhava detidamente a firma, discorria sobre o valor da nova aquisição e da personalidade amável. Silenciava depois de agradecer ao marido o seu esforço. O Castanheira, por ultimo, irritado com a repetição daqueles encargos, deu para desfazer nos méritos dos inscritos na coletanea nefanda: — Este de hoje é uma reverendissima besta, creia-me V.! Clara, no começo de tais desabafos, julgou esses ataques bruscos do marido á dificuldade, por certo, na obtenção dos autógrafos preciosos. Depois, cada vez que êle lançava um comentario depreciativo para o recemfirmante, sorria brandamente (sorriso sempre mal interpretado pelo marido), replicando: — Tratase, entretanto, de um nome universalmente conhecido!...

Castanheira foi perdendo a cabeça. Uma noite mesmo, quando a casa estava cheia de amigos, criticou impiedosamente a espôsa pela mania infantil da coleção, inútil no seu parecer, um amontoado de assinaturas anodinas... Houve reprovação geral desse conceito. "— Não senhor, um repositório precioso! Nomes dos mais conspícuos, nacionais e estrangeiros. Incalculável mésse para o futuro!..." Castanheira mordeu os labios, explodiu raivoso: — Ora pipocas!... Só um nome valioso aí dentro — o do formidavel Marconi, um genio!... Depois mais calmo — o do nosso portentoso Rui, tambem...

Naquela noite dormiu pessimamente, ou melhor quase não dormiu, com idéias de destruir ou de dar sumiço áquele inimigo da sua vaidade de letrado incompreendido, e da sua paz íntima. Mudou depois de tática. Tornou-se interessado até pelo enriquecimento do horripilante album! Qualquer visitante, europeu ou sul-americano mesmo de mérito duvidoso, mulher ou homem, civil ou militar, lá corria êle á procura de mais um autógrafo. Isso sem falar nos dos nacionais, bafejados pela aura acariciante de um sucesso artistico ou político. E ao chegar em casa ia, desde a porta, gritando logo á mulher, em voz vitoriosa: — Mais um no papo, de primeirissima!... Já ao seu lado, após trinado beijo, arriscava, de coração ainda esperançado, uma insinuação direta: — Já não sei, queridinha, que nome falte no teu album?!...

*

* *

Dona Clara, por estes tempos, andava com a saúde abalada. Um mal pertinaz e oculto. Dôres violentas no estomago, calor gradativo nas faces, definhamento geral. Era, quando afirmava ao receber nova dádiva para o seu amado livro colhida pelo marido: — Semeias para tu mesmo! Revendo, mais tarde, estas páginas, pensarás muito em mim, na *mania* inocente da tua mulher... Uma vez essas palavras foram pronunciadas de tal forma que o Castanheira, engulindo o travor que elas sempre provocavam, só então viu bem o espetro que tinha diante de si! Uma múmia!... Ficou aterrado... E por aquele corpo em miseria, seus olhos atonitos procuraram, — olhar vindo do subconciente — o maximo encanto físico que, 20 anos atrás, despertára nêle, em primeiro logar, o seu apetite carnal, menosprezado, a seguir, pela absurda pretensão de querer fazer vicejar uma ligação de dois sexos opostos, alimentando-a, unicamente, com o sopro do espirito! Abrira mão de tantos momentos belos para cultivar, apenas, um sentimento mesquinho de inveja e rancor pequeno e injustificável! Chegara mesmo a odiar aquele ser inerte e frio, só por culpa sua! Que crime o seu!... Tudo aquilo por uma vaidade ferida... Ah, o maldito album, surgindo entre os dois, quebrando, destruindo desde um começo remoto, a felicidade nascente do convivio em comum...

A mulher morreu-lhe pouco depois. Chorou-a muito. No fundo um sentir honesto. Isolou-se dos amigos. Com o passar dos dias foi voltando á vida, pois qualquer dôr moral reage com o primeiro bocado que se leva á boca!... Preocupou-se do túmulo da que se fôra. Ordenou-o singelo e sólido, para resistir (e nisso pensava certo!) ao passar dos anos, em numero sem conta possível, que a gente vive sob a terra. Na lápide sepulcral mandou gravar em letras de bronze o epitáfio curto e expressivo — *Saudades eternas do seu fiel esposo*. E tambem, em letras de bronze, numa imitação perfeita, a sua assinatura por extenso — Dr. Basilio João Castanheira... Um autográfo, afinal, perene e maior na capa definitiva do grande e silencioso livro da vida de sua companheira...

A Alma da Criança e o Experimento Psicanalitico

I. DE L. NEVES-MANTA

A página que abaixo inserimos é um documento real do espirito. Concisa, clara e bem escrita — nela, o professor Neves-Manta, mostrando-se o profundo conhecedor da psicologia dinamica, parte do caso concreto para, através de considerações e reflexões, chegar á sumula que ensina, á síntese que convence e á ilação que é o esteio do espirito filosófico.

Lê-la, por isto mesmo, é entrarmos em contacto com um escritor de seu tempo e um cientista de sua época.

1

Para a perfeita, nitida compreensão da alma humana, não basta, como antigamente, estudar-se o espirito do homem adulto. A criança tem tambem sua expressão individual. E até uma expressão coletiva. Significa. E apresenta-se-nos assim como corpo inteiriço e inconfundivel: serve á análise e á interpretação da história do pensamento antropologico. Há indiscutivelmente uma parte do biotípo humano que padece as transformações anatomofisiologicas implicitas á evolução do ser. Mas, há uma outra tambem que, embora se superextratificando dessa argamassa biologica e sofrendo os embates peculiares, mergulha as raizes de sua origem nos recessos de psiquismo primévo ou rádica a ascendencia nos preconceitos vigentes. Esta parte foi inicialmente entrevista por um judeu. Em seguida, delimitada geograficamente no individuo. Ao depois, por êle ainda, sistematizada sua sintese. E afinal, arrolada numa teoria, porém explicita e coerente, sob o distico de psicanalise. Por essa época, a experiencia já era o enorme argumento. Nomes, em seguida, não faltaram para a prioridade do descobrimento dessa ciencia, — por vezes, ela propria, filosofia. E a Janet, de França, emprestaram-se-lhe os méritos de iniciador. E no proprio Santo Agostinho, de Monica, certa feita, vislumbrei eu, e encontrei em suas confissões, os motivos para aceitá-lo e impô-lo até como o precursor da psicologia abissal. Freud porém foi seu verdadeiro apreensor, e clarificador.

E sua intuição genial não ascendeu de estalos mentais: proveiu serenamente de reflexão demorada á observação de um caso clinico.

Afirma-lo-ia, se existira, Joseph Breuer...

2

A psicologia do adulto por isso mesmo estriba-se na psicologia do infante: para o mentalista moderno ambas decorrem de analises meridianas, na aparencia exotericas. Exotericas, para aqueles que imaginam todos os atos vitais unicamente concientes; e nunca porém para os que sentem e sabem que no conjunto das aspirações ou realizações humanas há tambem atos de inconciente...

Quando o bêbê se entrega ao vicio de chupar o dêdo, consequencia ou precedencia do ato de sugar a chupêta — remanescente tudo dêsse sentido reflexivo e biologico da nutrição — fá-lo porque experimenta a mesma sensação, vaga porém envolvente, do prazer sexual. Já por essa fase da existencia, a libido, aflorante e disseminada pelo corpo humano, como super-extrato e sintese bio-dinamica, tem expressão autonoma e filogenetica. O apêgo a tais costumes, a teimosia infantil em tais vicios, o gozo que o bêbê sente em chupar alguma coisa — é o proprio experimento freudeano que os compreende e explica-os melhor: uma fixação regional impôs-se (no caso fixação oral) como consequencia dessa força psico-motriz que é a libido, abrolhante em cada um de nós com a propria noção inconciente de vida. Ao pediatra-pedagogista, com formação neuro-psicológica, é que compete orientar desde aí a estrutura higienica da mentalidade do pequenino sêr. Negar-se ao pequeno excitado, choroso, lacrimejante, por exemplo, o sedativo de uma chupêta — dilacera o coração materno; deixar-se, ao revés, o latante sugar á vontade o dedo póde acarretar a continuidade da fixação freudica da boca, a tal ponto de torná-lo na idade adulta pervertido ou neurotico. O alcoolista, muita vez e por isso mesmo, é esse individuo que possue hiperdesenvolvidos os predicados erotógenos da zona bucal. Mas, se de um lado "a chupêta é acusada de retardar o amadurecimento psico-sexual (concordaria Pedro de Alcantara, de São Paulo...) cultivando longamente a zona bucal e assim favorecendo uma perversão sexual", — de outro, esse desmame precoce, poderia implicar numa evolução rapida demais ou até anormal do proprio amadurecimento psiquico do sexo.

A' vista do exposto, onde as virtudes de uma chupêta? No meio termo? Na temperança? — Não! No psicólogo. No psico-higienista — nos psico-higienistas, nos pedanalistas, os quais devem ser todos pais, todos os educadores e com mais razão todos os pediatras. A' visão analitica e penetrante do assistente do recem-nascido, desde aí, é que cabe graduar o uso, por exemplo, de uma chupêta, ao ponto de torná-la imprescindivel como ás vezes 5 centigramas de brometo ou desnecessaria como 10 gramas desse mesmo mal...

Outra feição curiosa do caráter infantil é a tendencia destruidora da criança, — tendencia que é um mixto de prazer artistico e gosto aniquilador. O ato de amalgamar materia fecal, desfazer ou construir com as mãos, ver, sentir e observar entre dêdos substancias excrementicias proprias, — nesses atos experimenta a criança sensações que a psicologia classica não soube aprender, porque inconcientes; mas que a psicanalise revolucionaria compreende, servindo-se de perquirições abismais ou imersões profundissimas. Contudo, se o ato da criança brincar com os proprios excrementos, desinteressada do ambiente circundante, esquecida da situação social, vivendo momentos de encantamento subjetivo, aberra dos principios e ensinamentos da medicina profilatica, — nesse mesmo ato se vislumbram intenções estéticas do inconciente. A' luz psicanalitica, no escultor, no pianista, no cirurgião... a fixação é similar, é toda ela a mesma, permanecendo localizada a libido e manifestando-se por essa inclinação ou nessa expressão artistica... Deante disso, seria pedagogico matar tendencias estéticas em bem da higiene individual? — Eis um ponto em que se torna dificil uma conduta pedagógica. Como atrás, no meio termo e na perspicacia do educador devem residir a norma para a eugenica formação caracteriologica do individuo em botão: o aconselhavel será substituir-se precatadamente a causa do aparente prazer do bêbê (no caso, as substancias excrementicias de que o mesmo se serve nas suas brincadeiras ou prazeres) — uma vez que, o corte brusco ou a supressão sumaria desses motivos de felicidade efemera, numa personalidade biologicamente defeituosa, póde acarretar não só o aparecimento de neuroses como de perversões instintivas, sufocando propensões estéticas dormentes no pequenino

sêr, todavia abrolantes como expressão dessa força bio-dinamica que é a libido.

3

A criança, traz ainda, como todo ser humano, em seu cerne, no seu hemoglobulo, recheado de energia libidica, predicados inconcientes de centralizador, de eixo na vida social. Julga-se por isso deus. Força total: indomita...

A' assistencia pedagógica compete adaptála aos embates cosmicos do continente, para que possa viver. Criada com mimos, mimada a cada instante, satisfazendo-lhe os pais os menores desejos e as mais vagas aspirações, aos poucos vai-se exaltando esse instinto de tirano — todo êle decorrente da fase ano-sadica — que cada um de nós traz nas veias como reminiscencia trogloditica. E' o im perio do ex-ego, do eu profundo, do id... Narciso toda ela, imagina-se a criança entidade discricionaria. E á visão psicanalitica, corporifica-se a criança qual Mussolini ou Hitlerzinho... Se nasce um irmão, e os pais começam a dividir com êle as caricias que até então eram só para o primogenito, este reage — é o inicio da descentralização do seu poderio. Procura e emprega por isto os meios necessarios para manter-se no poder, em primeiro logar: é natural e humano. O principio da realidade, do conceito freudeano, transfigurado agora pelas exigencias coercivas da moral vigente, sufoca-lhe o outro principio, freudeano ainda, do prazer, — amargurando-lhe a vida, é verdade, mas adaptando-o tambem ás imposições da civilização envoltora. Exemplo frisante dessa reação, observada na pratica, na clinica, dá-nos Lages Neto, de Baía. O caso era um menor de 7 anos, com intensa sobrecarga neuro-psicopatica, o qual, havia 2 anos, se apresentava enuretico e alimentando-se unicamente de leite. "Todos os esforços dos pais no sentido de obter da criança ingerir outros alimentos, tropeçaram com a mais formal negativa. Todos os meios tentados desde os suasorios até os mais bruscos, mostraram-se ineficazes, como ineficazes foram os tratamentos aconselhados". Solicitaram então o conselho do especialista, e este, em seguida aos esclarecimentos da indole psicopatógena do distúrbio, opinou pela mudança de ambiente. "Permitia tudo menos isso" — respondeu-lhe de modo sumario a genitora do pequeno enfermo. "Lembramo-nos da psicologia individual — diz o psico-pediatra baíano — que, indiscutivelmente, apresenta outras perspectivas inteiramente novas. Os sintomas, para Adler, devem ser encarados teologicamente. Estudar a personalidade da criança, o ambiente familiar e depois interpretar o sintoma, eis o caminho traçado pelo alemão." No exame encetado e realizado no enfermozinho, o colega pôde surpreender então, através de uma anamnése psicológica retrospectiva, que o paciente logo após nascer a ultima das irmãzinhas, perdia terreno no setor afetivo. Descentralizava-se de suas mãos o poder... E a menina recem-nata, como que açambarcando as simpatias e os mimos paternos, punha-o fóra, á margem, afastava-o cada vez mais das cogitações dos pais, desfrutando ela só, ao revés, os carinhos que até então eram para êle, que eram exclusivamente dêle...

Genial o garôto, atilado, vivo, e sentindo que mais a mais perdia a corôa de seu reino, inconcientemente, profundamente, apegou-se a uma enfermidade — no caso enurese mais anorexia, simplesmente sintomas psico-neuróticos — afim de não perder a situação que a primogenitura lhe facultara e lhe valia á posição de centralizador dos afetos paternos, como eixo na vida social. Escolheu — é a palavra que cabe com exatidão e que empregou Lages Neto — por isso, de acôrdo com o sentido pragmatico interior da propria personalidade profunda as manifestações morbidas que na certa atrairiam os cuidados da mamã e o poderiam manter na ditadura familiar. Houve-se como verdadeiro artista — esta a expressão adleriana — na escolha dos sintomas, o primogenito. E a mãe, vendo-o emagrecer e definhar cada vez mais e observando-o enuretico, — desvelou-se em carinhos para com o filho enfermo, esquecendo a filha recem-nascida. Eis o que êle queria: interessar por esses processos os pais, fazer volver todas as atenções paternas para sua personalidade... Conseguiu-o. Enquanto isso, inacessivel tornava-se a terapeutica — o inconciente teimava em manter a agradavel situação morbida, uma vez que a mesma lhe facultava a posição de primeiro entre todos os irmãos: *primus inter pares*...

Em todo o caso, não se desesperançou o pediatra-psicólogo. E servindo-se de uma especie de abreação em vigilia — oh manes de Bezzola!... — orientou sua medicina curativa no sentido de desmascarar a criança. Atingiu-a, por fim, "mostrando em lingua-

gem acessivel e energica, ser o seu ciúme a causa de tudo, recomendando á genitora se despreocupar inteiramente dos disturbios" e curando afinal tão simplorias manifestações funcionais, na aparencia e pela teatralidade impingida pelo pseudo-enferminho — apavorantes!

A criança na escola antropológica é o animal que com mais pujança mantem os predicados narcisicos de individuo dominador. Sua cabeça destaca-se no meio da multidão. Olha, por cima, desdenhosa. Corre a vista, com superioridade, sobre a massa. E tem-se na conta de figura central. Do berço advêem-lhe tais qualidades. No seu cerne, no seu hemoglóbulo, recheiado de energia libidica, palpitam os predicados inconcientes de centralizador, de eixo na vida social. E' deus, por isso. Força total: indomita... A civilização desde o nascimento, porém, opõe-lhe os minimos e os maximos obstaculos. E, ferido analiticamente na sua compleição narcisica, procura reagir. Reage. Nem sempre com vantagem. Todavia, muita vez, com lucros para o condimento da propria personalidade psiquica.

A função do educador, do pediatra-psicólogo, a função paterna, aqui ainda como alhures, é a do mediador, — evitando de um lado se diluam, ante os tremendos embates civilizadores, os traços de caráter da personalidade e de outro que se hipertrofiem os componentes egocentricos adormecidos no biotipo humano. Em todo o caso, ao abulico prefira-se o forte; e, ao apagado da página dostoiewskiana, o prepotente da Italia revolucionaria...

4

Outra observação de igual teor clinico-psicológico é a que guardo.

Todos nos julgamos na vida homens normais. Sanissimos. De perfeita saúde fisica e psiquica. Esquecemo-nos, todavia, de que, abstraindo-nos de lastro sifilitico ou tuberculotico, toxico ou psicopático, um simples estado emocional, por quaisquer contratempos sociais, antes do coito, póde acarretar tambem a formação de indole deficiente ou conturbada no futuro individuo, — póde ser em suma a causa inacreditavel de uma personalidade miopsicopragica... Donde o dever pensar-se profilaticamente até no ato da procriação, — se intenções especificas são o motivo.

Certo amigo, meu, pessoa da mais cara intimidade, encontrando-se-me casualmente, chamou-me a atenção para o fato de, desde o nascimento de seu ultimo rebento, o mais velho de seus dois filhos, de quase 4 anos, ser prêsa, em determinados momentos, após uma crise de tosse, de outra de chôro. Aplicados os calmantes costumeiros, nenhumas vantagens se colhiam de modo definitivo sobre tão desagradaveis manifestações mórbidas. Como, grosseiramente, pela informação leiga, me parecesse caso da especialidade, ofereci-me a examinar o enfermo. Bem constituida a criança. Forte. Muito forte mesma. Sem aparentes sinais de enfermidades contagiantes, tuberculose ou sifilis, sem febre ou algias tipicas, com boa implantação dentaria, excelente distribuição capilar, — a pessoa a quem eu me impusera examinar apresentava-se-me dessa sorte, como criatura bem dotada, fisica e psiquicamente, inteiramente saudavel. Ante tais realidades, afastaram-se — era justo! — do meu espirito idéias heredopaticas ou enfermidades por lesões, quanto ao pequenino observado. No entanto, qual a etiogenia de tais acessos de tosse e de semelhantes crises de chôro? Em seguida a uma visada pelo ambiente, á situação social do menor, eu pude logicar e interpretar a enfermidade como simples manifestações sintomaticas. E' que a criança, que por ser homem e por ser o mais velho dos dois, mantinha, pela sua primogenitura, pelos seus supernormais predicados de vivacidade e de encantamento pessoal, o bastão do comando familiar, era o eixo dessa gravitação domestica. Jamais poderia temer o seu deslocamento, em virtude do segundo rebento ser, como êle, homem. Ao vir á luz, o terceiro mano, bem que tal situação se poderia transformar... Mas, transformar-se-ia? Quem sabe? — O petiz, em todo o caso, previdente, como o outro, escolheu inconcientemente aqueles sinais patognomonicos que serviriam para despertar os mimos ou as atenções ambientes. Dava isto otimos resultados sempre: nesses instantes, os de casa voltavam-se quase todos para o gurí. Contudo, o recem-nascido era... uma menina.

O trabalho do psicanalista foi por isso mesmo rapido: resumiu-se em explicar, provar ao perverso polimorfo — na frase de Freud — a sem razão de similares reações, desmascará-lo, desmoralizá-lo em suma... Bastou, simplesmente, para a sua notavel vivacidade e incrivel compreensão humana, demonstrar-lhe a situação social e aclarar-lhe o sexo da irmã, afim de que pudesse compreen-

der que uma mulher jámais é um homem e que os carinhos que se dispensam a uma criatura de sexo oposto ao seu, em tempo algum são os mesmos que se dispensam ao sexo masculino...

Tocado analiticamente no ego profundo, o homem em geral perde algo da posição narcisica e dos componentes marcantes da personalidade. Aqui como alhures os fatos se repetem. E se repetirão, sempre, até a monotonia. O que não quer dizer que se não julgue individualidade superiora a criança. Acima. Superposta á massa. Eixo na vida social. Deus. Força total e indomita.

A energia criadora, que decorre, sempre, da energia libid:ca, disseminada epidermicamente á superficie ou encharcada intimamente no hemoglóbulo — condimenta o individuo. Melhor: cristaliza-lhe os componentes biotipicos da personal:dade. O papel dos pais, por isso mesmo, não é só impor-lhe os predicados de conformação domestica; a função do educador não é sobriamente ensinar-lhe a lêr e a ser bem comportada na rua; o procedimento do pediatra não se resume afinal em assistir-lhe nas maselas fisicas. E' mistér que todos procurem compreender, saibam compreender se possivel, a mecanica psiquica do futuro homem, para ampará-lo quando claudicar e para ajudá-lo a discernir quando, por injunções sociais, o ego profundo, o inconciente precisar de terapeutica.

"O neuropata é um dos muitos fronteiriços que enxameiam na sociedade — afirma Hosannah de Oliveira, de Baía — e sua terapeutica é sobretudo pedagogica." Eu acho que não é so pedagogica, mas psico-pedagógica — ou melhor psicanalitica. E se para o tratamento das enfermidades corporais faz-se mistér a assistencia puramente clinica, para a compreensão da alma infantil torna-se imprescindivel a descida aos recessos animicos, aos desvãos sepulcrais da personalidade profunda e o estudo do comportamento psicológico desses pequeninos sêres...

5

Para Hall — Stanley Hall, chefe, primeiro, da psicologia conservadora norte-americana, mas, depois, revolucionario notavel, transformador da orientação e da experiencia psicológicas em seu país, psico-pedanalista eminentessimo — para Hall, a evolução intelectual do infante passa por quatro estadios varios, sofre consequentemente multiplos embates vitais. O 1.º, infancia, que teima até os 2 anos, corresponde filogenicamente, á fase antropoídea, simia; o 2.º, meninice, que vai dos 2 aos 8 anos, é como se fôra um trecho da existencia do homem em estado de selvagem; 3.º, juventude, dos 8 aos 13, equivale ao desenvolvimento desse mesmo estado selvatico; e o 4.º, adolescencia, dos 13 até os 30 representa a fase de cristalização especifica, corresponde sumariamente ao estado de civilização humana.

A quem desconheça os meandros sutis da alma do homem, de sua complexa psicologia, aberra conclusões que tais. Todavia, ao experimentador, ao individuo que pratica clinica psicanalitica, é sem duvida alguma muito mais acessivel a apreensão e interpretação dos fenomenos profundos, inconcientes — misterios sem dogmas —, do que o raciocinio e a inteligencia de certos fenomenos religiosos — misterios com dogmas. Eu, de mim para mim, tenho como certa a existencia do complexo edipico, — esse eixo nodular do arranha-céu psicanalitico — tenho-o, por que o hei encontrado como fator hospitalar de determinadas neuroses; enquanto isto, teima a minha reflexão no não aceitar o misterio catolico das tres pessoas numa só...

Mestre Freud, reporta-se num de seus livros — como outros, evangelhos tambem... — exhaustivamente, á historia de uma neurose infantil, em que desde ano e tanto de idade o enfermo reagia racionalmente, por meio da linguagem e dos atos do inconciente. Serviu-se de retrospecções posteriores, atingindo a recordações de cobertura; á predileção paterna pelo menino; a um periodo de maldade e perversidade dormentes, ativa e passiva, sem ao menos ter tocado aos 3 anos e meio, o qual procurava em certo castigo "ao mesmo tempo acalmar seu sentimento de culpa", conseguindo tocar, sempre, por meio de um retrocesso analitico, á prehistoria infantil de seu doente. Mas, o que aproxima aqui Freud de Stanley é precisamente a afirmação experimental do segundo, conseguindo limitar filogeneticamente as idades humanas da infancia á maturidade, e a história — realizada pelo primeiro, normal e patológica, da neurose infantil, acompanhando o individuo, prêsa da enfermidade, desde um e meio até trinta anos de idade. Conseguintemente, nas multiplas fases estudadas por Freud identificam-se os

estadios variegados assinalados precedentemente por Stanley. Completam-se portanto os dois. E aclaram pontos, delimitando apenas idades e fases, que servem ao raciocinio integral, como elementos e fatores implicitos á argucia, á inteligencia e á interpretação psicológica revolucionaria.

Enquanto isto, supunha-se até bem pouco que a medicina psicanalitica fosse privativa dos países de organização burguêsa; hoje porém Vera Schimidt põe-nos ao par das vantagens que têem sido tiradas da aplicação da psicanalise na Russia Sovietica, como um processo a mais para o conhecimento da mentalidade infantil e sua melhor orientação na entrosagem complexa da sociedade proletaria.

6

Do contexto sumario deste trabalho acerca da alma infantil e o experimento freudeano — compreende-se:

1.º — que o infante reflete;

2.º — que desde 1 1|2 ano de idade e ás vezes até menos, merece e deve ser assistido pelo psicólogo;

3.º — que o inconciente infantil convem ser observado, para ser cuidado quando se fizer mistér, uma vez que as manifestações inconcientes são autonomas, embora implicitas á existencia da personalidade ontogenetica;

4.º — que ao psicanalista como a qualquer pedagôgo compete o norteio da alma profunda da criança, afim de poder orientá-la ante a face contundente da realidade esmagadora;

5.º — e que, enfim, negar-se uma vida social ao sêr nascente é raciocinio absolutamente espurio, convindo por isso mesmo ao homem de ciencia — psico-higienista, pedagôgo ou pediatra — assistir-lhe com método, esvurmar-lhe a alma com carinho e dirigí-lo com proficiencia, destemor domestico e dignidade profissional.

OLHOS VERDES

Tinha o mar para mim, sempre, um novo atrativo.
Quanta vez eu lhe disse as minhas alegrias,
Sentindo-o, verde e belo, estremecer, cativo
Dos meus sonhos, num brando exalar de harmonias!

Hoje, entanto, já não procuro vê-lo. Esquivo
Contemplar-lhe de novo as ondas erradias.
Minha sorte mudou, agora é triste, e avivo,
Se o vejo, a evocação de fundas agonias.

Porque o verde do mar lembra o verde de uns olhos
Que me foram na vida a suprema ventura,
E hoje em dia me dão amargura sem par.

Olhos cheios de luz e escondidos abrolhos,
Cheios de uma divina expressão de ternura,
E crueis... e fatais como as aguas do mar...

ALFREDO DE ASSIS
(DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS)

O BANCO DO BRASIL na Economia Nacional

Por ALUIZIO DE LIMA CAMPOS

Da Seção de Estatistica e Estudos Economicos do BANCO DO BRASIL

Fundado em 1808, sob o influxo de progresso oriundo da presença de D. João VI, que se transladára para a colonia sob a pressão dos exercitos napoleonicos comandados pelo general Junot, o Banco do Brasil é um dos mais antigos bancos do Continente Americano.

Creado naquela época, não poderia ter escapado á influencia das idéas de Adam Smith nem ao prestigio da estruturação do Banco de Inglaterra. E, si bem que em varios pontos procurasse atender ás condições peculiares do país, a sua organização inicial tinha a marca sensivel dessas duas poderosas influencias.

As primeiras notas emitidas repousavam sobre lastro ouro e as operações se caraterizavam por principios conservadores. Durante alguns anos o Banco funcionou normalmente, com reais vantagens para a economia do país, que ensaiava os seus primeiros passos no comercio internacional.

Com a volta para Lisbôa da côrte portuguêsa, o Banco do Brasil conheceu a sua primeira situação de embaraço. Isto decorreu da resolução tomada por D. João VI de fazer transladar para a metropole toda a reserva ouro do Banco e as coleções de pedras e metais preciosos do Museu Nacional. Os eleitores brasileiros, convocados para a eleição dos deputados á côrte de Lisbôa, protestaram energicamente contra a ordem real, mas, depois da intervenção violenta das forças portuguesas, as determinações do monarcha foram cumpridas e o ouro foi transportado para as margens do Tejo.

A partir de então, através de algumas vissicitudes e transformações, o Banco do Brasil foi evoluindo, até atingir a amplitude e solidez que hoje o caraterizam.

Na atualidade, quando ainda não possuimos um banco central de reservas, a sua orbita de ação é de primordial importancia para a economia brasileira. Na sua estrutura de banco eletico, paulatinamente formada, inclue funções de instituto central, de banco comercial, de banco agricola e de banco industrial.

Como instituto central, além dos adeantamentos sobre a receita que faz aos poderes publicos, dirige a politica cambial do país e regula o volume do credito através da sua Carteira de Redescontos. Para esta ultima finalidade tem o Banco do Brasil os poderes legais para requisitar do Tesouro Nacional as emissões de notas necessarias.

Como banco comercial, que constitui a sua feição mais pronunciada, faz, em todos os Estados da União, as operações peculiares a essa fórma de atividade.

Como banco agricola e industrial, age, através de uma carteira especial recentemente creada, no sentido de fornecer á agricultura e á industria os recursos necessarios ao financiamento da produção e á melhoria dos equipamentos.

Possuindo hoje uma rêde de 87 agencias,

que cobre todo o vasto territorio nacional, o Banco do Brasil é, sem duvida alguma, a mais poderosa e extensa instituição bancaria do país.

O desenvolvimento que tem tido nos ultimos anos, apezar da influencia da crise mundial, atesta a sua grande vitalidade, que é, sem duvida, um reflexo do progresso da economia brasileira. Alguns dados sucintos demonstram a veracidade de tal afirmativa. De 1928 a 1937 houve as seguintes variações nas principais contas:

	1928	1937
	(Em contos de réis)	
Depositos	1.415.000	2.235.000
Emprestimos	1.167.000	2.854.000
Compensação de cheques	1.531.000	2.562.000

Entre as importantes funções que estão confiadas ao Banco do Brasil figura a execução e controle da politica cambial. Ao seu aparelhamento técnico e á competencia do seu pessoal deve a velha instituição o prestigio com que age no mercado de cambio. Em situações de crise monetaria internacional, quando as necessidades cambiais do país têm exigido um volume de disponibilidades externas assás elevado, o Brasil tem encontrado no solido credito e nos amplos recursos do grande instituto os meios de satisfazer e amparar os seus altos interesses.

A evolução do Banco do Brasil, de mais de um seculo, é quase a propria evolução da economia brasileira. O progresso da organização do estabelecimento, da sua difusão no país, através das suas agencias, o aumento dos seus recursos financeiros e a ampliação da sua influencia sobre a economia nacional, acompanham quase paralelamente o desenvolvimento da produção.

A amplitude e os recursos que hoje apresenta o Banco do Brasil, com as suas carteiras especializadas e com a direção do credito agricola e industrial, dão-lhe uma tal importancia no mercado brasileiro de credito que o elevam á posição de um verdadeiro banco da economia nacional.

BATUCADA

D'ALMEIDA VITOR

Com as carnes suadas,
com os corpos cansados,
com os olhos acêsos,
com a alma contente,

negros, mulatos,
cafusos, morenos,
pulando em cadencia,
formados em róda,
vencendo a fadiga,
prosseguem na dansa...

Ao som do urucúngo,
ao som da cuica,
ao som do pandeiro,
ao som do ganzá,
ao som do violão
e do batuque estridente
e rouquenho em marcação,

em coleios selvagens,
em rítmos loucos,
os quadris se rebolam,
os ventres se empinam,
as mãos se levantam,
se batem, se afastam,
se estiram as pernas,
se encolhem, se dobram,
e os dorsos arflando,
se comprimem e tremem,
na dansa lasciva,
na dansa bizarra,
na dansa divina,
na dansa nostalgica,
na dansa violenta,
na dansa revelação...

Os corpos se minguam,
se esticam, se torcem,
rodopiam ligeiros
ou voltam molengos,
com os braços inertes,
pendidos pra o chão...

Negros, mulatos,
cafusos, morenos,
exalando **catinga**,
pingando suor,
ofegantes, exaustos,
repuxam os nervos,
e gritam e dansam
ao som do atabaque,
marcando o compasso:

bum-bum-ti-dum
bum-bum-ti-dum

A noite prossegue
e a dansa tambem.
Si um corpo se cansa
e vai desistir,
o "quentão" em canéco,
cheiroso, picante,
lhe molha a garganta,
dá vida aos seus nervos,
refaz seu cansaço,
e a função continúa...

Com os olhos ardentes,
com o corpo exausto,
com a alma em delirio
e a carne molhada,
de novo êle pula
e salta e grita
e treme e anima
e se "infeza"
na batucada...

(Do livro "Orgulho da raça").

Vida e morte

Guarda-me dentro da tua órbita,
Esconde meu corpo dentro do teu corpo,
Ajusta-me no teu melhor pensamento
Para que eu me sinta imovel, alada
Em toda a ternura.
Serve-te dos meus seios para repouso de tua cabeça aniquilada,
Deixa que eu enxugue com meus cabelos
O suor que brota do teu corpo, na angustia e sofrimento.
Permite que meu ventre seja fecundado com a tua vida
E neste momento aperta com tuas mãos o meu pescoço abandonado
Para que se imprimam simultaneamente em meu corpo
A marca da Vida e a da Morte.

ADALGISA NERY

O AMOR E O COSMOS

O céu se desenrola como teu vestido.
Este fremito de amor, misterioso,
Vem do sol e caminha para a lua.
Grito teu nome no espaço para me acordar.
Berenice!
És tu quem circula no ar
És tu quem germina na terra
És tu quem se estorce no fogo
És tu quem murmura nas aguas
És tu quem respira por mim!...

No teu corpo reacende-se a estrela apagada,
A agua dos mares circula na tua saliva,
O fogo se aquieta nos teus cabelos.
Quando eu te abraço estou abraçando a primeira mulher.
Sol e lua
Origem berço tumulo
Teu corpo liga o céu e a terra
Teu corpo é o estandarte da voluptuosa Vitoria
Teu nome reconcilia os dois mundos
És tu quem me pariu para a Poesia,
Tu que fôste trasladada do Eterno para o tempo!

MURILO MENDES

EUCLIDES

Herdeiro de Tavares Bastos
E do grande Alberto Torres,
Recortando a fisionomia cabocla
Do Brasil áspero nas suas verdades raciais
No relevo heróico dos teus quadros feitos a bico de pena,
Nos violentos sertões,
Teus pés pisaram a terra maternal
Viva, física, tangivel,
Eriçada tal qual um imenso porco-espinho
De cerdas de mandacarús e unhas de caraguatás.

Com sua fauna de museu
E sua flora de prodigio...
Teu estilo topográfico
Traçou o mapa continental
Onde o grande drama da civilização brasileira
Deflagrou seus conflitos brutais
Entre Calibans da terra morena
E líricos Ariels do litoral.
Guerra de caudilhos fanáticos
E ideólogos retardatários
Bêbedos de cultura ocidental.

Amaste a patria de Moema
Bela e trágica, hostil e maternal,
Rica e pobre, sadia e doentia,
Magro celta caboclo.
Tu a amaste tal qual ela é.

Tu foste procurar sua virgindade nas grotas dos sertões
Para possuí-la melhor.
Tua máscara angulosa e de bronze,
Furavam-na dois olhos febris
Abrangendo na mesma paixão
O jagunço semi-tapuio
Agarrado ao seu mosquete e seu ideal
E o rebojo de um rio colossal
Carregando, de noite, em sua torrente, para o mar
Todas as estrelas do equador!

Teu livro nasceu num rancho como o Brasil
Porque Deus Nosso Senhor
Que havia de dizer a verdade á humanidade
Tambem nasceu entre as paredes de um curral.
Tu foste o Batista anunciador
Dos que vão descobrindo o novo Brasil
Perdido na névoa da ideologia,
Soterrado na palha da retórica nacional.

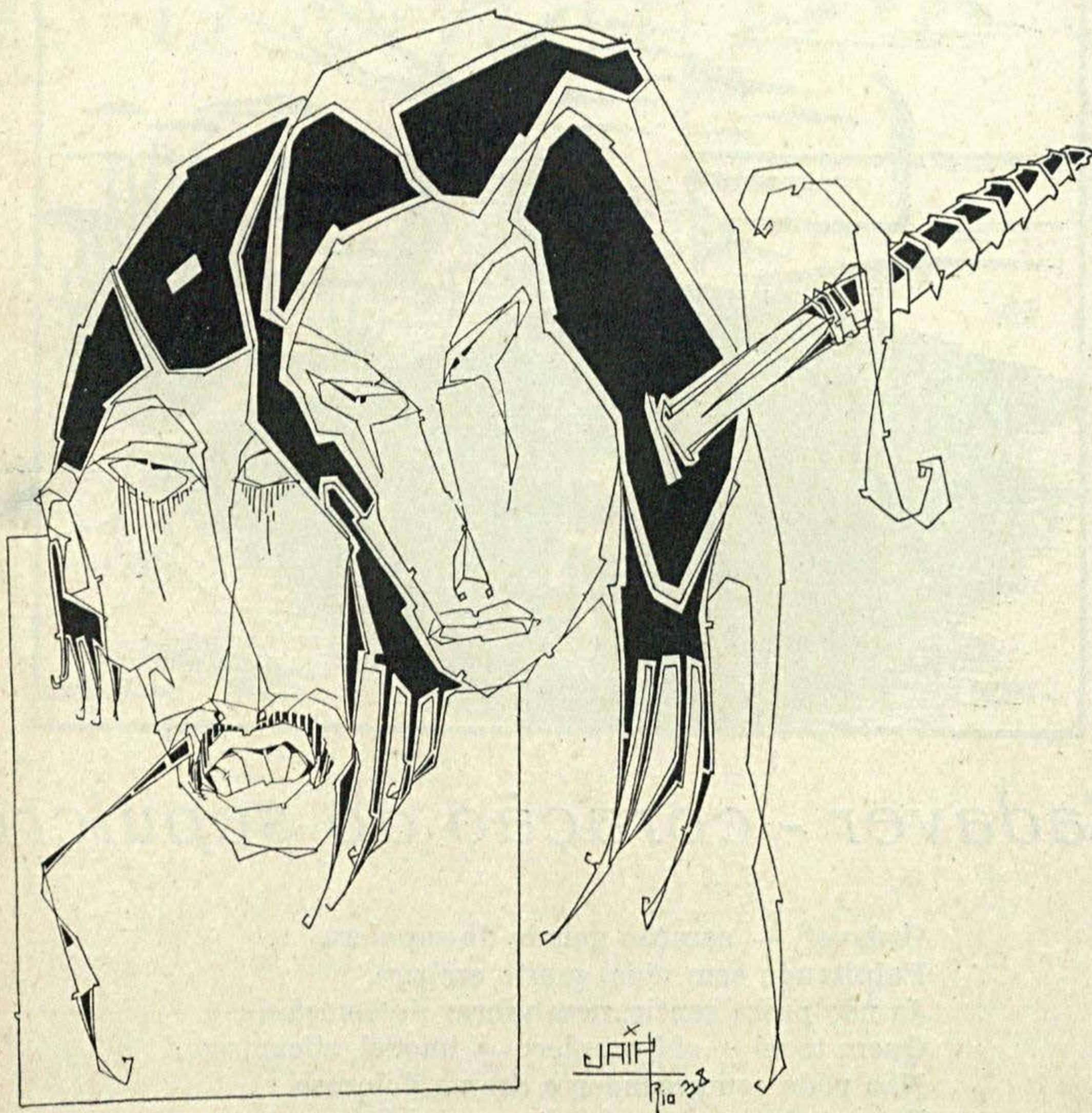
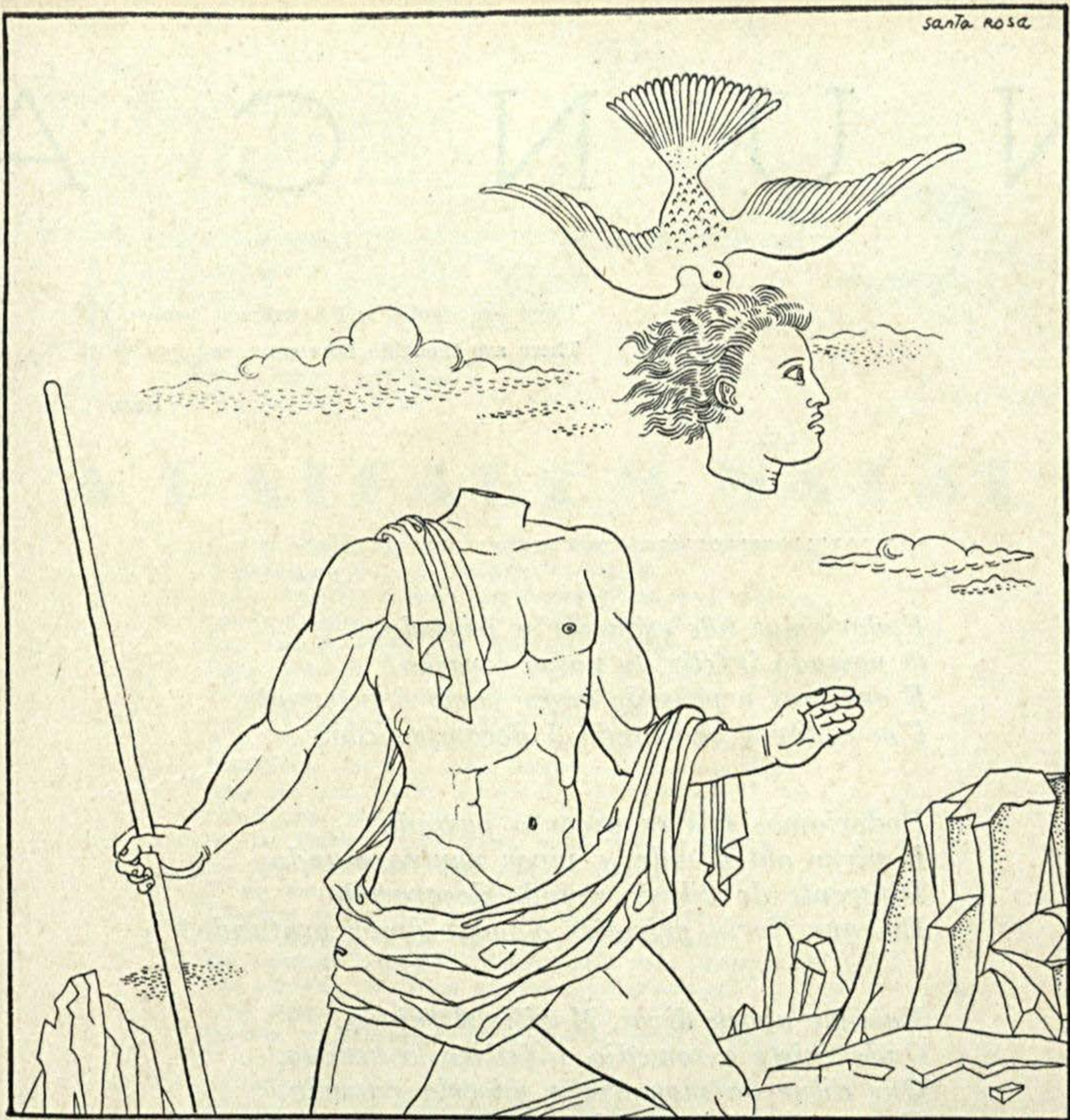
Tu foste o Precursor
E nós — os que haviamos de vir!

Menotti del Picchia

Cadaver - coração do sepulcro

Cadaver, — coração gelado do sepulcro,
Palpitando sem vida, muito embora
Já não possa sentir, nem vibrar de emoção!
Quem te vê — oh! sepulcro — imovel, silencioso,
Não póde compreender o drama doloroso
Da autofagia atroz da decomposição,
— Carne que a propria carne envenena e devora!

Assim, ás vezes — corpo — és um sepulcro,
Guardando dentro em ti, encarcerado,
O cadaver de um pobre coração
Que, ingenuamente, riu como criança,
E, — doudo! — alimentou-se de esperança,
Envenenou-se tanto de ilusão
Que morreu, por si mesmo devorado!

YONNE STAMATO

JAIR é, talvez, o ultimo cavaleiro andante das Artes no Brasil. A arte é ainda para êle uma "turris eburnea", onde se enclausura o seu sonho. Um grande artista. Auto-didata, êle, no entanto, conseguiu impôr o seu espirito, pelo exotismo atraente do seu traço, feito de nostalgia, de saudades subjetivas, como no "Nós dois e o destino...", que foi cedido para o ANUARIO.

A Cabeça é uma Lanterna

Leva a tua cabeça mesmo arrancada do tronco para a filha da mulher de Herodes
ou passeia com ela suspensa aos teus dedos como uma lanterna
que indicará aos teus pés o caminho apagado.
Vê que ela olha as tuas mãos culpadas, os instintos que tremem
pelo teu corpo todo, o despudor dos teus gestos
e as cicatrizes das deserções que há nas tuas pernas.
Quando cansares, senta-te nela como numa pedra bôa; pede que ela beba
o vinho que te mate a sêde; pede que ela coma pão para nutrir teus membros.
Além de teu guia, ela é teu alimento.
Se cansares outra vez já de-noite põe as mãos ardentes sobre ela,
que ela te levará em sonhos por uma escada comprida para o céu.
Pede que diga palavras fortes que encoragem teu peito;
ó corpo suado e bruto, a tua cabeça é o testemunho
dos constantes desfalecimentos dos teus membros, dos teus tombos, dos teus passos errados,
e entretanto são as mãos que se lavam de suas proprias culpas,
e a cabeça é que chora, é que leva as mãos para rezar, é que sonha,
é que vê a fraqueza do corpo corruptivel e se corôa de espinhos para redimi-lo.

JORGE DE LIMA

NUNCA

There are shades which will not vanish,
There are thoughts thou canst not banish;

BYRON.

....

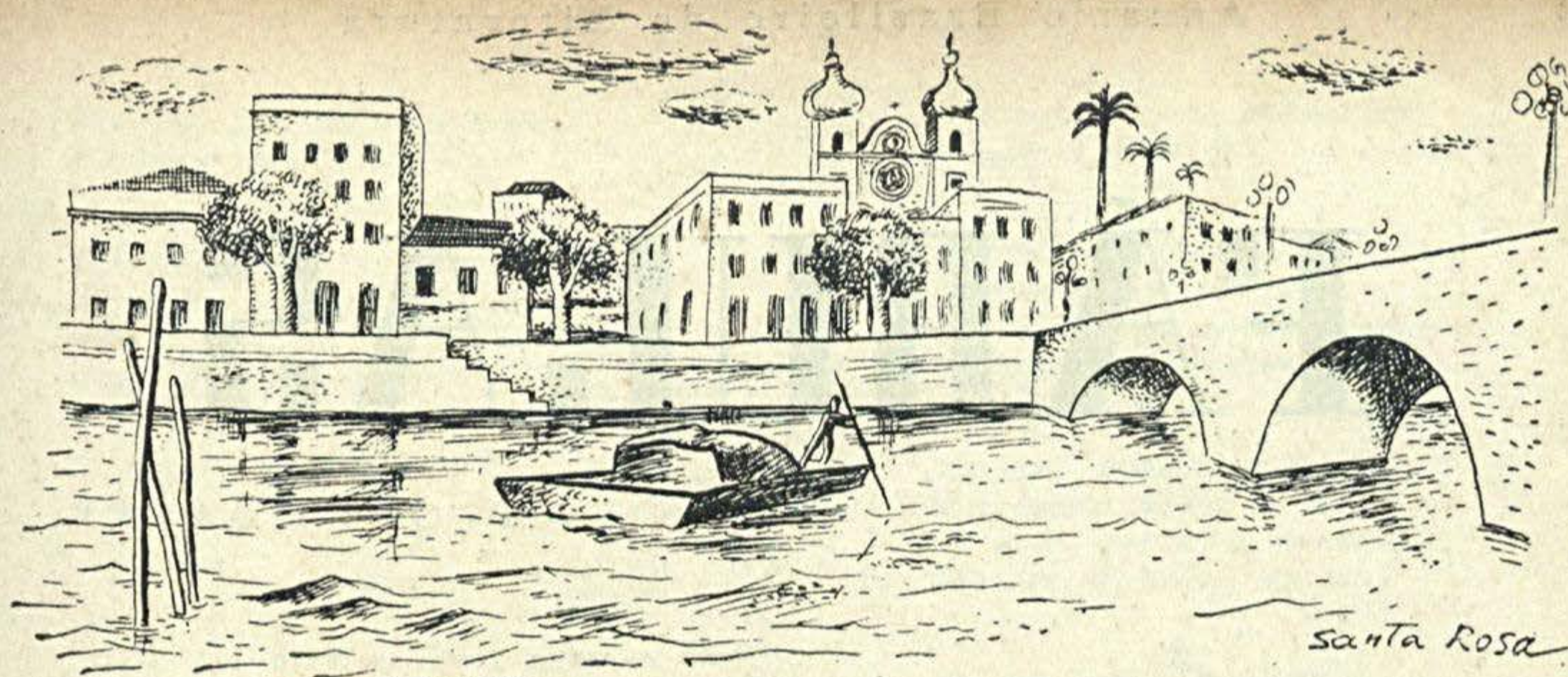
Poderiamos nós esquecer o passado,
O passado infeliz do nosso coração?
E enterrar o passado assim como é enterrado
Um cadaver cheirando á decomposição?

Poderiamos nós esquecer o passado?
E viver outra vida, e viver noutro mundo,
Diferente do vil, do mundo desgraçado
Em que floriu primeiro o nosso amor profundo?

Vais-me agora dizer, Marilia desejada,
Onde existe o remedio, o feitiço, o veneno,
Que dilue da memoria a miseria passada,
E promete a ilusão de um futuro sereno?

Mas se este filtro bom, que busco, não existe?
Ou se existe e não age em nosso coração?
— Eu terei de viver eternamente triste,
Lembrando sempre o amor que esperdiçaste em vão!

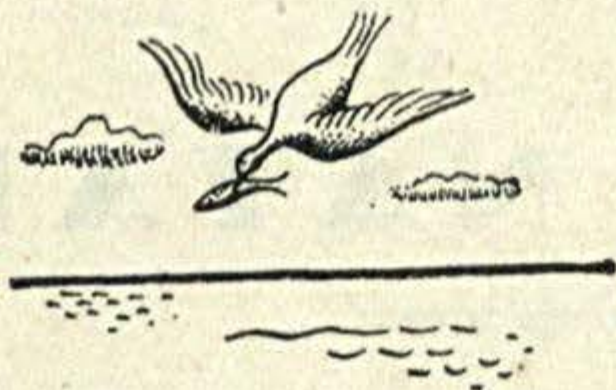
Cheguei tarde demais, Marilia, a tua vida,
Tal qual o viajeiro errante do deserto,
Exausto, encontra, ao longe, a fonte ressequida,
Que a sêde lhe mostrou tão límpida e tão perto.

ARÍ DE MESQUITA

A PAISAGEM NATAL

Que se reflita em mim tudo o que eu via em torno:
A paisagem no seu limitado contorno,
O rio humilde e bom que acompanhou meus passos,
Que me enlaçou na alvura tépida dos braços,
Que comigo viveu e a caminhar comigo
Com paciencia de irmão e doçuras de amigo,
Cresceu e se alongou pelas margens floridas,
Este rio embalou no curso duas vidas:
A minha e a sua. Envelhecemos ambos. Nada
Perturbou nossa marcha através da jornada.
Este rio inda banha o meu fim de existencia
Como uma bênção de piedade e de clemencia.
Si uma lágrima esquiva, em momentos de magua,
Me sobe aos olhos enevoados de repente,
E' da sua agua essa pequena gôta dagua,
Lágrima fresca que colhi na agua corrente.
Mercê do seu ardor em seguir para adeante
Eu tambem caminhei. Fiz de uma vida errante
Um símbolo. E afinal de vez nos separamos.
Mas, separados, quantas vezes nos juntamos!
Quanta vez penso nêle (ó magua de quem pensa!)
O ambiente familiar da minha casa imensa:
As salas grandes, o terraço, o pateo em frente...
O' casa de meu Pai, casa de toda gente!
Quase sempre o passado em seus braços me leva:
Abre-se para mim um luar dentro da treva.
Tóco com as minhas mãos quase imobilisadas
A alma crepuscular dessas ruinas sagradas.
Meus passos lentos vão rumo ao leito do rio.
Tomo a balsa. Atravesso. O vento é manso e frio.
Falo a mim mesmo: "Onde andará toda essa gente?
Por que não me vem vêr? Estarei diferente?
A minha Mãe onde andará que não responde?"
Minha Mãe! Sua sombra é o céu, a grande fronde
Que protege essa doce e pequena paisagem.
Vejo-lhe os géstos bons, pressinto a sua imagem
Tocada de esplendor e de serenidade.
Mas não me vem beijar porque é apenas saudade.
Sinto entanto que sobre a paisagem flutúa
Uma graça divina, uma bênção que é sua.
O ar é leve... Agonisa o crepusculo em calma.
O azul do céu é azul como o azul da sua alma.
Vem a noite baixando e a flôr dagua se espalha...
Minha pequena terra! E' o céu que te agasalha.
Duas estrelas aparecem no ar vasio:
— Olhos de minha Mãe olhando a agua do rio...

OLEGARIO MARIANO

FÁBULAS

ANTONIO SALES

A VIDA E A MORTE

Vejo uma ave a pairar sobre a lagôa,
Tão lentamente
Qual se vagasse á tôa,
Ao léo... Mas, de repente,
Como uma flecha rapida e certeira,
Ei-la que desce, fisga um peixe, e, alçando
O vôo, vai pousar na cajazeira,
E ali fica, com gaudio, devorando
A presa despercebida,
com o direito do mais forte.

Peixe, és a vida,
Ave, és a morte.

●

OS INUTEIS

Aquele catavento,
Quer de noite ou de dia,

Roda e range, lesto ou lento,
Só parando si vem a calmaria.

Mas, em verdade,
Agua do solo êle não tira:
Desde o abastecimento da cidade,
Fechou-se o poço e retirou-se a bomba...
Mas êle não o sabe, e gira, e gira...
Agora a gente zomba
De vê-lo se agitar sem fazer nada.

Êle está parecendo
Com esta gente futil
Que vive atarefada,
Em mil coisas mexendo,
Sem fazer nada de util!

●

A ARVORE E O MACHADO

Junto a uma arvore, um machado
Jazia atirado ao chão:
Estava desencabado,
Inutil, sem ter função.

E êle disse: "Dê-me, amiga,
Você, que tem tantos galhos,

Um cabo, pra que eu consiga
Executar meus trabalhos."

Ela respondeu: "O diabo
E' quem se deixa enganar;
Não vê que eu vou lhe dar cabo
Para você me cortar!"

●

OS HIPOCRITAS

A abelha, que faz o mel,
Possue um ferrão pungente,
Que causa imensa tortura...

Existe gente,
Toda doçura,
Que tem uma alma cruel!

●

CRITICO ALADO

Bemtevi, que foi que viste
Pra gritar dessa maneira,
Com uma voz tão chocarreira,
Quando a tarde está tão triste?

Que foi que viste entre as ramas
Do cajueiro frondente,
Que assim, aos gritos proclamas,
Mexeriqueiro impudente?

Vagueias bisbilhotando,.
Mas cantar nunca te vi...
As aves, que estão cantando
Nem se apercebem de ti!

E's um critico emplumado,
Que, não podendo cantar,
Vives ao léo, despeitado,
A maldizer e a troçar!

●

AS DUAS CAJAZEIRAS

Eram duas cajazeiras
Que havia perto da estrada,
Ambas fortes, altaneiras,
De casca muito eriçada.

Meu bestunto de menino
Nunca entendeu porque fosse
— Um capricho do destino —
Uma azeda e outra tão doce!

E tambem não compreendia
Porque a doce pouco dava,
Quando a azeda se cobria
De fruto, e o chão alastrava.

Somente a idade me trouxe
As explicações cabais:
— No mundo é raro o que é doce,
E o que é azedo é de mais.

Gente de circo

1

Mutilador de estatuas, iracundo,
Com furor ancestral de iconoclasta,
O Agripino é um flagelo que devasta
Burguêses, medalhões e meio mundo...

E' um Rivarol de espirito fecundo,
Com malicia que o faz da mesma casta;
Só para rir, de vez em quando arrasta
Os "imortais" do Rio para o fundo...

Vive colhendo perolas... de graça,
E a marcar dos "fantoches" a carcassa
Com pavorosas duchas de agua-forte...

Si pega a Academia, a coisa é séria,
Pois arraza o Gregorio por pilheria
E liquida o Ataúlfo por esporte...

2

Gordo sinistro, por alcunha poeta,
Mas que, em verdade, é um simples felizardo,
Vai facilmente carregando o fardo
Da pança que, em repastos, calaféta...

Mas com esse bôjo, que êle mesmo fréta,
Faz-se piégas e se arroga bardo,
Enquanto nos bons cargos se aboléta
Com as artimanhas de um sutil Fajardo...

Apoiado na lei de gravidade
(A massa atráe as "massas"...) com vaidade,
Esse homem que tem vida de nababo,

Vai levando a existencia de vencida,
Com a mesma displicencia distraída
Com que um lulú de luxo morde o rabo...

3

"Camelot du roi" e de "soi même",
Com ares de engraxate e de grumete,
Eis de novo entre nós o Marinetti,
Do futurismo segurando o leme...

Faz conferencia. Já ninguem mais freme
Ouvindo-o e vendo-o, qual marionette,
Encarando o auditorio com topéte,
Com cinismo de entrudo e mi-carême...

Pobre Tomaso! Já não mata a lua
E anda anonimamente pela rua,
Sem as pedras e as vaias que êle exorta.

E assim como um fantasma vagabundo,
Dá-me a impressão de uma alma do outro mundo
Falando inutilmente em coisa morta...

de ITERWALDO FRADIQUE
(Da Academia Carioca de Letras)

4

Celebrando-lhe as bôdas literarias
(As "bôdas de ouro"... Vejam que pilhéria!),
Os amigos, tornando a coisa séria,
Fizeram festas quase funerarias...

Deram-lhe um bródio. E as gordas alimarias,
Ante aquela cabeça megatéria,
Exaltaram-lhe a musa, sempre em féria,
E as pobres letras valetudinarias...

Esse homem, com o talento sempre ausente,
Ao que proclamam: literariamente,
Andou sempre a burlar a lei da usura...

Verdadeiro homeopata literario,
Chegou ao fim de longo itinerario,
Sem gastar totalmente a ferradura...

5

Autor de uma dezena de novelas,
Sem nada de banal e de burlêsco,
Fabio Luz acabou mais novelêsco
Do que os estranhos personagens delas...

Seus livros, que não são para donzelas
Afeitas ao florão madrigalêsco,
Não têm o formalismo pedantêsco
De certas retumbantes bagatelas...

Quando moço, os Trepoff, Mezenzeff,
Todos os nomes findos com dois ff,
Lhe faziam dar vivas e brigar;

Mas homem bom, profundamente humano,
Por temer, como medico, algum dano,
Chegou mesmo a deixar de clinicar...

6

Vem dos tempos da boemia gloriosa
Em que foi companheiro de Bilac.
A sua musa, sem sofrer de achaque,
E', por vezes, um pouco perigosa...

Já feriu por aí muito basbaque
Com muita verve, quer em verso e prosa.
Conversando, é uma espécie de almanaque
Dos "registos alegres" que êle glosa.

Humorista, jamais de vôos rastos,
Quando, á tarde, em sessão, no Freitas Bastos,
Com Fabio Luz e mais uns dois ou tres,

Péres córta, faz "blague", trocadilha,
E quando longe dêle alguem se pilha
Já sabe que chegou a sua vez...

Sonata do Vento

ALFREDO CUMPLIDO DE SANT'ANA
(Da Academia Carioca de Letras)

O vento,
violento,
tange o arvoredo;
enquanto,
do alto
céu de cobalto,
derrama-se no ar
o luar,
em deliquios de luz,
sobre paúes
e silvedos.

Bailam ramos floridos sobre as
[aguas
de regatos leitosos e dolentes;
mil insetos voejam sobre as
[fraguas,
recobertas de folhas viridentes.

E o vento
assobia,
chilreia,
cicia,
á lua cheia;
e a toada
da agua cantante,
como um lamento,
prossegue, magoada
e soluçante,
ao canto do vento.

— Quem monta o corcel
de firme tropel
no ermo da mata?
— Meu bravo corcel
nos ares agito,
ao canto maldito
das trompas de prata.

E o vento,
violento,
palpita,
nos ramos floridos
do alto arvoredo,
que trémulo se agita
em ais! doloridos,
de susto e de medo.

Fugiram as aves
as asas suaves
ruflando no ar.
E o vento ligeiro,
audaz cavaleiro,
não pára de andar.

Insetos brilhantes
na mata sombria
são mil diamantes
luzindo ao luar.
E o vento gemente
dolente
e olente,
assobia,
cicia,
bailando,
uivando
no ar.

— Quem monta o corcel
de firme tropel
no ermo da mata?
E o vento, correndo,
responde gemendo:
— Meu bravo corcel
nos ares agito
ao canto maldito
das trompas de prata.

E forte se abraça
nos troncos, que enlaça,
com intenso furor,
partindo as ramadas,
as folhas virentes
deixando espalhadas
com asas luzentes
de insetos de cor.

E a ronda agoireira
não cessa, não pára
a fuga ligeira
na noite amara.

E, em ais! e gemidos
os ramos despidos
de folhas e flor,
estendem os braços
no azul dos espaços
em cantos de dor.

— Quem monta o corcel
de firme tropel
no ermo da mata?
E o vento, correndo,
responde gemendo:
— Meu bravo corcel
nos ares agito
ao canto maldito
das trompas de prata.

O céu,
de-repente,
se embuça
no véu
de nuvens, ao léo.
E no seio da mata,
que uiva
e soluça,
se desata,
inclemente,
o pranto
da chuva.

E o audaz cavaleiro,
que a pouco corria
ligeiro
e altaneiro,
na noite sombria,
cessou de correr.
Assim, o arvoredo,
transido de mêdo,
nos braços da chuva
parou de gemer.

Dos "Poemas e Legendas".

Regionalismo

ANTONIO SALES

Espiritos impacientes, imbuidos de altas idéias sobre a representação da vida na literatura de ficção, andam a exigir que as nossas obras desse genero abordem os temas de psicologia universal, abandonando o feitio regionalista, que por via de regra, as carateriza. Parece-me que é cedo para formular tal exigencia.

Nossa civilização de enxerto é ainda muito tenra e muito jovem para dar frutos de que somente são capazes as velhas civilizações das velhas raças, nutridas de longas culturas e firmadas em sólidas raizes de tradições étnicas.

Por mais greco-latinas que sejam as origens de nossa cultura, bebida diretamente nas fontes classicas ou filtradas através do espirito francês, italiano ou inglês, a alma de nossa terra se nos impõe imperiosamente, ansiosa de ser sentida e traduzida nas concepções artisticas de nossa mentalidade.

E é atendendo a esse reclamo que, desde Alencar, creando embora artificialmente o indianismo romantico, nossa literatura de ficção, com Bernardo Guimarães, Macedo, F. Tavora, Taunay, Inglês de Souza, Machado de Assis em sua primeira fase, em parte Coelho Neto, Domingo Olimpio, Afonso Arinos, Afranio Peixoto, Monteiro Lobato, Veiga Miranda, Viriato Corrêa, Carvalho Ramos, J. A. Nogueira, Godofredo Rangel e outros vêm exprimindo a vida nacional com suas peculiaridades morais e pinturescas, sem cogitar de grandes representações simbolicas, que lhe dêm fóros de universidade.

Mas agora os pontifices da critica começam a torcer o nariz á novela de costumes, como um genero inferior que precisa evolver para ser humano em vez de nacional.

Antes de tudo devemos fazer sentir que o regionalismo não é uma feição somente nossa e dos povos de quejanda cultura incipiente. Concomitantemente com a literatura de natureza universal, êle existe entre os povos mais antigos e mais sábios.

Em cada uma das antigas provincias da França floresce uma literatura de *terroir*, alguns de cujos cultores se tornaram celebres Haja exemplo Mistral, que se imortalizou com "Mirèille". Este caso é o mais carateristico, porque, além da natureza local do seu poema rustico, êle o escreveu numa lingua tambem local, falada apenas por um pequeno grupo de francêses, que só dela se servem nas relações familiares.

Mas além do felibrigio provençal, há na França outras literaturas regionais, cada uma com sua Academia, suas revistas e suas bibliotecas. Nem todos os talentos se transplantam e vão tentar aventura, a Paris, e dos que vão, muitos continúam a ser literariamente provincianos, devendo até a isso as suas vitorias.

Dentro do regionalismo, cabem, aliás, as mais altas creações e o mais perfeitos simbolos da vida universal.

Que é "Madame Bovary" sinão um romance regionalista? E "Tartarin?" E "Le rouge et le noir?" E tantos livros de Balzac?

De estudos da vida provinciana estão cheias as obras de Barrès, e Anatole France localisou na provincia o seu professor Bergeret para fazer a sátira da terceira republica.

Há, está claro, o regionalismo estreito, que nasce na provincia e ali fica, porque só a ela interessa. Mas num romance local podem figurar personagens que interessam a todo o mundo, porque a humanidade, afóra certas modalidades, é a mesma em qualquer parte.

O unico inconveniente da literatura regionalista é o vocabulario, que varía em muitas coisas, devido a diferença de atividades ou simplesmente á ação da força centripeta que tende a constituir comunidades em torno de uns tantos nucleos, tanto mais naturais e necessarios num país vasto, como o nosso, quase deserto e dividido em zonas climáticas que vão de alguns graus abaixo de zero a cerca de 40° centigrados.

Quanto ao mais, póde-se dizer que o regionalismo literario é uma necessidade, no

sentido filosofico do termo, é quasi uma fatalidade organica, a que não póde fugir um povo em fase de crescimento.

Si a humanidade é fundamentalmente a a mesma em toda a parte, ela não tem em toda a parte a mesma idade e não está, portanto, aqui como algures, no mesmo grau de cristalização étnica. Um povo não é a mesma coisa que uma raça, e a nossa raça é uma liga que se está elaborando no cadinho das éras, onde se deitaram elementos dispáres agora em via de fusão.

Da vida brasileira, que ora se esbóça, os poemas, as novelas e os dramas devem ser o espelho fiel em que reconheçamos nossa alma e nossa paisagem.

E' inutil e até condenavel que seja o Brasil um menino prodigio. Si nossa gente até agora ainda não produziu um genio, deve-se convir que os genios são raros mesmo nos povos muito antigos e muito cultos. E nós estamos apenas chegando á fase de puberdade mental e moral.

A Europa detém ainda a primazia nas artes e nas ciencias, e nós temos que venerá-la como a nossa mãe e nossa soberana espiritual. Mas dentro do nosso respeito de filhos e de subditos cabe perfeitamente a nossa liberdade de ação para que nos afirmemos como um povo capaz de pensar e de sentir.

Sabemos perfeitamente que Alencar, Gonçalves Dias, Rui Barbosa, Nabuco, Euclides da Cunha, são reflexos da civilização européa, iluminando os cimos de nossa cordilheira mental. Mas esses cimos se elevaram do seio de nossa terra e são formados de substancia que significa e fulgura.

Em nossa juventude de pensamento sejanos licita a curiosidade de conhecer-nos a nós mesmos e de representar-nos em nossas creações literarias e artisticas.

Entendemos que nossa literatura deve ser, por ora um transunto da vida nacional expressa na lingua afeiçoada aos nossos costumes e necessidades, a lingua que falamos e a unica em que devemos escrever.

A casta impertinente e pseudo aristocratica dos *snobs*, que macaqueiam com delicia as idéias e frases estrangeiras, póde voltar as costas com desdem ao labor honesto e fecundo dos obreiros da literatura nacional, sob o falso pretexto de que isso não é a Grande Arte, com que fingem sonhar.

Ora, grande arte é toda aquela que traduz a vida com verdade e beleza.

A humanidade atravessa sensivelmente uma crise de genialidade. Nem nas letras nem nas artes existem atualmente em parte alguma esses sêres supremos que ficam marcando um momento de apogeu mental do planeta. E si existem, nós, de tão perto, não podemos ter a noção exata de sua grandeza, só avaliavel com o recúo no tempo como as grandezas fisicas se deixam perceber com o recúo no espaço.

Não nos entristeçamos, pois, com a nossa mediania relativa, devida em grande parte á obscuridade da lingua que herdámos, considerada por Alexandre Herculano como "o tumulo do pensamento."

Portugal, que um personagem do Eça coloca para além das fronteiras da Europa, não se integrou como a Espanha, no movimento literario do continente, e, com exceção de Camões, nenhum nome forneceu á história de sua cultura.

A lingua portuguêsa, irmã gemea da castelhana, ficou sendo na Europa um idioma clandestino, desconhecido inteiramente ou apenas considerado como um dialéto daquele. E a literatura de que ela é órgão, tão prezada dos nossos classicómanos, ficou excluida do intercambio literario, limitando-se a importar sem nada exportar, sem nenhum contingente enviar á corrente literaria em que a castelhana colaborou com a obra dos seus grandes poetas, dramaturgos e romancistas.

Eça de Queiroz pôde viver longos anos na Inglaterra e depois em Paris tão desconhecido que, por ocasião de sua morte, a imprensa francêsa se referiu a êle apenas como consul de Portugal.

Servidos, pois, por um tão deficiente instrumento de divulgação do nosso pensamento, o unico meio de nos tornarmos interessantes é nos apresentarmos com os nossos carateristicos nacionais, como aconteceu com os russos, cujo exotismo despertou a atenção dos centros literarios, estimulou os tradutores e lhes abriu as portas dos editores.

Lembremo-nos de que o livro brasileiro mais conhecido e estimado na Europa e no mundo inteiro é o "Inocencia" de Taunay,

um puro romance regionalista, sem transcedencias psicólogicas e interessante justamente por que traça com simplicidade e exatidão um quadro de costumes sertanejos.

Nos países novos o que melhor o recomenda é a sua novidade, é a *verdeur* de sua alma, que é original por isso mesmo que é simples, que é forte por isso mesmo que é jovem.

Cada um de nossos Estados se pinte nos seus aspectos e nos seus costumes que com isso não trabalhará para o nosso desmembramento espiritual, ao contrario, reunirá materiais para que o filosofo induza e condense em formulas sociais ou em simbolos estéticos a psiquê real do nosso povo.

A ação nociva do snobismo xenófilo deve ser combatida pelos bons espiritos e o melhor antídoto desse intoxicamento será a sinceridade e a coragem com que nos mostrarmos tal qual nos fizeram a origem, a educação e o meio.

Deixemos que o estrangeiro sinta em nossa obra, como um travo de fruto meio verde, a seiva de uma juvenil barbaria. E' esse um sintoma saudavel não observado nas raças antigas, que, como os indivíduos velhos, são sempre mais ou menos enfermas.

A literatura dos grandes centros europeus já esgotou todos os temas morais e sociais, e somente á custa de talento e *savoir faire* ainda interessa os frequentadores das livrarias e dos teatros, e os mais felizes são aqueles que operaram na India, como Kippling, na Africa, como Ridder Haggard, que pintam gentes e paisagens exoticas como Loti, Rosny, Benoit, Williamson, Farrère e outros *globe troteurs das letras.*

Nossos escritores regionalistas são os obreiros da historia social do Brasil, e uma boa novela de costumes nos pinta melhor do que uma memoria historica, como o mais perfeito quadro da Revolução Francêsa não se nos depara em Taine, Carlyle ou Thiers, mas em um simples romance de Anatole France — "Les dieux ont soif."

Obra util e sadia, pois, é a dos escritores que, cada um do seu rincão, nos dizem como pensam e como sentem seus conterraneos no meio em que vivem, trabalham, amam e morrem.

Mas é preciso que essa obra seja sincera, probidosamente escrita, diferente, enfim, de um falso sertanismo que aí anda e é mais um fruto de imaginação arbitraria do que a observação inteligente e fecunda, capaz de crear dentro da verosimilhança.

Para esse sertanismo de outiva, a vida sertaneja só tem de interessante os seus episodios trágicos, aliás não mais frequentes nem mais brutais do que nos bem policiados centros urbanos.

Sertanejo e cangaceiro não são termos sinonimos, nem a faca de ponta e o rifle são os unicos instrumentos manejados pelos homens do campo. Os labores agricolas e pastorís, as festas, os amores, as crenças, as ambições e os proprios odios nem sempre se resolvem em rixas sanguinolentas.

Comete-se assim, o erro comum de tomar a exceção pela regra, redundando numa injustiça clamorosa aos sentimentos dos nossos camponêses.

Modesto contribuidor para o conhecimento dos costumes e aspectos de minha terra natal, com um livro que, á falta de outro merito, tem o de ser um quadro flagrante do seu meio rural, estamos no caso de protestar contra a adulteração feita na descrição desse meio por pseudo-sertanistas preocupados com os efeitos dramaticos de suas concepções e não com a representação fiel da vida do nosso povo, menos barbaro e mais humano do que nos aparece em fabulações artificiais, e á força de repizadas, já por fim enfadonhas e monotonas.

PAISAGEM

Trecho de um romance de JOSUÉ MONTELO

A vida tomara agora um novo aspecto. Doralice terminara o curso normal e em principio de janeiro receberia o diploma de professora. Tinha dois alunos para exames de admissão no Liceu. Das duas ás cinco, êles chegavam. A mesa estava com a toalha branca e tinha um jarro com flores bem no centro. Ela meditava que, se Nhozinho fosse vivo, a vida seria diferente. Mas se sentia feliz, contente, porque já estava trabalhando. A' boca da noite, vinha para a maquina e ficava costurando. Nos primeiros dias, cansara-se bastante e furara a cabeça do dedo com a agulha, sem jeito nenhum para usar o dedal. Chupou o sangue e fez uma cara de riso para D. Nenem que a olhava com um olhar de contentamento e piedade.

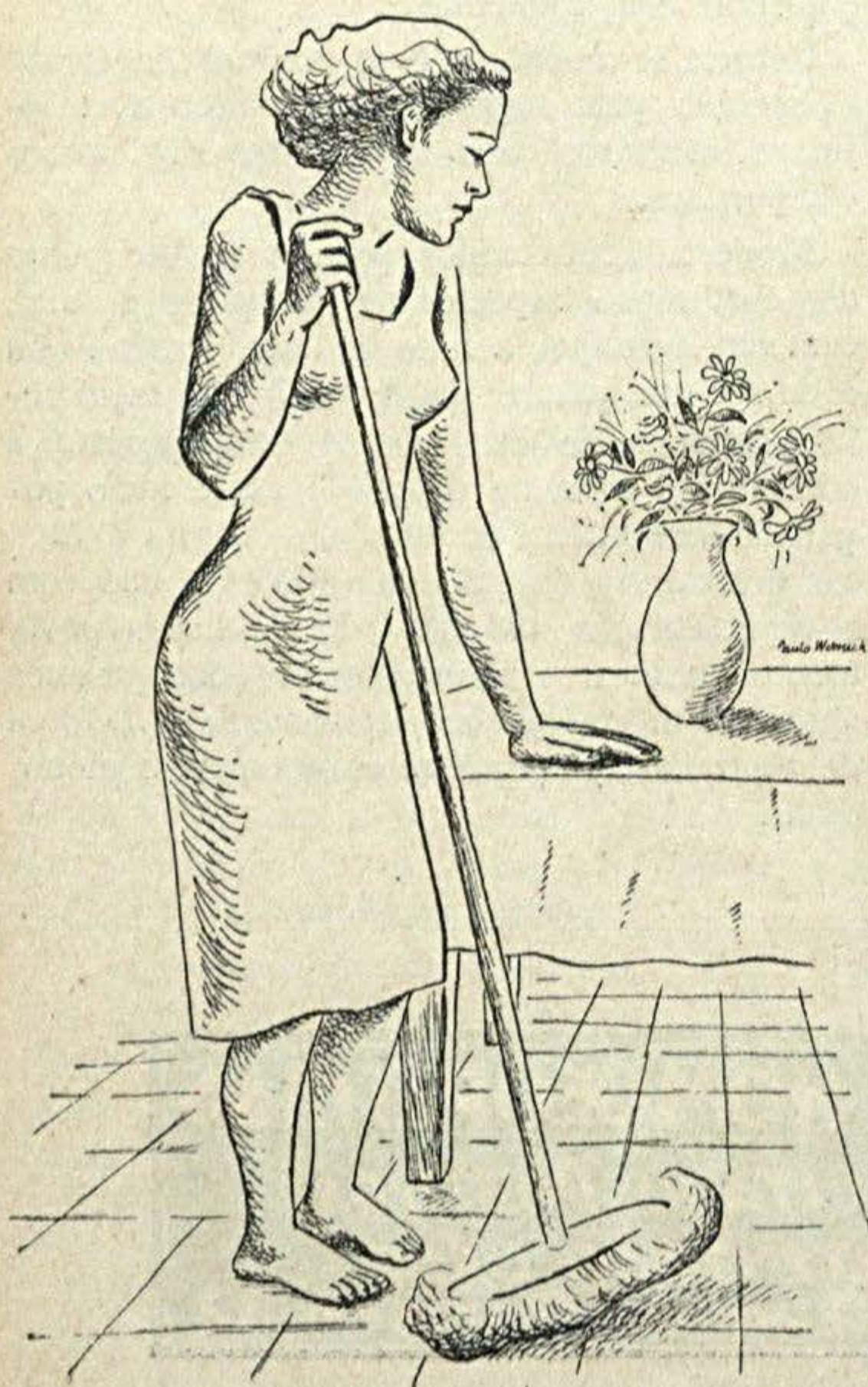
Preocupava-se com a casa, espanava os moveis, vestia a Mariazinha, varria a sala. Dissera a D. Nenem que poderiam despedir a empregada. Para que gastar se podiam fazer o serviço? Arranjava-se um moleque para ir ao mercado e ao açougue, e estava tudo arrumado. A's ocultas da mãe, levara ao ourives o seu cordão de ouro, para pagar o padeiro que vinha todas as tardes cobrar o mês de setembro. Que a patrôa désse um jeito, mas os tempos estavam biculos, ruins mesmo.

— Diga ao *seu* Angelo que nos desculpe. Tivemos muitas despesas com o enterro de papai. Pago agora setembro. Na proxima semana apareça por aqui: póde ser que se arranje para ficar tudo em dias.

O dinheiro da venda do sitio no Anil não dera para nada. Foi um dia de tristeza quando tiveram de entregar a chave e assinar a escritura da venda. Doralice passou o dia sem coragem de sorrir. A tardinha, se puzera na janela, olhando a rua com a vista longe, sem ver nada.

A cantiga do Ribeirão fazia mais triste a hora silenciosa e bôa da tarde. Começou a recordar muita coisa, sentindo saudades. Viu mentalmente o sitio. Na frente, havia um cercado e um portão. A casa era baixa e tinha beirais longos, onde as andorinhas poisavam cantando. Por trás, um coqueiro estendia as palmas compridas. Mangueiras, sapotizeiras e um pé de limão. Por entre as arvores, passava o caminho que ia dar ao poço. Daí é que tiravam a agua para o banho e para beber. Muitas vezes se mirara núa naquelas aguas, para ver se via a mãe-dagua do outro lado, no fundo da cacimba. Mirou os peitos saíndo, quando ficou moça, e sentiu um certo orgulho, uma certa vaidade, como que ouvindo o poço dizer que ela era mulher.

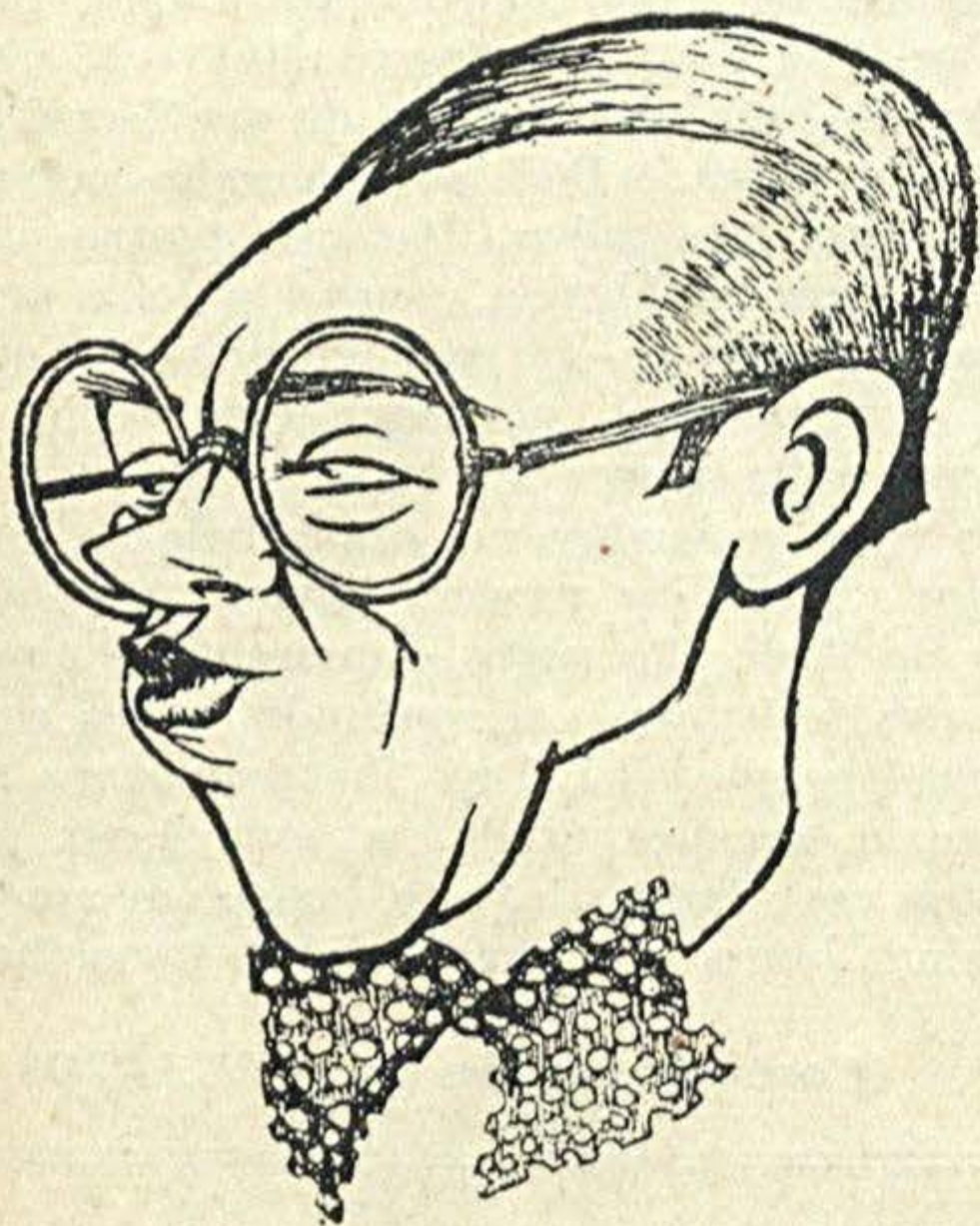
O pai mostrava a todo o mundo as aguas da cacimba. Quís uma vez mandar exami-

ná-las porque tinha desconfiança de que eram medicinais. Para além do poço, estendia-se o capinzal, muito verde, cercado de arame farpado. Era um perigo pisar no capim. Mesmo assim, Juca se metia por êle e ia armar arapuca para apanhar saracura nos atoleiros do mangue. De vez em vez, as vacas de seu Bernardo pulavam a cerca e vinham pastar no capinzal. O empregado descia e era uma luta para botá-las para fóra. Isca, Leão. E o cachorro seguia em disparada, latindo.

Ao lado do sitio, rolava um igarapé. O murmurio das aguas sempre a entristecia. E a memoria ia longe e ela se via deitada numa cadeira de lona, revistas no regaço, D. Nenem perto fazendo croché. Adoecera, e o medico recomendara muito repouso, muita tranquilidade. Uma fazenda, um sitio, onde não tivesse livros e o ar fosse puro e o clima bom. Tudo isto porque acordara uma noite escarrando sangue. Quís tossir. Tossiu. Ficara com um gôsto de sal na boca. Tossiu de novo. Viu manchas escura no lençol. Quando acendeu a luz, caíu no choro, porque notara que as manchas eram vermelhas e tinha a certeza de que ia morrer. Teria o seu sepulcro e as colegas se lembrariam dela com saudades. Fôra obrigada a passar dez dias sem falar, para não ter outra hemoptise. Depois vieram as injeções de calcio e oleo de figado de bacalháu. E por fim a paísagem do Anil, sossegada, com sua igrejinha, suas duas estradas, poeirentas, uma ponte e a fábrica apitando tres vezes por dia.

Pelo São João se faziam fogueiras deante do alpendre. São Pedro, São Paulo, São Felipe, São Tiago e todos os santos da côrte do céu, são testemunhas de que Doralice é minha noiva. Bôa noite, minha noiva. Bôa noite, meu noivo. Passara quatro mêses naquela ambiencia, tomando leite mugido e ficando ao sol para curar-se. Todo dia, o mesmo sol, o mesmo crepusculo, a mesma noite fresca e erma. Lembrava-se disto como se lembra um sonho bom ao despertar. Tudo lhe parecia longe. A paísagem do Anil, tão perto — quarenta e cinco minutos de bonde — se confundia agora com os quadros que Nhá Dica lhe pendurara na memoria, creança ainda, e onde havia gigantes com botas de sete leguas e aquela menina loura de chapéuzinho vermelho.

(*Continúa no fim do ANUARIO*)

Vicio ou virtude ?

SEBASTIÃO FERNANDES

Criticando ha tempos romancistas, e em geral romancistas francêses que trazem para as páginas vivas do realismo episodios de certo plano da vida, um critico francês, Leon Thevenin, deplora esses novelistas esmiuçadores de alcovas e bordeis, lastimando que, essa literatura em vez de ser benefica, vai influir no estrangeiro, criando a convicção de que a França seja mesmo assim tão imunda... Admiro-me de que um homem culto se apavore com esses romances e, além do mais, receie o juizo feito por estrangeiros! Um ingenuo ou moralista, vá lá, que fique com medo. Principalmente os moralistas; medrosos de tudo... Creio que espirito cultivado como o do sr. Thevenin não pertença a categorias tão ínfimas.

Qualquer pessoa compreenderá que nas grandes metropoles e, especialmente em París, não só pela colocação da cidade como centro que recebe a influencia de todas as culturas, e como tambem o excremento de sociedades debilitadas por mil e um choques, existem essas depravações assim como existe a gente honesta que trabalha e está separada dessa outra classe que os romancistas gostam mais de observar, talvez por gosto estético — mais sabor tem um quadro com estouro de champagne do que outro com panela fumegando. Os admirações de amplos cenarios de luxo são em maior numero que os de restritos ambientes de gente burguêsa. Tentar mudar o gosto dos que assim escolhem esse ou aquele cenario seria pueril...

Os termos moralistas e até patrioticos do critico francês não são unicos. Existe uma legião desses espiritos acanhados que vivem atemorizados não só com livros que, retratando certas cidades, vão diminuí-las no conceito em que são tidas, como até com preconceitos de moral.

O ponto de vista da virtude em arte é dos mais debatidos, tendo os moralistas como tecla eterna a influencia que uma idéia exerce ou póde exercer.

Quem vai escrever uma obra de arte pouco se preocupará com a influencia que o trabalho vai ter. Não há noticia de que os grandes artistas fossem munir-se de um manual de bom-tom para realizar seu sonho. E todo trabalho que é forjado com fito honesto, com agua e assucar e cheio de petalas de rosa, acaba mediocre.

François Mauriac escreveu no prefacio de um livro seu:

"Saberei algum dia, porventura, falar dos sêres transbordantes de virtude e que trazem o coração nas mãos? Aqueles a quem assim se chama, empregando uma locução corrente, não têm história, mas eu conheço a dos corações enterrados em corpos de lama, e a estes intimamente associados."

Na verdade os sêres profundamente honestos não possuem histórias. Das banalidades de livros cor-de-rosa que por aí aparecem o publico futil e feminino que as festeja diz mais do que qualquer adjetivo...

Os grandes livros de todos os tempos são destituidos de idéias moralizadoras, posto que repizam em notar que vieram moralizar...

Não será estranho afirmar que todas as

peças teatrais de sucesso são as que refletem mais imoralidades que virtudes.

Se fossemos sempre escrever só para os homens de pudicicia ainda dos tempos romanticamente dulçurosos talvez houvesse publico, mas esse seria duma parte muito pequena de religiosos dados a comodidades superfluas da hipocrisía...

Aliás, quem faz critica da sociedade, quem tem força para encarar problemas, discutir téses religiosas ou sociais, enfim, quem tem convicção do que vai compôr não procura saber se vai agradar. Não olha o publico. Escreve porque pensou um enredo e não há de ser por causa de preconceitos, que quase sempre têm a vida de uma mosca que abandone uma idéa, util á posteridade.

O medo que os criticos reacionarios apresenta é se arvorarem em bemfeitores dos supostos fracos julgando que certa obra vai influir em espiritos acanhados. Espiritos acanhados êles julgam os outros... Estão sempre berrando que tudo é imoral, pondo tanga em estátuas, virando para as paredes alguns centimetros de téla, e jogando no fogo qualquer página que se pareça com um espelho... Queimar livros...

Um livro não deve ter o aspecto de tribunal ou de pulpito. Nada de dogmatismo bolorento e ares de negra imundice.

Alegre ou triste, pessimista ou otimista, deve ser como a arquitetura, um resumo de todas as artes.

O conceito de que principalmente o livro é um veículo perigoso de vicios nunca influiu nos grandes escritores. Basta que a sociedade seja boa ou má para que o livro bem escrito seja obrigado a refletir nitidamente o periodo observado. Todo livro de feitio moral procura mostrar o respeito que devemos aos nossos antepassados, escondendo hipocrisía e em tudo pondo uma conduta de que sempre duvidamos.

Forçosamente tem que ser um livro falho, porquanto todo aquele que analisar verdadeiramente os fatos de nossos dias para compor obra de arte, é por força um critico e está portanto, ridicularizando a propria vida.

As convenções morais são como as convenções sociais, variam conforme o clima, a linha do tropico ou as balizas do tempo.

O codigo moral está sempre se alterando conforme as épocas.

Para cada estação do ano temos uma qualidade de roupa...

Imaginem um codigo cristão do tempo de São Francisco de Assis aplicado aos nossos dias!!!

Um dos grandes sucessos de *Topaze* foi Marcel Pagnol ter ridicularizado a moralidade nas escolas em que os professores se estufam para falar em honra e moralidade...

Benjamin De Casseres mostrou há pouco que nossa vida é feita de vulgaridade e obcenidade... Que no proprio teatro os atrativos são: "Amor," "Dinheiro" e "Crime".

E nem o amor, nem o crime, nem tão pouco o dinheiro se preocupam com a "moralidade."

Escrever deturpando a época, visando principios doutrinarios que abraça é compor página efemera dum pequeno circulo (vicioso...) de leitores de cujos louvores o tempo mostra o quilate...

Certa vez Machiavel prevendo a acusação que lhe ia ser levantada, defendeu-se nestes termos:

"Pinto os costumes de meu tempo e não de outros tempos, e meu tempo não é de santidade..."

O admiravel Lima Barreto em "Recordações do Escrivão Esaias Caminha" tem um dialogo que se presta a esse assunto:

—"... Se examinarmos os sátiros de todos os tempos, êles te revelarão a sociedade sempre corrupta e desbocada... Eu julgo a moral impossível!

— Por que?

— Por que é feita para diminuir em nós o que é de mais estrutural e de mais profundo: a individualidade, o prazer e os instintos."

Os episodios assucarados e cobertos de camelias para uso de donzelas nunca passaram na verdade para o index das coisas eternas.

Há na Basilica de São Pedro, desde o baixo relevo das portas monumentais, nudezas de paganismo. A estátua da verdade que figura no templo é de nudez tão lasciva que levou o papa Alexandre III, que a encomendou, a acusar o escultor de ter faltado á verdade, pois sendo a verdade quase sempre desagradavel aos homens dera-lhe formas que a todos agradavam em demasia...

Há tempos um escritor catolico batera-se na Academia de Letras contra a formidavel peça "O homem que marcha" do teatrólogo Benjamin Lima, taxando a sátira de imoral. A comissão que lutou e saiu vitoriosa contra o carrancismo do religioso, apresentou argu-

mentos interessantes. Citou as ligas anti-alcoolicas que mandam pregar cartazes pelas paredes com reprodução das mais hediondas cenas do delirio alcoolico, para provocar a reação moral contra o vicio. E acrescentava que um individuo bebado é imoral, uma mulher em posição lasciva a exibir, provocadoramente a nudez, não é moral. E entretanto, as mais severas academias de belas artes não deixam, por este fato, de premiar os quadros que reproduzem um e outro flagrante.

Não estou longe de afirmar com Paulo Barreto que "ninguem disse ainda por completo o que é imoral e toda gente, entretanto, pretende conhecer as regras da moralidade."

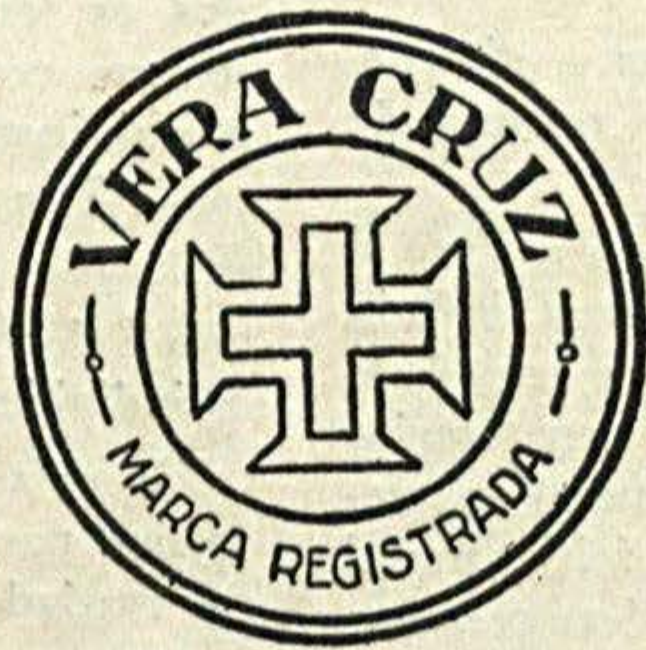
Se assim colocamos os moralizadores, os que ainda procuram argumentos para taxarem alguma obra de nefasta, citarei o fato dum romance de Goethe. "Werther", que, como disse alguem, tem provocado mais suicidios do que as letras do seu texto; é tema pernicioso, de influencia nociva ao espirito, e degrandante para a individualidade. Entretanto, como obra de arte, é das mais altas culminancias das letras, e está traduzido em todo os idiomas. Quando o livro apareceu, atribuiram-lhe responsabilidade nos suicidios da época. Mas, os suicidios ainda continuam. E continuarão sempre.

Houve aqui no Rio o suicidio de dois amantes com a página marcada dum romance de autor sul-americano de quinta classe. Pessoas como essas não precisam de romances: um episodio da vida, uma simples contrariedade ou sugestão basta para se eliminarem. Não há policia de costumes, não há força que impeça aqueles que para antros têm tendencia. A ciencia tudo explica sem mencionar os romances de bordel.

Não consta tambem que haja muito livro que incentive o jogo; a literatura a esse respeito é bem pobre; e todos nós sabemos da calamidade da onda de viciados...

Para as pessoas fracas não são precisos livros com sugestões; nem policia de costumes tem força para impedir uma tara...

Os psiquiatras falariam melhor e mais acertadamente.

A marcha da sociedade é muito mais possante e veloz do que o simples obstaculo dos seus debeis mentores...

Como comecei a escrever

MARIO SETE

...Eu amanheci muito cedo para as letras, consolidando, assim, o conceito daquele velho ditado: "Mais vale a quem Deus ajuda..."

Nem por isso, renunciei á literatura. Ou fiquei de beiço torcido para ela. Em que pése aos meus poucos leitores. Ao contrario, cada vez gostei mais dessa minha namorada de menino, de homem e, possivelmente, de velho. Chego a confessar que, despido de presumpções e pôses, si de alguma vaidade me acuso é da de ter sido, embora mal, um escritor. Outros titulos nunca me provocaram esse pecado mortal. Devo até acrescentar que a quaisquer outras atividades costumo dar a assistencia zelosa do dever, mas ás letras confiro todo o meu prazer e o meu integral interesse. Será um vicio absurdo, como quererão os espiritos praticos da atualidade, ou uma maluquice, como já a consideravam os incompreendidos da poesia, antigamente, mas, que me perdoem esse vicio uma vez que de outros não sou frequentador... Assim ou assado, esse feitio intelectual me tornou para sempre o homem que sou: — incapaz de encontrar atrativo numa transação comercial, desatento ao mais maravilhoso maquinismo, inafeito a qualquer trabalho manual. Predomina, em mim, uma sina inevitavel: a mão que escreve e a imaginação que a empurra...

Em menino, tinha talvez meus 10 para 11 anos, ganhei um teatrinho de brinquedo: — um palco, com cenarios e bonecos. Não me contentei de fazer esses calungas representarem de mentira coisas que eu via no teatro de verdade. Não. Escrevi "uma peça" para êles. Esbocei o enredo, os quadros, os dialogos. Essa peça teve o nome de "Isabel" que era uma companheirazinha de escola da minha simpatia. (Porventura despertei tambem cêdo de mais para essa especie de tendencia, a de organizar uma familia). Meus pais e avós assistiram á "première" e aplaudiram bastante. Pudera não! E certamente acharam a minha obra teatral digna de uma gloria futura. Como se engana o coração dessa gente que nos quer bem!

Já rapazinho vieram os versos. Nem podiam deixar de vir com o meu temperamento. Na banca do colegio, em vez de resolver problemas ou traduzir latim, compunha sonetos. Os versos, no entanto, para mim, foram apenas um reflexo dos tempos de namoro e de noivado. Não passou disso. A prosa seduziu-me logo, por completo, "com direito de exclusividade".

Por sinal que, aos 16 anos de idade, eu escrevera uma novela á moda da época. Toda amor, toda ternura. Com aqueles capitulos terminando num meio misterio para se aclarar adeante. Com os personagens descritos na côr dos olhos, dos cabelos e das roupas. E umas imagens bem enfeitadinhas. Somente num ponto eu discordava dos modelos: — a novela "não acabava bem". Nada de casamento no fim. A principio minha mulher salvou-a de meu furor destrutivo quando eu queria que ninguem a lêsse. Hoje quem a guarda com certo carinho e até ás vezes a relê, sou eu. Talvez porque encontre nessas páginas ingenuas, escritas, nuns cadernos que ainda eram os do colegio, um pouquinho da qualidade que não perdi de todo, um restinho de mim mesmo da adolescencia: — o da ilusão na bondade humana, o bastante para ainda ser bom.

Não obstante essa minha inclinação literaria, o meio feitio meio timido, meio desconfiado, não me fez propenso aos grupos literarios, ás igrejinhas. No meu tempo elas existiam, como existem sempre. Temia uma acolhida menos cordial, um sorriso de ironia, um movimento de repulsa. Sempre evitei as manifestações da superioridade alheia. Releva ainda notar que não tive pais ricos nem figurões politicos que me permitissem vagar o dia inteiro pelas portas das livrarias, pelas mesas dos cafés, discutindo literatura, creando escolas, criticando autores. O trabalho, desde muito moço, se me im-

pôs e dava a êle grande numero de horas. Vivia muito para mim e acostumei-me a viver tambem muito comigo mesmo. Como ainda hoje vivo. Sem nisso haver sintoma de orgulho. Seria apenas ridiculo e o menos condizente dos defeitos com a simplicidade da minha natureza. Apenas o habito da sombra, essa sombra que envolveu a minha mocidade e que me fez refratario á luz viva das atitudes de destaque, essa sombra que me leva até a gostar, nos meus romances, dessas criaturas que se movem no meio tom dos gestos, dos ambientes e dos sentimentos...

Meus versos custaram a aparecer na imprensa. Os censores dos jornais eram humanos: — severos para uns, camaradas para outros. Eu não convivia nas redações. Mandava os versinhos e esperava a saída. Custou mas um dia lá saíram.

Minha colaboração em prosa começou no "Jornal Pequeno". Tomé Gibson possuia aquela alma aberta aos novos. Estimulava-os, ajudava-os a vencer, como no caso de Adelmar Tavares e Assis Chateaubriand que lá ainda encontrei. Mantive algumas secções de comentarios e publiquei alguns trabalhos de ficção.

Meu primeiro livro foi uma serie de narrativas e fantasias em torno de motivos da grande guerra. Eu andava na casa dos 20 anos e tomara-me de entusiasmo pela causa da França. A Liga dos Aliados propôs publicar em volume esses capitulos de exaltação ingenua e eu, como era natural, consenti, cedendo os "direitos autorais" em prol da Cruz Vermelha dos Aliados. Para alguma finalidade util serviu a obrazinha mofina, mas sincera nos sentimentos que a geraram. Hoje, esses contos me fazem sorrir: — não pelo mal-escrito que foram, mas pelo que me mostram como se póde ser ainda "criança" na casa dos 20 anos... E, tambem, ou mais, como me iniciando nas letras tão voltado para os assuntos das terras alheias, depois me tornei tão exclusivamente — louvado Deus! — interessado pelas coisas da minha terra.

Meu romance "Senhora de Engenho", que foi o primeiro e, não acertei ainda o motivo disso, teve a sorte de achar leitores e simpatizantes, apareceu em 1920, numa edição feita a minha custa, no Neri da Fonseca. A segunda, um mês depois, tambem dali saíu. Monteiro Lobato tirou a 3ª; Lelo, do Porto, a 4.ª e agora o Fagundes, de S. Paulo, a 5.ª. Esse romance, deixe-me contar-lhe, não me proporcionou somente um certo renome nas letras (são os criticos a dizerem), mas, uma coisa inesperada e curiosa: — uma segunda mãe. Certa revista argentina, apreciando o "Senhora de Engenho", publicou meu retrato. Tempos depois uma senhora de Buenos Aires me escreve indagando si eu não seria um seu filho extraviado no Brasil, ainda menino. Achou-me parecido com êle. E o prenome coincidia. A carta era suplicadora e tocante. "Não queria nada de mim, apenas que eu dissesse si seria mesmo o seu filho há tanto procurado". Tive de desiludí-la. Talvez, com isso, perdendo a herança de um palacete ou de uma estancia. Mas, meu feitio de literato é incorrigivel: — entre o legado vantajoso e o sentimentalismo de ser o filho da minha mãe pobre e morta, não hesitei...

Decididamente sou um homem do passado.

Sou da minha época. Visceralmente dela. Outro dia, Alvaro de Lins, numa critica ao "Senhora de Engenho", que muito bem me fez por ser serena e elevada, posto que com um bocadinho de coração nos elogios, julgou, compreendendo-me mal neste ponto, haver eu refundido o meu romance nessa ultima tiragem, para parecer moderno. Alvaro Lins enganou-se. Eu nunca desejei, nem quero, transpôr as fronteiras da minha época. Sinto-me magnificamente á vontade nela. Que o diga o meu "Maxambombas e Maracatús". Pretendí tão somente dar ao meu romance a feição mais sóbria e simples que eu lhe daria agora si o escrevesse pela primeira vez.

Sou o homem do meu tempo. Porém, isso não me obriga a vestir um croisê e uma cartola, a não ir ao cinema, nem a não viajar no zepelin si o dinheiro e a coragem me ajudarem... Nem tambem a não gostar dos escritores modernos. Ao contrario, gósto muito dêles. Acompanho-os com interesse e simpatia. Leio-os a quase todos. Em qualquer das suas manifestações artisticas, aprecio-os. Na prosa, no poesia, na pintura, na musica. Apenas, uma reserva sincera — isto somente quanto áqueles a que eu entendo. Porque, meu caro, meu entendimento é limitado, compreende-se. Meu logar de planicie, sem uma ladeirinha siquer para espiar de cima, faz o meu horizonte de compreensão estética muito apertadinho...

Ensaio sobre o sentido ruralista da civilização brasileira

MONARQUIA, REPUBLICA E O SENTIDO DA DEMOCRACIA NA POLITICA BRASILEIRA

ANDRADE LIMA

Todas as convicções na pratica da administração do Estado, quando não estabelecidas pelo resultado de estudos em que os valores sejam perfeitamente analísados, dão origem ao desequilibrio dos interesses coletivos.

Os problemas nacionais estiveram sempre a mercê desse desequilibrio e foi assim que as gerações dos ultimos cincoenta anos assistiram quase que impassiveis as bruscas mudanças da ordem constituida.

Recapitulando acontecimentos, vamos encontrar a Nação, depois de banhar-se das impurezas oriundas do trafego de escravos, perdida no turbilhão da quéda do imperio ocasionada pelo desequilibrio financeiro.

A Lei Aurea, despojando o senhor dos seus haveres de senzala, tornou a aristocracia rural de então uma inimiga do regime. Não compreenderam ou não quiseram compreender os senhores rurais, que a indiferença mantida pelos mesmos ante o destino da corôa, importava em um maior prejuizo, pois, com a implantação de uma nova ordem de coisas, a Republica, seriam modificados não os valores materiais para uma melhoria das fortunas abaladas pela libertação dos escravos, mas, partida a unificação até então existente da administração do estado; seria totalmente transformado o rítmo da vida brasileira.

A monarquia representava a estabilidade da ordem politica e da ordem administrativa, coisas que a Republica não conseguiu realizar.

A mudança de orientação nos negocios do estado, desde que, no bom sentido da palavra, não existia um programa para a republicanização do país, tornou ainda mais doloroso o seu problema financeiro. A complexidade da administração estatal entonteceu de certo modo os organizadores da republica, a qual jamais conseguiu atingir o nivel de idealidade que caraterizou alguns dos seus propugnadores.

Não se registou, o que deveria ter acontecido: uma orientação "standard" para a formação dos Estados. Isto quer sob o ponto de vista politico-administrativo, quer sob o ponto de vista juridico. A divisão do direito na parte processual foi um lamentavel erro.

E a Republica não foi eficiente entre nós. Para o republicano de espirito liberal, o Brasil tem sido um vencedor sacrificado. Conquistando a pureza sobre o ponto de vista humano-social, sendo vencedor pela sua integração á ordem civilizadora do ocidente, sofreu bastante pelo bem praticado.

Os males decorrentes da transformação de regime monarquico para a instalação da republica, foram mais agravados quando esta ultima em sua organização obedeceu ao plano de federação. E' impossivel de bôa fé compreender o contrario.

A federação, transformando em estados autonomos antigas provincias, obedeceu mais ao criterio de serem favorecidos os ambientes politicos regionais do que ao sentido de formação nacional.

Realizada a transformação do regime ficou a Nação a mercê das injunções politicas do momento. Parece inacreditavel que homens, com a capacidade de realizar um monumento juridico como a constituição de 1891, se tenham descuidado de executar a obra a que se propuzeram construir.

O curso dos acontecimentos politicos não girou desde então em torno do fator — Nação, efetuou-se na dependencia do poder maximo: chefe de Estado. Facilmente houve o desequilibrio da realidade do governo. Este, sujeito aos valores dos colegios eleitorais, permaneceu na dependencia dos varios programas administrativos, e as necessidades de contentamento individuais.

Agora que estamos deante de uma encruzilhada terrivel, é necessario uma mais ampla unificação da patria.

A continuidade da politica de competições individuais em torno dos cargos publicos eletivos não poderá continuar, mesmo para salvação da republica. Devem ser extintos por amôr ao Brasil todos os motivos de regionalismo.

A crença em nós mesmos, oriunda de um só sentido de dignidade e aperfeiçoamento, desenvolvimento de ação sem imposições de superioridade, salvará o Estado desse caos formado pelas duvidas de uns, extremismos de outros e insinceridade de terceiros.

O seculo dezenove foi o seculo das afirmações. Do estudo e da verdade objetiva dos fatos. Da análise que conseguiu elevar o nivel de entendimento dos homens, fortalecendo-os na luta da vida e colocando ao seu alcance por obra de sua inteligencia, assim desenvolvida, um grande numero de comodidades.

Fatores de ordem moral diversos, influenciaram para que o conceito de liberdade, no seculo dezenove, obedecendo a natural evolução humana, sofresse modificações mais ou menos constantes. Essas modificações conduziram sempre um sentido de mais ampla faculdade para as afirmações do pensamento. Obra da democracia, esse disciplinamento da formação moral das gerações, se para alguns casos serviu de base para o maior valor da civilização, para outros, onde a incultura dominava o tempo e o espaço, estabeleceu uma sequencia de força e abuso nas proprias formalidades do sistema politico.

A democracia brasileira, principalmente a republicana que deveria possuir as mais nobres intenções para a formação do novo estado, sistematizou sempre as influencias regionais, fornecendo a estas, toda a ordem de possibilidades existenciais. Do ponto de vista formal, a democracia que forneceu os valores humanos para a implantação da republica, não possuia a beleza total do seu sistema. A tése republicana de hoje é um exemplo incontestavel do que asseveramos.

O sentido politico na monarquia era mais perfeito. Os partidos valiam o que de fato podiam representar pelos seus valores intelectuais, de onde originavam o prestigio e a eficiencia dos colegios eleitorais.

Não asseveramos a existencia de perfectibilidade na democracia monarquica, mas, é justiça reconhecer que muito mais dificil se tornava a imposição individualista prejudicando a forma, como se tornou fato comum no periodo republicano. Antes, os valores pessoais ficavam na dependencia de uma responsabilidade real e visivel aos olhos da nacionalidade.

Por ela controlados, a responsabilidade funcionava nas maiores ou menores inteligencias com uma intensidade real. Não haviam imposições particulares. A politica tinha o seu curso e sofria o seu desdobramento na continuidade de um mesmo interesse nacional. A grande obra das gerações anteriores á época dessa primeira democracia brasileira, possuia na constante de sua grandeza o magnifico espetaculo da unidade politica.

NUM BANCO

Dizer mal sei as coisas que pensamos
Naquela tarde múrmura e sombria;
Lavava a riba em flor a espuma fria,
Cantavam pela riba os gaturamos.

Num banco, velho tronco, descançamos
Para lêr, ao sol posto, a fantasia:
"Paulo e Virginia"... Como nos batia,
Em sonho, o coração... Os verdes ramos

Tinham farfalhos... Que viver risonho,
O missal dos amantes nos ensina
Que, mais grato é viver dentro do sonho!

Bendito aquele rubro sol tombando,
Naquela linda nesga de campina
Que nos viu lêr, o que se lê chorando!

HENRIQUE REBELO

QUINTINO, critico de MACHADO DE ASSIS

SILVIO VIEIRA PEIXOTO

Só os grandes vultos conseguem transpôr os humbrais de um tumulo para entrar na imortalidade. E os seus exemplos atravessando gerações vão inspirar, dirigir a ação dos que lhe sucedem na vida.

Quando, porém, várias foram as atividades em que se distinguiram, não raro, uma delas se deixa absorver pelas demais e pouco a pouco se vai perdendo na escuridão do esquecimento.

Leonardo da Vinci é um nome que nos sugere um símbolo na história da arte, quando ainda maior que artista foi engenheiro e inventor.

Quintino Bocaiuva talvez tenha sido, no Brasil, o exemplo mais frisante desse fenomeno. Inegavelmente teremos de colocá-lo entre os que mais se destacaram na propaganda republicana. Injustiça, entretanto, seria esquecê-lo como jornalista, teatrólogo, critico, onde forçoso é mencioná-lo como elemento de primeira plana.

Em São Paulo, para onde foi em busca da Faculdade de Direito, iniciou-se Quintino no jornalismo. Dificuldades financeiras e deficiencia de saúde obrigaram-no a regressar ao Rio, abandonando os estudos.

Data dessa época, a sua vida ativa de imprensa. O "Diario do Rio de Janeiro" e o "Correio Mercantil" foram os primeiros jornais, que, na Capital Federal, acolheram a sua colaboração.

As questões continentais eram abordadas com rara felicidade pelo jovem periodista, que então secundava a orientação de José Maria do Amaral, notavel diplomata que se celebrizou na imprensa através das colunas do "Espectador Brasileiro."

E, em pouco tempo, o nome de Quintino, como jornalista, igualava-se aos mais brilhantes.

Em 1869, quando o éco do ultimo tiro disparado no Paraguai, reboando pelo Brasil inteiro, despertou uma nova conciência que vinte anos depois faria ruir para sempre o ultimo trono no Continente Sul Americano, entregou-se Quintino desassombradamente á propagação de suas tendencias politicas, fortalecidas com o convivio dos intelectuais portenhos e com a observação da realidade latino americana por ocasião de suas viagens as capitais das Republicas do Prata.

Fundou então "A Republica", órgão que nascera da crepitante chama de um ideal e que, como fogo, causticava acerbamente os desmandos do regime que agonizava. Em 1873 desaparecia, como surgiu, nas crepitantes chamas de uma fogueira — empastelado pela Policia.

O truculento argumento, longe de atemorizar o intrepido publicista, incentivou-o a proseguir com mais veemencia na propagação de seus ideais.

Apareceu então "O Globo" com o nome de Quintino como bandeira de combate.

Em 1884 fundava-se, na capital do Imperio, o "O País". Rui Barbosa foi o primeiro redator-chefe do novo diario, por poucas semanas porém. Substituiu-o Quintino Bocaiuva. Foi na direção do "O País" que o seu nome alcançou a culminancia do jornalismo.

Agraciou-o a posteridade com o titulo de "Principe do Jornalismo" — ironia do destino — um titulo nobiliarquico para o maior dos pugnadores da liberal democracia.

*
* *

Entre as figuras que mais se destacaram na propaganda republicana, encontraremos a de Quintino Bocaiuva.

Sagrado, por varios congressos de seu partido, chefe supremo do Partido Republicano, tornou-se — não obstante a cisão com outro chefe republicano de não menor valor: Silva Jardim — o centro de todas as atividades da propaganda.

E encarnando o sentimento da facção republicam civil, vamos encontrá-lo na historica manhã de 15 de novembro, a cavalo entre

Deodoro e Benjamin, a assumir 50 % da responsabilidade dos acontecimentos.

*

* *

Politico, morreu pobre.

Mesmo depois de ter sido ministro de duas Pastas (Exterior e interinamente Agricultura) no Governo Provisorio da primeira Republica; Governador do Estado do Rio de Janeiro; e senador quatro vezes, morreu pobre...

*

* *

Foi grande como intelectual. Aí estão as suas obras de fino lavor literario: — Estudos Criticos Literarios — Sofismas Constitucionais — A Opinião e a Corôa — A Comedia Constitucional — Os nossos homens — As Constituições e os povos do Rio da Prata.

Inumeras são as suas produções para teatro. Traduções umas, originais outras, destacando-se entre elas: O Trovador — Onfalia — Norma — Dominó Azul — Diamantes da Corôa — Quem porfia sempre alcança — O Sargento Frederico — Minhas duas mulheres — Vale de Andorra — Boas Noites Senhor D. Simão — Tramoia — O Grumete — A Dama do Véu — Um pobre louco — Pedro Favila — Claudio Manoel — Uma partida de honra — Mineiros da desgraça — A familia — e a opera comica — O Bandoleiro.

*

* *

Ha um Quintino, porém, no qual pouco se fala: Quintino cidadão — uma bondade quase infantil num arcabouço austero. Sempre revestido de uma sobrecasaca escura, com as luvas seguras na mão direita a bater lentamente com elas na esquerda. Falando baixo. Gesticulando com sobriedade.

Sobre a crosta aparente de uma rispidez solene, escondia-se a mais pura das almas, o mais sincero dos homens.

Devemos a Noronha Santos, o incansavel rebuscador de arquivos, a transcrição das cartas que reproduzimos. Uma, de Machado de Assis a Quintino e a outra a resposta dêsse a aquele. Ambas de 1863.

Na primeira, o maior de nossos romancistas, reconhecendo a capacidade literaria do Patriarca da Republica, aconselha-se com êle sobre a publicação das comedias: "O Caminho da Porta" e o "Protocolo", com que o brilhante autor de "Dom Casmurro" estreiou como escritor teatral. Ei-la:

"Meu amigo: — Vou publicar as minhas duas comedias de estréia, e não quero fazê-lo sem conselho da tua competencia.

Já uma critica benevola e carinhosa, em que tomaste parte, consagrou a estas duas composições palavras de louvor e animação.

Sou imensamente reconhecido, por tal, aos meus colegas de imprensa.

Mas o que recebeu na cena o batismo do aplauso póde sem inconveniente, ser trasladado para o papel? A diferença entre os dois meios de publicação não modifica o juizo, não altera o valor da obra?

E' para a solução destas duvidas que recorro á tua autoridade literaria.

O juizo da imprensa viu nestas duas comedias — simples tentativas de autor timido e receioso. Se a minha afirmação não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o teatro por coisa séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessarias ao autor dramatico desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer.

Caminhar destes simples grupos de cenas — á comedia de maior alcance, onde o estudo dos caractéres seja conciencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento pratico das condições do genero — eis uma ambição propria de animo juvenil e que eu tenho a imodestia de confessar.

E tão certo estou da magnitude da conquista, que me não dissimulo o longo estadio que há percorrer para alcançá-la. E mais. Tão dificil me parece este genero literario que sob as dificuldades aparentes, se me afigura que outras haverão menos superaveis e tão sutis, que ainda as não posso ver.

Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiadamente na minha perseverança? Eis o que espero saber de ti.

E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excelentes: razão de estima literaria e razão de estima pessoal. Em respeito á tua modestia, calo o que te devo de admiração e reconhecimento.

O que nos honra a mim e a ti, é que a tua imparcialidade e a minha submissão ficam salvas da minima suspeita. Serás justo

e eu docil; terás ainda por isso o meu reconhecimento; e eu escapo a esta terrivel sentença de um escritor: "Les amitiés que ne resistent pas á la franchise, valent-elles un regret?" Teu amigo e colega, *Machado de Assis.*"

*

* *

Quintino ao responder usou da sinceridade e fraqueza que sempre lhe caraterizaram as manifestações publicas. Não procurou, traindo o seu modo de pensar, esconder as falhas que notara. Fê-lo entretanto, com a lealdade e o criterio que até mesmo seus desafetos proclamavam.

"Machado de Assis: — Respondo á tua carta. Pouco preciso dizer-te. Fazes bem em dar ao prelo, os teus primeiros ensaios dramaticos. Fazes bem, porque essa publicação envolve uma promessa e acarreta sobre ti uma responsabilidade para com o publico. E o publico tem o direito de ser exigente contigo. E's moço, e foste dotado pela Providencia com um belo talento. Ora, o talento é uma arma divina que Deus concede aos homens para que estes a empreguem no melhor serviço dos seus semelhantes. A idéia é uma força. Inoculá-la no seio das massas é inocular-lhe o sangue puro da regeneração moral. O homem que se civiliza, cristianiza-se. Quem se ilustra, edifica-se. Porque a luz que nos esclarece a razão é a que nos alumia a conciencia. Quem aspira a ser grande, não póde deixar de ser bom. A virtude é a primeira grandeza deste mundo. O grande homem é o homem de bem. Repito, pois, nessa obra de cultivo literario há uma obra de edificação moral.

Das muitas e variadas formas literarias que existem e se prestam ao conseguimento desse fim escolheste a forma dramatica. Acertaste. O drama é a forma mais popular, a que mais se nivela com a alma do povo, a que mais recursos possue para atuar sobre o seu espirito, a que mais facilmente o comove e exalta; em resumo, a que tem meios mais poderosos para influir sobre o seu coração.

Quando assim me exprimo, é claro que me refiro as tuas comedias, aceitando-as como elas devem ser aceitas por mim e por todos, isto é, como um ensaio, como uma experiencia, e, se póde admitir a frase, como uma ginastica de estílo.

A minha franqueza e a lealdade que devo á estima que me confessas, obrigam-me a dizer-te em publico o que já te disse em particular. As tuas duas comedias, modeladas ao gosto dos proverbios, francêses, não revelam nada mais do que a maravilhosa aptidão do teu espirito, a profunda riqueza do teu estílo. Não inspiram nada mais do que simpatia e consideração por um talento que se amaneira a todas as formas da concepção.

Como lhes falta idéia, falta-lhes a base. São belas, porque são bem escritas. São valiosas, como artefatos literarios, mas até onde a minha vaidosa presunção critica póde ser tolerada, devo declarar-te que elas são frias e insensiveis, como todo o sujeito sem alma.

Debaixo deste ponto de vista, e respondendo a uma interrogação direta que me diriges, devo dizer-te que havia mais perigo em apresentá-las ao publico sobre a rampa da cena do que ha em oferece-las á leitura calma e refletida. O que no teatro podia servir de obstaculo á apreciação da tua obra, favorece-a no gabinete. As tuas comedias são para serem lidas e não representadas. Como elas são um brinco de espirito podem distraír o espirito. Como não têm coração não podem pretender sensibilizar a ninguem. Tu mesmo assim as consideras e reconhecer isso é dar prova de bom criterio consigo mesmo, qualidade rara de encontrar-se entre os autores.

O que desejo, o que te peço, é que apresentes nesse mesmo genero algum trabalho mais sério, mais novo, mais original e mais completo. Já fizeste esboços, atira-te á grande pintura.

Posso garantir-te que conquistarás aplausos mais convencidos, mais duradouros.

Em todo o caso, repito-te que fazes bem. Sujeita-te a critica de todos, para que possas corrigir-te a ti mesmo. Como te mostras despretencioso, colherás o fruto são da tua modestia não fingida. Pela minha parte estou sempre disposto a acompanhar-te, retribuindo-te em simpatia toda a consideração que me impõe a tua jovem e vigorosa inteligencia. Teu — *Q. Bocaiuva.*"

*

* *

A resposta de Quintino vale pela definição de seu caráter. Por sua vez, Machado de Assis não guardou a menor magua das restrições de Quintino.

Apele o leitor para a sua conciência e responda: seriam comuns hoje as duas atitudes?...

S U B U R B I O

EDISON LINS

Há poucos dias, respondendo a um postal que me foi enviado da Holanda por esse delicioso Ribeiro Couto, o fino poeta e sempre admirado do *Jardim das Confidencias,* no qual êle perguntava si o meu livro continha ataques muito fortes á velharia quarentona, que em literatura, é como bacalhau imprestavel e encalhado nos fundos de mercadorias sem freguezia (exemplo: o senhor Filinto de Almeida, que após o doloroso parto do seu primeiro livro, tornou-se esteril, improdutivo. A morte da companheira veiu matar-lhe a força creadora, porque na verdade, Julia Lopes de Almeida era o cerebro de Filinto, como Elisabeth Browing o era de Robert Browing...) procurava desfazer-lhe estas duvidas. Não, eu não banco o severo com a velharia de 40 anos, pois muitos desta suposta velharia são mais novos do que a minha novissima geração. Esta minha novissima geração tem dado numeroso *mangeurs de chair crue* sem importancia nenhuma. Na poesia engendrou poetastros da proletaria e no romance coisas escabrosas. São pornógrafos e falsificadores de Lawrence. Parece que não realizam bem suas intenções renovadoras e sendo moços, na maioria, têm menos mocidade que o velhissimo Bernard Shaw ou o nosso defunto Medeiros e Albuquerque, que no dizer de Agripino Grieco, tinha a impressão de ir completar vinte anos pela terceira vez em 1927, apesar dos cabelos brancos e do bigode grisalho. Esses livros estão sujos duma pornografia que faria corar ao galante Boccacio, a Bandelo e ao proprio Bocage e não trouxeram nem deixarão nenhum típo de vida autonoma e real á maneira de Hugo, Balzac ou do Eça. Inimigo ferozes do estílo e da gramatica, vivem a esmurrá-los, acanalhando o Coelho Neto e o Barão de Ramiz Galvão, sendo capazes de partir a cara do Candido de Figueiredo ou a do nosso Laudelino, si êles aparecessem hoje na avenida Rio Branco...

O caso do romancista Nelio Reis, entretanto, somos forçados a reconhecer, representa uma coisa bem excepcional no marasmo da atual literatura. Na verdade, escrever um romance de observação, com o movimento e o colorido comuns dessas fecundas regiões do norte, não é tarefa para vinte e um anos apenas. E para escrever um romance, já disse alguem, é necessario ter vivido uma vida, e o nosso romancista ainda está no limiar dessa mocidade efervescente, tumultuária e promissora, mas sonhadora — idade em que a maioria deseja ardentemente os louros da consagração poetica, a bela idade adolescente em que feneceram alguns dos nossos melhores poetas. Mas a idade apoucada do escritor não desmerece de forma alguma o seu livro, que é o produto de um talento invulgar, de muita análise (pois o autor conviveu muito tempo com alguns dos personagens) e sobretudo de um espirito de sátira que é talvez um presente da sua mocidade, humorista, ás vezes, como um bom psicólogo que não quer nos comover com coisas dramaticas á maneira de Julio Dantas.

Um dos carateristicos mais louvaveis no senhor Nelio Reis é a pintura que êle faz dos típos chatos, das beatas muito comuns por aquelas regiões. O capitão Melo, Zefa, mulher de instintos á solta, Anselmo, o esmurrador que a patuléa aplaude com entusiasmo, e um Machadinho que mistura imbecilidade com mania de grandeza, são decerto típos de grande expressão e que evidenciam as esplendidas qualidades de observação do romancista. E' interessante vêr-se entretanto como o autor se diverte em movimentar as suas figuras, entre sarcasta e humorista, minucioso até nas asneiras que faz sair da boca dêles.

Igualmente esplendida me parece a cena do baile do "Recreio", em que estão bem vivas certas conhecidas cenas de suburbio onde proliferam as gafieiras anegralhadas. O capitulo sobre o negrinho Bimbo dos roletes, romantico, amando uma mulata dengosa e cheia de caprichos, uma tal Raimunda, e um certo Tucuman, típo amesquinhado de dizque-dizque e que era o leva-e-traz do bairro, estão muito bem plasmados como retratos da vida social daquêles baixos logares.

O romance do senhor Nelio Reis representa bem uma vitoria do seu esforço e do seu talento. Faculdades de observação e sobretudo uma grande facilidade em descrever evidenciam-no entre os melhores da geração. Esperaremos com fé os seus proximos livros, e procuraremos acompanhar a sua inquieta trajetoria: mas o romancista está perfeitamente lançado e consagrado com a publicação de "Suburbio".

A educação em 1937

FRANCISCO VENANCIO FILHO

O grande acontecimento, no plano educacional, durante o ano de 1937, foi sem duvida a elaboração do Plano Nacional de Educação pelo Conselho Nacional de Educação, nos termos da Constituição de 1934.

Depois de longa propaganda e largo debate foi vencedora a idéia de que á União caberia estabelecer as diretrizes da educação nacional, a que se ajustariam os sistemas estaduais, com liberdade de movimentos para as variações regionais.

Esta propaganda vinha de longe.

Iniciara-se com o manifesto dos pioneiros da educação nova, dirigido ao Governo e ao Povo, de iniciativa de um dos seus maiores liders, Fernando de Azevedo.

Pouco depois a Associação Brasileira de Educação designava uma comissão de 10 educadores, dentre os mais autorizados do país, para elaborar sugestões ao ante-projeto da Constituição.

Convocada a 5.ª Conferencia Nacional de Educação, em Niterói, sob os auspicios do Governo do Estado do Rio, sob a interventoria do Comandante Arí Parreiras, foi atribuido á Comissão dos 32 — os 10 educadores indcados pela A.B.E. e os 22 representantes dos Estados, do Distrito Federal e do territorio do Acre — a organização do capitulo da Educação e Cultura.

Foram as idéias consubstanciadas neste ante-projeto que, insertas na Constituição de 1934, crearam o Conselho Nacional de Educação e a este conferiram a responsabilidade de elaboração do Plano.

Instalado o Conselho, cabia-lhe dar o Plano no praso de 60 dias.

Deliberou o Conselho considerar o Plano um Codigo, que entrasse em minucias e assim se fez.

Dentre as questões que suscitaram criticas releva a da orientação impressa ao ensino secundario.

A' feição nitidamente moderna que lhe dera a lei Francisco Campos contrapoz-se outra, extremadamente classica, onde se revivia o ensino do latim, hoje, felizmente, moribundo, para a maioria dos que estudam.

A paixão do debate levou a extremos lamentaveis. Que seja necessario o estudo do latim para professores de linguas e especialistas, indispensaveis em qualquer país culto, é inegavel, mas que seja siquer util para toda a gente é bastante discutivel, na civilização de hoje.

*
* *

Neste debate ainda uma vez a A.B.E. tomou a posição que lhe cabia e organizou uma serie de conferencias sobre Ensino Secundario.

Inaugurou-a a palavra incomparavel de Afranio Peixoto, sobre "Objetivo e limite do ensino secundario".

Seguiram-se as do Prof. Carneiro Leão sobre o "Ensino Secundario na Inglaterra e na Alemanha", do Prof. Faria Gois, "Nos Estados Unidos", do Prof. Georges Millardet, da Sorbonne e da Universidade do Distrito Federal sobre "O ensino secundario na França" e a do Prof. Paulo de Assis Ribeiro sobre a "Evolução do ensino secundario no Brasil".

Ao lado destas outras sobre materias foram realizadas pelo Prof. Delgado de Carvalho sobre "As ciencias sociais e as atividades extracurriculares na escola secundaria", Prof. Euclides Roxo sobre "A matematica na educação secundaria", Porf. Venancio Filho sobre "O conceito de ciencias fisicas e naturais na escola secundaria" e Miss Frances Stickney sobre o "Ensino de ciencias na escola secundaria norte-americana".

Terminando o debate o Prof. Gustavo Lessa, organizador da serie, escreveu um artigo fundamentado e que foi lido ao Conselho Diretor da A.B.E. sobre a educação secundaria, publicado no *O Jornal do Comercio*.

*
* *

Como já acontecera no ano anterior, a missão de professores francêses que Afranio Peixoto e Anisio Teixeira trouxeram

em 1936 para a Universidade do Distrito Federal, realizou em 1937 uma serie de conferencias culturais para o grande publico, coroadas do maior sucesso.

Primeira conferencia: "Le français parlé dans les différentes classes sociales au XVIII siècle d'après le Thétre de Moliére" (encerramento do curso de Francês moderno) — Mr. Georges Millardet, professor de Filologia Néo-latina. Sabado, 2 de outubro, ás 21 horas.

Segunda conferencia: "Méthodes et aspects de l'histoire littéraire en France" — Mr. Albert Cherel, professor de Literatura Francêsa. Terça-feira, 5 de outubro, ás 21 horas.

Terceira conferencia: "Géographie Humaine — determinisme ou liberté?" — Mr. Philippe Arbos, professor de Geografia Humana. Quarta-feira, 13 de outubro, ás 21 horas.

Quarta conferencia: "Quand l'histoire de l'antiquité s'est-elle terminé?" — Mr. Eugène Albertini, professor de Historia da Civilização Romana. Terça-feira, 19 de outubro, ás 21 horas.

Quinta conferencia: "L'avenir du Capitalisme" — Mr. Gaston Leduc, professor de Economia Politica e Historia das Doutrinas Economicas. Terça-feira, 26 de outubro, ás 21 horas.

*
* *

Comemorando o centenario do "Discurso sobre o metodo" de Descartes, o Sr. Ivan Luis, com a sua opulenta cultura, a sua coragem mental e moral, realizou na séde da Academia Brasileira, uma serie de 8 admiraveis conferencias sobre o grande filosofo.

*
* *

Prosseguindo na iniciativa o Sr. Ministro Gustavo Capanema continuou a serie de conferencias sobre "Oos nossos grandes mortos", inventariando o nosso patrimonio cultural e moral. Realizaram-se no correr de 1937 as seguintes evocações:

"Intendente Camara", por Marcos Mendonça; "D. Vital", por Jorge de Lima; "Porto Alegre", por Helio Lobo; "Cotegipe", por Wanderley do Pinho; "Castro Alves", por Agripino Grieco; "José do Patrocinio", por O. Orico; "Padre José Mauricio", por Luiz Edmundo; "João Caetano", por Lafayette Silva; "Manuel Antonio de Almeida", por Marques Rebelo; "Rio Branco", por Gilberto Amado; "Pedro II", por Pedro Calmon; "Jackson de Figueiredo", por Tasso da Silveira; "Marquez de Barbacena", por Rodrigo Otavio Filho; "Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira", por Rodolfo Garcia; "Teófilo Otoni", por Basilio de Magalhães; "Euclides da Cunha", por Francisco Venancio Filho; "Farias Brito", por Jonatas Serrano; "Capistrano de Abreu", por Raja Gabaglia e "Alfonsus Guimarães", por. H. Lisbôa.

*
* *

Outra iniciativa do Ministerio da Educação que começou a dar os primeiros frutos é o Instituto Nacional de Cinema Educativo, cujas primeiras produções já lhe asseguram o exito merecido.

Completando os planos e iniciativas do Ministerio da Educação foi sancionada com solenidade a lei que transformou a antiga Universidade do Rio de Janeiro em Universidade do Brasil.

Iniciada pelo Ministro Alfredo Pinto, que reune as 3 escolas profissionais existentes em uma Universidade nominal, completada pelo Ministro Francisco Campos, com os institutos que a devem integrar na sua função cultural, agora ampliou-se desmedidamente em ambição e sonho.

Na expressão de Afranio Peixoto, dez anos depois o Governo encheu a fôrma vasia. Agora por enquanto houve apenas a mudança do nome.

Que seja a Universidade federal provida ao menos daquilo que é reclamo dos tempos da Independencia, ha um seculo, centros de da independencia, há um seculo, centros de cultura, de ciencias e letras e o que impõe o nosso tempo — a formação do professorado.

*
* *

Outro acontecimento memoravel do ano foi o 1.° centenario do Colegio Pedro II, que se revestiu de brilho excepcional graças principalmente a operosidade do seu atual Diretor, Prof. Raja Gabaglia, que junta ás responsabilidades de uma tradição no magisterio brasileiro, uma cultura invejavel. Além da sessão magna no Teatro Municipal, com a presença das altas autoridades, onde tambem foi lembrada por alguns oradores a data que se comemorava, houve excursões civicas aos tumulos das grandes figuras da

fundação do Colegio: Pedro II, Bernardo de Vasconcelos e Araujo Lima, e outros festejos.

Coincidencia feliz foi a da grande data com a da jubilação do eminente mestre Prof. Escragnolle Doria, que encerrou a sua carreira de professor escrevendo uma magistral memoria histórica sobre o seu Colegio e recebendo de discipulos, colegas e amigos uma homenagem de relevo excepcional.

*
* *

Entre os grandes livros do ano destacam-se, sem favor, os dois de Fernando de Azevedo, um — "A Educação e seus problemas", talvez a mais amadurecida dentre as obras do autor e o notavel inquerito sobre "A educação publica em S. Paulo", realizado em 1926, a 2.ª edição dos "Testes ABC" de Lourenço Filho, que coincidiu com a tradução castelhana de José Forgione e a 2.ª edição do encantador "Ensinar a ensinar" de Afranio Peixoto, acrescida de algumas orações de paraninfo e notas pedagógicas, leves e profundas.

No terreno da publicidade pedagógica releva lembrar o esforço honesto e dedicado do Sr. Renato Americano mantendo em dia a sua revista — *Infancia e Juventude* e a *Revista da Criança* sob a orientação dos Drs. Marcelo Garcia e José Martinho da Rocha.

Nas obras publicadas, muitas outras além das referidas, o ano de 1937 não fica devendo nada aos anteriores.

*
* *

Outro acontecimento digno de nota foi o aparecimento do 100.° volume da magnifica enciclopedia de assuntos brasileiros, que é a secção "Brasiliana" da Biblioteca Pedagogica Brasileira, iniciativa e realização de duas grandes vontades: Fernando de Azevedo e Octalles Marcondes Ferreira. O volume é de autoría do Dr. Roberto Simonsen sobre a *História Economica do Brasil*.

*
* *

A Constituição de 10 de novembro traça rumos que poderão ser renovadores á educação nacional.

Possam os homens que a fizeram dar vida e impeto ás realizações necessarias.

*
* *

ALGUNS LIVROS DE 1937

Juraci Silveira — "O sistema Platoon e a experiencia da Escola Mexico" — Separata da "Revista Infancia e Juventude", março de 19337.

A. da Silva Melo — "Problemas de ensino medico e educação" — Ariel Editora.

Lucio dos Santos — "Filosofia Pedagógica da Religião" — Comp. Melhoramentos de S. Paulo.

Renato Kehl — "Educação moral" — Livraria Francisco Alves, Rio.

Padre Arlindo Vieira — "Subsidios para a Reforma uo Ensino Secundario" — Editora ABC, Rio.

Dante Costa — "A frequencia infantil nos cinemas" — Rio, 1937.

"Arquivos do Instituto de Educação" — Instituto de Educação (Universidade do Distrito Federal) — Riode Janeiro, Brasil.

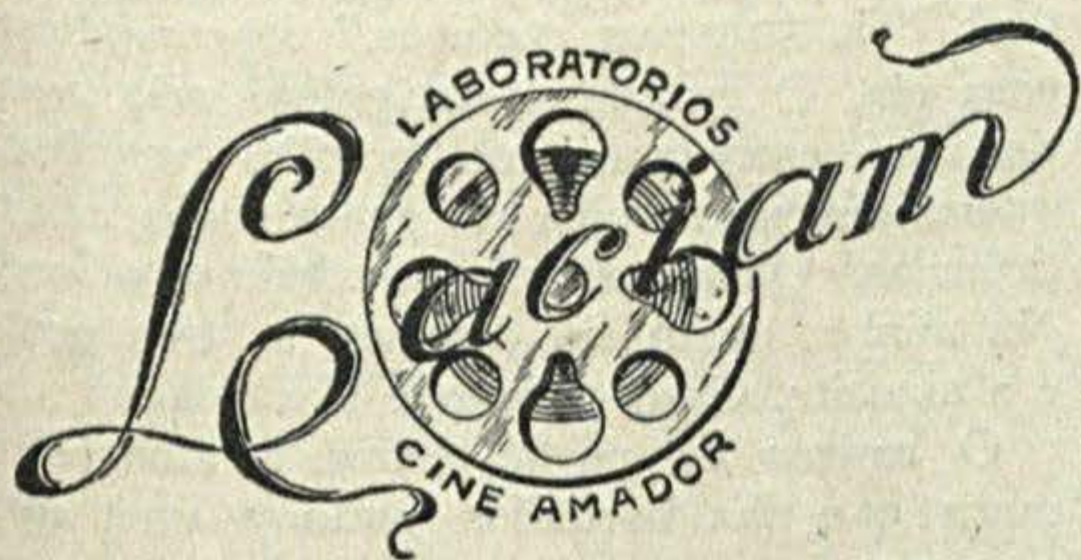
Euclides Roxo — "A matematica da educação secundaria" — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1937. 286 págs.

Fernando Azevedo — "A educação publica em S. Paulo" — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1937. 457 págs.

Lourenço Filho — "Introdução ao estudo da Escola Nova" — Companhia Melhoramentos de S. Paulo, S. Paulo-Rio de Janeiro, 1937. 4.ª edição.

Silvio Rabelo — "Psicologia da infancia".

Lourenço Filho — "Testes ABC" — Companhia Melhoramentos de S. Paulo, S. Paulo-Rio de Janeiro, 1937. 2.ª edição, 170 págs.

Fernando Azevedo — "A educação e seus problemas" — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1937. 359 págs.

ANGUSTIA

ANTONIO OLAVO PEREIRA

Paro deante do quadro com a indicação dos locatarios do prédio, procuro o pavimento do medico que me recomendaram, um especialista tiro e queda. Descubro logo: dr. Pessôa, 12º andar, sala 13. Estremeço. Não me agrada o numero da sala. Não me dou com o 13, uma superstição antiga me atormenta. Bato com os nós dos dedos no cabo do guarda-chuva. E' o pedaço de madeira mais proximo com que posso contar. Isólo incontinenti. Esbarrar assim de chofre com o numero fatídico, não há de ser bom augurio. Capaz mesmo que o osso já esteja cariado. Essa dor lá dentro no frontal, pesando sobre os olhos, só póde ser isso. Sinosite em ultimo grau. Sinosite terá grau?

Percorro o corredor, as galochas encharcadas vão rangendo sobre a passadeira. Diabo do numero da sala não me deixa. Perseguição terrivel. Casei-me num dia 13. Agora, a sala do medico com esse numero. Estaco defronte à porta do elevador. Uma multidão à espera. Quase todos com a atenção fixa no ponteiro, que caminha na meia-lua de metal com as ordens dos pavimentos. Neste instante está subindo. Passou o 12º. Dr. Pessôa é no 12º? Já estava esquecendo. A sala é 13. Agito-me à lembrança. Espio para os lados. Duas senhoritas me olham sorrindo. Zombaria, com certeza. Provavelmente o laço da gravata não está no lugar. Em geral, dou-o longe do espelho, às préssas. Sempre atrazado. Procuro concertar a gravata. Capaz que as moças estejam sérias. Vou disfarçando, espio de sosláio. Sorrindo ainda. Não era a gravata. Serão os pêlos do nariz? Crescem muito, ficam espetando para fóra. Com o lenço, procuro empurrá-los para o interior das narinas. O elevador vem vindo, o ponteiro está se avizinhando do T. Escancara-se a porta: um magote que sai, outro que entra. Vou me passando para a caixa, o mulato da chave levanta o braço:

— Completo, cavalheiro!

Não consigo subir com a primeira léva. Tomára subisse. As senhoritas continúam sorrindo, já me sinto conturbado. Com certeza falta botão no punho do casaco. Passo os dedos, dou com a fila de tres. Capitão, soldado, ladrão. Já ouvi isto. O sub-conciente está dizendo. Decerto foi há muito tempo. Quando não se conhecia ainda o que fosse sinosite. Tenho a cabeça em fogo. Os olhos pesam-me, cansados. Cárie no frontal. Dr. Pessôa sem duvida vai se admirar. Descuidou-se muito, meu senhor. Daqui só para a cóva. Sinosite em ultimo grau.

Sinto uma pressão no estomago, quando o elevador se movimenta. As moças estão ao meu lado. Percebo que me olham. Para o diabo. Descem no 9.º andar, uma delas diz adeus. Conheço aqueles olhos claros, pestanudos. Quem são? Não atino. Dôe-me a cabeça, os ouvidos chiam-me como grilos, de maneira infernal. Descubro na idéia fantasmas em movimento. Vão formados em fila, cabisbaixos. O cortejo lúgubre vai indo. Os que abrem a marcha seguram nas alças de um esquife. Lá está o chefe da repartição. Assiste ao meu proprio enterro. Morto de sinosite, os de trás vão comentando.

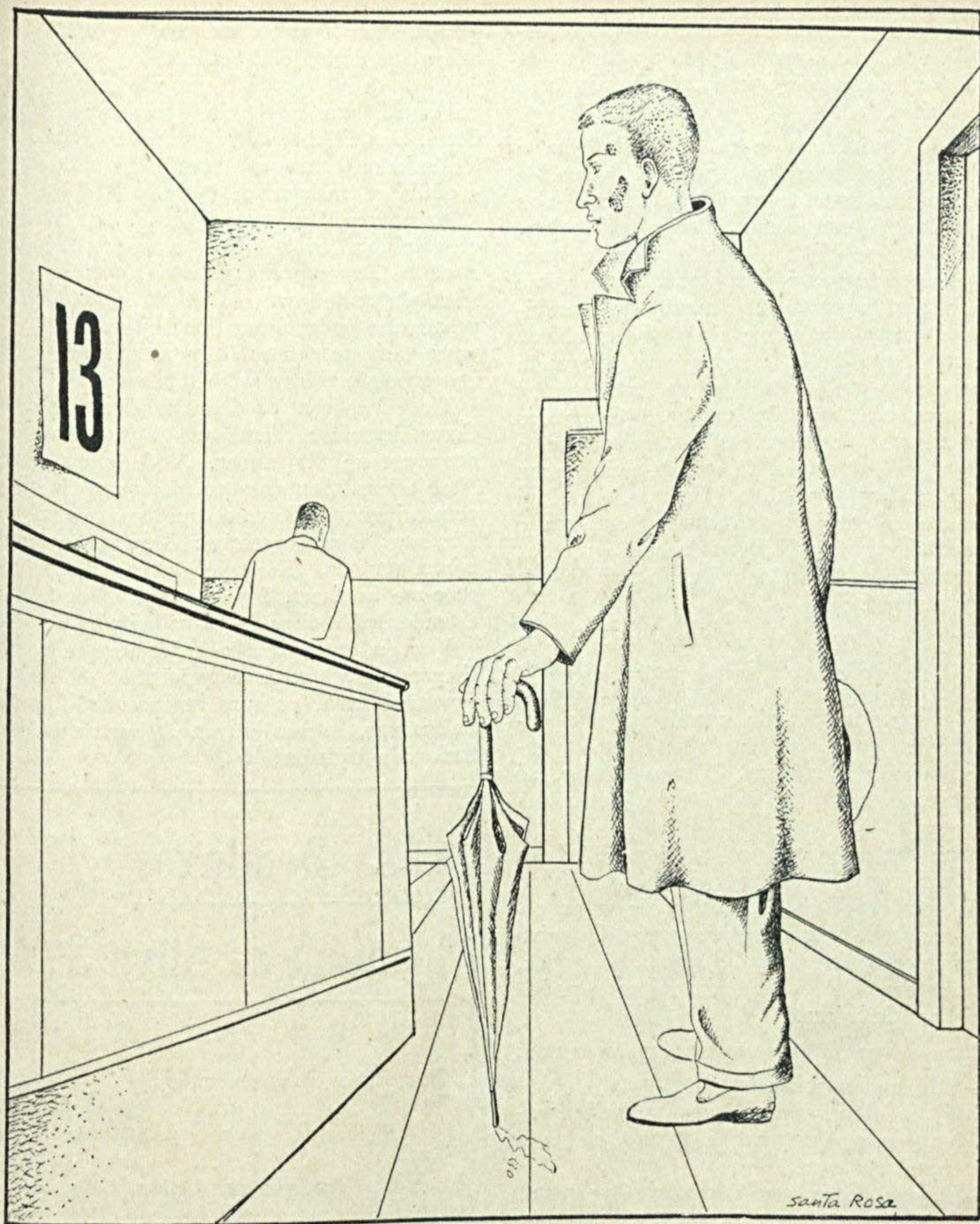
O elevador enguiçou, está parado faz segundos. Ignoro o motivo. Falta de energia, provavelmente. Os canadenses que tomem a multa.

O mulato me tóca no braço, rancoroso:

— O cavalheiro não pediu 12º? Não posso estar à sua disposição o dia todo.

Murmuro uma desculpa, saio baralhando as pernas. Ouço risadas no elevador.

Não sei que direção tomar. Dr. Pessôa onde será? Diviso, à direita, uma porta automatica com um dístico em letras encarnadas: "Consultorios medicos." Encaminho-me para ela. O guarda-chuva goteja pelo corredor, vai escrevendo no ladrilho reticências intermináveis. A vida da gente acaba em reticências. Quem puder que deduza o resto. Na minha, quem vai escrever os tres pontos é a sinosite. Osso cariado é lá caçoada?

O ranger da porta chama a atenção da moça que faz bordados junto a uma mesa com papeis e agendas espalhados por cima. Abordo-a, a voz fraca, medrosa:

— Dr. Pessôa é com a senhora?

Deixou as agulhas, perguntou o nome, consultando um caderno de notas.

— E' aqui mesmo. O senhor será o numero tres.

Recebeu e passou-me uma placa amarela, com a ordem indicada. A sala de espera está a poucos passos. Cheia. Entro, as galochas rangem, chamando a atenção. Acomodo-me no unico lugar desocupado: um canto de sofá. Tenho a impressão de que de todos os lados me observam. Silencio geral. Só se ouve a chuva lavando a vidraça. Si no Norte chovesse assim, adeus literatura. Não aparecia mais retirante para inspirar ninguem. Penso nos cearenses morrendo de buxo vazio. Coisa terrivel, a fome. Duas coisas terriveis: a fome e sinosite em ultimo grau. Levanto os olhos, examino os presentes. Gente velha e gente moça. Não sei bem onde me situar.

Melhor entre os velhos. Apesar de moço, estou cansado, vou passando para a margem da vida, vou ganhando aposentadoria. O osso pegou cárie.

A um canto, uma moça de verde olha o teto, sorrindo com beatitude. A bôina de lado, num milagre de equilibrio. Si cair, vou apanhá-la? A moça sorri. Pensa no noivo. E' bom de se olhar o teto quando se quer ver coisas distantes e agradaveis. Muita gente olha o céu, imagina um mundo de maravilhas. A moça de verde enxerga o noivo. O tempo está lindo, a noite vem chegando de mansinho, na ponta dos pés, para pregar um susto nos lampeões de gaz. O passeio está coberto de florinhas amarelas que o vento sacode dos ipês. O guarda-civil passou de-vagar, fumando abstraidamente. Que irá pensando o policial? A moça enxerga o noivo. Lá vem êle. Passos largos, os olhos acêsos. Dão-se as mãos, ficam sorrindo um tempo esquecido.

Abriu-se a porta do gabinete, dr. Pessôa apareceu de avental branco. Um velho se despede. Sinto o coração aos pulos. Dr. Pessôa olhou-me com seriedade quando recebia outro cliente. Com certeza exhibo na testa entumecências sintomáticas. Passo a mão, só descubro as bagas de suor que descem das temporas.

Chiam-me os grilos nos ouvidos. A cabeça está em fogo. Tranço as pernas, a rótula estala com espalhafato. A moça de verde estremeceu, está sorrindo com gosto. O noivo certamente a puxou para o peito. Há pouco, ainda estavam de mãos dadas dizendo-se banalidades. Safadeza.

Ouço a voz da enfermeira no corredor:

— Melhor, seu Deodato?

Ergo os olhos. Seu Deodato é velho, cabelo brancos, a boca murcha. Sorri, balança a mão como gangorra.

— Assim, assim, seu Deodato? Que pena. Fico triste quando os clientes não passam muito bem.

Seu Deodato agradece, entra na sala. Simpatiso com êle. Decerto tem sinosite tambem. Capaz mesmo que esteja com cárie, precise operação. Simpatiso com seu Deodato. E' um velho bem posto. Que grau será sua sinosite?

Os grilos não me deixam. Talvez sejam apitos de fábricas despejando operarios na rua. Que horas serão? Procuro o relogio, dou pela falta. Só então me lembro: está no penhor faz dois mêses. Na repartição não adeantam dinheiro. Maçada.

A moça de verde descansou uma perna na outra, um trecho de liga ficou descoberto. Seu Deodato desmesurou os olhos. Velho safado. Com uma sinosite em ultimo grau e ainda se fazendo de besta.

As fontes latejam-me. Os miolos estão em efervecencia. Si a cabeça estalar? Aconteceu a padre Antonio Vieira aos 13 anos. Virou sábio da noite para o dia. Na repartição me acham um megatério. Bom que a minha levasse tambem um estalo para dar um ensino àquela gente. Ficar sábio. Provoco o milagre?

Tamborilo com os dedos no braço do sofá. Como demora o cliente que entrou. As moças desceram no 9.° andar. A de olhos claros disse adeus. Sou casado, não quero histórias com ninguem. Pensam que sou como seu Deodato? Agora percebo: é uma parenta de minha mulher. Já esteve em casa. Um calor sobe-me às faces. Maleducado. O mulato do elevador não disse — cavalheiro?

Vez ou outra vem a enfermeira e conduz clientes para outros especialistas. A sala de espera é uma, os profissionais são varios. Saíam uns, entram outros. A humanidade estará toda bichada?

Martelo o assoalho com o pé. Como se estivesse pedalando em máquina de costura. Talvez eu desse para alfaiate. Errei a profissão. Nasci foi mesmo para fazer costuras. Não tenho jeito para os cargos publicos. Porisso me acham um megatério.

Saiu o cliente demorado.

Dr. Pessôa chama da porta:

— N. tres, faz favor?

Ninguem se move. Fixam-se uns nos outros com curiosidade. Serei eu? Não lembro ao certo o numero. Procuro a chapa no bolso do casaco. Está esburacado. Dr. Pessôa espera. Ergo-me, a placa tilinta no encerado. Apanho-a, verifico o numero. Tres, exatamente. Dirijo-me para a porta. Dr. Pessôa me estende a mão, examinando-me gravemente as feições. Súo em bicas. Ólho a secretária, um tremor me agita por inteiro. Lá está, a um canto, um calendário estampando o numero 13. Hoje será dia 13? Desanimo. Cárie, sem duvida.

A cabeça me vai estalar. Acessos de riso me sacodem. Na repartição vão levar um ensino. Hão de ver o megatério. Os miolos fervem, o estouro está por pouco.

Dr. Pessôa olha, consternado. Sinosite em ultimo grau, com toda a certeza. Veiu tarde, meu senhor.

O prédio está girando, ficou bebado de-repente. Não demora vai abaixo. Chusmas de grilos chiam de todos os lados. Impossivel manter-se de pé, em equilibrio.

Cambaleando, avanço para a penumbra do gabinete. O prédio vai abaixo.

Decálogo alimentar

HÉLION PÓVOA

Nenhum grande problema é resolvido sem a pertinacia da atenção cronica. Esta atitude psicológica exigiu-a o genio de Ramon y Cajal para a compreensão perfeita e satisfatoria resolução de todos obstaculos que entravam a marcha do progresso e da civilização. Pouco valem as mais sábias medidas, se das paragens elevadas dos dominios teoricos em que foram concebidas não trouxerem á pratica, sempre dificil e embaraçosa, um potencial enérgico de atuação executiva, indispensavel ao mais modesto rendimento de utilidade.

A continuidade é a carateristica fundamental dessa energia construtora que deve empolgar todos os planos de realização. Na esfera da ação pragmatica é o querer indomavel, a vontade decidida, sem colapsos de esmorecimentos, com muito da fé religiosa que remove montanhas, o segredo maior dos triunfos ambicionados.

No plano psicológico, a tenacidade da ação corresponde á cronicidade das idéias. Há neste caso como que uma polarização imaginativa, exaltando os efeitos que das idéas decorrem, como certas lentes que, concentrando os raios solares, geram intenso calor e produzem fogo. Como o corpo, tambem as idéias se faquirizam. Idéias cronicas, faquirizadas são as que devem ser usadas como armas de combate, pelos que lutam em busca de soluções confortadoras para tormentosos males.

Todos os que nos convencemos — e tantos somos — de que as más condições alimentares constituem grave ameaça para o futuro da nacionalidade, uma vez que solapam e aluem a resistencia vital do povo, nos armemos de idéas cronicas, posturas firmes de faquir, como os escudados gladiadores nas arenas romanas e os impassiveis contempladores do disco solar nas terras misteriosas do Oriente.

Os males da doença alimentar nacional e as heroicas medicações que se impõem, já se encontram postos em fóco na atenção dos nossos dirigentes, pela palavra rigorosa da técnica e ungida de patriotismo, dos que por dever de profissão se tornaram doutos no assunto. Na primeira hora, após o meteoro cintilante da passagem entre nós do mestre Escudero, que tanto nos clareou na contemplação amargurada mas nitida de verdade, ante o panorama sombrio de nosso drama alimentar, sobretudo rural, desde o inicio nos situamos ao lado dos que, no particular, mais acreditam na eficiencia redentora dos processos educativos, sem detrimento dos demais metodos de combate. E' claro que onde impera o pauperismo, a miseria, crucia a fome e seria, menos ridiculo que delirante, o preconizar-se educação alimentar; mas a verdade é que a terra uberrima mantém-se inviolada, intangivel, para as mãos das nossas populações rurais que, á fartura do solo dadivoso, preferem a exploração impiedosa das "vendas" e dos "fornecimentos".

A amarga filosofia do famoso personagem de Monteiro Lobato, é uma fatalidade que assola o país mais que o caustico das secas e a hecatombe da tuberculose: para colher é preciso plantar... Imploremos um milagre agricola, uma geração espontanea vegetal: cultura sem amanho, colheita sem plantação!

Alimentar-se bem é até certo ponto formar bons habitos alimentares e a formação destes é sempre alçada educativa, ministrada preferentemente durante o ensino primario.

Em trabalho recente sobre alimentação disse o ministro chileno, dr. Eduardo Cruz Coke: "não é de modo algum exagerado afirmar que terá maior influencia para o progresso do país uma educação primaria que, ao em vez de ler corrido, ensinasse a viver corretamente: comer, habitar, vestir e trabalhar".

Mais convicto dos beneficios educativos no saneamento da grave endemia alimentar, cujos efeitos nefastos não são ainda aprecia-

dos na justa medida, tanto que já propugnamos um regime de "educação obrigatoria". ("Correio da Manhã", 20-4-1936), não desprezamos na conquista de uma alimentação racional todas as cooperações salutares e mesmo indispensaveis á campanha. Textualmente já afirmámos: "na campanha em favor de uma alimentação racional todas as energias saneadoras devem-se conjugar em tentativas sinergicas".

Nem um só elemento de combate deve ser excluido, quer seja do dominio oficial ou particular.

Medidas legais, financeiras, pedagógicas, educativas, todas devem convergir para o fim unico.

Não conseguido o ideal da educação alimentar primária obrigatoria, uma pratica de eficiencia já comprovada, mesmo entre nós é a da propaganda popular. Com a Ipes, o Departamento de Saúde Publica prestou um serviço relevante á nossa população. Conselhos de alta significação higienica e dietética foram integralmente assimilados e vão na pratica de numerosas pessoas e familias prestando serviços de preço inestimavel porque dizem com a saúde do povo, base biologica da prosperidade das nações. A ciencia só se enobrece quando se populariza, sem as espetaculosidades sempre lastimaveis das charlatanices. Cumpre missão de clinico o que ampara um enfermo e o reintegra na posse da saúde; consagra-se estadista, credor da gratidão patria, os que vencem males das coletividades, que são terriveis enfermidades das nações.

Encaminhemos ao povo todas as noções uteis no vasto campo da nutrologia, pois esses conhecimentos bem se destinam aos horizontes largos das populações humildes, que se sacrificam e se estiolam em afazeres arduos.

Inaplicá-los, entesourando-os nas torres de marfim da erudição egoista ou nos templos fechados dos laboratorios de pesquisa, é votar á treva o que nasceu para a luz, condemnar á esterilidade o que germinou fecundo. Valendo pouco, os decálogos valem muito. Condensam verdades; tornam meridianas asserções obscuras; estendem em superficie, ao alcance de todos os olhares, noções que vivem imersas nas profundidades dos descobrimentos técnicos.

Os adornos de linguagem e as imagens, ás vezes pitorescas ou atrevidas, têm a função atraente de iman para a convergencia imprescindivel das limalhas.

Na convicção de que a propaganda muito está fazendo pela nutrição do nosso povo, em tempos compuzemos um decálogo, que desejámos tivesse vida menos breve ao alcance menos rasteiro do que na época galgára um ruidoso heptalogo politico. Nêles se condensam as assertivas basilares da moderna dietologia, é bem verdade, e como convinha, que privadas dos arrevezados batismos e das minucias técnicas.

Com um raio de ação bastante amplo e confortadora repercussão, o decálogo ficou a dever esse exito mais á instituição que o distribuiu pelo país, do que ao merito proprio. Fascinou-me sempre o sentido rural do apostolado politico torreano e foi á benemerita sociedade dos seus amigos que dediquei os dez mandamentos alimentares, propostos em palestra singela que lá tive a honra de proferir.

Ei-los na integra, dedicados mais uma vez ao grande publico:

"I — Quem come mal vive peor: morre

cedo, cria filhos debeis, trabalha menos e adoece mais;

"II — Comer bem não é comer muito. A's vezes, é mesmo comer pouco. Comerá melhor o que mais obedecer ás boas normas dieteticas;

"III — A mesa deve ser farta, simples e sempre variada. Não se deve comer ao jantar só alimentos iguais aos do almoço;

"IV — Um dia sem uma fruta, um copo de leite ou um ovo, é um dia descontado funestamente no precioso capital da existencia;

"V — O organismo humano precisa de alimentos frescos (carnes, legumes, verduras, frutas), como de ar para respirar e de agua para beber;

"VI — O momento das refeições, tres pelo menos ao dia é sagrado.

Como tal, deve ser de recolhimento calmo, sem preocupações de quaisquer especies e todo êle, nunca menos de meia hora, dedicado exclusivamente á nobre função alimentar;

VII — Uma refeição perfeita é aquela que fornece ao organismo todos os elementos nutritivos de que êle necessita em qualidade e em quantidade, sob proporções equilibradas. E' preciso atender ao apetite nos seus caprichos, impondo-lhe porém horario certo de alimentação e o uso de refeições variadas;

"VIII — Durante a digestão que sucede ás refeições, mesmo as mais simples ocupações, se inevitaveis, devem ser realizadas com prudencia e moderação. Esta salutar medida, deve ser extensiva tambem ás diversões e ao sono.

"IX — As bebidas tomadas ás refeições são alimentares (leite, caldos, sucos de frutas) ou toxicas (cachaça, vinho, cerveja); aquelas beneficiam e estas são sempre maleficas;

"X — Sendo a vida alimento transfeito em energia, é sobre a mesma que se decidem verdadeiramente os destinos não dos povos, mas da humanidade.

Banir da mesa todo e qualquer abuso e corrigí-la em todos seus defeitos dieteticos, é um dever biologico com imperativos morais e sociais tão categoricos quanto o de só se cometerem atos dignos".

O humano de certos livros

CECILIO ROCHA

O que melhor me tem impressionado nas safras de romances da nova geração são as notas bem humanas dêsses livros. Nada mais de circulos impenetraveis, de vidas segregadas, de campos delimitados por convencionalismos idiotas.

Hoje, o pecado de cada um consiste naquilo que "se oculta" e não mais no que "se faz". Acabaram-se as "cousas proibidas".

Por diversas vezes já tive a desdita de lêr e ouvir dizer que a nossa literatura presente é uma "literatura mórbida", glorificadora das prodridões humanas.

O próprio Gide, tão amado e discutido nestes ultimos tempos, e que se diz "escritor de vanguarda", já declarou de uma feita, zeloso pelos destinos da arte, temer que certas obras venham desprender "bientôt, au nez de ceux que viendront, une insupportable odeur de clinique".

Convenhamos que na verdade em muitos (e nos melhores) trabalhos dos escritores modernos exista êsse "insupportable odeur de clinique", o que de modo algum póde diminuir o valor real de uma geração de autores que tiveram a coragem e o desprendimento, de romper em boa hora com velhos "padrões de arte", cuja inutilidade, hipocrisia, inconsequência retardaram por muito tempo a expansão das verdadeiras finalidades artisticas que outra coisa não devem ser senão a procura do melhoramento da condição humana.

Se a arte quiser ser sempre (o que deve ser) um reflexo da vida real, não póde nunca deturpar, para satisfação de seu "refinamento" ultra-terreno, a ponto de se tornarem estranhos, irreconhecíveis os elementos de que se serve. E' o bom aproveitamento do "material" que determina a excelência da obra. Não se compreende um romance em cujas páginas o humano seja mero accessório, onde, a despeito de intenções, desempenha papel acentuado.

O *metafisicismo*, a "arte pela arte", as abstrações falsas, seriam absurdas nos dias atuais. (Aliás sempre o foram). E não é de agora que seu poder temporal, suas prerrogativas *absolutas* cederam lugar ás construções que se firmam só em "base de documento".

Por que então se combater o *documentário* dos nossos romances modernos quando êles buscam unicamente em termos de arte a verdade das coisas? A razão disso talvez consista na ideia de *não serem permitidas* exalações de corpos apodrecidos... Dai certamente a grita contra a "literatura mórbida" de nossos dias.

Seria preferivel continuarmos nos mundos irreais, nas formas metafísicas, no angélico *refinamento* das coisas impossíveis... Negarmos sistematicamente em arte a existência de fatores determinantes na vida social dos homens.

Edmond Jaloux, comentando a nova interpretação que Lucien Guitry acabáva de dar a "Tartuffe", a celebre comedia de Molière, escreveu:

"On raconte que, pendant que l'on interdisait cet ouvrage, on permit la représentation, sur le Théâtre-Italiene, de *Scaramouche ermite,* pièce três ennuyeuse si elle n'eût été licencieuse, et oú l'on voyait un moine se livrer à toutes sortes de vices en s'écriant: *Questo è per mortificare la carne!* En sortant d'une de ces représentations, le grand Condé ne put s'empêcher de dire á ses familiers. "Je suits fort surpris qu'on ait tant crié aprés le Tartuffe", alors qu'on laisse jouer sans difficultés des pièces aussi graveleuses." — "Oh! monseigneur, lui futil répondu, c'est bien différent: dans *Scaramouche*, les comédiens ne se maquent que de Dieu et des saints, tandis que dans "Tartuffe", ils attaquent les denots".

Quase a mesma coisa se poderia dizer em relação aos que tanto tem repudiado os nossos romances modernos. Antes falavamós dos pecados dos "outros" ou das virtudes que não possuiamos. Hoje fala-se dos nossos proprios pecados, exaltando-se as verdadeiras virtudes dos outros.

Enquanto ficavamos no *deveria ser* (notem bem — eu digo *deveria*) ou *seria assim,* tudo ia no melhor dos mundos. Iludiamos com as falsas aparencias de uma suposta "realité sensible". No dia em qu> passa-

mos a substituir o *seria* hipotético pelo *é* ou *deve ser* objetivos, mostrando a nú o essencial de cada fato, sem mais mêdo das "coisas impossiveis de se dizerem", começou então a grita contra as "imundicies" literarias dos modernos.

Ninguem se lembra de que se há "imundices", essas imundices decorrem de uma realidade objetiva (visto que a literatura moderna se tem baseado nos malfadados "documentos").

Aí é que vamos encontrar as razões do repúdio — na não conformidade com as atuais condições humanas. Porém, ao em vez de reconhecerem essa verdade, ao mesmo tempo que procurarem melhorá-las, o que fazem é negá-las, como se com isso se pudesse fugir à realidade de fato.

"Cacáu" de Jorge Amado é um dos romances mais humanos que já tenho visto produzidos por autores brasileiros. Entanto, êsse livro chegou até a ser interditado pela nossa polícia como sendo imoral, pornográfico, etc. Felizmente a evidência dos fatos venceu o nosso moralismo piégas e o romance foi posto em circulação, seguindo uma brilhante trajetoria.

A nossa crítica, muitas vezes superficial e parcimoniosa, chegou mesmo a ver em "Cacáu" "um utilíssimo fichário humano".

Uma das coisas tambem bastante louváveis na nova geração é a ausência de paisagens convencionais, "mais cacetes que artigo de fundo" numa expressão de Agripino Grieco (que apesar dos pesares, parece-me, pretender esconder seu respeitável e inescondivel nariz num bom lenço ao ler certas páginas de *Suor*).

*

* *

Nenhum dos bons romances modernos deixaram-se levar até agora, pela mística de um ficcionismo arbitrário (excetúo Lucio Cardoso e mais alguns).

Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e outros, quando escrevem procuram unicamente identificar a vida em suas múltiplas complexidades. A bem dizer êles não "criam". Limitam-se a armar as peças já existentes e soltar no mundo. E a glória aí reside em não serem arbitrários nas construções. Não armarem absurdos detestáveis — eis a vantagem.

Por isso compreendemos perfeitamente o Sergipano de "Cacáu" no instante em que recusa uma vida regalada, o amor da filha do patrão, melhores condições sociais, para continuar sofrendo suas miserias de "alugado", essas mesmas miserias que lhe deram uma conciencia de humanidade.

Casando-se com a filha do coronel Misael, o homem que "possuia mais de oitenta mil contos e as suas fazendas estendiam-se por todo o município de Ilhéos", Sergipano iria ter uma roça, ser patrão. Ao mesmo tempo sentia que assim procedendo iria cometer uma grande traição — seria um desertor, um covarde.

— "Não, Maria. Continúo trabalhador. Se você quiser ser mulher de alugado...".

O humanismo, o sentimento de solidariedade para com os demais "alugados", a conciencia de classe", para usar da propria expressão que êle pretendeu dar aos seus sentimentos, foram mais fortes. Tudo isso pareceu a muitos cheirando a "intencional". Creio, porém, nada haver de intencional nessa atitude. Estamos habituados nas mais das vezes a lidar com "flores de estufa" que desconhecemos inteiramente individuos como Sergipano e por isso não admitimos sua psiquê.

Quem quer que se ache identificado num ambiente, seja de miseria ou não, dificilmente se conformará com outra vida enquanto aquele ambiente perdurar, a menos que se trata de um hipocrita que dada a sua qualidade excepcional de mimetismo adapta-se em qualquer meio. A "distinção" de ambientes aí não chegaria a ponto de se tornar uma "modificação". Nem um "isolamento" haveria. Sergipano, não obstante se fazer patrão, vestir melhor, sentar-se á mesa grande do senhor da zona, dormir em cama fôfa, continuaria um miseravel, talvez mais miseravel ainda porque imaginar-se-ia constantemente um desertor, um covarde, um traidor. Vendo ou pensando diariamente na vida dos seus ex-companheiros, não poderia sentir-se bem na sua nova condição social.

Bem disse aquele chinês do romance de Malraux ser dificil suportar-se "la condition humaine"...

Desejaria lembrar outras cenas dos nossos romances modernos, apreciando-os "dans son ensemble" para melhor acentuar o humanismo de que falei. Mas... a natureza desta publicação não permite extender-me mais sobre a matéria que é bem complexa.

Em outras ocasiões voltarei ao assunto com novos argumentos.

Os homens do imperio

JOSÉ MATOSO MAIA FORTE

A personalidade dos estadistas e parlamentares do Imperio continúa a tentar a pena dos nossos escritores em livros de cronicas leves ou de estudos mais profundos, que visam fixar o personagem, suas idéias na época em que as enunciaram e sua ação ao tempo em que a desenvolveram.

Dos livros de publicação mais remota podemos referir, entre outros, os *Oito anos de Parlamento*, de Afonso Celso, as *Reminiscencias* e os *Homens e Coisas do Imperio*, do Visconde de Taunay; *Diogo Feijó*, de Eugenio Egas; *O antigo regimen*, de Suetonio (Ferreira Viana Filho), *Tres brasileiros ilustres*, do Dr. Alvaro Paulino de Sousa; dos mais recentes, *Um estadista do Imperio*, de Joaquim Nabuco; *Marquez de Abrantes*, de Pedro Calmon; *Silveira Martins*, de José Julio da Silveira Martins; *Figuras do Imperio e outros ensaios*, de Batista Pereira; *Os Andradas na História do Brasil*, de João Dornas Filho; *José de Alencar*, de Artur Mota, etc.

No ano que findou, 1937, a serie enriqueceu-se com outros como: *Novos aspectos da vida de Caxias*, de Vilhena de Morais; *Cotegipe e o seu tempo*, de Wanderley de Pinho; *O Visconde de Sinimbú*, de Craveiro Costa; *Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo*, de Otavio Tarquinio de Sousa; a coletanea sobre *Ferreira Viana*, publicada pelo seu neto Dr. Paulo José Pires Brandão; *O Publicista da Regencia*, de Felix Pacheco (2.ª edição), etc.

Outros notaveis estadistas do primeiro e segundo reinados estão a desafiar a pena dos nossos escritores, que poderiam enriquecer a nossa literatura biográfica com estudos sobre José Clemente Pereira, Teófilo Otoni, Itaboraí, Olinda, Paraná, Abaeté, Eusebio de Queirós, Zacarias, o 1.º Rio Branco, Inhamirim, Sapucaí, Otaviano, se não quisessem vir para tempos mais contemporaneos, preferindo Paranaguá, Lafaiete, Saraiva, Dantas, Martinho Campos, João Alfredo e Ouro Preto entre os que foram chefes de gabinetes.

Isto vem a proposito de casos, historietas e citações que encontrei em discursos proferidos no Senado e na Camara do Imperio e dos quais tirei copia quando folheava os *Anais* das duas casas legislativas, consultando-os sobre as *Organizações Ministeriais do Imperio*, serie de escritos que publiquei no *Jornal do Comercio*. São alguns desses casos, historietas e citações que colecionei, os que aqui reproduzo, lembrando aos escritores que se dedicarem ao estudo dos nossos homens de Estado desaparecidos, que não devem abandonar a parte anedotica da sua vida e dos seus discursos.

A VINGANÇA DO CABOCLO

O Conselheiro José Tomaz Nabuco de Araujo, discursando certa vez no Senado (sessão de 3 de agosto de 1869) disse:

"O nobre Senador pelo Rio de Janeiro a quem me refiro, Sr. Sayão, tratando das citações feitas no meu primeiro discurso, isto é, do Ministerio Polignac, de Luiz Felipe, da revolução da Espanha e da Bastilha, disse que essas citações não tinham aplicação e até que eram disparates.

O Senado sabe o proposito em que estou de reagir contra essas amenidades: não tomo outra vingança senão a do caboclo.

Um caboclo foi insultado por um sujeito, que o chamou tolo. Êle andou leguas pensando sobre o meio de tirar desforra; voltou sobre seus passos, foi ter com o sujeito e assim se dirigiu:

— Você não disse que eu era tolo?

— Sim.

— Tolo é você!

Não tenho outra vingança contra o nobre Senador senão em dizer-lhe: se são disparates as citações que fiz, disparates são as respostas que me deu, como vou provar."

THEOPHRASTO E A QUITANDEIRA

Foram notaveis as discussões entre José de Alencar, Ministro da Justiça do gabinete conservador presidido pelo Visconde de Itaboraí (16 de julho de 1868) e o Senador Zacarias. Recorramos ás *Reminiscencias* do Visconde de Taunay (pág. 160):

"Citando José de Alencar, no correr do debate, o jornal londrino *Pall Mall Gazette*, pronunciou *péll méll*, ao que acudiu Zacarias com pedagógica dicacidade:

— O nobre ministro ignora que, em inglês, *a* antes de dois *ll* tem o som de *o*?
— Então V.Ex. quer que diga *Póll Móll?*
— Boa dúvida; mande buscar o dicionario de Walker para aprender um pouco.
Na casa não havia tal dicionario.
— Pois bem, declarou Alencar, amanhã trarei na minha pasta a autoridade invocada, e V. Ex. sentirá fundo vexame da cinca a que me quer arrastar.
No dia seguinte, com efeito, apesar dos *já sei, já vi, não vale a pena, tem razão,* de Zacarias, o outro leu com todo o vagar e acentuação o que ensinava Walker, isto é, que sendo esta palavra corruptela do francês, conservava a pronuncia de origem."
Vem isto a proposito de um discurso de Teófilo Otoni, que tambem tomara á sua conta o Ministro da Justiça (discurso de 14 de setembro de 1869):

"Sobre a grave questão do *pêle-méle* o nobre Ministro fez belos ramalhetes, ostentando a proficiencia dos seus conhecimentos em inglês. Quem não saiu do seu país não póde pronunciar como os que, ou estiveram na Inglaterra, ou vivem no seio de familias que falam constantemente inglês.
O sotaque particular de cada lingua não é de hoje que se sabe ser de uma grande dificuldade, sobre tudo para os adultos.
Theophrasto, um dos homens mais ilustres da antiguidade, não nascera, mas residia em Athenas; discipulo de Platão e de Socrates, tinha escrito em grego mais de 200 volumes e vivia há muito entre os atenienses. E, no entanto, um belo dia, chegando-se a uma quitandeira para comprar hortaliça, tanto bastou que dissesse duas palavras para que a quitandeira percebesse que ao seu freguez faltava um *quê* de ático, e aperfeiçoando-se na expressão, como era proprio de uma ateniense, lhe fizesse sentir delicadamente ter reconhecido em Theophrasto um estrangeiro:
— *Hospes*, disse a quitandeira, *non potes minoris*.

Diz Cicero que Theophrasto se incomodara porque, estando há tantos anos em Atenas, ainda tinha defeitos de pronuncia, que eram notados por qualquer quitandeira:
— Tulisse moleste, cum ætatem ageret Athenis et optime loqueretur!"

ESPADAS QUE NUNCA SE ENFERRUJAM

Discutiam-se no Senado (sessão de 21 de agosto de 1809) atitudes do gabinete de Zacarias relativamente a Caxias. Aquele Senador, defendendo-se de acusações, disse:
"Quanto á falta de apreço ao honrado Duque, em relação aos certames politicos e parlamentares, responderei ao nobre Ministro da Marinha com uma simples observação: é que há espada que não é senão ferro, e mais nada. Há, porém, outras que brilham á luz do genio, ou, pelo menos, dos grandes talentos daqueles que as menêam; essas são as espadas que nunca se enferrujam.
Anibal não recebeu tão extraordinarios encomios de Polybio só porque fosse grande tático e grande capitão, mas sobretudo, porque era grande estadista, grande administrador e homem de lutas, quais os tempos e as circunstancias permitiam, pois, achando-se na Italia, era a alma de todos os acontecimentos de Cartago, da Italia e da Espanha.
Alexandre não era sómente homem de acutilar gente; amava a filosofia, tanto que, escrevendo da Asia ao seu grande mestre, Aristoteles, dizia-lhe preferir ao poder a sabedoria. E como se quisesse com isso indicar o consorcio do gladio com as letras, não dormia sem meter debaixo do travesseiro, juntamente com a espada o seu Homero.
Assim, a guerra não exclue as letras; e a espada, para verdadeiramente brilhar, precisa receber a inspiração do genio e do talento.
E Cesar passou á posteridade só por seu talento militar? Não; passou á posteridade como grande orador; conheceu que em um país de tribuna não podia dominar a opinião senão falando tão bem como falava Cicero, e o conseguiu. E como escritor, basta dizer que, depois que escreveu seus *Comentarios*, nenhum escritor romano ousou tratar de semelhante assunto porque, diz Cicero, ficaram aterrados á vista das produções de Cesar. E acaso desprezou êle as glorias literarias, o talento da palavra, a cultura da ciencia porque era guerreiro? Não; sua espada pouco valeria senão fossem seus grandes dotes.
Napoleão, que não teve tempo de estudar porque saiu da escola para dominar a Europa e o mundo, e que, depois foi estudar os feitos dos guerreiros antigos em Santa Helena, sentindo não ter podido alcançar

um Polybio para aquilatar melhor o merito das campanhas de Anibal, Napoleão era um orador militar sem igual: qualquer de suas proclamações o demonstra. E, depois, deu documento de sua vasta inteligencia, pondo-se á frente da elaboração do Codigo Civil, discutindo com os jurisconsultos para o que se preparara lendo algumas obras e pedindo aos grandes mestres de então as habilitações de que precisava para bem avaliar as questões. Foi com a espada que êle fez o codigo de Napoleão ou com o seu amor ao estudo?

Depois de tais exemplos, a que eu podia ajuntar muitos outros, penso que se não deve levar a mal ao ídolo do nobre Ministro da Marinha o seu pouco apreço aos certames politicos e lutas parlamentares."

"SOBERANOS" E "ARCHEIROS"

O Gabinete de 16 de julho de 1868, presidido por Itaboraí, pedira a prorrogação do orçamento e, a proposito, liberais, que eram oposicionistas, e conservadores, empenhavam-se nos torneios oratorios politico-partidarios.

O Barão, depois Visconde, de São Lourenço (Francisco Gonçalves Martins), pertencia á bancada baiana, conservadora, e era governista, mas com certas reservas mentais, como se diria hoje. Tivera quatorze anos de ostracismo politico, vendo o primado politico da Baía, onde era chefe de prestigio, ser disputado por seu correligionario Barão de Cotegipe e por Saraiva. Nesses quatorze anos, dizia êle, "o ostracismo lhe ensinara o grande refrigerio que Cicero aconselhara: o estudo, *adversii perfugium ei solatium præbest*, e, como Seneca, considerava que "a primeira vantagem do estudo era aprender-se a viver consigo mesmo" — *Primum argumentum bene compositæ mentis, existimo, posse consistere, secum morari*."

Subindo á tribuna para apoiar o Gabinete, terminou seu discurso na sessão de 4 de setembro de 1869 com estas palavras:

"Em outros tempos governavam os soberanos, os reis da terra; hoje, governa outra especie de "soberanos" no sentido a que se referiu Agesilao, que foi forçado a deixar a Asia onde combatia os persas, para vir em socorro do seu povo em revolta, queixando-se de ser a isso obrigado porque Artaxeixes, seu contendor, havia mandado para a Grecia trinta mil archeiros!

Os archeiros eram umas moedas denominadas *daricas*, cunhadas por Dario e Meda, com o peso mais ou menos de um guineo, as quais tinham em uma das faces a efígie de um archeiro. O persa parece que mandou aquela quantia para corromper os gregos e forçar a volta de Agesilao.

São, pois, os "soberanos" monetarios que governam hoje o mundo, e nós o não obteremos sem credito e sem trabalho e não teremos ambos sem tranquilidade nem perpetuando as discussões odientas."

ERA SUSTENTADO PELO TESOURO

Defendia-se o Conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira, presidente do Conselho de Ministros (1884) de acusações que lhe faziam na Camara dos Deputados, de subvencionar a imprensa que defendia o governo:

"Muitos dos atuais representantes da Nação hão de lembrar-se de que, no dominio conservador, havia no Rio de Janeiro um jornal que se intitulava *A Nação*. Para ser justo, devo dizer que esse jornal era escrito com grande elevação de vistas e muita polidez. Sustentava êle o ministerio de então.

A redação do jornal remeteu ao Deputado Andrade Figueira um exemplar e mandou-lhe um recibo de seis meses. O nobre Deputado — o orador póde dizê-lo porque S. Ex. contou isso a milhares de pessôas — disse ao portador:

— Não pago a assinatura mas quero continuar a receber o jornal. Este jornal é sustentado pelo Tesouro e eu, como contribuinte do Tesouro, tenho direito de o lêr."

A MORTE

Falecera o Visconde de Niterói, Senador do Imperio, representante da Provincia do Rio de Janeiro. Ferreira Viana, seu correligionario politico, fôra designado para fazer-lhe o seu necrologio e, subindo á tribuna na sessão de 17 de junho de 1884, disse:

"A morte é sempre uma lição, lição sublime; é o soldo que pagamos neste mundo de pecado. A morte faz pensar e tremer: é o nosso maior inimigo, não tanto pelo seu poder, como, principalmente, pelo seu misterio.

Não me parece tão grandioso tirar o homem do nada, como restituí-lo depois da morte ao amor e á luz.

A morte é como que o desprendimento do vínculo entre o passado e o futuro. Profundo enigma entre o que nós fomos e o que esperamos ser!

Senhores, é preciso meditar na morte e eu vos convido a fazê-lo, reservando o dia de hoje para estes silencios e solidões com que a alma, quase fulminada de terror, só se levanta pela fé e pela esperança.

Não tenho tanto medo da morte como terror da vida. A morte é uma aposentadoria; a vida é um combate.

Não compreendo que o Creador do Universo, expressão absoluta e substancial da verdade e da justiça, animasse uma poeira, desse-lhe o sopro da vida por alguns dias e a lançasse como um joguete ao furor das tempestades e aos caprichos do mundo. Aqui, o nada absurdo; ali, a morte eterna.

Não compreendo o Creador regosijando-se nessa obra de um momento, nessa vida comprada com o sacrificio enorme de lagrimas e angustias! E se assim pudesse ser, se a catástrofe fosse real, se aquém e além nada houvesse senão esta vida de combate, ó Deus, onde a tua justiça!

Pensemos na morte. Ha pouco vi uma ilustre vitima, que caía na estrada da vida. Eu a vi, vô-lo repito, inanimada; a morte apagara-lhe o sorriso nos labios, desbotara-lhe o colorido das faces; era uma verdadeira transformação. Parece que o ser reduziu-se ao não ser; que um ente inteligente, livre e de nobres qualidades, ia entrar apenas como combustivel na fornalha deste grande processo de quimica do Universo.

Mas, aquele coração que não palpitava; aquela lingua que estava colada, aqueles olhos fechados para sempre; aquele gelo de morte, enfim, parecia reanimar-se e voltar á vida porque tinha deante dêle a imagem de Jesus Cristo, fonte de vida, resumo da nossa fé, síntese das nossas esperanças."

COM QUEM ESTÁ A NAÇÃO

Foi o Conselheiro Dantas, então Presidente do Conselho de Ministros, quem referiu este dialogo entre Jorge II da Inglaterra e Lord Chatam:

O Lord, conversando com o rei, disse:

— Senhor, o que digo é apoiado pelo Parlamento.

— Sim, mas não é apoiado pela Nação, respondeu o rei.

— Mas, vêde bem, a Nação é o Parlamento, objetou o lord.

— Estou convencido disto, mas nem sempre tendes estado de acôrdo com este principio; quando não vos convém, dizeis que a Nação está fóra do Parlamento."

A IDÉA

Ao longe se alevanta a vaga onipotente...
É tal o seu furor, tais proporções assume,
Que dos rochedos nus o pedregoso cume
Num momento ela escala e atinge facilmente...

E sobe muito mais... e sobe... e, de repente,
Num derradeiro esfôrço, aumenta o seu volume,
E tomba, em convulsões de gozo e de queixume,
Num louco turbilhão de espumas, sensualmente...

No cérebro, tambêm, muitas vezes, eu sinto,
Como um vago murmúrio — um murmúrio indistinto —
O infrene marulhar da vaga em melopéa...

No mar a vaga cresce e morre feita espuma!
No cérebro, porém, quando ela se avoluma,
Nunca mais se desfaz, pois representa a idéa!

MELO BARRETO FILHO

CAPRICHO

(de "Três Tercetos Banais" do livro a saír VIVER É APENAS ISSO)

CLOVIS RAMALHETE

1

Mario abaixa a cabeça sob o olhar despejado de d. Otilia.

Fica brincando com a ponta da faca por disfarce. Corta bolinhas distraidas no miolo do pão. Não olha; mas adivinha que d. Otilia ainda pousa nêle os olhos negros e pestanudos. Sente que ela tem um sorriso para o medo dele, aquele riso que trái tudo, que revela, riso cúmplice, riso cínico, com pecado no silencio.

E na frente, o marido!

O respeito de Mario ao marido de d. Otilia se traduz em pequenas cortezias. Lhe dá os jornais de Aracajú, que recebe. Acende um isqueiro solicito, para o cigarro. Cede a passagem nas portas. E o medo, aquele medo prudente, vem da cara dêle. Uma cara cor de terra, fechada, sem risos e de maçãs malaias. Uma cara ríspida de japonês de troupe, dos que atiram facas em torno a corpos vivos.

E d. Otilia com aquela audacia na sala de almoço, na frente dos hospedes.

2

Haviam chegado por uma tarde chuvosa e ocuparam o quarto dos fundos do primeiro andar.

Porém, só se mostraram á pensão na hora do jantar. Entraram na sala, entre as mesas ocupadas, e foram para a do canto, junto da janela. D. Otilia vinha na frente, com um vestido claro sobre o corpo de linhas vivas e atravessou com um desembaraço atrevido. O marido a seguia, um pouco mais baixo e quadrado. E logo dos homens, nas mesas, brotou uma suspensão convergente e desejosa. E enquanto os dedos morenos e finos, dela, trocavam o argolão de madeira do guardanapo, por um outro de prata, que trouxeram — o Pedrinha comunicou ao Aloisio jornalista que a conhecia de vista, do *Hotel Primavera,* no Correia Dutra, onde tinha um amigo.

Julgou-se por isso, desde logo, um pouco proximo dela e participante daquele triunfo de curvas gostosas e gestos de graça.

Sorriu-lhe.

Depois do jantar, chovia ainda. Seu Amaro foi para a saleta, seguido da grandiosa d. Senhora. Chegaram depois, para o serão, mme. Sousa e mme. Calares. Os estudantes e as moças já estavam na varanda, rindo das histórias de Peixoto.

Então, o capitão Moreira foi ao quarto e trouxe o radio, como todas as noites. Instalou-o. Pescou, entre ruidos, uma estação popular e a musica se espalhou pela saleta, alcançou na varanda os rapazes e as moças. Aí mme. Moreira pôs a mão gorda no peito e tomou o seu grande ar de benemerita dos serões da casa, dona do radio! Foi quando d. Otilia apareceu com o marido. Levou-o até a porta da varanda e despediu-o com um beijo na boca.

Na sala, pelo setor atento das senhoras, se entumeceu um silencio estudioso, que a visou desde a entrada, durante a sua passagem luminosa, até ao beijo dado com escandalo.

Foi mme. Colares quem iniciou a ofensiva que toda a coletividade desejava:

— A senhora é do norte?

— Não, de S. Paulo. Meu marido sim, é de Aracajú.

Tinha uma voz quente e profunda, que anunciava a contralto.

— Aqui mora um rapaz de Aracajú. Seu marido deve conhecer. O Mario, dos Mendonças de Aracajú.

D. Otilia admitiu. Talvez êle a conhecesse. Logar pequeno, mas limpo e agradavel, Aracajú. Já estivera lá. Viajavam muito.

Mme. Sousa deflagrou uma repreensão sobre a tonta mme. Colares. "Como é que só por

ser de Aracajú êle tinha de conhecer alguem? A senhora me tem cada uma!" E, mais baixo, legislou que mme. Colares não devia ir logo perguntando intimidades. A discussão entre as velhotas foi, como sempre, breve e sem crispações. Os hospedes não ligaram, acostumados. Mas d. Otilia não sabia ainda e interviu: pois não se incomodava e até talvez seu marido gostasse de conhecer o filho de uma familia amiga.

Lauro desceu aos saltos a escada. Atravessou a sala, abotoando a capa. Na varanda, Ditinha inquiriu com um despeito meigo:

— Vai sair com essa chuva toda, maluco?

— Vou.

Peixoto perdeu o fio da anedota.

A voz de mme. Colares se levantou na sala.

— Mario!

Êle estava com o grupo de fóra. Foi ver o que era.

Mme. só queria era mostrá-lo a d. Otilia. O rapaz de Aracajú, estudante de Farmacia, moço muito sossegado. Apertou-lhe a mão macia, que ela estendeu. Confirmou ser de lá, sim. E enquanto dizia conhecer os Barrôso, da familia do marido, recebeu nos olhos pardos, de quase menino, a primeira revelação perturbadora do olhar de d. Otilia, que o envolvia no secreto magnetismo dos êxtases e dos pecados desconhecidos.

Porque picara-a, justamente, aquele mocinho de ar puro.

Vira-o ao jantar, na mesa da frente, baixando olhos discretos ao cruzar os dela. E agora, ao tê-lo ali, a mão na sua, perturbado de vê-la, d. Otilia riu. Deu-lhe uma cadeira, falaram da cidade do norte que se renovava. Achou divertido espicaçar a sua timidêz, fazelo renovar sempre a confusão.

Ali na sala, no grupo amarelo, á volta do radio do capitão, o assunto sempre fôra patrimonio geral que todos compartilhavam. Mas os dois trocaram frases entre si, com risos, com exclamações exclusivas. Lembravam passeios noturnos em praias com palmeiras, habitos molengos de rede, em varanda de fazenda.

Mario recuperou-se — e achou-a deliciosa!

Subiu as escadas com um espasmo novo no peito. Sentia que palestrar com d. Otilia tinha qualquer coisa de galante e perigoso. De pequenos nadas imponderaveis — de sua graça, de sua boca — vinha a cada momento a certeza fugidia da provavel aventura.

E isso penetrava o peito de Mario com uma lufada indefinivel de receio e vaidade.

3

E foi, desde então, um adido ao casal.

Nada ousára. Apenas permitia, em d. Otilia, aquele prazer de excitá-lo com suas unhas de gata proibida. E, mesmo, velava para não ir além!

Por isso: tolhia-o um medo prévio do marido. Barroso aceitara-o, com a mesma cara amarrada. Talvez houvesse, no seu fundo, um homem bom. Talvez fosse capaz de abnegações e de fidelidade. Mario porém, antesofria a culpa e cercava-o duma solicitude aduladora. Só lhe via a carranca de malaio.

Ainda na tarde de ontem, na escada cruzou com êles, que desciam. Mario voltava da Faculdade, com um livro na pasta de couro. Queixou-se:

— Vim da farmacia, tomei injeção. Estou com uma moleza de gripe danada, desde manhã.

Barroso disse que o ouvira tossindo de noite, no quarto pegado. Tambem dormira mal. D. Otilia teve um sobresalto doce e protetor. Pousou-lhe a mão humida na testa: não tinha febre. Retirou-a alisando-lhe os cabelos — e a Mario pareceu depois, que ainda sentia o táto leve, mais temeroso dêle, ante Barroso.

Subiu. No alto, do hall, olhou para baixo e via que iam no ultimo lance. D. Otilia passára o braço pelo ombro de Barroso e desciam assim. Mulher esquisita...

Mario se lembrou, num gozo, de que ela formava duas cóvinhas, junto do cotovelo.

Foi para o quarto. Tinha fechado os olhos, estirado na cama, quando a porta rangeu.

Viu d. Otilia entrar e continuou deitado. Ela foi até êle, debruçou-se e ficou muito séria, olhando-o um momento. Passeou seus olhos negros e quentes pela testa de Mario, pelos olhos dêle que esperavam, parados, parados, e pela boca menina e fresca.

Deitado, êle lhe via o rosto perto, chegando... A minucia das pestanas, a raiz dos cabelos, no alto... Depois a mascara debruçada abriu um riso sem rumor.

Mario temia uma chegada de Castro, um solteirão que mora com êle. Achava melhor "não haver nada."

Ela olhou o quarto, á volta. A mesinha

com livros, o guarda casaca com um retrato de artista em maillot, colado com sabão.

Não disseram uma palavra. Sentiam, no ar, que qualquer coisa se desanuviava e resolvia.

Foi até a mesa. Mexeu nos lapis, deu ordem aos livros. Disse qualquer coisa sobre rapaz que mora só. Mario continuava deitado, tolhido, sem compreender. Um retrato no caixilho interessou-a: "Sua mãe, essa?" Parecia-lhe bondosa, assim gorda, as mãos no cólo, sentada no jardim e sorrindo. Botou no logar.

E logo saíu como entrou.

Mario se levantou e foi á porta. Sentiu-a entrar no quarto vizinho. Ainda tinha a imagem do rosto dela, sobre o seu, sério, bonito e com um brilho de mistério. Afinal, aquela mulher madura zombava dêle como duma criança, excitava-o como a um homem e se resolvia ao fim, revelando-se quase maternal.

Voltou para a cama. Só encostára a porta. Não dera volta á chave, num secreto desejo.

E ainda naquela manhã, na espera do banheiro, deu com d. Otilia, que saía de roupão e saboneteira. Foi persuasiva e doce. Envolveu-o com os braços, puxando-o para dentro. Beijou-o na boca, com furia. Mario sentia o corpo morno do banho, solto sob o algodão felpudo.

Veiu a voz de Barroso, do corredor. D. Otilia fugiu-lhe como uma fantasma. Mas deixou-lhe a boca e a face molhadas dos seus labios e dos seus cabelos pretos e escorridos.

4

Mario brinca com a faca, no miôlo do pão. Parece-lhe que todos estão notando o sorriso dela, que todos lêm insolencia nos olhos dela. D. Otilia é excitante ao murmurio da pensão.

Levanta a cabeça, fita-a com um vinco repreensivo. E recebe em resposta, uma momice meiga do seu labio petulante.

Mostra-lhe o Barroso, que toma sopa. Mas por sobre a cabeça baixa do marido, ante todos os hospedes que ainda estão no refeitorio, d. Otilia sorri-lhe um sorriso de desejo, de gosto pelo perigo, de graça feminina.

Gósta de o amedrontar. Tem caprichosa tendencia para a timidez dêle. E de olhos em Mario, leva aos labios a ponta fina dos dedos. Manda-lhe um beijo imperceptivel, que o põe em tormentos e em ternura.

Alcunha dos negros no Brasil

Aos *leaders* dos estudos afro-brasileiros
Artur Ramos e Gilberto Freyre

BERNARDINO DE SOUZA

Nas minhas pacientes e continuadas pesquisas a respeito dos termos geograficos peculiares ao Brasil, encontrei, de referencia aos nomes dados aos negros, um dos casos mais interessantes do fenomeno que os filólogos denominam polionimia (Variety of multiplicity of names for the same object-The Century Dictionary — W. Dwight Whitney).

Reuno-os neste ensaio em modesta contribuição para o conhecimento de tudo o que se refere ao negro brasileiro, assunto hoje de uma *Escola*, á cuja frente se encontram as lucidas inteligencias dos dois patricios que encimam estas linhas.

De varios nomes se alcunharam os negros no Brasil, alguns já registados em minha *Onomastica* (1927), outros em via de publicação, numa reedição do mesmo livro.

Ei-los na ordem alfabética: Cabundá, Calhambóla, Calunga, Cambá, Henriques, Malungo, Mocamáu, Mocambeiro, Pau de Fumo, Quilombóla, Tapanhuna, Tirador de Cipó.

Ei-los, agora, em meus registos:

Cabundá: — termo de origem tupí-guaraní — de *caa* e *mundá*, pelo qual se designavam, em certas regiões do Brasil, os negros escravos que fugiam das fazendas. Registado por Carlos Teschauer em seu Novo Dicionario Nacional e por Candido de Figueiredo (4.ª edição).

Calhambóla: — (Vide abaixo *Quilombóla*) — termo muito no Brasil nos tempos coloniais e que significa — o negro fugido, o negro do mato, que vivia homiziado nos *quilombos* ou *mocambos*. Apresenta as variantes *canhambóra, canhembóra, canhimbóra caíambóla, caîambóra, carambóla.*

Do emprego literario da primeira destas variantes registo a seguinte estrofe de Cassiano Ricardo: (Martim-cererê — a morte do zambí — pag. 25).

"E cada canhambóra moribundo
de venta larga e pé chato
pingando sangue pelo corpo
era uma noite humana a quem o relho
do capitão do mato
estrelou de vermelho."

Calunga: — alcunha do negro em Santa Catarina segundo informa Lucas Boiteux. Couto de Magalhães registou o termo em Goiás com o mesmo sentido. A respeito de *calunga* é preciosa a monografia de Mario Andrade publicada no 1.º volume dos *Estudos Afro-Brasileiros.*

Cambá: — nome dado aos negros brasileiros ao tempo da guerra do Paraguai. Registou-o o padre Carlos Teschauer em seu *Novo Dicionario Nacional*. A palavra é de origem quimbunda.

Henriques: — nome dado aos soldados negros e mulatos que compunham o *Terço de Henrique Dias*, estabelecido nas capitanias do Brasil, após a guerra holandêsa, em homenagem ao bravo guerrilheiro de Pernambuco. — Não ha quem desconheça os serviços inestimaveis prestados por esse negro glorioso na guerra contra os bátavos em Pernambuco. Logo após a sua morte, em 1662, o governo da metropole, em reconhecimento á sua bravura, estabeleceu em cada capitania o denominado *Terço de Henrique Dias*, simplificado mais tarde em *Terço dos Henriques* (J. Mirales — Historia Militar do Brasil).

Malungo: — registado por Candido de Figueiredo (4.ª ed.) e Carlos Teschauer como vocabulo com que reciprocamente se designavam os negros que, no mesmo navio, saíam da Africa. "Indaguei por que motivo chamava aos escravos malungos. Era o termo afetuoso — respondeu-me — que entre si se davam.

na sua lingua barbara, os que vinham sofrendo no mesmo barco e que, quase sempre nunca mais se viam na terra do exilio e do cativeiro" (Gustavo Barroso — *Malungos* — Art. publicado na *A Tarde* da Baía, em 13 de agosto de 1930. Jacques Raimundo escreve em seu precioso *O Elemento Afro-Negro na Lingua Portuguêsa*: os negros chamavam *malungos* aos companheiros de bordo ou viagem, generalizando-se ao depois no Brasil o epiteto; provém do locativo conguês *m'alungu*, contr. de *mu-alungu*, no barco, no navio.

Mocamau: — antiga designação do norte do Brasil que apelidava os negros fugidos que viviam nas matas, refugiados em *mocambos* ou *quilombos*. Registado por Beaurepaire-Rohan. Na Guiana Holandêsa denominavam *paramacas*.

Mocambeiro: — designação de escravo fugido: Palmares, com seus trinta mil mocambeiros, distava afinal poucas leguas da costa (Euclides da Cunha — Os Sertões — pag. 191 da 2.ª ed.).

Pau de fumo: — Alcunha jocosa dada aos negros em S. Paulo e na Baía, referida por Cornelio Pires á pag. 414 d'*As Estrambotiticas Aventuras de Joaquim Bentinho*.

Quilombóla: — habitante de quilombo, negro fugido que se refugiava no ermo das matas ou dos campos. Amadeu Amaral ensina que é termo literario, de que o povo nunca usou, empregando em seu logar *canhembóra*. A' pag. 212 do vol. 10 da *Geografia do Brasil*, comemorativa do Primeiro Centenario da Independencia, lê-se a seguinte opinião de Nelson de Sena a respeito da formação deste termo: "Aos indigenas do Brasil foi tomada a expressão *canhimbóra* para designar o negro fujão (literalmente, canhi-m-bóra — o que tem por habito fugir). O nome foi completamente estropiado, na linguagem dos colonos, dando *Canhambóra* e a fórma extravagante — *Calhambóla*; e como os escravos pretos fugiam para o *quilombo* (nome africano desse arraial ou valhacouto de cativos negros), veiu a se formar o hibridismo africo-tupí *quilombóla*, fusão do termo africano *quilombo* e do sufixo tupí póra ou bóra (alterado em bola), que significa "morador". Aliás, assim horrivelmente deformado em *Caiambóla, Caiambóra, Calhambóla* ou *Carambóla*, como se achava o termo *Canhambora*, foi melhor que ficasse prevalecendo o hibridismo *Quilombóla*, aproveitado até na literatura mineira pelo romancista Bernardo Guimarães, na conhecida novela *Uma Lenda de Quilombólas*.

Tapanhaúna: — termo designativo dos negros, filhos da Africa, que moravam no Brasil, o contrario de *crioulo*, designativo dos negros nascidos no Brasil. Registou-o Carlos Teschauer que o abona com o seguinte passo de Alberto Rangel: "A canalha onde há bastardos, *tapanhaunas*, mulatos, carijós" (Quando o Brasil amanhecia). A palavra é de origem tupí-guaraní. Teodoro Sampaio regista-o, dizendo corruptela de tapuyuna — o barbaro preto. Alt. *Tapuyun, Tapanhú*. Ocorrem tambem as formas *tapanhuna, tupanhuna, tapaiuna, tapanhun* e *tapanhuno*. Desta ultima variante usaram Alfredo Elis e Alcantara Machado: "De maior resistencia fisica e maior passividade que os brasis são os africanos, Daí, e do fato de estarem sujeitos a direitos de entrada muito onerosos, o preço enorme que atingem. *Tapanhunos*, assim lhes chamam os documentos coloniais (Alcantara Machado. — *Vida e Morte do Bandeirante* — pag. 186).

Tirador de cipó: — nome que, nos sertões de S. Paulo, designava o negro fujão. Refere-o Valdomiro Silveira em seu livro *Nas Serras e nas Furnas* á pag. 19: — "Antão você? tá com muito dó desse resto de bacalhao, desse *tirador de cipó* que me acaba de dar um perjuizo tão grande?"

O sentido geografico na evolução do Brasil — Influencia maritima —

Comandante CESAR FELICIANO XAVIER
(*Da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*)

Na historia politico-social da Patria Brasileira, aliás como na de qualquer outro país não insulado em meio só de terras, foi dado sempre ás suas forças maritimas representar papel saliente na formação e desenvolvimento da nacionalidade, cabendo-lhe cumprir nesse sentido uma importante missão, porquanto é a agua o grande meio de comunicação pela propria natureza fornecido aos filhos da Terra.

Embora os ensinamentos das guerras, durante todo o periodo da marinha á vela, firmassem a superioridade da artilharia de costa sobre a artilharia de bordo, flutuante portanto; marinheiros de nascimento, não se podiam conformar os lusos em cingir-se á proteção da artilharia fora dos fortes, em limitar-se á defesa sem iniciativa, tanto mais quanto a riqueza florestal do Brasil era um incentivo á construção naval da época e dessarte possibilitando a obtenção da materia prima necessaria ás naves das esquadras. Esquadras, que tomariam a ofensiva em busca da completa destruição do poder naval inimigo, e assim garantindo as principais comunicações amigas.

A marinha de guerra — a armada — tanto necessita guardar-se inteiramente alheia ás competições do facciosismo politico, quanto iniludivelmente indispensavel é, manter-se ela sempre orientada pela politica patria da qual promanam suas disposições iniciais de caráter militar.

E' sob a direção dessa politica que a Marinha nasceu e deve desenvolver-se na paz, para no caso de guerra passar a com ela colaborar em intima penetração, firmando muitas vezes até, os designios que á politica externa de sua patria, cabe alcançar.

No Brasil, creação do poder maritimo, português, como entre nós já tanto o proclamou Jaceguai; nesta Nação que a maior orla maritima oceanica no mundo ostenta, sem solução de continuidade por cerca de nove mil quilometros, ao par da maior rede potamográfica (71.667 quilometros) em sua quase totalidade propicia á navegação; neste nosso Brasil em que dois terços de suas fronteiras são formadas pela costa atlantica, nêle o papel da Marinha é basilar fundamental. Assim foi, assim é, e assim terá sempre que ser, não porque o afirmamos, é claro, mas porque é a verdade facil de ser aquilatada. Foi pelo mar que aqui chegaram os portuguêses, primeiro navegando ao longo das costas e depois penetrando nas baías, e empós subindo os rios — ao longo do rio que anda sempre perto da praia. Foram esses os primeiros caminhos perlustrados... A agua, sempre a agua... Quando se quís devassar os sertões, foi descendo as correntes do Tieté, quando não subindo as do Jaguaribe e Paraguassú. E, como assim já foi, tambem continuará a ser, porque cada vez mais o nivel da vida coletiva dos povos se eleva em conforto e complexidade, acarretando um crescente e ininterrupto do intercambio de utilidades, intercambio esse que, a despeito do formidavel desenvolvimento dos automoveis terrestres e principalmente aéreos, no entanto será comandado sempre pelas vias maritimas, vias muito menos custosas e muito mais seguras, que as demais outras.

AÇÃO MARITIMA

BRASIL OBLATA DA MARINHA — INCURSÃO DE MARINHEIROS

Brasil! Oblata da marinha portuguêsa, por um dos seus grandes mareantes, descoberto em meio de insondaveis oceanos! Inda foram marinheiros os que lhe trouxeram seus novos habitantes, os que lhe defenderam o solo contra incessantes e porfiados ataques dos francêses, pertinazes e felizes dos holandêses, e efêmeros todos como os dos espanhois!

Marinheiros dos pelagos, até na Africa e

nos mares das Indias, do outro lado do Mundo, surgindo indomitos e vencedores, os mareantes brasilicos pelo misterioso e selvatico interior do Novo Mundo, infatigaveis, ainda lançaram-se em homerica odisséia! Por onde agua corresse... la estavam eles em movimento, eles e suas canôas, símbolo caraterístico da nossa ação livre e ousada!

A canôa, que nos dois primeiros seculos de nossa existencia preservou o territorio brasilico da cobiça alienigena, a canôa, que na centuria seguinte ao segundo desses seculos, em conquista pacifica dilataria esse solo brasileiro para na outra — XIX — ser efetivo elemento da emancipação de uma parte da nacionalidade, e no atual seculo XX, neste seculo nitidamente caraterizado pela importancia capital da *velocidade* que, no proprio combate se apresenta intimamente ligado ao poder ofensivo. Inda agora, a *canôa* é, não só preciosa *montaria* de uma apreciavel porção da população brasiliense, como tambem o instrumento basilar de uma das mais importantes de nossas industrias extrativas, de *pesca*, industria de valia inestimavel á defesa maritima do país, e de valor só excedido pela dos combustiveis e a da siderurgia, e como estas, preciosa colaboradora das forças navais.

Representando papel secundario nas competições da politica administrativa, felizmente alheia, em sua quase totalidade, ás lutas pelas posições politicas, a Marinha Brasileira jamais indiferente foi, como não o devia ser, ás palpitantes questões relativas ás grandiosas transformações politico-sociais. Nossa história disso nos dá exemplos, quando: da independencia; da estrutura organica nacional; da abolição do trafico, e consequente trafego, negreiro, e empós, da eliminação da escravagem, do advento da forma politica republicana... para só nos referir ás principais.

Um aspecto soberanamente domina a evolução civilizadora no Brasil; é *a ação maritima*, e quando não a compreendemos fica-se na duvida em que se viu James Brice exclamando admirado: "Como pôde ter sucedido que tão vasto país coubesse em sorte a um povo tão pequeno demais para êle visto que mal se póde avaliar a nação brasileira, verdadeiramente branca em mais de sete milhões?

Esta pergunta, partindo principalmente de um inglês, bem traduz a leviandade de suas considerações. Como pôde um povo tão pequeno como o português, expandir-se por todas as partes do Mundo, de forma tal que a Inglaterra, para inda mais aumentar seu "Imperio", teve que ir buscá-las pelo casamento com princesas portuguêsas? Como pôde, a Patria do sr. Brice, com trinta e seis e meio milhões de habitantes ter a sorte de governar populações num total de 385 milhões de almas?!... A resposta é muito facil; o dificil, o incrivel quase é que o ilustrado e jatancioso ministro das relações exteriores do Gabinete Gladstone não o haja compreendido de logo, porquanto ninguem mais que os inglêses bem sentem a valia extraordinaria e decisiva do poder maritimo para a existencia nacional.

Foi a *ação maritima*, conforme referimos, que nos integrou no mundo ocidental em que vivemos.

Foi a *ação maritima*, que permitiu a sábia solução da delimitação das fronteiras terrestres, pelo principio pacifico do "utis possedetis", arguido para a traça das canôas bandeirantes, por seus cursos dagua, continente dentro!

Foi tambem a *ação maritima* que nos dois primeiros seculos de nossa vida, preservára as populações brasilienses da destruição pelos piratas então inda infestando estas e outras paragens do globo terraqueo!

Foi ainda e tambem a *ação maritima* das forças navais do nascente imperio brasileiro, forças de laureis cobertas nas guerras da independencia, foi ela, sim a *ação maritima*, a unica permitida ao tempo das capitanias como meio de comunicações entre elas porquanto como assinala o cap.-tenente Vidal de Oliveira, *proibiu-se qualquer via que não a maritima*.

Foi sim, a *ação de novas forças maritimas* que essencialmente impediu a desagregação do nosso territorio por elas dilatado em seu linde oceanico, desarticulação que os lamentaveis .... sejamos srs,! marinheiramente francos, as criminosas dissenções partidarias não temem utilisar como derradeiro recurso, quando soe acontecer ao triunfo local não se seguir o triunfo geral, E' o que se tem passado desde o Brasil Reino até os nossos dias de vida autonoma republicana.

Mas, será isso um fato extraordinario com causas inda não percrustadas? Não, absolutamente não. A "nação" assenta sobre territorio, população e governo. Claro é que a força naval que protege as comunicações de interdependencia de tal territorio, ela que se compõe promiscuamente de elementos diversos de toda a sua população, e que está sujeita á um unico governo, comum á todo o país, tal força positivamente é elemento fundamen-

tal á organização estrutural do Estado. Fortalecê-la é pois fortalecer a unidade nacional. A formação, mantença, e desenvolvimento de uma eficiente marinha é elemento vital á manutenção e expansão de uma grande nação, mesmo porque, sem apoiar-se nagua nenhuma nação fez-se poderosa em terra.

A Marinha brasileira, por sua esquadra — então entre as cinco primeiras do mundo — foi o elemento que mais eficazmente concorreu, do Oyapock ao Chuy para a constituição do Imperio do Brasil, a famosa peça inteiriça por Alexandre de Gusmão preparada para muito além da "Linha das Cordezilhas" em o meio do seculo XVIII, e por José Bonifacio completado tres quartos de seculo depois, conseguindo passar da autonomia alcançada por Alexandre para a inteira independencia politica: a soberania.

O FATOR MARITIMO, FATOR BASICO DA UNIDADE NACIONAL

Um ponto de nossa evolução politica que tem passado mais ou menos despercebido, embora já salientado haja sido o seu aspecto extraordinario, por alguns escritores como Oliveira Lima, Oliveira Viana, Ronald de Carvalho, êle é, por Tristão de Ataíde assim manifestado; o maior assombro de nossa história é a unidade nacional. Contudo, acrescentaremos nós, êle não foi justamente avaliado.

Vicente Licinio Cardoso, em 1924 num "Inquerito por escritores da geração nascida com a Republica" focalisa tão curioso quão importante aspecto de nossa formação politica como se poderá verificar no seu magnifico estudo subordinado ao titulo: A' Margem da História."

E quando tratou do assunto em notas que lemos no seu livro póstumo: A margem da história do Brasil — Licinio Cardoso após proclamar que a — terra é o esqueleto dos organismos sociais — e ser isso — a maior e mais harmoniosa descoberta sociológica do seculo passado, só atingida com sacrificio depois de afirmações isoladas ou exageros prejudiciais sobre as raças, os climas e os alimentos humanos — êle proclama destemerosamente: O S. Francisco é a coluna magna de nossa unidade politica, o fundamento basilar que reagiu o venceu todos os imperativos caraterizadamente centrifugos oferecidos pelo litoral. Porque, enquanto os federalistas republicanos da costa norte reagiam aos monarquistas unitarios do sul no começo do seculo XIX, aquele caminho interior já havia fixado as migrações, quer do sul quer do norte, naquelas caravanas anônimas que se repetem ainda hoje nas arremetidas dos baíanos que vão fecundar a riqueza dos cafezais paulistas, e nas peregrinações dos mineiros que vão ao Bom Jesus da Lapa, ou muito mais longe, aos fundões do Ceará por ocasião das romarias.

Não tememos afirmar haver um tanto de exagero na avaliação desse inegavel serviço que o rio S. Francisco realmente prestou á unidade patria, e, a qual Euclides da Cunha na sua grande obra "Os Sertões", assim reunidamente precisava: o grande caminho da civilização brasileira.

O abalisado historiógrafo João Ribeiro já na sua "Historia do Brasil" salientou que sobre a nossa expressão geográfica pode-se, em sintese, tirar tres principios gerais: o primeiro "é que a colonização periferica do Brasil dependeu da necessidade do territorio continuo", mas, sem referir que essa necessidade foi satisfeita pela *ação maritima;* o segundo é relativo á colonização interna e povoamento que "depende exclusivamente da condição industrial; enquanto o Brasil é *agricola* a penetração no interior é minima; é a maxima com a *criação de gado* e as descobertas das *minas,* industrias ou produtos do intimo sertão." E' perfeito quando precisa a não penetração pelo interior na fase agricola; não salienta, porém, João Ribeiro que isso é devido á fixidez, estado este representando o adiantamento social das populações sedentarias, como o rumo aos sertões, em pról das descobertas das minas, era originada pela situação nomade de seus componentes, em grande parte indigenas e mamelucos (mestiços filhos de brancos e indios), situação essa habilmente explorada pelos chefes das expedições cheios de ambição.

O meu celebrado primeiro historiador do Brasil, o nosso compatriota frei Vicente do Salvador, na sua "História do Brasil." (1560 a 1627) assim se refere á essas empresas de "mandarem ao sertão descer indios por meio dos Mamelucos os quais não iam tão confiados na eloquencia, que não levassem muitos soldados brancos e indios confederados e amigos, com suas frechas, e armas com as quais, quando não queriam por paz ou por vontade os traziam por guerra e por força.

Temos assim a penetração no interior desenvolvendo-se grandemente com a *criação do gado* e empós intensificando-se ainda mais pela *descoberta das minas* essencialmente, e

a *prêa dos indios* acessoriamente. Esta fase culminou em intensidade na porção do Brasil onde uma estrada corria do litoral para o interior, *o rio Tieté.* Êle teria que ser o grande caminho das bandeiras, e o foi tão intensamente que, conforme se póde verificar pela consagrada obra de Pedro Tacques — o "*vale de S. Francisco,* já aliás muito povoado de paulistas e seus descendentes desde o seculo XVIII, tornou-se uma colonia quase exclusiva deles" nas palavras do dr. João Mendes de Almeida em suas — Notas genealogicas —.

Tres porções daguas bem diversas fixaram o desenvolvimento do Brasil. A mais extensa, unica no seu genero, a da *agua salgada,* estabeleceu *a unidade no extensissimo litoral brasileiro.* A menor de todas, a de *agua doce do Tieté,* serviu especialmente de *caminho para o interior* no qual expandiu a gente do litorial onde não só êle nasceu como tambem tal gente. Bem maior que a bacia do Tieté é a do *rio S. Francisco,* a terceira porção dágua a que nos referimos, e cujo papel foi *convergir,* para uma linha interior paralela á costa, e bem dela distante, *os interesses de vastas e diferentes zonas.*

E, Lemos Brito estudando a origem da pecuaria no Brasil, nos permite imaginar que não havia ligação pelo sertão, entre S. Paulo e o *rio S. Francisco,* sendo ela feita pela *costa* até a Baía — Uma revelação curiosa e surpreendente, para os que dão tamanho valor ao papel de S. Vicente, está num documento de perto de 1705, pelo qual se fica sabendo que, por essa data, não havia gado algum nos sertões de S. Paulo e Rio, tanto que o gado consumido em Minas ia do São Francisco. E cita Capistrano de Abreu que tratando do rio S. Francisco escreve: — Pelo dito rio ou pelo seu caminho, lhe entram os gados de que se sustenta o grande povo que está nas minas, de tal sorte que de nem uma parte lhe vão nem lhe podem ir os ditos gados, porque não os há nos sertões de São Paulo nem nos do Rio de Janeiro.

Vemos assim que ao par da importancia da navegação costeira plena razão assistia á João Ribeiro quando ajuntava aos dois principios gerais, já por nós enumerados e comentados, o seguinte: O terceiro (principio) é que *excluido o mar, caminho de todas as civilizações, o grande caminho da civilização brasileira* é o Rio S. Francisco; é nas suas cachoeiras que paira á primeira bandeira de Glimmer e daí se expande e ondula o *impulso das minas,* é no seu curso medio e inferior que-se expande e propaga o *impulso da criação,* os dois maximos fatores do povoamento.

Isso tudo patenteia, ora pela via oceanica, ora pela fluvial, a expansão civilizadora no Brasil, e ainda a importancia da livre mantença dessa circulação, que em sua ultima fase, é essencialmente oceanica. Isso tambem claramente indica que a essencia de nossa defesa deve estar no mar, despreocupando-nos da terra, se mister fosse, para não deixar de perscrutar atentamente os mares e os ares.

Maria Madalena

I

Todos desejam vê-la... A propria natureza
se orgulha de ter feito aquele jovem ser
que faz de sua vida ardente de mulher
a divina canção do gozo e da beleza.

Seus olhos de veludo... a branca redondeza
do seu corpo ideal, de lirio e malmequer
são chamas de vulcões, gritantes de prazer,
no desencadear duma paixão acêsa.

Na Judéa de outrora a linda cortezã
se entrega radiante, esplendida e sublime
ás loucuras febrís duma vida pagã.

E de tudo querendo apenas compreender
que a luxuria é virtude, a castidade um crime,
sente na propria carne a gloria de viver.

II

E ela pára surpresa... Em plena efervescencia
vibra Jerusalém... Seu proprio coração
apressado se agita — extranha pulsação!
Ouve frases pelo ar de viva transcendencia.

E' a voz de Jesus pregando á multidão,
que promete, febril, com mística eloquencia,
a gloria para o bom numa nova existencia,
e para o pecador a graça do perdão.

Maria Madalena, assim como um comêta,
no seu manto dourado, em extase profundo,
se prosterna, vencida, ante o jovem profeta.

O amor é a redenção de toda a humanidade.
E segue aquela voz que prenuncia o mundo
da Justiça e da Paz, do Bem e da Igualdade.

EDMUNDO MONIZ

A PROPRIEDADE TERRITORIAL E CONSEQUENCIAS

General S. UCHÔA

A terra, qualquer que tenha sido a sua origem cosmogonica, foi e é sempre a mãe e a nutriz dos reinos vegetal e animal que se auxiliam entre si e promovem a demonstração da grandeza dessas forças formadoras existentes no reino mineral, unico havido no começo e que por elas se transforma, em parte, nos dois outros reinos.

Foi a observação desses fenomenos que levou os fetiquistas a estudarem essa terra que, uma vez formada, começou a produzir coisas que antes não existiam, como sendo a — Virgem Mãe — pois, isolada no Espaço, tudo vinha do seu seio.

Não existisse nela força creadora e nada apareceria.

De sua propria origem êles, os fetiquistas, nada sabiam, mas viam que a mulher tinha filhos porque era natural ter, do mesmo modo que a galinha punha ovos sozinha.

Tal era a mentalidade de então e por isso adoravam a Terra como a deusa *Virgem-Mãe* e assim se constituiu o primeiro monoteismo e uma religião — o *gutonismo* ou Culto da Terra.

Só muito depois, com o esclarecimento das idéias, perceberam que uma tal suposição não condizia com os fatos melhor estudados e assim tiveram de dar á Terra um marido — o Céu — de onde vinham o calôr e a humidade; desse modo, ela não era mais que uma incubadora e que as sementes uma vez em seu seio germinavam por efeito desses elementos exteriores.

Eis, ligeiramente explicada a Terra que, se reconhece, não póde ser propriedade de ninguem, pois que sendo uma das transformações da materia, por sua vez deu lugar á existencia dos tres reinos conhecidos que agora vemos combinando-se entre si e sempre a ela obediente.

O mais pretencioso de seus produtos é o homem que, combinando as energias que a êle mesmo deram lugar, pretende dominar e dispôr dessa mãe dadivosa como se êle fosse senhor de si mesmo, quando a verdade é que não passa de um estado de equilibrio instavel ou provisorio dessas mesmas energias que constituem a propria materia.

A existencia universal resulta certamente da ação contínua das energias naturais, por solicitações que, por serem multiplas e complicadas, ainda não podem ser diferenciadas convenientemente, mas cujos produtos em evolução se deslocam segundo uma parabola em cujos ramos se mostram, como em vitrine, desde o ponto de partida até o de chegada á *Cuba das origens*, o éter.

Por isso e como nos parece ser o destino humano, cumpre ao homem beneficiar essa Terra beneficiando os reinos mineral e vegetal, tornando-a assim, o *Eden*, produto de seus labores, auxiliado pelas mesmas energias terraqueas e de que resulta o seu proprio aperfeiçoamento.

E' assim que deve fazer o filho amantissimo como recompensa aos carinhos e dadivas dessa Mãe que não tem maguas desses filhos irrequietos que do seu seio saindo, a êle voltam para se regenerarem no cadinho do aperfeiçoamento.

E' com o homem que as energias da materia se sublimam e apresentam, sob as formas fisiológica e psicológica que se apoiam mutuamente, toda a grandeza dessa Creação que se nota e não se explica.

Apenas, se vê que tudo provem dessa materia em movimento e essa materia, como o Deus dos deistas, é produto de si mesma, não depende de ninguem e a nada obedece senão ás leis que de si mesma emanam: não tem *possuidores* nem tão pouco ha *possuidos*, são formas em mutação.

Sendo isso uma verdade, como surgiu, então, a *propriedade territorial* e se instituiu o falado *direito* respectivo quando a Terra é forma mutavel dessa materia que é livre e age sem consultas?

Reflitamos um pouco.

Formado, o homem precisou de alimentos, de repouso e de abrigar-se das intemperies do tempo e naturalmente fez uso dos frutos, da pesca, da caça e dos abrigos naturais, como foram as furnas, as arvores frondosas, etc.

Em virtude dos mais serios instintos egoistas, os da conservação e de reprodução da especie, viu-se o homem obrigado a procurar satisfação ás suas necessidades onde fosse possivel obte-la e assim o seu pouso não era certo donde resultava ser nomade com todos os seus.

No começo não havia obstaculos á *luta pela vida*, mas depois, com o aumento e crescimento das tribus, começaram os choques e contra choques destas entre si porque apesar da grandeza da Terra, invadiam umas os pousos provisorios das outras e de que resultava a diminuição dos elementos de vida, estabelecendo-se assim as lutas fratricidas, de que resultava a anulação de uma das partes por morte, por cativeiro e por fuga.

A tribu restante ficava imperando e daí firmar-se na posse de uma porção da superficie da terra para ter o direito de viver com os seus na mesma, o que o instinto da conservação im-

punha mesmo que fosse preciso a eliminação dos invasores.

Na idade dos *pitecantropos* e dos que se lhe seguiram imediatamente, essa posse era provisoria, só durava enquanto existissem os elementos de vida, transportando-se os respectivos ocupantes para outros pontos ainda não explorados e assim por deante.

Com o perpassar dos tempos, o homem, por motivos varios, não mais trucidava nem comia os prisioneiros feitos nessas lutas pela existencia, os quais tiveram as suas vidas asseguradas com a condição de passarem a escravos dos vencedores, que lhes transmitiam as obrigações da caça, da pesca, etc., necessarias á manutenção da tribu vencedora.

Com esse fato, os vencedores tiveram lazer bastante para as suas meditações e assim a vida errante desapareceu aos poucos pela observação, pela meditação e experiencia que faziam da reprodução dos vegetais, sua floração e colheita dos frutos, do mesmo modo que acontecia com a domesticidade dos animais que lhe serviam de alimento, donde a possibilidade da persistencia de pouso em uma determinada área desde que na mesma se pudesse conseguir, em porção suficiente e de que o homem precisasse para alimentação sua e dos seus. Surgiram daí a agricultura, a navegação e o comercio.

A posse do terreno que antes era provisoria passa agora a ser permanente e é nesse caso que toma o caráter de *propriedade territorial*.

Até aqui mostramos que a Terra não tem dono e fazendo parte do nosso sistema solar, nasceu para todos, mas a civilização, embora reconheça o fato, tem a obrigação de legislar sobre o caso, afim de regularizar a distribuição da justiça.

Houve um pensador que classificou de roubo a propriedade, mas pelo que havemos dito, não é isso verdade porque é fato natural e justo por ser necessario á organisação social, mesmo no seu inicio.

Além disso, roubo só poderia haver se já existisse donos ou proprietarios legitimos dessas porções ocupadas, mas não havendo, no começo, sociedade organizada nem legislação a respeito, as ocupações eram justas e competiam naturalmente aos mais fortes e tanto mais quanto a Terra era muito grande e quase nulo o numero de seus habitantes.

Com a organização da sociedade, porém, as coisas mudaram porque as tribus desordenadas foram substituidas pelas nações que, regidas por disposições aceitas por todas, a usurpação da posse de terras por pessoal da mesma nação já é considerado crime porque há direitos estatuidos *desde que não prejudicam a coletividade*; se, porém, a usurpação é a *manu-militare* por parte de outra nação, aí é o direito da força e não a força do direito que faz mudar de proprietario quando não, a propria nação.

O Governo de uma nação tem que assegurar a livre manutenção da *propriedade territorial*, mas deve evitar injustiças que tal propriedade possa engendrar.

Sendo a Terra de todos, deve, por isso, ser distribuida equitativamente na proporção necessaria á capacidade de trabalho de cada um, porque partidario do trabalho obrigatorio, como somos, não admitimos que o parasita esteja em igualdade de direitos que o trabalhador.

Mas, a sociedade ou nação não vive só do produto da Terra e assim porções desta devem ser tambem concedidas aos trabalhadores nos diversos serviços que concorrem para a vida e prosperidade da nação.

Se é da Terra que tudo nos vem, compreende-se que dela devemos tratar com carinho e perseverança; entretanto, a Terra inculta ou porções dela, em regiões inhospitas, não podem ter o mesmo valor que as que se acham bem situadas, mas tambem não são cobiçadas por serem longinquas ou de dificil tratamento.

A área de terra cultivada é *riqueza* porque os seus produtos podem ser trocados por outros diretamente ou indiretamente pela *moeda* correspondente, a qual, sendo economizada, constitue o *Capital* e assim, quem possue terra cultivavel possue *Capital*.

Em uma sociedade organizada há muitos serviços e de naturezas diferentes das de cultura da Terra, concorrendo todos para beneficio da mesma, afim de que os seus componentes vivam bem e com todo conforto; ora, esses serviços conduzem á formação de *Capital* do mesmo modo que vimo-lo produzido diretamente da manipulação da Terra, logo esses capitais reunidos e conseguidos dos serviços organizados da sociedade são, pois, de *origem social*, e não podem ser empregados senão nos *serviços dessa sociedade*: não há outro de que cogitar e é esse o destino humano, conservar e aumentar esse Capital legado pelos antepassados e transmití-lo aos vindouros.

Sabemos que cada individuo produz mais que o que consome e assim póde desfazer-se, por troca, desse excesso; e como precisa, para o seu serviço, de artefatos que não produz, vai conseguí-los onde existirem com o excedente que teve na manipulação direta da Terra. *Mutatis mutandis* se passará com todos os produtores.

Em geral, um só homem não póde produzir senão para si e no caso de possuir familia tem de se fazer auxiliar pelos seus membros ou por estranhos, a quem então terá de pagar salario. Daí surgiram as empresas com o fim de substituir o trabalho pesado de um pelo suave de muitos.

Essa empreza precisa, pois, além da Terra, de elementos outros para poder produzir e que são — *Capital* para ocorrer ás despezas com os elementos transformaveis e de maquinas humanas ou mecanicas, isto é, operarios e engenhos mecanicos.

Suponhamos o caso simples do engenho de assucar, onde se vê: o senhor e os operarios dos trabalhos de preparação por produzir, cultura, colheita e fabricação do açucar, etc.

Há, aqui, a considerar o senhor, operarios e utensilios que precisam estar em harmonia para que a renda liquida seja igual á renda bruta menos os salarios e as despesas com a

conservação dos utensilios e pagamento dos impostos.

O egoismo e a ganancia dos tempos que se vêm sucedendo, têm feito com que os senhores procurem ter maior renda com o menor esforço e de que o maior prejudicado é o *operario* que muitas vezes não ganha o suficiente nem para manter a si quanto mais aos seus.

Em todo caso, vamos argumentar considerando o operario pessoalmente, desprezando a consideração da familia que não trabalha, mas de que fazemos questão mais adeante. O operario faz questão unicamente de ganhar o suficiente para manter-se com a familia e ter sua casa para residir, porque o mais é com êle proprio, tudo depende dele. Assim, todas as suas reclamações são nesse sentido que não deixam de ser justas e que o mundo inteiro deve tomar a peito, porque ninguem nasce rico por suas proprias forças e todo Capital é produto do trabalho de muitos e não de um só.

Sendo assim, devendo o senhor pagar melhor os que o auxiliam, o saldo livre naturalmente será menor, mas em compensação haverá por parte de seus auxiliares maior empenho na bôa execução dos trabalhos.

Por esse processo não haverá arqui-milionarios senão os grandes empresarios e como é justo acontecer, porque terão maiores possibilidades não só na produção como tambem na satisfação dos salarios desejados.

Por aqui se vê que as áreas da Terra, possuidas, devem ser facilitadas ás grandes emprezas, mas em quantidade suficiente ás suas necessidades, porque não se compreende a posse de áreas que se não podem cultivar, prejudicando assim a constituição de novas emprezas. Procedendo a nação desse modo, ficam consequentemente extintos os latifundios, haverá a constituição de novas emprezas e maior arrecadação de impostos.

As emprezas continuarão na posse de seus capitais para a conservação dos seus serviços, os operarios serão melhor remunerados e a nação com mais possibilidade para a transformação da Terra em um *E'den* onde as dôres do mundo sejam em menor escala.

Pois bem, é essa reclamação constante do operario contra a ganancia dos emprezarios que constitue o que se chama *questão social*, a qual apezar de social se reduz á méra *questão economica*.

Se a nação mantem o seu funcionalismo civil e militar debaixo de uma ordem apreciavel e que sempre obtem, de quando em vez, o denominado *reajustamento* de acôrdo com a dignidade social, por que há de fechar os olhos á questão dos operarios, dessa classe de que tiramos os recursos para a permanencia da vida social?

A' primeira vista, parece que os operarios deverão ficar satisfeitos se lhes derem, na escala social, o mesmo lugar que compete ao funcionalismo oficial e remunerados convenientemente pelos emprezarios, porque no fim de contas todas as funções, todos os trabalhos são em pról da sociedade cujo governo deve contar com a quase totalidade dos capitais parciais, embora fiquem esses sob a direção dos emprezarios e como é conveniente.

Mas, para se chegar a esse fim que não póde ser *imediato*, é preciso que o governo ao mesmo tempo que fôr apertando o circulo da atual abastança dos emprezarios com prejuizo do bem estar dos operarios, vá tambem exigindo destes a instrução obrigatoria, a principio relativa á alfabetização e em seguida, á técnica, de modo que todas as possuam, porque só assim poderão ser bons servidores da nação a que pertencem, ficando sem valor a diferença de raças, porque a questão geral é a do *trabalho moralisado*.

Assim, todo aquele que se deixar ficar fóra dessas exigencias só póde ser um descontrolado ou *parasita*, os quais exigem legislação especial.

Quando dissemos haver necessidade da igualdade de condição social dos operarios ao funcionalismo civil e militar da nação, não quisemos falar da igualdade de remunerações o que é impossivel e sim, que todo trabalho sendo feito em pról do aperfeiçoamento geral da mesma, não se deve fazer distinção na dignidade dos mesmos, apenas uns são simples e outros mais complicados, donde surge a necessidade da escolha dos respectivos servidores e da sua divisão em classes, com direito á promoção.

Entretanto, há necessidade de estabelecer o *salario minimo* de acôrdo com a dignidade humana e social, o que não póde ser feito *imediatamente*, é verdade, mas que se deve por leis indiretas ir cercando as liberdades mal compreendidas e caminhar nesse sentido, obedecendo sempre a uma só orientação.

Certamente, com o que havemos dito, não se resolverá de vez esse sério problema, pois que só se póde legislar para o presente, porque o futuro, cada vez mais complicado, fará a sua legislação de acôrdo com as suas possibilidades morais, intelectuais e praticas sem contudo se poder constituir e manter um *estado normal*, como pretende o *positivismo*.

O meio por nós apresentado para elevação da classe operaria é bastante, mas é demorado porque os habitos, usos e costumes inveterados não se mudam de uma vez e por isso achamos que esse processo que apresentamos e que se parece com o que se passa com o uso do *parafuso micrométrico*, consegue o desideratum sem grandes tormentos sociais. Por que?

Porque com a instrução gradual e constante, o operario verifica que lhe assistem mais deveres que direitos e que tais deveres são relativos ao *bem social*, direta ou indiretamente e assim o cumprimento do *dever social* torna-se-lhe tão necessario como a luz dos olhos para vêr; enfim, com o aperfeiçoamento da sua técnica tornar-se-á um digno servidor da humanidade e assim a pratica da vida é bastante para levar as duas classes á convicção da realidade dos dois principios que a moral humana instituiu:

1.º — *O capital é social em sua origem e deve ter aplicação social.*

2.º — *E' necessario que a riqueza tenha uma apropriação pessoal.*

O primeiro principio deve ser considerado *sagrado* porque assegura a ordem moral; e o

Nipões e Coisas do seu Sentimento

Aires de Azevedo

O japonês constitui para os ocidentais um enigma só decifravel para aqueles que se resolvem a estudá-lo pacientemente. Para esses, a comunhão social japonêsa se apresenta sob aspectos sutís, dificeis de assimilar.

Conservando as tradições que lhe aprimoram o caráter, há na vida do nipão deveres de cortezia verdadeiramente surpreendentes. Assim, a morte de um ente querido não é motivo para que um cidadão japonês, por exemplo, se apresente com a fisionomia alterada pela dor. Êle manterá o seu sorriso como o mais elementar dever de educação, pois não deseja de forma alguma perturbar a tranquilidade emocional alheia.

Nesse povo esquisito, tudo poderá parecer absurdo ao exame superficial do observador displicente. O certo, porém, é que na mística japonêsa há estranho perfume de poesia e filosofía delicadissima.

Estas considerações surgem a proposito de um livro bastante interessante de autoria de Lafcadio Hearn, nome que, de certo, para muitos não é desconhecido.

"Filho de mãe grega e pai irlandês, durante muito tempo viveu em varios países da Europa e da America. Partindo para o Nipon, tanto se adaptou ao ambiente que se tornou cidadão do Imperio do Sol Nascente, sob o nome de Kaizumi Yakumo".

Explica-se, pois, a beleza do livro "Nipões e Coisas do seu Sentimento" com o amor entranhado que devotava á terra dos Samurais esse seu filho adotivo.

E o Brasil pôde ter a oportunidade de conhecer esse trabalho, graças a Aires de Azevedo, espirito culto, típo invulgar de homem de trabalho, que não contente com empregar seus dias nos afazeres de seu cargo publico, reserva as horas da noite para o estudo e para nos presentear com uma atraente tradução de "Nipões e Coisas do seu Sentimento."

---

segundo assegura o progresso social, porque sem modificar a atual posse do capital, antes confirma a sua natural e justa apropriação, porque ao governo da sociedade não cabe a direção de negocios particulares, mesmo daqueles que toquem de perto os serviços publicos; só os que tendem com a ordem e segurança nacional é que devem ficar com êle, como sejam os serviços de correios, telegrafos e de defesa nacional.

E' como defesa da ordem social que o governo politico póde e deve intervir, por meio de leis indiretas brandas e persuadidas da moral social, em beneficio do operariado em suas divergencias com seus chefes e nos seus anseios de bem estar.

O tempo se encarregará de demonstrar que a pratica continuada desse proceder levará aos *detentores do Capital* a convicção de que o amor social deve ser a nossa unica preocupação e que êles representam, no respectivo serviço, apenas o papel de méros delegados do governo da sociedade e que o *Capital* que dirigem lhes foi legado pelos antepassados, o qual deve ser aumentado no presente para ser restituido aos vindouros e isso constitue a sua maior gloria.

Certamente, para que não degenere a atividade do Capital, o futuro decretará a *liberdade de testar* como medida asseguradora do progresso, porque assim o Capital ficará sempre nas mãos dos mais capazes moral e técnicamente e os respectivos serviços não sofrerão solução de continuidade.

Eis, o que ligeiramente podemos dizer sobre essa sempre tão mômentosa questão.

BANDEIRA DUARTE

O ano teatral de 1937, para aqueles que vivem a predizer o falecimento contínuo do teatro no Brasil, deve ter sido bem desagradavel.

Se 1937, não foi, a rigor, um ano ótimo e se fatores estranhos conseguiram atrapalhar o entusiasmo crescente de profissionais e amadores, não se póde contudo, recusar aos seus 12 mêses a virtude de terem conservado, com algum brilho em determinadas manifestações, o "fogo sagrado."

*

A rapida resenha do que houve, em teatro, nesse ano, oferece provas repetidas da razão que assiste a todos os otimismos. A simpatia e o apoio que o publico nunca recusou ás muitas companhias que lhe foram apresentadas, nacionais e estrangeiras, obriga a repelir a afirmativa de que o teatro não mais está interessando.

Sete conjuntos nacionais de comedia ocuparam as nossas atenções, uns mais, outros menos: as Companhias Cazarré-Elza-Delorges, (agora transformada em Companhia Elza-Cazarré), Dulcina-Odilon, Jaime Costa e Palmeirim Silva, no Rival; Procopio Ferreira e Alvaro Moreyra, no Regina; Ester, Leão, (luso-brasileira), no Carlos Gomes.

Duas magnificas companhias estrangeiras de declamação visitaram o Brasil, ambas respeitaveis: Renzo Ricci-Laura Adani, dirigida por Bragaglia, com um conjunto e "mises-en-scène" dignas da maxima admiração, e Maria Matos, no Republica.

No teatro de revista tivemos as Companhias Jardel Jercolis e Alda Garrido, no Carlos Gomes; Jararaca e outras, no Olimpia; Luiz Iglesias-Freire Junior, no Recreio, todas nacionais. As estrangeiras, nesse genero, foram as Companhias Cubana, que ocupou o Carlos Gomes, e Portuguêsa, que atuou no Republica, encabeçada por Beatriz Costa, "embaixatriz da graça e do encanto de Portugal".

Vimos ainda: a Companhia Francêsa de Comedias Musicadas, fraca para o teatro em que se apresentou, — o Municipal — ; a Companhia Franca Boni-Italo Bertini, de operetas, no Carlos Gomes, com um conjunto agradavel e exito regular; os famosos "Piccoli de Podrecca", no João Caetano, que reafirmaram aqui, o prestigio mundial que os cerca; Chang, um ilusionista interessante, no João Caetano.

Reaparecendo ao publico, os Irmãos Celestino realizaram, no João Caetano, uma longa temporada de operetas, com espetaculos agradaveis em média e muito bem amparados pela bilheteria.

Santos Carvalho, autor e ator português, apresentou no Republica, em duas noites infelizmente não repetidas, o seu "Teatro Sintético para rir", utilizando apenas dois interpretes em uma peça em tres atos e conseguindo agradar plenamente.

Os amadores, além do concurso aberto pela A. A. B. e vencido pelo Grupo dos Independentes, dirigido por Saddi Cabral e Silvio Mafra, deram diversos espetaculos avulsos, aqui e além, sendo de notar o periodo de realizações que foram levadas a efeito pelos alunos da Escola Dramatica, como prova da eficiencia relativa de seus cursos.

Entre os solistas, destacaram-se Margarida Lopes de Almeida, no seu recital anual de declamação, assistido por uma platéa fina e

entusiasmada; Eros Volusia, a querida bailarina brasileira que conseguiu esgotar a lotação do Municipal, obrigando mesmo muita gente a voltar para casa, sem poder vê-la, e Bertha Singerman, declamadora argentina há tanto tempo ausente dos palcos brasileiros.

*

Quanto ao repertorio apresentado por esses conjuntos, á exceção do teatro ligeiro, em que nada de notavel foi visto, tivemos, no contingente nacional, tres revelações: "Nada", de Ernani Fornari; "O gosto da vida", de Maria Jacinta e "Rio", de Julio Tavares (para respeitar o pseudonimo de um jornalista e intelectual patricio da mais moderna geração). Demonstrações brilhantes de "novos" que muito poderão produzir ainda em beneficio de nossa pobre literatura dramatica, esses tres nomes ligaram-se definitivamente á cena brasileira pelo valor de suas estréas.

Henrique Pongetti, com a sua deliciosa "Uma loura oxigenada" e Jorací Camargo com "Anastacio", completam as bôas obras brasileiras nascidas em 1937.

A colaboração estrangeira deu: "Manicomio", de Francisco Leão, escritor português, tambem estreante, recebido com aplausos gerais pela critica brasileira; "La ruota", "Il ragno", "Tutto per bene" e, a mais curiosa peça que foi por nós vista nestes ultimos dez anos, "L'Aventureiro davanti alla porta", em que Renzo Ricci ofereceu um trabalho genialmente perfeito, igual, em valor, ao que Laura Adani oferecêra, na vespera, com "Scampolo."

*

O opulento ativo não pára aqui, entretanto. Foi aumentado brilhantemente pela audaciosa iniciativa da sra. Gabriela Besanzoni Lage, conseguindo mostrar um conjunto nacional de opera, exercitando um grupo de cantores nossos para lançá-los numa empresa cujas responsabilidades afugentariam qualquer outra menos animosa.

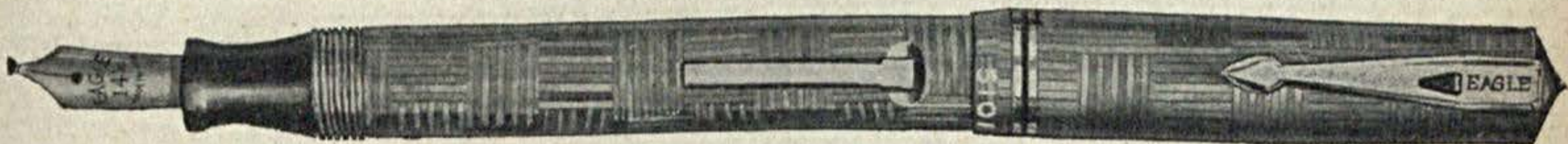
Tratava-se, em verdade, de crear a arte lírica no Brasil, de oferecer uma demonstração publica de nossas possibilidades quanto ao bel-canto.

"Por enquanto os resultados são ótimos, declarou a sra. Besanzoni Lage em entrevista ao "Globo", quando ainda se achava em preparo inicial o seu conjunto. Não se compreende que o Brasil seja o unico país do mundo que não fornece cantores em quantidade e qualidade suficientes para uma temporada lírica. O espirito que me anima é o de provar exatamente o contrario do que se pensa. Para isso conto, não sómente com o amor que tenho á minha arte, e a esta terra, mas muito com o entusiasmo de todos os que vêm auxiliando essa iniciativa."

Poucos mêses depois, sobre a cena do Municipal, por onde tantas glorias da arte lírica mundial têm passado, o conjunto da sra. Besanzoni Lage dava a sua primeira demonstração, logo seguida de outras, conquistando vitorias sucessivas e satisfazendo plenamente as mais severas exigencias. Sucesso de critica e de publico, a Companhia Lírica Nacional foi uma excelente afirmação de valores e vontades, de tal forma que ninguem teve ainda a coragem de lhe recusar os louros justamente alcançados.

*

E 1937 terminou, para o teatro do Brasil, fechado com a chave de ouro que o sr. Getulio Vargas lhe presenteou assinando o decreto-lei que crea o Serviço Nacional de Teatro, organização moldada sobre velhas aspirações da classe, ordenando a execução de todo o programa que a imprensa, pelos cronistas, vem explanando há muito.

Por enquanto é cêdo para qualquer analise. Mas as esperanças de dias ainda melhores, a quase certeza de importantes realizações, através da bôa vontade do presidente da Republica, são meio caminho andado para que o Brasil possúa, muito breve, um teatro ao nivel de sua cultura e de sua civilização.

Quando o Brasil nasceu

PLINIO DE MELO

Aprendi nos colegios que o Brasil foi descoberto no dia 22 de Abril de 1500. Antes, no dia 21, Pedro Alvares Cabral avistou terra. Foi o que me ensinaram e o que ainda ensinam ás crianças brasileiras. Mas, apesar de estar certo de que meu país nasceu para a civilisação nessa época, sou forçado a comemorar esse acontecimento no dia 3 de Maio. Qual será o motivo? Porque a politica assim o desejou. E' pena que, até nos fatos historicos, notemos o dedo da politica.

José Bonifacio, como politico prestigioso, escolheu, em 1822, a data de 3 de Maio para festejarmos o nascimento do revolucionario garoto, que teve varios nomes e terminou sendo chamado Brasil. Sem ser pai, nem padrinho, sem o ter, sequer, visto nascer, Bonifacio quiz intrometer-se na vida desse rebelde pimpolho e encurtou-lhe a idade, como se ele já fosse muito *velho* e tivesse passado da época de casar-se...

Isto me faz lembrar o que li sobre a profissão mais antiga. Certa vez, encontraram-se um arquiteto, um medico e um politico. Discutiram sobre a profissão mais antiga e todos desejavam que fosse a sua.

O cirurgião, que defendia com ardor o seu ponto de vista, declarou:

— Todos sabem que o Senhor creou Eva, a primeira mulher, de uma costela de Adão, o primeiro homem. E foi necessario, para isso, fazer uma intervenção cirurgica. Assim, é a cirurgia a profissão mais antiga, segundo a Biblia.

O arquiteto disse:

— Mas, meu caro, antes de existirem Adão e Eva, o Senhor tirou o Universo da confusão do cáos. Está bem claro que isso é obra de arquitetura.

O medico ouviu o arquiteto e ficou calado. O politico não procedeu ,porém, do mesmo modo. Muito maneiroso, filosofo, fumando seu cigarro, com as mãos cruzadas detrás das costas, andando de um lado a outro, sem se alterar com o calor da discussão, perguntou apenas aos seus dois companheiros de conversa:

— E quem foi que creou o cáos?

Evidentemente, o politico levou a parada. Ficou demonstrado que a sua profissão é a mais antiga do mundo. Pois bem: a politica, desde a creação do globo terrestre, vem se metendo em tudo, embora se esquecendo de que a panela que muitos mexem ou sai insossa ou salgada.

Está em quase todos os compendios de Historia (ha opiniões divergentes) que Pero Vaz Caminha, companheiro de Cabral na bela aventura do descobrimento do Brasil, redigiu de bordo uma carta a D. Manoel, rei de Portugal, dizendo que foram vistas terras em 21 de Abril e que pisaram nas mesmas em 22 desse mês.

Ha um fato, creio que existam ainda muitos, que mata a afirmação de que o territorio brasileiro foi descoberto em 3 de Maio. E' que a 26 de Abril já frei Henrique Soares, de Coimbra, celebrava a primeira missa no Brasil, na pequena ilha da Corôa Vermelha, dentro da enseada de Porto Seguro. Agora, é verdade que foi no dia 1.º de Maio que se ergueu a primeira cruz em nossa Patria, com as armas de Portugal.

Para justificarem essas trocas de datas, valeram-se ainda, entre outras coisas, da fraca argumentação de que houve reforma no calendario gregoriano. Não se pode levar em consideração esse debil argumento. Porque é logico que, se tivesse havido alteração de calendario, ela não somente alcançaria a data em que o Brasil apareceu no seio do mundo, mas tambem a outros, o que não aconteceu.

Além disso, o calendario em apreço manda acrescentar 10 dias, de atrazo, aos acontecimentos historicos. Ora, julga-se que o Brasil tenha sido descoberto a 22 de Abril. Juntamos-lhe 10 dias, que teremos 2 e não 3 de Maio.

E' portanto, necessario corrigir-se logo esse erro historico (será mesmo erro?), pois não está direito que permaneçamos nessa confusão, nessa balburdia: ensina-se nas escolas publicas que Pedro Alvares Cabral nos descobriu no dia 22 de Abril — o que é o certo, o verdadeiro — e festeja-se esse acontecimento em 3 de Maio. Já chegou mesmo o tempo de ensinar ás nossas crianças essa verdade historica, eliminando qualquer duvida que possa surgir.

Guia de Saudades

MATEUS DE ALBUQUERQUE

...Mas é tempo de saír de meu devaneio. Volto á realidade atual. Atravesso a praça da Republica, tomo pela rua do Imperador — praça e rua ligadas uma á outra, apesar dos nomes — e aqui, a realidade não é menos encantadora. Outro milagre desta terra generosa, que tem o dom de transfigurar a realidade, embelezando-a. E' assim que vejo vir ao meu encontro, saindo dentre as gameleiras da rua do Imperador, com uma expressão de surpresa agradavel no rosto, mas sem exuberancia tropical nos gestos, alguem que eu conheci na minha adolescencia...

Era, então, esse alguem ainda um menino e já um rapazinho, não sei si travesso intramuros, porque nunca o frequentei na intimidade, mas, cá fóra, na vida pratica, apresentando um semblante de quem, desde cedo, tomou a vida a sério. Talvez o dom inato de observação e analise; talvez a necessidade de abrir, por si mesmo, seu caminho. O certo é que dêle não se conheciam nem se citavam na aristocracia inteletual da cidade esses pruridos de evidencia ás vezes escabrosa, esses ardentes propositos de chamar a atenção, com que a primeira juventude se presta a alimentar os cronistas de um ambiente tradicionalmente propenso ao romantismo. Tampouco se póde dizer que sua precocidade, em sentido contrario, fosse notavel. Nem rapaziadas excessivas, nem carantonha de jovem sábio. Troças anuais de carnaval, namoros suburbanos, certas fugas hebdomadarias, sem duvida; mas, nem barulhos, nem discursos, nem sonetos. Modestia, delicadeza, equilibrio.

E' curioso observar, sobretudo, como esse rapazinho viesse entrando na vida sem pedir licença á poesia, pelo menos á poesia traduzida em versos. Si êle quisesse perpetrá-la sobravam-lhe, para isso, inteligencia, sensibilidade, sonhos, ilusões, ternuras, impaciencias juvenis e, provavelmente, algum dicionario de rimas. Um certo ar de melancolia, tambem, que se lhe poderia atribuir tanto ao habito da meditação como á influencia do clima. Reserva e discreção, ou, por assim dizer, alimento de poupança, a poesia, nêle, era um fim e não um meio.

Recordo que a primeira vez que o surpreendi em comunicação direta com as musas, foi escrevendo prosa. Conto ou cronica, não me era dado distinguir, nem eu fôra á sua presença por um imperativo literario. O que pude ver, de relance e sem querer, é que se tratava de prosa. Um azar do meu modesto ganha-pão de autodidata levara-me ao escritorio onde êle trabalhava, ali no velho bairro comercial do Recife, precisamente á hora em que aproveitava um momento de lazer para encher os seus linguados. Cautelosamente, com um pudor quase feminino, reuniu as tiras de papel, pô-las sob a pasta, e atendeu-me.

O contista, o cronista, muito jovem e já tambem, como eu, ás voltas com algarismos produtivos, começava; mas, pacientemente, sem ruido. Fino observador, trasladava para a ficção pequenos fatos da vida quotidiana, muitas vezes em seus aspectos mais humildes, porém jámais grosseiros. Não pertencia a grupos literarios, onde a oratoria era ainda o mais vistoso florão, nem pretendia tampouco arvorar bandeira alguma. Por sua delicadeza e diligencia, êle me fazia o efeito de uma abelha sutil, e jámais desdenhosa, que fabricasse o seu mel sem quase nunca se utilizar de seus ferrões. Sua arte era uma mensagem desinteressada e escorreita.

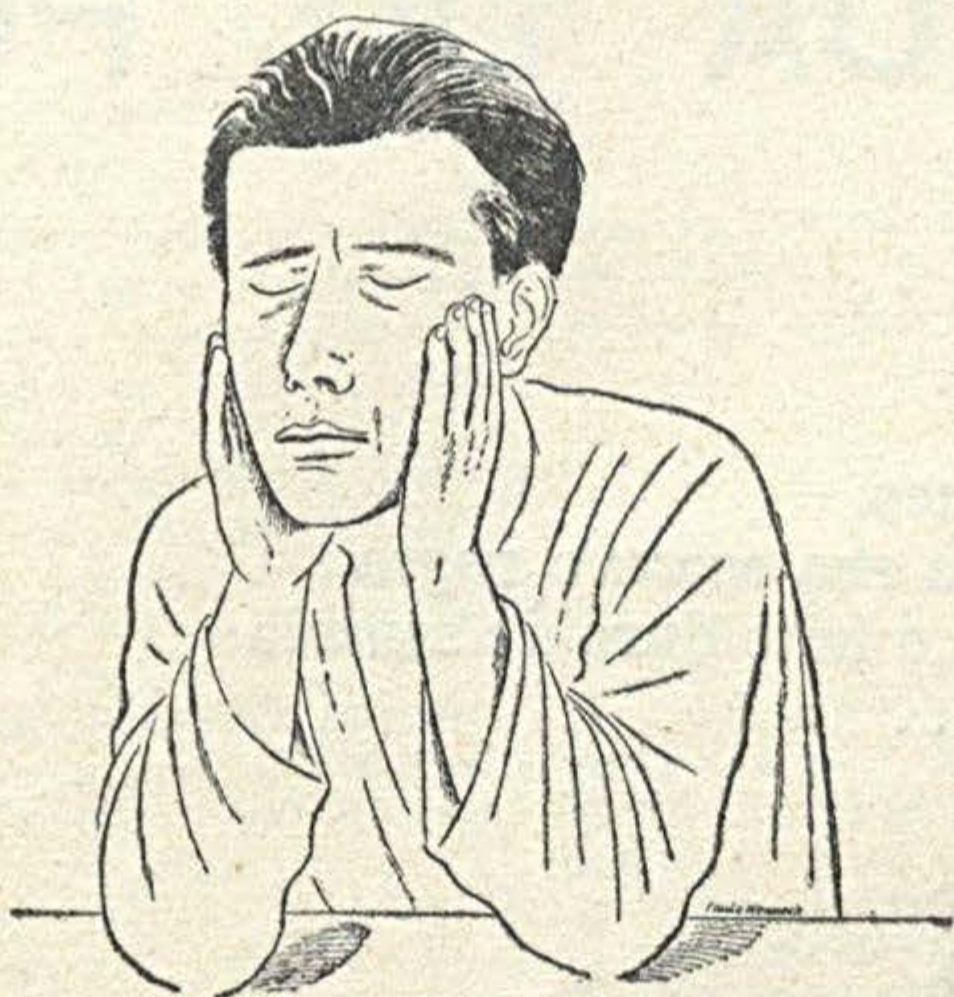
O cronista cresceu, fez-se romancista, tornou-se conhecido no país inteiro, e sempre sem cultivar a publicidade. Nunca foi deputado; nunca fez conferencias; nunca saíu de sua provincia, a não ser em viagens de recreio, como um passageiro qualquer dos paquetes do Lloyd. Coisa rara numa terra onde o escritor não conta com outros esti-

mulos, com outros favores sinão os que decorrem de uma eventual posição politica e social, ou de camaradagem literaria, a mais precaria, aliás, das símpatias humanas. O fato é que a abelha diligente e solitaria se foi pouco a pouco transformando em enxame e o mel já sobra em seus recipientes de crístal.

Seus romances, citadinos ou rurais, são documentos escrupulosos, de uma probidade espontanea, sobre a vida que êle tem visto viver em Pernambuco. Insensivel a paixões partidarias, infenso a preconceitos sociais, impermeavel a qualquer especie de cabotinismo, êle observa o seu mundo, desentranha-o, seleciona-o, separa-o de cipoais e pedregulhos e o restitue sob a forma singela de um depoimento que não escandalisa a ninguem. Romancista de costumes, foge ao pitoresco rebarbativo; pintor de genero, não se limita a reproduzir as degradações morais e fisicas das varias Favelas nacionais, autenticas ou fiticias, onde certos processos novelisticos em voga estão querendo constituir um feudo. Não faz negocio com o monopolio da baixeza e da miseria. E, com ser exato, meticuloso, escorreito, quanta graça natural no dialogo, quanta emoção sem derramamento, quanto flagrante psicológico sem pedantismo!

A mais recente de suas novelas é tipica no genero. Começou por situá-la no bairro mais carateristico do Recife, apesar de esquecido, antes dêle, ou mal visto pela literatura. Até hoje, os ficcionistas pernambucanos, quando se ocupam de sua capital e adjacencias, como teatro de acontecimentos historicos ou imaginarios, gostam de falar de Olinda, da Lingueta, da Bôa-Vista, de Casa-Forte, da Bôa-Viagem, do Teatro Santa Isabel, do Pateo do Colegio e, enternecidamente, do já prestigioso Capiberibe. Entretanto, quanto mais recifense, quanto mais brasileiro mesmo é esse populoso bairro de São José, populoso e populista, quarteirão da pequena burguesia e da gente de "pés espalhados", fervilhante, labirintico, ingenuo e vicioso, onde o heroi do romance, Candinho Tamarindo, encarna a pulhice empertigada, e só com pronunciar, ao acaso, os nomes de dois de seus comparsas, Timoleão Garopa ou Sertorio Madrugada, evoca-se o panorama do pernosticismo nacional!

Este o maior acerto do romancista: dar beligerancia, pela primeira vez, a um bairro muito nosso. O que, porém, mais me encanta neste escritor é o cronista. Ele nasceu cronista, sem o que possa haver de nocivo ou cacete na prolifica especie. Seu ultimo livro de cronicas pernambucanas é um ato do mais fiel carinho filial. Todo o Recife de há trinta anos está ali dentro e nunca mais se extinguirá. Lê-lo é esquecer a ação destruidora do tempo e que a mocidade é privilegio de moços. Li-o devagar, ora voltando a página, ora fechando-o e fechando os olhos para ver melhor, ora com um sorriso de cumplicidade, ora sentindo bater mais forte o coração. Guia de saudades, êle me levou, por fim, a parafrasear o poeta: o homem mais infeliz do mundo é aquele que não tem, ao menos, uma lembrança amavel de sua adolescencia...

Doravante, nenhum historiador de sua terra poderá prescindir deste grande cronista: este grande cronista chama-se Mario Sette.

SERENIDADE

Alumia o caminho ao teu irmão e não cuides que êle distinga quem lhe trouxe luz.

Estende a mão amiga ao que caiu na estrada e não te preocupes que êle não te olhe o semblante condoido.

Dá de beber ao que tem sêde de verdade e não te revoltes si êle esquecer a fonte que lhe restituiu a vida.

Espalha por toda parte, num gesto largo de desprendimento, o amor, a doçura, a alegria de uma palavra sã, o estímulo de um exemplo forte.

Tem para cada dôr um lenitivo, para cada falta um perdão, para cada sofrimento um alivio e não esperes nunca um gesto único de reconhecimento.

Lembra-te que cada beneficio feito já tem em si a sua propria recompensa.

Seja a tua conciencia o teu único juiz e o teu refugio melhor nos momentos de qualquer perturbação. Só assim afastarás de ti o calice de amargura e viverás contente contigo mesmo, porque estarás acima do bem e do mal.

AURORA PAES BARRETO

A LENDA DO POENTE

O Dia
velho senhor branco,
chamou a Noite, a sua escrava negra
e possuiu-a sobre o leito duro de senzala
das montanhas...

O Dia
velho senhor mau,
na carne rija e negra da Noite sua escrava
tatuou com a ponta de fogo das estrelas o seu sinal de posse...
Desde esse dia
quando o Senhor branco chama a Noite sua escrava
a negra vem vindo... vem vindo
humildemente,
fica logo toda nua, vai logo se despindo
e se deita sobre as montanhas para a posse do sol!

E a negra cerra as palpebras negras
de longos cilios negros,
abraça o corpo do Senhor branco com os seus braços negros,

e na hora de êxtase do poente
recebe de repente,
a fecundação luminosa dos astros
no espasmo das nebulosas!.

....

E' por isso que eu vejo em cada poente
uma sombra, uma negra passiva, se deitando
humildemente...

J. G. DE ARAUJO JORGE

Foi arduo o trabalho da critica em 1937. O movimento editorial cresce espantosamente na estatistica e supera mesmo a capacidade de criticar, reduzida que está hoje essa função a uma duzia de homens de boa vontade.

A' grande produção das nossas casas editoras vem juntar-se o contingente das edições particulares, desses herois que enfrentam sózinhos e á propria custa o embate dificil da gloria literaria.

O ANUARIO, na impossibilidade de publicar tudo o que a critica disse dessas obras, limita-se a colher trechos sobre os livros que mais se destacaram durante o ano.

POESIAS

O enamorado da vida — Olegario Mariano — (Editora Guanabara — Rio)

"Esta coletanea ainda nos apresenta o lirico de todos os tempos, alinhado num estilo correto e musculoso, robûstecido nos contagios das conjecturas mais serenas, expostas aos influxos de ideais, que se ampliam e cortam ares num ambiente magnifico de sentidos humanos."

Eloi Pontes

*

Canto da Hora Amarga — Emilio Moura — (Os amigos do livro — Belo Horizonte).

"A poesia do sr. Emilio Moura nasce de comunicativa inquietação filosofica e de irresistivel tendencia religiosa. Sua atitude é de indecisão, ante os misterios da vida e os confusos caminhos do mundo. E' para o céu que volta o pensamento, com aquela certeza de Dante de que o seu fóco está nas alturas."

Jaime de Barros

*

Ondulações — Newton Beleza — (Pongetti — Rio).

"Seguindo os passos do que se convencionou cognominar poesia moderna o sr. Newton Beleza aboliu as imagens; os ornatos das comparações, os recursos artificiais, que os poetas de todos os tempos gastaram. *Ondulações*, desse modo, nos deram os recortes dum temperamento que a cultura modelou. Há, nesta coletanea, mais do que um simples esforço para fixar idéias e emoções fugidias. Há a substancia dum poeta, que o problema social empolgará ainda."

Eloi Pontes

*

Velario — Henriqueta Lisbôa — (Belo Horizonte).

"O que mais me seduz na poesia de Henriqueta Lisbôa é que ela se embebe nas fontes puras do sentimento. Sincera, emotiva, vibratil, a autora de *Velario* se deixa sensibilizar por todas as coisas, fugindo ao intelectualismo, que mata a espontaneidade da poesia. Suas idéias são reações produzidas pelos sentidos.'

Jaime de Barros

*

Recompensa — Judas Isgarogota — (São Paulo).

"... Lendo os poemas de *Recompensa* sentimos alguma coisa acima dos simples motivos de simpatia intelectual. Sentimos como que uma identidade de sentimentos, que nos leva a alistar o poeta entre os que se destinam a constituir a ala de resistencias á especie de onda de estupidez que nos assoberba. O senhor Judas Isgarogota é um renovador."

Eloi Pontes

*

Poesias escolhidas — Atilio Milano — (Pimenta de Melo, Rio).

"A duvida filosófica se confunde com a duvida religiosa, nos poemas do sr. Atilio Milano. Ao fatalismo a que não consegue fugir, ás indagações febris do pensamento, opõe a idéia de Deus, receioso de que lhe fuja a ultima esperança, a derradeira crença. Para reanimar-se dos sofrimentos e dos desenganos, lembra-se de que na prece *o corpo cai, mas a alma se levanta."*

Jaime de Barros

*

Um violino na sombra — Guilherme de Figueiredo — (Pongetti — Rio).

"O sr. Guilherme de Figueiredo verseja com facilidade, sua frase não sai constrangida, as ri-

mas surgem sem denunciar esforços. As imagens, analogias e comparações aqui ainda têm o gosto romantico. Para idéias banais e mesquinhas, o poeta escolhe formas pomposas. Falta-lhe realismo. As paisagens, que aqui surpreendemos, são meramente verbais, isto é, não nasceram da meditação e da análise. *Um violino na sombra*, dá-nos reflexos constantes de leituras. O poeta tira pouco de si mesmo. Percebe-se-lhe uma experiencia ingenua, que espalha otimismos sem raizes. Para o senhor Guilherme de Figueiredo, a vida não passa duma perpetua contemplação de cenarios, onde não se notam desconcertos."

Eloi Pontes

*

Livro de poemas de 1935 — (Henrique Carstens e Odilo Costa Filho — Rio).

"Os poemas dos srs. Henrique Carstens e Odilo Costa Filho nasceram desse conflito de duas conciencias que se sentem ameaçadas pelas perturbadoras e deliciosas tentações da vida e do mundo. Uma e outra cedem, mas cheias de um desespero que se transfunde em versos que são orações. Um e outro parecem lamentar que se enchesse o mundo de tantos encantamentos, para pôr em rude prova a fragilidade da pobre argila humana. Suas poesias parecem lamentos de almas religiosas que se deixaram cair em tentação e reconhecem que é impossivel voltar ao ponto de partida."

Jaime de Barros

*

Poesias escolhidas — Manuel Bandeira — (Civilização Brasileira, editora — Rio).

"Feliz iniciativa a do sr. Manuel Bandeira, reunindo em volumes as suas melhores poesias.

Encontramos agora concentrado tudo quanto êle escreveu acima de épocas, de tendencias, de escolas, de modas literarias, para resistir ao tempo e incorporar-se definitivamente ao patrimonio poetico da lingua brasileira.

São poemas compostos quase todos nesses momentos raros de emoção transfiguradora, em que o poeta, como um Deus, crêa mundos. Sente-se palpitar em cada verso o coração do artista. As rimas cantam e murmuram como agua rolando da fonte, as imagens põem em relevo e iluminam sentimentos e idéias.

Os versos do volume, excetuados apenas alguns da parte final, foram selecionados com um instinto poderoso que distingue e classifica o que há de mais belo e estão impregnado da mesma recondita harmonia, da limpidez e da luminosidade da alma do poeta."

Jaime de Barros

*

Paisagens sonoras — Faustino Nascimento — (Pongetti — Rio).

"Os poemas liricos, onde o sr. Faustino Nascimento nos fala de idilios e sonhos, conservam esse tom, entre ingenuo e sentimental. *Paisagens sonoras* parecem o cartão de visita dum espírito, que se empluma para outras aventuras. Devemo-las aguardar. Na atualidade a poesia atravessa uma crise de incertezas, que mal concede calma e paciencia aos que meditam."

Eloi Pontes

*

Serenidade — Osorio Dutra — (Pongetti — Rio).

"Decididamente, *Serenidade* é um belo livro, digno de seu autor, porque digno, em tudo e por tudo, das magnificas obras com que vem enriquecendo o nosso patrmonio literario."

Zuleika Lintz

ROMANCES

Pureza — *José Lins do Rego* — (Liv. José Olimpio Editora, Rio).

"Ha um contraste na prosa de José Lins do Rego: uma linguagem excelente e um estilo ruim. Sua linguagem é o que há de bom; muito saborosa, popular sem ser populista, realmente viva. Seu estilo é uma tristeza. Um estilo sem ritmo ou com um ritmo de bicicleta enferrujada que é preciso pedalar com força, continuamente. Escrever é uma função social. José Lins não escreve apenas para se desabafar. Escreve para ser lido, para influir sobre os outros homens com a sua experiencia da vida, para revelar através de um romance, sua visão da realidade, colocar os problemas a seu modo, dar o seu palpite no jogo das coisas. Nesse caso êle tem de aperfeiçoar o seu instrumento de ação, tem de reconhecer a necessidade de ser um bom profissional, de fazer a sua tarefa com eficiencia."

Rubem Braga

*

Capitães de areia — Jorge Amado — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Vemos desfilar neste livro, bandos enormes de crianças abandonadas, maltrapilhas e famintas, como um bando do exercito da fome. Roubam, matam, brigam, e moram sob a luz do luar num velho trapiche abandonado...

Os *Capitães de areia* vivem. Vivem nas páginas do livro do sr. Jorge Amado, uma vida movimentada e horrivel, com suas cenas de uma beleza comovedora, contrastando com as cenas tocantes de outros trechos.

Capitães de areia é um livro humano, que deixa a gente pensativa..."

F. A. de Faria Sobrinho

*

O amanuense Belmiro — Ciro dos Anjos — (Os amigos do Livro — Belo Horizonte).

"*O Amanuense Belmiro* é um livro triste.

O humorismo extraído de Machado agrava essa melancolia.

Não se póde contestar o seu direito a essa atitude. Ao contrario, é preciso considerá-la legitima e esperar que com os seus magnificos dons de escritor, o romancista, pela evolução da sua tristeza, chegue, em livros posteriores, á redenção, unico principio capaz de dar logica ao mundo e á vida."

Pinheiro de Lemos

*

Ponta de rua — Fran Martins — (Pongetti, — Rio).

"Livro bom e que revela um autor honesto, profundo, com um cunho poetico verdadeiramente notavel."

Fritz Teixeira de Sales

*

Suburbio — Nelio Reis — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Nelio Reis é, louvavelmente, livre de tendencias. O seu romance não visa finalidade alguma que não seja puramente literaria.

E' um sintoma favoravel. E como, além disso, o romancista sabe construir os seus dialogos e é capaz de cenas humoristas excelentes como a do baile, cremos que êle póde encarar o futuro com confiança e perseverar na sua orientação pessoal, vencendo o combate que marca o seu primeiro livro."

Pinheiro de Lemos

*

Rua do Siriri — Amando Fontes — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Em *Rua do Siriri*, o sr. Amando Fontes expõe, com um asseio de estílo que parecia impossivel em semelhante tema, os aspectos mais dolorosos da prostituição em Aracajú. Todo o livro é uma serie de quadros sucessivos, em que o autor de *Os Corumbas* procurou concentrar toda a sua capacidade de observação. O romance começa e se extingue com a degradante celebridade da rua que lhe deu o nome. Alguns quadros são apenas manchas. O sr. Amando Fontes evitou as côres violentas. Fugiu, com frequencia, á realidade aparente e brutal, para descer mais fundo na alma dolorida das infelizes creaturas que passeiam no seu romance: Mariana, Tita, Esmeralda, Belisana, Nenem, Angelina, Almerinda, Rosa, Madá, Djanira."

Jaime de Barros

*

Experiencia — Martinho Nobre de Melo — (Liv. José Olimpio Editora, Rio).

"Cheia de equivocos e contradições é a parte espiritual de *Experiencia*, porque não há sinceridade no narrador, sempre levado a tudo dramatizar; sente-se nêle muito postiças as preocupações místicas do final, em franca oposição com o amoralismo patenteado ao longo da narrativa."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Morro do Moinho — Martins D'Alvarez — (Pongetti — Rio).

"E' um romance forte, bem detalhado, escrito com técnica, sem demasias, de pura observação."

Mario Poppe

*

Gado Humano — Nestor Duarte — (Pongetti — Rio).

"Lendo *Gado Humano*, estamos como que ouvindo a voz do sr. Nestor Duarte, contando-nos histórias, descrevendo-nos as condições da vida rural, na Baía, dando-nos algumas informações sobre a sua geografia humana."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Mundos mortos — Otavio de Faria — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Com todos os requisitos de sinceridade, de coragem, de intrepidez intelectual que *Mundos mortos* patenteam o sr. Otavio de Faria não fez um grande romance, sequer um bom romance."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

O Joquete — Origenes Lessa — (Companhia Brasil Editora — Rio).

"O sr. Origenes Lessa é romancista. O nervo da narrativa, a sua trama cerrada, o desenrolar dos acontecimentos e o proprio estílo, embora tenha este por vezes uns toques de jornalistico, o revelam capaz de crear. Romancista sobretudo de vida interior. A parte descritiva e os dialogos do livro são fracos, mas a evolução psicológica é bem conduzida, mostra dons de introspeção, de análise."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Caminho de pedras — Raquel de Queiroz — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Com palavras de todos os dias, com uma sobriedade rara, a sra. Raquel de Queiroz consegue fixar o drama que é a morte de uma criança, pô-lo diretamente sob os olhos dos leitores. Nada de frases; mas que intensidade de emoção: e que minucia quase cruel na descrição..."

Otavio Tarquinio de Sousa

A Barragem — Renez Mariz — Rio.

"De qualquer modo, porém, *A Barragem* é um livro que se lê com agrado que interessa, um livro que possue sobretudo uma virtude rara: a da simplicidade."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Musica ao longe — 2.ª ed. — (Livraria do Globo — Porto Alegre).

"Erico Verissimo não cede á tentação de concluir ou de doutrinar. Afasta-se dos livros e deixa que as suas criaturas vivam. De vez em quando, algumas desandam a externar opiniões pessoais, ás vezes perigosas, na bela harmonia imparcial do romance. Mas logo do proprio livro se levanta outro e contesta e discute. Está salva a responsabilidade do romancista, quase diriamos, a honra do literato que imaginou e executa um tão elevado e arduo ideal de arte e de verdade."

Pinheiro de Lemos

*

A terra come tudo — Luiz Martins — Rio.

"*A terra come tudo* é uma história comovente. Nela retoma Luiz Martins o tema que tanto o impressiona, a prostituição como fator de decadencia social. O processo é completamente diferente do de *Lapa*. Os planos são diferentes nos dois livros, mas a dôr é a mesma, a revolta é a mesma, e tambem é a mesma a emoção."

Tarsila do Amaral

*

Brejo — Cordeiro de Andrade — (Athena Editora — Rio).

"Livros como o *Brejo* mostram que há, dentro das nossas fronteiras, quando menos, duas civilizações e duas culturas. Mostram ainda que, se houvesse juizo entre os politicos, o governo da Republica não deveria cuidar, durante muitos anos, de outro problema senão do saneamento moral e da remodelação das normas de trabalho ao Norte do Brasil. E' uma vergonha que, após quarenta e tantos anos de Republica, o trabalhador nortista seja ainda o abandonado social que os romancistas nos afirmam que é."

Plinio Barreto

*

Bagunça — Iago Joé, 2.ª ed. — (Emp. Editora J. Fagundes — S. Paulo).

"E narra de uma forma admiravel. Cada adjetivo empregado é o proprio. Cada periodo atesta o escritor. Cada página é um novo encanto. Cada capitulo uma obra de arte. E o livro todo é um livro que ficará nas letras brasileiras pela intensidade da ação e pela vida dos personagens, que se materializam como se estivessem presentes aos nossos olhos, a falar e a mover-se, reais, em carne e osso, ao mesmo tempo com uma alma colhida por penetrantes, agudissimas psicologias."

Rubens do Amaral

*

Memorias de Simão, o Caôlho — Galeão Coutinho — (Editora Cultura Brasileira — São Paulo).

"Foram as deliciosas *Memorias de Simão, o Caôlho* que me arrastaram, ainda uma vez, a meditar no destino de alguns escritores notaveis que trabalham na imprensa e têm maior orgulho da profissão de jornalistas. O sr. Galeão Coutinho escreveu este livro, que tornaria celebre qualquer escritor, na sua banca de redação, entre um comentario politico e uma nota sobre economia e finanças. Considera-o, mesmo, com desdem, um sub-produto da sua inteligencia.

Pois esse sub-produto, que alguns escritores não conseguem após anos e anos de esforço continuo e insano no trabalho manual das letras, é um grande livro.

Simão, o Caôlho, é uma creação. Êle concentrou sua poderosa visão num só olho, para que um não distraísse o outro. E vê tudo. Vê, como um maravilhoso psicólogo, sua propria vida e a que em torno dêle se agita e tumultua. Suas legendas são de Le Comte e de Beaumarchais. Do primeiro, recolheu esta: "Qui t'a donné une philosophie aussi gaie?" E do segundo: "L'habitude du malheur. Je me presse de rire de tout, de peur d'être obligé d'en pleurer."

Jaime de Barros

*

Sêrtão Bravio — Jaime Sisnando — (Pongetti, Rio).

"As personagens do romance são infelizes á mingua de compreensão da vida. Nem mesmo há aqui a substancia duma análise de origens dos males que desencadeiam o drama. O sertão do sr. Jaime Sisnando é um sertão acabadinho, com molduras douradas e coloridos catitas. Os sertanejos parecem individuos da cidade, vestidos a caráter . . . Gostariamos que houvesse mais realidade em tudo isso, ainda que o romancista não fugisse aos excessos da violencia."

Eloi Pontes

*

Safra — Abguar Bastos — (Liv. José Olimpio Editora, Rio).

"Neste romance encontramos toda a vida da Amazonia, reproduzida em paineis movimentados e realistas. As velhas crenças, as abusões, os

engodos, os vicios, os enredos, a melancolia das fomes, que os recursos da alimentação pobre iludem, os amores rudes, grosseiros, sem substancia de ideais, a tragedia dos dias sem esperanças, as lutas estereis, os crimes sem motivos, os odios estupidos, os rancores que os contrastes economicos fermentam na inconciencia geral, eis a substancia destas páginas. Ditos assim, em prosa rude, esses problemas perdem os encantos. O sr. Abguar Bastos, entretanto, deu vida intensa, valor imprevisto, intensidade espiritual a tudo isso, de modo extraordinario."

Eloi Pontes

*

Classe media — Jader de Carvalho — (Edições reunidas — Recife).

"Foi o que fez o sr. Jader de Carvalho, que acaba de publicar *Classe media*, no Ceará. Este romance envolve já os episodios da ultima revolução. Aqui temos as imagens de quantos se expuzeram aos castigos e rancores das derrotas, nos pontos longinquos do país. O romancista não concatenou uma história seguida, com cenas articuladas e personagens, que entram e saem ao sabor da técnica. Preferiu associar uma série de episodios, formando uma especie de painel, onde se distribuem os elementos necessarios aos intuitos das reconstituições. O senhor Jader de Carvalho coloca-nos deante dos olhos diversas vidas, que se cruzam, no curso de destinos mais ou menos análogos. Apresenta-nos o panorama das impaciencias, que geram os dramas anonimos."

Eloi Pontes

*

Incenso e Polvora — Iago Joé — (Empresa Editora J. Fagundes — S. Paulo).

"Há poucos anos louvamos a *Bagunça*, do sr. Iago Joé, vindo de São Paulo. Esse romance revelava-nos alguem. Estilo pitoresco, distribuição ótima de cenas, recórtes seguros de personagens, foram qualidades que notámos. O sr. Iago Joé é mesmo prosador dextro, limpido e rico em efeitos verbais. Depois de *Bagunça* êle fez longa pausa. Agora reaparece com *Incenso e Polvora*, história que reconstitui, com vivos de ironia a revolução paulista. O sr. Iago Joé enquadra as personagens numa pequena vila do interior, fixando-lhes os pequenos estigmas com minucia."

Eloi Pontes

*

Eutanasia — Januario Cicco — (Pongetti, Rio).

"O romance porém, é o genero literario que tudo acolhe, excetuando-se apenas os escritores mediocres. Certo por isso conseguimos atravessar os capitulos de *Eutanasia*, do sr. Januario Cicco, sob influxos de constante interesse. O titulo delata os propositos do romancista. Não há muito tempo o problema da eutanasia esteve muito em fóco. Os medicos depuzeram. Os leigos opinaram. Póde-se reconhecer o direito de apressar a morte dum enfermo irremediavelmente perdido, que ainda vive só por efeitos de artificios? O sr. Januario Cicco coloca neste romance algumas personagens que discutem a tése ao longo dos capitulos. Não há aqui nenhuma ação. Não ha tampouco paisagens. Menos ainda cenarios pitorescos. Há longos debates. Escrevendo com dextreza, agilidade e argucia o romancista arquiteta cenas, discute, conjectura com grande poder de sedução."

Eloi Pontes

*

Seiva — Osvaldo Orico — (Editora Nacional — Rio).

"*Seiva*, de Osvaldo Orico, tambem cede á tentação de contar a Amazonia aos caboclos da beira do mar. O livro descreve, sucessivamente, pratos da cozinha amazonica, as lendas em torno do uirapurú e das muiraquitans, as concessões americanas, a história dos tamba-tajás, o massacre das garças, o apologo do taperebazê e do jaboty, a esperteza da aninga, e o putirum. Mas não se póde censurar o escritor por isso, de tal modo se conjugam a sua facilidade narrativa e a nossa curiosidade."

Pinheiro de Lemos

*

Mara — Martins Capistrano — Rio.

"Apesar das suas penas romanticas, as personagens são criaturas felizes, que ignoram o mundo moderno a tal ponto, que alguns automoveis e alguns radios que atravessam a narração têm um ar desageitado de anacronismos.

Todo o progresso é intruso no mundo tranquilo de *Mara*, que Martins Capistrano descreve suavemente, sem amarguras nem incertezas, muito de acôrdo consigo mesmo."

Pinheiro de Lemos

*

Xarqueada — Pedro R. Wayne — (Guanabara — Rio).

"Há pruridos de propaganda libertarista em *Xarqueada*. Mas há, sobretudo, um grande, profundo sentimento da angustia humilde. Até da angustia das rêses condenadas como se viu do fragmento citado. Mas, sobretudo da angustia dos seres como nós, que têm uma alma imortal e a civilização reduziu á condição de rêses quase.

Do sr. Pedro R. Wayne tudo há a esperar pelo esplendor do novo romance brasileiro. Sobretudo, se conseguir escapar á fascinação de ideologias dissolventes, que lhe farão perder de vista, se não souber dominá-las, o sentido total do drama humano do presente."

Tasso da Silveira

CONTOS, NOVELAS E CRONICAS

Bonitas e feias — Sebastião Fernandes — — Rio).

"O novo livro do sr. Sebastião Fernandes vem confirmar suas excelentes qualidades de escritor. Com espirito inquieto e imaginação fertil, compôs uma serie de contos, num estilo vivo e nervoso."

Jaime de Barros

*

Histórias de todas as côres — Luiz Gurgel do Amaral — (Pongetti, Rio).

"O novo livro do sr. Luiz Gurgel do Amaral mostrou que êle apurou ainda mais a simplicidade comunicativa do seu estilo, que nos aproximou do seu espirito desde *Contos Fóra do Tempo* e de *Visões do Ano Santo*. Creio que lhe poderiamos exigir, depois de *História de todas as côres*, um volume de *Memorias*. O genero se lhe ajusta de maneira perfeita ao seu extraordinario poder de evocação e aos seus dons fidalgos de narrador."

Jaime de Barros

*

Enquanto ela dorme — Ernani Fornari — (Pongetti, Rio).

"Quem ama as sensações fortes e gosta de passar minutos angustiosos, deve ler as cento e poucas páginas em que o sr. Ernani Fornari descreve a ultima noite de um desgraçado perseguido pela insonia. O drama é quase todo intimo, desenrola-se na cabeça e nos nervos do infeliz, mas é de uma intensidade extraordinaria. Prende mais que se fosse tecido de uma série de peripecias engenhosamente combinadas, para manter a curiosidade do leitor sempre aguçada."

Plinio Barreto

*

Espelho de Tres Faces — Afonso Arinos de Melo Franco — (Edições e Publicações Brasil — S. Paulo).

"Possue o sr. Afonso Arinos de Melo Franco uma invulgar disposição para escrever. Muito moço ainda, já é grande a lista dos seus trabalhos, entre os quais se destacam tres estudos em que revelou fortes pendores para a investigação de caráter social e politico.

Espelho de Tres Faces é um dos melhores livros de cronicas ultimamente publicados no Brasil. Em suas páginas se refletem idéias, pensamentos, imagens de uma inteligencia poderosa."

Jaime de Barros

*

Sem rumo — Ciro Martins — (Ariel, editora — Rio).

"*Sem rumo* poderia, por si só, abonar todos os modismos do linguajar do Rio Grande do Sul. E' uma mina para os dialetologistas. Vou transcrever ao acaso uma das páginas da novela: ela póde servir de amostra das segurança com que Ciro Martins sente e transmite ao leitor o ambiente, a alma dos seus pagos."

Manuel Bandeira

*

Histórias do bem e do mal — Tristão da Cunha — (Sociedade Felipe d'Oliveira, editora — Rio).

"O sr. Tristão da Cunha é comportadissimo. Não lhe enrugam as análises nem os soluços ironicos dos analistas e menos ainda os desencantos dos observadores. A prosa do sr. Tristão da Cunha é correta. Sua maneira de encarar a vida tem as tranquilidades das idéias feitas sob medida."

Eloi Pontes

*

Palco giratório — Tetrá de Teffé — (Alba, editora — Rio).

"Todas essas conjecturas nos perseguiam á medida que voltamos as páginas do *Palco giratório*, da senhora Tetrá de Teffé (Alba, editora, Rio). Temos aqui uma coletanea de pequenas cronicas, escritas dia a dia, para a imprensa, impostas pelas necessidades invenciveis de surgir em publico. A prosa da sra. Tetrá de Teffé tem grandes analogias com as borboletas, que não se demoram nunca nas mesmas folhas, voam inquietas, dando a impressão de constante curiosidade insatisfeita. Falta-lhe os sentimentos conjecturais, que as meditações despertam."

Eloi Pontes

*

Cronicas da Provincia do Brasil — Manuel Bandeira — (Civilização Brasileira, editora — Rio).

"Não é facil dizer tudo o que se tem para dizer a proposito dum livro como este. Há aqui de tudo. Sempre diremos, porém, que preferimos o sr. Manuel Bandeira quando evoca pessoas e fatos de seu conhecimento real. As cronicas sobre coisas antigas, amparadas nas leituras, perdem a graça ironica e a vivacidade. O sr. Manuel Bandeira está mais a gosto quando interpreta os colegas, reflete amarguras e dá noticias dos passos de sua vida. Relemos um lance ao acaso, dessas cronicas e ficamos imaginando a ironia com que o sr. Manuel Bandeira disfarça os louvores de certos estilistas tati-bitates."

Eloi Pontes

HISTÓRIA

Os Andradas na História do Brasil — João Dornas Filho — (Belo Horizonte).

"Possue o sr. João Dornas Filho, qualidades de escritor que não deveriam ser assim comprometidas numa premeditadâ limitação de hori-

zonte, que a cegueira do odio ainda mais diminue e agrava. Agil no estilo e dispondo de conhecimentos apreciaveis, prejudica com um faciosismo intolerante sua reputação de escritor."

Jaime de Barros

*

Páginas da História do Brasil — Serafim Leite — (Brasiliana — Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"O livro do padre Serafim Leite vem retificar ou refazer varios pontos de nossa história, entre os quais as relações de João Ramalho com os Jesuitas e a mudança de Santo André da Borda do Campo para São Paulo de Piratininga, a atividade politica de Nobrega, os começos da instituição no Brasil."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

História Social do Brasil — Pedro Calmon — (Brasiliana — Companhia Editora Nacional — São Paulo).

"... é livro de grandes qualidades, vivo, movimentado, que transforma frequentemente o leitor em espectador, pela ilusão que lhe dá de que está assistindo, de que está vendo o que se desenrola na narrativa."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

História Economica do Brasil — Roberto C. Simonsen — (Brasiliana — Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"*História Economica do Brasil* é um livro de grande probidade."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

No rolar do tempo... — Alberto Rangel — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Neste livro rico de informações para historiadores e sociólogos, está em alguns traços mais carateristico o Brasil entre a independencia e os meiados do seculo XIX. Com êle, o sr. Alberto Rangel deu mais uma prova de que, ausente, tem sempre a sua terra como o maior dos cuidados de sua vida de escritor."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

História do romantismo no Brasil — (1500 a 1830) — (Edições Cultura Brasileira S. A. — S. Paulo).

"As vastas proporções da obra revelam, por si só, o gosto da pesquisa e a paciencia do autor. Qualidades imprescindiveis a quem se dedica á história literaria, dificil em toda a parte e principalmente entre nós, onde escasseiam os documentos. E o teôr do livro já editado confirma esse juizo *a priori*. Seguindo o exemplo de Silvio Roméro, cuja influencia parece ter sofrido de modo decisivo, o sr. Haroldo Paranhos analisa longamente todos os autores de que trata. Parece ter lido muito, ter examinado detidamente os dados biograficos."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

O Fico, Minas e os mineiros na Independencia — Salomão de Vasconcelos — (Brasiliana, Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"*O Fico, Minas e os mineiros da Independencia* é livro de boa documentação e que vale tambem pelas biografias resumidas das principais personagens que atuaram na época estudada."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

A cabanagem — Dilke de Barbosa Rodrigues — (Pongetti — Rio).

"A senhorita Dilke de Barbosa Rodrigues, bisneta de Angelim, escreveu-lhe a história, reconstituindo o motim da *Cabanagem*, com um comovedor proposito, onde se encontram os estigmas duma grande sensibilidade e as virtudes de ótimo poder de evocação."

Eloi Pontes

ESTUDOS CRITICOS, ENSAIOS E BIOGRAFIAS

Nordeste — Gilberto Freire — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Nas contingencias um pouco precarias da atualidade o autor do *Nordeste* póde ser incluido entre os que melhor escrevem e sabem expôr com limpidez, energia e segurança de tons. Os livros do sr. Gilberto Freire nunca são frivolos. Dito isto não prosseguiremos. Para que acrescentar ainda?"

Eloi Pontes

*

Brejos e carrascais do Nordeste — Limeira Tejo — (Edições Cultura Brasileira, S. Paulo).

"*Brejos e carrascais do Nordeste* formam um punhado de sugestões da mais viva atualidade. Isto seria pouco se não tivessemos de citar ainda os processos de análise e o estilo, que apresentam, já agora, o sr. Limeira Tejo como um dos melhores escritores do Brasil contemporaneo."

Eloi Pontes

Documentario do Nordeste — Josué de Castro — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"O sr. Josué de Castro escreve com asseio, numa prosa limpida e transparente que há de lhe assegurar sucesso melhor ainda em obra de maior folego. Sua cultura é inquieta e variada, dirigindo-se de preferencia, para a critica de problemas sociais. A circunstancia acrescenta imenso as energias de suas análises e justifica o interesse de quem as lê. *Documentario do Nordeste* é um livro ótimo, nas suas linhas essenciais. As divergencias que a leitura desperta não chegam a desmerecer as emoções agradaveis que a mesma estimula."

Eloi Pontes

*

A questão da frequencia infantil aos cinemas — Dante Costa — (Rio).

"Nada mais sagrado e nada mais delicado do que a sensibilidade de uma menina. Para resguardar a infancia, poupando-a dos choques emocionais que o cinema expõe, o sr. Dante Costa, em quem o homem de letras não deixa na penumbra o profissional conciencioso, sugere varias medidas e aponta lucidamente os inconvenientes da divisão de menores adotada pela legislação brasileira."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Teatro — Osvald de Andrade — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Osvald de Andrade é uma das figuras mais desconcertantes das nossas letras. Sua obra está, como nenhuma outra da moderna literatura brasileira, impregnada de sua vida. Ronald de Carvalho definiu-o bem quando disse que êle *é um generoso incendio em marcha* e acrescentou que possue *o dedo agil dos creadores, dos homens tumultuosos que estão acima do bem e do mal.*"

Jaime de Barros

*

Letras mineiras — Eduardo Frieiro — (Os amigos do Livro — Belo Horizonte).

"*Letras mineiras*, já agora, se incluem entre os mananciais da erudição sem atitudes. A rigor teriamos que repetir tudo quanto escrevemos a proposito de outros livros do sr. Eduardo Frieiro. Trata-se dum escritor que realiza tudo sem ruidos inuteis ou pompas de anuncios. Isto vale por todos os elogios, nos tempos presentes..."

Eloi Pontes

*

D. H. Lawrence e outros — Engenio Gomes — (Livraria do Globo — Porto Alegre).

"O livro de Eugenio Gomes chama a atenção para a Inglaterra, suscita o interesse pelas experiencias dos seus escritores. E por isso, além do mais seja êle bemvindo."

Pinheiro de Lemos

*

O Português no Brasil — Renato Mendonça — (Civilização Brasileira, editora — Rio).

"*O português no Brasil* levanta as pedras duma barricada, que vinha sendo imposta pelos que querem retomar tradições, cujos élos se partiram de longos anos."

Eloi Pontes

*

Novas cartas persas — Viana Moog — (Liv. do Globo — Porto Alegre).

"O sr. Viana Moog é, sobretudo, polemista. Escolheu formulas amaveis de polemica. Nem por isso estas páginas sacodem menos os nervos de quantos as percorrem. daí o interesse da leitura. Essa leitura torna-se mais agradavel ainda porque o sr. Viana Moog é um prosador agil e seguro."

Eloi Pontes

*

A educação e seus problemas — Fernando de Azevedo — (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"Livro de idéias, livro de um homem que o longo trato das questões de ensino confere incontestavel autoridade, *A educação e seus problemas* apresenta um conjunto de soluções de que se poderá por vezes discordar, mas a que não se póde acusar de superficialidade ou improvisação."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Problemas do ensino medico e da educação — A. da Silva Melo — (Ariel — Rio).

"Livros como este não armam escandalo senão naquele sentido em que a verdade é dura de ser ouvida. Escandalo que só póde assustar os fariseus, os aproveitadores, os comodistas. Mas já disse, no começo desta cronica, louvando o bom senso do sr. Silva Melo, que não se devia confundí-lo com o conformismo burguês ou a timidez intelectual..."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Aspectos da Cultura Norte-Americana — (Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"*Aspectos da Cultura Norte-Americana* é obra que merece divulgação, maximé nestes dias

confusos em que os extremismos nos disputam, em que para muita gente já se vai tornando ridiculo falar em liberdade, em que as misticas autoritarias de direita ou de esquerda ganham tantos proselitos entre nós."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Vozes do Mundo — *Genolino Amado* — (Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"Do convivio é bem a expressão justa, porque nos ensaios agora reunidos o comercio estabelecido não foi só com a obra literaria: tanto quanto possivel, o senhor Genolino Amado se aproximou dos autores estudados, buscou compreendê-los como homens e tentou fixar até onde a obra explicava o artista, traía ou significava uma reação contra a propria vida do autor."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Castro Alves — Edison Carneiro — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"Muita gente achará muita coisa discutivel nesse livro — mas êle diz algumas coisas que ainda não haviam sido ditas sobre *Castro Alves*, e que era importante e necessario dizer. Sente-se que o estudioso que é Edison Carneiro — um dos espiritos mais serios de nossa juventude — não pôde trabalhar direito, ficou um pouco afobado, perturbado, junto de *Castro Alves*. O que só póde honrar Edison Carneiro."

Rubem Braga

*

História e critica da poesia brasileira — (Edison Lins — Ariel Editora — Rio).

"Nenhum dos grandes criticos do país, apenas chegado assim á maioridade, fez melhor e o que se deve louvar, nesse principiante de merito, é o entusiasmo pela coisa literaria, a simpatia, a efusão fraternal com que tem acompanhado todos os movimentos de renovação poetica do Brasil, não esquecendo quase nenhum portalíra do sul ou do norte, do litoral ou do centro."

Agripino Grieco

*

Antologia dos poetas brasileiros da fase romantica — Manuel Bandeira — (Imprensa Nacional — Rio).

"Classificando e escolhendo o sr. Manuel Bandeira reuniu os generos, distribuindo-os de modo a dar-nos idéias de conjunto. Para ornamentar a coletanea acompanhou-a de notas, em regra eruditas e pitorescas, acerca de alguns poetas e algumas poesias. Foi pena que não as ampliasse. O receio de crescimento do volume não se explica..."

Eloi Pontes

*

O Brasil visto pelos inglêses — C. de Melo Leitão — (Brasiliana — Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"Feita esta reserva, que não aféta o merito intriseco do livro, parece-me que o sr. Melo Leitão, já afeito ao assunto desde o seu anterior trabalho sobre os *Visitantes do primeiro Imperio*, conseguiu plenamente os objetivos visados."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Conceito da civilização brasileira — Afonso Arinos de Melo Franco — (Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"O livro do sr. Afonso Arinos de Melo Franco, que tambem se ajusta, como num desdobramento ousado, ao do sr. Sergio Buarque de Holanda — Raizes do Brasil — coincidencia curiosa, pois apareceram ao mesmo tempo, um ignorando o outro — debate assuntos de maior interesse para o conhecimento do nosso passado e a decifração do nosso futuro."

Jaime de Barros

*

Psicologia da infancia — Silvio Rabelo — (Companhia Editora Brasileira — Rio).

"Destinando o livro a todos quanto têm sob sua responsabilidade a formação das crianças nas primeiras idades, soube o sr. Silvio Rabelo dotá-lo das melhores qualidades didáticas."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

A vida gloriosa de Osvaldo Cruz — Focion Serpa — (Rio).

"Ha páginas neste volume que nos deixam resonancias indeleveis. Há mesmo trechos que nos revelam a presença dum escritor e analista de primeiro plano. E' o que repetimos, sem medo de erro."

Eloi Pontes

*

Humberto de Campos — Hermes Vieira — (Edições Cultura Moderna, S. Paulo).

"Há de ter sido, sem duvida alguma o exemplo do sr. Hermes Vieira, compondo extenso volume sobre *Humberto de Campos e sua expressão literaria*, êle nos concedeu uma unica pa-

gina intrepida, de análise, fóra das sugestões alheias, independente."

Eloi Pontes

*

Balmaceda — Joaquim Nabuco — (Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"*Balmaceda*, como acontece, ás vezes, saíu melhor do que a obra que lhe deu origem. Hoje é obra classica de história continental, como o *Facundo* de Sarmiento, por exemplo. A iniciativa de reeditar este livro foi ótima e oportuna."

Eloi Pontes

*

Vida de D. Pedro II — Benjamin Mossé — (Cultura Brasileira — S. Paulo).

"O seu unico objetivo é o de louvar. E' feito um pouco ás pressas, numa maneira ás vezes excessivamente derramada e suspeita."

Eloi Pontes

*

O conde de Mota Maia — Manoel A. Velho da Mota Maia — (Liv. Francisco Alves — Rio).

"De tudo que apreendemos ao longo destes capitulos, somos levados a crêr que o conde de Mota Maia, noutras circunstancias, em outro país, noutra atmosfera, teria sido cientista de grande projeção. E' bem possivel que, com os anos, êle nos desse elementos para o perfil seguro de D. Pedro II. Acompanhando-o de perto, sentindo-o na intimidade, vendo-o em *róbe de chambre*, porém, não prosseguiu. Deixou notas apenas. O sr. M. A. Velho da Mota Maia reuniu-as e fez bem. Aqui está um livro ótimo, oportuno e cheio de curiosidade, já agora manancial esplendido de informações, compilado e escrito com clareza e simplicidade."

Eloi Pontes

*

José Verissimo — Francisco Prisco — (Rio).

"O livro do sr. Francisco Prisco sobre José Verissimo contem informações e referencias a respeito da vida e da obra do autor de *Estudos de Literatura Brasileira* muito proveitosas. Mas não concordamos com os excessos de admiração pelo seu idolo."

Jaime de Barros

*

Mauricio de Nassau brasileiro — Vicente Themudo Lessa — (Cultura Brasileira — São Paulo).

"Em tão longo periodo, um homem admiravel impõe sua personalidade e quase faz esquecer sua origem — é Mauricio de Nassau, que chegou a merecer o cognome de *o brasileiro*, conservado agora nesse esplendido livro do sr. Vicente Themudo Lessa."

Jaime de Barros

*

Cotegipe e seu tempo — Wanderley Pinho — (Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"E o livro é sem duvida alguma obra de indiscutivel valor, que ninguem mais dispensará para estudar o politico baíano e a história do tempo em que êle atuou."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

A gloriosa sotaina do primeiro impero — (Frei Caneca) — Lemos Brito — (Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"Frei Caneca, revolucionario em 1817, de novo se rebela em 1824, e é nesse movimento figura das mais importantes.

O sr. Lemos Brito estuda-lhe passo a passo a vida e a ação revolucionaria, enquadradas no meio histórico, á luz de copiosa documentação. Revolvendo arquivos, buscando pacientemente informações, indo diretamente ás fontes, o livro que nos oferece vem sem duvida tornar mais conhecida a figura do frade liberal."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Novos aspectos da figura de Caxias — E. Vilhena de Morais — (Leuzinger S. A. — Rio).

"*Novos aspectos da figura de Caxias* são novos traços de elevação moral do melhor dos nossos grandes homens."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Um varão da Republica — *Fernando Lobo* — Helio Lobo — (Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"O sr. Helio Lobo, que sempre teve pendores pelos estudos historicos, traça, neste livro, o perfil de seu pai e é o primeiro a reconhecer as dificuldades para um biografo oriundas dos laços do sangue. Para contorná-las, o filho de Fernando Lobo procurou dar ao seu ensaio uma feição objetiva, deixando que os documentos falassem por si."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

O visconde de Sinimbú — Craveiro Costa — (Companhia Editora Nacional — S. Paulo).

"Craveiro Costa, neste livro publicado de-

pois de sua morte, traça de Sinimbú um retrato em que a simpatia e a admiração não o embelezaram ao ponto de torná-lo infiel. Aqui e ali surgem as tiradas encomiasticas, numa atitude permanente de defesa do homem e de enaltecimento da obra, sem prejuizo, entretanto, do conhecimento exato da vida de Sinimbú e de sua atuação na politica nacional."

Otavio Tarquinio de Sousa

*

Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo — Otavio Tarquinio de Sousa — (Rio).

"O livro do sr. Otavio Tarquinio de Sousa, mesmo sem as altas qualidades literarias que possue, seria sempre obra de valor pelas inumeras revelações que nos faz, sobre um tempo, em que, só raramente e de maneira superficial, se detiveram os historiadores, os analistas e estudiosos das coisas do nosso país."

Augusto Frederico Schmidt

*

Memorias — Oliveira Lima — (Liv. José Olimpio Editora — Rio).

"As *Memorias* de Oliveira Lima não foram compostas para reconstituir épocas e personagens. Há aqui apenas desabafos."

Eloi Pontes

DIVERSOS

Os grandes bemfeitores da humanidade — F. Acquarone — (Pongetti — Rio).

"A idéia do livro e de um modo geral, a sua realização são perfeitamente elogiaveis Acquarone explica para as crianças a obra e conta a vida de alguns dos maiores homens que já serviram á humanidade, de Gutemberg a Marconi."

Pinheiro de Lemos

*

A festa das letras — Cecilia Meireles e Josué de Castro — (Livraria do Globo — Porto Alegre).

"Com a esclarecida colaboração do dr. Josué de Castro, o livro pretende ensinar ás crianças as bases de uma alimentação higienica e sadia. Sabendo-se que somos um povo de desnutridos, em razão do irracionalismo da nossa dieta, o livro, tentando incutir nas gerações do futuro uma nova orientação alimentar, apropriada ao nosso clima, á base de leite, frutas e legumes tem elevada e patriotica intenção."

Pinheiro de Lemos

*

O problema fundamental do conhecimento — Pontes de Miranda — (Livraria do Globo — Porto Alegre).

"Aos bons entendedores, bastaria talvez dizer o seguinte: *O problema fundamental do Conhecimento*, inaugura, entre nós, a pesquisa autonoma no terreno da Epistemologia. E inaugura-a com um impeto creador impressionado e impressivo."

Tasso da Silveira

*

Biotipologia e educação — Peregrino Junior — (Coleção Ipes, n. 2 — Rio).

"Nas suas linhas mestras, aqui temos um livro ótimo, oportuno e cheio de novidades desconcertantes para os que se consideram libertos de influencias malsãs. O sr. Peregrino Junior escreve com clareza e expõe com elegancia, o que acrescenta o interesse das leituras, mesmo quando estas nos revelam escaninhos tristes, segredos melancolicos, desvãos feios da pobre natureza humana!..."

Eloi Pontes

*

Jornada democratica — Armando de Sales Oliveira — (Livraria José Olimpio Editora — Rio).

"Lendo os discursos politicos, que o sr. Armando de Sales Oliveira reuniu sob o titulo *Jornada democratica*, chegamos ás ultimas páginas sem que se nos tenham esvaido as esperanças e anseios de liberdade. A liberdade é-nos mais preciosa do que o conforto."

Eloi Pontes

*

Geografia sentimental — Plinio Salgado — (Livraria José Olimpio Editora — Rio).

"Patriotismo não é privilegio. Será menos ainda profissão. Nunca vimos ninguem reclamar aplausos por manifestar sentimentos comuns a todo o mundo, que raciocina. *Geografia sentimental.* Onde está a geografia aqui? Que idéia

tem da terra brasileira os que sabem da leitura deste livro? Nenhuma. Geografia não póde ser sentimental, pessimista, ótimista, entusiasta ou civica. Geografia é ciencia. Tem que ser exata."

Eloi Pontes

*

Das origens do arte brasileira — Anibal Matos — (Edições Apolo — Belo Horizonte).

"O sr. Anibal Matos, entretanto, procura aprofundar as sindicancias, chegando a resultados apreciaveis. E' que êle dispõe de duas armas seguras e eficazes, a clareza e o entusiasmo. Com elas não será nunca impossivel realizar milagres."

Eloi Pontes

*

Dicionario Bio-Bibliográfico Brasileiro — Vol. I — J. F. Velho Sobrinho — (Rio).

"Eis aí o que me parece ser um trabalho verdadeiramente prodigioso! O sr. J. F. Velho Sobrinho, é, sem duvida, uma vocação de heroi. Quando êle se meteu na Escola Naval, para tomar o seu curso de oficial de Marinha, já sentia, na alma, o apelo das batalhas homericas, a sedução das lutas ferozes, o desejo das belas vitorias. O Brasil, porém, como a Antigona sofocleana, é um país feito para as doçuras da paz, e não para os estridores da guerra. E eis que as vocações guerreiras aqui se estiolam, e minguam em pequenos disturbios nas ruas, quando não apelam para outras atividades, nas quais as tendencias para a luta tambem se possam exercer."

Mucio Leão

*

A politica que convem ao Brasil — Osorio da Rocha Diniz — (Editora Nacional — São Paulo).

"O livro não tem estílo e ás vezes ignora candidamente a sintaxe. Mas todos os brasileiros, ao menos os que formam a parte esclarecida da opinião deviam lê-lo e meditá-lo. A sua leitura consegue vencer a aridez do assunto e tornar-se empolgante pela importancia dos problemas vitais que aborda e discute."

Pinheiro de Lemos

*

Stefan Zweig — reportagem — D'Almeida Vitor — (Edições Cultura Moderna — S. Paulo).

"As reportagens da natureza das que o sr. D'Almeida Vitor reuniu em volume, prestam excelente serviço aos basbaques das letras, pois facilitam a citação das obras e do espirito de Zweig, tão em moda, dando a impressão de creaturas ilustradas. Talento de penetração direta, o sr. D'Almeida Vitor mostra conhecer a obra de Zweig, revelando o estopo de um escritor de grandes possibilidades."

Mario Pope

O que se lê no Brasil

A tendencia do publico de livros — Estatistica — Autores mais lidos — O papel nacional em face do papel estrangeiro — O livro português no Brasil

A industria de livros, desenvolveu-se alentadoramente no Brasil, nestes ultimos sete anos. Entre outras vantagens advindas da revolução de outubro de 1930, inegavelmente, existe esta.

O comercio de livros tomou desde então um novo rumo. O interesse publico pelas leituras creou alento. A curiosidade pelos assuntos sociais, surgiu como uma força imanada da propria revolução politica, que se verificou no país.

As tipografias, fugindo da ação lenta em que morejavam, movimentaram-se, imprimindo o pensamento nacional em ebolição; ou divulgando a cultura estrangeira tão pouco nossa conhecida. As vitrines das livrarias atulharam-se de edições novas e sequentes. As empresas editoras multiplicaram-se por todo o territorio, porque o interesse publico era acentuado, marcante, promissor.

Mas o publico de livros é de uma preferencia termometrica. O seu gosto ocila, de tal fórma que se tornou dificil classificar de pronto, a tendencia das suas leituras, o que, aliás, oferece um indice seguro do desenvolvimento cultural de um meio.

Nada mais curioso, — convirmos, — que auscultar os editores sobre a atual situação do comercio de livros.

Seria possivel determinar uma situação para esta industria?, foi a primeira duvida que nos surgiu.

Poderiamos deduzir dessa auscultação no mercado livresco, uma posição definitiva para o livro? Não iriamos encontrar outros fatores que nos fizessem desviar da rota traçada, dificultando o nosso trabalho? E, realmente, tal aconteceu.

Inicialmente, fomos esbarrar com o fato da transformação politica, verificada na nação, que, finalmente, pôs o publico ledôr em posição de espectativa; e, consequentemente, obrigou os editores a colocarem-se numa atitude de reserva. Felizmente, tratava-se de examinar o que se havia feito no campo editorial, durante um periodo anterior, a essa ultima consolidação politica do país.

A consolidação do Estado Novo deverá ser rapida e o mercado livresco retomará o seu ritmo animador.

Concluiremos por esta reportagem algo de positivo sobre o movimento editorial brasileiro durante o ano de 1937? Si não, precisamente, ao menos de um modo geral, poderemos constatar o desenvolvimento da industria de edições no Brasil, através da palavra autorizada dos editores, que nos disseram da tendencia atual das leituras, do movimento das suas empresas, e da preferencia pelos seus editados.

Livraria José Olimpio Editora (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *A tendencia que se vai acentuando neste momento é pelas obras de divulgação cientifica. E' verdade que a literatura tem um publico especial e numeroso, em vista do que tinha há dez anos antes, o que nos leva a contar com verdadeiros "records" de livraria. Não ha, porém, um publico estavel, a que se possa confiar o exito de um livro, por isso que não é raro termos esgotado um livro fraco e retardado a venda de um livro de merito. O povo necessita de um incentivo do governo, que o deveria educar, dirigindo a sua conciencia artistica. O "premio Humberto de Campos," para contos, que creamos, tem esse objetivo. E' lamentavel dizermos; porém, o genero policial é o que tem procura certa. Vamos, pois, seguir a tendencia, iniciando a nossa serie policial ainda em principios de 38.*

— O que publicou em 1937, e quais os sucessos marcantes entre as suas edições?

— *Editamos durante o ano, grande numero de trabalhos dos mais variados assuntos, romances, novelas, contos, história, medicina, direito, sociologia, etc., assim como reeditamos muitos livros, num total de 50 trabalhos.*

Entre essas nossas edições, varias alcançaram um exito admiravel. "Jornada Democratica", de Armando de Sales Oliveira, por exemplo, que foi tirado para distribuição, despertou um interesse até então desconhecido, posto que, milhares de cartas que ainda conservo comigo, m'o pediam, dos mais longinquos recantos do país; as escandalosas "Memorias" de Oliveira Lima, "Nordeste" de Gilberto Freyre, ambos da coleção "Documentos Brasileiros", "Rua do Siriri" de Amando Fontes; "Pureza" de José Lins do Rego; "Experiencia" de Martinho Nobre de Melo; e, finalmente, "Pequena história do mundo" de H. G. Wells, traduzido por Gustavo Barroso, este, que alcançou um sucesso sem precedentes. Estes livros detêm os "records" do ano.

O que tem causado um enfraquecimento no mercado, é a apreensão de livros em todo o territorio nacional, sem que na maioria das vezes obedeça a um criterio justificavel. Resta-nos a confiança na promessa do ministro da Justiça, da constituição de uma comissão para examinar tais irregularidades.

— Entre os seus editados, quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *Sem que vá nesta afirmação um menospreso aos valores desta hora, sou obrigado a confessar que Humberto de Campos, é ainda a grande atração literaria do Brasil. As seguidas reedições dos seus livros, são o melhor testemunho do que digo. Comparavel ao interesse pela sua obra, apenas posso citar o despertado por José Lins do Rego, romancista novo, de grandes recursos intelectuais, que quebrou a tradição das pequenas edições de romances. E quero crer que, entre os nossos escritores vivos, é o mais lido.*

Quanto aos escritores estrangeiros, não posso dizer nada, em virtude de contar apenas entre os meus editados com tres ou quatro, aliás, bem recebidos pelo publico.

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *Sou pelo amparo a esta nova industria, por parte do governo. E creio que o seu preço alto como está, não é, como alhures se afirma, o grande responsavel pela alta do valor do livro. Outros fatores devem ser levados em consideração; isso em vista das edições de literatura serem relativamente pequenas. E' possivel, no entanto, que aféte o valor intrinseco dos livros didáticos, em virtude das suas tiragens serem obrigatoriamente grandes. Não é possivel esconder, porém, que o nosso papel ainda não está aperfeiçoado e é bastante caro para o nosso consumo.*

Edições Cultura Brasileira, S/A. (S. Paulo)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *O publico brasileiro aumentou consideravelmente de 30 para cá. Pode-se dizer que a industria do livro, que não seja didático, conta, apenas, 7 anos. Agora, vejamos a tendencia do publico: sendo o Brasil um país de autodidatas, sem nenhuma sistematização de leituras, portanto, o nosso publico lê tudo quanto se lhe oferece; tanto um livro de sociologia, como as anedótas de Cornelio Pires. E' um mal? E' um bem? Essa ingestão de leituras, por isso mesmo que apressada, quase violenta, creando uma superposição de impressões, não é assimilada senão em parte, e de acôrdo com a capacidade de cada leitor. O brasileiro lê mais do que estuda; e todo mundo sabe que há uma grande diferença entre lêr e estudar.*

Orientando a escolha de obras da "Edições Cultura Brasileira, S/A." podemos verificar as varias tendencias do nosso publico. Essas tendencias são tão caprichosas, que desnorteiam o editor. Os nossos leitores abandonaram hoje, o que ontem preferiam. A hora da sociologia, materia, aliás, que foi uma especie de coqueluche, tende a passar. Estamos em plena fase das investigações brasileiras. Tudo quanto se refira ao nosso passado encontrará leitores. A grande dificuldade dos editores é acompanhar essas ondulações, numa época em que o livro envelhece de um dia para o outro, como o jornal. Além do que, ainda, não há no Brasil as varias camadas de leitores com as suas predileções bem marcadas. Ha duas camadas: a dos que só lêem romances policiais e a dos que lêem tudo, inclusive os romances policiais.

A influencia embrutecedora da novela policial na nossa adolescencia, ainda não foi devidamente encarada pelas nossas autoridades e pelos nossos professores. Essa influencia não é nefasta, como se assoalha, pelas possiveis perturbações psicológicas, pois acreditamos que a imensa maioria de seus leitores, não se deixa perturbar por esse genero de leitura. Tão só, uma pequena minoria, de enfermos será perniciosamente sugestionada. Ela é nefasta por que toma o logar das obras verdadeiramente construtivas, daquelas que realmente concorrem para a formação do espirito. A novela policial atrasa a nossa cultura.

O que editou em 1937, e quais os sucessos marcantes entre as suas edições?

— *Não é facil de pronto, — continúa Galeão Coutinho, — apresentar uma estatistica, pois a parte comercial da "Cultura" não me está aféta. Posso, entretanto, dizer que a procura dos livros classicos, se vem acentuando de tempos a esta parte, de modo consideravel. Em menos de um ano, esgotaram-se em nossa Empresa, "Maximas e Reflexões" de Epitecto, "Tratado dos Deveres", de Cicero, e "O Banquete", de Platão. Editamos porém, cerca de dez livros.*

— Entre os seus editados, quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *Entre os poucos editados nacionais pela "Cultura", alcançaram grandes exito, Haroldo Paranhos, com a "História do Romantismo Brasileiro" e Thermudo Lessa, com "Mauricio de Nassau" — duas obras fundamentais para a cultura brasileira. A nossa Empresa constitue-se de livros estrangeiros e classicos.*

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *O problema do papel está a exigir as vistas imediatas do governo. Entre os editores, reina neste momento, a mais simpatica espectativa, pois acreditamos que á nova ordem de c sas, estabelecida pela constituição de 10 de novembro, não escapará um dos problemas fundamentais da formação brasileira. Se o livro é um poderoso instrumento da civilização, si êle entra como um dos elementos indispensaveis para a instrução do espirito de uma nacionalidade, como os alimentos para a boa constituição fisica, o Estado Novo, tem forçosamente que convergir para a industria papeleira, fortemente protegida, o melhor da sua atenção. E' engraçado que no Brasil, os pioneiros da campanha contra o analfabetismo, jamais cuidaram do problema do papel, quando não é possivel a educação do povo, onde o custo do livro se tornou proibitivo.*

O governo deve nacionalizar a industria papeleira, evitando a continuação do "trust" que a explora e vem acumulando lucros verdadeiramente fantasticos. Aliás, um exemplo proveitoso, neste sentido nos deu o governo cubano, incorporando ao Estado a industria do papel.

Brasilia Editora (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— E' de certo modo dificil precisar a questão, uma vez que a tendencia do publico para as leituras, varía em cada época. Hoje, porém, podemos observar a maior procura pelas biografias.

— O que editou em 1937, e quais os sucessos marcantes entre as suas edições?

— Editamos neste ano, 14 obras, num total aproximado de 30.000 volumes, sendo que marcaram sucesso "O Romance de Oswaldo Cruz" de Gastão Pereira da Silva, "O dinheiro na vida erotica", de Karl Weissmann bem como a admiravel tradução de Leonel Fischer, das "Regras para a Direção do Espirito" de Descartes.

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— E' uma industria nascente, porém, de perspectivas promissoras, e de acentuada tendencia para um aperfeiçoamento, graças á proteção oficial.

Livraria Editora Guanabara (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— A tendencia atual, é para os livros "especializados", isto é, os que vêm com um programa antecipado". O publico, aceitava livros "femininos", "de aventuras", biografias, de divulgação cientifica acessivel aos leigos, etc. E' notavel a preferencia do publico pelas obras objetivas, enquanto cáiam o romance e o canto. Há a procura de biografias. O publico deseja instruir-se com livros de fundo historico, cientifico.

— O que editou em 1937, e quais os exitos marcantes entre as suas edições?

— As nossas edições neste ano, foram relativamente poucas, destacando-se o inicio da "unificação da obra de Zweig", entregue ao cuidado do escritor Costa Neves, diretor do ANUARIO, cujos primeiros sete volumes, alcançaram um êxito extraordinario.

— Entre os seus editados, quais os escritores nacionais e estrangeiros mais lidos?

— Afranio Peixoto e Austregesilo, entre os escritores brasileiros, foram os mais lidos, os de maior procura. Entre os estrangeiros, porém, está na deanteira Stefan Zweig, com edições sequentes, sempre recebidas com carinho pelo publico, podendo testemunhar tal, a edição de luxo das suas obras, lançada no mercado por um preço relativamente alto e com uma tiragem grande, tendo já quase esgotados os primeiros volumes.

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— E' esta uma questão bem séria, sobre a qual, de certo, os outros editores se têm referido de forma eficiente. Assim, deixo aos colegas a palavra sobre essa materia.

Civilização Brasileira Editora, S/A. (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

No que diz respeito ás tendencias do publico, quanto aos generos literarios, é preciso esclarecer que não existe "um unico" publico.

Ha "varios" publicos, alguns já existentes no Brasil há muito tempo, outros, que só agora vem se formando. Por exemplo: o publico que prefere, nessa mesma ordem decrescente, o romance — o conto — a cronica — a poesia, é antigo em nosso país. Atualmente êle se desenvolve, menos no que diz respeito á poesia, que continúa cada vez mais sem leitores. Este publico nada tem a ver com o vasto e numeroso grupo de leitores de romances policiais e livros de aventuras, genero que arrasta, talvez a grande maioria dos leitores brasileiros. Há, um outro publico, este novo, que só agora aparece e se forma. E' o que, nestes dois ultimos anos, tem voltado as suas vistas para os chamados "classicos". Antigamente era uma aventura lançar-se um livro de Platão, por exemplo.

Hoje, pelo contrario, os classicos gregos ou os classicos latinos são procurados por um publico de varias idades que não mais despresa Eschylo nem Sofocles, preferindo, contudo, aquelas obras onde se note um conteúdo politico-filosófico, sem esquecer ainda, o publico das biografias, um dos mais numerosos.

— O que editou em 1937, e quais os sucessos marcantes entre a suas edições?

— Este ano tivemos um grande movimento editorial. Lançamos no mercado 57 novos livros, numa tiragem global de 329.000 volumes.

Já o publico se interessa pelos escritores brasileiros, a par dos autores estrangeiros.

E entre os autores nacionais dos quais lançamos livros em 1937, podemos citar Manuel Bandeira, do qual acabamos de lançar um volume de "Poesias escolhidas", Raimundo Morais, Gustavo Barroso, para não falarmos de Nabuco, de quem a Civilização Brasileira S/A. lançou as "Obras Completas" com um exito enorme. Este ano saíram "Balmaceda" e a primeira edição em português dos "Pensées Detachées" que acaba de aparecer em português sob o nome de "Pensamentos Soltos", traduzido pela propria filha

de Nabuco, a escritora Carolina Nabuco. Tem marcado sucesso a nossa "Biblioteca de Divulgação Cientifica", dirigida pelo professor Artur Ramos, na qual lançamos este ano: "O Português no Brasil", de Renato Mendonça, "Novos estudos Afro-Brasileiros", de Gilberto Freyre e colaboradores. "A escrita pre-historica do Brasil," de A. Brandão, "Culturas negras do Novo Mundo", de Artur Ramos, e "Xangôs do Nordeste", de Gonçalves Fernandes. Obtiveram apreciavel exito os livros de Sousa da Silveira: "Trechos Seletos" e "Lições de Português".

— Entre os seus editados, quais os escritores nacionais e estrangeiros, mais lidos?

— *Quanto aos escritores estrangeiros quero destacar o nome da escritora francêsa Raymonde Marchard, e a grande Colette, cujos livros, de tão marcado sucesso em todo o mundo, foram, agora lançados entre nós, traduzidos por Dante Costa: "Vagabunda", e "A Ingenua libertina", de Colette, assim como, "Conceberás" e "O Poder da Carne" de Raymonde Marchard.*

Com relação, ainda ao livro estrangeiro, não podemos deixar de assinalar o interesse despertado pela nossa coleção "Sip", na qual já foram editados mais de 500.000 volumes, com absoluto sucesso, e por onde poderemos sentir a atração que ainda exercem sobre o nosso publico, os espiritos de Balzac, Dumas pae e filho, Zola, Dostoiewski, Tolstoi, Gorki, etc.

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor, em face do papel estrangeiro?

— *Sobre o caso do papel, não acho oportuno falar, tanto o assunto já tem sido debatido por nós, através da imprensa, e até perante as autoridades competentes. Em vista da alta do papel, tentamos por todos os meios remediar a situação. Empregamos varios recursos que facilitam a aquisição dos livros: edições populares, como a coleção "Sip" e até mesmo com o "serviço de reembolso."*

Esse serviço, pacientemente organizado pela nossa casa, cresce de maneira vertiginosa e vem aumentar de muito a possibilidade de colocarmos diretamente nossas edições e as alheias. Podemos afirmar que a intensa propaganda do Reembolso está criando um publico novo, desenvolvendo o gosto pela leitura e facultando aos habitantes dos mais longinquos recantos do nosso país a satisfação de possuirem os livros desejados.

Acresce ainda a circunstancia de que o cliente nada desembolsa adeantadamente. A Agencia Postal da localidade faz a entrega da mercadoria e efetúa o recebimento da importancia. Como se vê, nada mais simples, prático e perfeito.

A "Serviço de Reembolso" da "Civilização Brasileira" os editores do Rio de Janeiro confiam, na sua quase totalidade, grande quantidade de exemplares de suas obras para essa distribuição especial e eficiente.

Em 1937, verificámos um aumento de 200 contos de réis em nossos negocios, através do novo departamento criado sob tão bons auspicios.

Livraria Francisco Alves (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *Não sendo a Livraria Francisco Alves editora de obras literarias, senão didáticas, é dificil responder a pergunta, dado o fato dos livros desta natureza não dependerem da preferencia dos compradores, (alunos) mas sim, da escolha dos professores, que, por sua vez, estão adstritos aos programas oficiais.*

— O que editou em 1937, e quais os exitos marcantes entre as suas edições?

— *Editamos este ano inumeros trabalhos cientificos e didáticos, assim como reeditamos tantos outros, quer nas nossas oficinas ou naquelas a que recorremos, quando excedeu da nossa capacidade de produção em certos momentos de aumento de trabalho; sendo a nossa media anual de cerca de 1.500.000 volumes.*

— Entre os seus editadores, quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *E' impossivel dizer, em face da nossa especialização editorial.*

— Como encara o papel nacional, as suas vantagens e o seu valor, em face do papel estrangeiro?

— *Sobre os papeis nacional e estrangeiro, nada mais há a dizer. Desde 1918 este assunto tem sido discutido sem qualquer proveito para quem publica livros. Julgo absolutamente ocioso voltar ao que tem sido dito e repetido, sem encontrar quem queira ouvir.*

Casa Editora Vecchi, Ltda. (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *Há neste momento uma especie de estagio no comercio de livros, que tende, no entanto, a altear e se orientar na preferencia dos autores e não do livro pelo livro. Sente-se aliás, a procura do publico pelos romances e as biografias romanceadas, e, principalmente pelos trabalhos especializados, técnicos. A sociologia em geral, ainda tem um apreciavel publico, maximé as obras que focalizam a situação nacional.*

Acreditamos, porém, que se vão fixar, a seguir no paladar intelectual do publico, as obras de divulgação cientifica, principalmente, no que concerne á medicina. E' isto, quiçá, o que nos leva a crer o grande surto de livros desse caráter.

— O que editou em 1937, e quais os exitos marcantes entre as suas edições?

— *Durante o ano, publicamos relativamente pouco, fato explicavel, entretanto, pela razão de*

somente há pouco mais de um ano havermos iniciado as nossas edições. Lançamos 10 livros com cerca de 34.000 volumes.

— Entre os seus editados, quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *Com referencia aos escritores brasileiros, só podemos citar o professor Clementino Fraga, de quem editamos "Ciencia e Arte em Medicina" e que é o primeiro autor nacional que lançamos. Todavia, entre os estrangeiros, divulgamos diversos. Gide, com o "Returno da U. R. S. S." e H. Mouthertand, constituiram exitos admiraveis de livraria.*

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor, em face do papel estrangeiro?

— *E' um problema sério, este, onde o conflito de vantagens e desvantagens nos levam a encontrar dificuldade no tentar defini-lo, ou mesmo aborda-lo com justeza.*

Há vantagem, por exemplo em ser uma industria brasileira, com capacidade de aperfeiçoamento, desde que a boa vontade dos seus orientadores, aproveitando o apoio do governo, se interessasse pela sua melhoria e pelo seu barateamento, como é possivel, em face das vantagens, de que goza, quanto aos direitos alfandegarios para a importação da materia prima, a insenção de impostos, etc.

As desvantagens, porém, estão nos preços elevados e na inferioridade da produção. E' notavel a heterogeneidade do nosso papel. Feito "ad-hoc," sem o devido cuidado, ou mesmo sem a devida consideração ao consumidor. E' constante o fato de encontrar-se numa só remessa, tipos diferentes, mais ou menos calhandrado e até menor ou maior, prejudicando, assim o trabalho dos editores. E temos capacidade para a produção de um papel bom. Como, no entanto, este é sempre feito com atraso, somos obrigados a utilizar um outro tipo inferior de segunda categoria, sempre sujeitos á outra inferioridade, a da mistura de tipos. O X da questão está na nacionalização desta industria, como meio pelo qual poderemos alcançar o barateamento do livro brasileiro, que, aliás é bem mais barato que os livros francêses e italianos.

Livraria Briguiet - Garnier (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *A incorporação da antiga Livraria Garnier á firma F. Briguet & C., veiu juntar ao nosso stock, todas as edições daquela casa. As obras da antiga Livraria Garnier, constituidas de literatura antiga, são grandemente procuradas ainda que, sem a popularidade do livro atual. E' dificil, porém, precisar justamente, a preferencia do publico por este ou aquele genero.*

— Oque editou em 1937 e quais os sucessos marcantes entre as suas edições?

— *Excetuando as nossas edições escolares, publicamos durante 37, 60.000 volumes constituindo grande exito as "obras completas" de Aluizio Azevedo, que iniciamos a sua divulgação definitiva, orientada e anotada por M. Nogueira da Silva.*

— Entre os seus editados, quais os escritores estrangeiro e nacional mais lidos?

— *As edições estrangeiras da ex-Livraria Garnier, conservam o seu publico, mais ou menos equilibrado. Quanto aos escritores nacionais, Aluizio Azevedo e Graça Aranha, são os de maior procura.*

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *O papel que fabricamos é antes de mais nada, inferior; se ressente de uma calhandragem incerta, desigual na metragem, no peso; e escuro; absolutamente heterogeneo e relativamente caro, em vista das franquias de que goza com a proteção oficial.*

Há no entanto um papel melhor. A homogeneidade da nossa produção papeleira, a sua melhoria e sobretudo o seu barateamento, depende sem duvida, da concurrencia estrangeira, que o governo, devia facilitar, mesmo como um incentivo para a nossa industria.

Editora Casa Mandarino (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *Editando literatura feminina, acreditamos ser este ramo o de maior preferencia. Tambem, a nossa tentativa da constituição de uma biblioteca de classicos, não teve a aceitação que previamos, enquanto os romances para moças da nossa "coleção rosa", vêem obtendo uma vendagem admiravel.*

— O que editou em 1937 e quais os exitos marcantes entre as suas edições?

— *Incluindo os tres livros classicos da nossa empresa, lançamos cerca de 30.000 volumes em* 1937.

— Entre os seus editados quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *O sucesso obtido pelos nossos romances femininos, que quase só são traduções, foi mais ou menos equilibrado, de sorte a impedir-nos de dizer ter sido este ou aquele autor ou autora mais lido. Foram todos bem recebidos, talvez mesmo pela leveza dos motivos, tão a molde do nosso publico.*

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *Satisfazendo de certo modo ao consumo, êle é, no entanto, inferior, mal cuidado e com*

um preço elevado demais, em vista das vantagens de dispensa de imposto. E' um papel, que não póde ser utilizado em edições cuidadas. Mas como é uma industria que apenas se inicia é de esperar a realização das possibilidades de melhoria que apresenta.

Livraria Editora Minerva (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *Não creio que seja facil difinir uma tendencia na preferencia do publico, quanto as suas leituras. Há caprichos curiosos e desconcertantes entre os que leem. De resto leem tudo que aparece, com maior ou menor intensidade, é claro. Hoje preferem este ramo, amanhã aquele, depois aqueloutro, ou até mesmo o antes desprezado.*

— O que editou em 1937 e quais os exitos marcantes entre as suas edições?

— *Em 1937 publicamos os mais varios assuntos, num total de 45.000 volumes. O grande exito foi o teatro de Joraci Camargo, 'Deus lhe pague...," e "O Bobo do rei", ambas reedições.*

— Entre os seus editados quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *Realmente, entre os nossos escritores, Joraci Camargo teve a preferenica dos leitores das nossas edições. Entre os estrangeiros, temos a citar Gregorio Marañon e Pierre Sanson.*

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor, em face do papel estrangeiro?

— *Deve ser protegida a nossa industria papeleira, já por ser nossa. Mas a par dessa proteção, cumpre ao governo orientar a produção envidando esforços para um rapido aperfeiçoamento, que nos é possivel, visto termos a materia prima. Até agora, porém, o nosso papel não satisfaz as exigencias do mercado. E' inferior, mal cuidado e caro, a despeito da falta de onus que lhe tem concedido o governo. E' possivel, que de futuro essa industria melhore, e isso, talvez, em sendo incorporada ao Estado.*

Athena Editora (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *E' de certo modo, dificil, precisar o gosto publico pelas leituras. Achamos que se carecia da divulgação dos classicos em português. Lançamos a nossa biblioteca de filosofia classica com o melhor exito possivel. Nem por isso, no entanto, nos é dado classificar a sua aceitação com uma tendencia do publico.*

— O que editou em 1937 e quais os exitos marcantes entre as suas edições?

— *Lançamos 70.000 volumes de varios livros, obtendo maior aceitação o "Dicionario filosofico" de Voltaire e os "Principios de Ciencia das Finanças" de F. Nitti.*

— Entre os seus editados, quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *Temos editado poucos autores nacionais: David Carneiro, Evaristo de Morais e Luiz Edmundo, sendo que este ultimo foi o que mais teve o seu livro, ("O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis"), vendido. Entre os estrangeiros Voltaire e Nitti.*

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *A questão do papel nacional, tem sido grandemente debatida, sem que tenha tido uma solução satisfatoria. O governo tem protegido a industria papeleira, com isenção de impostos, quase proibindo entrada do papel estrangeiro, etc. Entretanto o nosso papel continúa caro e inferior, não atendendo absolutamente ás exigencias do mercado.*

Companhia Brasil Editora (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *Para nós, as maiores tiragens, estiveram com as obras educativas, sem embargos de termos editado varios assuntos: ciencia, literatura, esporte, comercio, linguistica, etc. Talvez, porém, não esta uma tendencia do publico, senão de um determinado publico.*

— O que editou em 1937, e quais os exitos marcantes entre as suas edições?

— *Podemos considerar com verdadeiro sucesso de livraria, "Viagem de um naturalista em redor do mundo", de Darwin, traduzido por J. Carvalho, e os livros de Edwand Ealle Purinton, "Vida Eficiente", "A Vitoria do homem de ação", 'Eficiencia pessoal nos negocios" e "Curso pratico de eficiencia". Entretanto editamos 22 trabalhos, com cerca de 68.000 volumes.*

— Entre os seus editados, quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *Dada a procura, poderemos classificar Darwin e Agripino Grieco, com as suas "Perolas," mais lidos.*

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *Francamente não posso dizer nada de positivo. Contratamos as nossas edições com as tipografias, incluindo o papel e tudo. E' verdade, porém, que o nosso papel é ainda caro e inferior, carecendo as vistas do governo.*

Schmidt Editor (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *Pelo que me foi dado observar pelo volume de vendas em nossa livraria e pela procura das nossas edições em 1937, nos é dado afirmar que a tendencia é pelas obras de fundo social, muito embora os outros assuntos tenham uma procura equilibrada.*

— O que editou em 1937 e quais os exitos marcantes entre as suas edições?

— *O movimento da editora no ano passado foi grande. Editamos cerca de 100.000 volumes, entre os vinte livros novos e reeditados, sendo que o maior exito ainda foi para "Casa Grande & Senzala", de Gilberto Freyre, sem duvida o maior livro brasileiro, depois de "Os sertões".*

— Entre os seus editados, quais os escritores nacional e estrangeiro mais lidos?

— *Não temos editados traduções. Entretanto dos escritores nacionais que editamos em 1937, foi ainda Gilberto Freyre o mais procurado. Depois, está Luiz Martins.*

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *Achamos o papel, nacional relativamente bom; inferior ao estrangeiro é claro. Devia haver, sendo uma franquia, ao menos facilidade para a importação do papel estrangeiro, como base de concurrencia, para o barateamento do nosso papel.*

Irmãos Pongetti Editores (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leitura?

— *Francamente, faltariamos com a verdade si fossemos dizer que o povo brasileiro tem esta ou aquela predileção. Devemos acentuar que aqui entre nós cresce dia a dia o gosto pelos bons livros e qualquer genero é bem recebido desde que se trate de obra de merito real. Biografias, sociologia, finanças e economia, romance policial, genero "jeune fille", tudo no Brasil hoje se lê, com exceção do livro de versos que, atualmente, não consegue mais fazer publico, fato bem explicavel, de resto, si atentarmos que estamos na época do franco materialismo.*

— Entre os seus editados, qual o escritor nacional e estrangeiro mais lidos?

— *O nome nacional que entre os nossos editados, mais se destacou em 37, foi Nestor Duarte.*

Dentre os estrangeiros dois merecem destacar-se: André Maurois e Hermann Wendel.

O primeiro com dois livros publicados, aliás, em 1936, mas que tiveram sua grande saida em 37: "Mundos Imaginarios e Voltaire." Hermann Wendel em seu magnifico "Danton", conquistou tambem numeroso publico. "Talleyrand" de Franz Bley, foi outro sucesso real das nossas edições.

As nossas oficinas neste ano produziram cerca de 400.000 volumes.

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *Encarando o assunto exclusivamente como editores, devemos confessar que o preço atual de nosso papel é muito elevado. Isso, naturalmente, vem influir no preço do livro brasileiro, que, não sendo mais caro do que o similar estrangeiro, poderia ser apresentado ainda com maiores vantagens para o publico.*

Quanto á qualidade do nosso papel, seria injustiça não reconhecer nesse produto melhoras sensiveis, principalmente no que diz respeito a "buffons" e assetinados.

Promover o barateamento do nosso papel é problema dificil, pois a materia prima, como se sabe, é estrangeira e custa atualmente carissimo. Entretanto, algumas empresas já cuidam de organizar plantações de eucaliptos, cuja pôlpa é aproveitavel nessa industria.

Companhia Editora Nacional (Rio)

— Qual a tendencia do publico, com referencia ao genero de leituras?

— *O livro de aventuras, a literatura policial, o romance de amor no estilo "flôr de laranjeiras", de Delly, continuam a merecer a preferencia da maioria do publico brasileiro que tem o habito da leitura.*

Certo é, que se nota na elite apreciadora dos trabalhos de cultura e a grande serie "Brasiliana" a mais vasta e completa coleção e sistematização, que se tentou até hoje de estudos brasileiros e que vem de ultrapassar o seu centésimo volume publicado, um animador aumento nestes ultimos tempos. Mas ainda é uma minoria. O publico, a massa, prefere a literatura de ficção, que distráe sem fazer pensar. Aliás, é perfeitamente justificavel a tendencia que a massa quase geral do publico sente por este genero de literatura. Diz um dos nossos mais eminentes criticos, que este interesse vem da "necessidade de sonho, a premencia de distrair a mente na ocilação igual da vida quotidiana, a procura daquilo que êles não vivem, aquilo que está além dos limites das suas existencias pacificas e metodizadas."

— Entre os seus editados, qual o escritor estrangeiro e nacional mais lidos?

— *As numerosas edições de Monteiro Lobato e das traduções de sua lavra perfizeram o ano passado (1937), um milhão e duzentos mil exemplares. E' a primeira vez no Brasil, e talvez, na America do Sul, que um escritor alcança tão extraordinario sucesso editorial. Monteiro Lobato constitúe um caso singular não só pela riqueza de sua produção literaria, como, sobretudo, pela vitória formidavel sobre o publico que acabou por conquistar e submeter á forte*

sedução de seu espirito e de sua arte, tornando-se o mais popular dos escritores nacionais. Se é o mais lido entre os adultos, é tambem o mais conhecido e amado no mundo das crianças em que esse admiravel contador de historias surgiu como um feiticeiro, senhor dos segredos dessa arte sutil de se fazer entender por todos. A seguir temos Paulo Setubal, Menotti Del Picchia, Gustavo Barroso, Afranio Peixoto, Guilherme de Almeida, Pedro Calmon e outros...

Quanto aos nossos editados estrangeiros, varios nomes devem ser citados, por serem igualmente preferidos pelo publico: Edgar Rice Burroughs, o criador de Tarzan, no genero juvenil; M. Delly, a recordista dos livros romanticos, Edgar Wallace, na literatura policial, Will Durant, na filosofia; André Maurois, na biografia; Augusto Forel em assuntos sexuais; Kipling, Jack London, Victor Pauchet, etc.

— Como encara o caso do papel nacional, as suas vantagens e o seu valor em face do papel estrangeiro?

— *Quanto ao caso do papel, encaramos como um dos problemas mais importantes do momento, a merecer da parte do atual governo a sua mais imperiosa atenção.*

Num país de analfabetos como o nosso, necessario é que o governo forte que dirige atualmente os nossos destinos, lance as suas vistas e a sua ação moralisadoras para os privilegios que beneficiam a alguns fabricantes, em detrimento da alfabetização e cultura populares. A produção do papel no Brasil, com materia prima importada, está muito aquém das nossas necessidades, sendo além disso cara e de má qualidade.

Em 1936 publicamos cerca de 1.700.000 volumes não contando a produção da nossa filiada Civilização Brasileira, de cerca de ...... 300.000 volumes. Em 1937 só a Companhia Editora Nacional publicou 2.000.000 de exemplares, além de 300.000 da sua filiada. Assim a nossa produção total de 1937 foi de 2.300.000 volumes, a nosso ver um terço da produção total do Brasil.

O livro português no Brasil

Sobre o movimento do livro português no Brasil, o sr. Moura Fontes, chefe da firma Moura Fontes & Flores, foi indicado para falar, pelo sr. H. Antunes, em vista deste ser, principalmente, importador.

— Qual a situação, — lhe perguntamos, — do livro português em nosso país?

— *O livro português teve antes uma fase de grande procura, alcançando um movimento talvez mesmo, maior que o livro nacional. Decresceu, esse movimento, porém, chegando a quase parar. Hoje, no entanto vai retomando seu rumo anterior. Tambem é que não só as suas edições são tecnicamente cuidadas, como, as tradições são rigorosamente observadas, de maneira a tornar atraente o livro português.*

— Ha uma tendencia acentuada na procura dessas edições?

— *Não. Tanto tem saida a novela policial, como o romance feminino, ou as traduções da literatura francêsa, inglêsa, etc. Se quisessemos fixar tendencia na escolha, ao em vez de ver o fato, como realmente o é, — o interesse de conhecimentos, — teriamos que notar a grande procura que tem os classicos de lingua. Não podemos considerar isso uma tendencia. A procura tem sido sempre equilibrada. Não há nem diminuição, nem aumento no volume de aquisições. Tem um publico mais ou menos numeroso e certo.*

— Mas, em sendo o livro português mais caro em relação ao nosso, isso não tem afetado o mercado?

— *De certo modo sim. Quiseramos poder vende-lo mais barato. Mas os impostos sempre crescentes de tal nos impede. Ainda agora, temos a sobrecarregar o livro português, mais 5 % de impostos. Se conseguissemos isenção de tais impostos, — uma franquia alfandegaria, é claro que o comercio seria maior, o intercambio mais eficiente. Mesmo assim as vendas neste momento estão desenvolvendo uma linha de ascenção, o que demonstra claramente as ligações culturais entre os dois povos.*

Foram ouvidos para esta reportagem, 15 editores. Deixaram de responder á *enquette*, Edições Cultura Moderna, Livraria Freitas Bastos, A Noite, Bedeschi e Norte Editora, por motivos independentes da nossa vontade, uma vez que a todos solicitamos a colaboração para este trabalho, com o intuito de levantar um grafico do volume de livros editados no Brasil em 1937, com o numero de exemplares de cada edição ou mesmo o todo da tiragem no país, sem contar é claro, com as publicações oficiais e particulares.

Não logramos a boa vontade de todos, sem embargo do nosso esforço dispendido. Ao menos conseguimos fixar, o movimento de livros no Brasil que toma um rumo alentador, sendo possivel se deduzir que, no ano passado, foram impressos e lançados no mercado alguns milhões de livros.

E' facil se entender, que a divulgação cientifica, neste ou naquele ramo se acentúa na preferencia publica, o que é um indice de interesse de educação intelectual.

A atração pelo espirito e pela cultura estrangeiras cede ao interesse pelo espirito nacional que se modela e toma rumo, dentro do sentimento, da tradição, da historia e da antropologia nacionais.

Sente-se, porém, e com lamento, que o governo, tendo a sua atenção voltada para problemas outros, vitais, é certo, para a orginização do país não tenha encarado melhor a situação do papel em face do livro brasileiro de maneira a aperfeiçoá-lo e barateá-lo, como é flagrante no anseio de todos os editores, mesmo para um movimento mais eficiente pela educação popular, posto que somente com livros acessiveis a todos, pelo diminuto dos seus preços, poderá ser solucionado o problema principal da nossa libertação politico-economica — a alfabetização geral.

MOVIMENTO BIBLIOGRÁFICO de 1937

Sociedade Editora Amigos do Livro

Belo Horizonte

LETRAS MINEIRAS — ensaios críticos de *Eduardo Frieiro*.
O PODER DO VÉTO — *Mario Casassanta*.
O AMANUENSE BELMIRO — *Ciro dos Anjos*.
DESTINO — *Irene Melo*.
SIMPLICIDADE — poesias, de *Branca Adjucto Botelho*.

Edições Surto

Belo Horizonte

CALMARIA — poesias, de *Paulo Saraiva*.
FILHOS DE DEUS — poesias, de *Otavio Dias Leite*.

Casa Editora Vecchi, Ltda.

Rua Pedro Alves, 179/181 — Tel. 43-5012 — Rio

MULHERES SEM HOMEM — romance, de *Henry de Montherlant*.
DE VOLTA DA U.R.S.S. — Impressões, de *André Gide*.
A CASTELÃ DO LÍBANO — romance, de *Pierre Benoit*.
OS GRANDES PROBLEMAS DA MEDICINA CONTEMPORANEA — divulgação científica, de *Valéry-Radot*.
O LEITO CONJUGAL — romance, de *Nicolas Ségur*.
A EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE — cultura, de *Paulo Guanabara*.
SENTIMENTOS E COSTUMES — ensaios, de *André Maurois*.
CIENCIA E ARTE EM MEDICINA — *Clementino Fraga*.

Companhia Editora Nacional

Rua dos Gusmões, 118 — S. Paulo

ZOOGEOGRAFIA DO BRASIL — *C. de Melo Leitão*.
NA EUROPA — viagens, de *Alfredo Mesquita*.
VOCABULARIO NHEENGATÚ — *Afonso A. de Freitas*.
HISTÓRIA SECRETA DO BRASIL — *Gustavo Barroso*.
O DIARIO DE EVANGELINE — romance, de *Elynor Glyn*.
O JARDIM DO DESEJO — romance, de *May Christie*.
ARQUEOLOGIA GERAL — *Angione Costa*.
BOTANICA E AGRICULTURA NO BRASIL — *F.C. Hoehne*.
O VISCONDE DE SINIMBÚ — (Obra póstuma), *Craveiro Costa*.
ASPECTOS DA CULTURA NORTE-AMERICANA — ensaios, *Helio Lobo* e outros.
VIAGEM AS NASCENTES DO RIO S. FRANCISCO E PELA PROVINCIA DE GOIAS — (2 volumes), *Auguste de Saint-Hilaire*.
A EDUCAÇÃO E SEUS PROBLEMAS — *Fernando de Azevedo*.
A GLORIOSA SOTAINA DO IMPERIO — FREI CANECA — *Lemos Brito*.
SANTA CATARINA — estudos, de *Osvaldo R. Cabral*.
COTEGIPE E SEU TEMPO — ensaio, de *Wanderley Pinho*.
A INSTRUÇÃO E O IMPERIO — (2.ª serie), *Primitivo Moacir*.
ESPIRITO DA SOCIEDADE IMPERIAL — *Pedro Calmon*.
AMERICA DO SUL — viagens, de *Antenor Nascentes*.
OESTE PARANAENSE — *Lima Figueiredo*.
VOZES DO MUNDO — ensaios, de *Genolino Amado*.
ENSAIO SOBRE AS CONSTRUÇÕES NAVAIS INDIGENAS DO BRASIL — *Almirante Antonio Alves Camara*.
A EVOLUÇÃO DA ECONOMIA PAULISTA E SUAS CAUSAS — *Alfredo Ellis Junior*.
O SEGREDO DO MESTIÇO — romance, de *Lucien Biart*.
A CASTELÃ DE SHENSTON — romance, de *Florence Barclay*.
O TAPETE MAGICO DE TIA LUCIA — livro infantil, de *Ilka Labarthe*.
ESTUDOS DE ETNOLOGIA BRASILEIRA — *Herbert Baldus*.
PAGINAS DE HISTÓRIA DO BRASIL — *Serafim Leite*.

O FICO — estudo historico, de *Salomão de Vasconcelos.*
AS FORÇAS ARMADAS E O DESTINO HISTORICO DO BRASIL — *Coronel A. Lourival de Moura.*
HISTÓRIA ECONOMICA DO BRASIL (1500 a 1520) — *Roberto C. Simomsen.* 2 volumes.
A AMAZONIA, A TERRA E O HOMEM — *Araujo Lima.*
A EDUCAÇÃO PUBLICA EM S. PAULO — *Fernando de Azevedo.*
FILOLOGIA E LITERATURA — *Rebelo Gonçalves.*
O BRASIL VISTO PELOS INGLÊSES — *C. de Melo Leitão.*
PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DO MUNICIPIO — *Orlando M. de Carvalho.*
UM VARÃO DA REPUBLICA — FERNANDO LOBO — *Helio Lobo.*
A' MARGEM DO AMAZONAS — *Aurelio Pinheiro.*
O RIO DA UNIDADE NACIONAL, O S. FRANCISCO — *Orlando M. de Carvalho.*
VIAGEM AO BRASIL (1865-1866) — *Luis Agassiz e Elisabeth Cary Agassiz.*
A POLITICA QUE CONVEM AO BRASIL — *Osorio da Rocha Diniz.*
HISTÓRIAS DA TIA NASTACIA — livro infantil, de *Monteiro Lobato.*
CONFITEOR — obra póstuma, de *Paulo Setubal.*
O POÇO DO VISCONDE — livro infantil, de *Monteiro Lobato.*
SERÕES DE D. BENTA — livro infantil, de *Monteiro Lobato.*
MITOS AFRICANOS NO BRASIL — *Sousa Carneiro.*
A RIQUEZA MINERAL DO BRASIL — *S. Fróes Abreu.*
A PROVINCIA (2.ª edição) — *A. C. Tavares Bastos.*
O VALE DO AMAZONAS (2ª edição) — *A. C. Tavares Bastos.*
O MARQUÊS DE OLINDA E SEU TEMPO — *Luiz da Camara Cascudo.*
DEMOCRACIA (Ensaio sociológico, juridico e filosófico) — *Rudolf L. Laun.*
HISTÓRIA DA FILOSOFIA — *Will Durant.*
A COMUNIDADE E A SOCIEDADE (Introdução á Sociologia) — *Loran Osborne e Martins Henry Neumayer.*
URUPÊS (nova edição) — *Monteiro Lobato.*
VIAGEM AO CÉU — *Monteiro Lobato.*
SONHO DE VIRGEM — romance, de *Henri Ardel.*
O ESTRANHO ASSASSINO DE MR. ARTWILL — romance, de *Jack Hall.*
FELICIDADE INESPERADA — romance, de *Concordia Merrel.*
AS REGRAS DO METODO SOCIOLÓGICO — *Emile Durkheim.*
SORTE EM AMOR — *Berta Ruck.*
O OUTRO MILAGRE — romance, de *Henri Ardel.*
OS HEROIS DO MAR — romance, de *Charles Kingsley.*
PSICOLOGIA DA INFANCIA — *Silvio Rabelo.*
HISTÓRIA DA LITERATURA MUNDIAL (Guia dos melhores livros de todas as nações) — *John Macy.*
TARZAN, O INVENCIVEL — aventuras, de *Edgard Rice Burroughs.*
O FIM DE UMA VALQUIRIA — romance, de *M. Delly.*
TRES SOMBRAS SOBRE PARIS — romance, de *H. J. Magog.*
O JAPÃO QUE EU VI — viagens, de *Henrique Paula Baiana.*
CONTOS DE FADAS — *Perrault.*
OS TRES AMIGOS — novela, de *Celia Rabelo.*
O IRMÃO DO DIABO — aventuras, de *Walter Baron.*
VOCABULARIO DE CRENDICES AMAZONICAS — *Osvaldo Orico.*
SEIVA — romance, de *Osvaldo Orico.*
NAS SELVAS DO MEXICO — aventuras, de *Lucien Biart.*
O SETIMO CÉU — romance, de *John Golden.*
OS MITOS HITLERISTAS — *François Perroux.*
VIAGEM DE GULLIVER — *J. Swift.*
NO PAÍS DA BICHARADA — livro infantil, de *Viriato Correia.*
HORAS FILOLÓGICAS — *Nataniel Mota.*

Civilização Brasileira, S. A.

TRES SEMANAS DE AMOR — romance, de *Elinor Glyn.*
O AMIGO — romance, de *Charles Wagner.*
CRONICAS DA PROVINCIA DO BRASIL — *Manuel Bandeira.*
O PORTUGUÊS DO BRASIL — ensaio, de *Renato de Mendonça.*
O PODER DA CARNE — *Raymond Marchard.*
NOVOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS — *Gilberto Freyre.*
LIÇÕES DE PORTUGUÊS — *Sousa da Silveira.*
BALMACEDA — *Joaquim Nabuco.*
O PAGEM DE LUIZ XVI — romance, de *Ponson du Terrail.*
A ESCRAVIDÃO MODERNA — *Leon Tolstoi.*
SONHOS DE OURO — romance, de *José de Alencar.*
CARTILHA DAS MÃES — *Martinho da Rocha.*
UM CONCHEGO DE SOLTEIRÃO — romance, de *H. de Balzac.*
SENHORA — romance, de *José de Alencar.*
O PODER DA VONTADE — *Paulo Jagot.*

A QUESTÃO SEXUAL — divulgação científica, de *A. Forel*.
TRECHOS SELETOS — *Sousa da Silveira*.
ESCRITA PRE-HISTÓRICA DO BRASIL — *Alfredo Brandão*.
OS MARTIRES DO DINHEIRO — romance, de *Leon Tolstoi*.
OS FILHOS — divulgação científica, de *Victor Pauchet*.
JUDAISMO, MAÇONARIA, COMUNISMO — *Gustavo Barroso*.
BRASIL COLONIA DE BANQUEIROS — *Gustavo Barroso*.
HISTÓRIA SECRETA DO BRASIL — *Gustavo Barroso*.
MULHER DE BRIO — romance, de *Michel Arlen*.
ALUVIÃO — *Raimundo de Morais*.
A MÃO DO FINADO — romance, de *Alexandre Dumas*.
METODO MODERNO DE LIMITAÇÃO DE FILHOS — divulg. científica, de *Scott Welton*.
VIDA DE SANTO AGOSTINHO — *Giovanni Papini*.
CAPAZ E INCAPAZ NO MATRIMONIO — divulgação científica, de *Van de Velde*.
PENSAMENTOS SOLTOS — *Joaquim Nabuco*.
A IMPURA — romance, de *Nicolas Segur*.
CULTURAS NEGRAS NO NOVO MUNDO — *Artur Ramos*.
A MÃE — romance, de *Maximo Gorki*.
INTIMIDADE SEXUAL — divulgação científica, de *Bourdon*.
A CARNE — romance, de *Nicolas Segur*.
SÊDE UM DOMINADOR — romance, de *Rouges*.
POSSUIDA — romance, de *Raymond Marchard*.
A VAGABUNDA — romance, de *Colete Willy*.
CONCEBERÁS — divulgação científica, de *Raymond Marchard*.
PATRULHA DA MADRUGADA — romance, de *John Sannders*.
CONSERVAI A MOCIDADE — divulgação científica, de *Victor Pauchet*.
OS XANGÔS DO NORDESTE — divulgação científica, de *Gonçalves Fernandes*.
BEN-HUR — romance, de *Lewis Wallace*.
ULTIMOS DIAS DE POMPEIA — romance, de *Lython*.
CASAMENTO CARNAL — romance, de *Nicolas Segur*.
OS MISTERIOS DO CASTELO SAINT-DENIS — romance, de *Jack Hall*.
MULHER DE 30 ANOS — romance, de *H. de Balzac*.
MATRIMONIO PERFEITO — divulgação científica, de *Van de Velde*.
INTEGRALISMO E O MUNDO — *Gustavo Barroso*.
NEGROS BANTÚS — *Edison Carneiro*.
PORQUE OS HOMENS FALHAM — ensaios, diversos.
O QUE O INTEGRALISTA DEVE SABER — *Gustavo Barroso*.
A MORENINHA — romance, de *J. M. Macedo*.
O CANTO DO CISNE — romance, de *L. Tolstoi*.
O RELOGIO DO PECADO — contos, de *Paulo Gustavo*.
SERENIDADE — poesia, de *Osorio Dutra*.
POESIAS ESCOLHIDAS — *Manuel Bandeira*.

Athena Editora

Rua Buenos Aires, 59. Tel. 23-0994 — Rio

SUMARIO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA — *Guido de Ruggiero*.
A UTOPIA — *Thomaz Moore*.
HISTÓRIAS — *Tácito*.
DA MONARQUIA PARA A REPUBLICA — *Evaristo de Morais*.
A MEGÉRA DOMADA — *William Shakespeare*.
A ORAÇÃO DA CORÔA — *Demosthenes*.
ÉTICA — *Spinosa*.
PRINCIPIOS DA CIENCIA DAS FINANÇAS — *Francisco Nitti*.
OS CONSTRUTORES DA EUROPA MODERNA — *Conde Sforza*.
I FIORETTI DI S. FRANCESCO.
PRINCIPIOS DE ECONOMIA POLITICA E DO IMPOSTO — *David Ricardo*.
A ESCOLA DOS MARIDOS — *Molière*. Tradução em versos de Jenny Segall.
DICIONARIO FILOSÓFICO — *Voltaire*.
OS CARACTÉRES — *La Bruyère*.
DISCURSOS — *Jean Jacques Rousseau*.
OS FUZILAMENTOS DE 1894 — *David Carneiro*.
O MERCADOR DE VENEZA — *William Shakespeare*.
BREJO — *Cordeiro de Andrade*.

F. Briguiet

Rua do Ouvidor, 109. Tel. 23-3091 — Rio

Reeditaram:

DEMONIOS — *Aluizio Azevedo*.
CORTIÇO — *Aluizio Azevedo*.
CASA DE PENSÃO — *Aluizio Azevedo*.
CORUJA — *Aluizio Azevedo*.
FISIOLOGIA DO CASAMENTO — *Balzac*.
LENDAS E TRADIÇÕES — *Afonso Arinos*.
PELO SERTÃO — *Afonso Arinos*.
IRACEMA — *José de Alencar*.

MEMORIAS DE SHERLOCK HOLMES — *Conan Doyle.*
O CÃO DOS BASKERVILLE — *Conan Doyle.*
GUERRA DOS MUNDOS — *H. G. Wells.*
DOIS METROS E CINCO — *Oliveira.*

Livraria H. Antunes

Buenos Aires, 133 — Tel. 23-2754 — Rio

HISTORIAS DA CAROCHINHA.
A DOCEIRA NACIONAL — *D. Cecilia Pires de Almeida.*
MEMORIAS SECRETAS DE NAPOLEÃO (2.ª edição) — *Goldsmith.*
CURSO DE GUARDA LIVROS — *Domingos Neves.*
LADRÕES DA HONRA — *Perez Escrich.*
MANUAL DE CORRESPONDENCIA FAMILIAR — *Carlos B. Costa.*
MANUAL DE CORRESPONDENCIA COMERCIAL E OFICIAL — *Carlos Botelho da Costa.*
O GUARANI — *José de Alencar.*
CARCASSAS GLORIOSAS — *Agripino Grieco.*
METODO DE LEITURA "QUERO LER" — *D. Olga Monteiro de Barros.*
PAGINAS DE COMBATE — *Plinio Salgado.*
NOVO DICIONARIO DAS FLORES, FOLHAS E FRUTOS — *Ubirajara de Alencar.*
NOVA ARTE CULINARIA — *Cecilia Flores.*
CRIMINOSOS INTOXICADOS — *Dr. Jurandir Amarante.*
CARTAS A UMA NOIVA — *D. Maria Amelia Vaz de Carvalho.*
O GRANDE INDUSTRIAL — *Jorge Ohnet.*
A TOUTINEGRA DO MOINHO — *Emilio Rochebourg.*

Companhia Brasil Editora

Rua Buenos Aires, 20-A 4.° and. Tel. 23-4142
Rio de Janeiro

Educativos:

VIDA EFICIENTE — *Edward Earle Purinton* (3.ª edição).
A VITÓRIA DO HOMEM DE AÇÃO — *Idem.*
EFICIENCIA PESSOAL NOS NEGOCIOS — *Idem.*
CURSO PRATICO DE EFICIENCIA — *Idem.*

Literatura:

ALMAS MORTAS — *Nicolau Gogol.* Trad. de J. L. Costa Neves.
TARASS BOUBA — *Nicolau Gogol.* Tradução de A. Tenorio de Albuquerque.
NETOTCHKA — *Dostoiwski.* Tradução de J. L. Costa Neves.
MESTRE CUIA — contos, de *Inácio Raposo.*
O JOGUETE — *Origenes Lessa.*
RETRATO VERTICAL DO BRASIL — *Raul Pollio.*
MARA — *Martins Capistrano.*

Diversos:

O CARATER SEGUNDO AS INFLUENCIAS PLANETARIAS — Comp. de *C.A.W.*
O LIVRO DAS MAGICAS — *Anonimo.*
ESTUDOS DE LINGUAGEM — *Laudelino Freire.*
PEROLAS — *Agripino Grieco.*
UMA VIAGEM AOS MARES DO SUL — *J. Bulkeley e J. Cummings.*
VIAGEM DE UM NATURALISTA AO REDOR DO MUNDO — *Darwin.* Trad. J. Carvalho.
HISTÓRIAS DA CANDIMBA — literatura infantil, de *Silvia Autuori.* Vols. I, II e III.
JOÃOSINHO, O MENINO QUE SONHA — *Idem.*
METODO DE CORTE COMPLETO PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS — *Carnicelli Junior.*
REGRAS BRASILEIRAS DE FOTEBOL — *Artur Azevedo Filho.*

Brasilia Editora

Rua Alcindo Guanabara, 17. Tel. 42-2426 — Rio

Biblioteca de Cultura Filosofica:

HISTÓRIA DA FILOSOFIA — *Jayme Balmes.*
REGRAS PARA A DIREÇÃO DO ESPIRITO — *Descartes.* Tradução de L. A. Fischer.
TRATADO DO SUBLIME — *Longuino.* Tradução de Filinto Elisio.
DIALOGOS SOBRE A VIDA E A MORTE DE SOCRATES — *Platão.*
OS IDOLOS DE BACON — *Guillermo Francovich* Tradução de Pizarro Loureiro.

Diversos:

BONECOS QUE SANGRAM — *Carlos Devinelli.* (2.ª edição).
A TRISTEZA CONTEMPORANEA — *H. Fierens Gevaert.*
VIDA DE NOSSO SENHOR NARRADA PELOS POETAS — *Atilio Milano.*
GRITO DO SEXO — *Alvarus de Oliveira.*
O TEATRO NO BRASIL — *Mucio da Paixão.*

O ROMANCE DE OSVALDO CRUZ — *Gastão Pereira da Silva.*
O REGIME LEGAL DAS SOCIEDADES DE SEGUROS — *José Pereira da Silva.*
UM NOVO HORIZONTE DA PEDAGOGIA — *Ernesto Schneider.* Trad. de E. Davidovich.
ALIMENTAÇÃO — *Cleto Veloso Seabra.*
O DINHEIRO NA VIDA ERÓTICA — *Karl Weissmann.* Prefacio de Gastão Pereira da Silva.

Livraria José Olimpio, Editora

Escritorio: 1.° de Março, 13 — Tel. 23-2831
Loja: Ouvidor, 110 — Tel. 23-2389
Rio de Janeiro

Romances:

CAMINHO DE PEDRAS — *Raquel de Queiroz.*
SAFRA — *Abguar Bastos.*
CAPITAES DE AREIA — *Jorge Amado.*
PAÍS DO CARNAVAL — *Jorge Amado* (3.ª ed.).
JUBIABÁ — *Jorge Amado* (2.ª edição).
A BAGACEIRA — *José Americo de Almeida* (7.ª edição).
EXPERIENCIA — *Martinho Nobre de Melo.* (1.ª e 2.ª edição).
A VOZ DO OESTE — *Plinio Salgado.* (2.ª ed.).
O CAVALEIRO DE ITARARÉ — *Plinio Salgado.* (2.ª edição).
ESTRANGEIRO — *Plinio Salgado* (4.ª edição).
RUA DO SIRIRÍ — *Amando Fontes.*
O AMANUENSE BELMIRO — *Ciro dos Anjos.*
SUBURBIO — *Nelio Reis.*
A BARRAGEM — *Inês Mariz.*
PUREZA — *José Lins do Rego.*
DOIDINHO — *José Lins do Rego.* (3.ª edição).
NAVIOS ILUMINADOS — *Ranulfo Prata.*
CARVÃO DA VIDA — novela de *Armando de Oliveira.*

Contos:

OSCARINA — *Marques Rebelo.* (Ed. definitiva).
MACUNAIMA — *Mario de Andrade.* (2.ª edição).
A RONDA DOS SECULOS — *Gustavo Barroso.* (4.ª edição).

"Coleção Documentos Brasileiros"
(Direção de Gilberto Freyre)

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELOS E SEU TEMPO — *Otavio Tarquinio de Sousa.*
MEMORIAS (Estas minhas reminiscencias...) — *Oliveira Lima.*
NORDESTE (Aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil) — *Gilberto Freyre.*
O OUTRO NORDESTE (Formação social do Nordeste) — *Djacir Menezes.*
NO ROLAR DO TEMPO (Opiniões e testemunhos respigados no Arquivo do Orsay, Paris) — *Alberto Rangel.*
O INDIO BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCÊSA (As origens brasileiras da teoria da bondade natural) — *Afonso Arinos de Melo Sodré.*

Obras de Humberto de Campos:

OS PARIAS — 7.ª edição.
MEMORIAS INACABADAS — 3.ª edição.
SOMBRAS QUE SOFREM — 6.ª edição.
DESTINOS... — 5.ª edição.
SEPULTANDO OS MEUS MORTOS — 2.ª edição.
O MONSTRO E OUTROS CONTOS — 6.ª edição.
A' SOMBRA DAS TAMAREIRAS — 4.ª edição.

Literatura — Diversos:

GEOGRAFIA SENTIMENTAL — *Plinio Salgado.* (1.ª e 2.ª edições).
CASTRO ALVES — ensaio, de *Edson Carneiro.*
TEATRO — *Oswald de Andrade.*

História:

PEQUENA HISTÓRIA DO MUNDO — *H. G. Wells.* Tradução de Gustavo Barroso.
A CONFERENCIA DO DESARMAMENTO — *General Leitão de Carvalho.*

Politica:

CRISTO E CESAR (Vol. II de "Destino do Fascismo") — *Otavio de Faria.*
A DEMOCRACIA — *F. Nitti.* Tradução de A. Piccarolo.
ESTADO CORPORATIVO — *Tasso da Silveira.*
O IMPERATIVO ECONOMICO BRASILEIRO — *A. de Lima Campos.*
HISTÓRIA VERDADEIRA DOS MARCOS DE COMPENSAÇÃO — *Marcos de Souza Dantas.*
PSICOLOGIA DA REVOLUÇÃO — *Plinio Salgado.* (3.ª edição).
JORNADA DEMOCRATICA — *Armando de Sales Oliveira.*

Medicina:

QUESTÕES DE BIOLOGIA E DE MEDICINA — *Jaime R. Pereira.*

Direito:

LETRA DE CAMBIO (Direito Cambiario, I) — *Pontes de Miranda.*

Musica:

PSICOTÉCNICA DO ENSINO ELEMENTAR DE MUSICA — *A. Sá Pereira.*

Arte Culinaria:

RECEITAS PARA VOCÊ — *Tia Evelina.*

"A Noite" S. A., Editora

A ACADEMIA DE LETRAS NA INTIMIDADE — *Francisco Galvão.*
ALMA DO BRASIL — *João de Barros.*
A AMERICA E O MUNDO — *Ovidio da Cunha.*
O AMOR INFELIZ DE MARILIA DE DIRCEU — *Augusto de Lima Junior.* (2.ª edição).
CANTICOS DE AMOR — *Gonçalves Dias.*
CRONICA DOS NOSSOS DIAS — *Prado Kelly.*
CONHECE-TE PELOS SONHOS — *Gastão Pereira da Silva.*
EDUCAÇÃO FISICA CIENTIFICA — *Heini Wenzel.*
ESPANHA — GÊNESE DA REVOLUÇÃO — *Alvaro de las Casas.*
FÉRAS DO PANTANAL — *Ernesto Vinhais.* (2.ª edição).
CONTOS DE NATAL — *João Luso.* (3.ª edição).
GINASTICA PELO RADIO PARA O BRASIL — *Osvaldo Diniz Magalhães.*
LINGUAGEM E ESTILO — *Laudelino Freire.*
PALAVRAS AO BRASIL — *João de Barros.*
REGRAS PRATICAS PARA BEM ESCREVER — *Laudelino Freire* (3.ª edição).
SOL DAS ALMAS — *Martins Fontes.*
UM BOEMIO NO CÉU — *Catulo da Paixão Cearense.*
VIDA E AMORES DE CASTRO ALVES — *Pedro Calmon* (2.ª edição).
VIDA DE CARLOS GOMES — *Itala Gomes Vaz de Carvalho.* (2.ª edição).
OS ANIMAIS VOSSOS IRMAOS — *João Luso.*
AMOR DE SOGRA — *Epicteto Fontes.*
LIVRO DAS MOÇAS — *Nicolau Ciancio.*
ATORES E ATRIZES — *Eduardo Vitorino.*
FRA ANGELICO — *Embaixador Luiz Guimarães Junior.*

Schmidt, Editor

Romances:

MANDRACA — *Gomes de Moura.*
A TERRA COME TUDO — *Luiz Martins.*
A ENCHENTE — *Tavares Franco.*

Ensaios:

GRUPO E ESPIRITO — *Alvaro Penafiel.*
A PINTURA MODERNA NO BRASIL — *Luiz Martins.*
OS TRINTA ESPIRITOS FONTES — *Tasso da Silveira.*
RENASCIMENTO DO HOMEM — *Adonias Filho.*
A DOUTRINA DO SIGMA — *Plinio Salgado.*
O QUE E' O INTEGRALISMO — *Plinio Salgado.* (4.ª edição).
ATUALIDADES BRASILEIRAS — *Miguel Reale.*

Antropologia:

CASA GRANDE & SENZALA — *Gilberto Freyre.*

Diversos:

POESIAS ESCOLHIDAS — *Atilio Milano.*
CAMINHOS PERDIDOS — novela, de *E. Mallet de Lima.*
BOIUNA — contos, de *Anadir do Nascimento Bastos.*
MEDICINA DE URGENCIA — *Alvaro Bastos e Roberto Segadas.*
COMO VENCER NA NATAÇÃO — *Takashiro Saito.*

Cia. Melhoramentos de S. Paulo

A' volumosa coleção de obras didáticas que em 1937 teve varias reedições, foram editadas mais:

MATEMATICA (4.° ano) — *Algacir M. Maedre.*
FISICA (3.° e 4.° anos) — *Anibal de Freitas.*
ENGLISH FOR COMMERCID LIFE — *Neif Antonio Alem.*
LE FRANÇAIS APPRIS SANS PEINE — *Neif Antonio Alem e Dulce Morais Bianchini.*

Editora Guanabara

Rua do Ouvidor, 132. Tel. 22-7231 — Rio

Medicina:

LIÇÕES DE CLINICA MEDICA — *Ramond* (1ª, 2ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª e 13ª series).
MEDICINA CLINICA — *Clementino Fraga.*
COMPENDIO DE PATOLOGIA EXTERNA — *Forgue.*
MANUAL TEÓRICO E PRATICO DE HISTOLOGIA — *E. M. Meylot e A. Baudrimont.*

TRATADO DE FARMACOLOGIA E TERAPEUTICA — *Pio Marfori.*
FORMULARIO PRATICO DE GINECOLOGIA — *J. Jeanneneney-M. Rosset.*
FORMULARIO DE ENDOCRINOLOGIA — *G. Jeanneney-J. Hirtz.*
DIAGNOSTICO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS INFANTIIS — *F. Lust.*
TRATADO DE FISIOLOGIA — *Gley.*
MANUAL DE OBSTETRICIA — *Fabre.*
TERAPEUTIICA CLINICA — *Fontenelli.*
ANESTESIA REGIONAL — *Victor Pauchet.*

Literatura:

Edição uniforme das obras de Stefan Zweig:

TRES POETAS DE SUA VIDA — I.
OS CONSTRUTORES DO MUNDO — II.
A CORRENTE — III.
A CURA PELO ESPIRITO — IV.
JOSEPHUS FOUCHÉ — V.
MARIA ANTOÑIETA — VII.
MARIA STUART — VIII.
O ENAMORADO DA VIDA — poesias, de *Olegario Mariano.*
TRAGEDIA DE UMA VIDA — *Stefan Zweig.*
UMA CONCIENCIA CONTRA A VIOLENCIA — *Stefan Zweig.*

Obras completas do Prof. A. Austregesilo:

A EDUCAÇÃO DA ALMA — I.
CARACTÉRES HUMANOS — II.
CONSELHOS PRATICOS AOS NERVOSOS — III.
PESSIMISMO RISONHO — IV.
A CURA DOS NERVOSOS — V.
ASCENÇÃO ESPIRITUAL — VI.
OS PEQUENOS MALES — VII.
CONFLITO SENTIMENTAL — *André Maurois.* Tradução de Heitor Moniz.

Ariel Editora, Ltda.

OURO OU DINHEIRO? (Estudo economico-financeiro) — *Kurt Eichborn.*
PROSAS DE ARIEL (Ensaios de literatura e filosofia) — *Alberto Ramos.*
OBSERVAÇÕES ECONOMICAS E JURIDICAS SOBRE O SEGURO — do ilustre professor belga *Alfredo Manes.*
HISTORIA E CRITICA DA POESIA BRASILEIRA — estudo crítico de *Edison Lins.*
GERMANA — novela, de *Victor Azel.*
SEM RUMO — novela regional gaúcha, de *Ciro Martins.*
RETRATO POPULAR DE UM HOMEM — estudo politico-biografico de *J. Simplicio.*
VERTIGEM — romance, de *Gastão Cruls.* (2.ª edição).
A MÃO E SEUS SEGREDOS — estudos quirosóficos de *Arus Sab.* (3.ª edição).
CIÚME — romance, de *Guzman.* Tradução de Gastão Cruls. (5.ª edição).
PROBLEMAS DE ENSINO MEDICO E DE EDUCAÇÃO — *A. da Silva Melo.* Estudo da nossa organização universitaria atual, com prefacio de Gilberto Freyre.

Norte Editora

Largo da Lapa, 53 — Rio

SANGUE SERTANEJO — romance, de *Prado Ribeiro.*
IDOLOS TOMBADOS — crítica politica, idem.
O QUE E' O COMUNISMO? — ensaio de interpretação, idem.

Livraria Editora Coelho Branco

Rua da Quintanda, 9. Tel. 22-3634 — Rio

Sociologia e Politica:

AÇÃO NACIONAL — *José Mendonça.*
O PROBLEMA IMIGRATORIO NA CONSTITUIÇÃO — *Xavier de Oliveira.*
O TRABALHO E O SALARIO — *Francisco Fróla.*
REPUBLICA SINDICALISTA DOS E.U. DO BRASIL — *Olbiano de Melo.*
RETALHOS VERDES — *J. Ferreira da Silva.*
EXEMPLOS E PROBLEMAS — *A. Gomes do Carmo.*

Poesias:

FORÇAS DO CORAÇÃO — *Augusto Amado.*
CLAREIRAS ENCANTADAS — *C. Xavier Azevedo.*
EXALTAÇÃO — *Zelia Vilas Bôas.*

Assuntos militares:

HISTORIA MILITAR ESPIRITO DOS POVOS — *Luciano Pereira Silva.*
CONTOS MILITARES — *Capitão Bias.*
MEDALHAS HUMANITARIAS — *General Aristides Pinho.*

Assuntos históricos:

TOBIAS BARRETO, O HOMEM PENDULO — *Roberto Lira*.
A INCONFIDENCIA — *Rocha Nunes*.

Literatura infantil:

NOSSO BRASIL (1.ª série — *História*) — *Plinio Salgado*.
HISTORIETAS COMICAS — *Max Yantock*.

Romance:

A MORTE DE FREI PEDRO — *Phelipe Messina*.

Casa Mandarino, Editora

Rua do Nuncio, 66. Tel. 43-2323 — Rio

Coleção Rosa:

A DAMA DAS CAMELIAS — romance, de *J. Sand*.
ALMAS INIMIGAS — romance, de *H. Foster*.
O SEGREDO DO PASSADO — romance, de *H. Ardy*.
VALENTINA — romance, de *J. Sand*.
VINGANÇA DE MULHER — romance, de *J. Sandeau*.
BETARIZ — romance, de *O. Feuillet*.
O SONHO DE SUZY — romance, de *E. Le Maire*.
PENSAMENTOS — *Marco Aurelio*.
MEDITAÇÕES METAFISICAS — *Descartes*.
A REPUBLICA ATENIENSE — *Aristoteles*.
JORGE OU O CAPITÃO DOS PIRATAS — *Alexandre Dumas*.
BATISTA CEPELOS — *Melo Nobrega*.

Editora Minerva

Rua S. José, 21 — Rio

SOPRO CIRCULAR DE MIGUEL COUTO — *Dr. Mucio de Sena*.
ESTADO ATUAL DA TERAPEUTICA ANTI-TUBERCULOSA — *Prof. A. Mac Dowell*.
HIGIENE DO TRABALHO INDUSTRIAL — *Professor João de Barros Barreto*.
QUESTÕES ATUAIS DE PATOLOGIA E DE CLINICA — *Prof. Clementino Fraga*.
O DIABETE SACARINO — *Prof. F. Rathery*. Tradução do Dr. Hélion Póvoa.
A EVOLUÇÃO DA SEXUALIDADE E OS ESTADOS INTER-SEXUAIS — *Prof. Gregorio Maranon*. Trad. do Dr. Fioravanti de Piero.
CONHEÇAMOS NOSSOS MALES (Diapatía) — *Dr. Enéas Lintz*.
MANUAL DE CALDEIRAS E MAQUINAS A VAPOR — *Um profissional*.
A ENERGIA EM 12 LIÇÕES — *Yoritomo Tashi*. (2.ª edição).
INTEGRALISMO, NAZISMO E FASCISMO — estudos comparativos, de *A. Tenorio de Albuquerque*.
O VOCABULARIO DE CAMILO (Palavras ainda não diciolizadas) — *Prof. A. Tenorio de Albuquerque*.
GALICISMOS (Influencia da linguagem no português) — *Prof. A. Tenorio de Albuquerque*.
HUMBERTO DE CAMPOS — a mais notavel biografia do beletrista maranhense, por *Macario de Lemos Picanço*.
A PSICOLOGIA DO SOFRIMENTO (Forças espirituais) — *Pierre Sanson*.
A NOITE DE 12 PARA 13 — *André Steeman*.
CAPRICHOS DE LADY — *Anthony Dreyer*.
O BOBO DO REI — *Joraci Camargo*.
DEUS LHE PAGUE — *Joraci Camargo*.
ATRAVESSANDO A CHINA E A MONGOLIA — *Conde Henri de la Veaux*.

Livraria Freitas Bastos

DIREITO DAS SUCESSÕES — *Carlos Maximiliano*. (2 vols.).
CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS PENAIS — *Vicente Piragibe*.
SINTESE DE DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO — *Tito Fulgencio*.
CURSO DE DIREITO CONSTITUCIONAL BRASILEIRO — *Pedro Calmon*.
DICIONARIO DE JURISPRUDENCIA PENAL DO BRASIL (2.° Suplmento) — *Vicente Piragibe*.
CODIGO CIVIL INTERPRETADO (do 1.° ao 10.° e do 16.° ao 25.° volume) — *Carvalho Santos*. (2.ª edição).
DIREITO COMERCIAL (Vols. 1°, 2° e 4°) — *Carvalho Mendonça*. (2ª edição).
MOLESTIAS INFECCIOSAS — *Garfield de Almeida*.
LIÇÕES DE CLINICA MEDICA — *Garfield de Almeida*.
BREVIARIO DA GRAFIA OFICIAL — *Julio Nogueira*.
MORFOLOGIA DA MULHER — *H. de Irajá*.
SEXUALIDADE E O AMOR — *H. de Irajá*.
SEXUALIDADE PERPETUA — *H. de Irajá*.
TRATAMENTO DOS MALES SEXUAIS — *Hernani de Irajá*.

Irmãos Pongetti, Editores

Avenida Mem de Sá, 78 Tel. 22-4417 — Rio

Biografias:

VOLTAIRE — *André Maurois.*
TALLEYRAND — *Franz Blei.*
ANGELIM — *Dilke de Barbosa Rodrigues.*
LA FONTAINE — *Afonso Louzada.*

Romances e novelas:

OS OLHOS DO IRMÃO ETERNO — *Stefan Zweig.*
ENQUANTO ELA DORME — *Ernani Fornari.*
EUTANÁSIA — *Januario Cicco.*
OCASO DE UM CORAÇÃO — *Stefan Zweig.*
GADO HUMANO — *Nestor Duarte.*
SERTÃO BRAVIO — *Jaime Sisnando.*
PONTA DE RUA — *Fran Martins.*
MORRO DO MOINHO — *Martins d'Alvarez.*

Contos:

HISTÓRIAS DE TODAS AS CORES — *Luiz Gurgel do Amaral.*
MINHA VIDA QUERIDA — *Malba Tahan.*

Literatura infantil:

OS GRANDES BEMFEITORES DA HUMANIDADE — *F. Acquarone.*

Poesias:

ATLANTE ESMAGADO — *Luiz Delfino.*
ONDULAÇÕES — *Newton Beleza.*
SINFONIA DA DOR — *Yonne Stamato.*
PAISAGENS SONORAS — *Faustino Nascimento.*
SINFONIAS COLORIDAS — *Hamilton Elia.*
CHAMA EXTINTA — *Beni Carvalho.*
POESIAS — *Mario Linhares.*
O CAMINHO ENLUARADO — *Adelmar Tavares.*

Sociologia, Economia Politica, etc.

INVALIDEZ E SEGURO SOCIAL — *Irineu Malagueta.*
TEORIAS ANTIGAS E MODERNAS SOBRE A MOEDA, O CREDITO E OS CICLOS ECONOMICOS — *Luis Roque Gondra.*
CRITICA A' "O CAPITAL" DE KARL MARX — *Vilfredo Pareto.*
RECURSO EXTRAORDINARIO — *Vasco Lacerda Gama.*
O ORFEÃO NA ESCOLA NOVA — *Leonila Linhares Beuttenmüller.*
COMPENDIO DE TÉCNICA VOCAL — *P. Lopes Moreira.*
O DIREITO EM AÇÃO — *José Jaime de Vasconcellos.*
A HORA H DO CAFÉ — *Benedito Mergulhão.*

AVULSOS

STEFAN ZWEIG — reportagens, de *D'Almeida Vitor* — "Cultura Moderna" — S. Paulo.
IDÉIAS NOVAS — ensaios, de *Augusto Silva.*
SALAMALEQUES E PONTAPÉS — cronicas, de *Benedito Mergulhão.*
VERSOS QUE A GENTE FAZ — *Peixoto da Silveira.*
O DIABO EM FÉRIAS — *Berilo Neves.*
EDUCAÇÃO SEXUAL — *Alice Moreira.*
A VIRGEM DE FÁTIMA — *Marques da Cruz.*
FINLANDIA — *J. Gualberto de Oliveira.*
OLHOS D'AGUA — *João Accioly.*
PANDEMONIO — *Cristóvão de Camargo.*
UMA COISA E OUTRA — *Bastos Tigre.*
KERMESSE — livro infantil, de *Costa Neves.*
ALGUMAS DECISÕES — *Cunha Vasconcelos Filho.*
PENSAMENTOS AMERICANOS — *Vicente Licinio Cardoso.*
A' MARGEM DA VISITA PASTORAL — *D. Antonio de Almeida Lustosa.*
ESPIRITO DS LEIS SOCIAIS — *Bezerra de Freitas.*
IMPRESSÕES E CRONICAS — *Madalena Camucé.*
INSTITUIÇÕES ESCOLARES — *Maria dos Reis Campos.*
BONITAS E FEIAS — contos e cronicas, de *Sebastião Fernandes.*
NA ESFERA DO PENSAMENTO BRASILEIRO — *Pinheiro Guimarães.*
CLASSE MÉDIA — romance, de *Jarder de Carvalho.*
FLUTUANTES — poesias, de *Gervasio Freitas.*
EPÍLOGOS — *Mauricio Simões.*
O SINDICALISMO E A REALIDADE BRASILEIRA — *Oliveira Rodrigues.*
LEGISLAÇÃO DAS CAIXAS ECONOMICAS — *A. Attico Leite.*
AS BASES CIENTIFICAS DA ESTÉTICA — *Pompeu P. S. Brasil.*
MEMORIAS DE IVAN TRIGAL — *Funchal Garcia.*
METODO DE CÓRTE — *Helena Paraguassú.*
PRÉGANDO AOS PEIXES — *Cristóvão de Camargo.*
CLINICA MEDICA (IV Serie) — *Prof. W. Berardinelli.*
O GRANDE DESCONHECIDO — *Vitor de Sá.*
ATORES E ATRIZES — *Eduardo Vitorino.*
ANTOLOGIA DOS POETAS BRASILEIROS DA FASE ROMANTICA — *Manuel Bandeira.*

PERDEGANHA — *Otoniel Mota.*
POEMAS ESCOLHIDOS — *Modesto de Abreu.*
PALAVRAS DE MEU PAI — *D. Taborda.*
POESIAS ESCOLHIDAS — *Atilio Milano.*
MINHA VIAGEM MARAVILHOSA — *Mateus da Fontoura.*
O MAIOR POETA — *M. Nogueira da Silva.*
COMO SE FEZ UMA INSTITUIÇÃO — relatorio do 3° aniversario do Centro Paulista.
CASTNIDEOS E ESFINGIDEOS DO BRASIL — *Prof. Benedito Raimundo.*
ANAIS DO CONGRESSO DAS ACADEMIAS DE LETRAS E SOCIEDADES DE CULTURA LITERARIA DO BRASIL.
MEDALHAS MILITARES BRASILEIRAS — *Francisco Marques dos Santos.*
DIREITO AO DESCANSO — *Aderbal Freire.*
IMAGENS E POESIAS — *Augusto Accioly Correia.*
VIA LUCIS — poesias, de *Brant Horta.*
PALCO GIRATORIO — cronicas, de *Tetrá de Teffé.*
HORA AZUL — poesia, de *Beatriz dos Reis Carvalho.*
FLOR DE LOTUS — *Aisha Déssinée.*
VERSOS AUREOS DE PITÁGORAS — tradução de Clovirio Térbo.
A JUSTIÇA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO E A SUA CONSTITUCIONALIDADE — *Isimbardo Peixoto.*
AS FÉRIAS DE ALICE — livro infantil, de *Lola de Oliveira.*
CLAREIRAS ENCANTADAS — poesias, de *Carlos Xavier de Azevedo.*
TERRA MÁRTIR — *José Auto de Abreu.*
O TRABALHO SERVIL NO BRASIL — *A. Bandeira de Melo.*
O ESPIRITO HUMANO — *Neves Manta.*
MULHERES A' VENDA — *Tenorio de Albuquerque.*
DOIS CENTENARIOS — ensaios, de *Mario Vilalva.*
UM CHEFE — *Antéro Queiroz.*
BIOTIPOLOGIA E EDUCAÇÃO — *Peregrino Junior.*
COMBATE A' EROSÃO — *Ofir Viana.*
LE JUGE ET LA LOI — *Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto.*
MACHADO DE ASSIS — *Teixeira Soares.*
O ETERNO ADÃO — *Jessé de Almeida.*
DRAGÕES DE MATO GROSSO — *Luiz Barbosa Lima.*
HISTÓRIAS DO BEM E DO MAL — *Tristão da Cunha.*
NO TEMPLO DA SABEDORIA — *Lidio Machado Bandeira de Melo.*
JORNADA SANGRENTA — *Americo Palha.*
ALMA DO NORDESTE (Estudos do Nordeste) — *Nery Camelo.*
PRONTUARIO DA LEGISLAÇÃO IMIGRATORIA BRASILEIRA — *Dulphe Pinheiro Machado.*
IMPERATIVO ECONOMICO DO BRASIL — *A. de Lima Campos.*
MARCOS DE COMPENSAÇÃO — *Marcos de Souza Dantas.*
CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOCIDIO — *Florival Leraine.*
DINA — *Pedro Wagne.*
TRUQUES E ILUSIONISMO — *Adolf Weisigk.*
NOTAS DE VIAGEM — *Almirante Saldanha da Gama.*
POLITICA FINANCEIRA E ECONOMICA — *Diniz Junior.*
CLARÕES — poesias, de *J. Ramalho.*
UMA NOITE NA SERRA DA ESTRELA — impressões, de *Branca Folque.*
AGUAS MINERAIS DO BRASIL — *Dr. Alfeu Diniz Gonçalves.*
HEREDITARIEDADE E EUGENIA — *Prof. Otavio Domingues.*
CINCO DE JULHO — *Rodrigues Crespo.*
MESTRE DOMINGOS — *Lino Guedes.*
HORAS LIRICAS — poesias, de *José Bastos.*
VESTA — romance, de *Amelia de Freitas Bevilaqua.*
CONSOLAÇÃO — poesias, de *Vieira da Silva.*
DOIS ESTUDOS DE HERALDICA — *Breno de Azevedo Filho.*
A SAÚDE DOS FILHOS — *Dr. Mario Rangel.*
PELA CIDADE — *Alceu Carvalho.*
A MOEDA E AS FINANÇAS PUBLICAS — *Josafá Linhares.*
O MIL E A POLITICA FINANCEIRA DO BRASIL — *Josafá Linhares.*
O ESPIRITISMO DEANTE DO TRIBUNAL DA CIENCIA — *Leopoldo Machado.*
NOÇÕES ELEMENTARES DE URBANISMO — *Francisco Batista de Oliveira.*
A AMERICA E O MUNDO — *Ovidio da Cunha.*
ESPLENDORES DA FE' — *Padre Huberto Rhoden.*
LAGRIMAS E RISOS — poesias, de *Lima Rodrigues.*
JOSE' VERISSIMO — *Francisco Prisco.*
POESIAS — *Raul Machado.*
EVA E SUAS IRMAZINHAS — *J. Ferreira Gomes.*
CANÇÃO DA FELICIDADE — *Nosór Sanches.*
HISTÓRIAS COMICAS DO PEQUENO COMANDANTE — *Max Yantock.*
A VIDA GLORIOSA DE OSVALDO CRUZ — *Phocion Serpa.*
SAUDADE — ensaios, de *Valter Fontenele Ribeiro.*

SANFONA — cronicas, de *Valter Fontenele Ribeiro.*
MEU DEPOIMENTO — *João Medeiros.*
POEMAS NOVOS — *Guilherme de Castro e Silva.*
POESIAS — *Mario Linhares.*
A FILOSOFIA UNIVERSAL — *M. Carlos.*
GUANABARA, LA SUPERBE — *Madame Luís Hermite.*
AUTOPSIA DE UMA CALUNIA — *Luiz Martins.*
O DIREITO EM AÇÃO — *José Jaime Ferreira de Vasconcelos.*
CHAMA EXTINTA — *Beni de Carvalho.*
PRESIDENCIALISMO E PARLAMENTARISMO — *Tancredo Vasconcelos.*
FRANCISCO BRAGA — *Tapajós Gomes.*
A INCONFIDENCIA — *Rocha Nunes.*
A VIDA DO HOMEM EM TRES MUNDOS — *Annie Besant.*
PÁGINAS DE SUL-AMERICANISMO — *Hélion Póvoa.*
CODIGO ELEITORAL — *Agripino Veado.*
CONSOLAÇÃO — contos, de *Armando Vieira da Silva.*
SINFONIAS COLORIDAS — *Hamilton Elia.*
NOVOS ASPECTOS DA FIGURA DE CAXIAS — *E. Vilhena de Morais.*
O SEXTO SENTIDO — *Annie Besant.*
COMO EVITAR A TUBERCULOSE — *A. Ibiapina.*
O IDEAL REPUBLICANO DE BENJAMIN CONSTANT — *Nelson Garcia Nogueira e J. Modesto Lima.*
DAS ORIGENS DA ARTE BRASILEIRA — *Anibal Matos.*
CASTELOS DE AREIA — poesias, de *Oton Costa.*

Lingua Portuguêsa

Ó língua de Camões, de estrofes sonorosas,
Que Nêtuno aprendeu para encantar sereias,
Idioma que ensinou ás virgens amorosas
As ternuras que canta em trovas e epopeias!

Língua de Bernardim, de lendas lacrimosas:
Se cantas o furôr das guerras — estrondeias!
Mas se carpes o amôr em xácaras saudosas,
És guitarra a gemer; és rouxinol — gorgeias!

Língua que fez chorar a França soberana,
Com frases de paixão da Freira Lusitana,
Que em teu altar queimou seu coração febril:

Língua do Amôr, do Bem, da Paz e da Saudade
Que falas a ligar por toda a eternidade
O heroico Portugal ao seu irmão — Brasil!

Maximiano Augusto Gonçalves

BILHETE P. E. N.

O 15.º Congresso Internacional dos P. E. N. Club de Paris

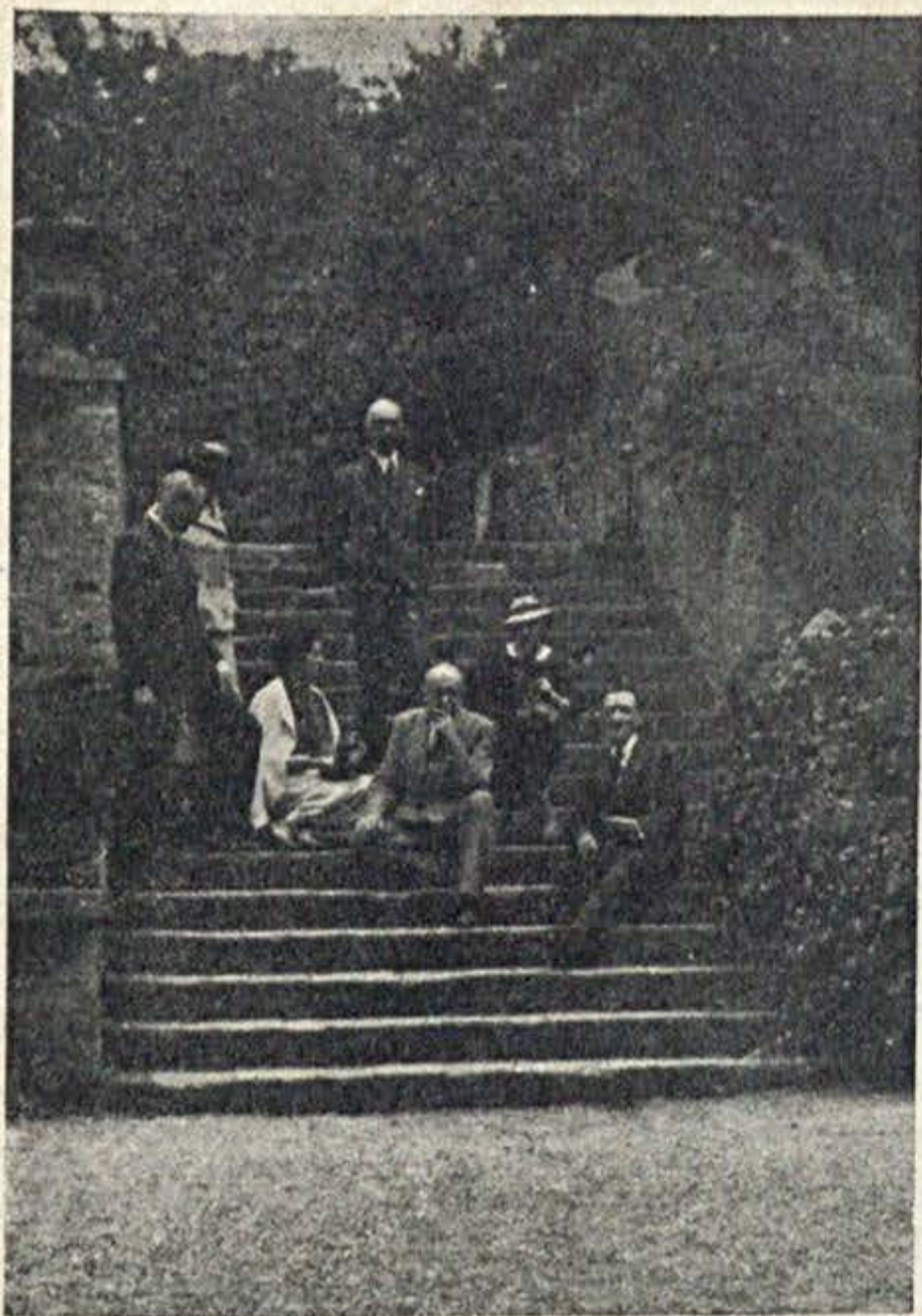
RAUL PEDROZA
Secretario do P. E. N. Club do Brasil

Os Irmãos Pongetti tudo merecem pela grande obra que estão realizando com o ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA. Assim, já rodando o prélo, alguns minutos do meu atribulado tempo, transformados em palavras, rapidas, sintetisando o que foi o Congresso de París, representam tambem uma homenagem a esse esforço que diz bem alto do trabalho e da tenacidade dos editores brasileiros.

Já tive ensejo de me referir longamente á obra da Comissão para a Universalização da Cultura, da qual fiz parte e onde os projetos que apresentei lograram aplausos. De resto brevemente um destes projetos se transformará, no Brasil, em realidade com a creação do Radio-Jornal P. E. N. que teve o decidido apoio do sr. Lourival Fontes.

Então, periodicamente na Radio Oficial noticias e criticas sobre livros brasileiros e notas sobre literatura em geral, serão difundidas em lingua estrangeira, do Brasil para todos os países do mundo. Levaremos tambem a todos os recantos do territorio nacional a corrente espiritual da literatura contemporanea mundial. Crearemos desse modo, como tive ocasião de o dizer, em torno do planeta que habitamos uma atmosfera mental tão necessaria á vida do espirito quanto o é para a vida do corpo o ar que respiramos.

As outras duas Comissões foram tambem das mais interessantes. A primeira, discutiu a tése que indagava si existia um estílo *de hoje* na literatura mundial. Foi relator Lucien Paul Tomas, o brilhante escritor belga que conquistou a nossa simpatia quando aqui passou, em 1936, com destino ao Congresso de Buenos Aires. Os congressistas que tomaram parte no debate que acabo de mencionar não tardaram a constatar a dificuldade do tema, estando no entanto, de acôrdo para reconhecer que, si o simbolismo, por exemplo, havia terminado a sua evolução como movimento literário, não tinha exgotado, no entanto, a sua influencia, criando, por meio da eliminação, um estílo novo, já se tendo libertado das formas retoricas do classicismo, do romantismo e tambem das descrições minuciosas dos realistas que pensavam exgotar a materia pelo acumulo de detalhes. O simbolismo, sublinhou Lucien Paul Tomas, trouxe-nos certos esforços que ficaram nas tendencias atuais e que exerceram uma influencia duravel, eliminando o estílo-discurso que dominava, com toda a sua pletóra, a literatura anterior. A ação do super-realismo foi debatida tendo sido unanime o acordo num ponto: o super-realismo, já tendo atingido o seu apogeu, entrou num periodo de declinio, quanto a sua significação de *escola literaria*. Não foi julgado no entanto que a ação do super-realismo tivesse desaparecido; ela parece, ao contrario, oferecer um interesse primordial para as novas gerações, interesse que, segundo Vinaver, se exprime numa aspiração mística. Segundo sua opinião os esforços do homem para atingir as causas e para ligá-las aos efeitos, representam o elemento primordial da literatura, seja no dominio psicologico, no romance, seja no dominio da poesia. Zaleski exprimiu a opinião de que o super-realismo pode ser interpretado de duas maneiras: intensificação da realidade e evasão da realidade. As duas tendencias podem habitar juntas e a creação da obra de arte correspondendo a uma necessidade quase biologica, o homem para a crear, cria antes a materia, o idioma, o estílo. Zaleski faz um paralelo entre a literatura e a arquitetura. Esta, na sua opinião, influe sobre aquela, pelas suas grandes massas de efeitos poderosos e pelas suas linhas simples. Já von Praag constata esse ultimo ponto de vista; mas eis que Berendton, voltando á questão do misticismo contemporaneo, vê aí uma tendencia deploravel. Êle definiu os direitos da *realidade* que o escritor tem o dever de olhar de face. A discussão deixa o terreno dos grandes movimentos literarios e muito haveria ainda a dizer sobre as diversas opiniões que Manfred George, Cuervo Marquez, outros ainda, apresentaram. Em suma os debates puseram em plena luz uma importante evolução da literatura moderna. Com um estílo infinitamente variavel, im-

NO JARDIM DE GEORGES DUHAMEL

Da direita para a esquerda: Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira; a pintora Sra. Olga-Mary Pedroza, Georges Duhamel, da Academia Francêsa; François Mauriac, da Academia Francêsa, que acaba de triunfar, como autor dramatico, na "Comédie Française"; a Sra. François Mauriac, a Sra. Georges Duhamel e Raul Pedroza, secretario do P. E. N. Club do Brasil. Neste encantador jardim, nos arredores de Paris, o grande escritor francês Georges Duhamel escreveu um dos seus celebres livros: "Fabulas do meu jardim", editado no Brasil pelo "Jornal do Commercio", na primorosa tradução de João Luso.

põem-se, no entanto, alguns traços comuns, pelas condições atuais da conciencia, orientação psicologica e ritmo. Não se póde portanto, dizer que existe, sob uma forma homogenea e concreta, um estilo de *hoje*, na literatura mundial, podendo-se embóra admitir que os elementos de formação deste estílo têm uma existencia real.

Procurou-se encontrar no universal um pouco de eternidade e os escritores aproximaram-se com emoção de alguns segredos da intuição do estílo, sublinhou Lucien Paul Tomas, sob os aspectos infinitamente complexos do poder da cultura e da sensibilidade moderna.

Já no campo onde foi continuado o estudo iniciado em Buenos Aires sobre o futuro da Poesia, estudos presididos em París por Anthonie Donker, tambem nosso conhecido no Rio, o poeta Gabriel Audisio, com uma finura, uma sensibilidade que estiveram constantemente á altura do assunto, resumiu os debates dos quais nos ocuparemos em outra ocasião mais detidamente, como o merecem, mencionando aqui apenas o topico que interessa á delegação brasileira, conservando-a como está no original. Disse Gabriel Audisio: "Plusieurs de nos confrères nous ont donné l'assurance qu'ils n'apercevaient pas, dans leurs pays respectifs, que la poésie fût abandonnée, menacée ou méprisée. Mme. Gabriela Mistral d'abord, puis M. Raul Pedroza, nous ont montré tout ce que la poésie a conservé de vivant et d'actuel, jusqu'au sein des masses populaires dans les pays de l'Amérique du Sud. Le même état de choses pourrait être signalé en Espagne oú l'on a vu depuis un an refleurir, selon les formes traditionnelles de la poésie populaire, un *romancero* de la guerre civile. Je dois même, à ce propos, me faire auprès du congrès, l'interpréte de M. Pedroza qui a émis le vœu, très digne d'attencion, qu'un prochain congrès internacional des PEN Clubs s'occupe spécialement du folk-lore universel."

Com esta proposta eu quís sugerir como seria interessante estudar o folclore universal, suas raizes, suas influencias sobre a literatura contemporanea, acrescentando que assim cada nação debruçada sobre a sua propria terra, ouvindo o rumor dos passos da poesia tradicional que vai desaparecendo, compreenderia melhor o sentido universal da poesia que vem...

Durante o Congresso senti profundamente não poder ter a companhia do outro delegado oficial do P. E. N. Club do Brasil, esse grande espirito que é Miguel Osorio de Almeida. E' que êle, em outros congressos, estava honrando e elevando o nome do Brasil. Na ultima sessão plenaria sob a alta direção de Jules Romains, tive a oportunidade de comunicar a atuação do P. E. N. Club, do Brasil, continuando a trabalhar para tornar realidade o projeto apresentado pelo presidente Claudio de Sousa no Congresso de Buenos Aires: A creação do Instituto de Assistencia e Pensões aos Homens de Letras, comunicação recebida com aplausos. Esse projeto mereceu do presidente da Republica, sr. Getulio Vargas, a maior simpatia e, quando se tornar, em breve, realidade significará o apoio e o respeito que toda nação culta deve ao trabalho intelectual e ao esplendor do pensamento.

Nas Selvas do Amazonas

Condições climatericas — Constituição geologica — Adaptação humana — Avanço da civilização na zona temperada da America do Sul — O futuro da bacia amazonica.

Dr. Arturo Vergara Uribe

(Medico e membro da Comissão Permanente de Limites com o Brasil)

Parece-me util e oportuno relatar algumas observações de viagem, acumuladas pouco a pouco em meu caderno de notas no decorrer de muitos dias de navegação pelos rios de aguas misteriosas e tranquilas.

Antes de mais nada surge uma reflexão quando se observam as condições da vida humana no tropico e, especialmente, na extensa zona que cobre a selva equatorial. Compreende-se perfeitamente porque as elevações da crosta terrestre que formaram a cordilheira dos Andes definiram o porvir das raças, cujo destino foi povoar os territorios situados na zona tropical do continente americano.

Antes do descobrimento e conquista da America, as civilizações precolombianas haviam florescido precisamente nos cumes andinos e, tambem, nos planaltos da America Central. Os indigenas da planicie encontravam-se notadamente atrazados e hoje as raças surgidas da mestiçagem advinda da conquista continuam vivendo em condições de manifesta inferioridade nas regiões ardentes do tropico. Têm tido que lutar duramente para adaptar-se ás condições adversas do ambiente, e este fenomeno natural tem-nas feito inferiores fisica e intelectualmente.

Em compensação, ao sul da linha tropical, os climas mais benignos, com as suas estações mais ou menos demarcadas, como na zona temperada da America do Norte e do velho continente, têm servido de cunha a uma civilização mais prospera. Para ali, sem necessidade da iniciativa especial dos governos, dirigiram-se instintivamente fortes nucleos de imigração européa. Esta gente branca, ao mesclar-se com as raças que advieram da colonização de espanhoes no Uruguai, Argentina e Chile e de portuguesês no Brasil, veiu a produzir uma raça nova, vigorosa e inteligente. Hoje começa a florescer uma cultura de autentico cunho europeu, porém fortemente modelada pelas carateristicas fisionomicas sul-americanas.

Nos climas ardentes a luta pela vida é mais penosa; a ardua peleja torna o homem inferior como animal pensante; obriga-o a por em jogo todas as suas energias vitais para a simples conservação da existencia. Para o individuo que vive nessa perpetua condição de defesa extremada, a inteligencia representa um luxo perigoso. Tal prerogativa sómente a póde permitir o organismo que conseguiu harmonizar-se com o meio ambiente, pois, na realidade, constitue um desgaste superfluo e por conseguinte inutil para a pura conservação da vida. A's necessidades elementares da animalidade; para o cavalo, para a serpente como para o homem, é suficiente conservar-se e propagar-se... Isto é o unico absolutamente indispensavel, o resto é acessorio. Si não se póde fazer mais, si a luta contra a natureza hostil absorve todas as energias para a vida material, si o organismo se inferioriza dia a dia pela enfermidade, o nivel intelectual do individuo terá que baixar irremediavelmente.

Daí o atrazo inegavel das raças originarias do tropico ou das que tiveram de viver nêle. Dai, outrosim, a insignificante influencia das qualidades trazidas pelo cruzamento com as raças brancas.

Feitas estas observações mais ou menos gerais, talvez se tornem razoaveis nossas idéas sobre a planicie amazonica.

Quase todas as caraterísticas tão exoticas e interessantes dessa região, derivam de sua situação em plena selva equatorial.

A intensa evaporação dos mares causada pela grande elevação da temperatura produz a formação rapidissima e permanente de um denso envoltorio de nuvens. De outra parte, os ventos alisios incidem perpendicularmente sobre o litoral em vez de serem paralelos a êle como em outras regiões, e arrastam constantemente pesadas massas de nuvens que formam uma eterna coberta aquosa sobre a região. Si se considera, além disso, a grande superficie evaporavel que fórma seu imenso sistema fluvial e as terras por êle inundadas, compreender-se-á a abundancia excessiva de chuvas e o grau extraordinario de humidade atmosferica. Estes fatores determinaram não só a formação geologica, mas tambem a vegetação e a fauna cujas carateristicas tão curiosas e peculiares as fazem unicas em todo o planeta.

O Amazonas é um continente que está agora apenas surgindo das aguas. Quantos milhares de anos não hão de transcorrer antes que essa extensa superficie se veja livre da inundação geral, de vez que o erguimento do nivel da terra se produz mui lentamente apesar do constante aluvião devido ao enorme sistema fluvial que nasce nos picos mais elevados dos Andes? E então, quando já a selva colossal tiver acabado de surgir do seio das aguas, quando chegará a vez de o clima sofrer a transformação indispensavel para fazer dos pantanos e lodaçais uma região completamente habitavel para o homem?

Depois de haver percorrido muitas e muitas leguas sobre o lombo da aguas tranquilas e formosas daqueles rios, permanece flutuando na memoria do viajante a formosura incomparavel da estuante vegetação, o silencio impertubavel daquelas soledades e as flôres monstruosas e todavia delicadas da "Vitoria-Regia".

O "ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA" é uma publicação que sempre faltou ao Brasil. Prestigiá-la é dever de todos os bons brasileiros que se interessam pelo nosso desenvolvimento cultural. Sem preocupações de patrocinar escôlas literarias, aceita e propaga todas as correntes honestas do pensamento nacional.

O Ministerio da Educação e a Produção Cientifica

Por diversos modos, procura o Ministerio da Educação desenvolver as atividades cientificas entre nós. Além da divulgação e estimulo, resultantes das publicações, maior importancia vêm assumindo, nestes ultimos anos, as instituições cientificas, principalmente as que se dedicam ás pesquisas, no conjunto dos orgãos do Ministério da Educação.

O OBSERVATORIO NACIONAL

Foi elaborado pelo ministro Gustavo Capanema um plano de remodelação do Observatório Nacional, o qual mereceu imediata aprovação do Presidente da Republica.

De acordo com o plano de remodelação, o Observatório Nacional, constituido atualmente pelo Observatório do Rio de Janeiro e pela estação magnetica de Vassouras, ficará composto do Observatório do Rio de Janeiro, de um observatorio de montanha e de tres estações magneticas, localizadas respectivamente no norte, centro e sul do país. Este plano foi consagrado pela reforma do Ministerio da Educação. O Observatório do Rio de Janeiro e a estação magnetica de Vassouras sofrerão remodelações, que orçam respectivamente em 360:796$ e réis 17:450$000, sendo que, para completar a aparelhagem do observatorio será adquirida uma luneta de pássagens, do custo de 75:916$000.

Para a instalação do observatorio de montanha e das duas novas estações magneticas proceder-se-a á escolha dos terrenos, trabalho demorado e dificil, que exige estudos seguros, sendo feito posteriormente a construção dos necessários edificios e aquisição dos aparelhos. Para a escolha dos terrenos será contratado pessoal especializado, importando a despesa deste serviço em 129:300$000.

A construção dos edificios está orçada aproximadamente em 1.350:000$000, sendo .... 690:000$000 para o observatorio de montanha e 660:000$000 para as duas estações magneticas. A aquisição dos aparelhos monta aproximadamente a 4.143:690$000, importando em ...... 2.220:000$000 o telescopio, que será em tamanho um dos maiores do mundo.

O INSTITUTO OSVALDO CRUZ

O Instituto Osvaldo Cruz vem merecendo do Governo a maior atenção, pois importantes obras foram feitas e outras ali estão sendo realizadas. Visitou-as pessoalmente o presidente da Republica. Tais melhoramentos consistiram não só em reparos e conservação, como em ampliação e edificações novas, dentre elas a dos bioterios, e em remodelação total das instalações de eletricidade, aguas e esgotos.

Agora, o Instituto Osvaldo Cruz acaba de ser objeto de um importante decreto-lei do Governo. O sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, dirigiu ao presidente da Republica a seguinte exposição de motivos:

"Submeto á aprovação de v. ex. as medidas abaixo consignadas, para o fim da remodelação do Instituto Osvaldo Cruz. Tais medidas, uma vez aprovadas, deverão ter imediata e segura execução.

1.º) — O Instituto Nacional de Saúde Publica, creado pela lei n. 378, de 1937, para fazer pesquisas sobre os problemas sanitarios do país, se encorporará ao Instituto Osvaldo Cruz, que passará a ser o único orgão de pesquisas sobre o problema de saúde, ficando como tal integrado entre os serviços ministeriais relativos à saúde.

2.º) — A remodelação do Instituto Osvaldo Cruz será projetada por uma comissão de cinco membros: srs. Cardoso Fontes, Artur Neiva, Carneiro Felipe, Barros Barreto e Arlindo de Assis.

3.º) — Esta comissão apresentará o seu trabalho no praso de quinze dias.

4.º) — O plano apresentado constará das seguintes partes: remodelação material; estrutura e funcionamento; atividade industrial.

5.º) — A remodelação material (obras e instalações) será descrita com minucia, devendo todo o trabalho projetado ser distribuido por anos sucessivos, e não podendo ser despendida em cada ano importancia superior a ....

2.000:000$000, salvo se as condições futuras o permitirem.

6.°) — A estrutura do Instituto abrangerá os serviços compreensivos de todas as pesquisas relativas ao problema da saúde humana. O funcionamento obedecerá a normas singelas, visando á maxima eficiencia. O pessoal técnico será todo de tempo integral, selecionado sempre segundo rigoroso criterio de merecimento. Haverá pesquisadores que possam entregar-se livremente á investigação desinteressada e pesquisadores que sejam obrigados aos trabalhos cientificos exigidos pela administração do Ministério da Educação e Saúde, a juizo do ministro e mediante solicitação do Departamento Nacional de Saúde. A comissão apresentará um projeto de regulamento.

7.°) — A parte industrial terá administração separada das demais atividades do Instituto, com direção e pessoal proprio, muito embora subordinada ao diretor do Instituto. A fabricação será limitada aos produtos de aplicação na medicina humana.

8.°) — O Instituto não terá autonomia financeira. A sua renda se incorporará á receita geral da União, sendo todos os seus serviços, inclusive os industriais, custeados por dotações proprias do orçamento do Ministerio da Educação e Saúde."

O presidente da Republica aprovou a exposição feita e as medidas alvitradas tendo, em consequencia, baixado o seguinte decreto-lei, que tomou o n. 82, em data de 18 de dezembro de 1937:

"Art. 1.° — O Instituto Osvaldo Cruz, no qual ficam encorporadas as atividades do Instituto Nacional de Saúde Publica, que ora se declara extinto, terá por finalidade primordial promover investigações cientificas relacionadas com o problema da saúde humana.

Art. 2.° — As investigações cientificas do Instituto Osvaldo Cruz deverão atender ás constantes necessidades da aplicação, mediante solicitação do Departamento Nacional de Saúde, com a aprovação do ministro, mas poderão tambem versar sobre assuntos que não tenham este interesse imediato.

Art. 3.° — O Instituto Osvaldo Cruz, não terá filiais em quaisquer pontos do territorio nacional, mas estabelecerá entendimento com todas as instituições congeneres do país, oficiais ou particulares, de modo que se torne o centro coordenador de suas atividades, para o fim de ser alcançado o maior rendimento cientifico.

Art. 4.° — No sistema dos orgãos do Ministerio da Educação e Saúde, o Instituto Osvaldo Cruz figurará entre os orgãos de execução, como um dos serviços relativos á saúde.

Art. 5.° — Revogam-se as disposições em contrario."

A UNIVERSIDADE DO BRASIL E OS SEUS INSTITUTOS

A lei que instituiu a Universidade do Brasil, considerando como uma de suas finalidades precipuas o desenvolvimento da cultura cientifica, incorporou á Universidade o Museu Nacional e creou mais quinze institutos de pesquisas, que muito contribuirão para o progresso da ciencia entre nós.

Esses institutos, relacionados no artigo 5.° da lei n. 452, de 1937, são os seguintes:

a) Instituto de Física;

b) Instituto de Eletrotécnica;

c) Instituto de Hidro-aéreo-dinâmica;

d) Instituto de Mecânica Industrial;

e) Instituto de Ensaio de Materiais;

f) Instituto de Química e Eletro-química;

g) Instituto de Metalurgia;

h) Instituto de Nutrição;

i) Instituto de Eletro-radiologia;

j) Instituto de Biotipologia;

k) Instituto de Psicologia;

l) Instituto de Criminologia;

m) Instituto de Psiquiatria;

n) Instituto de História e Geografia;

o) Instituto de Organização Política e Econômica.

Foi, posteriormente, encorporado á Universidade o Instituto de Puericultura. Dezesseis fócos novos de elaboração de ciencia vêm, assim, animar os estudos e as investigações em nosso país.

INSTITUIÇÕES SUBVENCIONADAS

Considerando o valor da iniciativa privada, através de sociedades de classes, academias e institutos, onde centenas de profissionais e estudiosos debatem problemas de grande interesse cultural, particularmente no dominio da ciencia, o Ministerio da Educação subvenciona grande numero de instituições dessa natureza, distribuidas pelos diferentes Estados do Brasil.

ALVARO VIANA E O GRUPO SIMBOLISTA DE BELO HORIZONTE

(Conclusão)

e uma de versos: *Trevas*. Não se publicaram.

No ano seguinte apareceu impressa a palestra literaria *O Tédio*, lida por Alvaro Viana no Vesper-Club de Santa Lusia do Rio das Velhas. Depois disso, não quís saber de boemia nem de literatura, que naquele tempo eram quase inseparaveis. Enjoara, e talvez até ás nauseas, como Rimbaud, o mocinho malcriado que fugiu de casa batendo as portas e xingando os homens.

Dissemos que era uma inteligencia ativa e realizadora. Deu provas disso, na vida pratica. As letras, no Brasil, não conduzem a nada. Para que, então?... Nesse *Para que?* desalentado, que foi o titulo de seu livro, já havia um ingrediente de ceticismo que denunciava um autor convencido da inanidade da sua propria literatura.

Alvaro Viana, bacharel, foi para a sua terra, Curvelo, nos sertões de Minas, e lá se tornou um advogado de grande reputação.

Morreu em outubro de 1936. Não o conhecíamos. Nunca o vimos. Pertencemos a outra geração. Mas restam páginas esparsas em livros, revistas e jornais que falam do Poeta. E enquanto restarem, poderá ser lembrado, como agora o estamos lembrando, o nome daquele que foi, há trinta anos, o chefe de fila do Grupo simbolista de Belo Horizonte.

UM CASAL DE ARTISTAS

(Conclusão)

E é para admirar que o convivio diuturno de Manuel Santiago não lhe modificasse a expressão típica, despersonalizando-a, de modo a fundir num só os dois temperamentos tão profundamente ligados pelo amôr, pela mais intima correspondencia afetiva. E' isso um belo sinal de que tem existencia propria, de que vive por si, autonomamente.

*

* *

Aí está um casal de artistas que honra e nobilita a vida cultural do país.

O MOVIMENTO INTELECTUAL EM MINAS

(Conclusão)

gionais. Wellington Brandão, ensaista, publica pouco, mas em geral, coisa legivel. No conto, no romance, no ensaio, na crônica, veem-se firmando novos valores, como Geraldo Ribas, Valda Paixão, J. Mata Machado. No teatro J. Guimarães Menegale estreou com exito e José Maria de Sena se mostra um conhecedor da dificil arte cênica.

Reunindo a maioria destes nomes aqui citados, acaba de surgir uma excelente revista de cultura, *Mensagem*, em cujas páginas se póde encontrar um verdadeiro indice do que seja o variado movimento intelectual mineiro de nossos dias.

MIRAGEM

(Conclusão)

tinha muita coisa na cabeça para preocupá-lo. A lua estava bem clara, havia movimento de homens e raparigas na rua do Pedaço. Uma mulher, ao longe, chamou-o para amar. "Vem cá, bemzinho!" De quem seria aquela voz dengosa que o convidava para um amor de dois mil réis? Em noites de lua clara as mulheres ficam mais sensuais. Florinda já devia estar despida, mordendo o cachaço suado de Sigisnando Pereira.

PAISAGEM

(Conclusão)

De dia, não se conta história que se cria rabo. Só á noite. Dormia no colo de Nhá Dica e era de palpebras cerradas que a escutava muitas vezes. Entrou por uma perna de pinto e saíu por uma perna de pato, e quem quiser que conte história. Tornou a pensar no sitio, nas arvores, no capinzal, no poço de aguas claras. E, quando o sino do Carmo tocou pausadamente o Angelus, ela teve a sensação amiga de que escutava a vóz do outro, barulhenta e festiva, do sino que ficara no Anil, num campanario pintado de ocra e em cujo bronze ela batera uma vez, quando garota.

(Do romance "Sobrado", a aparecer)

FERNANDO DE AZEVEDO
(Conclusão)

Fernando de Azevedo encontrou clima ameno na Companhia Editora Nacional, e fez da Biblioteca Pedagógica Brasileira a obra viva de suas palavras e de sua ação.

Depois de passar pela Diretoria Geral de Instrução Publica de S. Paulo, onde organizou o Código de Educação do Estado, redigiu o manifesto dos Pioneiros de Educação, com que os educadores reunidos em Congresso, em Niterói, entregaram ao Governo e ao povo um programa de "Reconstrução educacional do Brasil." Foi o principal organizador da Universidade de S. Paulo, a primeira no Brasil a viver da pesquisa e pela pesquisa. As lutas politicas partidarias a que sempre se manteve estranho, nunca o afastaram de seu programa, porque tinha a norteá-la uma filosofia que abrangia um aspecto nacional, acima dos partidos. Hoje, ao Instituto de Educação de São Paulo, que êle remodelou em base universitaria, dedica toda a sua atividade.

"Nenhuma dessas obras", nos diz ainda, "rompeu como cogumelo sem raizes, aberto no monturo de decadencias. Elas desabrocharam, frescas e vivas, de um sistema de idéias que constituiram uma politica de educação, coerente e organica e cujas raizes se embebiam no humus fértil daqueles estudos e daqueles debates."

Se a imprensa perdeu um jornalista, ganhou a educação o seu organizador, porque tudo quanto existe vivo, é a obra fecunda de sua filosofia educacional, criadora da nova politica de educação no país.

PROPOSIÇÕES NACIONALISTAS
(Conclusão)

*

Outrora as idéias liberais sacudiam num fremito de entusiasmo a mocidade das escolas. Hoje, sob a dominação disfarçada do estrangeiro, a mocidade parece indiferente á sorte da Patria: confia no patriotismo dos politicos, Estes, por seu turno, são comedidos, são conservadores, guardam conveniencias, zelando o Alcorão, porque sabem aproveitar o *statu-quó*.

Com tais mestres, a mocidade fez-se, inconcientemente, rotineira!

*

A politica no Brasil ainda é, como na monarquia, uma escola de passividade egoistica, mais ou menos inteligente e sofredora.

Não valem exceções.

O seu objetivo é glorificar individualidades, a cuja sombra desejaria manter-se.

O seu principio vital, carateristico, resume-se numa frase: *fugir á luta!*

A politica no Brasil assemelha-se a um piano velho com as cordas bastantes estragadas. Esse instrumento, trazido da Europa na época do terror napoleonico, não póde afinar pelo diapasão americano. Faltam-lhe precisamente as teclas mais sonoras e expressivas.

Ainda não houve pianista de genio que nele pudesse executar, até o fim, o híno nacional...

ROTEIRO DA POESIA
(Conclusão)

lacunosos á falta de páginas dedicadas á função da estética.

Porque, frente aos problemas humanos, o pensamento oscila entre dois polos: os apêgos á terra e os anseios do espirito. Todas as atitudes e todas as teorias giram ponteiros num quadrante em que os pontos cardeais marcam as polarizações dêsse eterno dualismo. E se ás religiões cabe orientar conciencias, ás artes incumbe falar á sensibilidade.

Que as religiões falem de Deus. As artes procuram apenas o homem. Mas se elas, se encontrem, não por sectarismo pessoal nem por transigencia de principios, senão por necessidade de totalização moral, porque repudiar o poeta? Ele terá conseguido o milagre de completar-se, tornando ao estado de graça, em que o sentimento e a inteligencia se fundem, na aceitação da Verdade...

O cientificismo dos nossos tempos materialistas protestará em vão... O grande drama da humanidade tem sido este: a pesquisa experimental a descobrir pontas dessa verdade e a negá-la, orgulhosamente, em nome da razão...

O PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

(Conclusão)

A principio, funcionou o Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional em bases provisorias.

A lei n. 378, de 13 de janeiro de 1937, proposta pelo Poder Executivo, deu-lhe a estrutura definitiva, que ora apresenta.

Em pouco mais de um ano e meio de funcionamento, a soma copiosa de trabalhos realizados tem demonstrado a utilidade do empreendimento. Desde logo, entretanto, se verificou que a ação do Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional não teria a necessaria eficiencia, se não fossem fixados os principios fundamentais da proteção das coisas de valor historico ou artistico, principios que não somente traçassem o plano de ação dos poderes publicos, mas ainda assegurassem, mediante o estabelecimento de penalidades, a cooperação de todos os proprietarios.

Foi, assim, elaborado o necessario projeto de lei. Na sua feitura, aproveitou-se tudo quanto de util, entre nós, se projetara anteriormente. Foi consultada e atendida, no que pareceu conveniente, a legislação estrangeira.

Vossa Excelencia apresentou o projeto ao Poder Legislativo em 15 de outubro de 1936. Na Camara dos Deputados, não se lhe fez emenda. O Senado Federal introduziu-lhe algumas pequenas modificações. A 10 do corrente mez de novembro, quando se decretou a nova Constituição, estava o projeto em fase final de elaboração, de novo na Camara dos Deputados.

Retomando agora o projeto inicial, julguei de bom aviso nele incluir, com uma ou duas exceções, as emendas do Senado Federal, e ainda uma ou outra nova disposição, como o que se lhe melhorou o texto.

O projeto de decreto-lei, que ora tenho a honra de submeter á elevada consideração de Vossa Excelencia, é, assim, o resultado de longo trabalho, em que foram aproveitadas as lições e os alvitres dos estudiosos da materia.

E' ainda de notar que, nesse projeto, está regulada, em toda a sua plenitude, a disposição do artigo 134 da Constituição.

Transformado em lei, é licito esperar que de sua execução decorra para o nosso patrimonio historico e artistico a proteção vigilante, segura e esclarecida de que êle, ha tanto tempo, está carecendo."

COMPREENSÃO DO QUE E' PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO

O decreto-lei n. 25, de 1937, que resultou desta exposição de motivos, constitue-se dos seguintes capitulos: *a*) Do patrimonio historico e artistico nacional; *b*) Do tombamento; *c*) Dos efeitos do tombamento; *d*) Do direito de preferencia; *e*) Disposições gerais.

Na impossibilidade de transcrever integralmente o decreto, que é longo reproduzimos o primeiro capitulo, em que se conceitúa o que constitue o patrimonio historico e artistico nacional:

Art. 1.º — Constitue o patrimonio historico e artistico nacional o conjunto dos bens moveis e imoveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse publico, quer por seu excepcional valor arqueologico ou etnografico, bibliografico ou artistico.

§ 1.º — Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimonio historico e artistico nacional, depois de inscritos, separada ou agrupadamente, num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o artigo 4.º desta lei.

§ 2.º — Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são tambem bem sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sitios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notavel com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela industria humana.

Art. 2.º — A presente lei se aplica ás coisas pertencentes ás pessoas naturais, bem como ás pessoas juridicas de direito privado e de direito publico interno.

Art. 3.º — Excluem-se do patrimonio historico e artistico nacional as obras de origem estrangeira:

1.º) — que pertençam ás representações diplomaticas ou consulares acreditadas no país;

2.º — que adornem quaisquer veículos pertencentes a empreza estrangeiras, que façam carreira no país;

3.º — que se incluam entre os bens referidos no artigo 10 da Introdução do Codigo Civil, que continuam sujeitos á lei pessoal do proprietario;

4.º — que pertençam a casas de comercio de objetos historicos ou artisticos;

5.º — que sejam trazidas para exposição comemorativas, educativas ou comerciais;

6.º — que sejam importadas por emprezas estrangeiras expresamente para adorno dos respetivos estabelecimentos.

Paragrafo único — As obras mencionadas nas alineas 4 e 5 deste artigo terão guia de licença para livre transito, fornecida pelo Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional.

INDICE GERAL

COLABORAÇÃO

Prosa: **Pags.**

Um mapa da inteligência brasileira — Henrique Pongetti 19
Alvaro Viana e o grupo simbolista de Belo-Horizonte — Eduardo Frieiro 21
A Poesia em 1937 — Manuel Bandeira 23
Do meu jornal — João Neves 28
A poesia de Adalgisa Nery — José Lins do Rego 29
História do outro mundo — Luiz Martins 30
O movimento intelectual em Minas — Oscar Mendes 31
Acompanhamento de Pinheiro Viegas — Jorge Amado 33
Jean de Lery e o Brasil no seculo XVI — Almir de Andrade 35
Notas sobre Joaquim Nabuco — Jaime de Barros 37
Dois romancistas — Nelio Reis 39
Literatura Boróra — José de Mesquita 41
No seculo da mecanica — René Dormant 46
Roteiro da poesia — Melo Nobrega 47
Meditações Anticartesianas — Pontes de Miranda 49
Pompadour — Osvaldo Orico 56
Paulo Setubal — Arnon de Melo 58
Acerca do tempo — A. Austregesilo 59
Descobertas que transformam o mundo — Ismael Gomes Braga 61
O romance do essencial — Martins d'Alvarez 65
Como age o nacionalista do Brasil em relação aos povos da America espanhola — Silvio Julio 67
Luiz Pistarini e Nazareth Menezes — Peres Junior 75
Equatoriais — Saladino de Gusmão 80
Alma do Sertão — Newton Beleza 81
Valentim Magalhães — Francisco Prisco 86
O verdadeiro caminho — Cléa Xavier 90
Nossas lutas pela independencia — Arnaldo Damasceno Vieira 93
O Poeta Silva Lobato — Raul Monteiro 97
O futuro próximo das letras e o escritor em face do estado — Lobivar Matos 104

Pags.

A Pororóca — *João Palmeira* 107
Vida de D. Juan Montalvo — Fabio Luz 108
A Educação na Democracia — Oton Costa 113
Virgilio, o poeta dos herois — Raul Tavares 117
Heraclito Graça — Pinto do Carmo 123
Fernando de Azevedo — Pedro Gouveia Filho 127
Os suburbios cariocas até o ano de 1763 — Alexandre Passos 129
O Bispo do Pará — Paulo José Pires Brandão 134
Por causa de um casamento contrariado, a cidade fica em pé de guerra — Melo Barreto Filho e Hermeto Lima 141
Faustino Nascimento — Carlos Chiachio 143
Miragem — Fran Martins 145
Trecho de romance — Graciliano Ramos 148
O genio de Martins Fontes — Osorio Dutra 150
O autor destrói os personagens — Mario Matos 158
Continuação de Quixote e de Sancho — Alexandre da Costa 168
Como trabalha o intelectual — D'Almeida Vitor 177
Um casal de artistas — Mario Linhares 201
Os dois pólos da paisagem brasileira — F. Acquarone 211
O ano musical — Luiz Heitor 216
O Livro e o Radio — Roberto Seidl 232
A temporada de Opera Nacional — João Itiberê da Cunha 241
Proposições nacionalistas — Alvaro Bomilcar 247
Augusto Comte — Alfredo de Sousa Barros 249
Danton — (Prafacio da edição inglêsa) Hermann Wendel 253
O Esperanto nos Telégrafos e Correios do Brasil — L. Porto Carreiro Neto 256
Aspectos da ignorancia — Moreira Guimarães 258
Biografia do Café — Heinrich Eduard Jacob 260
Considerações gerais sobre a Assistencia Social aos enfermos e especialmente aos enfermos do cerebro — Jefferson de Lemos 266
Quando nasceu a cidade — Max Fleuiss 281
Da influencia das linguas itálicas no latim vulgar — Serafim Silva .. 282
Sentimento religioso dos póvos americanos — Fernando Segismundo .. 295
Niteroi? — Hermeto Lima 305
Luca Paciolo — Carlos Domingues 308
A Prôa Slava — Lemos Brito 310
O Autógrafo — Luiz Gurgel do Amaral 312
A Alma da criança e o experimento psicanalitico — I. de L. Neves Manta 315
O Banco do Brasil na Economia Nacional — Aluizio de Lima Campos. 321
Regionalismo — Antonio Sales 337
Paisagem — Josué Montelo 340

Pags.

Vicio ou Virtude? — Sebastião Fernandes 342
Como comecei a escrever — Mario Sete 345
Ensaio sobre o sentido ruralista da Civilização Brasileira — Andrade Lima 347
Quintino, critico de Machado de Assis — Silvio Vieira Peixoto 349
Suburbio — Edison Lins 352
A educação em 1937 — Francisco Venancio Filho 353
Angustia — Antonio Olavo Pereira 356
Decálogo alimentar — Hélion Póvoa 360
O humano de certos livros — Cecilio Rocha 363
Os homens do imperio — José Matoso Maia Forte 365
Capricho — Clovis Ramalhete 369
Alcunha dos negros no Brasil — Bernardino de Sousa 372
O sentido geográfico na evolução do Brasil (*Influencia maritima*) — Cesar Feliciano Xavier 374
A propriedade territorial e consequencias — S. Uchôa 378
Teatro, 1937 — Bandeira Duarte 382
Quando o Brasil nasceu — Plinio de Melo 384
Guia de saudades — Mateus de Albuquerque 385
Serenidade — Aurora Paes Barreto 387
Bilhete P. E. N. — Raul Pedroza 420
Nas selvas do Amazonas — Arturo Vergara Uribe 422

Poesias:

Para o ideal — Vasco de Lacerda Gama 92
Cada instante que passa — Paulo Gustavo 96
Consolação — Faustino Nascimento 176
Ruina — Teles de Meireles 294
Olhos verdes — Alfredo de Assis 320
Batucada — D'Almeida Vitor 323
Vida e Morte — Adalgisa Nery 324
O amor e o cosmos — Murilo Mendes 325
Euclides — Menotti del Picchia 326
Cadaver — coração do sepulcro — Yonne Stamato 327
A cabeça é uma lanterna — Jorge de Lima 329
Nunca — Arí de Mesquita 330
A paisagem natal — Olegario Mariano 331
Fábulas — Antonio Sales 332
Gente de circo — Iterwaldo Fradique 334
Sonata do vento — Alfredo Cumplido de Sant'Ana 336
Num banco — Henrique Rebêlo 348
A idéia — Melo Barreto Filho 368

Pags.

Maria Madalena — Edmundo Moniz 377
A lenda do poente — J. G. de Araujo Jorge 388

EDITORIAIS

Pseudonimos de escritores brasileiros 2
Endereços de escritores no Rio 9
Revistas e jornais culturais do Brasil 15
Sociedade Felipe d'Oliveira 57
Autores brasileiros que se distinguem no estrangeiro 66
André Siegfried e o Brasil 71
Damasceno Vieira 78
Professor Luiz Roque Gondra 91
Lux Jornal 111
Silva Valdés no Brasil 132
Artur de Sales 147
Nossa Literatura infantil em 1937 163
Gabinete Cearense de Leitura 172
Há 18 anos, com um cachorrinho na capa 174
Luiz Perlotti 190
Carmen Bertucci 192
Jarbas Andréa 193
Premio de viagem ao Brasil de 1937 194
O filho da Dor 196
Cabocla 197
Portinari 198
Boadella 200
O Estado de Minas Gerais e sua formosa Capital 208
Dr. Percy Alvim Martin 210
Carlos Domingues 227
Finalidades da educação 228
O Ministro da Educação e o Livro 229
O Teatro e o Ministerio da Educação 235
O Patrimonio historico e artistico nacional 236
O significado de um documento 237
O falecimento de Laudelino Freire 306
Almaquio Diniz 307
Instituto Brasileiro de Letras 311
Jair 328
Nipões e coisas de seu sentimento 381
A critica em 1937 389
O que se lê no Brasil 401
Movimento bibliografico em 1937 409
O Ministro da Educação e a Produção Cientifica 424